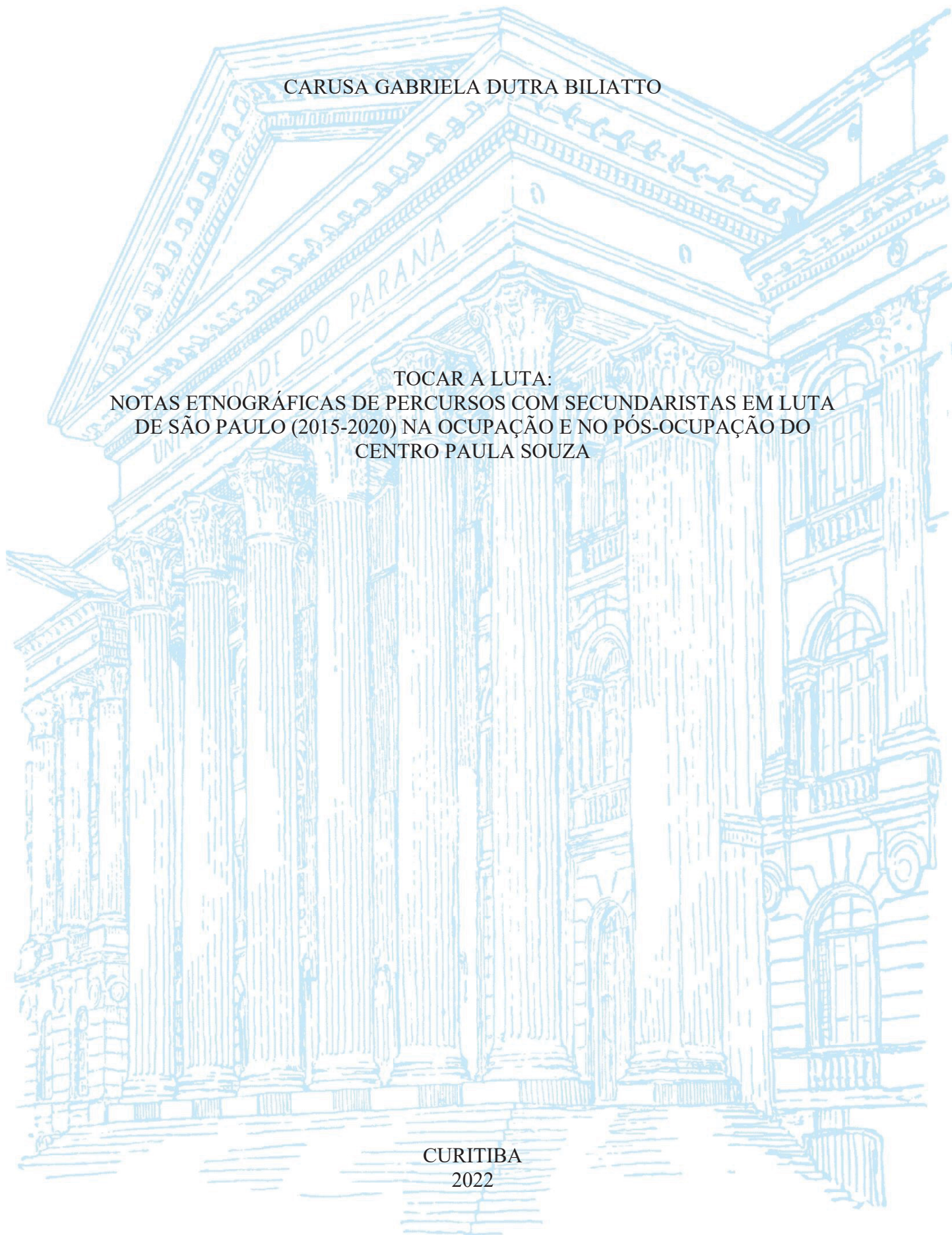


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CARUSA GABRIELA DUTRA BILIATTO

TOCAR A LUTA:
NOTAS ETNOGRÁFICAS DE PERCURSOS COM SECUNDARISTAS EM LUTA
DE SÃO PAULO (2015-2020) NA OCUPAÇÃO E NO PÓS-OCUPAÇÃO DO
CENTRO PAULA SOUZA

CURITIBA
2022



CARUSA GABRIELA DUTRA BILIATTO

TOCAR A LUTA:
NOTAS ETNOGRÁFICAS DE PERCURSOS COM SECUNDARISTAS EM LUTA
DE SÃO PAULO (2015-2020) NA OCUPAÇÃO E NO PÓS-OCUPAÇÃO DO
CENTRO PAULA SOUZA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, Área de concentração Antropologia e Arqueologia, do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Lorenzo Gustavo Macagno

CURITIBA
2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Biliatto, Carusa Gabriela Dutra

Tocar a luta : notas etnográficas de percursos com Secundaristas em Luta de São Paulo (2015-2020) na ocupação e no pós-ocupação do Centro Paula Souza. / Carusa Gabriela Dutra Biliatto. – Curitiba, 2022.

1 recurso on-line : PDF.

Doutorado (Tese em Antropologia e Arqueologia) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Lorenzo Gustavo Macagno.

1. Estudantes do ensino de segundo grau – Atividades políticas.
2. Movimentos estudantis - São Paulo (SP). 3. Direito à educação.
4. Juventude. I. Macagno, Lorenzo, 1965-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia. III. Título.

Bibliotecária : Fernanda Emanóela Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ANTROPOLOGIA E
ARQUEOLOGIA - 40001016027P9

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **CARUSA GABRIELA DUTRA BILIATTO** intitulada: **Tocar a luta. Notas etnográficas de percursos com Secundaristas em Luta de São Paulo (2015-2020) na ocupação e no pós-ocupação do Centro Paula Souza**, sob orientação do Prof. Dr. LORENZO GUSTAVO MACAGNO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 09 de Março de 2022.

Assinatura Eletrônica

11/03/2022 16:56:02.0

LORENZO GUSTAVO MACAGNO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

10/03/2022 19:21:26.0

LÚIS ANTONIO GROPPPO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS)

Assinatura Eletrônica

10/03/2022 18:02:16.0

STELLA ZAGATTO PATERNIANI

Avaliador Externo (40001016)

Assinatura Eletrônica

10/03/2022 18:51:48.0

ANA LUISA FAYET SALLAS

Avaliador Externo (40001016)

Assinatura Eletrônica

14/03/2022 19:36:39.0

MARIA DE FATIMA RODRIGUES PEREIRA

Avaliador Externo (40020010)

Rua General Carneiro, 460 - 6º andar - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5106 - E-mail: ppgaa@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 162101

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.pppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e Insira o código 162101

Em memória de
Frei Tito de Alencar Lima e
Frei Fernando de Brito.

Para Frei Betto,
em gratidão.

Para Secundaristas em Luta de São Paulo,
em gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a cada pessoa em interlocução de pesquisa pela generosidade de espírito, pela amizade fraterna em momentos brutais tanto quanto em arcos de tempo torrencialmente felizes. Cada letra neste trabalho pronuncia este agradecimento a vocês.

Agradeço à professora Bela Feldman-Bianco pela generosidade ao se dispor a ministrar a disciplina de leituras dirigidas durante o segundo semestre de 2017. O rigor exercitado nos métodos de pensar os problemas em antropologia foi decisivo nos caminhos para o “metabolismo” da etnografia desta pesquisa. Particularmente, em simultâneo ao período em que a repressão por agentes do Estado obrigou-me a recuar e exaurir horizontes de estudos, então, fez-se presente a graça e a beleza que devêm da maciça experiência de orientação de pesquisas em Antropologia por parte de uma professora decana da disciplina no Brasil e não somente. Agradeço por sua doçura na interação e pelo talhar nos procedimentos analíticos durante as intrincadas discussões. Quero lembrar sempre de sua voz tão fielmente como agora.

Agradeço ao professor Wanderley Guilherme dos Santos (in memoriam) pela generosidade ao se dispor a investigar sobre ação coletiva desde Gregory Bateson durante o segundo semestre de 2018. O rigor exercitado nos métodos de pensar os problemas em ciências sociais foi decisivo para o “desfraldar” da etnografia desta pesquisa. Mais além um pouco, agradeço por me aceitar como assistente de pesquisa durante o ano de 2019, tornando possível conciliar trabalho e estudo rumo à conclusão desta pesquisa. Não obstante, no tempo que nos coube, fez-se presente a graça e a beleza que devêm da maciça experiência de pesquisa em Ciências Sociais por parte de um professor fundador da área no Brasil. Agradeço pela doçura na interação e pelo talhar nos procedimentos analíticos durante os desafios na aprendizagem.

Agradeço ao professor Paulo Eduardo Arantes pela largueza de espírito ao se dispor às trocas de correspondência eletrônica entre dezembro de 2020 e dias atuais sobre o capítulo da tradição crítica brasileira inaugurado por Antonio Candido e desdobrado por Roberto Schwarz. A assertividade exercitada nas correspondências foi decisiva para o “desabotoar” da organização das ideias em momentos devastadores do processo de escrita desta pesquisa. A generosidade na interação foi fundamental para que eu pudesse “esfregar os olhos” e ver caminhos de futuro para estes estudos. Agradeço pela graça e beleza da palavra justa na hora dos passos finais desta jornada de desafios. Seguimos.

Agradeço ao Departamento de Antropologia da UFPR e ao conjunto das pessoas que constituem o Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia (PPGAA-UFPR). Agradeço ao Paulo Marins e ao José Andrade pela certeza da qualidade na interação em nossa secretaria. Ao professor orientador, Lorenzo Gustavo Macagno, é ‘com a alma inteira concentrada na tinta sobre esse papel’ que registro este muito obrigada. À professora Ciméa Bevilaqua, agradeço por sua presença no percurso destes estudos desde a disciplina Antropologia do Estado, em 2016, no segundo semestre do doutorado. Agradeço ao professor Miguel Carid Naveira, por todo o caminho crí(p)tico desde a disciplina Antropologia das Emoções, em 2009, no primeiro semestre do mestrado. Ao conjunto docente e discente, muito obrigada por fazer da antropologia um gosto de viver gratificante, inclusive, quando se trata de pronunciar este cumprimento.

Agradeço à Stella Paterniani e ao Luís Antonio Groppo, que compuseram a banca de qualificação e contribuíram com leituras inspiradoras e interpretações sensíveis ao meu trabalho. Groppo é uma referência nos estudos sobre juventude desde a graduação, mas também de postura intelectual desde que passamos a dialogar no âmbito da Pesquisa Nacional Ocupações Secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: formação e auto-formação política das e dos ocupas. Paterniani é uma nova amiga de inquietações antropológicas que passei a conhecer.

Agradeço à Leila Sollberger Jeolás por todas as questões percorridas na construção dos passos da vida acadêmica desde a orientação durante a graduação, em Ciências Sociais, junto à Universidade Estadual de Londrina (UEL), até às trocas intelectuais recentes e significativas para este trabalho. Agradeço à Ana Luisa Fayet Sallas por todas as caminhadas que pudemos palmilhar estando mais próximas de forma significativa para os estudos e, inclusive, em situações-limite durante a vida desta etnografia.

Agradeço ao Procurador Federal para os Direitos do Cidadão no estado de São Paulo, em 2016, Marlon Weichert (MP-PFDC/São Paulo), ao Procurador Federal para os Direitos do Cidadão, em 2016, João Akira Omoto (MP-PFDC/Brasil). Particularmente, agradeço ao Marlon Weichert por seu trabalho em conformidade com a suspensão de discricionariedades do Estado exóticas à matéria que regulamenta direitos às crianças e adolescentes – afastando parte da afonia de dentro do sistema judiciário em relação às graves violações de direitos fundamentais contra Secundaristas em Luta de São Paulo – na forma de significativa presença na audiência pública realizada na Câmara Municipal

de São Paulo dia 23 de setembro de 2016, bem como, na roda de conversa com o Comitê de Pais e Mães em Luta (CPML) e estudantes durante a tarde do mesmo dia.

Por concretizar fundamental prática preconizada pela Convenção 140 da OIT em relação à compatibilização das horas necessárias à realização das disciplinas obrigatórias do curso de doutorado (realizadas na cidade de Curitiba) com as quarenta horas semanais de trabalho (sediadas na cidade de São Paulo) entre março de 2016 e o dia primeiro de agosto de 2018, agradeço à CUT-Brasil como instituição. Conforme Convenção 140 da OIT – ratificada pelo Estado no Brasil – está fixada na forma da lei a obrigatoriedade do apoio aos estudos por parte de organizações empregadoras pela via da carga horária compatibilizada com os estudos em benefício do avanço no processo de conhecimento acadêmico. Entre abril de 2014 e agosto de 2018 trabalhei como assessora da Secretaria Geral Nacional da CUT-Brasil e entre agosto de 2016 a agosto de 2018 na assessoria da Secretaria Nacional de Políticas Sociais e Direitos Humanos da mesma organização da sociedade civil. Agradeço ao conjunto de pessoas com as quais trabalhei na CUT-Brasil e interagi no cotidiano. Gostaria de nomear todas, mas seria grande o risco de alguém escapar. Então, peço que toda a assembleia de trabalhadores, trabalhadoras e dirigentes sintam-se representada fraternalmente nas pessoas de Elaine Lira, Raquel Souza Silva, Josélia Ribeiro da Mota (Jô), Patrícia Bondan, Julio Turra, João Antonio Felício (in memoriam), Sérgio Nobre, Maria Faria, Jandyra Uehara Alves, Ismael Jose Cesar, Ângela Melo, Alex Sgreccia, Silvia Portela, Gilmar Carneiro, Rosiver Pavan (in memoriam), Marcos Tresmondi, Martinho da Conceição, Leonardo Vieira, Clair Ruppert, Alexandre Bento, Marize Muniz, Vanilda Oliveira, João Bravin, Luiz Soares da Cruz (Lulinha), Maristela Monteiro, Rodrigo Cezar, Edilene Furquin, Thais Zacharias e Valmir Soares (Indiã).

Agradeço a todas as amigas que estiveram presentes durante o processo de meus estudos e, em particular, do doutorado. Por me acolherem assim como por me deixarem partir, agradeço muito a Casé Angatu (Carlos José), Sandra Arcuri, Felipe Vale da Silva, Pedro Lopes, Carolina Branco de Castro Ferreira, Ileizi Fiorelli Silva, Martha Celia Ramírez-Gálvez, Giovanni Cirino, Erika Batista, Valéria Aquino, Dibe Ayoub, Fábio Araújo, Jean Tible, Frédéric Vandenberghe, Peter Pál Pelbart e Pablo Ortellado.

Agradeço à CAPES pela parcial disponibilidade de bolsa de estudos sem a qual este trabalho dificilmente seria possível.

Os pais já estavam deitados, dormiam. O relógio de parede cadenciava com monotonia, diante das janelas sacudidas pelo vento a uivar, o luar alternava com o claro-escuro do quarto. Deitado no seu leito, o jovem recordava aquele estranho e suas histórias.

— Não são os tesouros que em mim despertam uma inconfessável avidez — pensava ele; — longe de mim qualquer cobiça... Mas anseio contemplar a flor azul. Pesa tanto no meu espírito e não consigo evocar outra coisa. Nada me inspira. Nunca me senti assim: é como se já tivesse sonhado ou penetrado noutra mundo enquanto adormecia; no mundo em que vivemos, quem se preocupa com as flores? (NOVALIS [1802] 1997, s/p.)

DEBUISSON (...) Vocês querem um pedaço. Esta foi a nossa missão, seu único gosto é de papel. Amanhã ela terá percorrido o caminho de todas as carnes, cada ascensão tem seu objetivo, e talvez a estrela já esteja a caminho, vinda de um canto gelado do universo, um bloco de gelo ou metal, e irá cavar o buraco definitivo no chão da realidade, em que sempre voltamos a plantar nossas frágeis esperanças. Ou então o próprio frio, que congela o nosso ontem e o nosso amanhã num eterno hoje. Por que não nascemos árvores, Sasportas, que nada têm a ver com tudo isso. Ou você preferiria montanha. Ou um deserto. O que me diz, Galloudec. Por que me olham feito duas pedras. Por que não existimos simplesmente e assistimos à guerra das paisagens.

SASPORTAS (...) Quando os vivos não conseguirem mais lutar, os mortos lutarão. A cada vez que a revolução pulsa, a carne volta a crescer nos ossos deles, o sangue a correr nas veias, a vida em sua morte. A revolta dos mortos será a guerra das paisagens, nossas armas, as florestas, as montanhas, o mar, o deserto. Eu serei florestas, montanhas, mar, deserto. Eu, isto é, África. Eu, isto é, Ásia. As duas Américas sou eu. (MÜLLER, [1980] 2017, pp.43-46)

RESUMO

A etnografia que embasa esta pesquisa foi realizada com Secundaristas em Luta de São Paulo, uma coletividade formada por componentes das transformações do Comando das Escolas Ocupadas, depois, Comando das Escolas em Luta e, por fim, Secundaristas em Luta de São Paulo. O trabalho de campo transcorreu entre novembro de 2015 e junho de 2020. Neste estudo, focalizo um recorte a partir da *ocupação* – que durou entre o fim da manhã de 28 de abril de 2016 e o início da manhã de 6 de maio de 2016 – e do *pós-ocupação* do Centro Paula Souza, uma autarquia pertencente à Secretaria do Desenvolvimento Econômico do estado de São Paulo, que administra Escolas Técnicas (Etec) e Faculdades de Tecnologia (Fatec) estaduais, com cerca de 300 mil estudantes distribuídos em 336 municípios. Este estudo teve por tema mais geral a relação entre o significante “juventude” e o significante “ação” no marco do debate sobre culturas juvenis. A questão com a qual lidei poderia ser formulada inicialmente pelos seguintes termos: como são elaborados os modos de *organização* da ação coletiva entre Secundaristas em Luta de São Paulo? A pesquisa está situada no campo de antropologia das juventudes, sobretudo, em seu segmento voltado aos fazeres políticos. Apresento ao debate possibilidades de interpretar experiências denominadas por perseguições pelos interlocutores de pesquisa como componentes de um ‘cálculo do conflito’ manejado não apenas por parte das forças de repressão e pretensão de legitimidade do Estado. Antes, nos estertores da ação, está uma espécie de vínculo vivaz que conecta interlocutores desta pesquisa. Por esse caminho, começariamos a desempacotar um ponto de ver o *processo das ocupações* se abrindo em um olhar junto com *lideranças informais*. Isso porque, o lugar de negação da figura da *liderança* é concebido de maneira diferente do lugar das *lideranças informais*. Nos termos dos interlocutores desta pesquisa, *lideranças informais* são um problema tanto quanto a necessidade de lidar com ele. Proponho o exercício de pensar como são construídos modos de *organização* da ação coletiva operacionalizadas neste contexto, atravessando engenharias institucionais. Em um sentido, Secundaristas em Luta de São Paulo posicionam diferentes modos de existência em uma relação de *ocupação* para com engenharias institucionais, tomando-as como um problema no âmbito do ordenamento democrático no Brasil, interferindo e modificando-as a partir de seus modos próprios de *organização* da imprevisibilidade e do ‘cômputo do conflito’.

Palavras-chave: Ocupações Secundaristas (São Paulo/SP); Direitos à Educação; Ação Coletiva; Política Contemporânea; Antropologia das Juventudes.

ABSTRACT

The ethnography underlying this research was carried out among *Secundaristas em Luta de São Paulo*, a collective formed by transformative components of the *Comando das Escolas Ocupadas*, later, *Comando das Escolas em Luta* and, finally, *Secundaristas em Luta de São Paulo*. The fieldwork took place from November 2015 to June 2020. In this study, I focus on an specific time-span of such an occupation – from between late-morning of April 28th, 2016, and the beginning of the morning of May 6th, 2016 – and the post-occupation period of *Centro Paula Souza*, an autarchy belonging to the Economic Development Department of the State of São Paulo which manages State Technical Schools and Faculties of Technology, with around 30,000 students distributed in 336 municipalities. This study has as its most general theme the relationship between the signifier “youth” and the signifier “action” within the framework of the debate on youth cultures. The question in a nutshell can be formulated thusly: what are the modes of organization of collective action among *Secundaristas em Luta de São Paulo*? The research is situated in the field of anthropology, above all, in its basic principle of political actions. I bring to the fore possibilities of interpreting that which my research interlocutors called “persecutions” by the State as components of a 'calculation of conflict' managed not only by the forces of repression and the State's claim to justice. Rather, amidst the throes of action, there was a kind of lively bond connecting such interlocutors. In this way, we may unfold a perspective of the occupation process which opens up to a common perspective among informal leaders. This is because the place of denial of the figure of leadership is conceived differently from the place of informal leadership. In the terms of the interlocutors of this research, informal leadership is as much a hindrance as something to be tackled. I propose the collective way of thinking about how the organization of action set forth in this context is constructed, crossing institutional engineering. In a sense, *Secundaristas em Luta de São Paulo* represent different forms of existence in their relation to an occupation relationship to an institution, taking it as a problem within the scope of the Brazilian democratic framework, interfering and modifying it after its own organizational procedures characterized by unpredictability and ‘conflict strategy’.

Keywords: Highschool Occupations (São Paulo/SP); Education Rights; Collective action; Contemporary Politics; Anthropology of Youth.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Estamos aqui. Mapa, <i>Localização geográfica do Município de São Paulo (2019)</i> . Fonte: Secretaria de Urbanismo e Licenciamento da cidade de São Paulo.....	22
Figura 2 Estamos aqui. Mapa, <i>Regiões, Prefeituras Regionais e Distritos do Município de São Paulo (2019)</i> . Fonte: Secretaria de Urbanismo e Licenciamento da cidade de São Paulo.....	23
Figura 3 Mapa, Escola Estadual Fernão Dias Paes na região oeste da cidade de São Paulo. Fonte: Google Maps.....	53
Figura 4 Mapa, Escola Estadual Fernão Dias Paes em relação à Marginal Pinheiros e à Marginal Tietê. Fonte: Waze.....	54
Figura 5 Texto do Decreto nº 61.672, de 30 novembro de 2015, conhecido como Decreto da Reorganização. Fonte: Diário Oficial do Estado de São Paulo publicado dia 1º de dezembro de 2015.....	79
Figura 6 Texto do Decreto nº 62.692, de 4 de dezembro de 2015, conhecido como Decreto da suspensão da Reorganização. Fonte: Diário Oficial do Estado de São Paulo publicado dia 5 de dezembro de 2015.....	80
Figura 7 Mapa, <i>Ocupação do Centro Paula Souza</i> no centro da cidade de São Paulo, estivemos aqui dia 5 e 6 de maio de 2016. Fonte: Google Maps.....	81
Figura 8 Mapa, <i>Ocupação do Paula Souza</i> e arredores. Fonte: Waze.....	82
Figura 9 O Mal-Educado, fotografia de início da página na plataforma <i>Facebook</i> . Fonte: <i>Facebook</i>	83
Figura 10 O Mal-Educado, fotografia da capa da página na plataforma <i>Facebook</i> . Fonte: <i>Facebook</i>	84
Figura 11 O Mal-Educado, imagem da página inicial na plataforma <i>Facebook</i> . Fonte: <i>Facebook</i>	84
Figura 12 O Mal-Educado, imagem da página inicial na plataforma <i>Facebook</i> , detalhe: “Sobre”. Fonte: <i>Facebook</i>	85

Figura 13 O Mal-Educado, imagem da capa da página inicial do <i>blog</i> . Fonte: <i>WordPress</i>	85
Figura 14 O Mal-Educado, imagem da página “Quem somos” do <i>blog</i> (parte 1). Fonte: <i>WordPress</i>	86
Figura 15 O Mal-Educado, imagem da página “Quem somos” do <i>blog</i> (parte 2). Fonte: <i>WordPress</i>	86
Figura 16 O Mal-Educado, imagem da página “Quem somos” do <i>blog</i> (parte 3). Fonte: <i>WordPress</i>	87
Figura 17 Croqui da <i>ocupação do CPS</i> vista no saguão da entrada oficial do Centro Paula Souza. Fonte: Arquivo pessoal.....	88
Figura 18 Escola que Martin <i>ocupou</i> em 2015, Escola Estadual Maria Elena Colônia, em Mauá (SP). Fonte: Google Maps.....	90
Figura 19 Centro Cultural Casa do Povo, na região do centro expandido de São Paulo (SP), bairro do Bom Retiro, estivemos numerosas vezes aqui. Fonte: Google Maps.....	98
Figura 20 Casa do Povo e arredores. Fonte: Waze.....	99
Figura 21 Campinas (SP) e São Paulo (SP). Fonte: Google Maps.....	101
Figura 22 Diário de Campo I, página 74, fim das anotações depois da <i>assembleia</i> no dia 13 de maio de 2016.....	107
Figura 23 Secundaristas em Luta de São Paulo, “Nota da Assembleia do dia 13 sobre os próximos passos da luta”. Fonte: <i>Facebook</i>	108
Figura 24 Secundaristas em Luta de São Paulo, “Nota de esclarecimento dos estudantes secundaristas em luta de SP”. Fonte: <i>Facebook</i>	109
Figura 25 Secundaristas em Luta de São Paulo, página inicial na plataforma <i>Facebook</i> , detalhe: “Sobre”. Fonte: <i>Facebook</i>	109
Figura 26 Croqui, Sala do <i>chat</i> entre secundaristas de São Paulo (SP) e do Chile. Fonte: Acervo pessoal.....	113
Figura 27 Mapa, Ação Educativa e arredores, estivemos aqui. Fonte: Waze.....	114

Figura 28 Mapa, Trajeto do ato de 28 de abril 2016, cujo encerramento eclodiu na ocupação do Centro Paula Souza. Fonte: Waze.....	118
Figura 29 Cartilha, <i>Como ocupar um colégio?</i> (parte 1). Fonte: Arquivo próprio.....	126
Figura 30 Cartilha, <i>Como ocupar um colégio?</i> (parte 2). Fonte: Arquivo próprio.....	127
Figura 31 Cartilha, <i>Como ocupar um colégio?</i> (parte 3). Fonte: Arquivo próprio.....	128
Figura 32 Cartilha, <i>Como ocupar um colégio?</i> (parte 4). Fonte: Arquivo próprio.....	129
Figura 33 Cartilha, <i>Como ocupar um colégio?</i> (parte 5). Fonte: Arquivo próprio.....	130
Figura 34 Cartilha, <i>Como ocupar um colégio?</i> (parte 6). Fonte: Arquivo próprio.....	131
Figura 35 Cartilha, <i>Como ocupar um colégio?</i> (parte 7) Fonte: Arquivo próprio.....	132
Figura 36 Cartilha, <i>Manual de como travar uma avenida</i> (parte 1). Fonte: Arquivo próprio.....	133
Figura 37 Cartilha, <i>Manual de como travar uma avenida</i> (parte 2). Fonte: Arquivo próprio.....	134
Figura 38 Cartilha, <i>Manual de como travar uma avenida</i> (parte 3). Fonte: Arquivo próprio.....	135
Figura 39 Panfleto, <i>Boicote o SARESP</i> (parte 1). Fonte: Arquivo próprio.....	148
Figura 40 Panfleto, <i>Boicote o SARESP</i> (parte 2). Fonte: Arquivo próprio.....	149
Figura 41 Panfleto, <i>Atenção pais e alunos</i> . Fonte: Arquivo próprio.....	150
Figura 42 Panfleto, <i>Como criar um grêmio?</i> Fonte: Arquivo próprio.....	151
Figura 43 Mapa, Trajeto possível entre as Escola Estadual Fernão Dias Paes (ponto 1) e o cruzamento da avenida Rebouças com a avenida Brigadeiro Faria Lima (ponto 2), conforme mencionado por Dias a respeito do <i>trancaço/travamento</i> deste cruzamento. Fonte: Waze.....	169
Figura 44 Mapa, cruzamento da avenida Rebouças com a avenida Brigadeiro Faria Lima, local de realização do primeiro dos travamentos/ <i>trancaços</i> de ruas mencionados por Dias. Fonte: Waze.....	169
Figura 45 Mapa, trânsito parado mencionado por Dias, iniciado no cruzamento em que houve <i>travamento</i> , da avenida Rebouças com a avenida Brigadeiro Faria Lima. A linha	

traçada no mapa estima que, para o engarrafamento chegar à Rodovia Raposo Tavares (SP-270), o trânsito parou nessa direção ao longo de, no mínimo, 10 Km. Fonte: Waze.....	170
Figura 46 Croqui, trajeto possível entre a Escola Estadual Alves Cruz e o cruzamento da rua Heitor Penteado com a avenida Doutor Arnaldo, local de um dos travamentos/ <i>trancaços</i> de ruas realizado dia 1º de dezembro de 2015 e mencionado por Dias. Fonte: Waze.....	171
Figura 47 Croqui, trajeto possível do trânsito parado a partir do travamento/ <i>trancaço</i> no cruzamento (ponto 1) da rua Heitor Penteado com a avenida Doutor Arnaldo, seguindo pela rua da Consolação (ponto 2) e pela avenida Paulista (ponto 3), conforme mencionado por Dias. Fonte: Waze.....	171
Figura 48 Croqui, trajeto do ato de 18 de maio 2016. Fonte: Arquivo pessoal/Waze.....	180
Figura 49 Croqui, trajeto depois do ato de 18 de maio de 2016. Fonte: Arquivo pessoal/Waze.....	186
Figura 50 Mapa, <i>Ocupa FUNARTE</i> , passamos por aqui. Fonte: Waze.....	195
Figura 51 Mapa, Escola Estadual Honório Monteiro, <i>extremo</i> da zona sul de São Paulo (SP). Fonte: Google Maps.....	241
Figura 52 Mapa, Etec do Jardim Ângela, <i>extremo</i> da zona sul de São Paulo (SP). Fonte: Google Maps.....	246
Figura 53 Mapa, lanchonete Sucesso's no centro de São Paulo (SP), estivemos aqui. Fonte: Google Maps.....	301
Figura 54 Mapa, lanchonete Sucesso's e arredores. Fonte: Waze.....	301
Figura 55 Mapa, trajeto da Padaria Marajá ao Teatro da USP e, depois, à Lanchonete Sucesso's. Fonte: Google Maps.....	302
Figura 56 Mapa, Biblioteca Monteiro Lobato, realizamos entrevista aqui. Fonte: Waze.....	303

Figura 57 Etec de Carapicuíba, limites entre Osasco e Jandira e parte oeste de São Paulo (SP), região citada por Ana Rosa. Fonte Waze.....305

LISTA DE SIGLAS

ANEL – Assembleia Nacional dos Estudantes Livres
ALESP – Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo
APEOESP – Sindicato de Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo
APM – Associação de Pais e Mestres
Band – Rede Bandeirantes de Televisão
BO – Boletim de Ocorrência
CBN – Companhia Brasileira de Notícias
CCSP – Centro Cultural São Paulo
CLACSO – Conselho Latino-americano de Ciências Sociais
CMI – Centro de Mídia Independente
CNV – Comissão Nacional da Verdade
CPML – Comitê de Pais e Mães em Luta
CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito
CPS – Centro Paula Souza
CUT – Central Única dos Trabalhadores
DECO – Diretoria de Ensino Região Centro Oeste
DEIC – Departamento Estadual de Investigações Criminais
DP – Distrito Policial
EBC – Empresa Brasileira de Comunicação
EC – Emenda Constitucional
EE – Escola Estadual
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
Estadão – Jornal O Estado de São Paulo
Etec – Escola Técnica
ETESP – Escola Técnica de São Paulo
Fatec – Faculdade de Tecnologia
FENET – Federação Nacional das Escolas Técnicas
FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP
FSP – Jornal Folha de São Paulo
FUNARTE – Fundação Nacional das Artes
FUVEST – Fundação Universitária para o Vestibular
GAP – Grupo de Articulação Preta

G.A.S. – Grupo Autônomo Secundarista
GATE – Grupo de Ações Táticas Especiais
Globo – Rede Globo de Televisão
GTNM – Grupo Tortura Nunca Mais
HD – *Hard Disk Drive* (disco rígido) parte do computador que armazena os dados
IP – *Internet Protocol* (protocolo de *Internet*) identificador de dispositivo na rede
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
JL – Jornalistas Livres
Libelu – Liberdade e Luta
LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais
LPJ – Levante Popular da Juventude
MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
MinC – Ministério da Cultura
MPL – Movimento Passe Livre
MPL-SP Movimento Passe Livre de São Paulo
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PCC – Primeiro Comando da Capital
PCO – Partido da Causa Operária
PCR – Partido Comunista Revolucionário
PEC – Proposta de Emenda à Constituição
PDF – *Portable Document Format*
PFDC/MP – Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão do Ministério Público
PL – Partido Liberal
PM – Polícia Militar
PGE – Procuradoria Geral do Estado
PRP – Partido de Representação Popular
PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
PSOL – Partido Socialismo e Liberdade
PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PT – Partido dos Trabalhadores
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RG – Registro Geral, documento nacional de identificação civil no Brasil

ROTA – Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar

SARESP – Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo

SBT – Sistema Brasileiro de Televisão

SESI – Serviço Social da Indústria

SG – Secretaria Geral Nacional da CUT-Brasil

STF – Supremo Tribunal Federal

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TUSP – Teatro da Universidade de São Paulo

TVT – TV dos Trabalhadores

UBES – União Brasileira dos Estudantes Secundaristas

UDN – União Democrática Nacional

UEE – União Estadual dos Estudantes

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UJS – União da Juventude Socialista

UMES – União Municipal dos Estudantes Secundaristas

UNE – União Nacional dos Estudantes

UNESP – Universidade Estadual Paulista

UNEAFRO – União de Núcleos de Educação Popular para Negras/os e Classe Trabalhadora

UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

UPES – União Paulista dos Estudantes Secundaristas

UPES – União Paranaense dos Estudantes Secundaristas

UPP – Unidade de Polícia Pacificadora

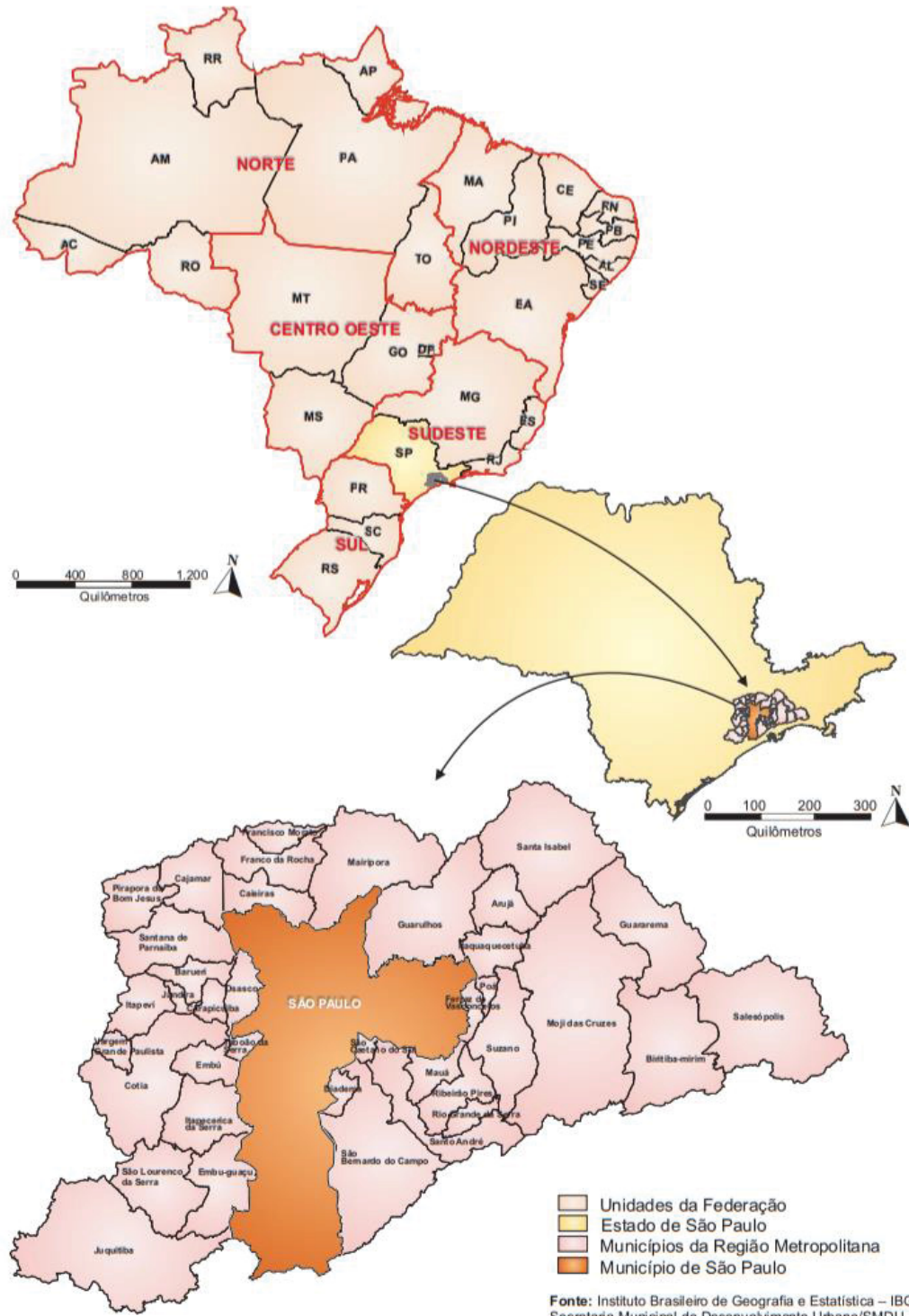
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	24
1. Posicionamentos metodológicos	31
2. Apresentação da questão	37
3. Itinerários da tese	40
CAPÍTULO I – PASSOS PARA CONSTRUÇÃO DE UM CAMPO ETNOGRÁFICO	50
1.1 Dos primeiros quatro dias na <i>ocupação do Fernão</i>	51
1.2 Sobre a produção bibliográfica acerca das <i>ocupações secundaristas</i> em São Paulo ..	54
1.3 Como surgiu esta etnografia?	60
1.4 Sobre o Centro Paula Souza	67
1.5 Desafios do diálogo etnográfico	69
1.6 Sentido de <i>luta</i> e de <i>secundas de luta</i> – 15 de abril de 2016	73
1.7 A caminho da <i>ocupação do Centro Paula Souza</i> – 3 de maio de 2016	80
1.8 Aproximação à <i>ocupa CPS</i> – 5 de maio de 2016	87
1.9 Reintegração de posse e repressão policial – 6 e 13 de maio de 2016	96
CAPÍTULO II – “ESTUDANTES PELOS ESTUDANTES”: DINÂMICAS DA ORDEM E DA DESORDEM	110
2.1 <i>Secundas</i> e <i>pinguins</i> : uma troca de experiências – 21 de maio de 2016	112
2.2 O Grupo Autônomo Secundarista (G.A.S.) – 14 de maio de 2016	119
2.2.1 <i>Como ocupar um colégio</i>	123
2.3 O Comando das Escolas Ocupadas – 3 de junho de 2016	137
2.3.1 Aprendizagem no <i>debate</i> das <i>ocupações</i>	152
2.3.2 Sobre o lugar da razão <i>emocionada</i>	153
2.3.3 Aprofundando o <i>debate</i> dentre <i>ocupações</i>	159
2.3.4 Perspectivas de futuro nos passos da <i>luta</i>	162
2.3.5 Dimensões da repressão	164
2.4 Festa e guerra, <i>ato de rua</i> e prisões – 18 de maio de 2016	177
2.5 Formas de <i>perseguição</i> – 19 de maio de 2016	187
2.6 <i>Caça aos secundas</i> – 4 de junho de 2016	197
CAPÍTULO III – “ESTUDANTES PELA BASE”: INTERMITÊNCIAS DO ESPONTÂNEO E DO DIRIGIDO	203
3.1 Do modo de existência <i>secunda</i> – 20 de maio e 4 de junho de 2016	204

3.2 Horizontes em movimento – 10 de junho de 2016	207
3.2.1 Junho de 2013 e o <i>movimento secundarista</i>	233
3.2.2 Conflito de <i>gerações políticas</i>	237
3.2.3 Derrubar barreiras do <i>apassivamento</i>	253
3.3 <i>Pautas</i> afrocentradas entre <i>secundas</i> – 2 de julho de 2016	257
3.4 O <i>bonde</i> , o <i>bloco</i> e a <i>pauta</i> afrocentrada – 16 de julho de 2016	261
CAPÍTULO IV – “SÓ A LUTA MUDA A VIDA”: JOGO DO CORPO E DA LUTA.....	265
4.1 “Porque eu sou preto”: <i>militância e perseguição</i> – 2 de julho de 2016	265
4.2 <i>Política</i> sobre a mesa de casa desde cedo – 2 de julho de 2016	273
4.3 Uma parte do corpo ficou – 24 de outubro de 2016	281
4.4 Comissão de Direitos Humanos do Senado – 3 de novembro de 2016	282
4.5 Dimensões da Caravana Secundarista – 12 de março de 2017	283
4.5.1 A passagem da ação direta em <i>atos de rua</i> aos <i>debates em assembleia</i>	295
4.6 Modelações da razão <i>emocionada</i> nas/das <i>ocupações</i> – 16 de julho de 2018	300
4.7 Próximos passos – 15 e 19 de novembro de 2016 e 11 março de 2017	314
4.8 <i>Parças</i> na Câmara Municipal – 20 de setembro de 2019	315
4.9 <i>Conquista e vitórias da luta em si</i> – 19 de março de 2020	324
4.10 Modo próprio de <i>lutar</i> – 6 de junho de 2020	329
4.11 Antropologia em tempo de emergência – 10 de dezembro de 2018	342
NOTAS FINAIS – CULTURAS JUVENIS EM MODOS DE ORGANIZAÇÃO DIFUSOS.....	344
Liminaridades difusas.....	345
A terceira margem da rua.....	349
REFERÊNCIAS.....	354
SITES.....	366
FILMOGRAFIA.....	368

Localização Geográfica
Município de São Paulo



(Figura 1 Estamos aqui. Mapa “Localização geográfica do Município de São Paulo (2019)”. Fonte: Secretaria de Urbanismo e Licenciamento da cidade de São Paulo.)

Regiões, Prefeituras Regionais e Distritos
Município de São Paulo



(Figura 2 Estamos aqui. Mapa, “Regiões, Prefeituras Regionais e Distritos do Município de São Paulo (2019)”. Fonte: Secretaria de Urbanismo e Licenciamento da cidade de São Paulo.)

INTRODUÇÃO

Em 2016 o Estado estava mais preparado para nos combater. Algo que foi colocado pelas ocupações de 2015 e por Junho de 2013. (Andronico, 14 de maio de 2016, entrevista em profundidade)

Então, acho que essa luta – tanto essa de 2015 quanto essa de 2016, e a gente pode até pensar um pouco em Junho de 2013 – foge um pouco dos padrões clássicos de luta, assim, né, clássicos e antigos, né. Aí cabe uma análise aprofundada do porquê disso. Acho que tem muito a ver com a decepção com o PT. O que o PT deveria ter feito e o que o PT fez e ‘tá todo mundo decepcionado, assim, enfim, e agora ‘tá procurando outros métodos. Eu enxergo assim, mas é muito difícil, assim. Acho muito difícil de pensar nisso, mas acho que eu entendo mais ou menos assim. É isso. O PT veio com essa unidade da classe, tal, e agora está tudo disperso. E aí ‘tá todo mundo meio perdido, assim. Acho que é um pouco isso. A gente tenta fazer de um jeito diferente. É isso. Prezando pela horizontalidade sempre, não tem liderança, nem nas ocupações, nenhuma teve. A gente sabe como a gente não quer fazer luta, mas como a gente quer está difícil. A gente está experimentando, às vezes a gente comete erros. E é isso. (Dias, 3 de junho de 2016, entrevista em profundidade)

Nesse sentido, a gente não tinha nenhum tipo de lideranças. Mas também a gente tem que acabar com essa romantização de que então “todas as pessoas eram iguais completamente” porque as pessoas carregam experiências políticas, elas têm mais ou menos experiência política com isso, elas têm às vezes uma rapidez um pouco melhor de análise de conjuntura. E essas coisas influenciam. Não quer dizer que tivesse alguém que virasse e falasse “vamos fazer isso e acabou, ninguém vai discutir”. Tudo passava por assembleia. Mas a gente sabe que algumas pessoas acabam sendo o que a gente sempre fala de lideranças informais. Ao mesmo tempo que é um problema, é uma coisa real e a gente tem que saber lidar com isso. (Miss Browne, 10 junho de 2016, entrevista em profundidade)

(...) seu propósito [de Naven] não é mais propor uma teoria do travestismo Iatmul, mas sugerir métodos de pensar os problemas antropológicos. (BATESON, 1958, p. 260 – tradução nossa)

Parece-me que este texto poderia ser mais acolhedor ao leitor se começasse apresentando, digamos, “a cara do bebê”. Em outras palavras, se começasse apresentando uma fisionomia de suas coordenadas principais, uma certa amarração fina. Nessa direção, começo por justificar que optei por trazer ao texto uma forma de “fabricação de pensamentos durante a fala” (KLEIST [1805-1806/1878] 2021, p. 40-41). Isso significa, concretamente, trazer para o texto esse aspecto da interação na forma de, inclusive, entrevistas na íntegra, procurando recursos da dramaturgia e da literatura que possibilitassem passar ao registro escrito as pausas de respiração, variações de sorrisos e outros sons possíveis e expressivos da interação com interlocutores nesta etnografia.

Considero que este gesto analítico agrega alguns limites difíceis de lidar e alguns pontos fortes. No balanço final, estimo que a contribuição possível deste trabalho, diante de leitores da antropologia e de áreas afins, disponha de valor etnográfico e teórico para suscitar outras e novas interpretações sobre a experiência política de jovens na área da educação e no contexto da sociedade brasileira.

Rumo a apresentar as coordenadas principais deste texto, situo que esta pesquisa tem por tema os modos de *organização*¹ entre Secundaristas em Luta de São Paulo no *movimento estudantil autônomo* durante o *processo das ocupações* e do *pós-ocupações*. Os Secundaristas em Luta de São Paulo resultam de transformações do Comando das Escolas Ocupadas, em novembro de 2015, do Comando das Escolas em Luta, no começo de 2016, e, então, Secundaristas em Luta de São Paulo, em abril de 2016, antes e depois da *ocupação* do Centro Paula Souza, que durou entre o fim da manhã de 28 de abril de 2016 e o início da manhã de 6 de maio de 2016, na cidade de São Paulo. O trabalho de campo foi tecido entre novembro de 2015 e junho de 2020. O recorte no material etnográfico que embasa esta pesquisa foi construído a partir da *ocupação* e do *pós-ocupação* do Centro Paula Souza (CPS). Ao longo do período de trabalho de campo, configuram-se três blocos. O primeiro compreende percursos (JEOLÁS e KORDES, 2013, p. 28) de novembro de 2015 a abril de 2017 de forma contígua, sendo predominante o modo de interação face a face. O segundo bloco concentrou-se entre março e julho de 2018, transcorrendo de forma pontual e o modo face a face deixou de ser prevacente. Passei, então, a reforçar os laços digitais. Paulatinamente, o contexto (BATESON, [1967] 2000a, pp. 414 e 416) foi modificado quanto à matéria de aspectos da interação. No terceiro bloco, em setembro de 2019 e entre março e junho de 2020, a comunicação digital foi majoritária em relação à mesma posição ocupada pelo modo face a face no primeiro bloco. Por fim, parece fazer sentido pensar o processo etnográfico que embasa este trabalho no transcurso entre 2015 e 2020 pelos termos de Karina Biondi, quando refere “uma vida em estado de campo” (BIONDI, 2014, p. 53). Neste quadro, a questão com a qual lidarei nesta reflexão, inicialmente, pode ser formulada pela seguinte maneira: como são elaborados os modos de *organização* da ação coletiva entre *secundas*²? Finalmente,

¹ Daqui para adiante, termos, categorias e conceitos nativos serão diferenciados em cursivo [*cursivo*], igual aos termos em língua estrangeira. Entre aspas duplas aparecerão as expressões literais e conceitos teóricos. Pequenas ênfases ou advertências serão ressaltadas entre aspas simples.

² “Secundas” é abreviação de “secundaristas”, trata-se de categoria nativa que responde pela forma como interlocutores de pesquisa nomeiam a si em conjunto.

sinalizo que esta pesquisa está situada no campo de antropologia das juventudes, sobretudo, no seu segmento mais voltado à interface com fazeres políticos.

Gostaria de continuar o processual dar a ver deste trabalho, por um momento, na forma infinitiva do verbo ser. Considero que é esta uma maneira de começar a dizer um pouco do meu lugar na realização desta pesquisa. Não obstante, espero que esta também seja uma maneira de continuar a justificar a decisão teórico-metodológica de passar a palavra ao máximo do possível às pessoas com as quais construí interlocução e que narram, questionam, formulam por múltiplos prismas a miríade de complexidades implicada em ser intérprete do *processo das ocupações*. Tal *processo* pode ser observado como significativa expressão de formas de fazeres políticos contemporâneos, e que se deixa denominar por “novíssimos” *movimentos* (ALEGRIA *et alli*, 2020; NOVAES, 2014), integrante do novo ciclo de ações coletivas juvenis no Brasil (GROPPO, 2006, 2008, 2018a, 2018b, 2020; COSTA; GROPPO, 2018c; SALLAS, 2017, 2019). Por outro lado, assumo como um dos limites deste trabalho o fato de que a intensidade deste *processo* de pesquisa ainda não encontrou lugar estável em minha vida, neste caso, em relação à exequibilidade possível do ato de escrever conceitualmente em etnografia, em um sentido, quando temos em vista formas de escrever hegemônicas, por falta de termo melhor; isto é, formas de escrever adaptadas ao distanciamento requerido por certa textualidade mais afastada do “calor da hora”. Ao mesmo tempo, não encaro este texto como uma escrita “a quente”. Antes, lidando com o referido limite, assumo que fiz escolhas e apresento uma proposta ao leitor: passar a palavra ao máximo do possível a interlocutores de pesquisa, posicionando neste gesto analítico o ato de entrarmos em contato com o que Heinrich von Kleist denominou em um pequeno texto inacabado, de 1805/1806, publicado em 1878, por “fabricação gradativa de pensamentos durante a fala” (KLEIST, [1805-1806/1878] 2021, p. 54-55). Fabricação esta, que, no decorrer deste texto, cria configurações acerca das formas de *luta* e de *debate* próprias a este contexto etnográfico. Em outras palavras, produz formas de reflexibilidade (ARCHER, 2003, p. 167; VANDENBERGHE, 2010, pp. 183-256) constituintes dos fazeres políticos próprios a este contexto etnográfico e, em um sentido, classificáveis como modos recorrentes entre ‘novíssimos’ *movimentos sociais* (ALEGRIA *et alli*, 2020).

Os autores do artigo “Movimentos sociais contemporâneos: um balanço bibliográfico da produção de teses e dissertações em antropologia (2008-2018)” (ALEGRIA *et alli*, 2020, p. 1) registram que,

Na literatura acadêmica sobre movimentos sociais, persiste uma divisão entre os chamados antigos (AMS) e novos movimentos (NMS). Ainda que a precisão dessas categorias seja questionada, elas continuam sendo amplamente empregada nas ciências sociais, uma vez que demarcam uma diferença importante entre os movimentos de classe da primeira metade do século XX (os antigos) e os movimentos de identidades coletivas e estilo de vida que se tornam mais expressivos na segunda metade do século (os novos), e que não adotam apenas a questão econômica ou produtiva como eixo central. No século XXI, é possível ainda observar uma terceira categoria, a qual tem sido denominada “novíssimos” (NVMS) movimentos sociais (Day, 2004), mas também “movimentos antiausteridade” (Della Porta, 2015), “protestos cidadão” (Gerbaudo, 2017) etc.

O presente trabalho não adota a categoria de antigos, novos ou novíssimos *movimentos sociais*. Interessa-me, antes, pensar essa ordem de categorias a partir do diálogo com este material etnográfico e, por um momento, em articulação com mediações advindas de percursos coetâneos à etnografia, que se passaram em meio a *movimentos populares*. Tais percursos coetâneos dizem respeito à condição de funcionária da CUT-Brasil, compondo a assessoria de sua secretaria geral nacional (2014-2018), com convivência diária junto a *dirigentes* da CUT, frequentemente, com *dirigentes* do PT, não raro com os *dirigentes* do conjunto da Frente Brasil Popular e da Frente Povo Sem Medo, entre outros *movimentos*. Em tais percursos paralelos e coetâneos, pude conhecer, por exemplo, uma categoria nativa desta cena política contemporânea referida, a categoria de *movimentos populares*, precisamente, pronunciada em 2014 e em 2016 por uma integrante da direção executiva da CUT à época e nos dias atuais. Para esta *dirigente*, cujo nome fictício é Marilsa Garbosa, “o desafio da *esquerda* é que nós precisamos inovar sempre” (Caderno de notas V, dezembro de 2014) e haveria a necessidade de modificar a expressão de pertença da CUT entre outros *movimentos sociais* para *movimentos populares*. Para Marilsa, os *movimentos populares* englobariam o que os autores do artigo citado acima dividem entre “antigos”, “novos” e “novíssimos” *movimentos sociais*. A diferença delineada ao nomear por *movimentos populares* este conjunto, por sua vez, residiria no fato de que “hoje em dia existe muito *movimento social de direita* e nós não podemos ficar no mesmo barco que eles, por isso *movimentos populares* são os *movimentos sociais de esquerda*” (Caderno de notas XXI, novembro de 2016). Anoto esta observação tão somente indicativa apenas a título de sinalizar e, com isso, contribuir para o avanço do debate sobre as noções e categorias que ampliam as frentes e fronteiras da produção acadêmica sobre *movimentos* contemporâneos.

Conforme os autores do artigo apontam, “um dos limites dos usos das categorias AMS, NMS e NVMS é que elas seguem um ritmo de transformações sociais do Norte Global, mesmo que tais mudanças tenham afetado o Hemisfério Sul.” (*ibid.*, p. 1) Sugiro que a elaboração da categoria nativa *movimentos populares* poderia ser localizada, inicialmente, como uma produção de saber que segue um ritmo de transformações sociais vinda do Hemisfério Sul. Ou, em outros termos, a categoria nativa *movimentos populares* parecer entrar em constelação com um ritmo de transformações vindas da periferia do capitalismo (ARANTES, 2007, p. 275; SCHWARZ, 2014, p. 11) na medida em que “assinala essa mudança na temporalidade da rebelião, cuja conflitividade em nova chave tanto seus [de Junho de 2013] inimigos como (sobretudo) seus amigos querem ‘estatizar’.” (ARANTES, 2014, p. 415). Caberia, certamente, aprofundar esta segunda anotação indicativa e elaborar uma discussão que, todavia, demanda ser desenvolvida em momento posterior e em lugar dedicado propriamente a esta elaboração.

Voltando ao artigo citado acima, segundo os autores, os “novíssimos” *movimentos sociais* são caracterizados da seguinte maneira:

Trata-se de movimentos anticapitalistas que tiveram sua gênese nos movimentos antiglobalização da virada do milênio. Impulsionados pelo uso de novas tecnologias digitais, esses movimentos têm se valido de um repertório de táticas que se inspira no anarquismo e no marxismo autonomista, como a horizontalidade, a prefiguração e a ação direta (Graeber, 2002). (ALEGRIA *et alli*, 2020, p. 1)

É importante ressaltar para a discussão aqui desenvolvida que, na passagem acima, existe uma nota de rodapé para cada uma das seguintes expressões: horizontalidade; prefiguração, e ação direta. A nota para “horizontalidade” remete à seguinte frase: “Modelos decisórios não hierárquicos, que evitam deliberações de cima para baixo.” (*idem*). A nota para “prefiguração” remete à seguinte frase: “Princípio de que os movimentos não podem reproduzir em sua organização as opressões que combatem.” (*idem*). A nota para “ação direta” remete à seguinte frase: “Táticas ativistas que dispensam caminhos intermediários e buscam formas de agir mais diretas e imediatas.” (*idem*). A caracterização dos “novíssimos” *movimentos* conforme a passagem citada, parece factível, provisoriamente, para operacionalizar o presente texto. Ou seja, na companhia das duas anotações acima no registro de ressalvas, então, adoto a categoria de ‘novíssimos’ *movimentos*, provisoriamente, por falta de termo melhor. Trata-se de uma categoria adotada aqui tão somente na condição de ferramenta conceitual sinalizadora de

um lugar no esquema mais geral da literatura sobre *movimentos*, precisamente, em relação ao *movimento secundarista autônomo* junto ao qual realizei etnografia. Ressalto, ao mesmo tempo, que a provisoriedade da adoção da indicada categoria combina em si ressalvas, a exemplo da divisão observada etnograficamente entre as categorias de *movimentos populares* e de *movimentos sociais*. Se fossemos abrir espaço para pensar com a categoria nativa *movimentos populares* conforme tão somente indiquei, então, o delineamento separador das categorias passaria, antes de qualquer outro critério, pelo registro divisor entre *movimentos* que atendem à condição *de esquerda* ou *de direita*. Em consequência, pensando a categoria nativa de *movimentos populares* na companhia de *secundas*, então, poderíamos, temporariamente, apontar nesta chave o *movimento estudantil autônomo* com o qual etnografei, colocando em jogo um marcador político de diferença, qual seja, *de esquerda*. Por este caminho, esta mediação entre categoria nativa e categoria conceitual resultaria na categoria de “novíssimos” *movimentos populares*. Por fim, nessa trilha, parece-me possível começar a pensar sobre a pertinência de uma categoria que venha a atender por “novíssimos” *movimentos populares*, pois concebidos etnograficamente como *movimentos sociais de esquerda* por oposição a *movimentos sociais de direita*. Conforme já antes referi, reitero que este debate não será desenvolvido neste momento, mas retomado em outro lugar e em outro momento.

Nesse quadro, convido o leitor a voltar o olhar para o presente texto acompanhado da disposição de exercitar pensar com *secundas*, precisamente, concebendo-os como intérpretes no *processo das ocupações*. Intérpretes estes, que demonstram de sobejo a complexidade implicada na ambição de analisar o *processo das ocupações* tanto quanto, ao mesmo tempo, evidenciam a paciência imprescindível para lidar conceitualmente com ‘novíssimos’ *movimentos* face às formas de escrita conceitual. Objetivando tangenciar a atribuição da condição de intérpretes do *processo das ocupações*, em relação aos interlocutores desta etnografia, convido o leitor a pensarmos, por um momento, na companhia da aceção de reflexividade que, em *Structure, Agency and the Internal Conversation* (2003), a socióloga Margaret Archer procede por definir.³

Todo mundo é um ser reflexivo. Isso significa que deliberar sobre as circunstâncias em relação a nós mesmos e, à luz dessas deliberações, nós determinamos nossos próprios cursos pessoais de ação na sociedade. No entanto,

³ Esta frase e o parágrafo seguinte desenvolvem versão anterior, publicada em artigo (BILIATTO, 2014) no dossiê *Teoria Social*, que selecionou dez trabalhos apresentados entre 2010 e 2013 no Seminário Temático (ST) de Teoria Social da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), publicado pela revista *Política e Trabalho*.

nem todos nós exercemos a nossa reflexividade da mesma forma. Todos têm um domínio de privacidade mental, a partir do qual subjetivamente examina e avalia as suas circunstâncias externas, dentro do qual saboreia suas satisfações ou nutre seus descontentamentos, e através dos quais monitora suas ações futuras. O veículo de tudo isto é a conversação interna. Contudo, a natureza de nossas conversações internas está longe de ser idêntica e essas diferenças excedem idiossincrasias pessoais. Os diferentes tipos de conversação interna são importantes porque eles estão intimamente relacionados com as diferentes formas de deliberações e, em última análise, o tipo de *modus vivendi* que um agente procura estabelecer no mundo. (ARCHER, 2003, p. 167 – tradução nossa).

Em síntese, proponho inclinarmos um pouco mais a atenção para a “fabricação gradativa de pensamentos durante a fala” (KLEIST, *op. cit*) concebendo-a como uma categoria da experiência cotidiana. Com esse gesto seria possível situar o espaço de uma modalidade de conversação interna (ARCHER, 2003, p. 93) nesta categoria da experiência. Por esse registro, as conversações internas, nos termos de Archer, consistem no veículo da reflexividade. Mais propriamente, “conversações internas” nomeia o processo através do qual são mediadas cultura, estrutura social e atuação/agência – bem dito, como processo mediador da interconexão entre mundo da vida e sistema social. Por este caminho, Archer posiciona as conversações internas como uma medida de ação para a atuação resultante do referido processo de mediação, desde uma visão estratificada da sociedade (ARCHER, 2003, p. 133). Cabe acrescentar, que Frédéric Vandenberghe, em conversação com Archer, avançou as fronteiras dessa discussão com o “argumento basicamente [de] que não temos conversações com nós mesmos, mas que *somos* essas conversações” (VANDENBERGHE, 2010, p. 323 – grifo do autor)

Desde esta localização de alguns aspectos da posicionalidade no fazer antropologia e no debate acerca do *processo das ocupações secundaristas* em 2015 e 2016, anoto que a produção acadêmica sobre/com/junto/entre *secundaristas* ganhou volume de forma significativa em relação a um período relativamente curto – entre o eclodir das *ocupações*, em novembro de 2015, e dias atuais. É de se assinalar que a indicada produção interliga diversas áreas do conhecimento, tais como educação, comunicação, direito, sociologia, psicologia, antropologia, ciência política, entre outras. Voltaremos a este ponto no capítulo um. Por enquanto, priorizo explicitar desde já que, diante do desafio de encarar a qualidade de vida do material etnográfico, finalmente, vim a construir a principal coordenada deste trabalho, uma coordenada-lume, fora do mencionado conjunto bibliográfico: trata-se da reunião de alguns ensaios de Antônio

Candido pareados com consequências tiradas por Roberto Schwarz e, em um segundo momento, com desdobramentos elaborados por Paulo Arantes. Adiante, paulatinamente, desempacotaremos este ‘lume’ trifloro.

1. Posicionamentos metodológicos

Os nomes e/ou apelidos das pessoas interlocutoras desta pesquisa são nomes fictícios. Uma parte deles é oriunda de uma lista de nomes de *escolas ocupadas* confeccionada com giz sobre a lousa por uma interlocutora de pesquisa durante as primeiras semanas do *processo das ocupações*, em 2015. Miss Browne, uma das protagonistas de meu trabalho, escreveu oitenta nomes de *escolas ocupadas*. Depois parou, pois a lousa acabou. As palavras compunham colunas montadas lado a lado e exiguamente separadas. Busquei os nomes fictícios na legibilidade do giz em imagens da lousa, imagens em movimento, que reconheci enquanto perfaziam o fundo de cenas de um documentário.⁴ A lousa, por sua vez, é da segunda escola que veio a ser ocupada no estado de São Paulo e a primeira na capital, a Escola Estadual Fernão Dias Paes: avenida Pedroso de Moraes, 420, bairro de Pinheiros, região oeste da cidade. Nas imagens da lousa parte dos nomes não estava legível. Houve necessidade de buscar por mais nomes de *escolas ocupadas*. Então, a segunda parte dos nomes fictícios é oriunda de um livro.⁵

Sobre a decisão de anonimato em relação ao nome próprio e aos apelidos de interlocutores de pesquisa, explico que estou de acordo com a colocação da questão nos termos sintetizados por Ciméa Bevilaqua (BEVILAQUA, 2003; 2005). Sobretudo, tendo em vista que “optei por não usar nomes próprios para evitar constrangimentos às pessoas mencionadas, ainda que esse recurso nunca seja inteiramente eficaz.” (BEVILAQUA, 2005, p. 18) No lugar da “sequência de letras do alfabeto para designar interlocutores de pesquisa conforme a ordem de sua aparição no texto, permitindo assim que o leitor

⁴ **Acabou a paz! Isso aqui vai virar o Chile!** Ocupações de escolas em São Paulo. Direção, roteiro e produção de Carlos Pronzato, edição e produção executiva de Lucas Duarte Souza, imagens complementares e cenas de repressão de Caio Castor, música tema (Ocupar e resistir) de Lucas Koka e Fabrício Ramos. Brasil: La Mestiza Audiovisual, 2016. 126’, son., color., Legendado. Port.

⁵ CAMPOS, Antonia J. M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio M. **Escolas de luta**. São Paulo: Veneta, 2016.

identifique a referência àquela pessoa em momentos posteriores” (*idem*) estão localizados os nomes fictícios.

A escrita deste trabalho assume a forma da “crônica-análise” (REGUILLO, 2017, p. 65) não por uma escolha desvinculada do contexto etnografado. Ao contrário. Antes de algo, este constitui um esforço de aproximação em relação à realidade estudada, precisamente, na medida em que “a linguagem comumente enfatiza apenas um aspecto de qualquer interação” (BATESON, [1987] 2002, p. 56 – tradução nossa). Por este caminho, explícito que esta forma (a tese) assim apresentada (tinta sobre o papel) responde a desafios da escrita como linguagem. Compreenderíamos, então, que é esta uma maneira de “sugerir métodos de pensar sobre problemas antropológicos” (BATESON, 1936/1958, p. 260 – tradução nossa) que se fez necessária para lidar com questões colocadas pelo campo etnográfico, precisamente, nesta dimensão da exequibilidade da pesquisa – a sua escrita.

Nas fronteiras de estilos de escrita em etnografia, sugiro inclinar a atenção para a maneira de conceber e descrever métodos de apresentação por Gregory Bateson em *Naven* (1936/1958).

At this early stage, I wish to make it perfectly clear that I do not regard Ritual, Structure, Pragmatic Functioning and Ethos as independent entities but as fundamentally inseparable aspects of culture. Since, however, it is impossible to present the whole of a culture simultaneously in a single flash, I must begin at some arbitrarily chosen point in the analysis; and since words must necessarily be arranged in line, I must present the culture, which like all other cultures is really an elaborate reticulum of interlocking cause and effect, not with a network of words but with words in linear series. The order in which such a description is arranged is necessarily arbitrary and artificial, and I shall therefore choose that arrangement which will bring my methods of approach into the sharpest relief. I shall first present the ceremonial behaviour, **torn from its context** so that it appears bizarre and nonsensical; and I shall then describe the various aspects of its cultural setting and indicate how the ceremonial can be related to the various aspects of the culture. (BATESON, 1936/1958, p. 3 – grifo meu)

Com a passagem citada, objetivo lançar alguma luz sobre a problemática referida. Desde o indicado ponto de ver, concebido como base para construção desta reflexão, busquei articular um roteiro para a exequibilidade da escrita. O roteiro mobilizado consiste, depois de tudo, em uma “escrita *de aproximação*” segundo Antonio Candido.

Aos livros que procuram esclarecer mais a essência do que a existência, mais o ser do que o estar, com um tempo mais acentuadamente psicológico, talvez seja melhor chamar *romances de aproximação*. O seu campo ainda é a alma, são ainda as *paixões*. (CANDIDO, 1977, pp. 128-129 – grifos do autor)

Interliguei uma ‘escrita *de aproximação*’ com o problema dos métodos de apresentação desta pesquisa, considerando esta uma maneira de encarar um desafio interdependente, qual seja: lidar, em simultâneo, com métodos de pensar problemas antropológicos (BATESON, 1936/1958, p. 260).

Em um sentido, interdependente às variações e seus aspectos múltiplos dentre as condições de possibilidade para realização desta pesquisa, existe “um conjunto interligado – quase vivo – de nexos” (BATESON, 1936/1958, p. 3 – tradução nossa) que articula um conjunto de contextos em relação à etnografia aqui apresentada. Articulam, não obstante deixam de levar a totalidades ou “à causalidade de unidades maiores” (SCHWARZ, [1959] 1965, p. 39). Imagino as delicadas interligações que conectam cada contexto entre si; que os organizam em classes de tipos lógicos, necessariamente, produzindo lugar de diferenciação e, por este caminho, conectando-os à maneira de circuitos cibernéticos (na acepção de um sistema que se retroalimenta via *feedback* negativo); que os posicionam em relação de deuteroaprendizagem, mutuamente, com o desabrochar no tempo através de recorrências, acontecimentos, configurações. Uma coletividade de contextos articulados, desse ponto de ver, deixa acelerar suas dinâmicas, conjuntamente, não segundo um princípio que ordena pequenos indícios, mas pelas vias do *feedback* negativo. Este, por seu lado, compõe lógicas, potencialmente, exponenciais de experiências coetâneas, paralelas e relativamente interdependentes; alastrando-se durante a formação de sequências de quadros cotidianos. Um conjunto de sequências de quadros cotidianos apresentados na forma de micro-relatos foi o que objetivei oferecer à leitura. Portanto, longe de esgotar o que a etnografia exala.

Com efeito, refiro o indicado “longe” de modo a não o subestimar, tampouco trata-se de um lugar acessório aos métodos de pensar problemas antropológicos (BATESON 1936/1958, p. 260). Antes, ao contrário. Essa “lonjura” faz-se componente de viravolta crítica no presente texto, pois guarda em si, em um sentido, a colocação da questão da dúvida. Parece-me que a impossibilidade de levar a zero o esgotamento dos sentidos etnografados solicita ser levada a sério tanto quanto o primado do século XX na história do pensamento antropológico, qual seja, levar a sério o ponto de vista das pessoas com as

quais construímos interlocução de pesquisa. De minha parte, se pudesse, faria dessa lonjura uma estrada e continuaria, passo a passo, conhecendo-a antes de escrever estas linhas; esperaria passar, pelo menos, trinta anos para subir, provisoriamente, o zíper deste texto. Contudo, não sendo possível cumprir com a vontade que bate em meu espírito como a retidão da parcimônia repuxa as vísceras ante a qualidade de vida do material etnográfico – o que fazer?

Por esse caminho, desconfio interpretar que a escrita em etnografia está aqui *marcada*, no aspecto formal, por um lado, pela “força desagregadora do terror policial” em um “momento em que o tema era agudo” durante o trabalho de campo e continua sendo enquanto transcorre o redigir desta tese.⁶ Apresso-me para acrescentar que não se trata de referir aqui uma espécie de transposição estreita entre forma escrita e processo social. Antes, ao contrário. Apenas indico que farejo uma gotícula de possibilidade acerca de uma relação dessa ordem ter produzido presença nos métodos de apresentação desta etnografia, uma maneira de compor o texto assumindo a forma da ‘crônica-análise’ (REGUILLO, 2017, p. 65) de experiências e acontecimentos com interlocutores de pesquisa entre 2015 e 2020. Esta forma de escrita em etnografia é, por homologia, um fazer escrita sob o impacto de um colapso da linguagem. Simultaneamente, lado a lado, antes de qualquer outra coisa, esse farejar resulta em estar de acordo com Marcos Nobre quando, na apresentação de *Ocupar e resistir* (2019), uma coletânea de artigos acerca das *ocupações secundaristas* no Brasil em 2015 e 2016, pondera que “acompanhar essas experiências é como acompanhar a gênese de um mundo em que conhecer e agir não encontraram ainda novos padrões estáveis” (NOBRE, 2019, p. 10). Portanto, explícito que estas linhas escritas me colocam plasmada à velha imagem daquela que desenha letras com os dedos sobre as movediças da areia, quando sucessivas ondas, mostrando sua face impassível, aniquilam os contornos de cada palavra antes que se pudesse escutar a sua pulsação.

Por fim, o sentimento da qualidade de vida do material etnográfico, exprimido como um “longe” de esgotar o que a etnografia exala, leva-me a questões acerca do

⁶ Citação completa dos trechos contidos nesta frase: “Muitos lembrarão o estudo curto e educativo [de Antonio Candido] sobre a força desagregadora do terror policial, publicado em pleno 1972, no momento em que o tema era agudo.” (SCHWARZ, 1991, p. 15) Trata-se de Roberto Schwarz em discurso lido na cerimônia em que Antonio Candido recebeu o título de doutor *honoris causa* na Unicamp quando refere-se ao texto “A verdade de repressão”, publicado originalmente em janeiro de 1972. Ver. CANDIDO, Antonio. A verdade da repressão. **Discurso** – Revista do Departamento de Filosofia da FFLCH da USP, n° 10, maio de 1979.

aspecto epistemológico dessa propriedade sensível na prática antropológica. Uma “lonjura” que habita este texto como “uma questão da formação de um gênero, do movimento no sentido de explorar possibilidades recém-reveladas de representação” (GEERTZ, [1988] 2018, p. 33), que combina, nas práticas antropológicas, o “de perto” e o “de longe”, o “estar lá” e o “estar aqui”. Não entrarei na questão desta combinatória; deixo-a para ser tematizada em outro lugar e em momento posterior. Importa agora tão somente adicionar um ingrediente que corre por um eixo homólogo à sua formulação.

Por essa trilha, interpreto que as concretudes da *ocupação* e do *pós-ocupação* do Centro Paula Souza guardam em si modos de aprender a aprender (BATESON, 1936/1958; [1987] 2005; [1991] 2006), isto é, modos de deuteroprendizagem. O que poderia ser concebido, em um sentido, como um *legado* vivaz do *processo das ocupações*. Um *legado* sob o signo da multiplicidade, na medida em que observado em relação à deuteroprendizagem; o que auxiliaria a localizar a atribuição do qualificativo vivaz ao que interlocutores conheceram no *processo das ocupações*. Por seu lado, a formação de um contexto de vínculos parece-me assemelhada à dos “vínculos fortes” (GLADWELL, 2010, s/ p.), cuja descrição associa, por um lado, a assunção do alto risco vivido, sobretudo, no momento mais inicial do eclodir da *luta*, à existência, por outro lado, da percepção de amizades profundas o suficiente para produzir a medida de confiança necessária para realizar o movimento de correr alto risco conjuntamente. No mesmo passo, observo o exercício contínuo de formulação da concepção de *organização* entre *secundas* situado em um modo próprio de elaboração acerca do intercurso da relação entre juventudes e ação coletiva. Uma ação coletiva juvenil, neste campo etnográfico, que vem a se constituir passível de produzir inteligibilidade antropológica sobre tensões profundas da matéria social, política, cultural brasileira e não somente.

Nesse quadro, aproximo a colocação da questão deste trabalho: diz-nos algo a concepção de *organização* circulante entre Secundaristas em Luta de São Paulo a respeito da coletividade que a faz? Assumindo que *secundas* fizeram exprimir tensões profundas da “matéria brasileira” (SCHWARZ, [1977] 2000, p. 29; [1998] 1999, pp. 227-238), seria possível propor que tais tensões, em um aspecto, adquirem fecundo sentido combinando-se com recente formulação de Wanderley Guilherme dos Santos sobre “sociedade intransitiva” (SANTOS, 2017b)? Os *axiomas*⁷ que sustentam a derradeira agenda de

⁷ Expressão usada pelo autor. Comunicação pessoal em 24 de julho 2018.

pesquisa de Santos, publicados sob o título “O epílogo da conciliação”, enfocam o esfarelamento dos vínculos que arregimentaram a “sociedade transitiva”.

Nessa direção, um estudo etnográfico dos modos de *organização* da ação coletiva em agrupamentos juvenis de pequena escala possibilitaria, por sua vez, interpretar um vínculo vivaz singular que interliga *secundas* desde sua condição de interpenetração com as tensões mais profundas daquele ordenamento de grande escala denominado, provisoriamente, por sociedade intransitiva. Seguindo por essa trilha, sugiro que esta etnografia possibilita um ângulo para pensar mediações entre vínculos *secundas* a partir da relação entre engenharias institucionais e juventudes contemporâneas. Desde o início, portanto, assumindo que, potencialmente, as juventudes apresentam propostas de modos de emprestar inteligibilidade antropológica ao que devém, estruturalmente, sociedade intransitiva, em consequência, interferindo e modificando essa mesma modelação na matéria brasileira – neste caso, desde a condição juvenil e as desiguais situações de seu exercício ao longo do espaço social.

Para Miss Browne, uma das protagonistas de meu trabalho, quatro anos depois da primeira conversa que fizemos: o *processo das ocupações* sugere deixar-se interpretar nos termos de “um importante acontecimento na história recente da política no Brasil” (Miss Browne, entrevista em profundidade, 06 de maio de 2020). Parece-me que o par de categorias *secundas* e *de luta* compõe um conjunto que guarda em si produção de conhecimento próprio ao universo etnográfico que embasa este estudo. Nessa trilha, o vocativo *secundas de luta* seria interpretado como uma produção de saber continuada e tensionando formular a atribuição de nome a si em conjunto. Em um aspecto da interação, interpreto que a categoria *secundas de luta* compõe uma linguagem vinculada à *luta secundarista* como figura (AUERBACH, 1997). Na perspectiva de um estudo de semântica histórica, *secundas de luta* talvez se deixe apalavrar como uma engenharia por e para fazeres políticos nesse contexto de vínculos.

Erich Auerbach, nas últimas linhas de seu estudo sobre o termo “figura”, nos diz que teve como propósito “mostrar como, a partir da base do seu desenvolvimento semântico, uma palavra pode evoluir dentro de uma situação histórica e dar nascimento a estruturas que serão efetivas durante muitos séculos.” (*ibid.*, p. 64) Por sua vez, *secundas* tencionariam essa ordem de estrutura na medida em que produziam a atribuição de nome a si em conjunto, em consequência, fazendo variações de engenharias *de luta*,

principalmente, nos circuitos da arena política brasileira mediante o *movimento* da ‘figura’ *secundarista*.⁸

Considero que grande parte da etnografia apresentada neste trabalho permanece aberta a um futuro exercício de interpretação que seja criador de configurações cujos arcos de tempo venham a adquirir largura maior do que aquelas dos micro-relatos compostos neste trabalho sob a forma da crônica-análise de acontecimentos e experiências com Secundaristas em Luta de São Paulo entre setembro de 2015 e junho 2020. Estimo, porém, que a etnografia apresentada nesta forma sugere entrever possibilidades para pensarmos juntamente com uma produção de saber própria aos *secundas*, inclusive, acerca de um *mecanismo representativo*, nos termos de Dias, um dos protagonistas de meu trabalho. Um *mecanismo representativo* que constrói novas engenharias por e para fazeres políticos, interpelando-os.

2. Apresentação da questão

Nesse quadro, o recorte do tema dos modos de *organização* está situado no campo de antropologia e sociologia das juventudes, sobretudo em seu segmento voltado aos estudos da interface entre culturas juvenis e fazeres políticos. Este se trata de um texto construído a partir da interlocução com *secundas* acerca dos modos de *organização* da *luta das ocupações*. De maneira indicativa, para começarmos a pensar junto com dinâmicas deste modo de *organização*, parece-me que poderíamos tomar como ponto de referência a companhia de Rossana Reguillo, quando nos possibilita conceber tais dinâmicas como uma “topografia insurreta”:

Por tanto, en mi próprio trabajo he tratado de mantener una tensión analítica entre estas dimensiones: la socialidad, como la sociedad haciéndose, comunicándose, dándose organización, y la ‘sociabilidad’, como la sociedad estructurándose, dándose institucionalización. Se trata de una dimensión analítica cuyo sentido es el de atender dos matices en las dos caras de un mismo fenómeno: el proceso comunicativo y el proceso político. Planteado en otros

⁸ Compreender, portanto, as transformações pelas quais passou o sentido do vocábulo “secundarista” ao longo da história, uma vez que “o tempo que as separa ultrapassa o de várias gerações e excede a capacidade da memória coletiva. O observador de hoje, se quer atingir um conhecimento que escapava aos contemporâneos, deve, portanto, dilatar seu campo de visão e ampliá-lo a um período maior do que o que separa duas mudanças sucessivas. Em se atendo a uma cronologia muito curta, mesmo se esta já parece longa aos olhos do método historiográfico clássico, arrisca-se a atribuir caracteres originais da época a fenômenos que são, na realidade, muito mais antigos.” (ARIES, 2003, p. 20-21)

términos, aunque evidentemente toda comunicación, performatividad, ritualidad comunicativa, deviene institucionalización. (...) por organización se entenderá aquí el proceso colaborativo y coordinado que las personas se dan cuando se ha producido una conexión fuerte detonada por un acontecimiento (OWS [*Occupy Wall Street*], en este caso), que demanda la participación y que supone la interacción de sujetos movidos por el acontecimiento. (REGUILLO, 2017, p. 65-66)

De modo minimalista, a questão com a qual lidarei poderia ser formulada, nesse passo da presente reflexão, pelos seguintes termos: como é elaborada a concepção de *luta autônoma organizada* entre Secundaristas em Luta de São Paulo?

Em um sentido, trata-se de pensar junto a uma problemática clássica na história do pensamento antropológico: a questão da concepção de *organização* concebida aqui na companhia de Marcel Mauss ([1902] 1979; [1923-1924/1925] 2003b; [1938] 2003a), como um fato social total indecomponível às diversas coletividades. Concebendo essa problemática como um plano de fundo em articulação com os passos etnográficos desta análise, então, rumo para sugerir ao debate como a concepção de *organização* entre *secundas* poderia talvez ser formulada como modos de existência próprios a este contexto etnográfico, cujos conjuntos de nexos conectam pessoas, objetos, coisas e ideias no mesmo passo de *tocar a luta*. Portanto, o *tocar a luta autônoma organizada*, em um sentido, poderia ser concebido como modos de existência cujas dinâmicas, indecomponíveis e delicadamente interligadas, vinculam política, economia, ação coletiva e culturas juvenis, mediante situações desiguais de exercício da condição juvenil entre Secundaristas em Luta de São Paulo.

Para a presente reflexão é importante nos debruçarmos, por um momento, sobre o conceito de contexto, indicado no parágrafo acima. Trata-se de um conceito de Gregory Bateson que se encontra espalhado por sua obra. Por exemplo, desde a “Introdução. A ciência da mente e da ordem”, passando por “A explicação cibernética”, “Redundância e codificação”, “Uma teoria do jogo e da fantasia” em *Steps to an Ecology of Mind* ([1972] 2000); em “Um científico social examina as emoções”, “Essa história natural normativa chamada epistemologia”, de *Further Steps to an Ecology of Mind* ([1991] 2006); ou em capítulos de *Angels Fear* ([1987] 2005) como “A estrutura da contextura”, entre outros. Para conhecer esse conceito de contexto, poderíamos ir direto para o último livro concluído em vida por Gregory Bateson, *Mind and Nature* ([1979] 2002), no qual o autor objetivou expor uma carta de apresentação de seu pensamento dirigida a leitores em geral

e não apenas especialistas. No primeiro capítulo, estira o conceito de contexto. Em um sentido, contexto poderia ser sintetizado como a razão sinal/ruído, de acordo com os termos da seguinte passagem de “Cybernetic Explanation”, de 1967:

This matter of the localization of information has deviled communication theory and specially neurophysiology for many years and it is, therefore, interesting to consider how the matter looks if we start from redundancy, pattern or form as the basic concept. (...) All that is not information, not redundancy, not form and not restraints – is noise, the only possible source of *new* patterns.” ([1967] 2000, p. 414 e 416 – grifo do autor).

Tal conceito, por sua vez, possibilita produzir inteligibilidade antropológica acerca da operacionalização na maneira de considerar a etnografia como uma forma de contexto (uma forma de razão sinal/ruído).

Disto isto, voltemos para a questão que orienta esta pesquisa. Parafraseando Gregory Bateson, em “Style, Grace and Infomation in Primitive Art”, ([1967] 2000, p. 147), a pergunta que venho formulando é: diz-nos algo o modo de *organização* a respeito da coletividade que o faz? Mas se os modos de *organização*, como se assinalou anteriormente, têm uma função positiva em relação a corrigir uma visão excessivamente teleológica da vida e fazer com que nossa concepção dela mesma seja mais sistêmica, então, a pergunta que dirijo aos modos de *organização secunda* passa a ser: qual classe de correção em relação a um senso ou reconhecimento do fato da circuiticidade seria produzida ao criar ou contemplar estes modos de *organização*? A pergunta se volta sobre si dinâmica ao invés de estática.⁹

Miss Browne, em uma formulação – narrando acerca do *processo das ocupações* em 2015 e em 2016 na cidade de São Paulo com relação a um princípio de *horizontalidade* desejado entre *o pessoal* durante as *assembleias*, bem como na interação cotidiana de *tocar a luta* – referiu que “nós queríamos perder o controle mesmo” (Miss Browne, entrevista em profundidade, 10 de junho de 2016). “Perder o controle” não apenas no que tange ao engenho do contágio de uma dentre as *táticas* mobilizadas, qual seja, a *tática* das *ocupações* – que, então, estava se espalhando ao longo do país. O *controle* evocado

⁹ Paráfrase da seguinte passagem: “The question has been: Does the art tell us about what sort of person made it? But, if art, as suggested above, has a positive function (...) in correcting a too purposive view of life and making the view more systemic, then the question to be asked of the given work of art becomes: What sorts of correction in the direction of (...) [a sense or recognition of the fact of circuitry] would be achieved by creating or viewing this work of arte? The question becomes dynamic rather than static.” (BATESON, [1967] 2000, p. 147)

na frase de Miss Browne adquiriria colocação em relação ao que se possa imaginar sobre *esse movimento secundarista*, nos termos de outra das minhas interlocutoras, Carmosina, quando referiu “e eu estou contigo para entender *esse movimento secundarista*” (Carmosina, entrevista informal, 2 de julho de 2016).

Por esse caminho, o *controle* que Miss Browne referiu seria eficaz se perdido não só quanto às escalas e dimensões que o *processo das ocupações* poderia contagiar. Antes, em relação ao *controle* da hierarquização por oposição ao desejo de *horizontalidade*. A composição da noção de *processo das ocupações*, referida por Carmosina – “anote aí: é *processo, processo das ocupações*” (Carmosina, entrevista em profundidade, 16 de julho de 2018) –, em um sentido, parece frutífera para pensar com a noção de eficácia do *perder o controle* referida por Miss Browne. Nessa direção, conectando dois pares de noções: *movimento secundarista* e *processo das ocupações* em relação a *perder o controle* e *princípio de horizontalidade* desejado.

Nesse quadro, apresento este texto ao debate tecendo e puxando fios rumo a uma antropologia com “estos intentos por producir (y devolver) un mínimo de inteligibilidad sobre todo lo que han significado estas revueltas de la imaginación en conflicto con la pretendida homogeneidad inapelable del relato neoliberal: su espíritu *hacker*.” (REGUILLO, 2017, p. 13)

3. Itinerários da tese

No capítulo I, “Passos para construção de um campo etnográfico”, proponho-me o seguinte roteiro: a primeira parte do capítulo consiste em uma crônica composta a partir das entrevistas que integram este trabalho e que se refere aos primeiros quatro dias de *ocupação* da Escola Estadual Fernão Dias Paes, a primeira escola *ocupada* na capital paulista, algumas horas após a primeira escola *ocupada* no estado, na cidade de Diadema, localizada na região metropolitana da capital. Na segunda parte exponho breves palavras sobre o campo de debate transdisciplinar que vem se constituindo em relação às *ocupações secundaristas* em 2015 e 2016 no Brasil. Na terceira parte apresento um micro-relato de momentos decisivos que possibilitaram realizar esta etnografia com Secundaristas em Luta de São Paulo. Vale mencionar que esta parte também está escrita

na forma de crônica, referindo-se a momentos decisivos a partir dos quatro meses finais de 2015. Na quarta parte objetivo apresentar informações indicativas acerca do Centro Paula Souza, conforme a autarquia se dá a ver em termos oficiais. Nas partes subsequentes demonstro os primeiros passos na construção do campo etnográfico em uma *ocupa*, em *assembleias*, em véspera de reintegração de posse, em entrevista em profundidade. Em seguida, passo ao próximo capítulo, então, com uma crônica a partir das anotações ao correr da pena durante o encontro de troca de experiências via *chat* entre *estudantes* de São Paulo (SP) e do Chile.

O capítulo II, “‘Estudantes pelos estudantes’: dinâmicas da ordem e da desordem”, está composto por crônicas de acontecimentos e experiências com interlocutores de pesquisa no ano de 2016. O título deste capítulo foi inspirado por três fontes. Uma delas é a *faixa de frente* feita por Secundaristas em Luta de São Paulo no início das mobilizações, precisamente, no *ato de rua* de 9 de outubro de 2015, o terceiro dentre os *atos centrais*, que reuniram numerosos *atos regionais*. Andronico, um dos protagonistas de meu trabalho, narra a circunstância de feitura da indicada frase para esta *faixa*, assinalando o significado da *faixa* e de sua frase na cena política daquele momento: barrar que *entidades* (estudantis, político-partidárias, sindicais) *tomassem a frente* do *processo de luta* em curso; impedir que *entidades* negociassem no lugar de *estudantes*, uma vez que, deste ângulo, desprovidas de *legitimidade*, pois *secundaristas autônomos* estavam *tocando a luta* sem representatividade das *entidades*. A segunda inspiração é o ensaio de Antonio Cândido¹⁰ no qual o autor opera com a formulação de dialética da ordem e da desordem. Trata-se de um lume para este trabalho; uma ferramenta analítica que empresta inteligibilidade antropológica a respeito da alternância entre oposições normativas aparentemente tão estanques quanto abluídas reciprocamente, demonstrando dinâmicas plurais, que possibilitam, neste caso, acompanhar o balanceio crítico (ARANTES, 1996, pp. 21-105) das delicadas interligações, na maioria das vezes, em sinal negativo, entre *entidades estudantis* e *estudantes autônomos* no *processo das ocupações secundaristas* em 2015 e em 2016 na cidade de São Paulo. A terceira inspiração é o ensaio de Roberto Schwarz¹¹ no qual o autor desentranha e aprofunda algumas das coordenadas conceituais produzidas pela análise de Antonio Candido, propondo que “a alternância aqui é a cifra, e uma solução, para conflitos que não estão no plano dela, a que no entanto dão o nervo.”

¹⁰ Acerca do romance *Memórias de um sargento de milícias* ([1852] 2013) de Manuel A. de Almeida, intitulado “Dialética da malandragem” (CANDIDO, [1970] 1993).

¹¹ “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’” (SCHWARZ, [1979] 1987).

(SCHWARZ [1979] 1987, p. 148) Parece-me que as três fontes de inspiração deste capítulo entram em constelação, formando uma miniatura de maquinaria conceitual, atravessando os subcapítulos, e que adquire pertinência a partir do seu nexos com as coordenadas do material etnográfico que compõe o capítulo dois. Tal miniatura conceitual objetiva operacionalizar o trabalho de mediação entre as matérias etnográficas em jogo no capítulo, precisamente, na medida em que guarda em si compartimentações, tensões oblíquas, conflitos irônicos que, por seu lado, a referida mediação conceitual parece apta a auxiliar pensar. Em um sentido, a lógica da dialética da ordem e da desordem concebida por Antonio Cândido é aproximada a este capítulo como um norte temático-conceitual no caso das *ocupações secundaristas*. Em outras palavras, aponto este como o primeiro dos trilhos pelo qual se moveu o *bonde do processo das ocupações* em relação às intermitências da oposição entre *estudantes autônomos* e *entidades* e demais institucionalidades nas práticas políticas em cena. Ao mesmo tempo, a indicada oposição é concebida neste trabalho como uma paisagem mais ampla na qual se faz entrevista a cena política brasileira em estado de volubilidade elevada, em 2016, decorrente da estrutura de transformação em jogo no tempo político de uma aceleração (ARANTES, 1996, p. 213-290).

O capítulo III, “‘Estudantes pela base’: intermitências do espontâneo e do dirigido”, está composto por acontecimentos e experiências com interlocutores de pesquisa no ano de 2016 também. O título deste capítulo foi inspirado por três fontes. A primeira delas é uma frase de Miss Browne, no dia 10 de junho de 2016, durante entrevista em profundidade. Cito uma passagem da entrevista:

Tem uma coisa que eu acho fundamental para entender o *movimento dos secundaristas* e acho que está bem relacionado com o que isso tem a ver com junho de 2013: é essa questão de um *movimento* autônomo, horizontal e apartidário. Então, quando você não tem o que a gente vê muito nessas *organizações* centralizadas, de qualquer tipo, mesmo que não seja um partido, muitas *organizações* que têm esse caráter de serem hierarquizadas. Mesmo se você for ver em um *partido político*, você vai ver que tem um comitê central ou uma direção, alguma coisa assim. Que é quem vai elaborar as *políticas*. Você participa de alguns *debates*, mas quem vai tirar a *linha* são essas pessoas e tem que concordar, você está lá por causa disso. Quando você está dentro de uma *ocupação* não era assim. É uma coisa que a gente fez muita questão no começo, tanto que a faixa que o G.A.S. levava para os atos era “Estudantes pelos estudantes”. A gente estava muito cansado de ouvir *sindicato*, *partido*, *entidade*, tudo isso que não representava a gente. A gente deixou isso bem claro: nenhuma *entidade* dessas (UMES, UBES, UPES, UNE, nem a APEOESP, nenhuma dessas *entidades*) realmente representava a gente. A gente teve que fazer um

movimento contrário a isso, que era *organizar os estudantes pela base*. (Miss Browne, 10 de junho de 2016, entrevista em profundidade)

As duas outras fontes de inspiração do capítulo, como lume, são o ensaio de Antonio Candido¹² e o ensaio de Roberto Schwarz¹³, desta vez, na companhia mais presente de Paulo Arantes¹⁴. Trata-se de passar o olhar a outro ângulo em relação ao capítulo dois. Se antes propus inclinarmos a atenção para a dialética da ordem e da desordem entre *estudantes autônomos* e *entidades* nas práticas políticas em cena, então, no capítulo três, trata-se de olhar mais detidamente para o conjunto dos *estudantes autônomos* em relação à ferramenta conceitual da “dialética do espontâneo e do dirigido” (CANDIDO, [1991] 1993, p. 151).

O capítulo IV, “‘Só a *luta* muda a vida’: jogo do corpo e da *luta*”, está composto por acontecimentos e experiências com interlocutores de pesquisa no ano de 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020. A frase “Só a *luta* muda a vida” é uma *palavra de ordem* nesse contexto etnográfico, não obstante, a inspiração específica para a colocar no título do capítulo advém de um dos meus principais interlocutores, Andronico, durante entrevista em profundidade, realizada dia 14 de maio de 2016. Cito uma passagem da entrevista:

O G.A.S. [Grupo Autônomo Secundarista] começou em 2015. A primeira reunião foi no final do mês de agosto. Então nos definimos politicamente: fazer *trabalho de base* dentro das escolas p’ra criar uma mentalidade revolucionária, pois só a *luta* muda a vida. Eu queria que os *secundaristas* voltassem a ser considerados um *setor de luta*, pois muita gente fica pensando que só na ditadura tinha *luta secundarista*. (Andronico, 14 maio 2016, entrevista em profundidade)

O capítulo enfeixa seus subcapítulos a partir da tematização da relação entre as categorias nativas *luta* e *perseguição*. Desde este ponto de ver, sublinho alguns elementos prenhes na indicada tematização. *Tomas de colégios* é expressão chilena para as *ocupações de escolas* por *estudantes secundaristas*, que aconteceram em 2006 (AGUILERA-RUIZ, 2010) e em 2011 no Chile e que inspiraram o início da mobilização das *ocupações* no Brasil, em 2015 (GROPPO, 2018a). Conhecida amplamente por *La rebelión pinguina*, a experiência ‘pinguina’ contribuiu decisivamente para as *lutas secundaristas* desabotoadas na cidade de São Paulo no trimestre final de 2015, e contagiou o seu desabrochar frenético ao longo do país, em dezembro de 2015 e durante

¹² “De cortiço a cortiço”, publicado em versão final no ano de 1991 (1993).

¹³ “Originalidade da crítica de Antonio Candido”, publicado em 1992.

¹⁴ Passagens de *Um departamento francês de ultramar*, publicado em 1994 (2021).

2016 (GROPPO; SILVA, 2020). Chegou-se a um momento, em 2017, no qual o “sentimento da *luta*” transmutou-se em algo como um “estado de *luta*” na cidade de São Paulo e região metropolitana. Isto é, conjunção de disposições de ânimo tão contingentes quanto permanente para uma parcela de *secundas*. Ao mesmo tempo, a permanência referida pôs-se despercebida para fins públicos e, no entanto, para seu inverso, continua com presença na vida cotidiana como o *pós-ocupação* de muitos *secundas marcados*, por agentes da força bruta do Estado, configurando a *caça aos secundas*. Repressão e pretensão de legitimidade por agentes do Estado é aqui estudada em duas tônicas: prática que assola e que é ativamente respondida, não raro, desafiada, pelas invenções de *táticas* produtoras das (r)existências no contexto dos Secundaristas em Luta de São Paulo (SP). Nesse contexto de realização desta etnografia sobre modos de *organização*, talvez, caberia perguntar: diz-nos algo o sistema de relações entre corpo e *luta*, considerado como fonte de inteligibilidade antropológica acerca do modo próprio de *organização secunda*? Em outras palavras, as dinâmicas dos modos de existência no contexto *secunda* significa referir um modo próprio, uma ontologia própria, entre *secundas*? Seria este um modo de *organização* difuso? Seria este aspecto sintetizado via um modo sensível de conhecimento sitiado por paradoxos, aparentemente, entrópicos? Interpreto que “sentimento da *luta*” e virtualidade ameaçadora da vida de si conformam partes que integram o gosto de viver *na luta* entre *secundas*. Em consequência, “estado de *luta*” emprestaria inteligibilidade antropológica a um dos *legados* do *processo das ocupações*? Refiro-me a experiências denominadas por *perseguição* pelos *secundas*, na medida em que essa venha a ser, parece-me, uma das formas de *secundas* posicionarem-se como interlocutores no leito institucional da *luta* política, por sua vez, desde a condição juvenil e as desiguais situações de seu exercício ao longo do espaço social.

O título das notas finais, “Culturas juvenis em modos de organização difusos”, por sua vez, remete renovadamente ao ensaio “De cortiço a cortiço”, de Antonio Candido, precisamente, quando o autor refere o “espontâneo” como “organização difusa” em jogo com o “dirigido” como “atuação de um projeto racional” (CANDIDO, [1991] 1993, p. 135) em jogo com a “dialética da ordem e da desordem”, conforme sugerido pelo autor no ensaio “Dialética da malandragem”, tanto quanto o “jogo do espontâneo e do dirigido”. (CANDIDO, [1991] 1993, p. 151). Por último, nas considerações finais, anoto os passos de retomar a formulação do problema de pesquisa que funcionou como norte temático durante todo o texto: qual o lugar da violência de Estado que colapsa a linguagem em relação à conectividade de contextos locais pelos quais passou o *processo das ocupações*

no Brasil? Trata-se de um gesto inicial para circunscrever a questão do ‘como’ lidar com a afirmativa de conectividade feita por Carmosina entre o Massacre do Centro Cívico (na cidade de Curitiba, em 29 de abril de 2015), por uma parte, e, por outra parte, o *impulsionar* a revolta para a *luta do processo das ocupações* (iniciado na cidade de Diadema e de São Paulo, em 9 e 10 de novembro de 2015, respectivamente) tendo por lugar de homologia, por lugar de canal comunicante dessa conectividade, provisoriamente, o lugar da repressão e pretensão de legitimidade por agentes da força bruta do Estado na *luta dos estudantes secundaristas*.

Convém, ainda, incluir um comentário sobre a expressão *tocar a luta*, contida no título desta tese. A expressão foi extraída de entrevistas em profundidade componentes deste trabalho, além de ser recorrente nas conversas informais com interlocutores. A expressão pareceu-me sugestiva para um estudo que objetiva problematizar os modos de *organização* entre Secundaristas em Luta de São Paulo. *Tocar a luta* é facilmente imaginável como “*tocar a luta* política”. Por outro lado, as explicações para o que seja *tocar a luta* por Andronico, Dias, Miss Browne, Carmosina, Lou, Ana Rosa, Mário Avezano, João Kopke, Martin Egídio, Senhorita F., Saboia de Medeiros, Eloy, entre outros, coincidem com aspectos da bricolagem no terreno das *lutas populares* contemporâneas. A seguir, transcreverei a expressão “*tocar a luta*” extraída de algumas entrevistas mencionadas. Peço licença para citação longa.

Nas palavras de Dias:

Se for pensar numa discussão, *assim*, que gerou mais embate, acho que foi isso. Algumas pessoas queriam que essa *luta* gerasse outras *lutas* e algumas pessoas queriam que não fechassem noventa e quatro escolas, *sabe, tipo*. O número de pessoas que só queria que não fechassem noventa e quatro escolas foi diminuindo ao longo do tempo. Então, muita gente falava isso: “não, a gente não pode deixar fechar as escolas, é isso que a gente não quer”. Outras pessoas: “não, vamo’ pensar essa *luta*, e ano que vem? vai ter *ocupação* no Rio? A gente precisa pensar essas coisas.” Obvio que ninguém estava pensando assim, mas: “o que essa *luta* pode desencadear? a gente tem que fazer uma *luta* que possa desencadear o máximo possível”. A gente também não previa que ia ter tanta *ocupação* no ano seguinte. Isso foi um debate muito posto. Não sei muito de opiniões contrárias que tinham dentro das *ocupações*. Acho que isso de pensar o socialismo, o anarquismo, é interessante. Acho que o *movimento* anarquista está crescendo muito. Pelo que eu tô sentindo, *assim*. Muita *ocupação* foi *tocada* por anarquistas. Muito anarquista *tocando a luta*. E isso, sim, acho que *rolou* uns debates *da hora*. Pelo menos, lá no Fernão *rolou* uns debates *da hora* com anarquistas, comunistas, discutindo e elaborando esse debate complicado, um debate complexo. Não é simples, ninguém está acostumado a debater isso na escola, né. Não é uma coisa comum que as pessoas debatam. Se é comunista, se é anarquista, se o Estado de transição é necessário ou não. Isso não é uma coisa

muito comum das pessoas conversarem na rua, *assim*. Infelizmente. Mas, sei lá, acho que cresceu esse debate. Acho que é isso: quem debatia pouco, começou debater bastante; quem não debatía, começou a debater pelo menos um pouco. (Dias, 3 de junho de 2016, entrevista em profundidade – grifo nosso)

Mais à frente, nas palavras de Miss Browne:

Muito da minha noção de necessidade de *tocar a luta* para conseguir alguma coisa é algo que vem dos meus pais. (Miss Browne, 10 de junho de 2016, entrevista em profundidade – grifo nosso)

No começo do segundo ano, em 2015, comecei a *colar* junto com o Firmino, mais alguns amigos do [Colégio] Equipe e com algumas outras escolas. A gente tentou montar uma poligremia. Não era uma *organização*. Mas era um espaço de articulação de grêmios de várias escolas. A maioria das escolas que estavam lá eram escolas particulares, mas algumas públicas também, a galera da ETESP. Conheci o Dias nessa época. Ele já estudava na ETESP naquela época. A gente ficou vários meses se encontrando, conversando. E aí, comecei a ficar muito mais próxima do Firmino. A gente ia junto p'ras reuniões, conversávamos bastante sobre “o que era aquilo?” E, na verdade, não deu em nada. Era um espaço bem estranho pensando hoje. Tinha uma galera do Levante Popular da Juventude que *colava* e que era *muito louca* (pelo menos na minha avaliação). O espaço acabou não indo para frente, mas foi muito interessante. Isso porque, da poligremia surgiu a primeira *organização* que eu realmente participei. Na verdade, durou apenas alguns meses. Chamava G.A.S., Grupo Autônomo Secundarista. E aí (até hoje eu não sei como ou porque, mas) o Firmino viu que eu estava interessada e me chamou p'ra participar. Nesse espaço estava o Firmino, o Andronico, o Dias e mais alguns outros amigos. Era um grupo de nove pessoas. Secundaristas que perceberam aquele outro espaço da poligremia como algo que não era interessante, mas que queriam se *organizar* e tentar *tocar a luta* para – mais que nada – fazer um *trampo* nas escolas públicas mesmo. A gente não tinha noção alguma de como fazer isso, mas conversar com as pessoas nas escolas, mostrar para eles que existe uma ferramenta, o grêmio. Poderiam se *organizar* na escola para conseguir *lutar*. (Miss Browne, 10 de junho de 2016, entrevista em profundidade – grifo nosso)

Conversando com Firmino e toda essa coisa de ele ser do MPL, supercrítico aos partidos políticos, foi aí que as coisas começaram a mudar. O G.A.S. foi criado em julho de 2015. A gente começou a se reunir. Fazendo uma avaliação do G.A.S. hoje: ele era mais um grupo de amigos que queria se reunir e queria muito *tocar* alguma coisa, então, era muito interessante, a gente queria muito *fazer luta*. Queríamos muito que o *movimento secundarista* (que até aquele momento praticamente não existia desde a ditadura) existisse. A gente queria muito fazer alguma coisa interessante e não sabia como. Então a gente chegou a começar a ir p'ras escolas panfletar. Fizemos alguns panfletos ótimos sobre *organização estudantil*, a importância disso. Mas era uma coisa muito incipiente. Tanto p'ra nós quanto p'ras pessoas. Ninguém nunca... *Assim*, não existia isso de “histórico de *luta secundarista*”, nada. As pessoas não entendiam que era possível se *organizar* p'ra conseguir alguma coisa da direção, algo do tipo. Aí, a gente ficou durante agosto e começo de setembro *colando* em uma escola ou outra, tentando conversar com as pessoas, fazendo uma coisa ou outra. Mas era uma coisa muito dispersa. Eu mesma estava envolvida, mas não estava conseguindo me achar

nisso. Estava um pouco perdida ainda com isso de “crítica ao PT ou não”. Estava tentando ainda entender tudo isso quando foi anunciada a Reorganização Escolar [pelo governo do estado de São Paulo], no final de setembro. Dia 23 de setembro. (Miss Browne, 10 de junho de 2016, entrevista em profundidade – grifo nosso)

Essa questão da *horizontalidade* é muito interessante porque *botou* a galera para pensar. Falou “ó, vocês aí dentro estão sozinhos, *mano*”. Tudo bem, o *movimento* é grande, mas ninguém vai *tocar a luta*, a *ocupação*, por vocês. Não vai chegar um professor e brigar com você porque você está subindo na mesa e ela pode quebrar ou qualquer coisa. Você tem que parar, ir lá ver as coisas e criar as próprias regras. Isso foi... foi... foi maravilhoso, foi muito bom poder criar coletivamente as regras que vão ser seguidas em um espaço que é coletivo. (Miss Browne, 10 de junho de 2016, entrevista em profundidade – grifo nosso)

Quando você está lá tem que colocar tudo no jogo. Tem que virar e falar “ó, estou preocupada com tal coisa, acho que tem que mudar tal coisa”. Lidar com seus erros e os erros das pessoas. Que são pessoas extremamente comuns, óbvio. Então, como você lida coletivamente com isso sabendo que aquele espaço é muito desgastante? Pois demanda muito tempo, muita energia, muita energia. Tem que estar pensando politicamente o tempo inteiro. E *organizativamente* também. Você não pode simplesmente largar a *ocupação* e *tocar* outra coisa em outro lugar e esquecer que você está lá. Você está lá. Você está em uma *comissão*. A gente se *organiza* em *comissão* de limpeza, alimentação, segurança... Lá no Fernão, a gente tinha *comissão* de informação, que era a que eu participava, era bem pequena, tinha até uma sala, era sensacional. A gente era responsável pela circulação das informações dentro da *ocupação*. Então, se havia uma decisão que tinha sido tomada em *assembleia*, então, todo mundo tinha que estar na *assembleia*. Mas às vezes as pessoas não podem naquele horário e tudo mais. Então, a gente tem que garantir que todo mundo que estiver lá dentro saiba de tudo o que está acontecendo lá dentro e nas outras *ocupações* em geral. (Miss Browne, 10 de junho de 2016, entrevista em profundidade – grifo nosso)

Hoje eu percebo que a gente pode fazer coisas muito grandes, a gente tem muito mais capacidade de *tocar a luta* do que a gente imagina, *assim*, a gente... a gente sabe que as amarras do sistema são muito muito fortes e que acabam levando colegas, amigos, junto nisso que... pode ser o *contrário das ocupações*, podem achar que a gente está fazendo bobagem, mas a gente tem a noção de que quando a gente está junto a gente é muito mais forte do que qualquer diretor, quando a gente está *ocupando* uma escola mesmo em cinquenta alunos a gente tem muito mais autoridade p’ra fazer o que a gente está fazendo do que uma diretora, um diretor chegar lá e falar “isso está errado”. Então, do jeito que eu vejo, é isso. É... é uma necessidade de *tocar a luta*. É isso. As pessoas vivem em condições de vida extremamente precárias em todos os sentidos, se for pensar. Mesmo nas *ocupações* que aconteceram, *tipo*... tem um amigo que *ocupou* a Honório Monteiro no ano passado e eu estava conversando com ele sobre o *movimento* e p’ra ele foi outra coisa totalmente diferente. Ele não gostou de *ocupar escola*. Ele sofreu muito. Foi muito difícil. O *movimento* do tráfico no bairro dele, no Jardim Ângela, e da polícia sendo extremamente violenta, que é uma coisa que a gente não viveu no Fernão, a gente viveu outros tipos de tensões, também por estar o bairro no centro, a gente viveu outro tipo de *movimento*. (Miss Browne, 10 de junho de 2016, entrevista em profundidade – grifos nossos)

Não é como se a gente estivesse em 1900, que tem um programa, tem várias etapas que a gente sabe que um dia a gente vai ter que cumprir e a gente vai chegar ao comunismo. *Sabe*, acho que as coisas hoje estão muito mais em aberto.

Felizmente e infelizmente. A gente não tem muita certeza do que vai ser da gente. Por isso que eu digo que é difícil dizer isso com dezessete anos ainda, tentando, *tipo*, entender o que é o *movimento* da esquerda nos últimos cem, duzentos anos, entender, *tipo*, *sabe*, é muito complexo. Mas sim, eu acredito que, como eu disse, disputar as coisas, disputar o *Estado* é disputar quem que vai oprimir mais, assim como disputar uma *entidade* p'ra mim não significa nada. É mesmo quando a gente fala “ah, se uma *entidade* for *tocar a luta*”, sei lá, *tipo*, “se a UMES for *tocar uma luta*, a gente sabe que...”, tudo bem, *da hora* que eles estão *tocando*, mas é extremamente limitado porque a gente sabe que *o jeito deles de entender política é nessa lógica de dirigente/base, de centralização*, de... *Sabe*, então, acho que é uma tarefa nossa também e que é uma tarefa muito dura e muito difícil, que vai durar muitos anos, que eu pretendo continuar militando, pretendo continuar pensando política, mas vai ser “como é que a gente elabora um socialismo que faça sentido p'ro que a gente está vivendo hoje”, né. (Miss Browne, 10 de junho de 2016, entrevista em profundidade – grifos nossos)

Esse ano e o ano que vem vai ter demanda p'ra ter *luta* e vai ter gente interessada em *tocar a luta*. Então é isso. Se a gente for ver mesmo, *o movimento das ocupações* no ano passado já conseguiu desencadear a *luta* em vários estados do Brasil. Ano passado *rolou* em Goiás. Aí, esse ano, no Rio de Janeiro, no Ceará, Rio Grande do Sul, agora Mato Grosso também tem escola *ocupada*, no Pará *ocupou* uma escola, *tipo*, as coisas estão crescendo muito, muito rápido e é isso. Em menos de um ano cê já teve mais de cinco estados com *escola ocupada*. Acho que isso é uma das coisas mais notáveis. Acho que a tendência é que isso se alastre ainda mais p'ra outros estados do Brasil. E aí, pensando nisso, já teve também *ocupação* no Paraguai, que conseguiram derrubar a Ministra da Educação, está tendo mobilização do Chile de novo. As coisas, *meu*, mesmo o *movimento dos estudantes* na França, *meu*, está botando fogo no país. Acho que todas essas coisas estão conectadas de alguma forma, que é tanto a questão da crise econômica a nível mundial quanto o... como é que é... que é uma frase muito bonita, que eu gosto... ‘se eles globalizam a repressão, nós internacionalizamos a luta’. E é exatamente isso, né. Um momento que se, por um lado, está tendo um ataque dos neoliberais muito pesado contra todas essas questões fundamentais (vai ter muito corte, vai ter muita perseguição), mas também está tendo uma volta de um *movimento*... uma volta não, eu digo, *tipo*, um surgimento de uma nova força de *luta estudantil* que é muito grande. (Miss Browne, 10 de junho de 2016, entrevista em profundidade – grifo nosso)

Agora, as Fábricas de Cultura, que têm uma outra forma de apassivamento das *lutas* e dos *movimentos sociais*, em que você cria um projeto cultural que é muito interessante. As Fábricas de Cultura são muito interessantes porque elas realmente levam cursos de capacitação, levam arte p'ra *periferia*, em lugares que não têm e através... mesmo desse lugar que, teoricamente, é um lugar tão interessante, que os aprendizes podem participar, podem construir e tudo mais, mesmo nesse lugar eles não conseguiram disciplinar ao ponto de a gente não conseguir *tocar a luta*. Então, a gente está conseguindo quebrar essas barreiras de disciplinarização. Só crescendo, né. Está só indo mais além. Mesmo quando não é uma disciplinarização só à base da coerção, quando tem um pouco de consenso, de envolvimento, um pouco mais de participação, a gente entende que aquele lugar é um lugar que também tem que ser *tocado luta*. Então acho que conseguir ultrapassar essas barreiras do apassivamento que tentam criar p'ra gente cotidianamente, acho que é uma coisa que também vai vir por aí, é como é que a gente vai conseguir acabar *ocupando* outros espaços que também são importantes nessas conquistas que a gente está *pautando*. (Miss Browne, 10 de junho de 2016, entrevista em profundidade – grifos nossos)

Então, a articulação do *movimento das ocupações* foi muito importante e foi muito difícil p'ra gente dar esse passo. De não ficar... Às vezes a gente ficava três horas na *assembleia* falando sobre *organização* da cozinha e a limpeza e tudo o mais, que era muito importante. Mas as pessoas idealizam demais. Não era perfeito. Era muito difícil. Era muito difícil fazer as pessoas participarem das *assembleias*. Ainda mais no começo. Elas eram bem cheias, mas... é isso, né: a nossa vida inteira a gente não é ensinado a se *organizar* sozinho, ainda mais no *movimento* político. A gente é ensinado a depender ou, sei lá, a *tocar* suas coisas sozinho ou não fazer as coisas. Então, ter a noção de que você precisava se *organizar* sozinho p'ra *tocar* qualquer coisa foi muito importante. Eu parei de ser tímida nas *ocupações*, pois você era obrigado a conversar e a articular com as pessoas, você era obrigado a lidar com as pessoas, qualquer tipo de pessoa. E aparecia, *assim*, gente *muito louca*, aparecia gente oportunista de vários *partidos* diferentes, aparecia pai, aparecia advogado, jornalista e você tinha que saber lidar com todo mundo, era um imperativo. A gente tinha que decidir as coisas no coletivo, fazer essas *assembleias* longuíssimas, porque não importava o que você achava melhor, você tinha que decidir as coisas junto. Você tinha que convencer as pessoas que a sua ideia era melhor ou perguntar p'ras pessoas o que elas achavam quando você estava perdido. (Miss Browne, 10 de junho de 2016, entrevista em profundidade – grifos nossos)

Mais à frente, nas palavras de Ana Rosa:

Quando as primeiras escolas foram *ocupando* e depois a *galera* só dava ênfase nas escolas, *tipo*, o Fernão e tal, sendo que a primeira escola foi a Diadema. Tiveram muitas escolas, *tipo*... a escola que eu *ocupe*, que era o Josepha, que era em Jandira... *tipo*... as pessoas não percebiam às vezes, não tinha essa migração... as pessoas do centro migravam p'ras *escolas ocupadas* do centro e esqueciam dos *extremos*, *sabe*? Só que a gente nem precisava deles. A gente mesmo tinha uma potência que a gente acabou descobrindo. E aí foi ótimo, *assim*. A gente se juntou, todas as escolas, *tipo*... de Jandira, Carapicuíba, Osasco, ... todo mundo se juntou p'ra *ocupar* as suas escolas *assim*, *sabe*? E descobriu que a gente também tinha força p'ra *tocar a luta* na nossa *quebrada*. (Ana Rosa, 16 de julho de 2018, entrevista em profundidade – grifo nosso)

Conforme veremos ao longo do trabalho, a expressão *tocar a luta* faz parte de uma cultura *secunda*. Nestes termos, *tocar a luta* consiste em uma categoria de pensamento que opera, inclusive, na concepção de *organização* que este estudo objetiva tematizar. Em consequência, *tocar a luta* pronuncia aspectos de um modo próprio de conceber *luta política*, por sua vez, preenhe nos 'novíssimos' *movimentos* dos quais falávamos antes.

Pensando nisso coloquei *tocar a luta* no título. Por último, porém não menos importante, o subtítulo deste trabalho tem por inspiração o estudo *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*, de Loïc Wacquant ([2001] 2002).

CAPÍTULO I – PASSOS PARA CONSTRUÇÃO DE UM CAMPO ETNOGRÁFICO

— *Salve, salve Martelo!*
— *E aí, Foice, firme, mano?*
— *Firme não, né, tio! Cê é loko, o Alckmin aí fudendo com os estudantes, mano!*
— *Cê é loko, eu ouvi dizer, né, mano, vai fechar uma pá de escola. O cara fecha escola e abre cela, não tô nem entendendo, tio! Mas é isso, eu ouvi dizer que os estudante' tá tudo organizado, né não?*

*O Estado veio quente
Nóis já tá fervendo (2x)*

*Quer desafiar
Não tô entendendo
Mexeu com estudante
Vocês vão sair perdendo*

*(Por quê?)
O Fernão é Escola de Luta
Andronico é Escola de Luta
Ana Rosa é Escola de Luta
Fica preparado
Que se fecha
Nóis ocupa*

*(Vai, vai)
Antonio Viana é Escola de Luta
Salim Maluf é Escola de Luta
EE Julieta é Escola de Luta
Fica preparado
Que se fecha
Nóis ocupa*

— *Estudante tudo zica, mano, só na luta autônoma organizada, nóis tem que incentivar essa porra, tio.*
— *É isso, tio, é nóis por nóis, né mano? Porque tá fudendo pro nosso lado, se nóis não se organizar, mano, cê é loko, tio. Mas é isso, o recado é esse, né não? P'ra cada escola que ele fechar nóis vai ocupar é duas, tio.*
— *Cê é loko, não podemos deixar os companheiros p'ra trás não, mano. Cê é loko, nenhuma escola a menos.*
— *É isso, tio, nenhuma escola a menos, carrralho!*

MC FOICE E MARTELO, “Escolas de luta” (27/10/15)

Neste capítulo, proponho-me o seguinte roteiro: a primeira parte do capítulo consiste em uma crônica composta a partir das entrevistas que integram este trabalho e que se refere aos primeiros quatro dias de *ocupação* da Escola Estadual Fernão Dias Paes, a primeira escola *ocupada* na capital paulista, algumas horas após a primeira escola *ocupada* no estado, na cidade de Diadema, localizada na região metropolitana da capital. Na segunda parte exponho breves palavras sobre o campo de debate transdisciplinar que vem se constituindo em relação às *ocupações secundaristas* em 2015 e 2016 no Brasil. Na terceira parte apresento um micro-relato de momentos decisivos que possibilitaram realizar esta etnografia com Secundaristas em Luta de São Paulo. Vale mencionar que esta parte também está escrita na forma de crônica, referindo-se a momentos decisivos a partir dos quatro meses finais de 2015. Na quarta parte objetivo apresentar informações indicativas acerca do Centro Paula Souza, conforme a autarquia se dá a ver em termos oficiais. Nas partes subsequentes demonstro os primeiros passos na construção do campo etnográfico em uma *ocupa*, em *assembleias*, em véspera de reintegração de posse, entrevista em profundidade. Depois, passarei ao próximo capítulo, então, com uma crônica-análise a partir das anotações ao correr da pena durante o encontro de troca de experiências via *chat* entre *estudantes* de São Paulo (SP) e do Chile.

1.1 Dos primeiros quatro dias na *ocupação do Fernão*

Não se sabia como desligar o sinal da escola. Toda vez que o sinal batia, comemorava-se por estar uma hora a mais na escola. Não importava o que se estava fazendo ou em qual local da escola se encontrava: a cada hora, cada pessoa, ao soar do sino, subitamente, arremessava-se em uma grande algaravia. Baterias de palmas, gritos de felicidade, abraços. Todo mundo, sonoramente, engalfinhado. Pelos cantos da *ocupa* exalava a comemoração (como um rememorar em comunhão). Ocorre que os primeiros quatro dias na *ocupação do Fernão* foram uma pedreira: pouco se dormia, mal se alimentava, sempre em estado de alerta, a força bruta do Estado rondava. Parecia uma tormenta de verão a seco. Tempo quente. Muito mosquito. Muito, muito mosquito, ratos, baratas.

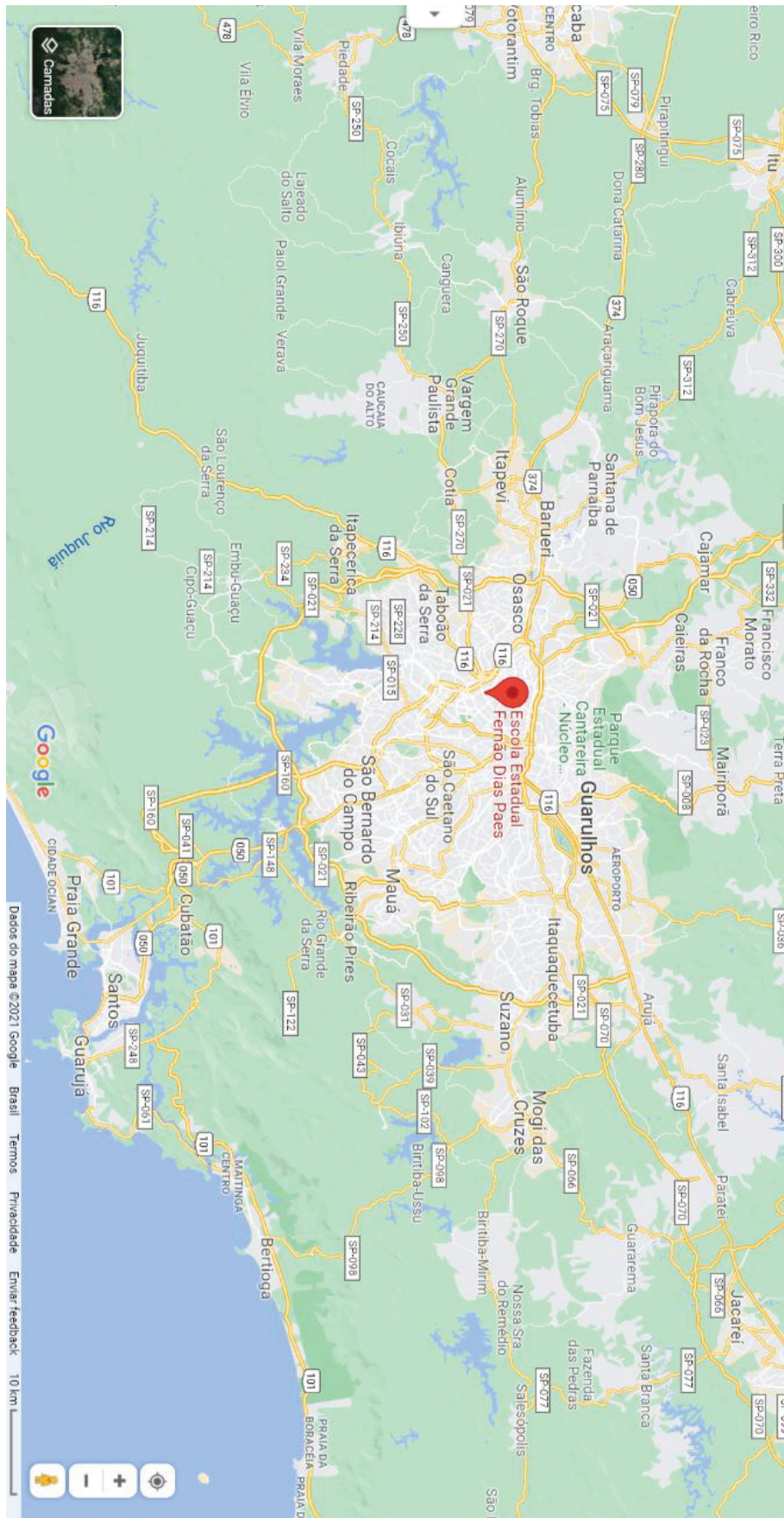
No quarto dia da ocupação uma chuva forte rasgou-se em nascimento. Todo mundo estava no portão gradeado da escola escutando o oficial de justiça ler que, juridicamente, a ocupação poderia continuar. Enquanto estavam terminando de escutar a

leitura da decisão do juiz (que entendeu pela plena legitimidade da *ocupa* por ser esse um movimento dos estudantes pelos estudantes), estavam pasmos com esse inesperado entendimento favorável. Após a voz do funcionário da justiça terminar de soar essa decisão, *secundas* fizeram um jogral que falava como a *luta dos estudantes autônomos* conseguiu o impedimento da reintegração de posse prevista para aquele dia. Quando estavam terminando o jogral, começaram a cair pingos fortes de chuva aqui e ali, um e outro. Sem cerimônia. De repente: torrentes!

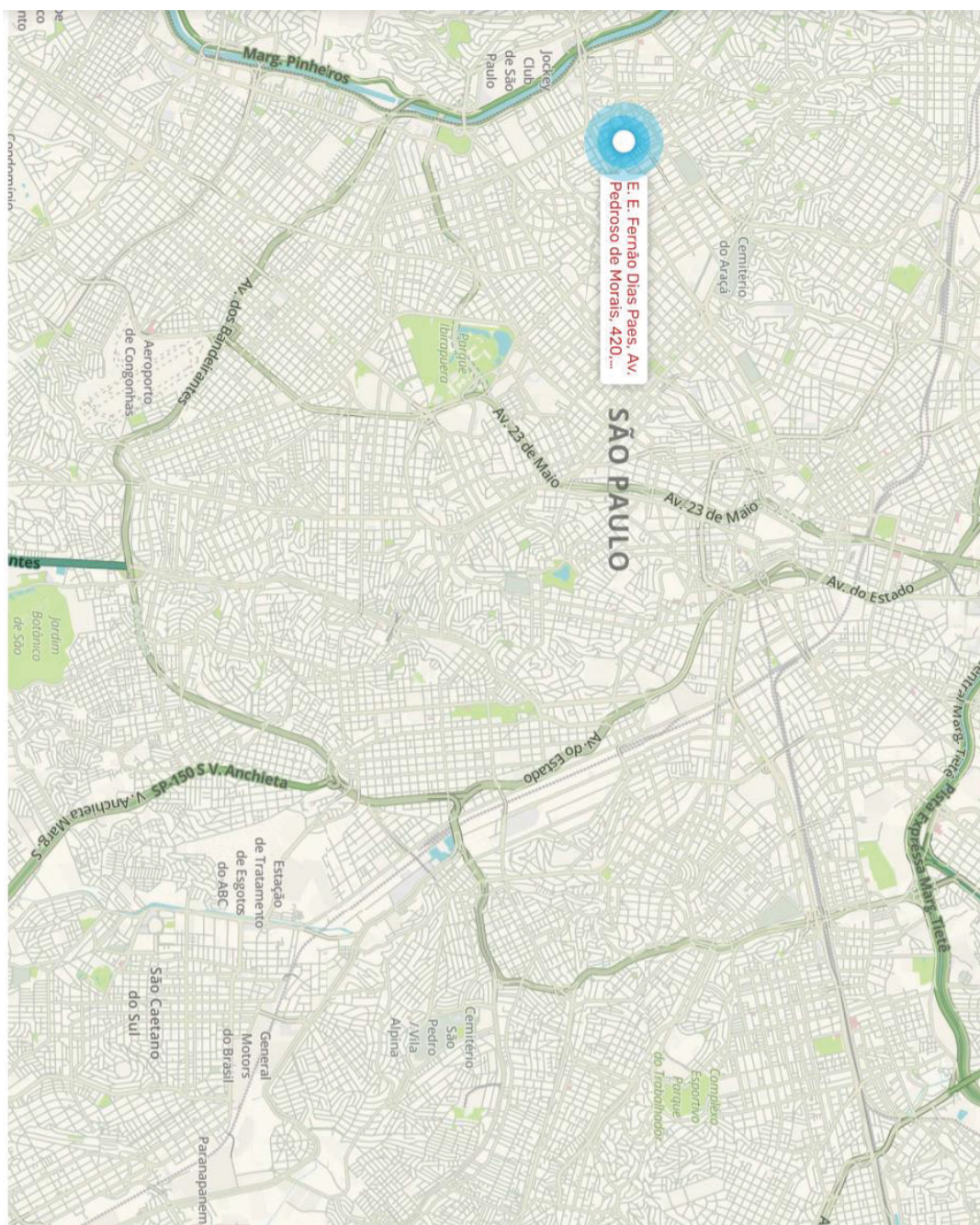
— Era uma chuva que durou, *meu*, horas. Essas tormentas de verão superpesadas, disse Miss Browne, lembrando no dia dez de junho de 2016.

Toda a gente que estava na calçada da frente da escola, em vigília, durante aqueles quatro dias tesos, apoiando a ocupação, então, naquele momento, não sabia bem o que fazer: dançar na chuva ou correr dela? Dançaram e depois correram buscando guarida. Já os policiais, que rodeavam o quarteirão da escola em um cordão, dispersaram-se buscando abrigo. A chuva não dava arreglo. Era uma tormenta de verão. Os estudantes comemoravam. Dessa vez, misturando-se à chuva, arremessaram-se diferentemente naquela grande algaravia. Cantorias e corredeiras de felicidade, tomando banho de chuva no pátio de sua própria escola.

Antes disso, tateando pela escola, finalmente, descobriram como se fazia para desligar o toque do sino. Enfim, o autômato da escola parou de se bater. Parou. Silêncio. Cai ainda a tormenta de verão. São os sons da memória que escutamos no concreto do Fernão. São sons de saudação a uma tormenta de verão.



(Figura 3 Mapa, Escola Estadual Fernão Dias Paes na região oeste da cidade de São Paulo. Fonte: Google Maps.)



(Figura 4 Mapa, Escola Estadual Fernão Dias Paes em relação à Marginal Pinheiros e à Marginal Tietê. Fonte: Waze.)

1.2 Sobre a produção bibliográfica acerca das *ocupações secundaristas* em São Paulo

Junto aos percursos etnográficos, esta tese se baseia também em pesquisa bibliográfica a respeito de trabalhos acadêmicos sobre o *movimento secundarista* no Brasil, não obstante, enfocada no estado de São Paulo em 2015 e 2016. Desde março de

2019, teve início a pesquisa nacional “Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: formação e auto-formação política das e dos ocupas”¹⁵. Nesta pesquisa, tem sido reunido um conjunto exaustivo de publicações a respeito do *movimento das ocupações estudantis* no Brasil de 2015 e 2016. Foram consultadas as bases de dados SciELO, Google Acadêmico e o Portal Domínio Público da CAPES, selecionando artigos, livros, capítulos de livros, teses de doutorado e dissertações de mestrado. Em relação ao *movimento* de São Paulo (SP), foram localizadas até janeiro de 2021 o total de 40 produções, algumas das quais serão citadas ao longo desta tese. São Paulo foi o estado com maior número de produções encontrados nesta pesquisa, seguido pelo Paraná, confirmando a importância dos dois estados na sequência de momentos pela qual passou o *processo das ocupações*.

¹⁵ Projeto de pesquisa coordenado por Luís Antonio Groppo (UNIFAL-MG), apresentado à Chamada Universal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de 2018 (processo 428160/2018) em conjunto com equipe da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/campus Sorocaba), Universidade de São Paulo (USP), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP/campus São Paulo), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Universidade da Fronteira Sul (UFFS/campus Chapecó), Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS) e Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Com o andamento do projeto de pesquisa, outras instituições o integraram: Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente, o projeto está organizado em dez equipes: equipe 1 – Minas Gerais, coordenada por Luís Antonio Groppo (UNIFAL-MG); equipe 2 – São Paulo, coordenada por Kimi Tomizaki (USP); equipe 3 – Espírito Santo, coordenada por Lívia de Cássia Godoi Moraes (UFES); equipe 4 – Pará, coordenada por Ronaldo Marcos de Lima Araújo (UFPA); equipe 5 – Paraná, coordenada por Ana Luisa Fayet Sallas. Equipe 6 – Rio Grande do Sul, coordenada por Rodrigo Manoel Dias da Silva (UNISINOS); equipe 7 – Santa Catarina, coordenada por Willian Simões (UFFS/campus Chapecó); equipe 8 – Ceará, coordenada por Flávia Alves de Sousa (UERJ); equipe 9 – Rio de Janeiro, coordenada por Adriana Alves Fernandes Costa (UFRRJ); equipe 10 – Goiás, coordenada por Flávio Munhoz Sofiati (UFG). Todos os integrantes de cada equipe podem ser conferidos no sítio eletrônico da pesquisa (Disponível em < <https://www.ocupacoesestudantis.com.br/equipe> >. Acesso em 9 dez. 2021). O resumo do projeto sintetiza que “A pesquisa *Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: formação e auto-formação política das e dos ocupas* trata dos sujeitos que participaram das ocupações de escolas públicas de Ensino Médio, em diversos estados do Brasil, de novembro de 2015 a dezembro de 2016. Essas pessoas se chamaram, durante o movimento, de ocupas. O objetivo da pesquisa é compreender a efetividade e a generalidade daquilo que foi indicado por outras investigações, a saber, o profundo impacto subjetivo causado nas e nos ocupas pelo processo de ocupação e pós-desocupação de suas escolas, que influenciou no seu processo de (auto)formação como sujeitos políticos. A pesquisa se baseia principalmente em dados qualitativos, entretanto, busca considerar a diversidade de cenários das ocupações, com instrumentos como: revisão bibliográfica de trabalhos acadêmicos sobre o movimento das ocupações de 2015 e 2016; levantamento de ocupas para entrevistas, a partir de rede de contatos acadêmicos e políticos da equipe de pesquisa, no Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Ceará e Pará; realização das entrevistas, de caráter semiestruturado, com estudantes que participaram ativamente das ocupações de escolas de ensino médio, para conhecer o impacto do movimento e do pós-desocupação em sua formação como sujeitos políticos; e construção de textos de divulgação e/ou documentários com resultados parciais da pesquisa, para serem debatidos com atuais estudantes de ensino médio e jovens que foram ocupas.” Disponível em: < <https://ocupacoesestudantis.com.br> >. Acesso em: 9 dez. 2021.

Ao mesmo tempo, sublinha a centralidade de produção acadêmica nas regiões Sudeste e no Sul do país.¹⁶

Tal centralidade é ressaltada, inclusive, pelo fato de que todos os produtos pertencem a autorias das regiões Sudeste e Sul, com grande dianteira de São Paulo (32 produções), quase todas pertencentes a instituições universitárias, em sua grande maioria públicas. Instituições de Minas Gerais tiveram 3 produções; Santa Catarina e Paraná tiveram, cada qual, 2 produções; enquanto Espírito Santo e Rio de Janeiro tiveram 1 produção cada. Entre essas produções, destacam-se os artigos (24), seguidos por dissertações de mestrado (9). Temos 3 capítulos de livro, 3 teses de doutorado e 1 livro. O ano com maior número de publicações foi 2017, com 11, seguido por 2016 (9). 2018 teve 6 publicações, número que subiu para 8 em 2019 e caiu para 5 em 2020. 2021 teve 1 publicação.

A área de conhecimento com maior número de produções foi a Educação, com 18 publicações. Chama a atenção a quantidade de produtos da área da Comunicação (8), que fica na terceira posição apenas se somamos as diferentes ciências sociais citadas (sociologia, ciência política, antropologia e política social) em uma única área (9 produções). Há um relativo interesse da psicologia pela temática, com 2 produções, enquanto têm apenas 1 produção cada o Direito, a Geografia e a História.

Todas as produções trataram do movimento paulista em 2015 e apenas 5 incluíram análises significativas a respeito de sua continuidade em 2016 no mesmo estado. 22 produções trataram do contexto estadual, enquanto 11 se restringiram à capital, 3 focaram municípios do interior e 4 analisaram produções audiovisuais e redes sociais. Os temas em destaque versaram, sobretudo, sobre aspectos políticos, tais como ação coletiva, identidade coletiva, engajamento e autogestão (12 produções). A seguir, cada qual com 6 produções, práticas formativas dentro das escolas *ocupadas* e análises sobre mídia, imprensa e redes sociais da Internet. A seguir, trabalhos mais internalistas e descritivos (3 produções), sobre o tema amplo de democracia e escola (3), significado do movimento para as e os *estudantes* (2), gênero (1) e relação com a sociedade civil (1).

Entre as produções que partem da abordagem metodológica de “coleta” de dados e/análise informada, se destacam as entrevistas (individuais ou coletivas, com 9 produções) e a pesquisa documental (8). Note-se que foi considerada a quantidade de metodologias de observação participante, por isso uma produção pode ter duas ou mais

¹⁶ As produções de livre acesso reunidas pela pesquisa nacional estão disponíveis no site da pesquisa. Disponível em: < <https://www.ocupacoesestudantis.com.br//acervo> >. Acesso em: 4 dez. 2021.

menções. É por isso que, apesar de ter apenas 1 produção concentrada na área do Direito, encontramos 5 produções que fazem uso da análise de material jurídico. Se somarmos as diversas metodologias usadas para a análise de mídia, imprensa e redes sociais, teremos 8 menções (análise visual, de redes sociais, de discurso e de conteúdo). Versões da pesquisa etnográfica, como a observação participante, receberam 4 menções. Encontramos ainda, análise filosófica (3), revisão bibliográfica (3), grupos focais (2), estudos de caso (2) e, com uma menção cada, análise espacial, análise de políticas educacionais e relatos de lideranças.

Os referenciais teóricos e conceituais mencionados trazem diversidade ainda maior, em suas 48 menções. Podemos agrupar as principais menções em: marxismo (6 menções, incluindo 2 a Gramsci); teorias autonomistas (em que se destaca o socialismo autonomista, 4); Jacques Rancière (3); e pós-estruturalistas (2). Chama a atenção o quanto Rancière, autor-chave para a pesquisa nacional, tem sido usado como referência nas investigações sobre o *movimento* em São Paulo (SP). Entretanto, há poucas produções que adotam as teorias dos movimentos sociais como referência central, tal qual Groppo buscou fazer no relatório da pesquisa nacional (GROPPO, 2021), apenas 2 (cada qual se reportando a Charles Tilly e Alberto Melucci).

Neste quadro geral, o diferencial de minha pesquisa é ter focado uma etnografia em 2016, continuação do movimento e, então, na *ocupação* do Centro Paula Souza, por sua vez, continuando a acompanhar os próximos passos da *luta no pós-ocupação*. As entrevistas que realizei para esta pesquisa foram entrevistas em profundidade, fazendo uso circunstancial de roteiros preparados por mim para cada entrevista, os quais levam itens comuns na sua maior parte. Os roteiros estão compostos por questões que perpassam a trajetória escolar, formação política, participação em *ocupações* e percursos *pós-ocupações*, entre reflexões explicativas sobre o *movimento* desde a perspectiva de *lideranças informais*. As 9 pessoas entrevistadas receberam o convite a partir de contato direto comigo, no contexto das interações constituintes da interlocução etnográfica. 1 pessoa foi entrevistada 4 vezes (2 vezes em 2016, 1 em 2017 e 1 em 2018), primeiro sozinha (em 2016) e, depois, em dupla. 2 pessoas foram entrevistadas 2 vezes, cada qual primeiro em 2016 e, novamente, em 2020. Então, trata-se de um conjunto com 13 entrevistas. As entrevistas duraram entre 42 minutos e 4 horas e meia. Com exceção das duas primeiras, as demais entrevistas foram gravadas; todas foram transcritas por mim e parafraseadas para integrar este texto, buscando a produção de anonimato dos interlocutores. As primeiras 10 entrevistas foram realizadas de modo presencial: 8 em

2016, 1 em 2017, 1 em 2018. As outras 3 foram realizadas de forma remota: 1 em 2019 e 2 em 2020, fazendo uso de chamada de vídeo pela plataforma *Zoom* (1) ou a *WhatsApp* (2).

As entrevistas representam experiências heterogêneas de participação no *movimento* em relação à região de localização das escolas e *Etecs ocupadas*. Desse modo, entrevistei 4 pessoas da região central da cidade de São Paulo, 1 pessoa em trânsito da *periferia* para a região central, 1 pessoas da zona leste, 1 pessoa da zona oeste, 1 pessoa do *extremo* da zona oeste, 1 pessoa do *extremo* da zona norte. 4 pessoas entrevistadas são mulheres e 5 são homens. 6 *secundas* eram *independentes* quando *ocuparam* suas escolas e 3 pertenceram a 2 coletivos autonomistas (primeiro o G.A.S., depois O Mal-Educado), nenhuma das pessoas entrevistadas em profundidade pertenciam a juventudes partidárias e/ou sindicais, não obstante, dentre o conjunto de interlocutores com os quais realizei entrevistas informais, existiam pessoas com vínculo partidário e/ou com *entidades*; a exemplo de Martin Egídio (ligado à Juventude do PT e a parcelas dissidentes da diretoria da UNE em 2015) e João Kopke (ligado ao *Juntos*, do PSOL), entre outros, conforme se desdobrará ao longo das páginas subsequentes. Poderia ter entrevistado mais pessoas e mais vezes a mesma pessoa, porém não o fiz somente por questões de limitações de tempo, muito embora os laços de confiança com mais interlocutores propiciassem o convite para entrevista em profundidade. As 9 pessoas que entrevistei são consideradas *lideranças informais*, bem como o conjunto de interlocutores desta pesquisa está composto majoritariamente por *lideranças informais*. Portanto, uma vez que esta etnografia parte da *ocupação do Centro Paula Souza*, na qual estiveram reunidas pessoas consideradas com mais experiência das ocupações de 2015, desde o primeiro momento estive em contato com este segmento dentre *secundas*, qual seja, *lideranças informais*.

Em relação ao *processo das ocupações secundaristas* em São Paulo (SP) entre novembro de 2015 e janeiro de 2016, “o único antecedente de que temos notícia é a ocupação da Escola Estadual Prof. Luiz Carlos Sampaio, em Nova Andradina (Mato Grosso do Sul); seus *estudantes* a *ocuparam* para evitar que a unidade fosse municipalizada.” (MEDEIROS *et alii*, 2019, pp. 19-20). A propósito deste antecedente, localizo que “o manual [*Como ocupar um colégio?*] toma o episódio como emblemático, tal qual a luta dos estudantes chilenos e argentinos.” (CAMPOS, *et alii*, 2016, p. 57). Por outro lado, em relação à *luta das ocupações secundaristas* no Brasil, em 2015 e 2016,

o movimento grego de ocupação de escolas seria o único numericamente maior que o movimento paranaense: entre 1990 e 1991, foram ocupadas mais de 2 mil escolas (ao menos uma em cada cidade do país) contra uma reforma educacional neoliberal.” (MEDEIROS *et alii.*, 2019, pp. 19-20)

A emergência e disseminação do *movimento estudantil* de São Paulo (SP), em 2015 e em 2016, alastrou-se

no espaço, no tempo e no tipo de instituição pública: (i) no espaço, não apenas por se espalhar por todo o estado, mas também por inspirar movimentos semelhantes, com pautas estaduais, em Goiás, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Ceará, e até um movimento similar no Paraguai; (ii) no tempo, por ter se repetido novamente em São Paulo em abril e maio de 2016, e ainda por ter motivado a segunda onda de ocupações, iniciada em outubro de 2016 no Paraná; (iii) no tipo de instituição pública, por inspirar a ocupação de prédios administrativos (como Diretorias de Ensino e o Centro Paula Souza em São Paulo), outras instituições educacionais (como institutos técnicos federais e universidades públicas) e instituições culturais (como as Fábricas de Cultura, em São Paulo) e políticas (como a Assembleia Legislativa de São Paulo [ALESP]). (GROPPO *et alii.*, 2022, no prelo)

Estima-se que, entre novembro de 2015 e janeiro de 2016, 219 escolas foram *ocupadas*: o governo do estado de São Paulo reconheceu 200 escolas *ocupadas*; o Centro de Mídia Independente (CMI) contabilizou 219 escolas *ocupadas* (ROMANCINI; CASTILHO, 2017); a APEOESP estimou 213 escolas *ocupadas* (MARTINS *et alii.*, 2016); algumas poucas escolas continuavam ocupadas na primeira quinzena de janeiro, sendo que as duas últimas foram *desocupadas* no dia 19 (HAYASHI *et alii.*, 2017).

No segundo momento do *movimento* de São Paulo, em 2016, Carmosina, uma das protagonistas de meu trabalho, estima que “15 escolas técnicas [Etecs] e 3 diretorias de ensino foram *ocupadas* enquanto durou a semana de *ocupação do CPS* [entre 28 de abril e 6 de maio]” (Diário de campo, 21 de maio de 2016). Quanto às *ocupações* de instituições culturais, interlocutores de pesquisa me fizeram saber de 3: *ocupação* da Casa das Rosas, também segundo Carmosina (Diário de campo, 16 de julho de 2016), e *ocupação* das Fábricas de Cultura do Capão Redondo e da Brasilândia, segundo Miss Browne (Entrevista em profundidade, 10 de junho de 2016). Portanto, é factível que 21 *ocupações secundaristas* em 2016 tenham composto o segundo momento do *movimento* em São Paulo, em 2016, com a *luta das Etecs* e seus desdobramentos na *luta tocada* nas Fábricas de Cultura; estimo que o número de Fábricas de Cultura seja um pouco maior e as informações que disponho para estes números são diretas de interlocutores, desconheço publicação com tais números.

Ditas estas breves palavras sobre a produção bibliográfica acerca do *processo das ocupações*, enfocando São Paulo, passo agora a narrar sobre como surgiu esta etnografia.

1.3 Como surgiu esta etnografia?

Início com um pequeno pontilhado cujo objetivo é expor conexões entre este estudo e pesquisas anteriores, que compuseram o percurso dos problemas de pesquisa com os quais lidei até aqui. Na graduação em Ciências Sociais, realizada na Universidade Estadual de Londrina (UEL), encaminhei os passos para a antropologia das juventudes a partir do segundo ano do curso. Por essa trilha, a monografia de conclusão foi construída com orientação em antropologia. Naquela pesquisa, etnografei (entre 2006 e 2008) em textos de uma revista eletrônica, a *Carcasse – Arte e Cultura Obscura*; construí interlocução de pesquisa com editores e articulistas, principalmente, via correspondência eletrônica (*e-mail*) e conversas em tempo real via *msn*; viajei à cidade de São Paulo para conversas face a face, bem como para percursos pela cidade na companhia do roteiro de um dos articulistas, que me mostrava lugares relacionados com a *cena* gótica e com a cidade de São Paulo. A *Carcasse* e seu fórum eram considerados pelos interlocutores como importantes ferramentas no reflorescimento da *cena* gótica em São Paulo (SP) e em outras partes do país durante a primeira metade dos anos 2000. A questão principal com a qual lidei na monografia perguntava como são elaboradas as representações da morte entre góticos? Pude perceber que o lugar dessa elaboração não eram as conversas de bar ou algo dessa ordem de sociabilidade. O lugar dessa elaboração eram os fazeres artísticos, sobretudo, musicais. Nesse quadro, a pesquisa para a monografia esteve localizada no campo de antropologia das juventudes, sobretudo, em seu seguimento mais voltado a pensar sobre o lazer e as micropolíticas no cotidiano. No mestrado, realizado junto ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (atualmente, Programa de Pós-graduação em Antropologia e Arqueologia) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), etnografei (de 2009 a 2011) em duas edições de um festival de *gothic rock* e tipos musicais afins, o Festival Woodgothic, que reunia bandas de quase todas as regiões do Brasil, com exceção da região norte, na cidade de São Thomé das Letras (MG). O *Wood* também era composto por bandas de outros países, como França, Alemanha, Espanha e Chile. Por esse caminho, construí interlocução de pesquisa com os organizadores do Festival e com músicos das bandas. Mantínhamos correspondência eletrônica (*e-mail*) e

conversas via *msn* e *Facebook* antes e depois dos dias de realização do Festival; viajei à cidade de São Paulo duas vezes antes da realização do Festival para entrevistas em profundidade com os organizadores do evento e também com um dos editores da *Carcasse*, que fora interlocutor na pesquisa anterior. Então, na dissertação para o mestrado, a pesquisa continuou localizada no campo de antropologia da juventude, principalmente, em seu segmento mais voltado aos estudos do vínculo entre juventudes e lazer, neste caso, a partir de fazeres artísticos. Pude perceber que as engenharias para o lazer por fazeres artísticos elaboravam e operacionalizavam micropolíticas nesse contexto, produzindo, por sua vez, *transversões* da morte, mais do que transgressões em relação às representações da morte prenes no cotidiano e oriundas, via de regra, da linguagem da biomedicina. Nesse quadro, a monografia de graduação consistiu em um estudo histórico-teórico sobre a categoria juventude, articulado a um gesto inicial no fazer etnográfico. E a dissertação de mestrado consistiu em um estudo mais denso em termos do fazer etnográfico, articulado à continuação da reflexão sobre juventudes e micropolíticas. Já na tese para o doutorado, a pesquisa continua localizada no campo de antropologia da juventude, não obstante, desta vez, em seu segmento mais voltado ao estudo do vínculo entre juventudes e fazeres políticos. Então, nesse percurso, existe na pesquisa de doutorado a indicada diferença, que é significativa sob vários aspectos. Se na graduação e no mestrado estava dedicada a pensar em micropolíticas, agora passava a articular juventudes e *atuação política, militância, ativismos*. Todavia, com a continuidade da dimensão lúdica das práticas.

Passo agora à segunda parte desta reflexão, que visa expor um pontilhado de outra ordem. Trata-se de irmos direto para o ano de 2015, perguntando como vim a etnografar com Secundaristas em Luta de São Paulo. Como foi a emergência da etnografia que embasa esta tese?

Era final de 2015, setembro, outubro, novembro e dezembro. Estava estudando com vistas à preparação de um projeto de pesquisa para seleção de doutorado. Fazia revisão bibliográfica no campo de estudos em antropologia e sociologia das juventudes, pensando em fazer uma pesquisa não-etnográfica. Ao mesmo tempo, fazia revisão bibliográfica nos escritos de Gregory Bateson e em um conjunto de estudos sobre sua obra. Estava formulando uma questão de modo que estudaria os arquivos de Bateson. Havia feito contato com Mary Catherine Bateson, filha mais velha do autor, que escreveu com seu pai, pelo menos, os dois últimos livros (*Mind and Nature: A Necessary Unity*,

de 1979, e *Angels fear: Towards an Epistemology of the Sacred*, publicado postumamente, de 1987.) Também havia feito contato por correspondência eletrônica (*e-mail*) com David Lipset, biógrafo de Bateson em vida, parceiro de estudos, participando junto em projetos de pesquisa com o autor (conforme se lê em *Gregory Bateson: The Legacy of a Scientist*, de 1980). A questão com a qual estava lidando etnografaria nos arquivos de Bateson e perguntava sobre a relação entre o significante “ação” e o significante “juventude”, precisamente, a partir do aprofundamento de uma proposição que Bateson esboçou no final da vida e que, em um sentido, permanece pouco estudada, qual seja, “uma teoria da ação no mundo vivo” (BATESON e BATESON, [1987] 2005, p. 9). Então, os estudos nos arquivos de Bateson comporiam um caminho para pensar o significante “ação” articulado, por outra parte, com uma reflexão acerca do significante “juventude” a partir de um conjunto bibliográfico em história do pensamento antropológico sobre as juventudes.

Nesse quadro, uma mudança de rumos aconteceu quando comecei a tomar contato com informações que davam notícia da mobilização de *estudantes* do Ensino Médio e Fundamental, acontecendo na cidade de São Paulo, região metropolitana e interior. Escutei pela primeira vez a respeito das mobilizações pelo rádio, precisamente, sintonizado na transmissão AM da Companhia Brasileira de Notícias (CBN-SP). Passei os dias subsequentes colada às ondas sonoras para mais informações a respeito dos acontecimentos que estavam “estourando” o radinho. Passaram dias para que eu visse a primeira imagem dos *atos de rua*, o que vim a acessar via matérias de jornais impressos.

Nesse período, residia em São Paulo (SP) pela segunda vez. (A primeira vez transcorreu entre agosto de 2011 e julho de 2013). A segunda, a partir de abril de 2014, continuando até agosto de 2018. Voltei a viver na cidade de São Paulo em 2014 quando passei a trabalhar na assessoria da Secretaria Geral Nacional da CUT-Brasil, desde abril de 2014. Desde então, via de regra, todo o tempo que permanecia em casa, colocava o rádio ligado. De preferência, sintonizado em estações da rede AM, mas também alternava para FM. O sentido dessa presença do pequeno rádio era buscar dar conta, em alguma medida, do fato de que se faz necessário escutar também o que reverberam pelas empresas da imprensa empresarial, por falta de termo melhor. Ou seja, não apenas escutar, ler, assistir, material produzido pela *imprensa livre e independente*, nos termos de Neyde, mãe de Carmosina, ambas interlocutoras desta pesquisa.

Em outro aspecto, por escolha, desde abril de 2014 estava sem *Internet* em casa, como disse, quando passei a residir novamente na cidade de São Paulo. Tampouco havia televisão. Sequer havia celular com acesso à *Internet* de fato, pois o aparelho era envelhecido ao ponto da impossibilidade de uso da *Web*. Dispunha de um aparelho telefônico do tempo de botões de borracha, revestido de plástico e avariado por mordidas de uma cadela filhote. Quando instalei *Internet* foi uma decisão voltada para os fins do processo de seleção para o doutorado, no início de 2016, para poder submeter os documentos digitalizados, acompanhar as etapas do processo seletivo. Eu não queria ter *Internet* em casa, adiei ao máximo. Vale dizer que não havia por perto de casa (na rua da Mooca, região da Mooca Baixa, na divisa com o bairro do Brás) uma loja na qual se paga por minutos de acesso à rede, a exemplo de *Lan House*, *Cyber Café* ou assemelhadas. O que havia a uma distância significativa era uma loja de parafusos que disponibilizava um computador para acesso à página do edital da seleção e para impressão do edital; uma loja de parafusos pequenininha, de pintura envelhecida e escassez de produtos no ramo das ferragens. O computador era lento e antigo. O horário de funcionamento da loja era ao gosto do proprietário, um senhor de idade para além dos setenta. Algumas vezes necessitei acessar *Internet* e, no horário comercial, a loja estava fechada. Então, por toda essa circunstância, finalmente, instalei *Internet* em casa durante janeiro de 2016. Não tão rápida foi a mudança de telefone, pois permaneci com o aparelho de botão de borracha e plástico avariado até fevereiro de 2017. Eu não queria *Internet* no telefone também e, igualmente, adiei ao máximo. Durante fevereiro de 2017 acabei por me convencer a ceder novamente, adquirir um *smartphone*. Somente então passei a usar aplicativos como *WhatsApp* e assemelhados. Cedi ao uso de *Internet* no telefone por necessidades do trabalho na assessoria da CUT-Brasil, a partir de agosto de 2016, quando passei à Secretaria Nacional de Políticas Sociais e Direitos Humanos, primeiro mandato da Secretaria com a adição de atribuições estatutária referentes às duas últimas palavras, direitos humanos, e segui até agosto de 2018.

Voltando ao momento em que pude escutar pela primeira vez a respeito das *mobilizações secundaristas*, após passar a inteirar-me um pouco sobre o que estava acontecendo a partir de setembro de 2015, então, foram sacodidas minhas inquietações de pesquisa formuladas até aquele momento como preparativos do projeto para o doutorado. Passei a acompanhar de longe o *processo das ocupações*. Nesse período, de setembro a dezembro de 2015, não fui a *ocupação de escola* alguma. Ocorre que eu

gostaria de ir, contribuir de alguma forma se possível, fazer uma roda de conversa ou algo parecido, se fosse o caso. Muito embora esse fosse o meu posicionamento cá com meus botões, ao mesmo tempo, não poderia ignorar a tensão que me fez deixar de ir a uma *ocupa* naquele momento. Trata-se do fato de que se eu fosse a uma *ocupação de escola* ou a um *ato de rua* naquele preciso momento da *luta* seria um modo descurado de encarar o próprio fazer etnográfico. Isso porque, avaliei que a maneira de iniciar os primeiros passos rumo a um trabalho de campo etnográfico com *secundas* não seria estando pessoalmente perto de possíveis interlocutores naquele momento, pois se eu fosse “lá” querendo fazer etnografia, todavia, ao mesmo tempo, sendo assessora da Secretaria Geral Nacional da CUT, então, eu levaria para “lá” o risco de prejudicar aquele *processo de luta*, precisamente, pelo fato de que existia naquele momento um dispêndio de energia significativo por parte das empresas da imprensa de alto faturamento quanto a insistir na acusação de que a CUT estava “por trás” daquela mobilização de *secundas*. Em tentativas de deformar o *processo das ocupações*, o governador à época, Geraldo Alckmin (PSDB), referiu em fala transmitida pela CBN que “aquilo [as *ocupações*] era uma coisa do PT e da CUT”. Ou seja, se eu fosse “lá” estaria arriscando prejudicar seriamente a *legitimidade* do *processo das ocupações*, nos termos *secundas* que vim a conhecer depois, por exemplo, quando Andronico narra o sentido da frase e da feitura da *faixa de frente* na qual se lê “Estudantes pelos estudantes”. Por outra parte, internamente aos *secundaristas em luta*, existia uma tensão forte em relação às *entidades* estudantis, sindicais, político-partidárias e outras organizações mais institucionalizadas em meio às *lutas populares*. Essa tensão diz respeito, sobretudo, à defesa da independência do *processo das ocupações* por parte de *estudantes*, que estavam fazendo *luta autônoma organizada* em relação às *entidades*. Nesse sentido, havia a preocupação de *barrar* as *entidades estudantis* de negociar no lugar da maioria dos *estudantes em luta*, os quais não se percebiam representados por elas. Inclusive, em dezembro, a partir do dia 4, *secundas* viram as *entidades* desmobilizando as *ocupações*, promovendo *desocupações* sem conversar com a maioria dos *estudantes*. Em resumo, o *movimento secundarista autônomo* em São Paulo preocupava-se em *barrar* que *entidades* viessem a *tomar a frente* no *processo de luta*, colocando suas *bandeiras* e demais artefatos pelo fato de que, nos termos *secundas*, elas não estavam *tocando a luta*, mas sim os *secundaristas autônomos*.

Diante dessa configuração de delicadezas, decidi que não seria bom ir a uma *ocupação* naquele período. Portanto, entre setembro e novembro de 2015, acompanhei

“de longe” quanto ao perímetro da presença. Todavia, acompanhei “de perto” em relação à sistematização de informações rumo à (re)formulação do projeto de pesquisa, bem como, mediante conversas com amigadas que foram fazer roda de conversa a convite de *escolas ocupadas*.

Por essa trilha, no processo de formulação do projeto submetido à seleção de doutorado, observava reiteradamente setores da imprensa publicarem análises de modo justaposto ao eclodir dos *atos de rua*, das *ocupações*, dos *trancaços/travamentos de rua*, de um modo que a tônica das análises colocava relevo significativo sobre a dita “falta” de organização da ação coletiva, “falta” de estrutura do *movimento*; tanto por reflexões à esquerda quanto à direita da cena política. Diante desse repetitivo sinal em negativo, a dita “falta”, perguntava-me: “falta” em relação a que? Em relação a algum tipo ideal de moldes para *movimentos sociais*? “Falta” de organização em relação a qual concepção de *organização* da ação coletiva? Em relação ao que imaginariam ser organização para “a” CUT, “o” MST, “a” UNE? “Organização” em relação a que? Imagino que se não fosse essa natureza de jogo de oposição (entre *movimentos populares* de longa data, por um lado, e, por outro lado, a *luta autônoma organizada*), pelo menos, algo próximo. Portanto, comecei a formular uma questão para o projeto de pesquisa a partir dessa inquietação: como é elaborada a concepção de *organização* do ponto de vista das pessoas que estão fazendo esse *processo de luta autônomo*?; como se processa a produção de saber própria a esse *movimento secundarista autônomo*?; quais os sentidos de *luta autônoma organizada* operacionalizados pelos *secundas*?; como são concebidas as concepções de *organização* atuantes na produção de ações coletivas nesse contexto?

Quando redigi o projeto de pesquisa submetido ao processo seletivo, ocorrido entre primeiro de fevereiro e onze de março de 2016, não havia mais *ocupação de escola* em São Paulo. O que propus no projeto consistia em estudar memórias do *processo das ocupações* de 2015, em São Paulo (SP). Não se colocava, nesse momento, a menor ideia de que as *ocupações secundaristas* adquiririam as proporções que vieram a tomar, alastrando-se ao longo de outras unidades da federação, a partir de dezembro de 2015 e, com significativa expressão, em meados de 2016. Por outro lado, iniciei o trabalho de campo rumo à interação face a face. Já agora, a partir de fevereiro e março de 2016, havia condições para que eu pudesse conversar pessoalmente com *secundas* que *ocuparam* suas escolas em 2015 sem que, com isso, prejudicasse a *legitimidade* da *luta*. Então, durante o segundo mês do curso de doutorado, dia 15 de abril de 2016, conversei pessoalmente pela

primeira vez com Mário Avezano, conforme narrado adiante. Foi quando comecei a escutar um pouco a respeito do *processo das ocupações* a partir da interação com uma pessoa que *fez luta autônoma organizada*. Neste início de 2016, Avezano e eu seguimos nos falando por via digital, através de mensagem escrita pelo telefone (SMS), ou telefonema.

Ao mesmo tempo, iniciava a jornada de viagens entre São Paulo e Curitiba para os dois anos de disciplinas no curso de doutorado, em março de 2016, quando, então, no final de abril de 2016, o que aconteceu? *Ocupações!* A *ocupação* do Centro Paula Souza (CPS) iniciou no final da manhã de 28 de abril e sofreu reintegração de posse no início da manhã de 6 de maio. Continuava conversando com Avezano via mensagem de telefone (SMS) e ele me apontou que seria bom eu conhecer a *ocupa CPS*, conforme se lerá adiante. Por isso, o trabalho de campo previsto no projeto de pesquisa começava a se transformar e não era pouco. Antes, pensei que trabalharia com memórias das *ocupações* de 2015 em São Paulo (SP). Já agora, havia a *ocupação do Centro Paula Souza*, que veio a se seguir por *ocupações* em escolas técnicas (Etecs), Diretorias de Ensino regionais, e, um pouco mais adiante, Fábricas de Cultura. Então, a partir do primeiro dia que fui à *ocupa CPS*, 5 de maio de 2016, fez-se necessário conciliar o esforço para realização das disciplinas do curso com o esforço do trabalho de campo, que solicitava, desde então, dedicação intensa, densa, tensa.

Por esse percurso, para seguirmos rápido, a etnografia passava a ser construída junto à *luta autônoma organizada*, por oposição a estar junto às *entidades estudantis*. Aos poucos vim a me dar conta de que estava percorrendo trilhas de diferenciação progressiva em relação às formas de *luta* mais institucionalizadas. Portanto, esse significado veio a adquirir sentido no decorrer da etnografia e não por via de alguma ordem de antecipação escolhida. Para finalizar, cumpre mencionar o movimento em espiral que desde a conversa com Avezano passei a exercitar. Refiro-me ao movimento em espiral que parte de categorias nativas entre *secundas* (a exemplo da categoria *Estado*, presente quando se diz, entre outras formas, a palavra de ordem “Estudante organizado, perigo pro Estado”); segue em espiral na direção de estudar bibliografia que converse com essa categoria nativa (a exemplo a revisão bibliográfica nos trabalhos do cientista político Wanderley Guilherme dos Santos e dos estudos durante a disciplina Antropologia do Estado, ministrada por Ciméa Bevilaqua no âmbito do PPGAA/UFPR); segue em espiral de volta para continuar a pensar com a categoria nativa (nesse exemplo, a categoria *Estado*),

buscando mediações entre os circuitos anteriores desse movimento em espiral; sucessivamente. Finalmente, nesse esforço em espiral, que é aberto, tensionei aproximarme o quanto possível dos sentidos etnografados, da produção de saber própria entre *secundas* acerca dos seus modos de conceber *organização* da ação coletiva. Conforme veremos, trata-se de um modo de *organização* difuso que atende pelo nome de *luta autônoma organizada*, uma *organização-perigo para o Estado* tanto quanto *organização para resistir ao Estado-perigo*.

1.4 Sobre o Centro Paula Souza

A seguir, introduzo algumas informações a respeito do Centro Paula Souza conforme veiculado pelo sítio eletrônico oficial da autarquia em consulta no dia 6 de fevereiro de 2021. Ao abrir a tela inicial, visualizamos na parte superior uma linha com nove abas sendo a primeira delas denominada “Institucional”. As demais abas são as seguintes: “Etec”; “Cursos Livres EAD”; “Fatec”; “Pós-Graduação”; “Qualificação Profissional”; “Chamamento Público”; “Atividades Remotas” e “Dúvidas aulas online”.¹⁷ Ao colocar o cursor sobre “Institucional”, abre-se uma lista vertical com sete itens agrupados por dois temas: “Quem somos nós” e “Contratações”. O primeiro tema contém cinco itens e o segundo contém dois. Do topo da lista para baixo, lê-se os seguintes itens agrupados em “Quem somos nós”: “Sobre o CPS”; “Missão, Visão, Valores”; “Secretaria de Desenvolvimento Econômico”, e “Contatos”. Em contiguidade, aparece o nome do segundo tema, “Contratações”, e lê-se os seguintes itens de cima para baixo: “Licitações” e “Contratos”. Cada um dos nomes dos itens está disponível para se clicar e, então, ser direcionado a outra tela na qual se pode ler acerca de cada um. Ao clicar sobre o botão do item “Sobre o CPS”, lê-se:

Sobre o Centro Paula Souza

O Centro Paula Souza (CPS) é uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico. Presente em 336 municípios, a instituição administra 223 Escolas Técnicas (Etecs) e 73 Faculdades de Tecnologia (Fatec) estaduais, com mais de 300 mil alunos em cursos técnicos de nível médio e superiores tecnológicos.

¹⁷ Disponível em: < www.cps.sp.gov.br >. Acesso em: 06 fev. 2021.

Nas Etecs, mais de 212 mil estudantes estão matriculados no Ensino Médio, Técnico integrado ao Médio e no Ensino Técnico, incluindo habilitações nas modalidades presencial, semipresencial, online, Educação de jovens e Adultos (EJA) e especialização técnica. As Etecs oferecem 212 cursos, voltados a todos os setores produtivos públicos e privados.

Já as Fatec atendem mais de 89 mil alunos matriculados em 84 cursos de graduação tecnológica, em diversas áreas, como Construção Civil, Mecânica, Informática, Tecnologia da Informação, Turismo, entre outras.

Além da graduação, o CPS oferece cursos de pós-graduação, atualização tecnológica e extensão.

Histórico

A instituição foi criada pelo decreto-lei de 6 de outubro de 1969, na gestão do governador Roberto Costa de Abreu Sodré (1967 – 1971), como resultado de um grupo de trabalho para avaliar a viabilidade de implantação gradativa de uma rede de cursos superiores com graduação de dois e três anos.

Em 1970, começou a operar com o nome Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo (CEET), com três cursos na área de Construção Civil (Movimento de Terra e Pavimentação, Construção de Obras Hidráulicas e Construção de Edifícios) e dois na área de Mecânica (Desenhista Projetista e Oficinas). Era o início das Faculdades de Tecnologia do Estado. As duas primeiras foram instaladas nos municípios de Sorocaba e São Paulo.

A trajetória do Centro Paula Souza vai além de seus 50 anos de fundação. Sua memória mistura-se com a história centenária de ensino profissional público de São Paulo. Em 1969, o órgão nasceu com a missão de organizar os primeiros cursos superiores de tecnologia, mas no decorrer das décadas, acabou englobando também a educação profissional do estado em nível médio, absorvendo unidades já existentes e construindo novas Etecs e Fatec para expandir o ensino profissional a todas as regiões do Estado.

Quem foi Paula Souza

Nascido em uma família de estadistas, no município paulista de Itu, o engenheiro e professor Antonio Francisco de Paula Souza (1843 – 1917) posicionava-se como um liberal, a favor da república e do fim da escravatura. Estudou engenharia na Alemanha e na Suíça. Fundou a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP) e trabalhou diretamente no desenvolvimento da infraestrutura do País, projetando obras e estradas de ferro. Na política, atuou como deputado, presidente da câmara estadual e ministro das Relações Exteriores e da Agricultura no mandato do presidente Floriano Peixoto (1891 – 1894).

Paula Souza era reconhecidamente um homem à frente de seu tempo e caracterizou-se como um educador que sempre defendeu o papel da escola como meio de formação de profissionais e não somente um local para discussões acadêmicas. Mais de 50 anos após sua morte, os princípios idealizados por Paula Souza começaram se concretizar com a criação do Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo, em 6 de outubro de 1969, que posteriormente foi rebatizado como Centro Paula Souza, em homenagem ao professor.

Ao término dos parágrafos da primeira seção, “Sobre o Centro Paula Souza”, apresenta-se um vídeo denominado “Vídeo Institucional do Centro Paula Souza”, que

conta com um minuto e seis segundos. Mais adiante, ao encerrar a última seção, “Quem foi Paula Souza”, apresenta-se uma fotografia de Antonio Francisco de Paula Souza.¹⁸

1.5 Desafios do diálogo etnográfico

Em cada um dos diálogos etnográficos com que me deparei, iniciava a conversa a partir do seguinte ponto: apresentar brevemente a localização da pesquisa no campo de antropologia das juventudes em interface com o campo de antropologia política, da colocação da questão que move este estudo, do porquê de estar estudando essa e não outras questões, do porquê de estudar essas questões.

Minha autoapresentação, perante os interlocutores, buscava criar proximidade e confiança.

A pesquisa está organizada assim: por um lado, está situada no campo de antropologia das juventudes e, dentro desse campo de estudos, no segmento que estuda ações políticas; por outro lado, está situada no campo de estudos da teoria antropológica que estuda, propriamente, ação, a ideia de ação. Essa é, basicamente, a maneira como a pesquisa está estruturada. Agora, sobre o porquê de estudar isso. Para falar sobre esse assunto, uma porta de entrada pode ser falar, por um lado, pela trajetória acadêmica e, por outro lado, pela trajetória de experiências de vida. Pela trajetória acadêmica, desde 2005, desde que comecei a faculdade, estudo antropologia das juventudes. Depois, no mestrado também e, agora, no doutorado também, pois para fazer um doutorado a gente precisa ter fluência num conjunto de leituras para poder fazer a pesquisa. Então, essa é uma das justificativas, você ter um certo acúmulo dentro de um campo de leituras. Então, fiz a graduação em Ciências Sociais (que estuda Ciência Política, Antropologia e Sociologia), desde o primeiro ano comecei os estudos para o trabalho de finalização da graduação, que se chama TCC, estudando antropologia das juventudes, estudando com punks e pós-punks sobre representações da morte. Depois, no mestrado, estudando com punks e pós-punks, sobre música e fazeres artísticos. E, depois, no doutorado, fiz o projeto de pesquisa pensando em estudar as ocupações, mas como “as ocupações” é muito amplo, o recorte mesmo estou fazendo agora neste processo de trabalho de campo

¹⁸ Disponível em: <www.cps.sp.gov.br/sobre-o-centro-paula-souza>. Acesso em: 06 fev. 2021.

que já iniciou. E, então, a trajetória acadêmica, basicamente, passa por isso: da graduação até agora. E, da trajetória de experiência de vida, uma porta de entrada para falar disso é: quando nasci, meus pais estavam dos pés à cabeça envolvidos com movimentos sociais. Antes de terminarem a faculdade, fundaram com mais alguns amigos um projeto de alfabetização de trabalhadores rurais temporários, bóias-frias, que se chamava Projeto de Educação do Assalariado Rural Temporário, PEART. Esse projeto iniciou em distritos de Londrina, que é no norte do Paraná, eu sou do Paraná, e depois se expandiu para o Paraná inteiro. Então, eles eram coordenadores gerais desse projeto e o tempo que eles tinham para mim era o mesmo para essas atividades. Então, o que acontecia? Eu viajava junto, ia para reunião junto, sempre no meio das atividades como uma mascote desse projeto. Depois de dez anos de existência esse projeto ganhou um prêmio em Cuba de melhor projeto de alfabetização popular da América Latina. Esse projeto depois entrou em uma certa decadência por conta de desentendimentos entre as pessoas que, enfim, de certa forma, dirigiam. Isso foi em torno de 1999, por aí. Atualmente não tenho notícias mais desse projeto, quando estava na faculdade, em 2006, tive notícias de que esse projeto ainda existia, mas estava uma coisa bem minguada, bem pequena; de todo modo, ele durou de uma forma bem robusta, forte, por dez anos pelo menos. Além desse projeto, eles também foram fundadores do PT lá em Londrina e em um raio de duzentos quilômetros em volta de Londrina, então, fundaram PT nessas cidades em volta, fundaram sindicatos nessas cidades em volta, então, eles estavam envolvidos em várias frentes de lutas e, enfim, eu era a mascote sempre junto com eles. Aí, cresci no meio disso, depois fui fazer Ciências Sociais. A minha mãe, depois que eles divorciaram, se focou mais na luta dos direitos de educação das pessoas com deficiência, ela é cega, fez o mestrado dela nessa área de políticas públicas de educação para pessoas com deficiência e está fazendo o doutorado também nessa área, enfim, de 2008 até agora [com o impedimento de Dilma Rousseff (PT)] ela foi diretora no MEC nessa área de políticas públicas, então, ela tem esse histórico de lutas nesse campo. Então, bastantes elementos nessa trajetória se relacionam com educação, com luta e, enfim, acho que isso, de uma maneira ou de outra acaba desembocando nesse projeto de pesquisa sobre esse tema. E tem outro elemento que eu quero te falar que é uma coisa pública, mas que tenho que falar com cuidado para que não se torne uma surpresa, que não seja entendido de uma maneira mal interpretada. Eu trabalhei como professora na rede pública do estado do Paraná, fui professora na Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, depois trabalhei também na CUT-Nacional como assessora da Secretaria Geral,

acompanhei a Comissão Nacional da Verdade pela CUT, acompanhei junto com o Ministério da Justiça e o Ministério do Trabalho o novo projeto de lei para pessoa migrante, que infelizmente não entrou em vigor em tempo hábil e agora, nesse governo interino, eles estão usando o Estatuto do Estrangeiro, da época da ditadura, para, inclusive, cassar professores universitários que assinam manifestos e cartas, mas isso não vem ao caso. O fato é que eu queria te dizer isso: eu continuo funcionária da CUT, porém estou afastada [estive afastada pelo INSS até agosto de 2016 por razões de saúde] e estou fazendo o doutorado e eu não gostaria que essa informação fosse mal interpretada, que a minha necessidade de ter um emprego para poder estudar, porque eu não tenho bolsa. A UFPR está sem bolsa para todos, pelo menos desde o primeiro ano do curso; está sem bolsa, devido a toda essa conjuntura etc. Então, continuo com vínculo de emprego na CUT, porém estou afastada [pelo INSS até agosto de 2016, devido a uma grave dificuldade de saúde em março de 2015] e estou fazendo doutorado. E sei que vocês podem não ter simpatia pela CUT de uma forma geral, mas quero dizer de uma forma que fique bem claro: esse trabalho se trata de antropologia e o que o antropólogo leva mais a sério é a cientificidade do trabalho, e a qualquer momento que vocês quiserem perguntar, me questionar sobre isso, esteja à vontade. Não tenho nenhum problema de falar sobre isso, então, queria deixar isso bem claro. Por exemplo, se eu não falo e depois vê lá “ah, fulana trabalha na CUT e tá aqui no meio da gente”, sabe, esse tipo de coisa. Então, é isso. Acho que faz parte eu falar essas coisas sobre mim por que afinal de contas vou perguntar um monte de coisas para você, acho que uma contrapartida é falar um pouco de mim para você ficar à vontade para perguntar, para qualquer coisa, então, acho que é isso. Agora, passando para nossa conversa propriamente, tem algumas perguntas mais gerais, algumas perguntas que aprofundam um pouquinho. Mas essa é uma primeira conversa, como falei, o doutorado são quatro anos, é bem provável que a gente tenha outras conversas. Então, como uma primeira pergunta, acho que seria o inevitável, como você começou na luta? Como foi o início, como você se vinculou?

Portanto, quando evoco a forma infinitiva do verbo ser trata-se de referir que, de modo minimalista, ser uma pessoa vinda de escolas públicas, ser filha de professor e professora de escolas públicas, durante este trabalho de campo, passou a adquirir significados coexistentes com uma pluralidade de sentidos conhecidos, então, na interação com interlocutores. Por sua vez, tais sentidos entram em constelação com o fato de ser uma pessoa da qual jamais partiu o entendimento de si como ser *militante*; muito

embora a primeira palavra que tenha falado na vida seja “PT”, isso é uma consequência de ser filha de *militantes* em defesa da educação pública, gratuita e de qualidade desde os anos de 1980, *militantes* articuladores da fundação de sindicatos de trabalhadores rurais e do Partido dos Trabalhadores (PT) na cidade de Londrina (PR), bem como em algumas cidades próximas. No meu modo de angular a referida entrada em constelação de elementos de minha história de vida e elementos específicos a este campo etnográfico, resulta “uma diferença que faz uma diferença” acerca da questão da posicionalidade durante o trabalho de campo e em outras partes do cotidiano. Deste ângulo, ser *militante* são os/as interlocutores/as, que assim se entendem, ao mesmo tempo, para outro exemplo, *militantes* foram (e continuam) os meus pais. Quanto a mim, entendo que sou *apoiadora*, professora de escolas públicas, de universidades públicas e, atualmente, estudante de pós-graduação em universidade pública. Por mais que eu não me entenda até aqui como *militante*, sou uma *apoiadora* e estive em meio a *lutas populares* desde que tenho notícia de estar viva. Mais recentemente, entre abril de 2014 e agosto de 2018, assessoriei a Secretaria Geral Nacional e a Secretaria Nacional de Políticas Sociais e Direitos Humanos da Central Única dos Trabalhadores (CUT-Brasil). Neste período, tornou-se evidente que, em relação à condição de *militante*, “eu sou um outro”. Isso porque, nos circuitos entre espaços na CUT e no PT, tornou-se manifesto que, via de regra, me classificam como um ser acadêmico e isso demandaram de mim. Por outro lado, nos circuitos entre espaços no mundo acadêmico, parece-me que passou a adquirir pertinência para algumas pessoas atribuir-me a classificação de um ser *militante*.

Ver-me como este ser bifronte é uma novidade para mim, precisamente, no sentido de que, desde a graduação, pelo menos, existia quem verbalizasse me considerar “aquela que vejo somente no caminho para a biblioteca”. Seja como for, em ambos os casos, parecem reducionismos ensaiando exercer poder de opressão no ato classificatório de configurar as diferenças possíveis que, todavia, nos unem em mesmos espaços, neste caso, seja espaço acadêmico ou político-partidário e sindical. Escolhi sonhar ser professora universitária porque durante muito tempo vi meus pais sendo professores de escolas públicas e, paradoxalmente, desprovidos das condições de tempo para poder estudar; neste caso, precisamente, em relação ao *quantum* que desejo; no presente estudo, meu “último desejo” jamais foi uma espécie de supervalorização do chamado “protagonismo juvenil”, conforme problematizado no trabalho de Regina Magalhães de Souza, *O discurso do protagonismo juvenil* (2006, grifos da autora). Antes, desejo fazer

o que mais me permite sentir viva, ou seja, estudar; por sua vez, trabalhar e estudar de forma mais próxima ao desejável parece-me que é possível em ser professora universitária. Portanto, de início, faz-se necessário afastar reducionismos tais como os mencionados acima (ser *militante* por oposição a ser acadêmica; ser *apoiadora* por oposição a fazer ciência), neste caso, em relação à questão da posicionalidade junto à *luta de secundaristas* com os quais pude construir interlocução.

Ver-me como interlocutores desta pesquisa me viam não é ver um ser bifronte como mencionado acima. Antes, é difícil, pois o mosaico parece-me bastante heterogêneo. Se me pergunto: como me viam os interlocutores? Como uma *apoiadora* e algo a mais. Então, começo a repassar todas as pessoas em minha mente e a lembrar de situações em que cada uma expressou, verbalizou, lançou uma ideia com o olhar em relação a uma possível conexão com esta questão. Estimo que a cada pessoa pertence a resposta a isso e não a mim; de minha parte, não quero dizer as minhas conjecturas antes que passe mais tempo para assentar o peso do agora. Se me pergunto: por que houve tamanha confiança ao me contarem tudo o que contaram, conforme se lerá adiante? A resposta é símile: apenas farejo gotículas de possibilidades para entender isso e preferiria não compor conjecturas apressadamente.

A seguir, passo à apresentação das sequências de quadros cotidianos dos percursos etnográficos com Secundaristas em Luta de São Paulo na forma de micro-relatos.

1.6 Sentido de *luta* e de *secundas de luta* – São Paulo, 15 de abril de 2016

Mario Avezano, estudante do terceiro ano do Ensino Médio, *ocupou* a Escola Estadual Orville Derby desde o primeiro dia até o último da *ocupa*. Após o final da entrevista, continuamos conversando por que a pessoa que fez o nosso contato, Arthur Chagas, precisava ficar até às vinte horas no local para poder pegar um ônibus, pois iria assistir a um jogo do Corinthians.

Encontrei Avezano em um lugar que se chama Praça do Camargo, pois existe uma Etec, em frente, que se chama Etec Professor Camargo Aranha: rua Marcial, 25, bairro da Mooca, região da zona leste da cidade de São Paulo. No entanto, a Etec Camargo Aranha nada tem de ligação com a escola de Avezano. A escola dele fica um pouco longe.

Essa Praça fica próxima da casa de Arthur Chagas, que nos pôs em contato e chamou para nos reunirmos neste local. O espaço também é um ponto de encontro entre jovens da região, bares e música, bastante frequentado por *estudantes* de uma universidade privada situada há cinco minutos da Praça aproximadamente. A escola de Avezano, Escola Estadual Orville Derby, fica na Vila Formosa: rua Saigon, 55, região da zona leste da cidade de São Paulo. A Praça do Camargo fica a uma distância da minha casa de modo que posso ir a pé em trinta minutos.

O Chagas estuda Filosofia na Universidade São Judas Tadeu. Ele é um amigo de anos anteriores. Nós nos conhecemos quando eu estava fazendo o mestrado (2009 – 2012), pois Chagas foi um dos interlocutores daquela pesquisa. Não obstante, após o final da pesquisa, os laços de amizade continuaram. Com o passar do tempo, fomos nos tornando amigos propriamente. E assim seguimos até hoje.

Durante o período das ocupações, em 2015, Chagas esteve na EE Orville Derby para fazer uma discussão com os estudantes a partir do documentário *A educação proibida*. Desde aí vem o vínculo dele com Avezano, a partir desse momento. Além disso, existe outro vínculo entre ambos, a partir de uma amiga em comum, que se chama Adib. Ela fazia uma banda com o Chagas, uma banda musical. Então, o Chagas, inclusive, foi fazer essa discussão sobre o documentário na EE Orville Derby a convite de Adib. Existe esse percurso do vínculo entre Chagas e Avezano.

Agora, vamos direto para esse encontro, a primeira conversa que tive com Avezano. Marcamos para nos encontrar na Praça do Camargo. Então, pensamos onde poderíamos conversar; um lugar que tivesse alguma tranquilidade, um pouco de silêncio. Decidimos que seria no Parque da Mooca. O Chagas que nos indicou. Caminhamos para o local. Eu não conhecia o Parque da Mooca, que tem uma biblioteca (eu fiquei sabendo nesse dia). Então, sentamos em frente ao lugar que é a Biblioteca do Parque da Mooca, com escadas de degraus longos, permitindo que se possa sentar em três pessoas formando uma espécie de círculo. Começamos a conversar.

CARUSA — Então, Avezano, como foi, para vocês, ocupar? Como foi o modo de vocês se organizarem? Se você fosse contar para um alienígena o que foi esse período, como você contaria? Se fosse contar para alguém, por exemplo, eu.

Disse dessa maneira. Ele falou de uma forma sorridente, relaxada:

AVEZANO — Ah, foi mágico.

E começou a contar que era uma escola para os alunos. Enfatizou bastante que tratava de temas que interessavam aos alunos. Enfatizou bastante a ideia de *luta*. “Estamos na *luta*”, “é a *luta*”. Essa palavra foi bastante recorrente. Disse que uma mulher foi falar sobre feminismo. Disse que tinha gente de oitava série do Ensino Fundamental que ia para jogar futebol. Disse que tinha muito divertimento. Ele não usou essa palavra (“divertimento”), essa palavra é minha aqui, mas evoca uma das questões que se discute na antropologia das juventudes.

Refiro-me à questão que conecta fazeres políticos e diversão. Uma coisa não exclui a outra. Antes, ambas compõem um modo de reflexividade política próprio em muitos contextos. O que alguns autores, como Zizek, parecem não estar dispostos a lidar; é de Rossana Reguillo¹⁹ a menção ao Zizek²⁰ (e ao Edgar Morin também) nessa seara de questões evocada, em uma conferência (REGUILLO, 2013b). Nesta conferência, Reguillo referiu com espanto sobre os comentários depreciativos desses dois autores em relação ao fato da diversão presente no Parque Zuccotti, durante *Occupy Wall Street* (OWS). Por exótico que possa ser para alguns e por surpreendente que o fosse para a pesquisadora, o fato é que – conforme Reguillo estuda há já décadas – o debate entre política e juventudes leva marcas tais como essa ordem de engodo disjuntivo entre reflexividade política e diversão nos fazeres juvenis. É este um engodo estudado entre os componentes da história da construção do campo de estudos em “juvenologia”, para usar termos da pesquisadora mexicana na mesma conferência e não só.

Então, voltando ao que Avezano dizia, jogavam futebol e depois paravam para participar de um debate sobre feminismo. Dentro dessa razão sinal/ruído – isto é, dentro desse contexto (BATESON, [1967] 2000a, pp. 414 e 416) –, por sua vez, houve debate sobre feminismo. Avezano referiu em seguida que existia o Comando das Escolas Ocupadas, que eram as escolas não-ligadas às *entidades estudiantis*. Estas, Avezano

¹⁹ Cito a passagem evocada: “interlocutores definidos, tan desordenada como festiva, tan ‘hedonista’, como los acusó Zizek, fueran llegando, de a uno, en grupo, de a poquito, hasta convertirse en una bandada de estorninhos, incómodos en su murmullo.” (REGUILLO, 2017, p. 47)

²⁰ Na passagem citada de Rossana Reguillo, está a nota de rodapé número catorze ao lado do nome de Zizek, citando uma passagem do discurso de Zizek às pessoas durante *Occupy Wall Street*: “Pero hay un peligro. No os enamoréis de vosotros mismos. Lo estamos pasando bien aquí, pero recordad: los carnavales son baratos, lo que importa es día siguiente. Cuando volvamos a nuestra vida normal, habrá cambios entonces? No quiero que alguna vez recordeis estos días como: ‘Oh, éramos jovens y fue muy bonito’.” Conforme indica Reguillo, o discurso completo de Zizek pode ser consultado em: < <https://blogs.publico.es/fueradelugar/1068/slavoj-zizek-en-occupy-wall-street> >. Acesso em 10 fev. 2020.

considerava como *aparelhadas*. As *entidades estudantis* eram chamadas de *aparelhadas* por ele porque as considerava ligadas ao PT. Por exemplo, a UPES, a UNE, a UJS, depois ele disse que o Levante Popular da Juventude (LPJ) também era considerado *aparelhado*. Então ele tinha essa categoria, *aparelhado*.

Outra categoria era a das *escolas ocupadas* (ele disse que a maioria das *ocupações de escolas* eram *autônomas*) e tinha o Comando delas, o Comando das Escolas Ocupadas. A maioria das *escolas ocupadas* não queria ligação com *entidades*. Avezano referiu que um professor da APEOESP foi à *ocupa Orville Derby* e quis dar ordem; eles expulsaram a pessoa de lá.

Pareceu-me uma relação de ambiguidade com as *entidades estudantis*. Quer dizer, por um lado ambiguidade e, por outro, uma repulsa. Uma oscilação. Nunca uma aliança. Ora ambiguidade, ora repulsa. Nenhum momento aliança. Então, ora ambiguidade nunca chegando à aliança, ora ambiguidade atingindo a repulsa total em relação a que? Em relação ao sindicato dos professores, a APEOESP, em relação à organização chamada Levante Popular da Juventude (LPJ), às *entidades* como UMES, UPES, UNE, UJS, porque ele considerava que eram *aparelhadas*.

Para Avezano o grande descontentamento com essas *entidades* é o de que, segundo afirmou, essas *entidades* foram as grandes responsáveis pela desmobilização das *ocupações* em dezembro de 2015. Para ele, as escolas deveriam ter continuado a ocupação para conseguir que a ideia de “Reorganização” do governo Alckmin (PSDB) fosse cancelada definitivamente, e não revogada temporariamente como foi. Para ele, assim que as *entidades* negociaram a suspensão temporária da Reorganização decretada pelo governo Alckmin (PSDB) em 4 de dezembro de 2015, então, as *entidades* passaram a desmobilizar as *ocupações*. Várias escolas começaram a deixar de estar *ocupadas*. Essa desmobilização ele atribui às *entidades*. A esse respeito preciso me demorar conversando com mais pessoas, assim como sobre a categoria *aparelhada/o*. Para Avezano isso é muito sério. Para ele, as *entidades estudantis* queriam filiar mais pessoas no lugar de querer *tocar a luta*, ele tem essa matriz de visão sobre essas *entidades*.

Sob outra angulação, Avezano considera que a *ocupação do Orville* teve uma feição anarquista. Depois de terminada a entrevista, quando fomos acompanhar o Chagas até o horário de ele ir ao jogo, esperamos em uma lanchonete. Nessa lanchonete, continuamos conversando. Percebi que Avezano opera as categorias *anarquista*,

comunista, socialista com ligeireza, como quem troca de passos em uma dança suave (REGUILLO, 2017, p. 43). Ainda não consigo discernir além de um borrão de significados. Preciso ter mais conversas. Contudo, percebi que essas categorias têm uma recorrência forte; e desse modo: formas de expressão com ligeireza (*ibid.*, p. 64) entre si, com a leveza da bailarina em uma troca passos em dança serena.

Nessa escuta de Avezano também existem outras categorias como *skinhead, Oi!, punk, rockabilly, straight edge*, categorias do mundo urbano juvenil que remontam a fazeres musicais surgidos nos anos finais de 1960, 70, 80, compondo *cenas* (ABRAMO, 1994). Então, parece que Avezano operacionaliza um modo de uso das indicadas categorias no contexto da “fauna urbana juvenil”, como se expressou um interlocutor de pesquisa na etnografia para a monografia de graduação. Uma fórmula bem-humorada de expressar a diversidade de contornos entre si com delicadas interligações.

O fato é que me chamou a atenção um modo de ligeireza e leveza ao operacionalizar o uso dessas categorias. Talvez eu nunca tivesse visto isso, esse modo ligeiro (REGUILLO, 2017, p. 13, p. 43 e p. 64) e “escorregadio” de conectar muitas categorias dessas ao longo de uma conversa rápida, como a que presenciei. Pois, nesse momento, Avezano não estava conversando comigo, mas com uma amiga dele, que encontramos depois da entrevista.

Quando estávamos na entrevista no Parque da Mooca, ambos se falaram por mensagem de telefone e combinaram que, ao sair de lá, iríamos esperar dar vinte horas com o Chagas permanecendo em uma lanchonete, onde estava a amiga de Avezano.

Essa percepção de diferença serviu para relativizar o modo como escutei pela primeira vez quando ele falou *anarquista*. Na entrevista, escutei e pensei que significasse *x*, mas depois percebi que era *y, w, z*, algo a conhecer. O que Avezano atribui a essas palavras? Quais significados estão sendo conferidos e articulados?

Avezano falou dos modos de organização dos horários, da limpeza, da cozinha, na *ocupa Orville Derby*. Perguntei como foi o dia da ocupação, o momento da entrada. Ele falou que o dia mesmo da entrada foi tenso porque só estava ele e mais uma pessoa, a Adib. Depois que eles conseguiram, veio mais gente.

A expressão *secundas* vem de “secundaristas”, é uma categoria própria ao contexto dos Secundaristas em Luta de São Paulo. A expressão circulou por outras

idades e unidades da federação, todavia, de modo maciço foi no estado São Paulo que circulou mais. Desde este contexto etnográfico, o sentido de *secundas* refere-se ao modo como interlocutores de pesquisa reconhecem a si em conjunto. Mas a concepção de *secundas* não se restringe apenas a *secundas de luta*, que *ocuparam* em 2015 e/ou em 2016. Antes, é uma concepção que está aberta a todos os *estudantes secundaristas*. Resulta que, todo *secunda* é um *secundarista*, estudante do atual Ensino Médio, antigo Ensino Secundário, donde *estudante* “secundarista” reverbera elementos da sociogênese política do vocábulo quando lembramos que, por um lado, atualmente, seria “medianistas”, talvez, um vocábulo para *estudantes* do Ensino Médio, enquanto que, por outro lado, evocar “secundarista” mobiliza o que guarda em si a sua história semântica, sobretudo, nos aspectos relacionado ao fazer *luta política* a partir dos anos de 1950 no Brasil. Por todos os modos, importa agora apenas assinalar que *secunda* não se refere apenas a quem *tocou a luta das ocupações, ocupou*, mas também toda pessoa estudante do Ensino Médio. Aliás, pessoas estudantes do Ensino Fundamental nos anos finais também estiveram entre aquelas que *ocuparam*. Pois, certamente, *secundas* as engloba também. Portanto, *secundas* é uma categoria que será conhecida nas páginas subsequentes mediante o ‘como’ *tocar a luta* por seus próprios modos de *organização* da ação coletiva.

Por fim, reitero que *luta* trata-se de uma categoria nativa que estamos começando a conhecer na companhia de Avezano, *secunda de luta* da zona leste de São Paulo. E seguiremos alinhavando os sentidos de *luta* ao longo das páginas seguintes na companhia de mais *secundas de luta*, em diferentes momentos e formas de *tocar a luta*.

DECRETO Nº 61.672, DE 30 DE NOVEMBRO DE 2015

Disciplina a transferência dos integrantes dos Quadros de Pessoal da Secretaria da Educação e dá providências correlatas

GERALDO ALCKMIN, Governador do Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais,

Decreta:

Artigo 1º - A Secretaria da Educação fica autorizada a proceder as transferências dos integrantes dos Quadros de Pessoal, nos termos dos artigos 54 e 55 da Lei Complementar nº 180, de 12 de maio de 1978, nos casos em que as escolas da rede estadual deixarem de atender 1 (um) ou mais segmentos, ou, quando passarem a atender novos segmentos.

Parágrafo único - Aplica-se o disposto no "caput" deste artigo às unidades escolares de Diretorias de Ensino distintas.

Artigo 2º - No caso de transferência dos integrantes do Quadro de Apoio Escolar e Quadro da Secretaria da Educação, a manutenção do Adicional de Insalubridade será por apostilamento do Dirigente Regional de Ensino.

Artigo 3º - As despesas decorrentes da aplicação do disposto neste decreto correrão à conta das dotações orçamentárias da Secretaria da Educação.

Artigo 4º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário.

Palácio dos Bandeirantes, 30 de novembro de 2015

GERALDO ALCKMIN

Irene Kazumi Miura

Secretária-Adjunta, Respondendo pelo Expediente da Secretaria da Educação

Edson Aparecido dos Santos

Secretário-Chefe da Casa Civil

Saulo de Castro Abreu Filho

Secretário de Governo

Publicado na Secretaria de Governo, aos 30 de novembro de 2015.

(Figura 5 Texto do Decreto nº 61.672, de 30 novembro de 2015, conhecido como Decreto da Reorganização. Fonte: Diário Oficial do Estado de São Paulo publicado dia 1º de dezembro de 2015.)

DECRETO Nº 61.692, DE 4 DE DEZEMBRO DE 2015

Revoga o Decreto nº 61.672, de 30 de novembro de 2015

GERALDO ALCKMIN, Governador do Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais,

Decreta:

Artigo 1º - Fica revogado o Decreto nº 61.672, de 30 de novembro de 2015, que disciplina a transferência dos integrantes dos Quadros de Pessoal da Secretaria da Educação.

Artigo 2º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, 4 de dezembro de 2015

GERALDO ALCKMIN

Irene Kazumi Miura

Secretária-Adjunta, Respondendo pelo Expediente da Secretaria da Educação

Edson Aparecido dos Santos

Secretário-Chefe da Casa Civil

Saulo de Castro Abreu Filho

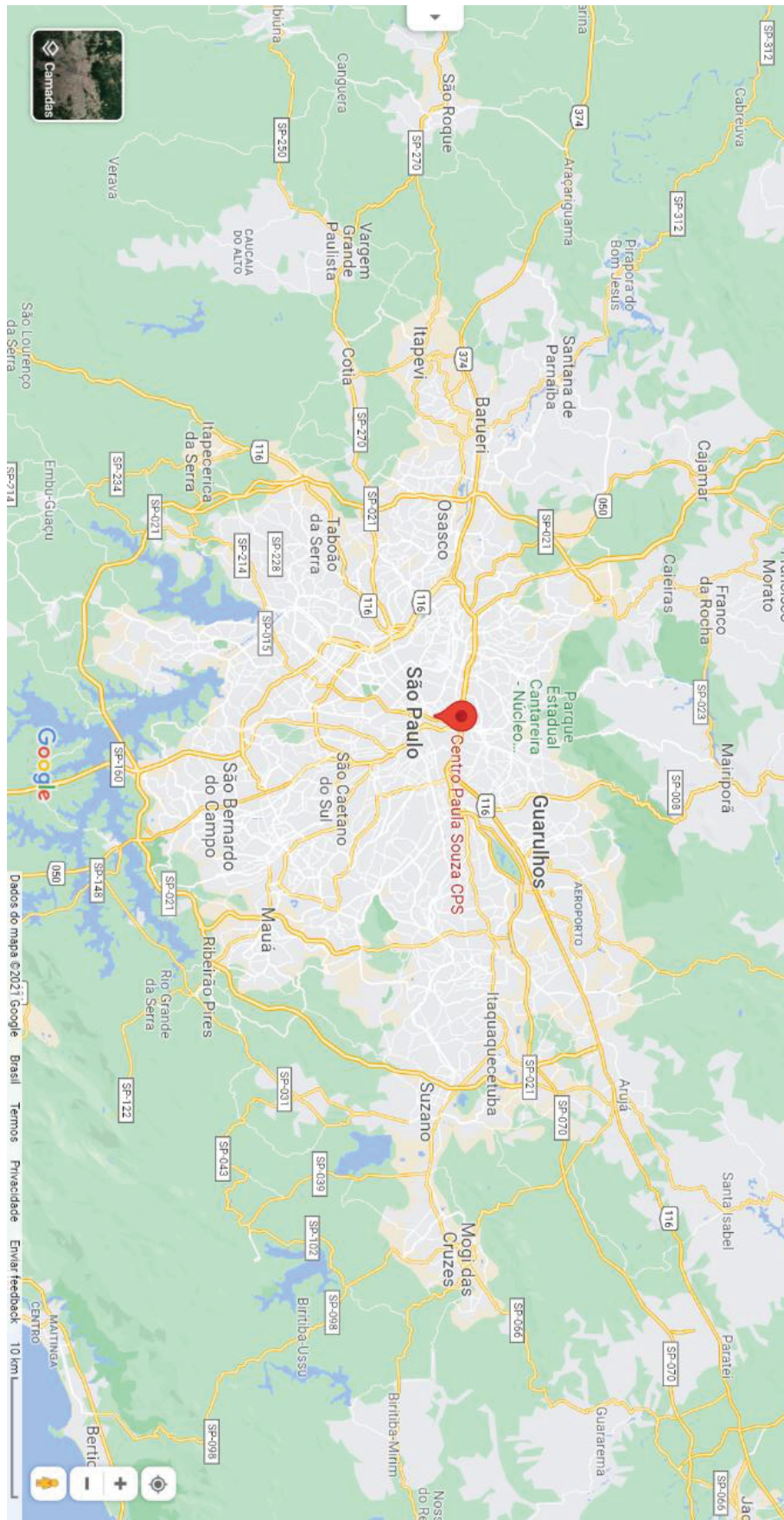
Secretário de Governo

Publicado na Secretaria de Governo, aos 4 de dezembro de 2015.

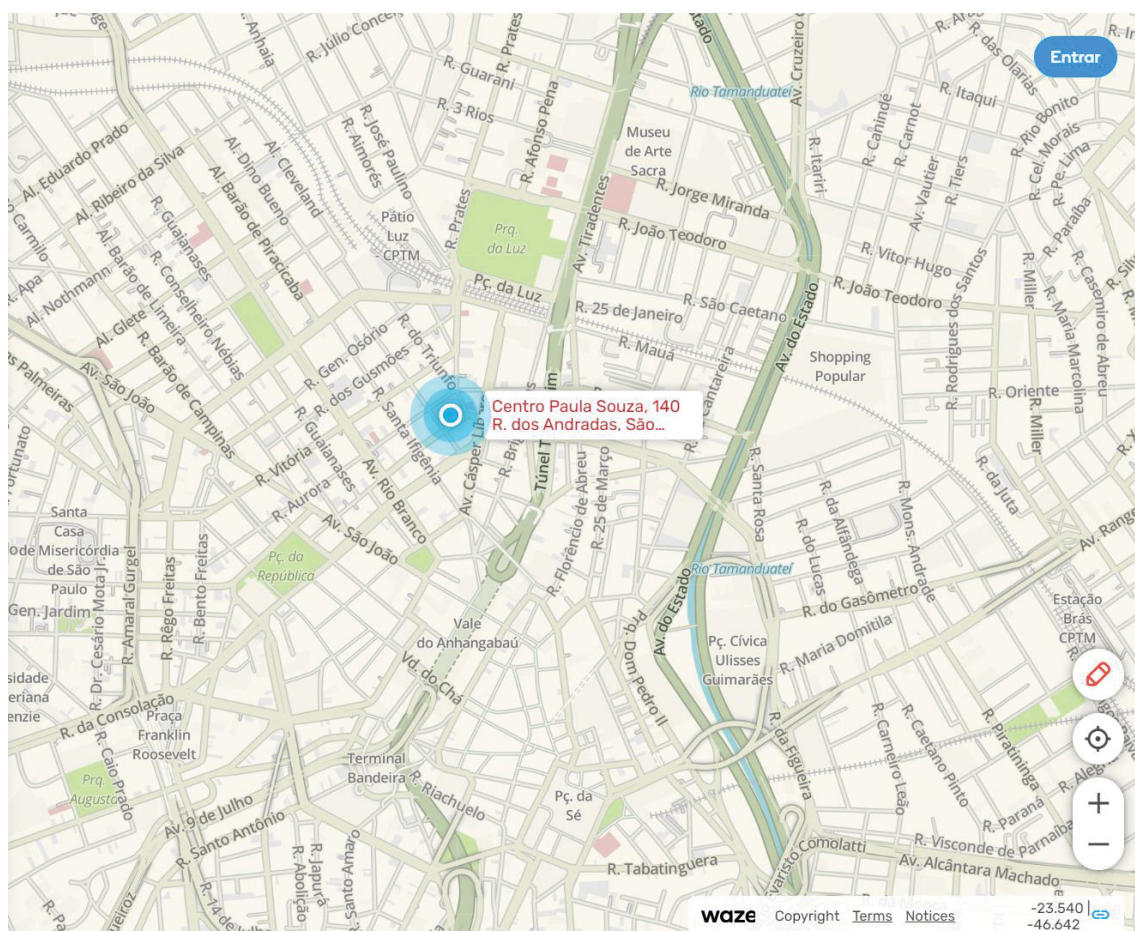
(Figura 6 Texto do Decreto nº 62.692, de 4 de dezembro de 2015, conhecido como Decreto da suspensão da Reorganização. Fonte: Diário Oficial do Estado de São Paulo publicado dia 5 de dezembro de 2015.)

1.7 A caminho da *ocupação do Centro Paula Souza* – São Paulo, 3 de maio de 2016

Enquanto falava ao telefone com Avezano, fui anotando. Estávamos marcando o dia para eu ir pela primeira vez à *ocupação* do Centro Paula Souza: rua dos Andradas, 140, bairro Santa Efigênia, região central da cidade de São Paulo. Avezano iria comigo. Marcamos para quinta-feira, dia 5 de maio. Seria melhor não aparecer na *ocupa* sozinha como que do nada querendo pôr-se pés adentro. Avezano foi o primeiro *secunda* com quem conversei no percurso de pesquisa.



(Figura 7 Mapa, *Ocupação do Centro Paula Souza* no centro da cidade de São Paulo, estivemos aqui dia 5 e 6 de maio de 2016. Fonte: Google Maps.)



(Figura 8 Mapa, *Ocupação do Centro Paula Souza e arredores*. Fonte: Waze.)

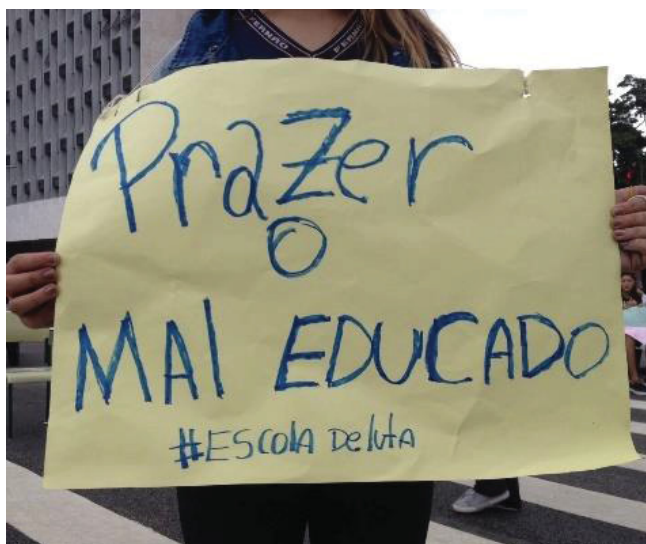
No *processo das ocupações* iniciado em novembro de 2015, Avezano ocupou sua escola, a Escola Estadual Orville Derby: rua Saigon, número 55, Vila Formosa, região da zona leste de São Paulo. Entre novembro e dezembro de 2015 ele participou de assembleias *puxadas* pelo Comando das Escolas Ocupadas. Eram *assembleias* reunindo entre uma e três pessoas de cada uma (ou, o máximo possível) das *escolas ocupadas*. Por proposta, não seriam sempre as mesmas pessoas a representarem a escola e sim sempre aquelas designadas na respectiva *assembleia* de cada escola. Nesse processo, Avezano foi a *assembleias* e se tornou amigo de *secundas* que desde o dia 28 de abril de 2016 estavam *ocupando* o Centro Paula Souza.

Durante o telefonema, perguntei a respeito de uma postagem lida na página *O Mal-Educado*, na plataforma digital *Facebook*.²¹ Avezano confirmou: naquele dia, 3 de abril de 2016, eram sete escolas técnicas (Etecs) ocupadas.

²¹ Disponível em: < <https://web.facebook.com/mal.educado.sp> >. Acesso em: 31 out. 2021.

Após desligar o telefone, voltei a caneta sobre o caderno para assistir uma vez mais à transmissão feita em tempo real no dia de ontem pelos Jornalistas Livres a respeito da intrusão do Batalhão de Choque da PM na *ocupação do Paula Souza*, por doze horas seguidas, das oito da manhã às oito da noite.

O Mal-Educado será mencionado várias vezes ao longo deste texto e os seus significados desdobrados nos micro-relatos adiante. Cabe desde já apresentar algumas informações introdutórias acerca d' O Mal-Educado. Adiciono a seguir imagens da apresentação inicial da página eletrônica mencionada no telefonema com Avezano. Além disso, o grupo O Mal-Educado dispunha de um *blog*, na plataforma WordPress, intitulado “O Mal-Educado – luta e organização nas escolas”.²²



(Figura 9 O Mal-Educado, fotografia de início da página na plataforma *Facebook*. Fonte: *Facebook*.²³)

²² Disponível em: < <https://gremiolivre.wordpress.com/> >. Acesso em: 31 out. 2021.

²³ Disponível em: < <https://web.facebook.com/mal.educado.sp/photos/a.291836464283439/726116010855480/> >. Acesso em: 31 out. 2021.



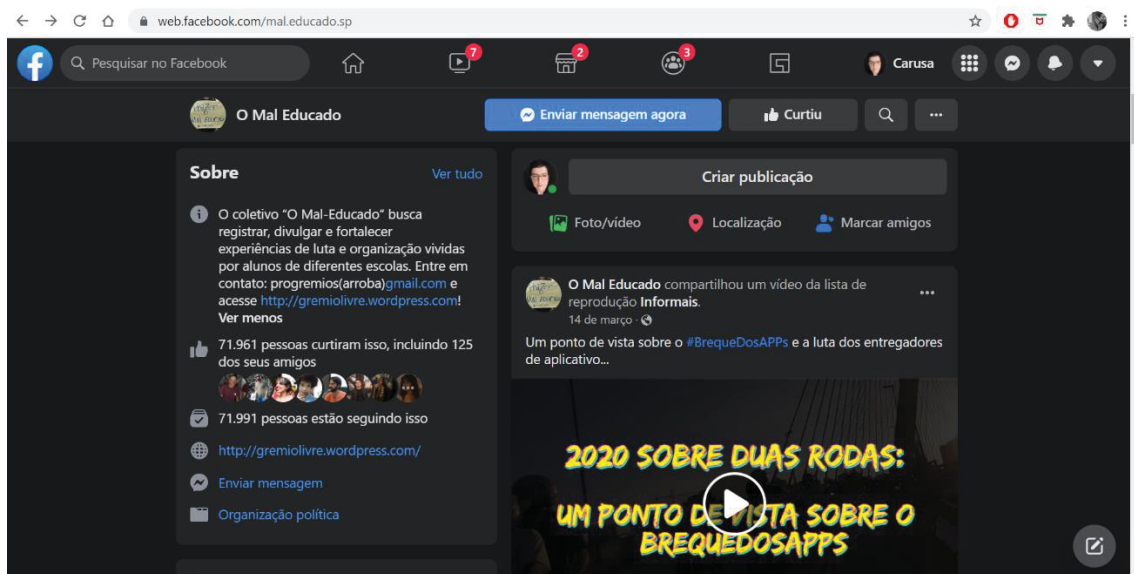
(Figura 10 O Mal-Educado, fotografia da capa da página na plataforma *Facebook*. Fonte: *Facebook*.²⁴)



(Figura 11 O Mal-Educado, imagem da página inicial na plataforma *Facebook*. Fonte: *Facebook*.²⁵)

²⁴ Disponível em: < <https://web.facebook.com/mal.educado.sp/photos/a.292399444227141/899407553526324> >. Acesso em: 31 out. 2021.

²⁵ Disponível em: < <https://web.facebook.com/mal.educado.sp> >. Acesso em: 31 out. 2021.



(Figura 12 O Mal-Educado, imagem da página inicial na plataforma *Facebook*, detalhe: “Sobre”. Fonte: *Facebook*.²⁶)



(Figura 13 O Mal-Educado, imagem da capa da página inicial do *blog*. Fonte: *WordPress*.²⁷)

²⁶ Disponível em: < <https://web.facebook.com/mal.educado.sp> >. Acesso em: 31 out. 2021.

²⁷ Disponível em: < <https://gremiolivre.wordpress.com/> >. Acesso em: 31 out. 2021.



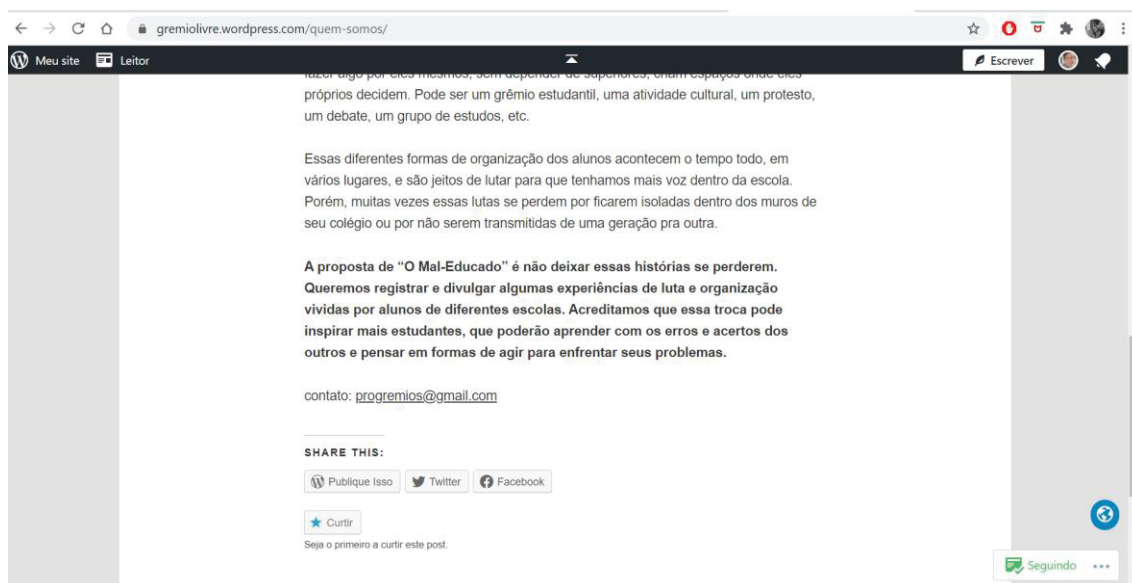
(Figura 14 O Mal-Educado, imagem da página “Quem somos” do blog (parte 1). Fonte: WordPress.²⁸)



(Figura 15 O Mal-Educado, imagem da página “Quem somos” do blog (parte 2). Fonte: WordPress.²⁹)

²⁸ Disponível em: < <https://gremiolivre.wordpress.com/quem-somos/> >. Acesso em: 31 out. 2021.

²⁹ Disponível em: < <https://gremiolivre.wordpress.com/quem-somos/> >. Acesso em: 31 out. 2021.



(Figura 16 O Mal-Educado, imagem da página “Quem somos” do *blog* (parte 3). Fonte: *WordPress*.³⁰)

1.8 Aproximação à *ocupa CPS* – São Paulo, 5 de maio de 2016

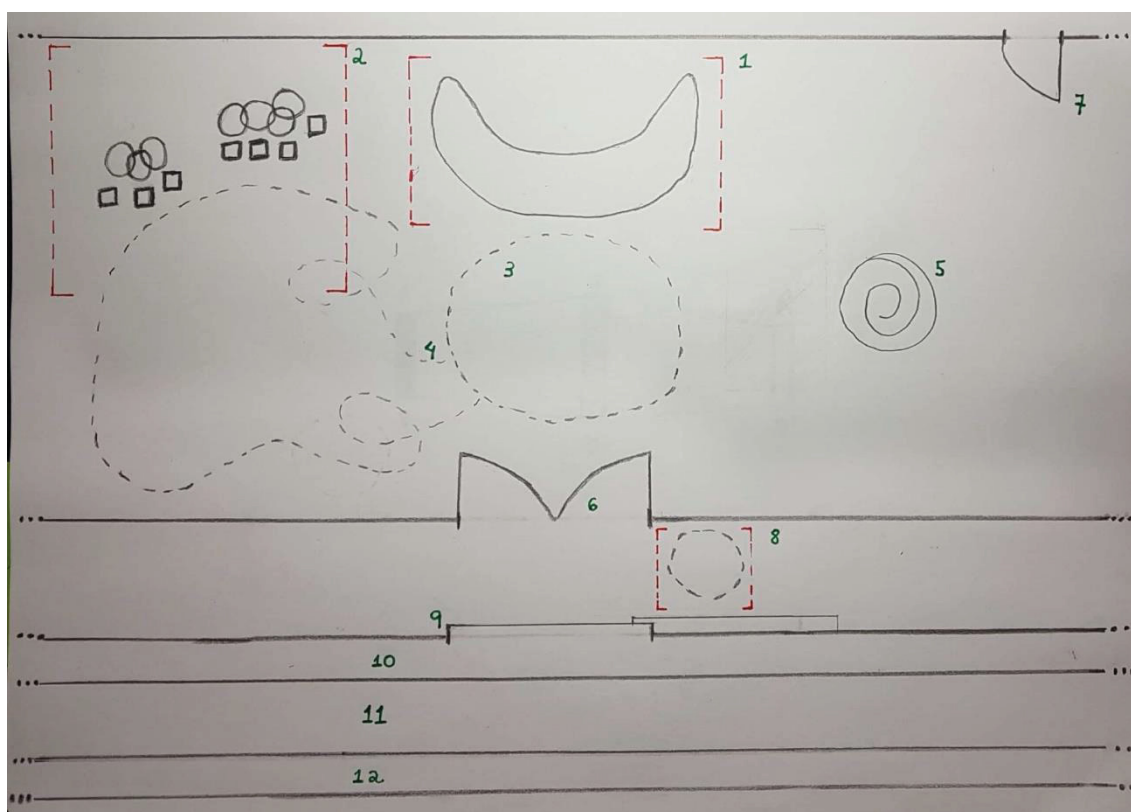
Em um papel autoadesivo, levava as palavras que me permitiriam entrar na *ocupa* pela primeira vez. Anotei-as no primeiro pequeno retângulo de papel que encontrei na bolsa. Apesar do súbito da surpresa, bem no meio do caminho para a *ocupa*, achei a caneta. Anotei. “Procura pelo Tancredo, o Tang, e fala que é amiga do Avezano, o Popiã.” Anotado.

O súbito da surpresa foi decorrente do fato seguinte: havia combinado com Avezano que nos encontraríamos na estação República da linha amarela do metrô; então, embarcaríamos para a estação da Luz; por fim, caminharíamos até o Centro Paula Souza para chegar à sua entrada pela rua dos Andradas. A sede administrava da autarquia estendia-se por um quarteirão. Nesse espaço também funcionava a Etec Santa Efigênia. A *ocupa* estava acontecendo na parte da administração, chegaríamos pela entrada oficial da sede, o saguão do prédio administrativo. No entanto, quando ainda estava na estação República do metrô, Avezano enviou mensagem pelo telefone (SMS) dizendo que não poderia ir. Depois, por telefonema, dizia que estava com dores no estômago, então, eu deveria ir sozinha e indicou o que poderia falar quando conversasse com as pessoas da comissão de segurança no portão de entrada: “Procura pelo Tancredo, o Tang, e fala que é amiga do Avezano, o Popiã.” Assim foi. Assim fiz.

³⁰ Disponível em: < <https://gremiolivre.wordpress.com/quem-somos/> >. Acesso em: 31 out. 2021.

Pus-me pés adentro, fui muito bem acolhida por Maria de Lourdes (Lou), que estava na comissão de segurança e foi comigo procurar pelo Tancredo. Assim que passei pela comissão de segurança e foi constatado que o Tang não estava na *ocupa* naquele momento, apresentaram-me para Martin Egídio, com quem, então, conversei mais longamente. Martin Egídio estava na comissão de comunicação. Andamos um pouco pela *ocupa* e ele foi me apresentando onde dormiam, as comidas que dispunham, entre outros aspectos da *ocupa*. Depois paramos, sentamos perto do balcão com os alimentos e seguimos conversando.

Martin explicava-me que dez pessoas integravam a comissão de comunicação naquele dia. As comissões são compostas de modo rotativo e decidido em assembleia. Na *ocupa CPS* (como em tantas outras) fazia-se assembleia diariamente para informar o que se passava em geral e em assuntos específicos. Muitas vezes, fazia-se uma assembleia atrás da outra.



(Figura 17 Croqui da *ocupação do CPS* vista no saguão da entrada oficial do Centro Paula Souza. Fonte: Arquivo pessoal.)

Legenda

Ponto 1. Balcão de recepção que funcionava como espaço da cozinha da *ocupa*. Ponto 2. Região do chão do saguão que funcionava como dormitório; desenhados em linhas preenchidas estão, respectivamente, as mochilas (círculos) e os cobertores (quadrados); Ponto 3. Região central do saguão; em linha pontilhada, o local das assembleias. 4. Volteios em linha pontilhada, atravessando o dormitório e passando pelo espaço da assembleia: percurso possível de Afonso andando de patinete enquanto participava de uma das duas assembleias que acompanhei no dia 5 de maio de 2016. Ponto 5. Escada em caracol, que leva ao primeiro andar (são quatro andares e a cobertura). Ponto 6. Porta de acesso ao saguão pela entrada. Ponto 7. Porta de acesso ao saguão pelos fundos. Ponto 8. Região do pátio com rodas de rima, dança. 9. Portão de acesso à *ocupa*. Ponto 10. Calçada. Ponto 11. Rua dos Andradas, número 140. Ponto 12. Calçada oposta à da *ocupa* na rua dos Andradas. As reticências nas pontas finais de cada linha horizontal significam que aquela linha representada continua.

Martin era e é apaixonado por fotografia. Martin é da cidade de Mauá, região metropolitana de São Paulo (SP). Ocupou sua escola em 2015, a Escola Estadual Maria Elena Colônia: rua Guadalajara, 135, bairro Parque das Américas, cidade de Mauá. Para ele, as redes digitais fazem com que seja passado adiante o teor que é veiculado pelas mídias independentes. E, em relação a outros formatos de circulação da informação, as redes digitais constituem algo que permite expressar *o corpo a corpo das ocupações*. Alguns exemplos de mídia independente citados foram: Jornalistas Livres, Brasil de Fato, Diário de Centro do Mundo, Mídia Ninja.

MARTIN — A mídia independente é a parcela da imprensa que tem dado voz às ocupações, pois eles seguem com *o corpo das ocupações*. Aqui está *o corpo das ocupações*. Não silenciam a gente. A grande mídia influencia com os poderes do Estado, o judiciário. [Pausa.] A ocupação na ALESP não tem ligação com aqui, pois foi chamada pelas *entidades estudantis*, que não têm credibilidade com as *ocupações autônomas*, pois têm outro modelo. Nas *ocupações autônomas*, o coletivo é representado pelo coletivo: *horizontalidade*. Estudantes querem estar em *comunidade* e não em *hierarquia*. A figura do líder é transformada na figura do coletivo. O movimento não tem a cara de um líder, mas tem a cara do movimento.

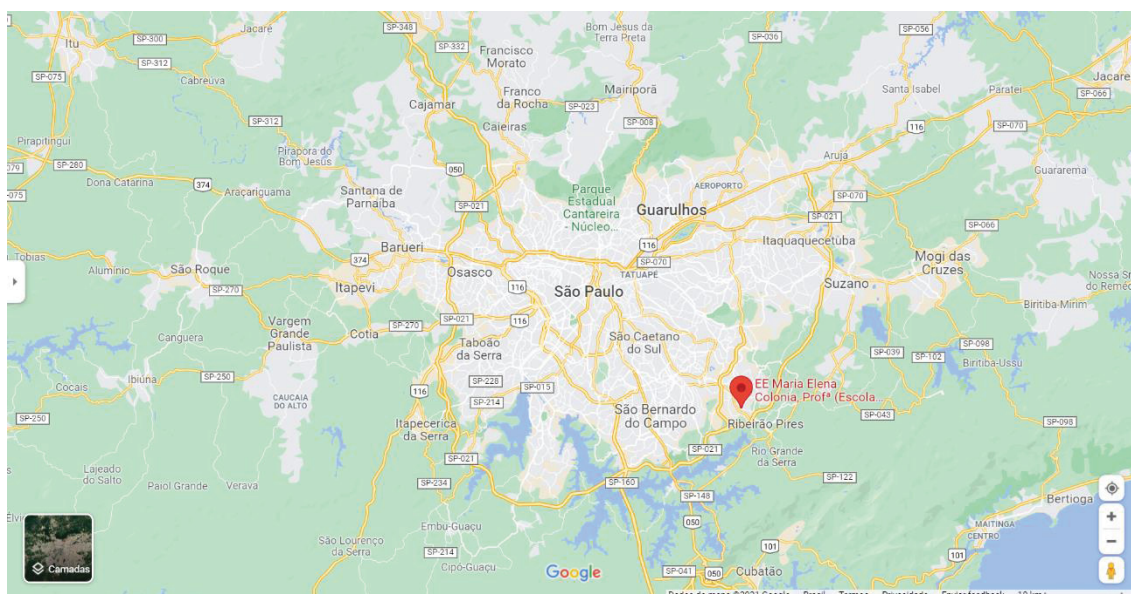
Perguntei sobre o que o move para a luta. Respondeu:

MARTIN — Viver uma vida diferente. O outro está acima de mim? [Fez sinal de negativo com o semblante.] Uma ideia que contempla a todos.

Aprofundando um pouco a conversa, Martin ponderou que:

MARTIN — *Autônomos* não são nem de esquerda nem de direita, mas acreditam na *luta em pauta*. A nossa *luta* é pela educação. Então, estão todos aqui.

Referiu que na *ocupação do CPS* coexistia uma pluralidade de *estudantes autônomos*. Havia *estudante autônomo* que era PTista, PCOista, PCRista, PSTUista, antifascista, autonomista, anarquista. Martin faz parte de um *movimento* que integrou o último congresso da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), o *Para todos*. Martin referiu que o *Para todos*, no último congresso da UBES, estava entrando com proposta de eleições diretas ao invés de ser por delegados.



(Figura 18 Escola que Martin *ocupou* em 2015, Escola Estadual Maria Elena Colônia, em Mauá (SP).

Fonte: Google Maps.)

Passando a conversar em seguida com João Kopke, ele me explicava que na *ocupa CPS* a cor da fita no braço indica qual comissão cada estudante está em tal ou qual dia, a fita era laceada no alto do braço, perto do ombro. Fita feita com o pano chamado TNT. A comissão de limpeza usava azul. A comissão de alimentação usava verde. A comissão de segurança usava vermelho. A comissão de comunicação usava fita amarela. Profissionais da *imprensa livre e independente* que circulavam dentro da *ocupa* usavam fita roxa. *Secundas* se alternavam para compor as comissões, como já anteriormente referido por Martin. Naquele dia, João Kopke estava na comissão de limpeza.

Kopke estava com dezesseis anos de idade, cursava o terceiro ano do ensino médio na Etec Guaracy Silveira, que estava ocupada naquele momento. A ocupação aconteceu dia 28 de abril (mesmo dia da ocupação do Centro Paula Souza). Foi uma *ocupação*

autônoma, por oposição às direções das *entidades estudantis*. Refletindo um pouco mais acerca dessa relação de tensão, referiu:

JOÃO KOPKE — O *movimento* autonomista tem uma espécie de tradição em que a *horizontalidade* do *movimento* vai mais na direção da expansão do *movimento*. Nas ocupações, as comissões colocam-se como soberania e a assembleia como soberana no *movimento*. O *foco* é dentro da *ocupação*, na *organização* entre as pessoas ali dentro. Aqui ninguém é rude com ninguém.

Perguntei-me sobre esse *foco* dentro da *ocupação*. Seria essa uma feição componente da materialidade dos modos de organização entre Secundaristas em Luta de São Paulo? “Dentro” em relação a? Por oposição a? Qual seria o “fora” de *foco*, o “fora” da *ocupação*?

João Kopke adensou um pouco mais a explanação:

JOÃO KOPKE — Dentro da *ocupação* se tenta evitar a fragmentação. É vital para o *movimento* esse companheirismo. É um problema a fragmentação da *esquerda*. Aqui estamos tentando organizar as pessoas em *unidade de debate*. Estamos em um momento de transição, momento de desgaste da velha *forma política*. Uma formulação da ideia de *geração* como *forma* de reviver ideias do início do século XX. Estamos na vivência dos finais de um ciclo. Vivência de uma crise global. Isso tem o aspecto de um novo e a *luta secundarista* é um novo para isso. Fora isso o que existe é falta de fé na atual realidade.

João esteve embrenhado nas *lutas populares* desde muito cedo. O pai é vinculado ao PT na cidade de Osasco. Quando estava no ensino médio, conheceu um amigo que fazia parte do *Juntos* (que é uma agremiação dentro do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL)). Em 2015, João foi ao congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) com o pessoal do *Juntos*. Aí começou a militância no *movimento* estudantil. Para ele, *luta* e militância existem quando a pessoa coloca seu ponto de ver explicitamente consciente em relação a uma realidade e age sobre a possibilidade de emancipação conforme a percepção que se tem dessa mesma realidade.

Caminhando para o fim de nossa primeira conversa naquele dia, João dizia:

JOÃO KOPKE — A gente, *estudante*, também é exército de reserva. Uma conexão da *luta secundarista* com outras. Por exemplo, as *sindicalistas*.

Perguntei a ele a respeito de suas inspirações para a *luta* e o que move para *lutar*. Respondeu:

JOÃO KOPKE — Zapata e figuras assim, mas muito da militância que eu convivo. Pois se vê com essas pessoas a perspectiva de que se consegue acabar com a hegemonia do

capital com a *luta*. O *movimento* da história em que a classe trabalhadora luta para romper as amarras, almejando outras condições de vida, pela revolução socialista. A gente tem que diferenciar o que é reivindicativo e o que é revolucionário.

No transcorrer da conversa, passei a me perguntar sobre os modos de *organização* entre o *peçoal* da coletividade então nomeada Secundaristas em Luta de São Paulo, suas formas de relacionar as coisas, objetos, pessoas. Como se elaborara a concepção de *organização* entre *Secundaristas em Luta de São Paulo*? Continuo lidando com a formulação dessa questão, palavras para escrevê-la, linguagem para descrevê-la.

Passei a conversar em seguida com Carmosina. Sentada em uma banqueta de pernas longas estava Carmosina quando entabulamos nossa primeira conversa. Carmosina estava com quinze anos de idade. Cursava o segundo ano do Ensino Médio na Escola Estadual Maria José, o Mazé: rua Treze de Maio, 267, bairro Bela Vista, região central da cidade de São Paulo. Carmosina (assim como Martin e João) *ocupa* o Centro Paula Souza desde o primeiro dia, 28 de abril de 2016. No dia da ocupação, no momento em que pularam o muro, Carmosina estava do outro lado da rua. Viu o pessoal começar a pular o muro. Dezenas e dezenas de pulos. Os seguranças do CPS acabaram por abrir o portão para ele não cair. De frente para o portão principal, assistia aos pulos e pensava intranquila:

CARMOSINA — Não acredito.

Carmosina ficou pasma com a audácia presenciada até que um lapso de lembrança a aterrou:

CARMOSINA — O que eu faço agora? Eles vão *ocupar*, está *ocupado*. Isso não durará mais que três horas. Talvez um dia no máximo? Preciso ir buscar cobertas, está frio. O pessoal vai dormir aí no chão. Está *ocupado*.

Telefonou para sua mãe contando que precisava das cobertas de casa e que ficaria na *ocupação*. Permaneceu em frente ao prédio com algumas amigas, esboçando comissões e outros ingredientes organizativos para apoiar a efetivação do funcionamento da *ocupação*, depois foi para sua casa e retornou à noite trazendo alguns cobertores. Entrou na *ocupação* para dormir. A *ocupação* continuava.

E continuou por oito dias, sendo que conversávamos na véspera da reintegração de posse, marcada para as seis da manhã do dia seguinte.

Com a voz calmamente apalavrando-se, Carmosina fixou o olhar entre exausto e meditativo por instantes no piso do Centro Paula Souza e mencionou:

CARMOSINA — Esses dias parecem mais com um mês, essa *ocupação* foi muito pesada.

Relembrou que no dia anterior, 4 de maio de 2016, havia aguardado com suspiro contido as notícias que o pessoal traria de uma reunião com juiz. Trariam notícias sobre o procedimento policial para a reintegração de posse. Essa reunião ocorreu durante o início da tarde de ontem.

Continuava a voz sereníssima com olhar esgazeado:

CARMOSINA — As pessoas que foram convenceram o juiz a se comover e ficar a nosso favor, não usar armas letais na reintegração de posse.

Os acontecimentos eram flamejantes no semblante de Carmosina. O arfar da voz repousava no ar compassadamente. Dizia-me que hoje, 5 de maio de 2016:

CARMOSINA — O terror psíquico foi grande. Ontem a reintegração foi adiada. Hoje continuamos tensos, o ambiente continua tenso. A defensoria pública está ajudando muito. O fato de ser *menor de idade* acaba ajudando em relação ao juiz.

Nesses minutos em que conversávamos, punha-se forte o entardecer. O sol caía impassível como em Carmosina contorcia a consciência de que após três tentativas de autorização judicial para realização de reintegração de posse, dessa vez, estava oficializada. Seria amanhã às seis da manhã.

Carmosina *ocupou* sua escola em 2015 com mais vinte secundaristas. Contava-me que, no primeiro momento, a União Municipal do Estudantes Secundaristas (UMES) doou os cadeados e correntes, depois a *entidade* sumiu e a *ocupação* fluiu. No primeiro momento, continuava, não houve apoio dos alunos da escola de modo suficiente quanto à produção de independência em relação às *entidades estudantis*. Por isso:

CARMOSINA — A minha escola estava inicialmente ligada à UMES, uma *entidade*, e depois a *entidade* não estava mais lá e seguimos *autônomos*. Seguimos junto com o Comando das Escolas Ocupadas até hoje. É como mostrar para os professores que eles não dependem do sindicato para fazer greve.

Com o transcorrer da ocupação no Mazé, Carmosina observou que houve uma interferência do seguinte fator:

CARMOSINA — A vice-diretora tem marido da ROTA e por qualquer coisa chama a polícia para intimidar. A *luta do movimento secundarista* é muito mais que *ocupação*, acredito que é possível um novo modo de sociedade.

CARMOSINA — A gente faz reflexão toda hora, discute toda hora, todo tipo de ideia revolucionária, pois são poucos *os que acreditam e lutam*. Acredito que o *movimento secundarista* dure por muitos anos. [Pausa.] A *ocupação* da ALESP é algo mais midiático, tem bandeira, tem linha política, não é um processo mais libertário como aqui.

Aqui, tentamos ser o mais livre possível. E seria um pouco difícil unificar *entidades* com *movimento estudantil autônomo*. É difícil encontrar algo que represente. Não existe algo que represente, que forme uma feição. Nas assembleias tentamos encontrar sentidos que todos sintam confortáveis e favoráveis. Nossas assembleias demoram muito, todo mundo quer falar, tem que votar.

Encaminhando a nossa conversa para o fim, Carmosina referiu que encontrou no ambiente familiar um espaço embebido de *lutas populares*, pois os pais dela são profissionais da *imprensa livre e independente*. Ao mesmo tempo:

CARMOSINA — Havia na escola um professor de Filosofia que fazia a galera pensar em autonomia e liberdade. Ele ajudou a gente a mobilizar na nossa escola para *fazer ocupação* em 2015. [Pausa.] Para ocupar aqui, houve um *ato* que terminou aqui e a Laura Laganá, a superintendente do CPS, não desceu para nos ouvir. Então, a galera começou a pular o muro.

Este era um muro gradeado, só grades, sem tijolo e cimento. Esse muro gradeado continha um portão de correr que se confundia na uniformidade quadriculada, vazada. Pouco se discernia o largo portão do longo paredão gradeado. Pularam o muro como o portão.

Passei a conversar em seguida com Fidelino Figueiredo, estudante na Escola Estadual Caetano de Campos: rua João Guimarães Rosa, 111, bairro da Consolação, região central da cidade de São Paulo. Ele canta e faz música quase o tempo todo na *ocupa*. Conversamos rapidamente durante o intervalo entre uma roda de rima e outra. Sequer houve tempo para anotar no caderno de campo algo da conversa como quando falei com Martin, João e Carmosina. Fidelino sugeriu que eu anotasse os contatos de correspondência eletrônica (*e-mail*) e de telefone, depois combinaríamos para falar mais.

Nota da Secretaria de Segurança Pública do estado de São Paulo sobre a ação de reintegração de posse no Centro Paula Souza, datada de 05 de maio de 2016

“A SSP esclarece que o Tribunal de Justiça manteve a reintegração de posse no Centro Paula Souza, que será cumprida no momento adequado, quando afastadas duas condições abusivas e ilegais fixadas pelo magistrado da Central de Mandados, em total desrespeito à Constituição Federal e ao Princípio da Separação de Poderes.

O estabelecimento de condições extravagantes sem qualquer fundamento legal para o cumprimento de ordem já autorizada pelo juiz natural da ação possessória (14ª Vara da Fazenda Pública) e confirmada pela 1ª Câmara de Direito Público do Tribunal de Justiça pode gerar riscos no momento de retirada dos invasores.

A análise sobre a necessidade ou não de porte de armas, inclusive não de porte de armas, inclusive não letais, deve ser feita pela Polícia Militar, para garantir a integridade dos próprios manifestantes, como forma de mitigar atos mais enérgicos ou que possam ocasionar maior dano às pessoas e segue estritamente a legalidade e razoabilidade, adotando os Princípios Básicos sobre o Uso da Força e Armas de Fogo pelos Funcionários Responsáveis pela Aplicação da Lei, adotados por consenso em 7 de setembro de 1990, por ocasião do Oitavo Congresso das Nações Unidas e no Código de Conduta para os Encarregados da Aplicação da Lei, adotado pela Assembleia Geral da ONU em 17 de dezembro de 1979.

O comando da tropa na operação não pode ser retirado sem nenhum critério constitucional ou legal da hierarquia da Polícia Militar, a quem compete o planejamento, comando e execução da operação (art. 144, CF/88) e atribuído, arbitrariamente, ao Secretário da Segurança Pública, pois não compete ao Poder Judiciário determinar quem irá comandar a operação policial. A indicação do comandante do ato policial constitui ato próprio do Poder Executivo, sendo ilegal ao magistrado substituí-lo nesta decisão, com flagrante ofensa ao princípio da Separação de Poderes (CF/88, art. 2º).

A SSP já solicitou à Procuradoria Geral do Estado que adote todas as providências cabíveis para afastar as ilegalidades, permitindo o integral cumprimento da ordem judicial.”

(Disponível em < <http://www.valor.com.br/politica/4550827/gestao-alckmin-defende-uso-de-armas-para-retirar-alunos-do-paula-souza> >. Acesso em 22 out. 2018)

Respeitosa e amigavelmente, com algum tilintar de aflição apressada, despediu-se, lembrando que conversaríamos mais depois. E correu. Olhei de longe. Estava já formada uma pequena roda de rima. Fidelino cantava e fazia música, novamente o tempo todo.

Em seguida, Senhorita F. e Saboia de Medeiros chegaram perto para me levar pelos espaços da *ocupa*, apresentando todos os andares do Centro Paula Souza. Fomos do piso térreo ao primeiro, ao segundo, ao terceiro, ao quarto andar e à cobertura.

Esse era o primeiro dia em uma *ocupa*, quando comecei a conversar com as pessoas que viriam a constituir o conjunto das interlocuções de pesquisa durante maior extensão de tempo. Como antes mencionado, encontrei a *ocupa* na iminência da ação de reintegração de posse. Era fim de tarde, corria as dezesseis horas no minuto em que caminhei passos adentro. Escutava as últimas frases da advogada *apoiadora*, que esclarecia sobre a suspensão da reintegração de posse para aquele dia, 5 de maio de 2016, contudo, sua efetiva e inevitável transferência para o dia seguinte; às seis da manhã.

1.9 Reintegração de posse e repressão policial – São Paulo, 6 e 13 de maio de 2016

No dia seguinte, todavia, já às quatro e trinta da madrugada, a tropa do Batalhão de Choque isolara o quarteirão, mantendo à distância familiares, *apoiadores*, *secundas* que saíram antes, imprensa e, inclusive, advogados e o Conselho Tutelar. Dentro da *ocupação* estavam cerca de trinta secundaristas, conforme decidiram em assembleia no início da madrugada anterior (a segunda assembleia naquela noite, iniciada e encerrada aproximadamente entre vinte três horas e trinta minutos e duas horas da manhã):

MISS BROWNE — Resistir quando o Choque chegar.

O processo de tomada dessa decisão foi permeado de tensão, adrenalina, medo de apanhar demasiado, de todos serem encarcerados e ficarem muito *marcados*. O que se expressava claramente durante a assembleia:

MISS BROWNE — Militante bom, é militante livre e sem estar quebrado.

Nesse primeiro dia em uma *ocupa*, permaneci um bom pouco de hora. Despedi-me às duas e trinta da madrugada. Acompanhei duas assembleias. Contribuí com a faxina do piso térreo, da escada em caracol, do primeiro, do segundo, do terceiro, do quarto andar e a cobertura, o inteiro do prédio. Era véspera da desocupação forçada. Por fim, pus-me pés adentro de volta à casa. Girei os olhos para baixo e vi: corriam as três da madrugada.

Algum tempo depois desse dia novamente o súbito da surpresa produziu presença: percebi que estive na *ocupa* até bem perto do horário em que começou (cerca de quatro da manhã) o cerco ao quarteirão do Centro Paula Souza, seguido pelo desdobramento da bruta repressão que marcou essa reintegração de posse.

Ninguém foi preso, surpresa geral. Saíram andando em um *mini-ato*, conforme o nomeou Dias, interlocutor de pesquisa, que se dirigia à ETESP, uma Etec próxima e, então, *ocupada*. Chegando lá, o policiamento em frente à ETESP não deixou que eles entrassem. Depois de um tempo tenso, cujos segundos crispavam-se ao passar, com o *mini-ato* em frente ao policiamento, então, o *peçoal* decidiu que iriam para a Diretoria de Ensino Centro-Oeste (DECO), que estava *ocupada*. Chegando lá, ficaram cerca de cinco horas em ato em frente à Deco, pois o policiamento não os deixava entrar também. Quando finalmente puderam entrar, houve a notícia de que sua *pauta* pela merenda nas Etecs fora atendida: enquanto o governo estadual constrói o *bandejão* (restaurante) nas Etecs, haverá almoço de *marmitex* (marmitta de restaurante) para os *estudantes*.

Passo agora às notas do caderno de campo no dia 13 de maio de 2016. Hoje Foi o primeiro dia do governo interino do vice-presidente Michel Temer (MDB). Alexandre de Moraes foi nomeado Ministro de Justiça e Cidadania. Na *assembleia* dos Secundaristas em Luta de São Paulo, realizada hoje, estes fatos são comentados, conforme se lerá a seguir.

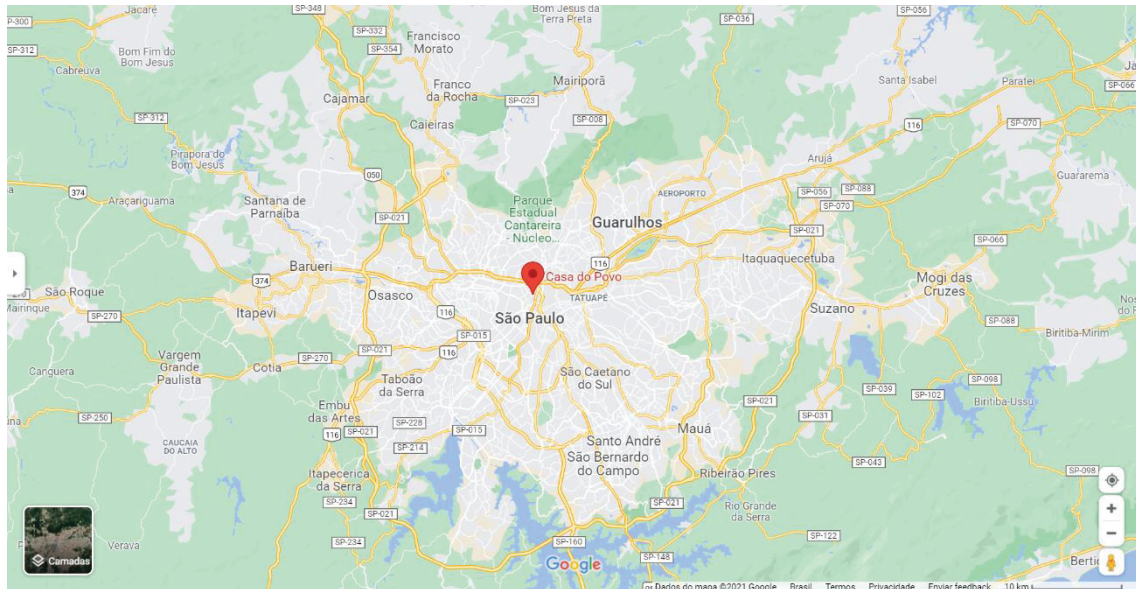
Hoje é a primeira *assembleia* dos Secundaristas em Luta de São Paulo depois da reintegração de posse do Centro Paula Souza. O pessoal passou a realizar as *assembleias* no Centro Cultural Casa do Povo: rua Três rios, 252, bairro do Bom Retiro, região do centro expandido na cidade de São Paulo.³¹ Exceto uma delas – que foi chamada pelos Secundaristas em Luta de São Paulo, não obstante, reunindo universitários e alguns coletivos –, as demais tiveram lugar na Casa do Povo desde então.

A *assembleia* do dia 13 de maio de 2016 estava composta por aproximadamente quarenta pessoas. Marcada para as quatorze horas, começou aproximadamente às quinze. O pessoal estava sentado no chão em formato de círculos sucessivos indo do menor diâmetro para o maior. O espaço estava apinhado, era o salão do segundo andar da Casa do Povo. O primeiro a falar, assim que a *assembleia* começou, foi Virgílio.

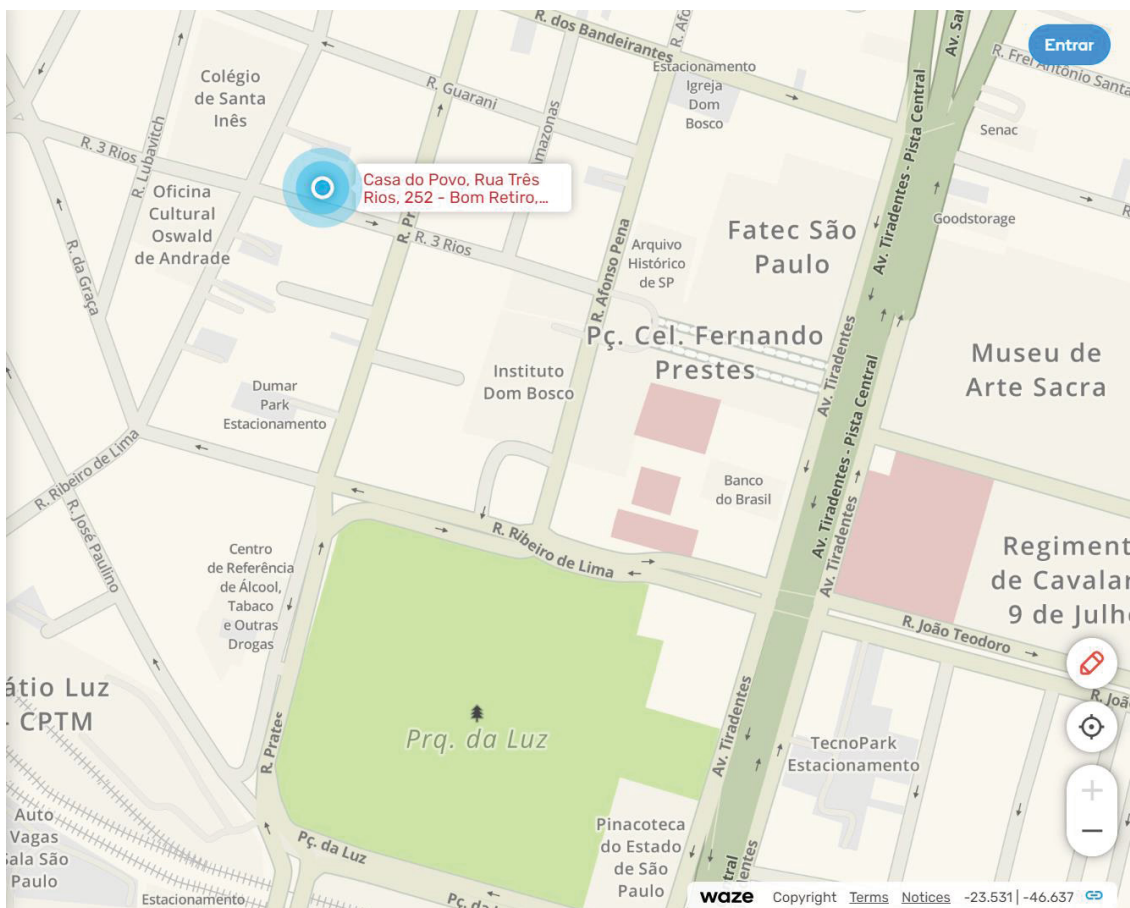
³¹ No sítio eletrônico do Centro Cultural Casa do Povo, lê-se em “Sobre” que “A Casa do Povo é um centro cultural que revisita e reinventa noções de cultura, comunidade e memória. [...]”. Disponível em: <<https://casadopovo.org.br/sobre/>>. Acesso em: 31 dez. 2021.

VIRGÍLIO [*Esbaforido, andando de um lado para o outro, com a voz enfática.*] —

Repressão, muita repressão de ontem para hoje. A repressão mudou de figura de ontem para hoje. Alexandre de Moraes como novo Ministro da Justiça emitiu decreto que permite a reintegração de posse sem mandado nas ocupações no Brasil inteiro.



(Figura 19 Centro Cultural Casa do Povo, na região do centro expandido de São Paulo (SP), bairro do Bom Retiro, estivemos numerosas vezes aqui. Fonte: Google Maps.)



(Figura 20 Centro Cultural Casa do Povo e arredores. Fonte: Waze.)

[No dia 13 de maio de 2016, cerca de setenta secundaristas foram detidos nas desocupações forçadas mediante ações de reintegrações de posse sem mandado judicial ocorridas na cidade de São Paulo e de Guarulhos.³²]

MARY MORAES — As ocupações não são mais a melhor tática. Poderíamos tentar ampliar a *pauta* para contra cortes na educação, contra privatização na educação. A *pauta*

³² Acerca do construto que possibilitou, em termos jurídicos, as reintegrações de posse em ocupações sem mandado judicial a partir de então, ver: TAVOLARI, Bianca *et al.* As ocupações de escolas públicas em São Paulo (2015-2016): entre a posse e o direito de manifestação. **Novos Estudos Cebrap**, v. 37 n. 2, 2018; TAVOLARI, Bianca e BARBOSA, Samuel. Judiciário e reintegrações de posse de escolas ocupadas: jurisprudência comparativa. In MEDEIROS, Jonas *et al.* (orgs.) **Ocupar e resistir: movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil (2015-2016)**. São Paulo: Editora 34; FAPESP, 2019. Para ler a íntegra do parecer da Procuradoria Geral do Estado que permitiu esta mudança, ver: < conjur.com.br/2016-mai-13/estado-retomar-imovel-ocupado-aval-judicial-pge-sp > Acesso em: 10 jun. 2021. Para uma discussão sobre consequências e articulação desta medida com procedimentos específicos no caso das *ocupações* no estado do Paraná, a partir de outubro de 2016, convido a colocarmos em diálogo as reflexões de Tavolari e Barbosa, acima citadas, com a análise de Marcoccia, Souza e Pereira. Ver. MARCOCCIA, Patrícia Correia de Paula; SOUZA, Rodrigo Diego de; PEREIRA, Maria de Fátima Rodrigues. Processos de reintegração de posse das escolas ocupadas pelos estudantes no Paraná: a ideologia burguesa do aparelho judiciário e policial. **Revista Katalysis**, v. 22, p. 374-382, 2019.

da merenda ou do fechamento de escolas via o fechamento silencioso de salas são *pautas* a se ampliar.

SECUNDA N1³³ — Existe a experiência da repressão e a perseguição judicial. O pior é o que vem depois: o processo judicial. Quem decidir sair agora não é pelego.

SECUNDA N2 — O promotor de justiça disse que agora as polícias podem entrar sem liminar. A mobilização precisa focar nas questões de educação e não deixar que o foco seja soltar as pessoas da prisão.

VIRGÍLIO [*Esbaforido, andando de um lado para o outro, com a voz enfática.*] — Precisamos que a coletiva de imprensa expresse posição: nossa posição sobre a repressão. Precisamos expor nossa posição.

SECUNDA N3 — Agora é se preparar para o refluxo. Quando está tudo indo na *luta* é o fluxo e quando tem retração é refluxo. Então agora a gente tem que estar preparado para o refluxo. A gente falava que ia fazer trabalho de base e não fez. A gente tem que manter esse espaço de reunião.

BATISTA — O que ocorreu hoje foi algo bastante severo. Alexandre de Moraes vem com um decreto que se aplica somente às *ocupações*, então, é algo que realmente os incomoda. A *ocupação* está se tornando desgastada. Acho que está ficando sem condições de manter *ocupações*.

MISS BROWNE — A nossa *luta* sempre será contra o Estado e não contra quem senta ao nosso lado na escola. Se a gente aprender na *luta*, eles aprendem a reprimir também. A gente tem *movimento* unificado. Ano passado nós estávamos batendo de frente com uma medida específica. Dessa vez é diferente. Nós estamos tendo que dar um salto, pois estamos tendo que propor. É pela merenda, é contra cortes na educação, contra a terceirização na educação. Devemos pensar na *desocupação*. Não vejo como o *movimento* de *ocupação* poderia crescer agora e o que se vê são as invasões policiais na calada dos horários permitidos pela lei, tudo sem mídia nem nada, com muita gente apanhando, com muito desgaste de *militância*.

SECUNDA N4 — As [*Fez sinal de aspas com as mãos.*] “guerrilhas informativas” consistem em desenvolver um *movimento* filosófico dentro disso para estruturar essa mudança de *tática*, já que as ocupações como *tática* está estrangulada pela repressão mais e mais agora do que antes em termos de ideias. Essa resistência são as “guerrilhas

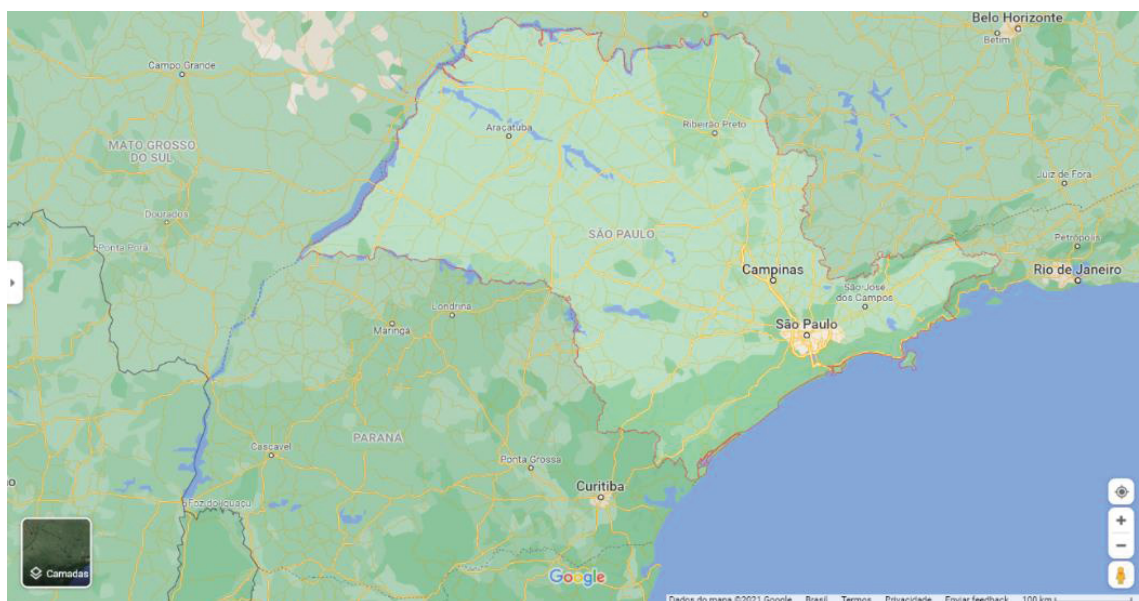
³³ Designarei pela letra “n” seguida de um número, doravante, em ordem crescente, aquelas pessoas que desconheço e/ou com quem jamais dispus de circunstância para conversar.

informativas”. Proponho um calendário cultural, chamar artistas como forma de mobilizar, de atingir a comunidade.

CARVALHO — Muita gente não entende e está chegando ao ponto de brigar. Briga entre *estudantes*, gente saindo de perna, braço quebrado. Proponho fazer um vídeo, um texto, para combater a desinformação, para *puxar* para dentro do *movimento* os pais e outros *alunos*.

SILVEIRA — Em Campinas nós fizemos pedágio nos ônibus para que eu pudesse estar aqui hoje e levar informação para lá. A reitoria da UNICAMP está ocupada neste momento. Está havendo repressão forte também sobre as *ocupações* no Rio de Janeiro. As nossas raízes têm que ser junto com os *trabalhadores*, com as *periferias*, que sofrem com a precarização. Na conjuntura nacional é o momento de trazer as pessoas para o nosso lado por uma educação de qualidade para todos, seja *burguês*, seja quem for, essa *burguesia* que um dia não vai mais existir. A *juventude* é raiz, os *trabalhadores* são tronco e todo mundo junto forma a árvore inteira.

[*Tempestade de palmas em LIBRAS.*]



(Figura 21 Campinas (SP) e São Paulo (SP). Fonte: Google Maps.)

MARY LIMA — Eu sou de uma Etec na zona leste. Tenho que chegar lá na *ocupação* e dar um parecer p'ros caras. Tem só eu aqui da minha Etec, mas lá tem oitenta pessoas.

Temos que *tirar* uma *pauta* fixa. *Desocupar* de forma *organizada* e sermos a semente, esperando a consciência nascer nessas pessoas.

APOIADOR N1 — A bandeira do contra golpe, não. Mas sim contra governo Temer.

APOIADOR N2 — Se a gente não se articular a gente some, pois Alexandre de Moraes e companhia limitada estão se articulando. A repressão a partir de agora será numa escala que a gente nunca viu.

MARY LIMA — Proponho fazermos jogral no metrô com a presença de *mídia livre e independente* passando a mensagem para o *trabalhador* às quatorze e quinze, às dezoito horas, para que os pais ouçam isso e depois digam “olhe, filho...”. Por exemplo, eu estava no metrô e ouvi isso: “estão se organizando, acho que vai acontecer algo”. Precisamos de uma proposta para sensibilizar *trabalhadores* e tentar *unificar* com *trabalhadores*.

MARY MORAES — A gente sai da *ocupa*, mas não da *luta*. Temos que permanecer *organizados*.

SECUNDA N5 — *Desocupação* de todas – proposta de indicativo. *Ato* quinta-feira, dia dezanove de maio.

MISS BROWNE — Indicativo de que é bom *desocupar*, pois se for *desocupada* pela polícia as pessoas vão para o DP. Estão abrindo mão da *ocupação* agora para fortalecer a *luta*.

VIRGÍLIO — Pensemos em uma jornada de *atos* após as *desocupações*. Começando com uma coletiva de imprensa expondo repúdio à repressão. Elaborar um texto para isso. Tentar assegurar a *conquista* da proposta das marmitas para as Etecs enquanto o governo

não construir bandeirão. Proponho fazer uma comissão para esse texto da coletiva de imprensa.

SECUNDA N6 — Proponho *desocupar* todo mundo junto, se for *desocupar* mesmo.

SECUNDA N7 — Se o *ato* for quinta-feira, então, Alexandre de Moraes já *desocupou* o país na quinta-feira. Na nossa opinião, quinta-feira, por maioria de votação. Na votação dos indicativos, *desocupar* teve aprovação por unanimidade.

[*Na votação das propostas, o ato teve a data marcada para quarta-feira, dia 18 dezoito de maio, por maioria de votação. Na votação dos indicativos, desocupar teve aprovação por unanimidade.*]

SECUNDA N8 — Tomemos cuidado no texto sobre os *indicativos* de *desocupação* para nós não cometermos erros do passado e ficar parecendo que a *desocupação* é uma ordem. Não é. É um *indicativo*.

VIRGÍLIO — Continuaremos construindo espaço de *assembleia* assim como esse.

MARY MORAES — Compor agora *comissão* para a nota sobre ser melhor *desocupar*.

[*A composição da comissão foi aprovada com as seguintes pessoas: Virgílio, Miss Browne, Maria Helena, Andronico. A assembleia passou a decidir sobre horário e local de concentração do ato marcado para quarta-feira, dia 18 de maio.*]

SECUNDA N9 — Atenção para analisar o local de modo que seja onde menos poderiam se ferrar pela polícia.

[*A votação para o local de concentração do ato: Largo da Batata – 7 votos; MASP – 14 votos; Praça da república – 1 voto; Anhangabau – 3 votos.*]

MARY MORAES — Quem quer fazer parte da *comissão* que vai fazer o trajeto do *ato* ser iniciado no MASP? *Comissão* do trajeto também estará com a *comissão* de segurança rondando pelo percurso vendo como está em termos de perigo quanto à repressão.

VIRGÍLIO — Proposta: fazermos uma coletiva de imprensa entre dezessete e dezenove horas de hoje. As mesmas pessoas da *comissão* que fará a nota de *indicativo* de *desocupação* poderiam *mobilizar* isso junto com a *imprensa livre e independente*.

MISS BROWNE — Próxima *assembleia* será quinta-feira, dia 19 de maio, aqui na Casa do Povo.

[*A comissão para fazer a nota se agrupou trocando número de telefones e a assembleia finalizou. Depois da assembleia do dia 13 de maio, fui junto com o pessoal que fazia a nota sobre o indicativo de desocupação e a nota de chamada para o ato de quarta-feira. Na primeira lanchonete próxima à Casa do Povo, seguindo na rua Três Rios em direção à estação de metrô Tiradentes, o pessoal começou a discutir o texto e a*

escrevê-lo. Uniram duas ou três mesas de plástico de modo que comportasse o grupo: Miss Browne, Silvia, João Kopke, Astrogildo, Andronico e Heloísa Assumpção. Eu continuava a anotar no ritmo da assembleia: rápido, livre e silente, quase zero palavras faladas. Não obstante, havia amizade nos olhos o suficiente para nos manter em interligação ao redor da mesa.]

MISS BROWNE — O que discutimos na *assembleia* sobre a mudança na repressão, sobre a diferença das *ocupações* do ano passado para essas. Diferença do ano passado: o Alckmin está pondo os próprios alunos para causar desunião na *luta*.

HELOÍSA ASSUMPCÃO — Deixar bem claro que é um *indicativo*, mas que continuamos apoiando se quiserem manter. Evitar desmoralização da *luta* no momento da *desocupação*. Finalizar com data da próxima *assembleia*. Esse ano nenhuma Etec está querendo mesmo ficar *ocupada*; diferente do ano passado, que havia um *peçoal extremo* querendo muito ficar na escola.

ANDRONICO — Começar deixando bem claro os excessos, abusos e tudo o que houve hoje, sexta-feira.

HELOÍSA ASSUMPCÃO — Eles entraram hoje nos locais que estavam com mais pessoas do *ocupa CPS*. ETESP, Regional Guarulhos, Norte 1 e Centro-oeste.³⁴ Mais de setenta pessoas detidas na reintegração.

MISS BROWNE — O ex-Secretário de Segurança Pública do estado de São Paulo, Alexandre de Moraes, agora Ministro da Justiça e Cidadania, sempre coordenou atividades ilegais e autoritárias contra *movimentos sociais* e realizou manobras na lei para executar ações ilegais. Manobrou a lei para assegurar que as reintegrações de posse não necessitem de mandado judicial nem comunicação prévia. A gente tem o contato de todo mundo se precisar enviar a carta para ler. Acho que há uma birra com a gente que *ocupou* o Paula Souza por parte do Alexandre de Moraes. Talvez por ele ter sido intimado pelo

³⁴ Referência à Diretoria de Ensino Regional Guarulhos, Diretoria de Ensino Regional Norte 1, Diretoria de Ensino Centro-oeste.

juiz sobre a *ocupação do CPS*. Isso mostra que o Estado age com repressão contra reivindicações legítimas ao invés de atender direitos fundamentais.

ANDRONICO — Falar menos do governo Alckmin e falar mais do Estado. No texto da nota, falar da mudança de *tática* por parte do Estado: pôr aluno contra aluno, quebrando unidade de classe.

MISS BROWNE — *Movimento estudantil não é classe não.*

ANDRONICO — Estado passou a usar os próprios alunos, passou a incentivar por meio da direção de escolas e diretorias regionais.

MISS BROWNE [*Virando-se diretamente para mim, falando com algum bom humor, sorrindo.*] — Tentaram já me cooptar para o PCR. O PCR criou a FENET, Federação Nacional das Escolas Técnicas, federação que ninguém conhece.

MISS BROWNE [*Voltando-se para o conjunto ao redor da mesa e continuando a redação da nota.*] — Sugerimos que os alunos discutam em *assembleia* a *desocupação* de suas escolas levando em consideração a mudança brusca de conjuntura, o momento político atual. Estamos com dois dias de governo Temer no país. Nossa *luta* não começou com *ocupação* e não vai acabar nela. O *movimento secundarista* se espalhou por toda América Latina e França. Pensando que a *luta* só vai crescer, chamamos para um *ato* unificado com universitários, sindicatos, e todos que apoiam a *luta* da educação.

MISS BROWNE [*Virou-se diretamente para mim, falando risonha.*] — Aqui na *comissão*, aqui para fazer a nota, tem O Mal-Educado, a ANEL e o Juntos, estamos em “trabalho de grupo”.

MISS BROWNE [*Voltando-se novamente para o conjunto ao redor da mesa e continuando a redação da nota.*] — As *ocupações de escolas* são apenas uma *tática* de reivindicação de uma educação de qualidade. Fizemos *atos* e *trancamentos* e outras *táticas* para entrar em contato direto com a população, assim como fizemos as aulas públicas no ano passado. A *luta* se expandiu de São Paulo para outros estados e do Brasil para o mundo, contra qualquer governo que defenda a precarização da educação. Um salve para a galera do Paraguai, do Chile, da França. A *luta* unificou e vai se expandir.

JOÃO KOPKE [*Fala para todos da mesa fazendo galhofa.*] — Aí, a gente coloca junto com a nota o PDF d’ *O Estado e a revolução*.³⁵

³⁵ Nome de um livro que se pode encontrar na seguinte edição em língua portuguesa: LENIN, Vladimir Ilitch. **O Estado e a revolução**: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução. Tradução revista por Aristides Lobo. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MISS BROWNE — Convocamos todos os universitários em greve, *trabalhadores* da educação e demais *apoiadores*, que acham na *luta* pela educação uma causa justa, para o *ato* na quarta-feira, dia 18 de maio, no vão livre do MASP. *Nossa luta é uma só, não tem arreg'o!*

JOÃO KOPKE — Páginas da *Internet* para *puxar* divulgação do *ato*: *Etecs Famintas, Secundaristas em Luta de São Paulo*.³⁶

MISS BROWNE [*Voltando-se diretamente para mim, explicava.*] — O Juntos constrói uma frente das Etecs desde o ano passado. Esses eventos são divulgados partindo de fóruns do *movimento secundarista* e não d' O Mal-Educado. Na nota não precisamos colocar uma lista de quem está em solidariedade aos setenta presos durante as reintegrações de posse hoje. Sempre há uma lista com numerosos *movimentos*, mas não precisa listar nem na nota sobre o *indicativo* de *desocupação* nem na chamada para o *ato*.

ANDRONICO [*Diretamente para mim, entrando na conversa puxada por Miss Browne.*] — Que qualidade de *ato* a gente vai ter com gente do MST? [*Respondeu balançando a cabeça de um lado para o outro, com o semblante em sinal negativo.*]

A partir deste dia, eu não levaria mais o caderno de campo para o trabalho de campo. Isso porque, perguntava-me: e se a polícia levar o caderno inteiro? Eu ficaria sem todas as anotações. Para evitar prejuízo etnográfico, resolvi que levaria sempre um caderno do qual eu poderia retirar as folhas de cada dia de trabalho de campo e grampeá-las ao caderno de campo principal ao retornar para casa. Ao caderno em que grampeava as folhas de cada dia chamarei, doravante, por “Diário de Campo I”.

³⁶ Tais páginas estão alocadas na plataforma Facebook. Para acesso à página *Etecs Famélicas*, ver: < <https://www.facebook.com/ETECs-Famintas-661413470657445> >. Para acesso à página *Secundaristas em Luta de São Paulo*, ver: < <https://www.facebook.com/luta.secundas/> >. Acesso em: 7 out. 2021.

divulgados partilhados de forma dos meios
 necessariamente e não de Juntas ou OMal
 Educado ou outros.

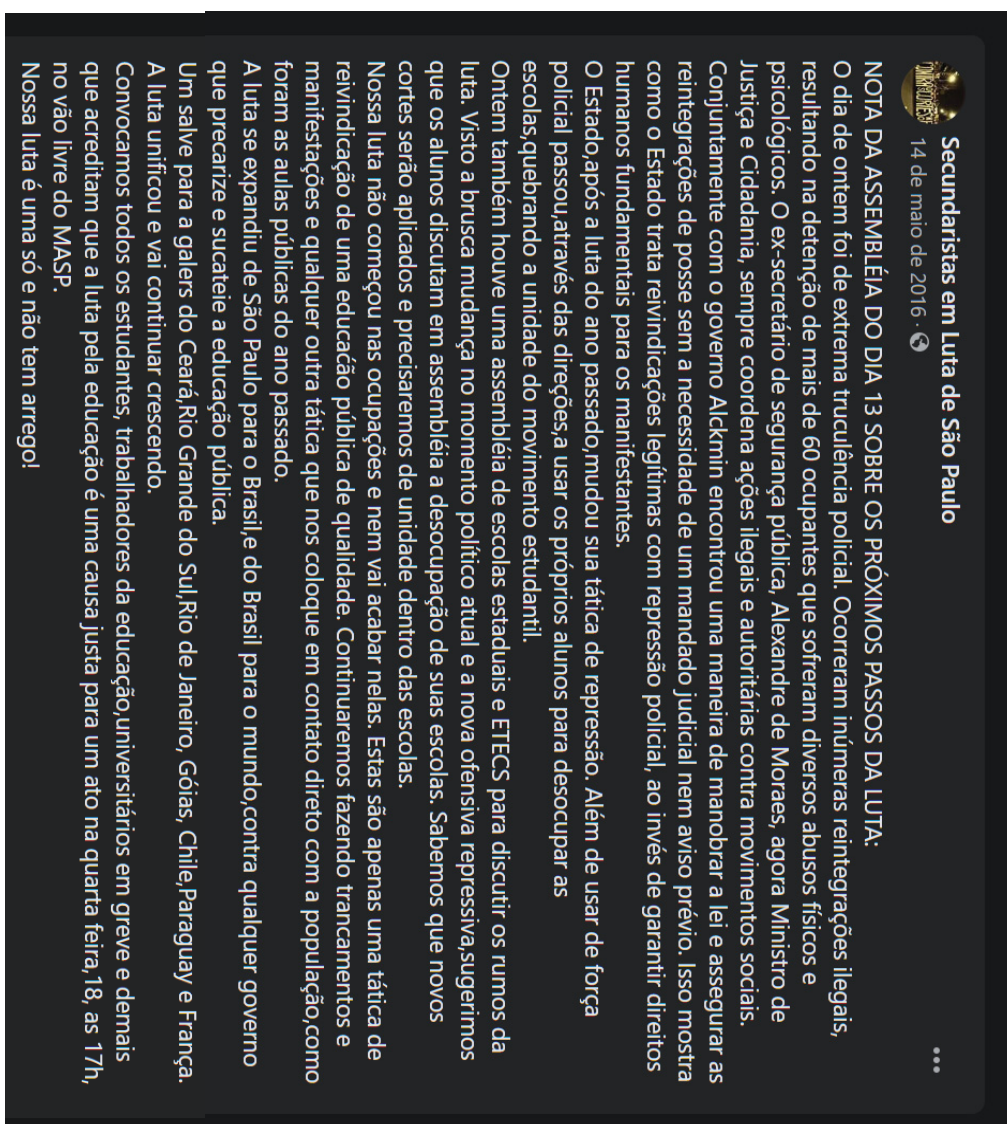
↳ Não preciso explicar assim. Existem de quem
 se chamam e o [?] de sobre isso que

MISS BROWNE diz que que não, **M. de** de
 Ma 13, em setembro 2016, horas: 18h30 - 21h30

Andrónico Que qual é de este e que se
 e que de MST? Não são bem
 a diferença
 aparência
 física

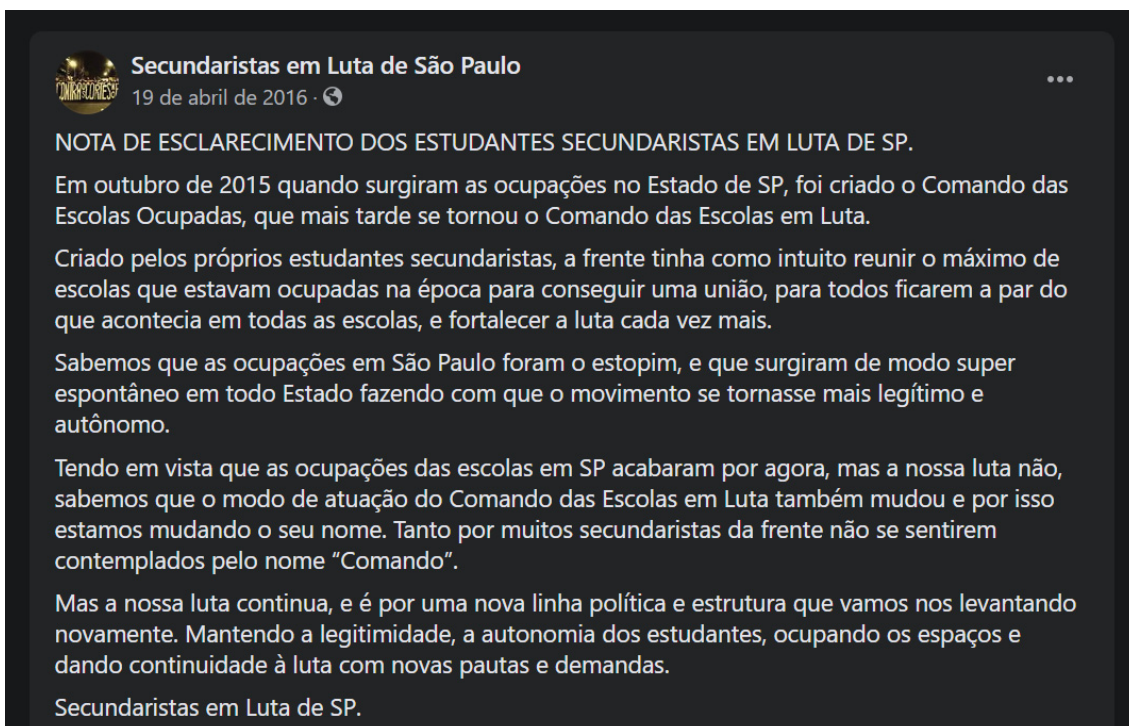
Passar a pagar a 2ª NOTA
 A NOTA de 8 chamada p. o ATO.
 Decidem pagar 2ª nota amanhã.

(Figura 22 Diário de Campo I, p. 74, fim das anotações depois da assembleia do dia 13 de maio de 2016.)



(Figura 23 Secundaristas em Luta de São Paulo, “Nota da Assembleia do dia 13 sobre os próximos passos da luta”. Fonte: *Facebook*.³⁷)

³⁷ Disponível em: < <https://www.facebook.com/luta.secundas/posts/873757112746472> >. Acesso em: 7 out. 2021.



(Figura 24 Secundaristas em Luta de São Paulo, “Nota de esclarecimento dos estudantes secundaristas em luta de SP”. Fonte: *Facebook*.³⁸)



(Figura 25 Secundaristas em Luta de São Paulo, página inicial na plataforma *Facebook*, detalhe: “Sobre”. Fonte: *Facebook*.³⁹)

³⁸ Disponível em: < <https://www.facebook.com/luta.secundas/posts/859402190848631> >. Acesso em: 7 out. 2021.

³⁹ Disponível em: < <https://www.facebook.com/luta.secundas/> >. Acesso em: 7 out. 2021.

CAPÍTULO II – “ESTUDANTES PELOS ESTUDANTES”: DINÂMICAS DA ORDEM E DA DESORDEM

— Alô?
— E ae, Foice, firmeza?
— Martelo? Cê é loko, hein, cachorro. Como é que tá a quebrada?
— Quebrada tá uma uva, cachorro. E a ocupação?
— A ocupação tá monstro. É a terceira que eu passo hoje, terceira. Tô aqui no Paula Souza e o bagui' tá muito loko, vários estudantes de várias escolas, mano.
— Seguinte, mano, pessoal aqui da ocupa mandou um salve aí, fizemo' uma música aí, hein, mano. Posso mandar aí pru cê, mano? Ouve aí, ouve. É mais ou menos assim...

*Eu sou da Etec, ocupo e não vou sair fora
Chama o Choque e vem, mas nós não vai embora
O Centro Paula Souza já tá todo ocupado
Estudante e professor lutando em todo o estado [2X]*

*Não vem me dizendo, ôu, que as escolas têm merenda
Nóis quer comida, água e bolacha não sustenta
A nossa luta é contra corte de investimento, por merenda de verdade e para os professor aumento
Escola estadual e Etec tá tudo fechadão, organizando ato e várias ocupação
Estudante se unindo Geraldinho fica bravo, a luta também é dos professor e funcionário
Um salve p'ro Ceará e um p'ro Rio de Janeiro
Os corte' e a nossa luta são no Brasil inteiro [2X]*

*Eu sou da Etec, ocupo e não vou sair fora
Chama o Choque e vem, mas nós não vai embora
O Centro Paula Souza já tá todo ocupado
Estudante e professor lutando em todo o estado [2X]*

— Cê é loko, cachorreira, ficou monstro essa música.
— Curtiu me'mo? Mano, da hora. O papo é esse mesmo. Enquanto os cara' aí de cima fica' brigando p'ra ver quem que vai governar aí, quem que vai cortar p'ra cima de nós, mano, nós que' é ir p'ra cima, caraio, num é isso?
— É isso me'mo, as Etec e as estadual vai ocupar tudo mesmo. Já ocupou um monte e não vai para' não.
— É, estadual e Etec lado a lado, né, mano, porque o corte não é só aqui não, não é só aqui no estado de São Paulo não, mano. Nós tá ligado que é no Brasil inteiro, na real, é no mundo inteiro, né, mano, os cara' tá querendo arrancar tudo que a gente conquistou com muita luta ae, tio.
— E o baguió é esse, não é só com os estudantes não. A gente vê os professor', funcionários, os trabalhador tudo se fudendo também, tem que 'tá todo mundo junto na luta.
— É isso mesmo, mano. Nós tá que tá, hein, Foice.
— É isso, cachorro. Muita luta

MC FOICE E MARTELO, “Eu sou da ETEC” (maio de 2016)

Este capítulo está composto por crônicas de acontecimentos e experiências com interlocutores de pesquisa no ano de 2016 com relação à forma de fazer política por eles definida como “estudantes pelos estudantes”. O título “‘Estudantes pelos estudantes’: dinâmicas da ordem e da desordem” foi inspirado por três fontes. Uma delas é a *faixa de frente* feita por Secundaristas em Luta de São Paulo no início das mobilizações, precisamente, no ato de 9 de outubro de 2015, o terceiro dentre os *atos centrais*, que reuniram numerosos *atos regionais*. Andronico, um dos protagonistas de meu trabalho, narra a circunstância de feitura da indicada frase para a *faixa*, assinalando o significado da *faixa* e de sua frase na cena política daquele momento: barrar que *entidades* (estudantis, político-partidárias, sindicais) *tomassem a frente do processo de luta* em curso; impedir que *entidades* negociassem no lugar de *estudantes*, uma vez que, deste ângulo, vistas desprovidas de *legitimidade*, pois *secundaristas autônomos* estavam *tocando a luta* sem representatividade das *entidades*. A segunda inspiração é o ensaio de Antonio Cândido, “Dialética da malandragem” ([1970] 1993, pp. 19-54), no qual o autor formula sobre a dialética da ordem e da desordem. Trata-se de um lume para o capítulo, uma ferramenta analítica que empresta inteligibilidade antropológica a respeito da alternância entre oposições normativas aparentemente tão estanques quanto abluídas reciprocamente, demonstrando dinâmicas plurais, que possibilitam, neste caso, acompanhar o balanceio crítico (ARANTES, 1996, pp. 21-105) das delicadas interligações, na maioria das vezes, em sinal negativo, entre *entidades estudantis* e *estudantes autônomos* no *processo das ocupações secundaristas* em 2015 e em 2016 na cidade de São Paulo. A terceira inspiração é o ensaio de Roberto Schwarz, “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’” ([1979] 1987, pp. 129-155), no qual o autor desentranha e aprofunda algumas das coordenadas conceituais produzidas pela análise de Antonio Candido, propondo que “a alternância aqui é a cifra, e uma solução, para conflitos que não estão no plano dela, a que no entanto dão o nervo.” (SCHWARZ [1979] 1987, p. 148). As três fontes de inspiração do capítulo entram em constelação, formando uma miniatura de maquinaria conceitual atravessando os subcapítulos, e que adquire pertinência em relação ao capítulo dois a partir do seu nexos com as coordenadas do material etnográfico que o compõe. Tal miniatura conceitual objetiva operacionalizar o trabalho de mediação entre as matérias etnográficas em jogo no capítulo, precisamente, na medida em que guarda em si compartimentações, tensões oblíquas, conflitos irônicos que, por seu lado, a referida

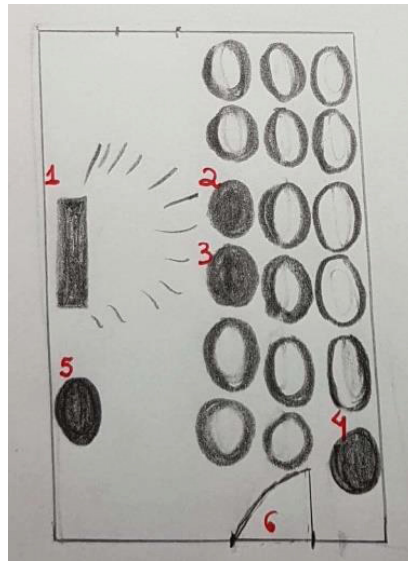
mediação conceitual parece apta a auxiliar pensar. Em um sentido, a lógica da dialética da ordem e da desordem concebida por Antonio Cândido é aproximada a este capítulo como um norte temático-conceitual. Em outras palavras, aponto este como o primeiro dos trilhos pelo qual se moveu o *bonde* do *processo das ocupações* em relação às intermitências da oposição entre *estudantes autônomos* e *entidades* nas práticas políticas em cena. Ao mesmo tempo, a indicada dinâmica é concebida neste trabalho como uma paisagem mais ampla na qual se faz entrevista a cena política brasileira em estado de volubilidade elevada em 2016, decorrente da estrutura de transformação em jogo no tempo político de uma aceleração (ARANTES, 1996, p. 213-290).

2.1 *Secundas e pinguins*: uma troca de experiências – São Paulo, 21 de maio de 2016

Estou na Ação Educativa⁴⁰: rua General Jardim, 660, bairro da Vila Buarque, região central da cidade de São Paulo. Dirigi-me ao endereço para encontrar Carmosina e Honório, eles foram participar de um encontro digital com *secundaristas* do Chile. A sugestão para os Secundaristas em Luta de São Paulo comporem esse encontro veio da Ação Educativa. A atividade faz parte da “Campanha Fome pela Educação”, que a Ação Educativa está apoiando e por isso o encontro teve lugar em sua sede.

A sala em que aconteceu o bate-papo era pequena e sem luz acesa. O clarão único vinha da tela de televisão que transmitia a imagem com os *secundaristas* do Chile. Cadeiras preenchiam o espaço quase todo com suas três linhas paralelas de três metros e meio de comprimento aproximadamente e exiguamente intervaladas. Estávamos em quatro pessoas na sala. Honório e Carmosina, eu e Luiz Castanha. Encontrei Luiz com surpresa, embora o conhecesse de antes. Luiz Castanha cuidava dos detalhes técnicos da transmissão naquele momento. Eu e ele não aparecíamos na tela, certamente. Fiquei em um canto da sala próximo à porta. Anotava livre e copiosamente. Do lado chileno estavam quatro estudantes, conforme se via na tela.

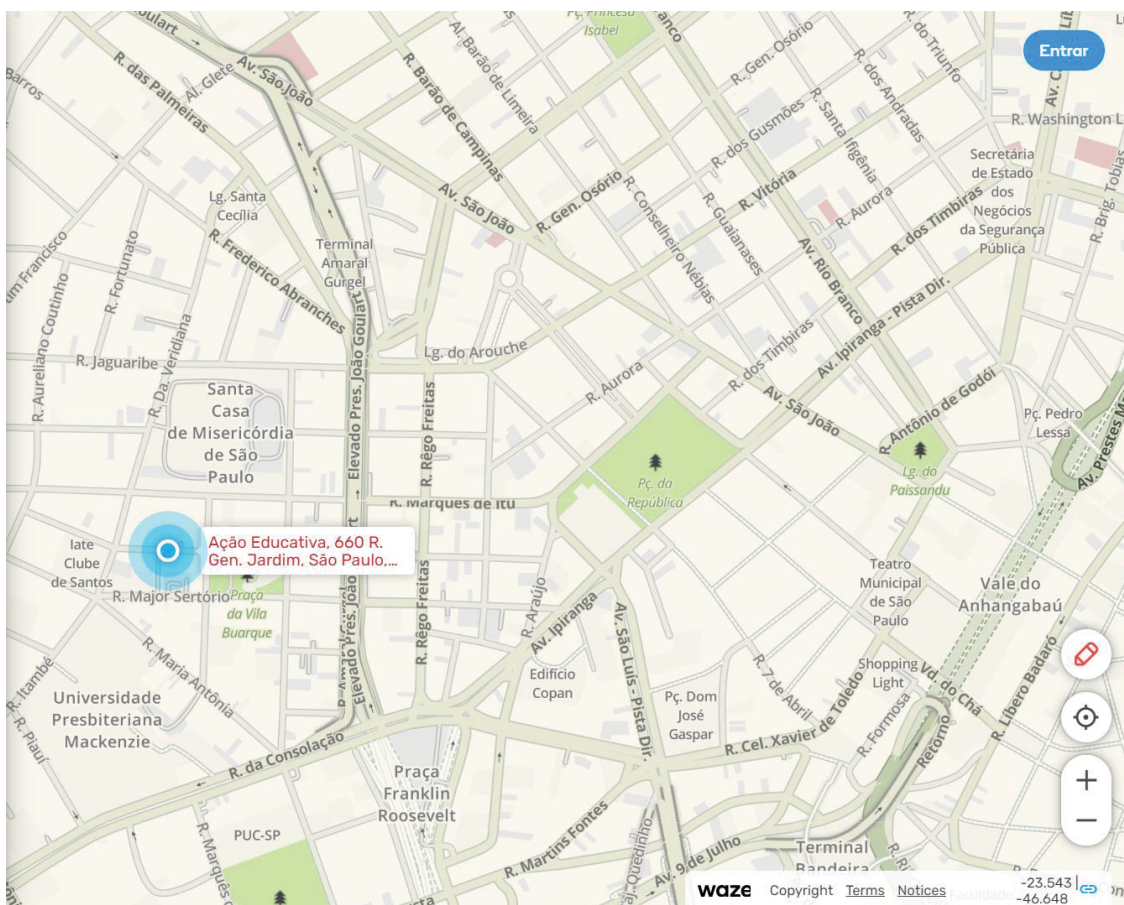
⁴⁰ Conforme se lê em “Sobre nós” no sítio eletrônico da Ação Educativa: “Fundada em 1994, a Ação Educativa é uma associação civil sem fins lucrativos que atua nos campos da educação, da cultura e da juventude, na perspectiva dos direitos humanos. (...)”. Disponível em: <<https://acaoeducativa.org.br/>>. Acesso em: 4 dez. 2021.



(Figura 26 Croqui, Sala do *chat* entre secundaristas de São Paulo (SP) e do Chile. Fonte: Acervo pessoal.)

Legenda

Ponto 1. Televisão que fazia a conexão *on-line* para a troca de experiência entre *estudantes secundaristas* chilenos e *secundas* de São Paulo (SP). Ponto 2. Honório sentado em uma cadeira de frente para a televisão. Ponto 3. Carmosina sentada em uma cadeira de frente para a televisão. Ponto 4. Carusa anotando sentada em uma cadeira próxima à porta. Ponto 5. Luiz Castanha sentado em uma cadeira conferindo detalhes técnicos da transmissão. Ponto 6. Porta da sala.



(Figura 27 Mapa, Ação Educativa e arredores, estivemos aqui. Fonte: Waze.)

Após as apresentações e introduções à conversa, quando a palavra passou para cá da tela, Honório iniciou.

HONÓRIO — No Brasil o ensino básico tem aprovação grande, de 85%, praticamente uma aprovação automática, independente se o estudante aprendeu ou não. Quando vão para universidade pública, majoritariamente, são *estudantes* oriundos de escolas particulares. E o *peçoal* das escolas públicas, geralmente, ingressa nas universidades privadas. [Passando ao assunto da *luta* dos *estudantes* em São Paulo entre setembro de 2015 e janeiro de 2016.] O governo do estado de São Paulo tentou organizar as escolas por ciclos (ciclo básico, ciclo fundamental, ciclo médio). Essa era a justificativa do governo. E com isso iria fechar noventa e quatro escolas. Foi um projeto de cima para baixo. Não houve conversa com *estudantes* nem com a *comunidade escolar*. Diante da falta de diálogo, os *estudantes* começaram a se mobilizar, o que desencadeou a mobilização em São Paulo, na capital e no interior. No

começo, fizemos *atos de rua* e houve uma grande mobilização que saiu da avenida Paulista, seguindo até à Secretaria de Educação. Nem a Secretaria de Educação, nem diretores, nem professores falavam do assunto. Não informavam quais eram as escolas que seriam fechadas. Enquanto tudo isso, as salas de aula estavam superlotadas, cada uma com cerca de quarenta alunos ou mais. E esses cortes não seriam bons para a educação pública, era um corte econômico de precarização da educação. Diante dessa falta de diálogo com o Poder Público, os *estudantes* buscaram diálogo indo para as ruas, fazendo manifestações, mas o governo portou-se como se a voz dos *estudantes* não tivesse importância. No começo, fazíamos *atos regionais*. Paravam a cidade. Tentávamos conversar com o governo e não éramos considerados. Vendo que manifestações não estavam resolvendo a questão do diálogo com o Poder Público, os *estudantes* decidiram agir de outra forma. Então, souberam das *ocupações de escolas* pelo filme *A revolução dos pinguins*⁴¹ e a cartilha que os argentinos fizeram também foi importante. Os *estudantes* estavam vendo que as *entidades* estudantis não *organizavam a luta*. Então resolveram, autonomamente, fazer *assembleia* no final de cada *ato* para marcar o próximo. Agora fazemos *assembleias* em espaços que conseguimos, pois não há mais *escola ocupada* em São Paulo. Na primeira semana de *ocupações* foram dez *escolas ocupadas*. Na segunda semana foram vinte escolas. Na terceira, sessenta escolas. Na quarta semana, mais de duzentas *escolas ocupadas*. Fizemos uma semana de *travamentos* [entre 30 de novembro e 4 de dezembro de 2015] e a polícia reprimiu fortemente. Depois disso [no dia 4 de dezembro de 2015], o governador suspendeu o projeto de Reorganização escolar por um ano. Nós entendemos que a suspensão não é uma *conquista* para nós. Nós queríamos a revogação, o cancelamento, a eliminação; queríamos que o governo investisse na educação e não fizesse cortes. Aquele projeto não melhoraria a educação, era um corte econômico. A Defensoria Pública e o Ministério Público entraram com uma ação e a justiça decidiu pela revogação da Reorganização escolar, pois o projeto era autoritário, não passou pela consulta pública à *comunidade escolar*. Nós *desocupamos* as escolas para nos *organizarmos* por outros meios, os grêmios, por exemplo. Mas esse ano o governo passou a fechar salas de aula ao invés de escolas inteiras. De 2015 para 2016 encerramos o protesto sobre o projeto da Reorganização escolar. Esse ano houve *ocupação* em escolas técnicas.

⁴¹ **La Rebelión Pinguina** – Los estudiantes secundarios chilenos contra el sistema. Direção, roteiro e produção de Carlos Pronzato, co-direção e edição Omar Neri, produção La Mestiza Audiovisual. Chile: La Mestiza Audiovisual, 2007. 40', son., color. Legendado. Port.

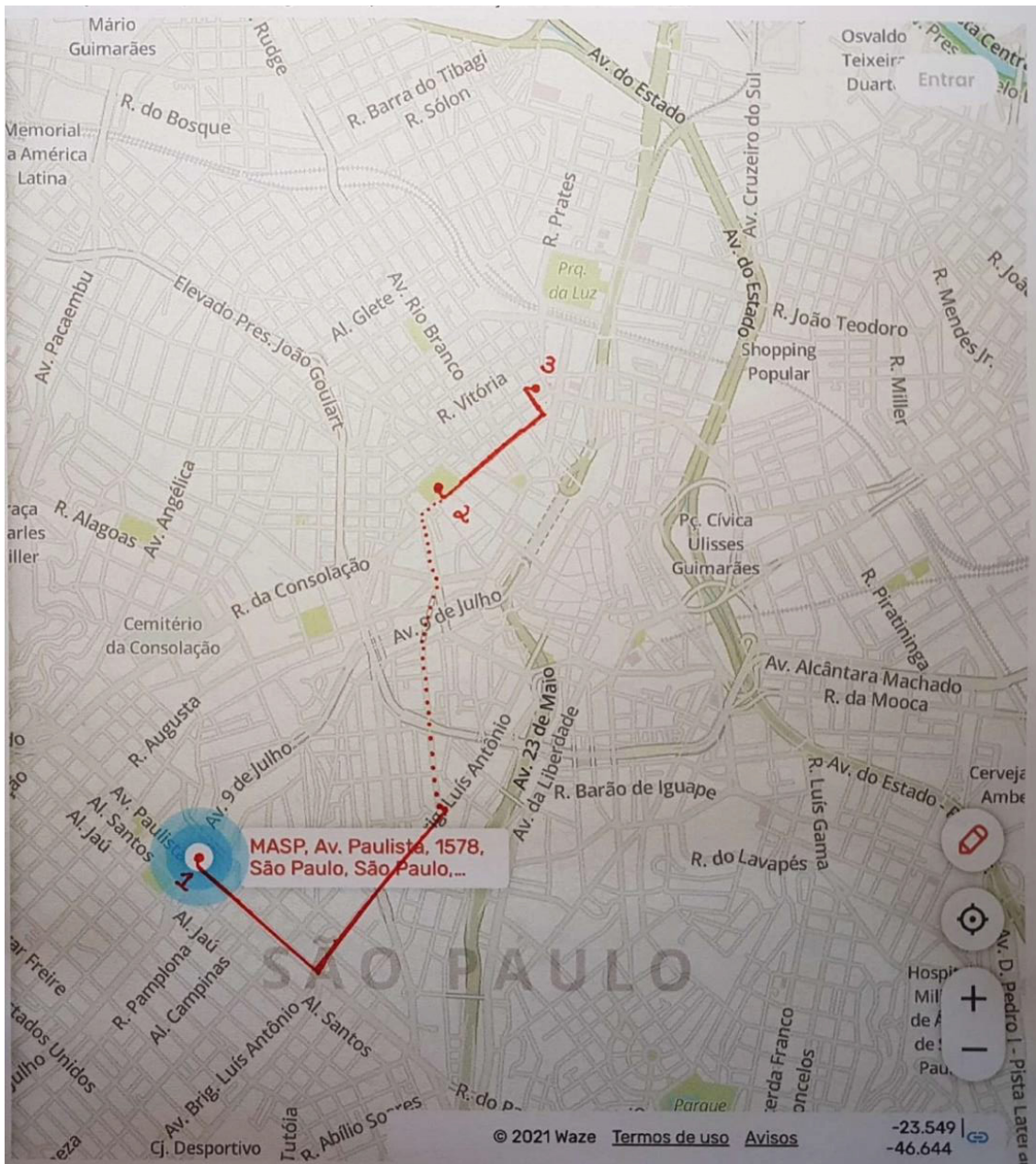
Mas agora, em São Paulo, há mais repressão. Há *ocupação* agora também no Rio Grande do Sul e na região Nordeste. No começo desse ano, na cidade de São Paulo, começaram as *ocupações* pela merenda. Houve um escândalo sobre o desvio de verbas da merenda e sobre a ausência total de merenda devido a uma [*Fez sinal de aspas com as mãos.*] “máfia da merenda”.

[*Em seguida, a palavra passou para Carmosina.*]

CARMOSINA — No fim do ano passado, a ideia era que o *peçoal se organizasse* dentro das escolas pela implantação de grêmios *de luta*. Não como os grêmios de costume, dentro das escolas, que são controlados pela diretoria das escolas, que não têm autonomia alguma. Quando começamos, algumas escolas conseguiram e outras não, pois a manipulação era muito forte. Depois dessas eleições para grêmio, o *peçoal se organizou* para *atos* nas ruas sobre o escândalo da merenda. Principalmente as escolas da *periferia* ficavam sem merenda, muitas escolas. *Estudantes* passavam fome, pois o dinheiro da merenda ia para alguns deputados. Escolas técnicas são por período integral para o Ensino Médio e se sai de lá com uma profissão, ingressando via [*Fez sinal de aspas com as mãos.*] “vestibulinho”. Os alunos das Etecs são os que mais sofrem, eles ficam por doze horas na escola e recebem bolacha de água e sal. Eles têm a mesma idade do *peçoal* do Ensino Médio nas escolas estaduais, entre quinze e dezoito anos. Assim, unificando com as Etecs, o *peçoal* das EEs começou a fazer vários *atos de rua*, toda semana. Em um desses *atos*, de forma muito espontânea, o *peçoal ocupou* o centro administrativo das Etecs, o Centro Paula Souza. Isso foi dia 28 de abril. Esse centro administrativo é como a Secretaria de Educação para as escolas estaduais. Não havia nenhum plano para *ocupar*, foi muito espontâneo. O *peçoal* só pediu que a superintendente descesse de sua sala e escutasse as reivindicações, mas ela foi embora. Então, os *secundas ocuparam*. Foi uma das melhores *ocupações* que conseguimos fazer em termos de *organização*. Era muita *organização* lá dentro e um espaço de gestão. A partir daí, o *peçoal ocupou* várias escolas técnicas. Se *estudantes* queriam *ocupar* uma escola técnica, iam até lá, pediam ajuda, recebiam essa ajuda de gestão e *ocupavam*. O governador se apoia nas escolas técnicas para dizer que cuida e investe na educação. Com essas *ocupações*, estava posto que essa propaganda do governo não era verdade. As escolas técnicas estavam precarizadas como uma escola estadual. O que gerou mais conflito. E mais conflito pela *ocupação do Centro Paula Souza*. Era uma ameaça mesmo, pois durou somente uma semana. Existiam provas do

que se estava dizendo quanto aos investimentos. *Estudantes* sabiam que os investimentos não estavam nas escolas. Era muito conflito com a polícia e com a direção do Centro Paula Souza. Era muita pressão. Quinze escolas técnicas e três diretorias de ensino foram *ocupadas* enquanto durou a semana de *ocupação do CPS*.

Em seguida, os chilenos perguntaram sobre as dificuldades que eles enfrentaram e no Brasil em geral. Honório falou um pouco sobre as ações chamadas de “desocupa”, que envolviam *estudantes* e parte da *comunidade escolar*. Os chilenos mencionaram que fizeram atividades culturais como forma de sensibilizar, chegando a atingir 75% da população *apoiando o movimento secundarista* no país. Honório perguntou sobre o que eles consideravam como *conquista, avanço, mudança* para o *movimento dos estudantes* e para a *sociedade* no Chile.



(Figura 28 Mapa, Trajeto do ato de 28 de abril 2016, cujo encerramento eclodiu na ocupação do Centro Paula Souza. Fonte: Waze.)

Legenda

Ponto 1. MASP, local de partida do ato e de vários atos. Ponto 2. Praça da República, quando o ato parou para decidirem se encerravam neste local ou se seguiriam mais adiante para encerrar em frente ao Centro Paula Souza. 3. Centro Paula Souza, local de encerramento do ato e do acontecimento da ocupação do Centro Paula Souza.

A linha pontilhada em vermelho significa “trajeto possível” e a linha preenchida em vermelho, “trajeto”.

2.2 O Grupo Autônomo Secundarista (G.A.S.) – São Paulo, 14 de maio de 2016

No pátio do edifício em que reside Andronico e seus pais foi realizada a primeira de duas conversas com Andronico. Era o começo da tarde do dia 14 de maio de 2016.

[Explicito que no início desta etnografia o processo de construção do trabalho de campo desempacotou-se em um tempo significativamente acelerado a partir de 5 de maio de 2016, concomitante às viagens semanais entre São Paulo e Curitiba, para realização das disciplinas do curso de doutorado. Era correr junto com o pessoal, conforme se configuravam as circunstâncias. Todavia, nesse tempo acelerado ocorreu que esta entrevista em profundidade foi feita à mão, quero dizer, ao correr da pena; muito embora o auxílio de gravador fosse possível, pois aceitável em relação à disposição para laços de confiança por parte de Andronico. Isso porque, nesse momento, ainda não dispunha de um gravador próprio; além disso, meu telefone móvel tampouco apresentava condições de ser substituto do gravador de áudio (era um aparelho envelhecido); por outro lado, a entrevista foi marcada de um dia para o outro, então, estava excluída qualquer possibilidade de empréstimo do gravador do programa de pós-graduação ao qual a pesquisa está vinculada; afinal, bem lembrado seria anotar que estávamos na cidade de São Paulo e que o campus da UFPR ao qual me dirigia toda semana para as aulas é situado um tanto distante, na cidade de Curitiba. Por isso, a entrevista dispõe do teor que pude anotar ao correr da pena.]

Andronico se interessou pela *luta* desde cedo. Seus pais foram presentes no processo de fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) e continuaram atuantes até meados da década de 1990. Nesse caldo de cultura do arranjo familiar, Andronico nasceu, cresceu e até hoje se cultiva um ambiente interessado pela *luta*. Seu pai perdeu alguns amigos assassinados no período da ditadura militar no Brasil. Antes de residir na cidade de São Paulo, até 2015, a família residia em Atibaia (SP).

Quando residia em Atibaia, Andronico lia muitos anarquistas, gostava muito. Agora estava lendo muita literatura russa, mencionou gostar bastante de Tolstói. Estudara anarquistas, depois socialismo científico e a transição do Estado proletário para a sociedade sem classes. Para Andronico:

ANDRONICO — O que veio como crítica ao anarquismo foi a necessidade de *partida*, que desse *estratégia*, para os passos da revolução para tomar os meios de produção, acabar com o *Estado*, construindo uma sociedade igualitária.

ANDRONICO — No *Programa de Gotha*,⁴² Marx fala: “cada um com sua necessidade, cada um com sua...”

Andronico está estudando sobre ditadura do proletariado e se essa ditadura não acabará caindo na ditadura sobre o camponês. Interessa-se por questões a respeito de como se configura o proletariado hoje.

Quando passou a residir em São Paulo, foi um dos *secundaristas* que montou o Grupo Autônomo Secundarista (G.A.S.). Nesse grupo, estava junto um amigo dele que fazia parte do Movimento Passe Livre de São Paulo (MPL-SP). Ainda antes do G.A.S., houve uma tentativa de reunir estudantes de escola particular e de Etec a partir da ideia de poligremia. Mas não deu certo:

ANDRONICO — Fizemos quatro reuniões e não se resolvia nada. Então, resolvemos criar o G.A.S.

Nessa experiência de poligremia, alguns dos estudantes encontraram mais afinidade entre si. Eram estudantes do Colégio VIVA, Colégio Equipe e da ETESP. Andronico estudava no Colégio VIVA (como bolsista de escola pública) e, ao mesmo tempo, na ETESP (cursava ensino técnico).

ANDRONICO — O G.A.S. começou em 2015. A primeira reunião foi no final do mês de agosto. Então, nos definimos politicamente: fazer *trabalho de base* dentro das escolas p’ra criar uma mentalidade revolucionária, pois só a luta muda a vida. Eu queria que os *secundaristas* voltassem a ser considerados um *setor de luta*, pois muita gente fica pensando que só na ditadura tinha *luta secundarista*.

A tônica das reuniões do G.A.S. vinculava as pessoas a partir da seguinte afirmativa:

ANDRONICO — A gente precisa fazer alguma coisa.

Em setembro fizeram contatos em Barueri e na Pompeia. Em Barueri conversaram com Wilma Flor.

⁴² Menção a um texto, que se pode encontrar em língua portuguesa na seguinte edição: MARX, Karl. **Crítica do Programa de Gotha**. Seleção, tradução, notas Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012. (Coleção Marx-Engels)

ANDRONICO — Na escola dela havia problema de machismo, de infraestrutura, entre outros. Na Pompeia os problemas se repetiam.

A circuiticidade entre os problemas vividos nas diferentes escolas e localidades também dinamizavam padrões que interconectavam estudantes de diferentes espaços sociais na cidade de São Paulo. Essa circuiticidade conectiva era considerada por Andronico nesse processo de *luta* como uma componente que, muitas vezes, era a força de *partida*:

ANDRONICO — Para fazer nascer *luta* nas escolas.

Entre troca de mensagens e contatos como o ocorrido com Wilma Flor, foi possível que o G.A.S. se aproximasse mais dos *atos regionais*. Estes, pululavam a partir de meados de setembro de 2015. De modo esparsos, os *atos de rua* começaram numerosos pelos bairros e *periferias*, cidades metropolitanas e interior de São Paulo.⁴³

O G.A.S. fez vários panfletos em parceria com O Mal-Educado, distribuindo-os na última semana de setembro. Foi quando então:

ANDRONICO — Vieram os primeiros *atos* mais cheios de gente, os *atos centrais*.

A partir de então Andronico sentiu que estava:

ANDRONICO — Construindo algo para a *luta*, construindo a *luta* mesmo.

Ao dizer essas últimas palavras, com brandura na voz, o olhar com pensamento ao longe, ao mesmo tempo, girou com o corpo sobre uma perna só sem alterar o semblante entre grave e leve, girou; continuamos a reflexão sem interrupção.

Os “*atos* mais cheios de gente” são os assim chamados *atos centrais* por oposição aos *atos regionais*, que transcorriam difusamente. Por sua vez, os *atos centrais* acabaram por unir (especialmente, numericamente, afetivamente) as escolas que *puxaram* os *atos regionais* e que cultivavam aproximações entre si pelas redes digitais. A partir dos *atos centrais*, feixes de *atos regionais* conectaram-se face a face. As datas dos atos centrais são 6, 9 e 15 de outubro de 2015. Andronico narra que:

ANDRONICO — No primeiro *ato*, não havia carro de som. No fim do primeiro *ato* teve *assembleia* para decidir o segundo *ato*. No fim do primeiro *ato*, chegou a UPES e estava com a *linha* de levar uma comissão para conversar com a Secretaria de Educação. O G.A.S. não

⁴³ Nas duas últimas semanas de setembro de 2015 estão as duas primeiras semanas de *atos* contra a ‘Reorganização escolar’. No conjunto de seis semanas, duas *atos* espalhados. Durante as duas primeiras semanas foram feitos dois terços de aproximadamente 163 *atos* ao longo de 60 cidades no estado de São Paulo (CAMPOS *et alli*, 2016, pp. 41-43).

queria essa linha. Fizemos votação e a *base* da UPES ganhou. No segundo *ato*, a UMES levou carro de som e disse que tinha chamado o *ato*. Mentira! A gente ficou *puxando* jogral longe do carro de som e a *base* da UMES veio perto da gente. *Rachamos* com o carro de som da UMES!

“*Rachamos* com o carro de som da UMES!” refere que *racharam* “a *base*” da UMES, o conjunto de pessoas que acompanhava as palavras *puxadas* pelo microfone desde o carro de som. Já então, parte significativa de *estudantes* da *base* da UMES passou a acompanhar o som das vozes em coro *puxado* pelo G.A.S. Desse modo, segundo o ponto de vista de Andronico, o *peçoal* do G.A.S. sinalizava explicitamente uma demarcação de posição com relação às *entidades estudantis*. Assim, tracejavam um contorno entre, por uma parte, o *peçoal* que estava fazendo *luta autônoma organizada* e, por outra parte, as *entidades estudantis*. Enquanto essa movimentação ocorria:

ANDRONICO — Nisso, teve uma repressão forte e a UMES seguiu com o carro de som enquanto o *peçoal* ficou para atrás apanhando da polícia. Essa foi a primeira repressão policial na *luta* contra a Reorganização. E no terceiro *ato*, a gente do G.A.S. e o *peçoal* da ANEL, nós fizemos uma pseudofrente, queríamos fazer uma jornada de *lutas* regionais. Mas a ANEL não se empenhou e o G.A.S. era muito pequeno para fazer. O G.A.S. tinha nove pessoas e não dava para fazer o Dia Regional de Lutas. O terceiro *ato* começou no Largo da Batata e fomos até o Palácio dos Bandeirantes. Ficamos lá em frente fazendo tensão. Fizemos uma faixa: *Estudantes pelos estudantes*. A faixa visava barrar que *entidades* ou *partidos* tomassem a *frente*.

Depois do terceiro *ato central*, começaram a ocorrer vários *atos*, então, *puxados* pela APEOESP, que Andronico não foi. Sobre isso, enfatizou:

ANDRONICO — Não fui, não faço ideia de como foi, estava esvaziando de *secundarista* e virando uma coisa de APEOESP. A gente estava pensando em *organizar ocupação*, pois os *atos* estavam esvaziando. [*Pausa.*] O G.A.S. estava participando de reuniões d’ O Mal-Educado, até que deixou de existir.

As nove pessoas que formavam o G.A.S. passaram a compor um mesmo conjunto com o *peçoal* d’ O Mal-Educado. Os panfletos que Andronico referiu terem sido distribuídos e feitos pelo G.A.S., não obstante, foram feitos no intervalo dessa passagem do G.A.S. para O Mal-Educado. Por isso, nessa produção conjunta, os panfletos indicavam no rodapé o nome

e o endereço eletrônico da página intitulada *O Mal-Educado* na plataforma *Facebook*. Em um sentido, os panfletos guardam em seu processo de feitura traços dessa passagem que conjugou os dois coletivos.

No transcurso dos três primeiros *atos centrais* e enquanto “estavam pensando em organizar ocupação, pois os *atos* estavam esvaziando”, como disse Andronico, ao mesmo tempo, pilotavam o crescimento do sítio eletrônico d’ O Mal-Educado na plataforma digital *Facebook*. Então, lidavam com acelerado aumento do número de pessoas que passaram a acompanhar e, potencialmente, a multiplicar as circulação e difusão das informações veiculadas pel’ O Mal-Educado.

2.2.1 Como ocupar um colégio

A cartilha chamada *Como ocupar um colégio?* foi traduzida da língua espanhola para a língua portuguesa pelo *peçoal* d’ O Mal-Educado já com os nove do G.A.S. em conjunto. A cartilha vinha da Argentina, falava das *ocupações secundaristas* no Chile e na Argentina e indicavam um documentário, *La Rebelión Pinguina*,⁴⁴ como sugestão para assistir, fazer roda de conversa nas escolas para debater. Este é apenas um dos aspectos dessa cartilha.

ANDRONICO — Até conhecer a cartilha, ninguém sabia o que era *ocupação de escola*, nem entre os *secundaristas* no O Mal-Educado nem entre os *secundaristas* em geral.

O sítio eletrônico d’ O Mal-Educado no *Facebook* foi se tornando – talvez – o principal ponto de encontro das pegadas digitais que buscavam inteirar-se da *mobilização secundarista*. Então, uma mobilização contra o decreto estadual da Reorganização escolar, que preconizava o fechamento de 94 escolas da rede pública estadual de ensino, entre outras precarizações. A partir da escalada crescente de *likes*, a página d’ O Mal-Educado no *Facebook* adquiriria existência marcante – talvez – como um vocalizador de aspectos próprios ao modo de existência do *processo das ocupações* em terreno cibernético. Quando anoiteceu o dia 9 de novembro de 2015, circulou a notícia da primeira *escola ocupada*, aproximadamente às dezenove horas: Escola Estadual Diadema: rua Antônio Doll de Moraes, 76, centro da cidade de Diadema, região metropolitana de São Paulo. Na madrugada do dia 10 de novembro, aproximadamente às cinco horas da manhã, a segunda *escola ocupada*:

⁴⁴ *La Rebelión Pinguina...* Op. cit.

Escola Estadual Fernão Dias Paes. Os dois dias adiante, seguiram sem novas ocupações. No dia 12 de novembro, a terceira *escola ocupada*, a Escola Estadual Presidente Salvador Allende Gossens: rua Domingos Lisboa, 139, bairro José Bonifácio, região da zona leste da cidade de São Paulo. Andronico continuava.

ANDRONICO — Em 2015 o *peçoal* viu que os *atos* estavam enfraquecendo e que precisavam de nova *tática*. Aí vieram as *ocupações*, lidamos com questões de *desorganizações* internas, anarquistas que não queriam o Comando [o Comando das Escolas Ocupadas]. Em final de 2015 e 2016 quando o *peçoal* viu que as *ocupações* estavam ficando enfraquecidas, precisavam de nova *tática*. Aí veio a *tática* do *trancamento* de ruas e avenidas. Eu ficava de coração na mão, pois não afetava só o *capital*, mas o *trabalhador*.

ANDRONICO — Os secundaristas travaram a marginal Tietê e teve um dia que a repressão foi muito forte, no trancamento da Doutor Arnaldo. Teve muita repressão, arrastaram o Dias pelo pescoço com o cassetete. Essas repressões todas enfraqueceram muito o Geraldo Alckmin.

Para dimensionar “essas repressões todas”, Andronico contou então a respeito da situação de Fernando naquele maio de 2016.

ANDRONICO — Fernando está ameaçado de morte, perseguido na escola pelo Batalhão de Choque. A casa foi invadida. Tem advogados cuidando dele. O estudante está se escondendo para não morrer.

Andronico continuava.

ANDRONICO — Dia 4 de dezembro de 2015 o governador de São Paulo declarou que a Reorganização estava suspensa. Mas a gente queria a revogação. E qual foi o posicionamento das *entidades estudantis*? Aceitaram suspender. *Entidades* e organizações como a União da Juventude Socialista (UJS) fizeram quarenta *ocupações*, que o Comando [das Escolas Ocupadas] já tinha feito. Eles fizeram outro comando. O Comando das Escolas Ocupadas tinha a *linha* de não *desocupar*. O outro comando também queria isso no começo, mas acabaram pela *linha* de *desocupar* com a suspensão da Reorganização. Nós não aceitamos essa *linha*. Nós defendemos que somente *desocuparíamos* com a revogação do decreto.

COMO OCUPAR UM COLÉGIO?

Manual escrito por estudantes secundaristas da Argentina e Chile



A luta dos estudantes não começou agora, e está longe de terminar. Em 2006 e 2011, o Chile viveu a “Revolta dos Pinguins”, um movimento imenso de estudantes secundaristas que exigia uma educação pública gratuita e de qualidade. Durante meses, as escolas do país inteiro foram ocupadas pelos alunos – que entravam, tomavam o prédio, montavam acampamentos, e ali ficavam dia e noite como forma de protesto, até as reivindicações serem atendidas.

As ocupações começaram nas escolas onde as turmas estavam mais engajadas na luta, mas o exemplo serviu de inspiração para estudantes de mais lugares, e rapidamente quase todos os colégios do Chile foram tomadas pelos alunos.

Essas ocupações serviam para por medo no governo e chamar atenção da mídia, mas também para aumentar a força e a organização do movimento secundarista. Nos pátios, os alunos faziam assembleias regulares para discutir os rumos da luta. Essas assembleias eram coordenadas em toda cidade, permitindo que fossem feitas manifestações simultâneas e também grandes atos unificados.

Já pensou se fizéssemos igual em São Paulo? Para aprendermos com nossos companheiros de outros países, traduzimos alguns trechos do manual sobre “*Como ocupar um colégio?*”, escrito por estudantes da Argentina durante seu movimento.

f O MAL-EDUCADO

<http://gremiolivre.wordpress.com>

(Figura 29 Cartilha, *Como ocupar um colégio?* (parte 1). Fonte: Arquivo próprio)

ASSEMBLEIAS - A assembleia é o órgão mais importante durante uma ocupação. As decisões mais importantes devem passar por ela e ser discutidas nela. É importante que se incentive a participação de todos os estudantes e não só dos mais experientes. Isso pode ser alcançado decidindo com antecedência um conjunto de temas para serem discutidos, para que dessa forma os companheiros com menos experiência tenham mais tempo para elaborar suas posições.



Se esse conjunto de assuntos é extenso e os debates são chatos e longos, o melhor é colocar um limite de tempo (3 a 5 minutos) para cada intervenção/fala. Devem ter dois moderadores: um que controle o tempo da intervenção/fala e avise quando o tempo terminou ou se a discussão está

fugindo do tema e um outro que faça uma lista de quem deseja falar e anote as decisões tiradas na assembleia. Outra pessoa deve fazer a ata, um registro detalhado da assembleia. Como é algo que pode ser chato e entediante, esse posto pode ser rotativo.

Na primeira assembleia (quando se decide a ocupação) é conveniente que seja votada uma série de reivindicações e demandas. Com isso, se evitam confusões e se tornam claros os objetivos da ocupação.

ATIVIDADES - É recomendável que durante o dia sejam realizadas atividades na ocupação com a participação de alunos, professores, pais e todos os que apoiem a ocupação. Essas atividades podem ser decididas tanto por companheiros com experiência quanto por professores ou por pessoas que não sejam da escola (familiares, conhecidos, etc). Algo a ser levado em conta é que tendo mais gente na ocupação durante o dia se reduz muito a possibilidade de algum tipo de agressão à ocupação por parte das autoridades.

Essas atividades podem tanto ser recreativas quanto de formação: podem ser conversas sobre algum tema de interesse ou também pintar cartazes, murais, paredes, grafittis, oficinas de desenhos, o que se desejar. Finalmente, mas não menos importante, é durante esse período de atividades que os companheiros mais atarefados e presentes na ocupação possam relaxar e descansar, diminuindo o esgotamento e cansaço deles.

”

(Documento publicado pela *Frente de Estudantes Libertários - Argentina* em 2012. Traduzido e adaptado pelo coletivo *O Mal Educado*.)

(Figura 30. Cartilha, *Como ocupar um colégio?* (parte 2). Fonte: Arquivo próprio)

2. ORGANIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO

Com esse texto não queremos nada mais que tentar deixar mais fácil o caminho para os companheiros que estão começando suas lutas agora. Textos como esse são os que nos fizeram falta durante os momentos de luta para evitar que conflitos dentro dos grêmios nos distraíssem dos problemas que são realmente importantes em um período de ocupação.

Não existe fórmula secreta nem perfeita para ocupar um colégio. Simplesmente é necessário seguir alguns princípios básicos, ter clareza sobre como se organizar e ajeitar o que foi planejado à conjuntura geral, à correlação de forças, etc.

Uma vez decidida e votada a ocupação do colégio pela totalidade dos estudantes, é primordial e “obrigatório” que se discuta como se organizará todo o processo de ocupação, para garantir que todas as tarefas sejam cumpridas no prazo e da forma proposta, sempre respeitando a democracia direta.

Para que se respeite a democracia e se garanta o cumprimento das tarefas, é preciso dividi-las de alguma maneira. O mais prático e recomendável é que a assembleia geral nomeie comissões para cada tema específico, que fiquem responsáveis de supervisionar e cumprir as tarefas designadas para elas.

As seguintes comissões são básicas e não devem faltar em nenhum processo de ocupação:

COMIDA - É a comissão encarregada de garantir comida para quem dormirá no colégio. Ou seja, ela deve se assegurar para que haja pelo menos jantar e café da manhã. Pode cuidar do almoço, mas como esse é um horário em que há mais pessoas entrando e saindo do colégio, é mais fácil conseguir alimentos do que nos horários em que o colégio fica fechado.

SEGURANÇA - É uma das comissões mais importantes. É a encarregada de cuidar do patrimônio da escola e dos ocupantes. Também é a encarregada de evitar qualquer tipo de briga ou descontrole entre os estudantes. Ela deve fazer as seguintes tarefas:

- Fechar os principais acessos à escola e garantir que sempre tenha alguém os vigiando;
- Impedir que qualquer pessoa não autorizada pela assembleia entre na ocupação (depende do que for decidido coletivamente: professores, autoridades, jornalistas, pais, alunos de outras escolas, alunos que possam representar uma ameaça, etc.) exceto durante a realização de atividades abertas. Durante todo o dia deve haver um grupo considerável de companheiros na entrada principal – no mínimo três – que anotem em uma lista quem entrou e saiu e o horário em que essas pessoas entraram e saíram. Com isso, há um controle que garante um número constante de pessoas na ocupação. Ao encerrar a ocupação, essa lista deve ser destruída, para que não caia em mãos de autoridades que possam chegar a utilizá-la contra os estudantes, fazendo “listas negras”, punindo, expulsando, etc;

(Figura 31. Cartilha, *Como ocupar um colégio?* (parte 3). Fonte: Arquivo próprio)



- Geralmente as autoridades são avisadas da possível ocupação da escola e podem chegar a “entrincheirar-se” (ficar esperando os alunos lá) na diretoria, secretaria, etc. Isso deve ser evitado a todo custo, tendo em conta que nesses espaços é que estão os documentos dos estudantes nos quais as autoridades podem efetuar as sanções/advertências/suspensões/expulsões e fazê-las constar em ata;

- Evitar o uso de álcool, drogas, armas ou qualquer outro elemento proibido pela assembleia. Isso pode ser garantido evitando a entrada desses materiais, proibindo seu uso dentro da ocupação ou até descartando esses materiais;

Essa comissão não tem outra tarefa além de cumprir o que foi deliberado pela assembleia em relação ao tema da segurança. Em relação a casos de violência (tanto internos quanto externos) não se deve tomar uma posição de entrar na briga. Ao contrário, utilizando métodos fraternais, deve-se tentar acalmar os ânimos o máximo possível.

IMPrensa - É encarregada de divulgar a ocupação para os meios de comunicação, outras escolas/universidades e para quem se considerar necessário. No caso dos meios de comunicação, deve-se chamar os meios selecionados, informando-os da ocupação e pedindo um número de celular para mandar uma nota (por mais bobo que isso pareça, ajuda bastante na difusão das razões da ocupação e da luta em si).

Assim que for feita a ocupação, essa comissão deve também redigir um comunicado no qual se explique suas razões e os motivos que os levaram a este ponto. O comunicado deve ser difundido por todos os meios possíveis (email, Facebook, meios de comunicação, etc). É primordial ressaltar que o comunicado deve se ater ao que foi decidido na assembleia, sem a interferência de interesses pessoais ou partidários.

Outra ferramenta de divulgação da ocupação são os cartazes, para colar na fachada da escola com as reivindicações da luta que está sendo feita ali.

(Figura 32. Cartilha, *Como ocupar um colégio?* (parte 4). Fonte: Arquivo próprio)

INFORMAÇÃO - É a encarregada de difundir a informação dentro da ocupação. Ou seja, deve divulgar as resoluções tomadas pela assembleia para todos os estudantes, assim como informes dos meios de comunicação sobre o processo de ocupação. Dessa forma todos tem acesso à informação, igualando o nível de discussão de todos os companheiros e possibilitando um processo realmente democrático e igualitário. Deve também informar os horários e salas das atividades caso essas sejam atividades que todos possam participar.

LIMPEZA - É a encarregada de limpar o estabelecimento (varrer, lavar, etc.). Deve utilizar os utensílios que os funcionários emprestem ou, caso não possam emprestá-los, devem consegui-los em suas casas ou onde for possível. É importante não só limpar, mas também evitar que os companheiros sujem o espaço, para reduzir o esforço coletivo de limpar grandes estabelecimentos, além de que um espaço muito sujo prejudica a imagem do movimento. Como é uma tarefa que a maioria não quer fazer, o melhor é incentivar a rotatividade de integrantes nessa comissão.

RELAÇÕES EXTERNAS - É um tema importante, sobretudo para evitar que organizações, grupos ou partidos se apropriem da luta, passando por cima da decisão dos estudantes. É necessário proibir práticas que só tenham como objetivo “ganhar ibope” à custa do movimento ou o movimento pode perder sua legitimidade e se esvaziar ao tentarem impor uma bandeira externa.

Para falar com os meios de comunicação, a assembleia deve eleger um ou dois delegados revogáveis (de preferência com mais de 18 anos, para evitar inconvenientes com a lei) que possam comunicar apenas o decidido pela assembleia, sem emitir opiniões pessoais ou de seus grupos.

Para falar com as autoridades (da escola ou externas, como a polícia) devem ser eleitos também um ou dois delegados revogáveis. Esses, depois da discussão, devem transmitir tudo o que foi discutido para a assembleia. Se não o fizerem devem ser trocados. Todas as propostas que surgirem por parte das autoridades devem ser discutidas em assembleia antes de tomar qualquer decisão.

É desejável gravar as reuniões com as autoridades para evitar qualquer tipo de agressão ou ameaça. Devem ser escolhidos também um ou dois delegados para ir às assembleias das escolas vizinhas para dar informações sobre a ocupação, trazendo depois informes das outras escolas para a ocupação.



(Figura 33 Cartilha, *Como ocupar um colégio?* (parte 5). Fonte: Arquivo próprio)

E NO BRASIL?

estudantes ocupam escola no Mato Grosso do Sul e impedem seu fechamento

Pode parecer distante, mas não é só em outros países que os estudantes tomam as escolas para fazer suas lutas. Aqui no Brasil isso já aconteceu algumas vezes, como no Mato Grosso do Sul em 2012.



Para impedir que o Governo do Estado entregasse a escola ao município, os estudantes da E.E. Prof. Luiz Carlos Sampaio se uniram e decidiram ocupar o colégio como forma de protesto. Entraram no prédio, montaram acampamento, e ali ficaram por dias, até que o governador recuasse. A ocupação logo chamou atenção da mídia, pôs medo no Estado e conquistou o apoio dos demais trabalhadores da cidade, que passaram a se solidarizar com os estudantes. A pressão deu certo: no final, a escola se manteve.

exemplo para nossa luta de São Paulo



A vitória desse colégio no Mato Grosso do Sul é um exemplo para todos os estudantes que estão hoje lutando em São Paulo. Porque prova que com organização coletiva e ousadia é possível impedir o fechamento de escolas, e barrar a "reorganização" que o Governo Alckmin quer impor. **Se eles fizeram lá, podemos fazer também aqui.**

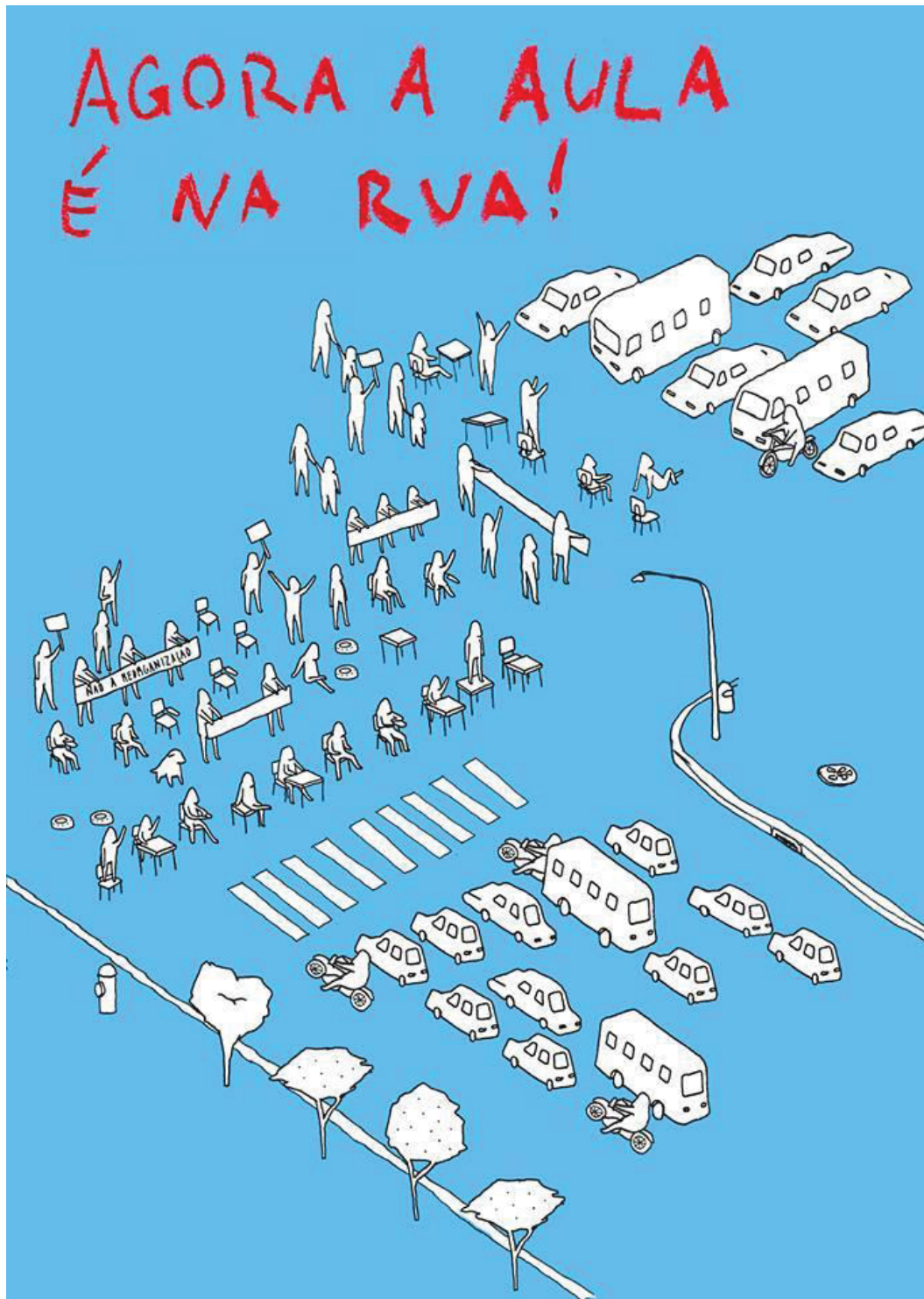
(Figura 34. Cartilha, *Como ocupar um colégio?* (parte 6). Fonte: Arquivo próprio)

contra a "reorganização" da rede estadual!



SE FECHAR, VAMOS OCUPAR!

(Figura 35. Cartilha, *Como ocupar um colégio?* (parte 7). Fonte: Arquivo próprio)



(Figura 36. Cartilha, *Manual de como travar uma avenida* (parte 1). Fonte: Arquivo próprio)

MANUAL DE COMO TRAVAR UMA AVENIDA

Estamos entrando na 4ª semana de ocupação e já são mais de 200 escolas sob o domínio estudantil! Mas o governo decidiu fingir que nada está acontecendo. Temos que tirar o conforto do Seu Geraldo. Se não dermos um passo radical agora podemos perder o tempo e a luta, ou eles vencem ou nós. Com duzentas ocupações podemos fazer centenas de atos e trancamentos de ruas pela cidade. Se o governo não recuar, São Paulo vai parar!



① Convoque todos os alunos, pais, professores, apoiadores e comunidade para a frente da escola. Se houver poucas pessoas, combine um ato com outras ocupas, mas o mais importante não é quantidade, é disposição (10 pessoas já conseguem travar uma rua!).

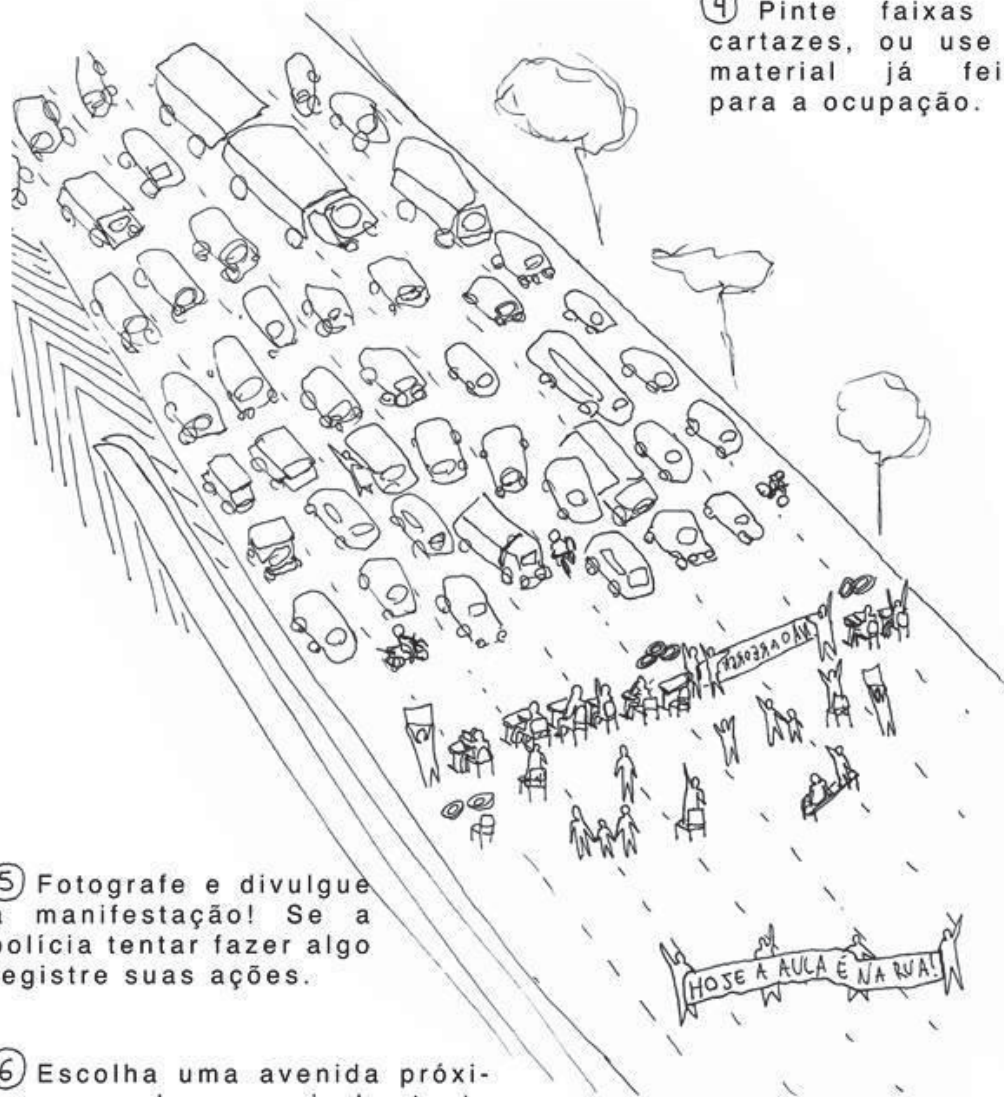


② Leve mesas e carteiras para o ato. Além de ajudar a bloquear a passagem dos carros, elas são o símbolo da nossa luta. Hoje a aula será na rua!

(Figura 37. Cartilha, *Manual de como travar uma avenida* (parte 2). Fonte: Arquivo próprio)

③ Não deixe a ocupação vazia. Garanta que um grupo de alunos e apoiadores fiquem na escola. Lembre-se, a polícia só pode entrar na ocupação com mandado judicial ou se presenciar um crime em flagrante. Fechar a rua não é crime.

④ Pinte faixas e cartazes, ou use o material já feito para a ocupação.



⑤ Fotografe e divulgue a manifestação! Se a polícia tentar fazer algo registre suas ações.

⑥ Escolha uma avenida próxima a escola que seja bastante movimentada. De preferência, faça o ato pela manhã, entre as 6 e às 9. Se for um cruzamento de duas avenidas, melhor ainda!

⑦ Repita o ato ao longo do dia, o importante é fazer o máximo de pressão possível!

(Figura 38. Cartilha, *Manual de como travar uma avenida* (parte 3). Fonte: Arquivo próprio)

ANDRONICO — O [jornal O Estado de São Paulo] Estadão e [o jornal] Folha de São Paulo não conseguiram esconder a repressão. Só a revista Veja falou mal dos *secundaristas* por supostas depredações da escola. Foi o contrário. Mas tentaram criminalizar a *ocupação* da escola. Essa publicidade via revista Veja ficou muito mal para o Alckmin. Aumentou muito a pressão para a *desocupação* após a declaração de suspender o decreto da Reorganização. [Pausa.] Em 2016, a repressão agiu de forma mais esperta: demonstrando menos repressão, porém organizando a direção das escolas para *pilhar* os alunos para atacar as *ocupações*. Entraram com arma branca para espancar e ameaçar de estuprar. Os professores foram orientados a formar *movimentos* “desocupa já”. [Pausa.] O PCC estava ameaçando de *desocupar* as escolas também. Alexandre de Moraes foi defensor de 120 casos do PCC. Em 2015, o PCC defendeu algumas escolas e não outras, mas geralmente é contra porque leva polícia para lá. Em 2016, nova *tática do Estado*: não usar tanto a polícia, mas sim *estudantes*. [Pausa.] A imprensa é mais “serrista” (de José Serra (PSDB)). Agora em 2016 tem nas páginas o número de quantas *ocupações*. Cerca de 20 Etecs e EEs. [Pausa.] Atualmente tem muito uma questão da ditadura militar no Brasil e das ditaduras em geral, de se tentar evitar. Tanto as *de direita* quanto as *de esquerda*: contra autoridades autoritárias. Tem a desmoralização dos *partidos* de uma forma geral. Hoje em dia não são os *partidos* que fazem as *lutas*. A UJS, por exemplo, faz negociação como a do passe livre [em 2013], o que é problemático. [Pausa.] “Todo saldo das lutas é saldo organizacional”, está lá no *Manifesto*,⁴⁵ pois as conquistas podem ser perdidas assim que a burguesia quiser. Tem muita desilusão com o PT, esse é um sentimento que tem bastante.

Andronico referiu não querer liderança, pois não quer que:

ANDRONICO — Uma pessoa chegue lá e ferre lá com os outros. Mas aí tem o problema do sentimento *antiorganização*. Como vai ter *luta* sem *organização*? Tem que ter *organização* e unificar com *trabalhador* ao invés de ser *luta sectária*. Ser contra o sectarismo é ser contra “que só os *secundas* são bons e os demais *pelegos*”. [Pausa.] *Assembleia secunda* não é tão grande. Se você tiver uma assembleia com mil *trabalhadores*, como ser horizontal, igualitário, como somos? Fica difícil. Essa *organização autônoma* tem *horizontalidade*, mas tem seus problemas. O PSTU é um

⁴⁵ Menção a um livro, que se pode encontrar nas seguintes edições em língua portuguesa, entre outras: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista**. Tradução Maria Josepha Como. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. (Coleção Leitura); MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Tradução de Sergio Tellaroli; posfácio de Marshall Berman; revisão técnica Ricardo Musse. – 1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics/ Companhia das Letras, 2012.

partido legal, mas com vício de *burocracia*. As maiores *assembleias* que eu vi tinham setenta pessoas. Em 2015, de cada escola ocupada, comparecia na *assembleia* do Comando [Comando das Escolas Ocupadas] entre uma e três pessoas. Acabou sendo muito colocada a *questão organizacional*. O Comando tinha problemas, mas era o que mais chegava perto de ser *legítimo*, pois era *organizado* por *estudantes*. Em dezembro de 2015, o Comando *tirou* um *indicativo* de que era para *desocupar* as escolas e muitos acharam que isso era autoritário e ficavam até o fim. [Pausa.] Em 2016, o *peçoal* estava mais avançado na *organização*. A gente sabia já como fazer *ocupação*. Mas nas Etecs tem menos politização. Então foi gente das escolas estaduais para ajudar. Militantes com mais experiência de 2015. Toda Etec tem vestibulinho para entrar, existe uma mentalidade mais meritocrática. Etec tem modular (ensino técnico), o ensino médio e o ensino médio integral. [Pausa.] Em 2016, o *Estado* estava mais preparado para nos combater. Algo que foi colocado pelas *ocupações* de 2015 e por Junho de 2013.

Andronico assinalou que a *ocupação* do Centro Paula Souza teve fim somente depois da terceira ameaça de reintegração de posse.

ANDRONICO — Segunda-feira [2 de maio de 2016] o juiz disse que daria autorização para reintegração, mas não deu. Quarta-feira [4 de maio de 2016] um Batalhão de Choque da PM entrou no prédio por trás. No mesmo dia houve reunião com juiz. A nota da Secretaria de Segurança Pública falava que o juiz não pode determinar que Alexandre de Moraes seja intimado a comparecer no CPS quinta-feira [5 de maio de 2016]. O não comparecimento significava descumprir ordem do juiz. Na quinta-feira ficou marcada a reintegração de posse, seria no dia seguinte [6 de maio de 2016].

Alguns dias após a reintegração de posse do Centro Paula Souza, ocorrida na sexta-feira, 6 maio de 2016, o Secretário de Segurança Pública do estado de São Paulo, Alexandre de Moraes, foi levado ao posto de Ministro da Justiça e Cidadania, tomando posse dia 13 de maio. O convite veio de Michel Temer (MDB), que assumira interinamente a presidência da república. O Brasil passava pelas contrações de um processo de impedimento da presidente da república, Dilma Rousseff (PT), por meio de um golpe parlamentar, conforme análise de Wanderley Guilherme dos Santos, em *A democracia impedida* (2017). Alguns meses depois, o vice-presidente passaria de interino a ocupante da cadeira de chefe de Estado.

2.3 O Comando das Escolas Ocupadas – São Paulo, 3 de junho de 2016

Aguardo Dias. Estou sentada no local combinado, um banquinho feito de concreto, à esquerda da entrada da estação Tiradentes do metrô, de frente para a praça Coronel Fernando Prestes. Ao redor, vê-se prédios públicos antigos, árvores, sombra apaziguando o sol do meio-dia. Avisto Dias se aproximando, ele saiu da aula e veio direto para realizarmos uma entrevista em profundidade.

[Caminhamos cerca de cinco minutos e chegamos ao Centro Cultural Casa do Povo. Conversamos no espaço das escadas entre o primeiro e o segundo andar. Conforme anteriormente mencionado, a Casa do Povo está localizada na rua Três Rios, 252, bairro do Bom Retiro, região do centro expandido na cidade de São Paulo. A entrevista transcorreu ao longo de duas horas e quinze minutos com auxílio de gravador.]

CARUSA — Como você iniciou na *luta*? Antes, você poderia se apresentar como achar melhor.

DIAS — Sou o Dias, estudo na ETESP, tenho dezessete anos, estou no terceiro ano. *[Respiração profunda.]* Então, quando eu comecei na *luta*? Eu acho que muito por causa dos meus pais. Eles sempre foram envolvidos com as coisas. No tempo do PT, estavam junto (nunca militaram pelo PT, mas sempre foram próximos), depois se afastaram. Acho que sempre por eles eu fui aprendendo algumas coisas, eles foram me ensinando. Sei lá, quando eu tinha uns... doze anos (não, menos) eles foram p'ra Cuba e aí me contaram como era e eu me interessei. Eu me interessava por mais que fosse pequeno, não entendia muito as coisas, isso de o que era Cuba, o que era o socialismo, não entendia, mas sempre me interessou. Em 2013, meu irmão, meus primos, se envolveram muito na *luta*. Muito. Eu até tentei ir ao primeiro *ato*, mas eu era pequeno e aí fiquei com o maior medo das bombas. Acabou que no processo de *luta* de 2013, contra o aumento da tarifa, eu não estava tão envolvido, não me aproximei. Por fora fui acompanhando bastante e tal. Em 2014 entrei na ETESP e aí eu me aproximei bastante. Foi aí que eu comecei a me aproximar, *assim*. *Toquei* militância de música em manifestação. Fui me aproximando como dava. E aí foi meio assim que eu comecei. Foi mais pela minha família, eu acho; e, aí, o processo de *luta* de 2013; e, depois, a escola.

CARUSA — Você ocupou em 2015 também?

DIAS — Aí, isso. Em 2014, eu entrando mesmo para a *militância*. Em 2015, aí, eu já estava mais forte, *assim*. Estava já com mais experiência (quer dizer, um pouquinho, né), um pouquinho mais de experiência, né e tal; e mais envolvido mesmo. Em 2015 eu me envolvi bastante e, aí, no final de 2015, tiveram as *ocupações*. Aí eu já estava muito envolvido, *assim*. A segunda escola que *ocupou* eu estava com o *peçoal*, tal. Aí eu me envolvi bastante. [Pausa.] Um pouco antes das *ocupações* já estava tendo *manifestação*. Mais ou menos um mês antes começou a ter manifestações e as manifestações tomaram proporções muito grandes, principalmente p’ra *secundarista*. Eram manifestações com muitos *secundaristas*. Um número muito grande. Escola que estava... Por exemplo: o Fernão Dias paralisava a aula e ia *tipo* duzentas pessoas p’ra manifestação, *assim*. Era uma coisa muito nova. Pelo menos, depois da ditadura, a gente nunca tinha visto tanto *secundarista* mobilizado. Ninguém sabia. Não tinha relato *assim* de mobilização tão grande de *secundarista*. *Ato* com mais de mil *secundaristas*, tal. Só que aí foram crescendo as manifestações e... A gente foi chegando a um limite, *assim*, né. *Tipo*, a gente fazia manifestação e o governo não estava se importando com as manifestações, estava deixando. A gente viu que uma hora ia parar, morrer, *assim*, porque não iam atender nossa *pauta*; e iriam desmobilizando até que uma hora ia acabar, *assim*. E aí a gente começou a pensar na *ocupação da escola* muito ligado ao processo de *luta* do Chile que teve em 2006 e em 2011, que foi muito forte (principalmente, o de... ah! os dois foram muito fortes), e na Argentina, em 2011, na Buenos Aires, *assim*. [Pausa.] A gente passou um documentário que chama *A revolução dos pinguins*, do Pronzato.⁴⁶ Passou em várias escolas para começar a soltar essa ideia da *ocupação*. E aí também uma cartilha argentina que o pessoal fez em 2011, que chamava *Como ocupar um colégio?* O que eles basicamente explicavam era a experiência que eles tiveram no *processo de luta* para as outras escolas da Argentina conseguirem *ocupar*. Então, coisas básicas, *assim*, de *organização* mesmo, estrutural. Não era *tipo* “por que ocupar uma escola”, era “como”. Aí a gente d’ O Mal-Educado, não sei se você conhece, eu sou d’ O Mal-Educado, então, aí a gente d’ O Mal-Educado traduziu essa cartilha e botou uma escola do Mato Grosso [do Sul] que tinha sido ocupada, mas também não tinha sido ocupada como as de São Paulo; foi um pouco, *assim*, continuou tendo aula, eles só estavam dormindo lá. A gente contou essa experiência e essa cartilha argentina traduzida para português e começou a distribuir nas escolas, *assim*, a rodo, *assim*, né, *tipo*, em tudo o que é escola, em

⁴⁶ *La Rebelión Pinguina...* Op. cit.

manifestação, a gente passava distribuindo, p'ra soltar essa ideia, *assim*. P'ro pessoal já ficar *meio assim* “o que é isso de *ocupar* escola?” Porque se a gente ocupasse uma, o pessoal já ia estar sabendo minimamente o que é; porque é uma coisa que ninguém faz ideia, né. Eu não fazia a menor ideia do que era *ocupar* uma escola, *assim*. *Tipo*, nem como seria, nem se ia dar certo, nem... nada, né. A gente não fazia ideia, uma coisa muito nova para todo mundo, todos *secundaristas*. [Pausa.] A gente começou articular em três escolas que estavam mais forte', que foram as três primeiras a *ocupar*, Diadema, Fernão Dias e... Salvador Allende, na zona leste. Por exemplo, Fernão Dias estava muito forte *na luta* e a gente viu que era uma das escolas que iria impulsionar, né. Na noite de segunda-feira *ocupou* a Diadema; aí, logo depois, de manhã, na terça-feira, a gente *ocupou* o Fernão; e aí na quarta-feira *ocupou* o Salvador Allende. E aí, as que a gente tinha articulado eram essas três, *assim*. A gente não sabia mais o que ia dar, por que a gente não tinha mais muita inserção nas outras escolas p'ra conseguir saber se ia *ocupar* ou não. A gente sabia que tinha' outras escolas mobilizadas, mas a gente ficou nisso, *assim*. Só soltou a ideia, falando: “*meu, ocupa tudo*”, “*vamo' lá, vamo' ocupar*”. Mas é muito engraçado, porque a gente não fazia ideia da proporção que ia tomar, né. *Tipo*, não dá p'ra ter ideia, né. [Pausa.] Quando *ocupou* o Fernão Dias, a gente achou que estava tentando ficar até à noite. Conseguir ficar até umas oito, *assim*, era o nosso objetivo quando a gente entrou. A gente não sabia que ia dar p'ra dormir quando a gente entrou. E aí, a gente, *mano*, chegando à noite... “será que a gente dorme?” Uma *puta* pressão da polícia do lado de fora, né, que cercaram, né, cercaram a escola. Logo que *ocupou*, *assim*, cercaram com a polícia e ao longo do dia foi chegando mais. Até uma hora que realmente não tinha... é... eles fizeram o cordão na escola inteira *assim*, né... não tinha como... pois no começo a gente até pulava [o muro], tal... Quando eles fecharam só a frente, dava para entrar por trás, pelo lado, porque o que eles fizeram foi isso: pode sair *secundarista*, mas não pode entrar ninguém. E aí isso ia tirando as pessoas. Então, foi isso. Até meio-dia tinha, sei lá, umas seiscentas pessoas na escola. Aí, meio-dia, o pessoal tem trabalho à tarde, aí já foi p'ra trezentas, aí já foi diminuindo. Aí foi chegando à noite e a gente foi ficando em trinta. E a polícia do lado de fora falando que o Choque ia chegar. E a gente, “*meu, será que a gente dorme? será que a gente não dorme?*”. Aí a gente “*não, vamos dormir sim, se o Choque vier entrar, entra e aí já era*”. E aí... Muito *da hora* o pessoal do lado de fora, fazendo barulho, várias pessoas dormiram na rua, *assim*, né, p'ra fazer vigília, né. Muito *da hora*, a gente dormiu, quer dizer, dormiu nada! [Risos.] Todo mundo *virou*, ninguém conseguia dormir. Nossa! Eu já estava meio *virado* do dia anterior. Não

tinha conseguido dormir porque a gente chegou bem cedinho, dormiu todo mundo junto, tenso p'ra caramba. Eu dormi quinze minutos. Nesse dia dormi mais quinze minutos. Não dava. Era muita tensão. Com a polícia do lado de fora, *cê* não conseguia dormir sem parar de vigiar. Então a gente *tirou* hora para as pessoas ficarem acordadas. P'ra fazer um revezamento. Então, tá. Só que todo mundo ficou acordado o tempo inteiro, *assim*. Ninguém conseguia dormir. Então, foi *muito loko* e o que eu estava falando é, *assim... é...* por um dia a gente já estava ficando surpreso, aí foi o segundo dia e o terceiro e cinquenta e seis dias. Quase dois meses de *ocupação*. Então é isso, a gente não tinha ideia da proporção. E é isso, a gente *ocupou*, veio a polícia. Em Diadema aconteceu que eles *ocuparam* um dia antes, mas eles não tinham *ocupado* mesmo, né, eles dormiram na escola, no dia seguinte teve aula, uns quatro dias eles ficaram *assim*, né; eles dormiam, ficavam o dia inteiro lá, com barraca, tudo, mas tinha aula até, até uns, sei lá, uns quatro dias, aí eles *ocuparam* mesmo, igual a gente *ocupou* o Fernão e as outras escolas. E aí, foi isso. Essa semana a gente ficou de terça-feira [10 de novembro de 2015] a sexta-feira [13 de novembro de 2015] com a polícia cercando o portão sem deixar ninguém entrar. Mas deixavam sair, né. As pessoas aos poucos foram tendo que sair, o número foi diminuindo. Foi bem tenso até sexta-feira. [Pausa.] Acho que o mais interessante foi a mobilização que criou nessas semanas, né, nessas primeiras semanas. Foi uma coisa absurda, *assim*. Só falava disso, né. *Tipo, mano, escola ocupada*, todo mundo falava, na mídia já saiu bastante e, *tipo*, no que as pessoas conversavam, era muito, principalmente nas outras escolas mobilizadas, era muito, falavam “*mano, ocupou uma escola*”. E, aí, até sexta-feira [13 de novembro de 2015] tinha nove *escolas ocupadas* já. Então, foi isso. Em cinco dias *ocuparam* nove escolas. Aí a gente falou “*meu, a gente não pode sair também, né*”. E aí, nessa sexta-feira [13 de novembro de 2015], que foi quando o cerco da polícia saiu, saiu, foi embora, eles tinham marcado reintegração de posse. Ia ser à noite a reintegração de posse. A gente conversou com juiz, tal, para conseguir ficar. Conseguimos ganhar um dia. Mas era isso: a gente já estava quase preparando para ser reintegrado. A polícia já estava lá fora, já tinha levado a tropa do braço. E, aí, caiu: por um outro mandado judicial, anulava o mandado de reintegração. Tinha alguma coisa que estava errada lá. A gente conseguiu acabar. Quer dizer, os advogados, nossos parceiros. Os advogados e a pressão, né, todo mundo. Conseguiram acabar. Todo mundo só falava nisso, “*nove escolas ocupadas*”. E, aí, caiu o cerco, caiu a reintegração, e a gente viu que a gente ia poder ficar mais e foi *mó* emoção. Todo mundo ficou feliz, não sei quê. E, aí, uma hora depois, a polícia foi embora. Não voltou mais, *assim*. As pessoas puderam

entrar. Durou mais de cinquenta dias, né. [Pausa.] E, aí, depois que a polícia foi embora a gente, *tipo*... Antes a gente tinha a posse da escola, mas enquanto a polícia estava lá, não entrava ninguém. Então, quem 'tava, 'tava. Depois que a polícia foi embora, a gente ficou assim: “e agora?”; “o quê que a gente faz?”; “vai fazer o que? quem pode entrar? todo mundo?”; “vai chegar agora duzentas pessoas da USP e aí?” [Risos.]; porque todo mundo da USP estava, *tipo*, impressionado, querendo ir lá. Então, é isso: “vai deixar entrar todo mundo, todos os cursos da FFLCH vão vim para cá” [Risos.]; “e, aí, vamo' colocar colchonete p'ra todo mundo aqui?” [Risos.]; “como é que vai ser?” A gente ficou nessa questão e foi muito difícil nesse momento, ter esse controle da escola. Complicado. A gente decidiu que p'ra *ocupar* só ficava os *secundaristas* e a *galera* podia passar o dia, tal, conhecer. Foi interessante, *assim*. Era uma sexta-feira, né. Então, logo que abriu, já teve um fim de semana. A gente abriu p'ra fazer, *tipo*, uma visita com o *personal*, tal. A gente *tirou* um grupo de pessoas p'ra ficar fazendo isso. Eu era uma dessas pessoas. E era *muito loko*. Veio muita gente conhecer a escola. Muita gente. Veio gente, *meu*, de outras cidades, outros estados. Veio gente do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro, veio, *assim*, p'ra conhecer. *Nossa*, foi demais. A gente ia, mostrava tudo, aí fazia, *tipo*, um “mini-tour” pela *ocupação*. “Aqui a gente dorme, aqui é a cozinha...”. Foi muito *da hora*. O *personal* cozinhando e a gente mostrava. Muito *da hora*. E, *meu*, gente p'ra caramba; fazia fila p'ras pessoas entrarem por que não dava de tantos visitantes na escola. Aí, depois de um tempo, começou a *ocupar* mais um monte. Foi logo na primeira semana, começaram a *ocupar*. [Pausa.] Aí teve um momento que a gente... Ia ter uma prova no estado de São Paulo (todo estado tem, mas aqui é um pouco diferente), chama SARESP, né. É uma prova muito inútil, só serve p'ra uma coisa meritocrática, *tipo*, “a escola que for melhor na prova ganha um bônus”. Não queriam aumentar o salário dos professores e funcionários, então, eles dão um bônus p'ra escola dos alunos que for melhor na prova. Só que aí é uma coisa bizarra. Primeiro, porque eles não pagam salário, dão bônus. Segundo, porque a prova não tem nada a ver com nada, não é uma prova que ajuda a te formar como pessoa, nem te ajuda pro ENEM, nem p'ra faculdade, p'ra nada. *Tipo*, é um conteúdo *nada a ver*, *cê* não usa na vida, *cê* não usa p'ra nada, é só p'ra testar isso; e por causa desse bônus tem muito diretor que dá um *puta* peso p'ra prova p'ra conseguir ganhar um bônus a mais, *assim*. E, aí, a gente *puxou* um boicote, né. [Pausa.] Quando a gente foi boicotar, a gente teve que dar dica p'ra galera, *assim*; explicar p'ra galera p'ra não deixar a prova em branco, porque se deixa a prova em branco o professor vai lá e preenche com as respostas certas p'ra dar esse bônus. Então, é uma coisa bizarra. Por isso

a gente *puxou* esse boicote dessa prova. E foi *assim*, demais. A gente da *ocupação*, *tipo*... Algumas pessoas ficaram na *ocupação* e as outras foram de manhã cada uma em uma escola p'ra *puxar* o boicote nas escolas que não estavam *ocupadas*. Foram dois dias de prova [24 e 25 de novembro de 2015]. No primeiro dia *ocuparam* quarenta escolas. Então, *puxava* o *boicote*, juntava o pessoal que estava lá e queria *ocupar* e *ocupava*. Quarenta escolas *ocupadas* em um dia. *Animal*, *assim*. Aí, foi isso, *assim*. Todo esse período de *ocupações* teve momentos mais fortes e momentos mais fracos, *assim*, dentro da *ocupação*, né. Teve momentos que a gente estava mais forte na *luta* e teve momentos que a gente... meio que... não estava tão intenso, né. No ano passado foi *ocupado* por escolas estaduais e teve só quatro escolas técnicas *ocupadas*. Algumas estavam bem mobilizadas, inclusive, a minha escola técnica, mas não foi *ocupada*. Então, dessas duzentas e vinte, quatro eram técnicas. E aí, as escolas técnicas não se envolveram nem em manifestação, nem nada; se envolveram muito pouco na *luta* do ano passado. Um pessoal que não *ocupou*, estavam muito pouco envolvidos, até porque a *pauta* não pegava muito as Etecs, né. Mas, aí, esse ano, a *luta secundarista* das escolas estaduais continuou, muito mais fraca já que não tinha mais *ocupação*, estava numa ressaca, *assim*. Então eles estavam até *puxando* uma coisa da CPI da merenda, mas não estava forte, não tinha uma *pauta* forte. E aí, as Etecs vieram forte *pautando* merenda, porque as Etecs também têm merenda. *Tipo*, as escolas estaduais estavam com problema de roubo na merenda. Então, essa CPI iria julgar o roubo da merenda, tal, que teve desvio de recurso gigantesco e as escolas estavam piorando a merenda e ficando sem merenda por causa disso. E aí, as Etecs também têm um problema na merenda muito grande. Muita Etec não tem merenda. A minha não tinha até agora no *processo de luta*. Nem merenda seca, nem almoço. Das Etecs que têm merenda, estavam piorando, por causa da crise, tal. E as Etecs estavam com essa *pauta* muito forte esse ano. E, *assim*, foi muito interessante esse ano. Se as escolas já não se mobilizavam antes de 2015, 2016, as Etecs muito menos. Mobilização nas Etecs era uma coisa que não existia quase. Muito, muito pouco. Tem companheiros que militavam em Etecs, já haviam tentado criar um *movimento* forte, unificado, em Etec, e nunca deu certo. É muito difícil *puxar luta* em Etec. É um discurso muito meritocrático dos alunos. Até porque, *assim*, na escola estadual não tem prova p'ra entrar, nas Etecs tem. Todas as Etecs têm uma prova que você faz p'ra entrar e então acaba criando esse... uma elite, até financeira, *tipo*, econômica e intelectual. Sei lá, não sei. É separado, *assim*. Tem essa... a *galera* tem uma diferença com as escolas estaduais. Era muito difícil entre as Etecs se unirem. E com as escolas estaduais, então, era muito segregado. Esse ano a

gente conseguiu unificar de um jeito muito *da hora, assim*. A *luta das Etecs* começou com manifestações, depois a gente *puxou* paralização em escolas, e, numa manifestação que teve, a gente *ocupou* o Centro Paula Souza, que é o que gere todas as Etecs. Então, é uma autarquia do governo estadual. O governo repassa o dinheiro pro Centro Paula Souza e o Centro Paula Souza gere ali as Etecs e Fatecs. Então não é da Secretaria de Educação, é da Secretaria de Desenvolvimento Econômico. Por isso que é um pouco diferente das escolas estaduais, que são geridas pela Secretaria de Educação. Aí, as Etecs não. Então, *rola* essa diferença. Os salários dos professores são diferentes, prova para os professores é diferente. É diferente. Então era muito difícil unificar. [Pausa.] Nisso, as Etecs começaram a se unificar e vieram fortes com essa *pauta* da merenda. A gente *ocupou* o Centro Paula Souza. A gente ficou lá uma semana, eu acho. Não, mais, né. Oito dias, né. Foi uma semana que foi *muito loko* porque, antes, foi *ocupar escola* e, esse ano, foi muito diferente. Ano passado só *ocupou escola* e esse ano a gente *ocupou* um prédio que gere as Etecs. *Tipo*, foi *muito loko*, dá uma pressionada muito grande. Aí, logo depois, acho que quatro ou cinco dias depois, já começaram a *ocupar* as Etecs. Aí, *ocupou* em uma semana a ETESP, que é a que eu estudo, na terça-feira *ocupou* mais duas, sei lá, aí foi *ocupando, assim*. Mas, é isso. Não teve um poder de mobilização tão grande quanto no ano passado. Eu acho que tem algumas diferenças que são importantes também, que é isso. Essa unidade que criou entre as Etecs muito forte e a unidade entre Etecs e estaduais p'ra gente não ficar fechado, né. *Tipo*, não é só *lutar* pela merenda. A gente criou, *tipo*, uma *mobilização*, né. Acho que é muito importante, essa *luta* foi muito importante, mesmo que não tenha criado uma tão forte como a do ano passado, acho que a gente conseguiu pelo menos merenda seca em toda as Etecs; muitas não tinham, inclusive, a minha não tinha, agora, com a *ocupação*, agora tem, a gente tem a merenda seca. E aí... p'ra agosto eles prometeram que vão dar *marmitex* [marmita] p'ra todos os alunos que fazem curso de manhã e de tarde, enquanto se está construindo um refeitório p'ra poder dar merenda de verdade, p'ra poder dar almoço. Eles falaram: “a gente está construindo os refeitórios”. “Mas e aí? Enquanto está construindo o refeitório a gente passa fome? Não adianta”. Aí eles falaram: “A gente vai dar *marmitex* p'ra vocês todo dia”. Tal, beleza. Eles prometeram. Agora em agosto a gente tem que fazer cumprir, né.

CARUSA — Sobre a cartilha, *Como ocupar um colégio?*, voltando um pouco para falar mais.

DIAS — É, então, era uma coisa bem estrutural da *ocupação*. Era bem isso. Dava uma dica de como eles na Argentina fizeram lá. Então, era isso. Separar em *comissões* p'ra não ficar todo mundo fazendo tudo. O que realmente p'ra gente também faz sentido. Não dá p'ra você cozinhar, fazer não sei o quê mais, tal. A gente divide em papéis que podem ser rotativos. Então, é isso. Uma *comissão* de segurança p'ra ver quem entra, quem sai, se a polícia está vindo, à noite fica vigiando, tal. Uma *comissão* de alimentação, que faz a comida. Uma *comissão* de limpeza, que limpa a escola. Essas eram as três principais que eles falaram. E aí as escolas foram desenvolvendo outras. Então, a gente fez *comissão* de informação, p'ra levar informação de uma escola p'ra outra e levar p'ra nossa *ocupação* o que estava acontecendo. Tinha *comissão* de mídia, que ficava p'ra falar com a mídia. *Comissão* que eu não lembro o nome, que é a que fazia esse passeio, essa apresentação da *ocupação* para as pessoas de fora. Então, a gente foi fazendo outras, né. O negócio da Argentina era uma coisa bem básica, *assim*. São duas folhinhas. Posso até procurar p'ra você, *meu*, vou atrás p'ra ver se eu consigo e daí te dou. É um folheto *assim*. São quatro páginas e eles explicam rapidinho o quê que é só p'ra galera não ficar muito insegura também. *Tipo* “ah, e agora eu vou fazer o quê?”, “vamos reunir em *comissões*, vamos seguindo a cartilha”, *assim*. Mesmo que nem todo mundo seguiu à risca, tinha até umas coisas diferentes mesmo na *ocupação* do Chile. Por exemplo, no Chile, eles contavam que revistavam as pessoas antes de entrar na *ocupação*, mesmo os *ocupantes*. Então, via a mochila, se tinha faca. Acho que, aqui, nenhuma escola fez, pelo menos, nenhuma que eu fui fez isso; mas, sei lá, a gente seguiu também outros exemplos, o que a gente achou que era bom, a gente fez.

CARUSA — Dias, você poderia falar um pouco sobre a *ocupação* da ETESP?

DIAS — Só antes disso, ainda sobre a cartilha. Então, a gente fez essa cartilha, *Como ocupar um colégio?* Quando teve a prova do SARESP, a gente fez uma sobre o boicote, *Boicote o SARESP*, que foi falando p'ra não deixar em branco, explicando e aí explica um pouco por que boicotar, tal, falando isso. Depois, a gente fez uma semana de *travamentos*, travando ruas. Aí, a gente fez uma cartilha, *Como travar uma avenida*. Então era, *tipo*, bem interessante, várias dicas p'ras pessoas. Vou tentar ir atrás de todas e o que tiver de material vou tentar te mandar, *assim*, p'ra gente juntar tudo. [Pausa] Mas, enfim, sobre a ETESP. A ETESP estava bem mobilizada. Era a Etec que estava mais impulsionando a *luta* desse ano, *assim*, estava muito forte. Tanto que começou *manifestação* por uma paralização na ETESP. A gente paralisou o dia na escola e falou

“ó, gente, p’ra daqui duas semanas a gente *puxa* uma paralisação geral das Etecs”. E nas duas semanas teve. A gente começou a se articular bastante com as outras escolas, fez lista de contato com pessoas, tudo; começou a conversar com outras pessoas e aí a gente *puxou* essa *manifestação*, que foi *muito loko*; paralisação junto com manifestação. Paralisou várias escolas, a gente fez o *ato*, foi *muito da hora*. Então, é isso. A ETESP já estava bem à frente e, aí, logo que *ocupou* o Centro Paula Souza, a gente falou: “a gente precisa *ocupar* a ETESP logo p’ra impulsionar outras *ocupações*”. E aí, foi isso, foi a primeira a ocupar. E, aí, foi isso. A gente *ocupou* de manhã; no começo do dia a gente fez uma *assembleia* antes de começar a aula; decidiu *ocupar e ocupar*. Aí, pegamos o prédio; aí, quase o dia inteiro ficou professor lá, não sei quê, coordenador, diretor. Não, diretor, não, que a gente nem deixou entrar no prédio porque ele chega depois; mas a coordenadora ficou lá; mais ou menos até o final do dia a gente conseguiu tirar todo mundo, ficaram só os *estudantes*. Mas o prédio tem um problema físico: ele é dentro de uma universidade, da Fatec, o *campus* é junto. Então, a gente ficou, *tipo*, só *ocupou* um prédio, não *ocupou* a universidade, a gente ficou com um prédio dentro do *campus*. A gente ficou ilhado, *assim*. Então, a gente não tinha o controle do portão e, aí, a polícia tomou o controle do portão. A polícia e os funcionários. Então, eles não permitiam a entrada das pessoas. Foi péssimo. A gente não conseguia transitar e tal. E aí, é isso. Depois, teve uma manifestação que foi p’ra lá e a polícia cercou, a tropa do braço cercou e não saiu mais, ficou policial lá na frente, *assim*. Não saíam, não deixavam ninguém entrar e, *tipo*, foi ruim. Então, é isso. Vários fatores para desmobilizar a *ocupação*. Mas é isso. A *ocupação* estava forte. As pessoas estavam bem mobilizadas, os alunos. A gente ficou lá impulsionando a *luta* pelas outras escolas. Então, por exemplo, eu estudava na ETESP, estava na *ocupação*, mas eu nem fiquei tanto, *assim*, ficava mais em outras p’ra tentar dar uma fortalecida nas que estavam menos mobilizadas, *assim*. E, aí, a polícia, numa sexta-feira [13 de maio de 2016], às seis da manhã, *desocupou* quatro *ocupações*. A ETESP e três diretorias de ensino, que é o que gere as escolas estaduais na região, *assim*, né. Então, foi isso, Diretoria de Ensino Centro-oeste, Diretoria de Ensino Norte 1 e Diretoria de Ensino de Guarulhos. Eles reintegraram tudo ao mesmo tempo. Seis da manhã. E levaram todo mundo que estava nas *ocupações* p’ra uma DP cada uma. Lotaram várias DPs de gente, né. Levaram muita gente p’ra DP. Aí eu não estava nessa reintegração. Eu acabei dormindo em casa esse dia, foi muita sorte, por que à noite eu fui tentar entrar na escola e aí o segurança não deixou; a polícia estava lá, não deixou entrar, e falou “não vai entrar, não sei quê”. Ainda tentei pular o muro, não deu, tal, não deu e aí

eu fui p'ra casa. No outro dia, prenderam todo mundo, *assim*. *Mó* sorte. Então é isso, a polícia decidiu tirar todas as pessoas de todas as *ocupações*, tirou todo mundo seis da manhã, sem mandado, porque na noite anterior caiu o negócio que precisava de mandado. O Alckmin tirou, então, não precisava mais de mandado judicial p'ra entrar na escola e em qualquer *ocupação*. A polícia não precisava mais de mandado judicial, *desocupou* tudo seis da manhã, tal.

CARUSA — Sobre as suas inspirações para a *luta*, o que o move para a *luta*, seus ideais.

DIAS — Então, eu acredito no socialismo. *Luto* por isso, milito por isso. Não sei, tem gente que diz que é utópico, mas [*Risos.*] seja como for, é isso. *Na real*, eu *luto* por isso, *assim*. É isso. Eu acredito. Vou continuar *lutando* p'ra sempre por isso. A gente está fazendo pequenas *lutas* aí, né. Se a gente vai realmente pensar em uma revolução mundial, *ocupar* duzentas escolas não é nada. Mas, por outro lado, é isso, é o que a gente pode fazer, é o que a gente está fazendo. Acho que não tem que ficar pensando que não é nada comparado a tudo o que a gente quer, porque só fazendo essas coisas que a gente vai conseguir. No dia a dia, né, dos *estudantes*. É isso. A gente interferiu na vida de um monte de *estudantes*, né. Então, é isso. É p'ra isso que eu *luto*. E, não sei... *cê* tá perguntando também de pessoas, *assim*? Inspiração em pessoas, *assim*? Então, eu me reivindico marxista, do Karl Marx. Aí, ah! Tem o Che Guevara, claro. Clássico, *assim*. Mas uma figura já meio manjada, né. Rosa Luxemburgo etc.

CARUSA — Dias, gostaria de te escutar um pouco acerca do *princípio de horizontalidade* desejado que percebo, por exemplo, nas *assembleias* de vocês.

DIAS — Então, acho que essa *luta* – tanto essa de 2015 quanto essa de 2016 e a gente pode até pensar um pouco em Junho de 2013 – foge um pouco dos padrões clássicos de *luta*, *assim*, né, clássicos e antigos, né. Aí cabe uma análise aprofundada de porquê isso. Acho que tem muito a ver com a decepção com o PT. O que o PT deveria ter feito e o que o PT fez e tá todo mundo decepcionado, *assim*. Enfim. E agora tá procurando outros métodos. Eu enxergo *assim*, mas é muito difícil, *assim*. Acho muito difícil de pensar nisso, mas acho que eu entendo mais ou menos *assim*. É isso. O PT veio com essa unidade da classe, tal. E agora está tudo disperso. E aí tá todo mundo meio perdido, *assim*. Acho que é um pouco isso. A gente tenta fazer de um jeito diferente. É

BOICOTE O SARESP

1 O QUE É O SARESP?

Uma prova que será aplicada pelo governo de SP aos alunos da rede estadual nos dias **29 e 30/11** para avaliar as escolas. Criada com apoio do Banco Mundial, ela está alinhada com os planos das grandes empresas que agora apoiam a REFORMA DO ENSINO MÉDIO e foi um dos primeiros passos para gerir a educação pública com uma lógica empresarial.

2 PARA QUE SERVE?

Para nada que o governo promete. O Saresp é usado para intimidar os professores e estudantes, retirando investimentos das escolas que vão mal na prova. É uma política de produção de índices, que hierarquiza e gera concorrência entre as escolas e os professores, atraídos pelas bonificações que podem receber para complementar seu salário baixo. Os estudantes são tratados como meros números e nunca são beneficiados por esse tipo de prova.

3 PARA QUE NÃO SERVE?

Definitivamente o Saresp NÃO é uma ferramenta para os estudantes e a população decidirem os caminhos da sua própria educação. Não serve nem sequer para avaliar as condições da educação atual, pois seus resultados são frequentemente falsificados pelas escolas para garantir o bônus.

4 POR QUE BOICOTAR?

Milhares de estudantes do Brasil inteiro estão em luta contra a Reforma do Ensino Médio e a PEC do corte de gastos, que vai reduzir drasticamente os investimentos do governo em educação. Essas duas políticas são parte de uma estratégia de privatização do ensino público que inclui a criação do Saresp há 20 anos. Além disso, avaliações como o Saresp são mais uma ferramenta do governo para justificar suas políticas. Boicotar o Saresp é mais uma forma de lutar contra a PEC e a Reforma.

(Figura 39 Panfleto, *Boicote o SARESP* (parte 1). Fonte: Arquivo próprio.)

5 COMO BOICOTAR O SARESP?

OCUPAÇÃO RELÂMPAGO

DA ESCOLA por um dia, substituindo a prova por atividades organizadas pelos estudantes.

PIQUETE NA PORTA DA

ESCOLA conversando com os alunos e bloqueando a entrada.

PARALISAÇÃO DA SUA SALA OU DO SEU TURNO

com assembleia dos estudantes para debater a luta contra a PEC dos gastos e a reforma.

Se nada disso der certo, **ESCREVA EM TODAS AS PÁGINAS:**

#NÃOVAI TER SARESP

com letras bem grandes e rasure o gabarito. Tire uma foto da prova boicotada e mande pro Mal Educado!



SE SUA ESCOLA JÁ ESTÁ ORGANIZADA, AJUDE OS ESTUDANTES DE OUTRAS ESCOLAS A BOICOTAR O SARESP!

6 POSSO SER PUNIDO POR BOICOTAR O SARESP?

NÃO. Os diretores, coordenadores e professores vão tentar intimidar os estudantes para fazer a prova. Não aceite ameaças. O Saresp não pode ser parte da sua nota em nenhuma matéria e não realizá-lo não reprova ninguém. Algumas escolas prometem até festas e prêmios para os estudantes que não faltam ou vão bem na prova. Se algo desse tipo acontecer, denuncie.

 O MAL EDUCADO

(Figura 40 Panfleto, *Boicote o SARESP* (parte 2). Fonte: Arquivo próprio.)

ATENÇÃO PAIS E ALUNOS

NÃO CAIAM EM MENTIRAS

Nos últimos dias, as Diretorias de Ensino tem ligado para os pais dos alunos das escolas ocupadas para tentar jogar as famílias contra os estudantes que estão lutando por uma educação melhor.

Na tentativa de manipular as pessoas, o governo está espalhando mentiras e invertendo as coisas: está dizendo que as ocupações estão "roubando a escola" dos outros estudantes, mas na verdade é o governo que quer fechar quase 100 escolas e acabar com o Fundamental ou o Ensino Médio em outras 700 escolas. As ocupações são uma forma justa que os estudantes encontraram para lutar para que o governo não roube as nossas escolas!



NINGUÉM PODE REPETIR DE ANO POR CAUSA DAS OCUPAÇÕES.

O próprio Secretário de Educação já disse que as escolas ocupadas estão em recesso. Portanto, nenhum aluno poderá ter nota prejudicada por atividades previstas para o período e não realizadas. Além disso, dificilmente as escolas poderão reter o diploma dos alunos do 3º ano do Ensino Médio, que já completaram praticamente todo o ano letivo.

(Figura 41 Panfleto, *Atenção pais e alunos*. Fonte: Arquivo próprio.)

Como Criar um Grêmio?

Para criar um Grêmio existem várias formas, mas o que é preciso antes de tudo é de um grupo de estudantes comprometidos e dispostos a construir coisas na escola. É importante entender que o grêmio é algo dos alunos para os alunos, e não pode ser controlado pela direção ou mesmo por um professor, mas é importante sempre estar junto aos professores na construção das atividades. Não podemos esquecer que o Grêmio varia de escola para escola, existem Grêmios que não possuem estatutos, e funcionam com reuniões e assembleias periódicas entre os alunos.

1- Os estudantes que vão compor o Grêmio, caso não exista um estatuto de Grêmio na escola podem criar um, mas lembrando que esse estatuto não deve ser um limite, e pode ser modificado de acordo com o interesse dos estudantes.

2- Depois disso os estudantes precisam criar uma Comissão Eleitoral, formada por estudantes da escola que estarão ou não nas chapadas de Grêmio. A comissão é responsável por criar um tempo para inscrição das chapas, um período de campanha que é importante para conversar sobre a importância do Grêmio com os estudantes, e por último o período da eleição.

3- Depois de eleito, o Grêmio não deve se basear em cargos ou funções burocráticas, isso é uma forma de controle, nossos Grêmios devem ser livres sem limites impostos pela direção ou o governo. Fazer assembleias com todos os alunos, estar aberto para receber outras pessoas no Grêmio, reivindicar espaço para reuniões, e construir atividades e reivindicar direitos dos estudantes são tarefas de todo Grêmio de Luta.



(Figura 42 Panfleto, *Como criar um grêmio?* Fonte: Arquivo próprio.)

isso. Prezando pela *horizontalidade* sempre, não tem *liderança*, nem nas *ocupações*, nenhuma teve. A gente sabe como a gente não quer fazer *luta*, mas como a gente quer está difícil. A gente está experimentando. Às vezes a gente comete erros. E é isso. Já que *cê* tocou nas *assembleias*, é difícil. As *assembleias* não vão muito p'ra frente, a gente consegue discutir pouco, não consegue deliberar muita coisa, por que é muito novo p'ra gente e acho que p'ra todo mundo. Essa forma de *luta* que a gente está fazendo é muito nova historicamente. P'ra gente ainda que é jovem e tem muito pouca experiência, é muito difícil *puxar* uma *assembleia*, né; essas *assembleias* de duzentas pessoas, sei lá, umas cem pessoas, é muito difícil. Essa dificuldade, né. Mas, pensando nos valores, o que a gente tenta é tratar todo mundo igual; não “tratar”, mas que todo mundo seja igual, não tem uma pessoa mandando em ninguém; que esteja todo mundo sentado em cadeira ou no chão, em roda, em volta, e que a gente possa discutir, falar. Às vezes, a gente chega a um problema. Por exemplo, ano passado as escolas estavam todas dispersas. Então, cada uma fazendo sua *ocupação*. Chegou uma hora que a gente falou “não, a gente precisa *unificar* essas *ocupações*”. Até porque, a UBES estava querendo negociar. A UBES é uma *entidade* e estava querendo negociar pelos *estudantes*. Falavam: “não, não, a gente *desocupa* todas as escolas se vocês derem um reajuste, não fecharem estas escolas”. E, aí, a gente precisou criar um *mecanismo representativo* dos *estudantes* nas *ocupações*. E a gente criou, chamava Comando das Escolas Ocupadas. E aí, é isso, né, perdido, todo mundo perdido: “como que a gente vai fazer esse negócio?” Aí, foi isso: levar dois representantes de cada *ocupação*, *tirados* em *assembleia*. Então, faz uma *assembleia*, *tira* dois estudantes para representar a *assembleia*, p'ra levar o que foi *tirado* da *assembleia*. E, aí, juntar todas essas pessoas em um espaço, tal, discutia. E aí, levava de novo p'ra escola e, aí, tinha uma *assembleia* de novo p'ra dizer o que foi decidido, as deliberações para as próximas coisas. Então, é isso: “a gente vai fazer essa negociação que a UBES está propondo?” Cada escola levou sua resposta: “não, não, não...”. Aí, voltou: “ó, realmente foi *tirado* não”. Pronto. Mas na teoria era melhor do que na prática. Foi bom, foi positivo, a gente aprendeu muito, mas algumas coisas a gente não conseguia fazer também. Algumas vezes acabava que ficava fechado nessas duas pessoas, que iam sempre elas. E aí não fazia essa rotatividade que a gente queria. E também não necessariamente essas *assembleias* eram tão *encaminhativas* quanto a gente queria. Então a gente levava coisa e não conseguia *tirar* nada nessas *assembleias gerais*. Mas, é isso: acho que a gente está tentando fazer uma coisa diferente do que já foi feito, do que estava sendo feito. Mas, é isso: estamos tentando experimentar, né.

2.3.1 Aprendizagem no *debate* das *ocupações*

CARUSA — Dias, como foi para você a relação entre as *ocupações* e aprendizados no *processo das ocupações*?

DIAS — Acho que nesses dois meses de *ocupação* do ano passado, com certeza eu aprendi mais do que no resto de 2015 inteiro. Com certeza, aprendi muito mais; mas não o que é ensinado na escola. *Tipo*, química e física eu aprendi mais na escola. Mas acho que o aprendizado que a gente teve – não só eu, né, estou dando o meu caso particular, mas acho que com todo mundo, pelo menos, todo mundo que eu conversei diz isso – é um aprendizado que a gente nunca teve. Só vai ter lá, foi uma experiência muito única p’ra todo mundo. A gente enriqueceu nosso debate de uma maneira absurda. *Meu*, isso, *assim*, dá p’ra ver nas pessoas, como entraram e como saíram, a diferença do debate que estava dentro da escola, a diferença do debate. Se você pega o Fernão Dias, está meio desmobilizado esse ano, mas, *assim*, a diferença do debate das pessoas que estavam na *ocupação* é totalmente diferente, *assim*. É de falar coisas que as pessoas nunca falaram, entender coisas que as pessoas nunca entenderam. Por exemplo, a gente pensa em pessoas que nunca tiveram ligadas à *militância*, as pessoas aprenderam muito. Mas mesmo eu, que já estava ali, já na *militância*, aprendi p’ra caramba. É isso, é viver a *ocupação*, a *luta intensa*. É uma *luta* muito intensa. Esses quatro dias que a gente ficou com a polícia cercando foi uma adrenalina o tempo inteiro, *assim*. A gente dormia uma hora por dia porque não conseguia dormir, porque estava nessa adrenalina, pensando, e, aí, conseguia meia-hora que não estava tão ligado lá fora e ia discutir alguma coisa. E é lógico que a gente ia discutir as outras escolas, a *luta*: “não, porque *cê* viu que *ocupou* não sei quantas escolas?”; “e aí, *cê* acha que vai *ocupar* mais?”; “vai p’ra quantas?”; “*cê* acha que *ocupa* mais dez?”, “acho que dez não *ocupa*, hein”. Então, era isso, vinte e quatro horas por dia a gente pensando na *luta*, na mobilização geral, né, não só na nossa *luta*. Acho que o que a gente tentou muito fazer e acho que um pouco consegui [em 2015] e acho que nessa *luta* desse ano [2016] consegui bastante também é... expandir a *luta*, não ficar só preso nos *secundaristas* da nossa escola e como está nossa escola. Não, é pensar na *luta* geral dos *estudantes* e expandir dos *estudantes*. Então, nesse ano, a gente vê muito forte algumas frases, *tipo*, que tinha na *faixa de frente* de vários *atos*, “Estudantes com a classe”. Então, é isso: tem os *trabalhadores* p’ra gente tentar pensar o que isso se insere na produção no capitalismo, o que significa a escola nisso, a gente vai aprimorando o

debate, pensando. Querendo ou não, a gente só está na escola p'ra virar *trabalhador* depois. É p'ra isso que eles querem que a gente esteja estudando. Então, pensar nessas coisas que a gente nunca teve espaço p'ra pensar dentro da escola; e dentro da *ocupação* a gente tinha muito. A gente fez leitura conjunta de livros e discussão p'ra caramba mesmo. *Assim*, como dava, né. Não é também que só ficava discutindo, a gente estava em um período intenso de *luta*. Ficar só discutindo não dava, mas quando dava a gente discutia muito, aprimorou muito nosso debate. E, é isso, dá p'ra ver nas *assembleias*, como as pessoas foram se soltando e conseguindo falar melhor em *assembleia*. *Cê* vê gente falando em *assembleia* que, com certeza, antes das *ocupações* não falavam p'ra tanta gente, não conseguia ter desenvoltura, desenvolver o argumento, as pessoas cresceram muito no debate. A gente estava sempre discutindo, sempre pensando, não dá p'ra você parar de pensar. *Cê* tá na *ocupação*, *cê* tá pensando: “o quê que é *ocupação*?”; “o quê que vai acontecer?”; “a polícia vai entrar?”; “por que a polícia vai entrar?”; “será que vale a pena p'ra polícia entrar?”; essas coisas que *cê* não pensa normalmente. Nesse momento, a gente meio que foi obrigado a pensar; e por isso a gente aprendeu muito.

2.3.2 Sobre o lugar da razão *emocionada*

CARUSA — Como você pensa essa ligação entre suas inspirações mais amplas e sonhos, por um lado, e, por outro lado, as *ocupações* como algo que é concreto, que aconteceu?

DIAS — É interessante ver a *ocupação*, porque mostrou que a gente, unido, *mano*, a gente faz o que a gente quiser. É isso, *mano*, a gente pegou a escola p'ra gente por dois meses e, *mano*, fez atividade que a gente queria. *Tipo*, chamou os professores p'ra dar as aulas que a gente queria. *Tipo*, p'ra aprender os negócios que a gente se interessava e a gente geriu a escola. Quem fazia as comidas, eram os *estudantes*. Quem fazia a limpeza, eram os *estudantes*. Quem fazia as atividades, eram os *estudantes* chamando. A gente fazia palestra e, aí, não eram os *estudantes* que davam; ou a gente fazia roda de conversa e, aí, era entre os *estudantes*; mas, enfim, chamando as pessoas que a gente queria. Acho que pensar em ampliar os horizontes é pensar que a gente pode. *Assim*, acho que... é isso, *tipo*, é isso: a gente pode. E como a gente foi conseguindo nesse debate pensar mesmo, *tipo*, em expandir a *luta*. Não ficar nisso. Pensar que a gente, unido, consegue fazer coisas que a gente não tem nem ideia, né. A gente achou que ia *ocupar* uma escola por um dia

e, aí, não só *ocuparam* duzentas escolas, duzentas e vinte escolas, em um estado, como, no ano seguinte, que é o que a gente está vivendo agora, tem, sei lá, mais de trezentas escolas ocupadas no Brasil. Está ocupando no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro, Ceará, Bahia, *tipo*, vários lugares, várias *ocupações*. Pensando essa expansão da *luta* – pelo menos, eu acredito nisso, na *luta* mundial, na *luta* internacional – como é *muito loko* a gente pegar o exemplo do Chile, a Argentina pegar o exemplo do Chile, a gente pegar o exemplo do Chile e da Argentina. Eu fui p’ra Goiás e o *peessoal* de Goiás falou que pegou o exemplo nosso, do Chile e da Argentina. *Pessoal* do Rio falou que usou o exemplo de Goiás. O *peessoal* do Paraguai falou que usou o exemplo de São Paulo, então, acho que isso é emocionante. *Assim*, até me emociono mesmo. *Nossa!* Quando eu fui p’ra Goiás e o pessoal falou “obrigada por terem *ocupado* em São Paulo que foi só por isso que a gente conseguiu *ocupar* aqui”, *nossa*, emociona mesmo. Fui pro Rio também e o pessoal lá falou a mesma coisa, “se não fosse vocês a gente não estava fazendo esse *processo de luta*”. E um *puta processo de luta da hora* do Rio de Janeiro, invejável. É isso, a gente inveja eles e eles agradecem a gente porque falam que invejam a gente. Então é muito *da hora, assim*. E é isso. Pensar nessa *luta* que foge do nosso campo. A gente está *ocupando* uma escola, mas, *mano*, pensar o que essa *ocupação de escola* representa para a *luta* no mundo, não o que representa para a nossa escola só. Se for só isso, dane-se. A gente tem que pensar no todo. Como uma coisa pode influenciar em tudo. Um *processo de luta* daqui gerando, no ano seguinte, um *processo de luta* no Brasil inteiro. E a gente não sabe ano que vem. “E agora?” Tem a França. Não é porque teve *ocupação* aqui que a França agora está assim, mas é pensar como está crescendo a *luta* em todo lugar. França tá *animal*. Brasil tá *animal* de *luta*. Em São Paulo agora está mais fraco, mas no resto do Brasil, *assim*. Então pensando em inspiração p’ra mim, é isso: o emocionante é isso. É ver como que a *luta* vai crescendo no mundo inteiro e como ela pode crescer; como, a gente, *mano*, unido, olha o que a gente fez. Só de imaginar duzentas *escolas ocupadas* e só se falava disso, acho que não teve um *estudante* que não conversou sobre isso no ano passado. Só se falava disso, o assunto de todos os *estudantes* era isso, era *ocupação de escola*. *Ocupou* muita escola. Acho que é isso: é pensar, *meu*, as proporções que as nossas ações podem fazer e a gente unido é que faz.

CARUSA — Você falou que foi para Goiás e Rio de Janeiro. Quando você foi? Como foi estar lá? Você foi especialmente para visitar as *ocupações*?

DIAS — P’ra Goiás eu fui no final do ano passado [2015]. Em dezembro do ano passado, que estava começando as *ocupações* lá. Aqui em São Paulo ainda tinha *ocupação*, mas já não estava mais tão forte. Aqui estava num processo, *assim...* estabilizando, *sabe*. Não estava nem uma *luta* muito forte, tal, tal, a gente já tinha conseguido lá o... Enfim, aqui não estava tão forte a *luta*, mas em Goiás estava começando a estourar. E aí a gente *tirou* um carro de cinco pessoas lá pel’ O Mal-Educado p’ra ir até Goiás. A gente foi em cinco, dois motoristas mais três secundaristas. E, aí, ficamos nisso, só p’ras *ocupações*; ficamos nisso, fomos lá, ia de *ocupação* em *ocupação*, dormindo nas *ocupações*. Foi muito *da hora*. A gente contou nossa experiência e era *muito loko* ver como as pessoas ficavam felizes em ver a gente. Falavam: “*cara, você é de São Paulo*”; “*que ocupação vocês estavam?*”; “*no Fernão! Cês estavam no Fernão!*”. E, aí, tem até... é... aquela música, não sei se *cê* já viu, “*Escola de luta*”, que fala... “*o Fernão é escola de luta...*”. É uma música que eu posso te mandar depois. É uma música que virou meio hino aqui, *assim*.⁴⁷ E aí chegou lá, então, o pessoal de Goiás conhecia. Então, o nome do Fernão ficou famoso. Quando a gente falava que era do Fernão, “*nossa! do Fernão!*”. Eles tinham feito um *cover*, né, uma adaptação dessa música, uma paródia p’ro pessoal de Goiás. Aí, *nossa!* Foi *muito loko!* A música que a gente cantava aqui, que era quase um hinozinho da *luta* aqui, os caras copiaram lá e fizeram adaptação p’ra eles, mudando algumas coisas. Então, aqui falava: “*fica preparado que se fecha nós ocupa*”, de fechar escola. Aí, lá, eles estavam cantando sobre a terceirização das escolas, era contra militarização e a terceirização na escola, na verdade: “*fica preparado terceiriza nós ocupa*”. Isso foi muito *da hora*. O pessoal cantou, a gente cantou nossas músicas. O pessoal ficou muito feliz de a gente ter ido. Tanto que eles não queriam que a gente fosse embora, a gente não queria, ficamos *mó* próximo da galera. A gente ficou, sei lá, quatro dias. Foi *mó* pouquinho, *assim*, mas a gente conheceu várias *ocupações*, passou nas *ocupações* e levou nossa experiência que – querendo ou não, já estava há um mês e pouco *ocupado* – tinha já alguma bagagem, *assim*, de experiência. O *pessoal* tinha *ocupado* há dois dias. A gente

⁴⁷ “Escola de Luta” é uma música de MC Foice e Martelo, uma versão do *funk* “Baile de Favela”, de MC João. O vídeo para “Escola de Luta”, de MC Foice e Martelo, está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QvdrLD1RbTI&ab_channel=MCFOICEEMARTELOZ.S Acesso em 11 mar. 2021. O vídeo para “Baile de Favela”, de MC João, está disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=kzOkza_u3Z8&ab_channel=CanalKondZilla >. Acesso em: 11 mar. 2021.

trocava uma ideia. Foi muito *da hora*. Aí, p’ro Rio de Janeiro eu fui esse ano [2016], em março. A gente ganhou um prêmio do Grupo Tortura Nunca Mais. O prêmio Chico Mendes, de direitos humanos, de tortura e resistência. Eles premiaram os secundaristas de São Paulo.⁴⁸ E, aí, que eu te falei, desse Comando das Escolas Ocupadas, a gente continuou as reuniões por mais que não tivesse as *escolas ocupadas*. A gente *tirou* duas pessoas p’ra ir pro Rio de Janeiro p’ra receber esse prêmio. Era uma medalha, *assim*. Aí fazia uma fala. Fomos eu e uma menina, companheira nossa, *mó da hora*. Aí a gente foi, recebeu a medalha, e falou: “já que a gente está no Rio e tá começando aqui, vamo’ passar nas *ocupa* também”. Quando a gente foi, tinha duas *ocupações* só. Foi em vinte e pouco de março desse ano. Eu acho que tinha começado as *ocupações* há duas semanas e eles tinham duas *escolas ocupadas*. A gente foi trocar uma ideia com o *peessoal* e ficou em uma das escolas só. No dia que a gente estava voltando, *ocupou* mais duas. E aí que começou a explodir a *luta*. Então, a gente perdeu um pouquinho, *assim*, o *timing*, mas, foi muito *da hora*. A gente trocou ideia com o *peessoal*. E a mesma coisa: o *peessoal*, *mano*, quando a gente foi receber essa homenagem, essa medalha, a gente foi fazer uma fala, né. E um *peessoal* (acho que nove *estudantes*) de uma *escola ocupada* foi assistir. Quando a gente foi receber a medalha e fazer a nossa fala, foi muito *da hora*. A gente falou: “essa homenagem não é só para os *secundaristas* de São Paulo, mas p’ra todos os *secundaristas* que estão *na luta* aí. Um salve para o *peessoal* do Rio de Janeiro que está *ocupando*, tem que *ocupar* mesmo, a gente tá junto.” Depois a gente foi trocar ideia com um moleque e o moleque falou que ficou arrepiado, “arrepiou quando *cês* falou”. Aí... é... muito emocionante. Realmente emociona, *assim*, *tipo*. Tanto p’ra Goiás quanto pro Rio de Janeiro. Agora um companheiro nosso foi semana passada p’ra o Rio Grande do Sul, que está tendo *escola ocupada*. Agora, de novo, mais um *peessoal* foi pro Rio de Janeiro, tem

⁴⁸ “Com a Medalha Chico Mendes de Resistência, o Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro – GTNM/RJ homenageia pessoas físicas e jurídicas, nacionais ou internacionais, por suas lutas na defesa dos direitos à vida e à liberdade e por uma sociedade plural, fraterna e sem torturas, reafirmando sua dignidade e sua memória. Essa homenagem, prevista em seu estatuto desde a sua fundação, em 1985, vem sendo cumprida desde 1989, anualmente, no dia 1º de abril ou em data próxima.” Na lista completa de homenageados em 2016, lê-se: “BERTA CÁCERES (IN MEMORIAM); CESAR CAETANO DE CAMPOS TELES (IN MEMORIAM); HAMILTON BORGES DOS SANTOS; IZILDETE SANTOS DA SILVA; JORGE LEAL GONÇALVES PEREIRA (IN MEMORIAM); KENARIK BOUJIKIAN; MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO DAS ESCOLAS PELOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS DE SÃO PAULO; OPERÁRIOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE NITERÓI E SÃO GONÇALO / 1964; PAULO CÉSAR PINHEIRO; POVO KRENAK; RAUL AMARO NIN FERREIRA (IN MEMORIAM).” Ao clicar sobre um nome homenageado, abre-se, na mesma tela, texto referente à homenagem. Ao clicar sobre “MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO...”, lê-se a mensagem transcrita no quadro abaixo. Disponível em: < <https://www.torturanuncamais-rj.org.br/homenageados-chico-mendes/homenageados-2016/> >. Acesso em: 16 fev. 2021.

um companheiro nosso do Rio de Janeiro agora. P'ra todo mundo emociona. Tanto p'ra eles quanto p'ra gente. Os caras falam: “a gente tá fazendo isso por causa de vocês, só por que vocês começaram, se não a gente não teria como fazer”. E a gente falando: “*mano*, se não fosse vocês a gente teria ficado preso lá, só a gente teria feito, como um é

importante p'ro outro, como uma coisa leva p'ra outra". Realmente emociona mesmo, assim.

Mensagem do Grupo Tortura Nunca Mais na entrega da Medalha Chico Mendes de Resistência em 2016 ao MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO DAS ESCOLAS PELOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS DE SÃO PAULO

“A luta por educação dos estudantes secundaristas de São Paulo começou em 6 de outubro de 2015. Desde então, o Estado demonstrou que não considera a educação uma coisa importante e mostrou que apenas se importa com corte de gastos, mesmo que isso signifique precarizar ainda mais o ensino público.

Os estudantes foram às ruas, às diretorias de ensino, à Secretaria de Educação e mesmo assim o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, não lhes deu ouvidos. A única atenção que receberam foi a repressão policial.

Eles consideraram que precisavam de uma medida mais drástica, pois atos de rua não estavam fazendo efeito. Descobriram, então, sobre as ocupações das escolas do Chile. ‘Mas será que daria certo em São Paulo? Será que todos os estudantes apoiariam as ocupações? Nós só saberíamos tentando. E deu certo.’

Com cerca de 220 escolas ocupadas no auge do movimento, não fizeram das ocupações apenas um instrumento de luta; tornaram as escolas, públicas de fato, onde qualquer pessoa podia entrar para ver aula, participar do sarau ou só para matar saudade do colégio.

As ocupações acabaram, mas a luta não. Desde a ditadura, os estudantes secundaristas nunca estiveram tão unidos e organizados. Continuam sofrendo ataques do governo, com fechamento de salas de aula e o roubo da merenda.

‘Azar do Alckmin, nós não vamos mais aceitar tudo o que eles fazem. Não vamos mais ficar calados.’

O movimento passou a compor a História das lutas estudantis no mundo. Lutas contra as diversas formas de precarização, de controle da vida e do futuro de trabalhadoras e trabalhadores, de manutenção de uma ordem desigual e violenta. Mais recentemente podemos fazer referência (e reverência) às lutas de estudantes normalistas mexicanos e mexicanas (especialmente dos 43 assassinados pelo Estado em 2014), e da revolução dos pinguins chilena. No Brasil a luta continua e se desdobra, por exemplo, para Goiás (duramente reprimida e criminalizada) e agora aqui no Rio de Janeiro, além, é claro, de se manter em São Paulo. Esta homenagem é também, em grande medida, uma homenagem a todos estes movimentos estudantis.

A vocês, estudantes paulistas, que nos deram um lindo exemplo de experiência autogestiva, nossa admiração e apoio!”

(Disponível em: <<https://www.torturanuncamais-rj.org.br/homenageados-chicomendes/homenageados-2016/>>. Acesso em: 16 fev. 2021)

2.3.3 Aprofundando o *debate* dentre *ocupações*

CARUSA — Sobre o lugar de ideias e valores que você vê como comum no conjunto das *ocupações* e o que você vê como bastante variável entre as *ocupações*.

DIAS — Ixe. Difícil, hein. Acho que um dos valores é essa coisa da *horizontalidade* e tal. Acho que é um valor que foi comum em todas as *ocupações*. Cê não vê nenhuma *ocupação* que tem um líder ou alguém que estava mandando e alguém que era subordinado. Então, acho que isso foi um valor comum de todas as *ocupações*; tudo era decidido em *assembleia*. Nenhuma *ocupação* tinha alguma reunião que decidia por todo mundo. Nenhuma *ocupação* teve isso; pelo menos, todas que eu fui. Sei lá, tive contato com várias *ocupações*. Nenhuma tinha isso. Então, acho que esse foi um valor de conjunto. Nesses espaços de articulação geral, também foi isso, sempre foi decidido em *assembleia*. Por mais que teve isso que eu citei como alguns problemas, quando acabava centralizando em duas pessoas que sempre iam e não fazia esse tipo de rotação, mas a gente sempre prezou por todo mundo ter a mesma voz; tirando isso, que foram problemas que aconteceram. Agora, sobre algo que variava nas *ocupações*... Acho que quando cê vai aprofundando mais o debate, vai tendo mais divergência. Então, tinha gente que achava que a gente tinha que fazer a *luta* p'ra ver como isso pode mobilizar a *classe trabalhadora*, por exemplo. Tinha gente que achava que não, que a gente tinha que melhorar a escola, “não, eu tô lutando pela melhoria da minha escola”. Quer dizer, “da minha”, não. Acho que isso quase não *rolou*. “Melhoria na minha escola”, isso não *rolava*, mas de “eu quero melhoria p'ras escolas”. E outras pessoas falavam: “não, não é só isso que a gente quer, a gente quer expandir”. Eu acho que é isso: quando vai aprofundando mais o debate, vai criando mais divergência. Até acho que por um, sei lá, não sei, opiniões contrárias; e até acho que algumas pessoas não tinham muito acesso ao debate, às vezes a pessoa nem podia imaginar o que isso significaria p'ra *classe trabalhadora* e aí ficava muito fechado na escola. Eu acho que isso *rolou* um pouco. Se for pensar numa discussão, *assim*, que gerou mais embate, acho que foi isso. Algumas pessoas queriam que essa *luta* gerasse outras *lutas* e algumas pessoas queriam que não fechassem noventa e quatro escolas, *sabe, tipo*. O número de pessoas que só queria que não fechassem noventa e quatro escolas foi diminuindo ao longo do tempo. Então, muita gente falava isso: “não, a gente não pode deixar fechar as escolas, é isso que a gente não quer”. Outras pessoas: “não, vamo' pensar essa *luta*, e ano que vem? vai ter *ocupação* no Rio? A gente precisa pensar

essas coisas.” Obvio que ninguém estava pensando assim, mas: “o que essa *luta* pode desencadear? a gente tem que fazer uma *luta* que possa desencadear o máximo possível”. A gente também não previa que ia ter tanta *ocupação* no ano seguinte [em 2016]. Isso foi um debate muito posto. Não sei muito de opiniões contrárias que tinham dentro das *ocupações*. Acho que isso de pensar o socialismo, o anarquismo, é interessante. Acho que o *movimento* anarquista está crescendo muito. Pelo que eu tô sentindo, *assim*. Muita ocupação foi *tocada* por anarquistas. Muito anarquista *tocando a luta*. E isso, sim, acho que *rolou* uns debates *da hora*. Pelo menos, lá no Fernão *rolou* uns debates *da hora* com anarquistas, comunistas, discutindo e elaborando esse debate complicado, um debate complexo. Não é simples, ninguém está acostumado a debater isso na escola, né. Não é uma coisa comum que as pessoas debatam. Se é comunista, se é anarquista, se o Estado de transição é necessário ou não. Isso não é uma coisa muito comum das pessoas conversarem na rua, *assim*. Infelizmente. Mas, sei lá, acho que cresceu esse debate. Acho que é isso: quem debatia pouco, começou debater bastante; quem não debatia, começou a debater pelo menos um pouco. Por que é isso: tem um *cara* anarquista na sua *ocupação*, que está dormindo no seu quarto, *tipo*, – “quarto” não, na sua sala, no seu dormitório –, *cê* vai querer entender o que é isso, “o quê que é essa *p.* de anarquismo aí?” E é muito interessante ver, *tipo*, pessoas que acho que por uma trajetória histórica *da esquerda*, de não se reivindicar *de esquerda*, de falar “não, não sou *de esquerda*, porque não sou petista, não gosto do PT, não gosto da Dilma, não sou *de esquerda*”. Isso eu acho que é muito curioso a gente ver. É triste, mas é p’ra gente analisar. Por exemplo, uma pessoa que *cê* trocava ideia, a pessoa era totalmente *de esquerda* (pelo menos o que eu entendo *de esquerda*, a pessoa era totalmente *de esquerda*), falando: “os estudantes todos unidos é *da hora*, porque o *Estado* nunca vai estar do nosso lado, pá, pá, pá, pá”. Aí, falava: “mas eu não sou *de esquerda* não, *esquerda* é a Dilma, eu não sou *de esquerda*”. E aí, sei lá, conseguir trocar uma ideia com a pessoa e falar: “*meu, esquerda* não é o PT, *esquerda* é muito mais do que isso”. Enfim, cai nesse debate do anarquismo e entender; e as pessoas trocaram ideia, *tipo*, com alguns anarquistas. Também tem uma coisa *assim*: se você tem algum espaço de reunião, a pessoa já critica; se tem uma mesa na *assembleia*, a pessoa já fala “não, não pode ter mesa porque isso aí é liderança”. Ou, por outro lado, alguns comunistas que querem que *burocratize* muito. Sei lá. Querendo ou não, a gente estava na mesma *ocupação*. A gente tem divergência de ideias? A gente vai ter que discutir ela. Não adianta. A gente vai ficar o que? Vai ficar *tretando*? Querendo ou não a gente está junto na *luta*, né. Por mais que a gente tenha algumas divergências, a *luta* é a mesma. A

gente estava junto na *luta*. Então, a gente botar isso em debate, em discussão, é uma coisa positiva. São discussões boas. Importantíssimo. Então, acho que teve algumas *ocupações* que talvez tivesse um caráter mais anarquistas ou mais socialista. Não sei, acho que também é difícil analisar assim pelo “caráter”. Mas acho que, talvez, entre as *ocupações* a gente tinha esse debate. E acho que foi muito importante, muito positivo, porque ninguém está acostumado a debater essas coisas e a gente teve esses espaços p’ra debater, porque a gente precisou debater, porque não tinha como não debater, a gente debateu, né. Acho que não dá p’ra falar de todas as *ocupações*, mas acho que podemos generalizar que todas as *ocupações* tinham *comissões* decididas em *assembleias*. Todas as *comissões*, a mesma voz perante a *assembleia*. Não tinha nenhuma *comissão* que se sobrepunha às outras. Todas as *comissões* eram iguais, *assim*. Todas as pessoas tinham que participar de alguma *comissão*. Isso eu acho que toda *ocupação* era assim. Eu não vi nenhuma que não era. Acho muito difícil que não fosse, porque foi assim que a gente fez a *luta*. Se a gente pode pegar isso (segurança, alimentação e limpeza), acho que a gente pode dizer essas três tinham em todas, dividido em *assembleia*. Diria que isso tinha em todas as *ocupações*. Era uma coisa unânime do *movimento*. Aí, variava um pouco, de *comissão* mídia; tinha *ocupação* que quem tivesse por lá, falava e pronto. *Comissão* de informação teve *ocupação* que não teve. Teve *ocupação* que tentou ter e não conseguiu. Tentou ter e não conseguiu. Então as outras *comissões* eu acho que variavam e varia um pouco o funcionamento das *ocupações*. E pensando um pouco em variar o funcionamento das *ocupações* é o que tem um pouco a ver com o quanto de pessoas que estavam dormindo, né. Lá no Fernão, por exemplo, dormia, sei lá... quarenta pessoas todo dia, mas de dia ficava umas cem, uma *galera*. Tinha *ocupação* que tinha três pessoas. *Rolava* isso. Tinha três pessoas na *ocupação*. Então, isso eu acho que muda bastante o funcionamento da *ocupação*. Então, uma *ocupação* que tem bastante gente *cê* faz um pouco pela *ocupação* e *cê* tem um pouco p’ra ficar discutindo. Se você está em três na *ocupação*, *cê* não consegue ficar trocando ideia sobre socialismo e anarquismo, né. Então, acho que isso *rola* um pouco também. Dependendo da necessidade que você tem de fazer as coisas no momento, você tem que discutir menos o mais amplo, *cê* fica muito preso no que *cê* precisa agora, né. Outra coisa que muda o funcionamento é a região, né. Por exemplo, o Fernão era uma escola que as pessoas não moravam no centro, mas a escola é no centro, em Pinheiros, um bairro chique, *assim*, né. Então muda um pouco; principalmente a relação com o externo, com o que está próximo, o entorno, o bairro. Então, o pessoal de Pinheiros, ninguém ia tentar *desocupar* a escola porque ninguém consegue. Mas umas

escolas mais no interior, *periferia* ou *favela* que, *tipo*, se o tráfico quisesse *desocupar*, *desocupava*. Nenhum *estudante* ia segurar, né. Então, isso muda muito de cada escola. Teve escola que dependia do tráfico estar apoiando ou não a *ocupação*. Se o tráfico não tivesse, acabava a *ocupação*. Até o que *rolava* era policial ou pessoa contratada pelo *Estado* que ganhava um dinheirinho p'ra *causar* na *ocupação*. Mas quanto a isso, foi até positivo, o tráfico não foi tanto contra as *ocupações* em muitos lugares. Em alguns foi e aí *desocupou*, mas a maioria não foi um grande impeditivo p'ra *luta*. O que *rolava* era isso: gente paga pelo governo p'ra ficar *tacando* bombinha dentro da *ocupação*, rojão... ficar *causando*. Teve *ocupação* que entrou gente, chegou a entrar gente p'ra quebrar coisa. Então, isso mudou muito. Em algumas zonas essa relação era muito prejudicial. A gente lá em Pinheiros não, né. Se em Pinheiros alguém era contra a gente, *mano*, “*meu*, problema é seu, *cê* não vai poder fazer nada.” É isso. Agora, gente armada, é outra história. Isso *rolava*. Até gente paga pela Juventude do PSDB p'ra ficar *causando*, p'ra tacar bombinha, essas coisas assim. Então, pensando o funcionamento de cada escola, a localização da escola influência, *assim*. Acho que isso muda bastante de uma p'ra outra.

2.3.4 Perspectivas de futuro nos passos da *luta*

CARUSA — Dias, como você imagina os passos da *luta* e os seus passos na vida em relação à *luta* para os próximos três anos?

DIAS — Ah, é difícil de falar, né. Ah, eu acho que a *luta* só tende a crescer. Pelo menos p'ros *estudantes* a *luta* 'tá crescendo. Esses *estudantes* que estavam fortes na *luta* vão continuar existindo. Eu acho que ninguém vai sair da *luta*, *assim*, uma pessoa que ficou meses em uma *ocupação*, acho difícil uma pessoas dessa desistir, falar “não, eu vou seguir minha vida aqui, dane-se a *luta* aí, eu vou estudar e tentar fazer uma faculdade ou nem sei se vou fazer faculdade”, enfim. Desistir, acho muito difícil. Alguns, sempre. Mas acho que tá criando uma... uma... ...uma geração! Eu acho que tá criando uma geração de pessoas que estão se mobilizando cada vez mais. Eu acho que a gente vê, por exemplo, as pessoas que entraram no primeiro ano [do Ensino Médio] esse ano [2016] nas escolas e já estão muito mais mobilizadas do que as que entraram no primeiro ano no ano passado [2015]. Acho que tende a ir crescendo. Pelo menos eu analiso assim, que tende a ir crescendo. 2013 teve uma *luta* muito forte no Brasil. 2014, não. Mas, aí, 2015, a gente

tem uma *luta* forte em São Paulo e agora, em 2016, uma *luta* forte no Brasil. E acho que é isso. Uma *luta* vai impulsionando a outra e acho que não tende a diminuir. Não vejo, *tipo*, por que diminuiria a *luta*. *Tipo*, não vejo alguma coisa que faria a *luta* diminuir e ainda mais que a crise tá forte, né. Por isso a *luta* tende a crescer também. Aí, o que é importante e que é difícil saber o que vai acontecer é pensar nos *trabalhadores*. Acho que ficar fechado muito nos *estudantes*, nos *secundaristas*, não dá. Os *universitários*, que não estão muito forte na *luta*, até tentaram, agora estão fazendo umas *ocupações*, mas não conseguem ter uma inserção, *assim*, na sociedade, ficam muito preso neles, *assim*. Acho até que os *secundaristas* têm um pouco disso também. A gente teve um forte envolvimento dos *trabalhadores* em *apoio*; *trabalhador* que passava nas *ocupações* e *apoiava*, até os pais estavam com um grande *apoio*. Mas tem que ver como é que vai ser essa mobilização dos *trabalhadores*, acho que isso é fundamental p'ra gente estar sempre caminhando junto. Senão a gente fica falando “*trabalhadores e estudantes juntos*”, mas muitas vezes não está. Não adianta a gente ficar falando se a coisa não está, se não existe. Não adianta a gente falar o que a gente quer que aconteça, né. Eu quero que esteja todo mundo junto, agora, se vai estar, aí, não sei. O que a gente está tentando, motivando, é que fortaleça a *luta dos trabalhadores*. Isso tá muito fraco no Brasil ou, pelo menos, em São Paulo. Muito fraco, muito desmobilizado. Acho que todos os *trabalhadores* estão perdidos, os que querem *lutar* também estão meio perdido' e não sabem muito como. Agora que a gente viu que com o PT não dá. E agora? A gente vai por onde? E aí tem alguns *partidos* que a meu ver não desempenham esse papel. A sociedade mesmo não enxerga esses *partidos* como uma ferramenta de *luta*, um caminho. Então, a gente tem um pouco essa crise. Eu acho que é isso. A gente tem que ir aos poucos. Eu não acho que daqui a três anos vai estar uma *luta* fortíssima, com greves gerais e não sei quê, mas acho que está crescendo. Esse ano agora já teve *ocupação* de fábrica. Ano passado já teve, né. Final do ano passado teve algumas *ocupações* de fábrica. Já esse ano, algumas greves, né, mais do que ano passado, né. Então, é isso. A gente tá p'ra isso. Até [*Sorrindo ligeiramente.*] foi engraçado, não sei se cê já viu isso... Eu fui dar uma entrevista p'ra Globo News... Aí, era ao vivo. Aí eu falei “já que é ao vivo eu vou aproveitar, né. Globo News...”. É que eu tinha sido detido, não sei se você viu, quando eu fui detido, apareceu no Jornal Nacional, não sei quê, por causa das imagens, né. Aí, pegaram, essa coisa sensacionalista, me chamaram para fazer o programa ao vivo. Eu e a presidente da UBES, Camila Lanes. Aí, beleza. Chamaram *nóis* dois p'ra fazer o programa lá do Mário Sergio Conti, um programa aí, razoável até, com uma certa audiência, programa especial de sexta-feira, não

sei quê. Aí, beleza. Chamaram a gente, a gente foi falar. Eu fiquei falando, contei um pouco a experiência, ela contou um pouco a experiência dela. Aí, uma hora eu aproveitei, *assim, puxei*, dei uma enrolada e falei: “é, assim como a gente vê que os *estudantes* sabem gerir muito melhor a escola do que o governo, então, assim como os *estudantes* tomaram as escolas, os *trabalhadores* têm que tomar as fábricas”. Nisso, o *cara* já me cortou, falou: “vamos para o intervalo”. Mas aí, já era. Já tinha falado. Tranquilo. Porque era isso, o que a gente estava tentando era inspirar a *luta dos trabalhadores, assim*, dar uma pilhada. Falar pros *trabalhadores*: “ó, *meu*, a gente *ocupou* a escola, agora vocês têm que *ocupar* a fábrica”. Aí, é isso. Um parêntese que foi engraçado.

2.3.5 Dimensões da repressão

[*Desligamos o aparelho celular e retiramos a bateria.*]

DIAS — Isso de tirar a bateria é importante. Grampear telefonema parece que é muito comum. *Tipo, cê* tá ligando p’ra alguém que é grampeado, aí *cê* ouve eco, chiado, essas coisas, geralmente é por causa disso. Ou pode ser problema do celular, mas número grampeado geralmente é isso. *Cê* começa a ouvir eco porque está com escuta. Falar coisa por telefone é péssimo. Qualquer coisa que seja, evitar falar por telefone. E outra coisa que ninguém... é muito raro alguém se importar com isso, mas, *assim...* As pessoas parceiras nossas que entendem de tecnologia disse que dá p’ra você grampear mesmo com o celular desligado, a polícia está escutando o que está sendo dito. Por isso que tira a bateria, aí não tem como. Mas isso é uma coisa que a gente tem que tomar cuidado. Mesmo *Whatsapp*, essas coisas. *Tipo*, evitar falar. *Tipo*, quando a gente estava fazendo uns *travamentos* secretos, só falava no boca a boca. Se você fala por *Whatsapp*, provavelmente vai chegar à polícia. Eles rastreiam e... Ah! É bizarro como que eles podem fazer. E parece que é isso, a galera que entende disso disse que é muito fácil você grampear, p’ra eles grampearem um telefonema, *assim*, é uma coisa muito fácil. Tanto que é isso aí... saiu o telefonema da Dilma com o Lula. Então, isso é uma coisa que a gente tenta tomar o máximo de cuidado. Celular, essas coisas, mensagem, *Facebook*, qualquer coisa. O meu celular provavelmente está. Tem várias coisas *assim* que indicam. Por exemplo, eles estarem no seu celular, gasta bateria porque está rodando mais coisas. O meu celular, desde a *luta*, está com muito menos bateria, gasta a bateria muito mais

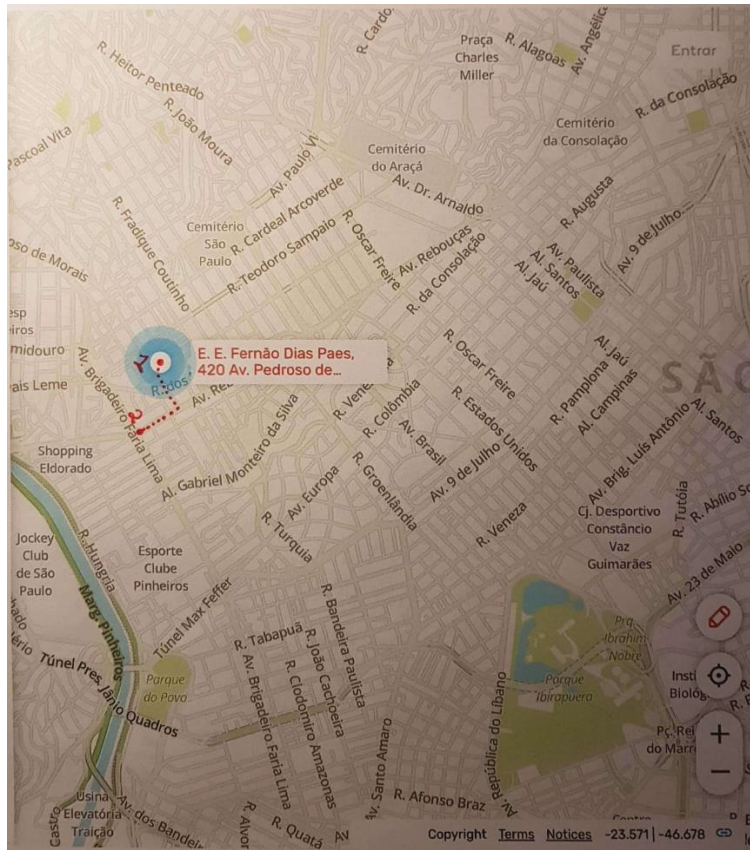
rápido. Isso de fazer eco, é direto. *Assim*, *cê* fala e *cê* ouve um eco absurdo, chiado, a ligação fica ruim, o celular dá uns problemas. Esse tipo de coisa que, *assim*, o seu celular tá diferente. O importante é estar sempre precavido. Estar *ligado*, *assim*. Não falar as coisas pelo telefone. “Ah, *cê* vai no *ato*...”. Esse tipo de coisa. E informação secreta: contar de *ato* que vai ter que não foi divulgado. Esse tipo de coisa ninguém faz. Telefone grampeado eu não sei muito como é que eles fazem, mas se você fala muito com pessoa que tem número grampeado, normalmente eles te grampeiam também; pelo menos por um tempo, p’ra saber o que é. E isso dá p’ra ver no Rio de Janeiro, em 2014. *Rolou* muito isso. Deles entrarem em computador, *hackear* computador. Tanto até que foi muito engraçado. O delegado estava procurando os *black blocs*, tal. Então ia vendo ligação, e-mail, mensagem do *Facebook*, e não sei o quê. E aí os moleques estavam falando do Bakunin. *Tipo*, falando alguma coisa do Bakunin. E aí a polícia ouviu “‘Bakunin’, a gente tem que ir atrás desse *cara*”. Então, na lista de procurados estava Mikhail Bakunin, em 2014, na Copa. Então, é bizarro. Mas o que prova é que eles são além de muito burros, eles estão atrás. Pegaram gente, invadiram casa das pessoas. Isso foi no Rio de Janeiro. Foi pesado. Eles invadiram a casa das pessoas para pegar o computador p’ra averiguar e aí ver tudo... mensagem... Então tem que tomar muito cuidado. Coisa eletrônica é muito fácil p’ra eles grampearem. Se grampeia, eles estão ligados em tudo o que a gente está fazendo. Rastreia o celular. A gente em reunião fica sempre sem bateria. Esse tipo de coisa. Se não eles escutam tudo. *Assembleia* a gente não consegue fazer todo mundo tirar o celular. Mas tem que tentar sempre ao máximo tomar cuidado. *Facebook* também é uma coisa muito fácil de rastrear. Aí, é isso. Tem que ficar *ligado*. É isso.

CARUSA — Dias, você poderia falar um pouco sobre graves violações de direitos humanos, que aconteceram, que têm acontecido.

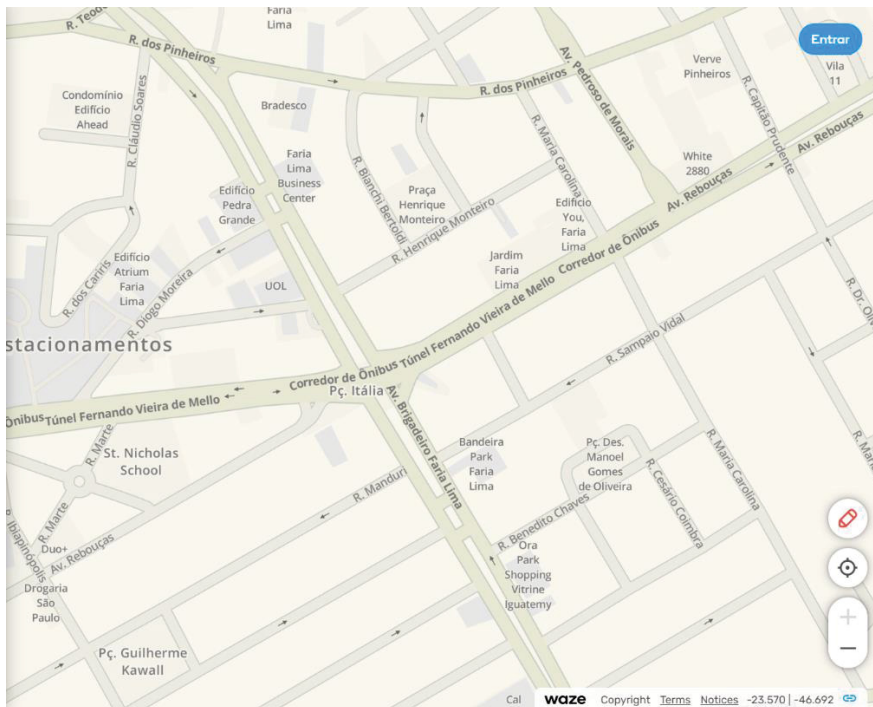
DIAS — É... Então. Na verdade, *assim*, é... O que aconteceu foi numa manifestação, de travamento, isso eu até não comentei. A gente fez uma semana de travamentos... Desculpa mudar totalmente de assunto, é que é um assunto muito *da hora*, *assim*. Nas *ocupações*, depois de um mês [em novembro de 2015], a gente estava meio se desgastando e não estava conseguindo pressionar o suficiente. Aí, a gente falou: “ah, ao invés d’a gente ficar na escola só, se isso não tá pressionando o governo, vamos sair da escola e lá a gente pressiona.” Então, o que a gente pensou: “vamos parar as avenidas, ruas, o que der, de manhã”. Que aí, é isso. Se a gente conseguir fazer uma coisa grande, várias coisas ao mesmo tempo, é isso. Para de manhã. Para a cidade. É horrível. Para o que tem de

produção. É isso. A galera não chega ao trabalho. É uma merda p'ro funcionamento da cidade. E aí, então, “vamos pressionar.” Foi uma semana. De segunda à sexta-feira que a gente parou e, *tipo*, parou tudo, *assim*. Na segunda-feira [30 de novembro de 2015], foi lá perto do Fernão Dias. Parou a Faria Lima com a Rebouças, que é um cruzamento grandão. A gente parou o cruzamento. Aí, *nossa!* O trânsito foi a quilômetros, *assim*. Porque eles estão acostumados a: a gente parar a Paulista, aí eles já têm as rotas planejadas. Lá, eles não faziam ideia. A polícia não fazia ideia de como desviar a rota. Até eles conseguirem desviar a rota, foi, *nossa!*, foi muito tempo. Parou tudo, *assim*. *Nossa*. Chegou muito longe. Parou na Raposo [Rodovia Raposo Tavares, SP-270]. Bizarro. Foi tudo, [bairro do] Butantã. O negócio é em Pinheiros. Até o Butantã estava parado, [bairro das] Perdizes, tudo parado. A gente fez isso na segunda-feira. Aí teve essa reunião do Comando [das Escolas Ocupadas] na própria segunda-feira [30 de novembro de 2015]. A gente levou p'ro *pessoal*: “ó, *pessoal*, a gente ‘tá fazendo travamento. É p'ra todo mundo começar a fazer, quem não puder fazer, não faz.” A gente, de novo. O *pessoal* lá do Fernão, por exemplo, foi p'ra umas escolas. Eu fui p'ra outras. Aí, teve um travamento à noite; de manhã teve um; terça-feira [1º de dezembro de 2015] teve mais; quarta-feira [2 de novembro de 2015] também; teve dia com nove travamentos, sei lá. A semana inteira. Parou tudo, *assim*, a cidade. Pararam vários lugares. Num desses travamentos, numa quarta-feira, a gente lá no [colégio] Alvez Cruz, que é uma *ocupação* lá no [bairro] Sumaré, ali, eu acho; perto da minha casa. Ali na Doutor Arnaldo com a Heitor Penteado. Não sei se você conhece. Ali perto da Vila Madalena. A Doutor Arnaldo é uma [avenida] bem grande, termina na [avenida] Paulista, aí tem a [rua da] Consolação que continua na Doutor Arnaldo. Uma avenidona que leva p'ra Paulista. Então, a escola era lá pertinho. Então, saía da escola, levava as cadeiras. Isso a gente fez, né. Em todos os travamentos tinha isso, de levar as cadeiras. Então saía com as cadeiras e usava as cadeiras quase que como uma barricadinha p'ro carro não passar por cima. Ou até p'ra se proteger da polícia, de repente, deixar no chão. E também como forma de demonstrar que é *estudante*. Tinham várias fotos que ficaram *mó da hora*. As pessoas com as cadeiras. Também no Chile era um símbolo deles. Eles usavam as cadeiras, tem os portões que eles barricavam com cadeira, que ficou famoso nas fotos. A gente falou “ah, vamos reproduzir.” Então os nossos travamentos a gente fazia com cadeira também. E aí, foi *muito loko*, até nos momentos de repressão... A galera tomando bomba e correndo p'ra conseguir pegar a cadeira, p'ra conseguir levar de volta a cadeira, p'ra não deixar a cadeira lá, *assim*. É, foi muito *da hora*. E aí, quando a gente saiu com as cadeiras de manhã, aí

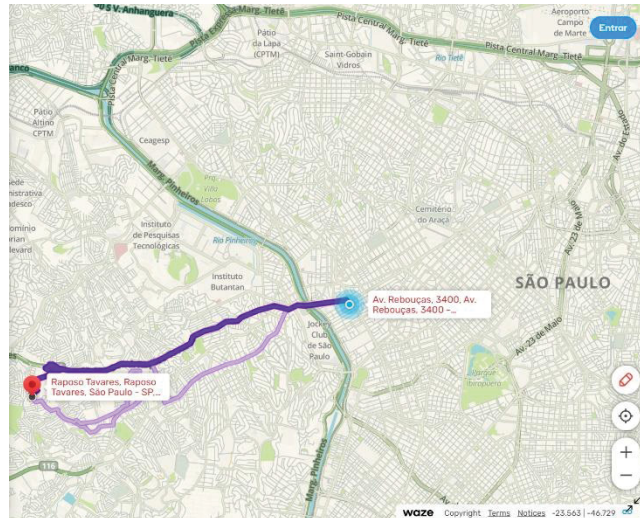
parou a [avenida] Doutor Arnaldo. Fez o trânsito lá que a gente queria. Só que leva p'ra um hospital, o Hospital das Clínicas, hospital do coração, hospital bem específico, hospital grande. A polícia veio e falou “*meu*, não dá, cheio de ambulância.” Sempre que a gente faz isso a gente faz o desvio p'ras ambulâncias passarem, só que, *meu*, era muita ambulância. Aí, eles: “não dá p'ra vocês ficarem aqui, vão acabar matando alguém.” A gente falou “não, a gente não quer matar ninguém, vamo' p'ro outro lado, aí não é caminho p'ro hospital”. Aí não tem, *tipo*, argumento. A gente foi pro outro lado da avenida e parou o outro lado da avenida, que lá não tem isso, é no outro sentido.



(Figura 43 Mapa, trajeto possível entre as Escola Estadual Fernão Dias Paes (ponto 1) e o cruzamento da avenida Rebouças com a avenida Brigadeiro Faria Lima (ponto 2), conforme mencionado por Dias a respeito do *trançaço/travamento* deste cruzamento. Fonte: Waze.)



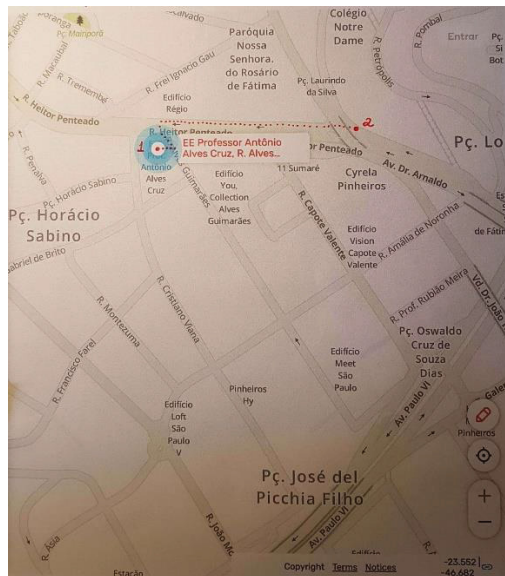
(Figura 44 Mapa, cruzamento da avenida Rebouças com a avenida Brigadeiro Faria Lima, local de realização do primeiro dos travamentos/*trançaços* de ruas mencionados por Dias. Fonte: Waze.)



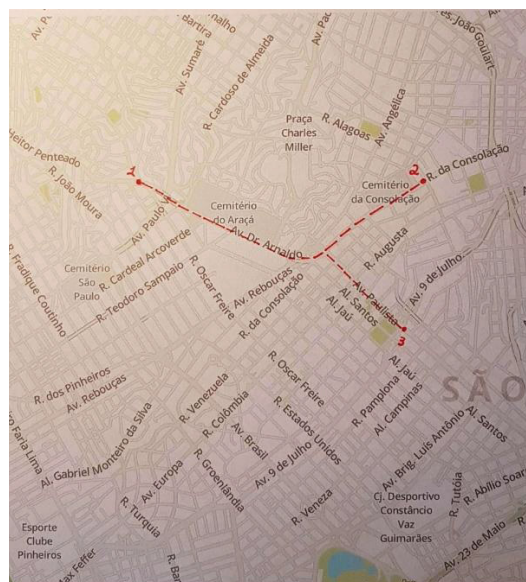
(Figura 45 Mapa, trânsito parado mencionado por Dias, iniciado no cruzamento em que houve *travamento*, da avenida Rebouças com a avenida Brigadeiro Faria Lima. A linha traçada no mapa estima que, para o engarrafamento chegar à Rodovia Raposo Tavares (SP-270), o trânsito parou nessa direção ao longo de, no mínimo, 10 Km. Fonte: Waze.)

Então, parou a [avenida] Paulista também, porque parou a [avenida] Doutor Arnaldo. Foi parando. Parou a [rua da] Consolação. Aí a polícia veio falando que precisava abrir. Aí a gente falou “não, não vai abrir” e não sei o quê. E até isso é uma coisa que é interessante. Segunda e terça-feira [30 novembro e 1º dezembro de 2015] tinha manifestação, mas com muita pouca repressão. Eles não estavam reprimindo ainda. Estavam tentando dar uma apaziguada. Até esse dia. E o que a gente estava pensando é, *meu*, “se for p’ra apanhar, então a gente apanha, mas apanha bonito p’ra sair na mídia a gente apanhando”, *assim, tipo*, “não é p’ra gente tomar bomba por nada, vamos pressionar”. Se a polícia vier, a gente leva também, *sabe*. Uma coisa meio midiática até. E aí, ficamos lá. E a polícia falou assim: “não, tem uma ambulância na Paulista e vocês precisam abrir a avenida, porque é transporte de rim e o rim vai descongelar e aí já era e não sei o quê”. Beleza, a gente abriu uma faixa. Passou um monte de carro. Ficou vinte minutos passando carro e não passou a ambulância. Só que, nisso, eles tiraram todo mundo e desviaram a rota. Então, o que eles fizeram foi que eles tiraram todos os carros e falaram: “agora vocês não pegam mais essa faixa”. Eles desviaram o trânsito, aí o trânsito virava antes da gente, então, nisso, eles acabaram com o trânsito. Eles falaram que tinha ambulância p’ra abrir tudo. Aí, o que a gente fez? A gente foi p’ra frente, antes do desvio deles. Então, tinha o desvio dos carros e a gente foi p’ra antes dele, p’ra não desviar. Aí começou o conflito porque a gente foi p’ra frente e eles não deixaram. E, aí, a gente foi. Eles começaram a tirar as cadeiras, levar p’ra viatura, *tipo*, levar embora as cadeiras; e a gente não deixava, ia lá e pegava de

volta as cadeiras. Aí, começou a tensionar muito com a polícia. Aí, teve uma hora que o policial tirou a cadeira e eu peguei e pus de novo. Aí ele falou: “ó, cê tá preso”, “está com voz de prisão”.



(Figura 46 Croqui, trajeto possível entre a Escola Estadual Alves Cruz e o cruzamento da rua Heitor Penteado com a avenida Doutor Arnaldo, local de um dos travamentos/*trancaços* de ruas realizado dia 1º de dezembro de 2015 e mencionado por Dias. Fonte: Arquivo pessoal/Waze.)



(Figura 47 Croqui, trajeto possível do trânsito parado a partir do travamento/*trancaço* no cruzamento (ponto 1) da rua Heitor Penteado com a avenida Doutor Arnaldo, seguindo pela rua da Consolação (ponto 2) e pela avenida Paulista (ponto 3), conforme mencionado por Dias. Fonte: Arquivo pessoal/Waze.)

Só que, eles falam isso, mas eu pensei “e aí?” Aí, eles estavam algemando um menino que ajoelhou na frente do carro. Estavam algemando na frente do carro. Aí, eu fui entrar, *assim*, falar “não, não sei o quê, solta ele”. Aí me bateram na perna – isso tem gravado, eu posso mandar o vídeo p’ra você. Aí me bateram na perna, eu já caí p’ra trás, o *cara* já pisou no meu pé e o *cara* já pegou o cacetete me arrastando. Isso foi, *tipo*... Foi me arrastando por uns metros, pelo pescoço, com o cacetete. E aí, foi isso. Filmou, apareceu na Band News, um programa *ao vivo* da Band de manhã, no da Globo. Várias pessoas ligavam p’ra minha mãe, *assim*, “ó, seu filho está sendo detido agora, tal, não sei o quê”, porque estava aparecendo *ao vivo*, né. Foi isso. Em mais um menino eles bateram também. E levaram *nóis* três. Esse que estava sendo algemado, eu e o outro menino lá. Foi bem pesado para os três. É... de arrastar mesmo, me arrastaram bastante mesmo, saí todo machucado, o cacetete na perna doeu também; aí me jogaram na viatura lá. Juntaram os três e levaram p’ra DP [Delegacia de Polícia]. E, aí, *assim*... Uma coisa não é muito do que *cê* tá perguntando, mas eu acho muito *da hora* falar. Eu sempre falo. Quando a gente foi para DP, o carro foi saindo, e muita gente, muitos *estudantes*, chegaram à DP antes do carro da polícia. Descobriram qual era a DP, a galera saiu correndo, *assim*, no pique, p’ra estar lá, p’ra quando a gente chegasse já estarem lá. E... Ah, sei lá, isso é muito *da hora, mano*. A gente ficou lá detido e juntou um número de pessoas gigante, *tipo*, sei lá, gigante. A gente saiu da sala da DP e tinha, sei lá, umas trinta pessoas, *tipo*, p’ra dar uma força, *assim*. Aí... aí... eu me emocionei. Aí... aí... Ah! Então foi isso, vieram várias mídias, foi até bizarro. Eu era muito tímido, agora que eu tô perdendo um pouco a timidez. E, aí, saí da sala da DP e dei de cara com todos os jornais, *assim*. Todos os jornais da TV foram atrás p’ra pegar informação. Saí da sala que eu estava preenchendo o BO lá. Na hora que eu saí tinha várias pessoas, amigos e uma quantidade de mídia bizarra. Aí, eles: “não, você pode dar uma entrevista aqui? e não sei o quê.” É o que a gente tinha conversado, eu não gosto muito de falar, mas, *tipo*, é bom, precisa usar esses espaços p’ra aproveitar p’ra falar. E aí... eu fui falar p’ra mídia, mas era isso: Globo, Band, SBT, Record, Folha, Estadão, tal e não sei o quê. Perguntando tudo. Várias câmeras. *Mó* tenso. Perguntando “e aí, tal, não sei o quê”. Perguntaram, eu contei tudo. Aí saiu no Jornal Nacional à noite. Foi muito engraçado, *assim*, porque... Porque várias pessoas vinham depois me falar “eu te vi na TV”. Foi bizarro. Veio gente na rua falar comigo, “você não é o menino que foi preso?” Aí, *tipo*, foi isso, experiência estranha porque eu sou bem tímido, *assim*. Mas, enfim, apareci, *assim*. Depois chamaram p’ra outras entrevistas. A Folha fez umas reportagens, a TVT, tal. E aí... com a polícia... o que eles fizeram foi...

pôr furto das cadeiras; porque eles levavam as cadeiras p'ra viatura, e a gente pegava de volta. Falaram que a gente furtava o patrimônio público, que eram essas vinte e uma cadeiras. Então, botaram a gente como furto e jovem infrator porque a gente... Botaram que a gente fez desacato ao funcionário público por causa do policial e resistência à prisão, porque quando eles estavam me algemando eu estava ainda me debatendo. Eles colocaram resistência à prisão. E isso para nós três, p'ros outros dois meninos também. Aí, liberaram a gente. A gente assinou o BO [Boletim de Ocorrência] e a gente estava esperando uma intimação do promotor, p'ra o promotor ouvir nossa história, ouvir os policiais, tal, as testemunhas, p'ra ver se ele ia querer abrir um inquérito; e aí é com um juiz. O juiz iria julgar a gente p'ra ver o que poderia acontecer, mas eu nunca fui intimado, o promotor não intimou e talvez não intime, parece que não vai intimar. Uma coisa que foi ruim foi isso: eu fiquei *visado* pelas pessoas porque vinha gente conversar na rua e isso é muito perigoso porque policial me reconhecia, né. Eu e outras pessoas de... Por exemplo, aquele dia que eu fui à DP, que as pessoas foram detidas e eu não fui, eu fui lá, que era a DP que eu tinha sido detido da outra vez. Só que eu não estava detido, só fui ver as pessoas. E os policiais me reconheceram, “ah, *cê* não é aquele moleque que veio aqui, tal?” E nesse momento eles não foram tão intimidadores, mas intimidam. *Assim*, você saber que o policial sabe quem é você... e depois um dia lá perto da minha casa, por acaso, uns policiais... enfim, é o mesmo distrito daquela DP... e aí os policiais reconheciam a gente, eu e meus amigos, “ah, *cês* são *secundaristas*, né”. Um amigo nosso, um moleque, na [avenida] Paulista, um dia à noite, o policial reconheceu: “ah, *cê* não é aquele moleque...” Deu um soco na cara dele no enquadro. Tem um amigo nosso também que é esse que apareceu na Folha [no jornal Folha de São Paulo]... Quando a gente estava na *ocupação* e a polícia cercando em volta, ele fez um *rap*, a gente estava fazendo uma música conjunta com o *peçoal* de fora e o *peçoal* de dentro, já que a polícia estava cercando. E aí ele fez um *rap* improvisando, falando mal da polícia “os *cana*, não sei o quê, *verme*...” Aí, um dia, um tempo depois, acho que uma semana depois, ele estava saindo da *ocupação*, os policiais enquadraram ele, sabiam o nome dele, falaram “ah, e aí, fulano... *cê* não fica falando mal da gente dentro da ocupação? agora *cê* vai fazer o que?” Aí deram soco também, bateram. Então, isso é muito perigoso, os policiais te reconhecerem, te conhecerem, saberem que é você. E eles sabem, né. *Nossa!* Muito! No Carnaval também veio policial. Enfim, a polícia estava fazendo coisa de tirar gente da rua, tal, meia-noite, estava tirando as pessoas, nem estava jogando bomba nem nada, estava tirando lá, falando p'ras pessoas irem embora e eu estava lá e eles “ah, você não é

o menino que estava no Fernão?”. *Tipo*, vários policiais, Força Tática, tal, todo mundo conhece. Os policiais todos lembram. Então isso é meio preocupante. Eu fui detido também no último *ato* que teve [no dia 18 de maio de 2016]. Também, *assim*, o menino estava sendo levado detido, eu fui perguntar p’ra qual DP [Distrito Policial] que ele ia ser levado por que a gente precisava avisar os advogados, p’ra mandar advogados. Eu fui perguntar isso em nome dele. Aí, na hora que eu fui perguntar, o policial falou “ah, e qual é seu nome?” Quando eu falei, eles: “ah, então *cê* vem também”. Aí me puxou e bateram. Jogaram minha cabeça no chão, *assim*. Deram uma arrastadinha, *assim*. Algemaram também, de novo. Fui levado esse dia de novo. E aí, a mesma coisa: botaram desacato. Nesse dia, foi pior. Como teve rojão, no momento do *ato*, eles botaram que a gente soltou rojão, né. Então no BO [Boletim de Ocorrência] está isso. Aí, também, de novo, estou esperando intimação do promotor p’ra ver o que vai dar. Mas também, é isso: tem muita prova de que... Falaram que a gente estava mascarado, com pedaço de pau e soltando rojão. Mas é isso: não tem nenhuma gravação que esteja com nenhum desses três porque não estava com nenhum desses três. Não estava de máscara, não usei máscara, não tinha pedaço de pau. Tem vídeo, tem gravação e aí prova que é mentira. Então, provavelmente *não dá nada*. Mas o mais complicado é isso: eles te reconhecerem, te *marcarem*. Tem a história desse menino que eu não sei se você quer que eu conte ou prefere você tentar falar com ele. Acho que tudo bem falar sobre isso. O que aconteceu foi isso: esse menino foi muito *marcado*, ele chama Fernando, já foi enquadrado esse dia, já estavam *marcando*. E é isso, tem essa questão, ele é negro, pobre, *de periferia* e *marcam* mais mesmo, *assim*, do que eu que sou branco; eles *marcam* bem mais o outro menino, então, bem complicado essa questão, *assim*. Na *ocupação* já estavam *marcando* ele e aí ele foi detido comigo. Eu, ele e mais um nesse dia, nesse travamento da [avenida] Doutor Arnaldo. E aí ele sofreu os mesmos BOs. E aí, ele foi ficando cada vez mais *marcado*. Então, *assim*, todo mundo está ficando *marcado*, mas tem pessoas que estão ficando mais *marcadas*. O Fernando está ficando bem mais *marcado*. E aí ele foi morar junto com umas pessoas do Fernão, quatro amigos foram morar juntos numa casa lá. Sozinhos. E aí o Choque, a Tropa de Choque, entrou na casa p’ra procurar ele, *assim*. E aí, bateu nele, bateu no outro menino amigo dele. Falaram que iam voltar. Falaram que estavam procurando droga. Só que Tropa de Choque não faz essas coisas, não vai procurar droga. E aí zoaram os moleques, alopraram, *assim*, ficaram procurando droga e não acharam. Aí bateram neles e foram embora, falaram que iam voltar, não sei o quê. Aí, já estava complicado p’ro menino, ele já estava tendo que tomar mais cuidado. Muito complicado foi que um dia no Fernão, que

é onde ele estuda, estava a polícia lá e enquadraram um outro menino, um outro companheiro nosso da *ocupação*, ele tomou um enquadro e viu que dentro do carro o policial segurava uma foto do Fernando. Estavam procurando. Ficaram procurando. O menino não foi p'ra escola esse dia, não acharam, foram embora. Mas, enfim. Está bem tenso, *assim*. Então é isso, estão atrás do menino. A gente tá tomando as providências p'ra tomar cuidado com ele. Como o Andronico já falou, tem advogado, tal, p'ra tentar tomar um cuidado. Mas é isso, não sei por que a polícia está fazendo isso. Se é o próprio policial que está com raiva ou se alguém está mandando pegar o moleque. É isso, a gente está... [Pausa.] É bem complicado isso, dessas perseguições. A gente tenta sempre tomar muito cuidado. É *f.*, não sei. Tem várias coisas que a gente vai ouvindo. Parece que agora em Goiás também sumiu uma menina, encontraram só o RG [Registro Geral] dela e a carteira dela em um terreno baldio. Não sei se *cê* ouviu isso. Não dá muito p'ra gente ter certeza se é verdade nem se é realmente por causa da *ocupação*. O que dá p'ra gente saber é que as pessoas são perseguidas. Isso a gente tem certeza. Isso não tem que ter dúvida, de que pessoas estão sendo perseguidas. Agora se estão sendo mortas... [Pausa.] Por exemplo, teve aquela professora... Isso a gente não tem muito como afirmar. É muito difícil. Não sei se alguma hora a gente vai ter como afirmar que isso é por causa da *ocupação*, que polícia está perseguindo e está matando pessoas. Não sei se a gente vai conseguir afirmar. Até porque é difícil conseguir afirmar. Eles nunca vão divulgar isso. O que a gente tem que tentar fazer sempre ao máximo é pegar essas pessoas que estão mais *visadas* e tomar cuidado em dobro. Estar sempre tomando cuidado; tentar não provocar tanto a polícia, por mais que dê vontade, p'ra evitar esse tipo de coisa, evitar uma raiva de um policial específico, por exemplo. Às vezes acontece isso, um policial fica com raiva e aí ele quer resolver isso sem ser preso depois. Geralmente não é preso, né. Tem que tomar esses cuidados, *assim*, né. É bem *f.*, todo mundo, né, não se arriscar tanto. Não sei também, não tem muito o que fazer também. Acho que não tem tanto o que fazer, *assim*. É isso: não dar tanto a cara a tapa às vezes. A gente não... [Pausa.] O *f.* é isso: a gente sabe que está sendo perseguido, mas a gente não quer falar “ah, vai ter *ato* então vou ficar em casa porque pode ser que eu seja detido”. Ninguém quer fazer isso. Eu, por exemplo. É bom que eu não seja detido agora. Ser detido de novo seria muito ruim por que vai acumulando os negócios, tal. Mas é isso, vai ter o próximo *ato* e eu vou ficar em casa? Não vou conseguir. Eu vou querer ir de novo. E, *tipo*, isso *rola* p'ra todo mundo. A gente não quer e aí a gente tem que tomar cuidado, se precaver p'ra não dar problemas maiores. Eu acho que tem uma vantagem da sua parte que é... As coisas não vão ser publicadas agora, né.

Acho que isso pode ser um ponto positivo. Não vai aparecer alguma coisa agora, que você falou e, sei lá, viralizou uma publicação sua. Enfim, o que eu acho que tem que tentar evitar é coisa por telefone, tentar conversar o máximo possível assim *ao vivo*. E por telefone só marcar as coisas. Não ficar falando pelo telefone “eu sou fulano, tô fazendo não sei o quê, analisando o que a polícia fez contra os direitos humanos”. *Sabe*, esse tipo de coisa eu acho que é bom tentar evitar ao máximo, *sabe*, explicar muito o que você está fazendo pelo telefone, porque *cê* tá fazendo e o que a polícia fez e... Esse tipo de coisa assim eu acho que é bom evitar sempre. Acho que é isso. Acho que é muito difícil falar, não dá p’ra saber, né. Acho que o máximo de cuidado que der p’ra gente tomar, a gente toma. Mas não sei... Não sei. Tem que tentar tomar o máximo de cuidado possível porque perseguição *rola* e... Talvez não seja que vão matar a gente, mas em alguma coisa *dar uma embaçada* depois. O que *rola* muito é de ficar enquadrando. Vários amigos... Eles vêem que é *estudante*, aí vai lá e enquadra por querer e alopra por querer. Não sei se pode acontecer com você, *entendeu?*, esse tipo de coisa, de... a polícia ficar enchendo o saco. Acho que talvez uma medida tão drástica dessas talvez eles não façam, mas, *tipo*... é... não sei... o que eu acho é meio isso, *assim*. Evitar falar coisas pelo telefone que eles possam rastrear e que isso possa voltar contra a gente. Acho que o principal é isso, telefone e... é isso: *cê* não vai ser uma figura que vai aparecer nesse momento, o que *cê* publicou, e isso é um ponto positivo p’ra você. E também não sei se daqui quatro anos você fazendo o doutorado sobre isso se vai, não sei... Os caras não perdoam. Lá na ETESP, depois que teve *ocupação*, os caras ficavam indo todo dia lá com viatura. Eles lidam com tudo com polícia militar. Qualquer coisa, eles lidam com polícia militar. E aí...

CARUSA — Dias, você acha que o e-mail também pode estar com “coisa”?

DIAS — Então, o que a gente usa é *e-mail Riseup* porque é mais seguro, porque ele não rastreia seu IP, o IP do computador que mandou o e-mail. Mas também é isso: é muito complicado. A gente até tenta usar essas coisas mais seguras, mas... É... Mas é muito difícil porque as pessoas não têm *e-mail Riseup*. Não adianta você ter um *e-mail Riseup* e ninguém mais ter, só consegue mandar p’ra outras pessoas que têm. Então... Não sei, *assim*. Eu acho que... É, a gente usa *Telegram* também ao invés de *Whatsapp*, que dizem que é mais seguro, que *cê* consegue fazer uma “conversa secreta” com a pessoa. Só que não sei se é isso que adianta. A gente tenta evitar usar o *Whatsapp*. Eu, quando vou falar

alguma coisa que precisa falar pelo celular, mas que não é bom, eu falo por *Telegram*, não sei se você tem, acho que é bom baixar.

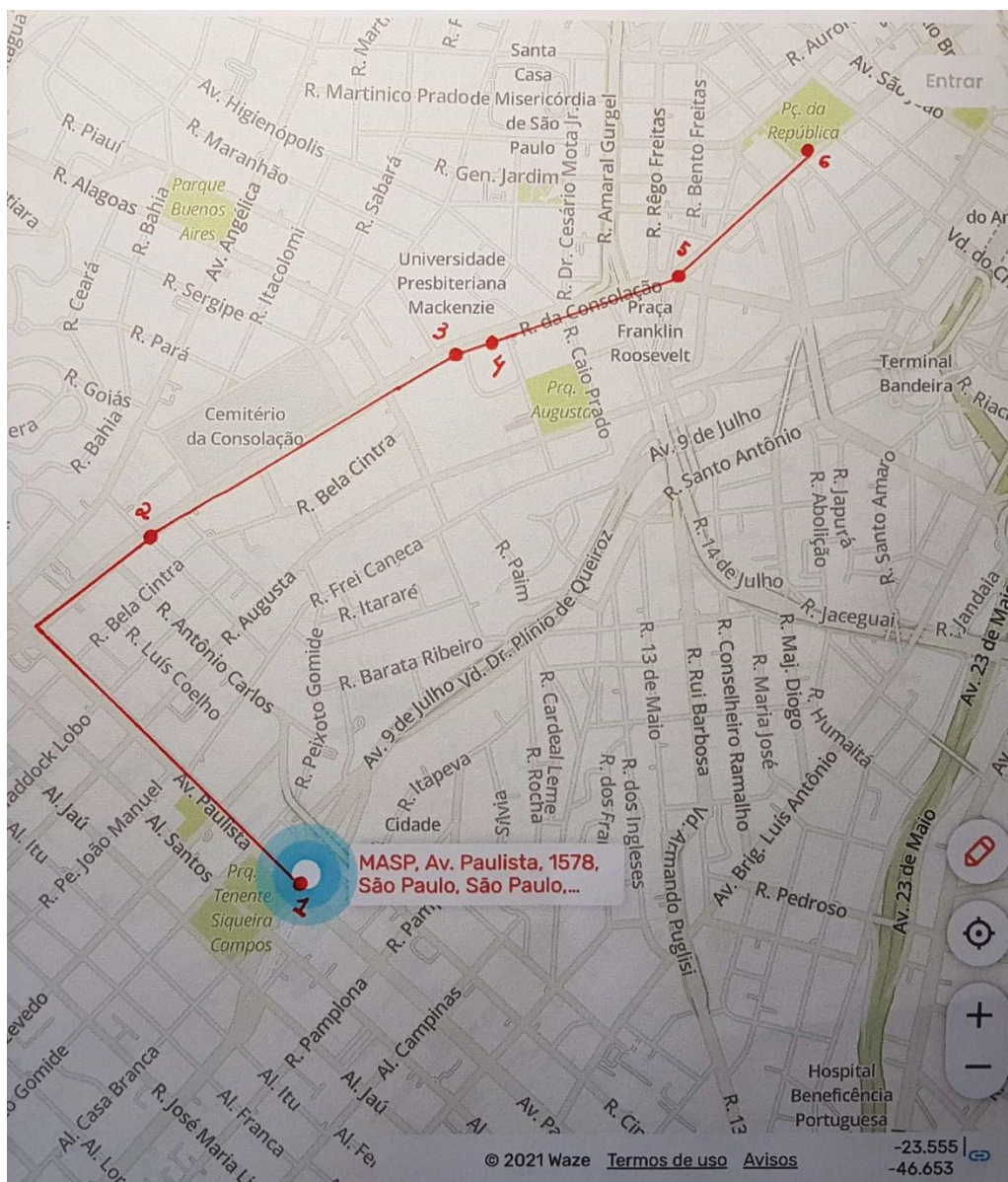
CARUSA — Não tenho *Internet* no telefone, ele é muito velho.

DIAS — É, *cê* não tem *Internet*. Ah! *Cê* não tem *Whatsapp* também, né. É, então, não sei, acho que é isso, ligação é péssimo. *E-mail* também não é a melhor coisa. Mas acho que *Facebook* é muito ruim. Eu também não sei tanto. Então, eu vou falando o que as pessoas falam, as pessoas que eu confio e acredito. Eu também acho que não dá p'ra falar “ah, não pode falar isso que eles vão rastrear.” Se rastrear, o que eles podem fazer eu não sei. Eu também já falei um monte de coisa pelo celular, também converso com as pessoas sobre isso, já dei entrevista por celular, falei um monte de coisa. *Tipo...* Sei lá, é que eu também não sei muito, *assim*. Tem uma coisa que eu acho, *assim*, por ser universidade é mais difícil p'ra eles, *assim*. Não sei, eu acho que isso te protege um pouco. Eu acho que essas coisas influenciam. Você está fazendo um trabalho da universidade, que é uma coisa que, enfim, te dá uma proteção. Então eu não sei o limite de quanto a gente tem que ficar preocupado, o quanto a gente não pode falar as coisas por telefone. Talvez você pode ter outro *chip*. Ter um *chip* só p'ra falar essas coisas *assim*. Não sei, talvez pode ser uma ideia. Mas eu acho que também não é uma coisa tão *assim, tipo*, que eles estão sempre rastreando a gente, que qualquer coisa que a gente faz eles sabem e anotam. Mas tem sempre que tomar cuidado, mas não precisa ser tão radical. *Assim*, tem gente que eu conheço que não anda com celular, que não faz nada, que tem medo disso. Também não sei se é vantagem, *assim*. Mas tem que tomar cuidado, saber que pode ser que estejam te rastreando. Ou, principalmente, quando você fala com alguma outra pessoa rastreada. Às vezes se eu ligo p'ra algum amigo que estava na *ocupação*, que está todo envolvido, eu falo “*mano*, muitas chances de estar rastreada essa ligação, grampeada”. Então tem que tomar esse tipo de cuidado. É saber que eles podem estar fazendo as coisas, mas que não necessariamente eles vão estar. Acho que a gente tem que pensar também que não é vantagem para eles sumir com um *estudante*, isso repercute, vai p'ra mídia, não é vantagem. É só tomar cuidado p'ra não ficar *marcada*. Eu tento me prevenir o quanto dá, mas não deixei de usar celular, eu uso *Whatsapp*, eu converso sobre coisas no *Whatsapp*. Não converso sobre coisas, *tipo*, ação que a gente vai fazer, essas coisas eu não falo e ninguém fala. Evito falar mal da polícia pelo celular, postar coisas no *Facebook*, *tipo*, “fora polícia”. Mas eu acho que é mais isso. Não acho que precisa ficar tão preocupada. Não sei. Talvez precisa. Não sei. [*Pausa.*] Eu vou tentar reunir coisas que eu tiver, os

panfletos, a cartilha, o que eu conseguir, *assim*. Sobrou coisa em casa, que a gente panfletava e tal. Aí, eu vou fazendo isso. Vou tentar falar com esse menino, mas está bem difícil falar com ele. Ele está há uns dois dias sumido. Ele não tem celular, não tem computador, não sei o quê, não dorme em casa, parece que foi dormir na ocupação da FUNARTE. Aí pergunta e ninguém sabe onde ele está. É uma bosta. Mas, enfim. Se eu conseguir falar com ele, aí eu falo p'ra tentar entrar em contato com você p'ra gente tentar fazer essa conversa. Acho que é importante até p'ra ele relatar, *assim*. P'ra ele é bom sim.

2.4 Festa e guerra, *ato de rua* e prisões – São Paulo, 18 de maio de 2016

São aproximadamente dezenove horas, estou no *Ato em solidariedade aos secundaristas*, que foi marcado na *assembleia* do dia 13 de maio de 2016. A *concentração* (o ponto de partida, o local para o encontro das pessoas antes de o *ato* marchar) aconteceria no vão livre do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP): avenida Paulista, 1578, bairro Bela Vista, região central da cidade de São Paulo. O percurso prevê caminhar pela avenida no sentido da rua da Consolação, descer a Consolação e encerrar na Praça da República, onde está a sede da Secretaria de Educação do estado de São Paulo: Praça da República, 53 – Centro. Quando saí da estação de metrô Trianon-MASP, aproximei-me da *concentração* do *ato* a passos lentos. Enquanto andava, anotava. O que anotava? As quantidades de viaturas (5), ônibus (1), micro-ônibus (1) e motos (14) da Polícia Militar. Sem falar no contingente de policiais visto nesse ângulo, que foi possível na medida em que estavam todos posicionados no meio do caminho entre a saída do metrô Trianos-MASP e a concentração do *ato* no vão livre do MASP. Bem no meio da rua, estavam virados de frente para as costas do *ato*.



(Figura 48 Croqui, trajeto do ato de 18 de maio 2016. Fonte: Arquivo pessoal/Waze.)

Legenda

Ponto 1. MASP, local de partida do ato. Ponto 2. Cruzamento da rua da Consolação com a rua Matias Aires, quando *manifestantes* fizeram um cordão ao redor do corpo do ato pois, segundo Iracema, daquele trecho em diante era costume as polícias reprimirem o ato. Ponto 3. Universidade Presbiteriana Mackenzie, quando os cantos dos *manifestantes* foram direcionados para o prédio do Mackenzie com frases críticas. Ponto 4. Ônibus parados com cantos dos *manifestantes* direcionados aos motoristas e cobradores em clamor por apoio à luta assim como eles apoiaram a luta dos *trabalhadores do transporte*. Ponto 5. Igreja da Consolação, quando as polícias começaram a bater generalizadamente com cacetetes nos *manifestantes*, alvejar com bombas de gás lacrimogêneo, *spray* de pimenta. Ponto 6. Praça da República, local de chegada dos manifestantes em estado de dispersão, prisão arbitrária de cinco *secundaristas*, retomada da organização do ato pela feitura de um jogral no qual se agendou a próxima *assembleia* e orientou aos *manifestantes* que dispersassem em pequenos blocos de pessoas até a estação de metrô mais próxima, Anhangabau, pois a estação República fora fechada tão logo os *manifestantes* chegaram à Praça.

Misturadas às luzes vermelhas irradiadas pelas viaturas, relampejavam também raios de luz embranquecida no formato pisca-pisca. Essas luzes, mesmo com alguma distância no espaço, eram incômodas aos olhos de quem caminhava na calçada da avenida Paulista por perto da estação de metrô Trianon-Masp. Nas costas do *ato*, estavam quatorze policiais formando uma linha horizontal que cortava a via à direita da pista dupla, de uma margem à outra.

Finalmente, alcancei o vão livre do MASP. Como o *ato* começava a andar, guardei caneta e caderno (para retomá-los na descida da rua da Consolação por um breve momento). Corri com pressa contida para alcançar a parte da frente do *ato*. Assim, poderia visualizar a ponta oposta às suas costas. Quando alcancei a frente do *ato*, estava já no começo da rua da Consolação. Pude avistar a *faixa de frente* e, atrás dela, faixas de inúmeros tamanhos, formatos, cores. Também estava repleto de cartazes, muitos dos quais feitos à mão usando cartolina. Um ou outro cartaz era feito por impressão em folha sulfite tamanho A4. Os cartazes eram alçados acima da cabeça de quem o segurava, mantidos nessa altura pelos braços esticados até à exaustão. O descanso dos braços significava apenas modificar a posição do gesto de exposição do cartaz, sem o largar esqualido pelas mãos.

A *linha de frente* do *ato* contava aproximadamente vinte e cinco *secundaristas* com os braços entrelaçados entre si. A linha estendia-se de uma margem à outra da pista (uma das duas pistas que compõem a avenida Paulista e, depois, a rua da Consolação). Deixava-se, portanto, livre uma das pistas da via para o tráfego de automóveis e o trânsito em geral. Na segunda linha do *ato*, seguravam a *faixa de frente* do *ato*. Aglomeravam-se sem os braços entrelaçados, paralelamente à linha de frente. Na terceira linha começavam as rodinhas oblongas formadas de maneira concêntrica a partir dos tambores e demais artefatos de música, que embalavam os cantos e os *gritos*.

“Alerta, alerta à juventude. O Geraldo só ilude!” [*Cantavam caminhando rumo à rua da Consolação.*]

“Acabou a paz! Mexer com estudante é mexer com Satanás! Olha o capeta!” [*Seguiam em coro aos sons de batuques e demais.*]

“Pisa ligeiro, pisa ligeiro. Quem não pode com formiga não atice o formigueiro.” [*Sem tibiez, as vozes animavam-se também com este grito, que é comum de se escutar nas manifestações de inúmeros movimentos populares no Brasil contemporâneo.*]

Na *faixa de frente* daquele *ato*, lia-se em letras brancas sobre o pano preto as palavras seguintes: “Unificou! Estudante, funcionário e professor”. O pano era feito do

material chamado TNT. As letras eram grandes e desenhadas em formato caixa alta. A palavra “unificou” estava centralizada no retângulo do pano de modo que ocupava o maior espaço total. Ao lado, seguiam desenhadas as palavras “estudante, funcionário e professor” na medida de acompanhar (em tamanho e dimensão) a extensão da palavra “unificou”. A frase da *faixa de frente*, então, referia-se aos estudantes de escolas técnicas, escolas estaduais e institutos federais de educação, parcela de professores e funcionários da rede estadual de ensino (uma parcela de oposição à atual diretoria do sindicato, a APEOESP).

Aproximadamente cinquenta *secundas* seguravam a *faixa de frente*. Entre a *linha de frente* do *ato* e a segunda linha de pessoas estava a *faixa de frente*. Entre a *linha de frente* e a faixa havia um vão com largura suficiente para que se pudesse ler a faixa (sem que a *linha de frente* a encobrisse). O *ato* seguia andando com cantoria.

“Que contradição! Tem dinheiro para PM, mas não tem p’ra educação.”
[*Continuava a cantoria.*]

“Não acabou! Tem que acabar! Eu quero o fim da polícia militar!” [*Continuava a cantoria.*]

Nesse momento, passaram vagarosas quatorze motos da PM em frente ao *ato*. Pararam. Aparentemente, havia somente moto. Agora o *peçoal* reunia-se formando uma terceira linha com cerca de dez pessoas, posicionando-se atrás da *faixa de frente*, empostando a voz com orientações para que todos ficassem atrás da *faixa de frente*. Objetivava-se guardar distância precavida entre a linha de motos da PM e o começo da marcha. Abrindo-se, nitidamente, tanto quanto possível, um perímetro de tentativa de produzir segurança para manifestantes. Ao mesmo tempo, a paisagem continuava a preservar a visão da *faixa de frente*, sem deixar que ela fosse encoberta pela presença das quatorze motos.

Então, entre o cordão de *secundas* com os braços entrelaçados e a faixa, abriu-se um corredor mais largo para as pessoas que orientavam o conjunto da marcha. Era para o *peçoal* manter-se andando sempre atrás da *faixa de frente*. Em cada margem da rua havia uma fila indiana de policiais. A fila estendia-se de ponta a ponta por todo o comprimento do *ato*. Nesse momento, estávamos descendo a rua da Consolação. Os policiais caminhavam na velocidade do *ato* (ora no compasso da marcha, ora nas paradas eventuais). De repente, uma moça bem à minha frente estava sendo golpeada por cacetetes, batiam nas canelas. Ela havia fotografado a linha indiana de policiais que ladeava e dava a volta no corpo da marcha. A moça foi agredida como forma de

solicitarem o apagamento imediato da fotografia. Controlou-se a iminência de tumulto. Segui caminhando no mesmo local em que estava – a um par de metros dos golpes de cacetete. Por estar tão perto dessa fila da PM, no local da iminência do tumulto, então, uma interlocutora de pesquisa, Iracema, me viu e veio, discretamente, indicar-me para sair daquele espaço. Eu estava espremida entre a fila de policiais e o corpo da marcha do *ato*.

Após a exigência ostensiva de apagamento da fotografia feita à moça, então, olhei e vi que os policiais estavam exibindo gestos sob o signo de ameaça: manuseavam o cacetete como se estivessem “aquecendo” para golpear. Estive despercebida disso até então, pois, visualmente, ocupava os olhos com as linhas do caderno no qual anotava, andando no compasso da marcha. Estava anotando novamente desde que o *ato* começara a descer a rua da Consolação. Por isso, não havia visto o rame-rame dos gestos que precederam aqueles golpes contra as canelas da moça por fotografar. Antes disso, sequer havia dirigido o olhar para a fila de policiais, não pusera reparo, apesar de que me ladeavam tão de perto. Então, Iracema veio avisar-me, discretamente, para sair do local e entrar no corpo da marcha do *ato*. Assim fiz. Assim segui. No andamento.

Agora escutava novamente os coros musicais com nitidez. Temporariamente, os cantos ficaram anuviados. Escutava-os filtrados pelo súbito da surpresa representada pelo contato com a consciência de que a repressão estava pior do que imaginei.

[*De volta às músicas.*] “Trabalhador, preste atenção: a nossa luta é pela educação.”

Estávamos agora na altura da rua da Consolação com a rua Matias Aires. *Secundas* fizeram um cordão longo com os braços entrelaçados. Desse modo, cada pessoa ficava virada de frente para a fila indiana de policiais. O cordão estendia-se por todo comprimento do *ato*. O cordão era para proteger manifestantes, explicava Iracema.

IRACEMA — Este pedaço do caminho é sempre escolhido pela PM para reprimir muito. Por isso fizemos o cordão, para proteger o corpo do *ato*.

[*Voltando a escutar os cantos em coro.*] “Pode bater, pode soltar: da minha luta ninguém vai me tirar!”

“E se os *secundas* se unir”? O Geraldo vai cair, vai cair, vai cair.” [*Depois deste canto, emendaram uma “ôla”, entoando “EEEeeeh”, acompanhados pela fanfarra de som bem alto e no compasso de um “tãtararã”.*]

[*A seguir, iniciou uma sequência mais longa de cantorias.*] “Não estudou, tem que estudar, p’ra não virar polícia militar!”

“Acabou o amor! Isso aqui vai virar o Chile!”

“Acabou a paz! Isso aqui vai virar o Chile!”

“Pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com formiga não atice o formigueiro.”

“Ei, fardado, você também é explorado!”

“Tira a tesoura da mão, tira a tesoura da mão, tira a tesoura da mão e investe na educação!”

“Lutar, criar, poder popular!”

[*Enquanto o ato passava em frente à Universidade Presbiteriana Mackenzie, na rua da Consolação.*] “Mackenzie, fascista!”

“Ei, burguês: a culpa é de vocês!”

[*Passando em frente a uma fila de ônibus que estava na outra pista da rua da Consolação.*] “Ô motorista, ô cobrador, a sua luta, a gente apoiou”.

“É um fascista o Ministro da Justiça!”

“Tô passando mal, unificou estadual e federal!”

“Merenda, merenda, merenda!”

“Sem violência!”

“São trinta anos sem ditadura e a repressão ainda continua.”

Nesse momento a frente do *ato* estava se aproximando da Praça da República (local de encerramento do *ato*), acabávamos de passar pela igreja da Consolação, estávamos na avenida Ipiranga. Escutei um rojão à frente. Nesse momento, olhei para atrás e vi blocos de policiais correndo na direção das costas do *ato*. Olhei para a frente e vi que fecharam a estação do metrô República. Os manifestantes foram alvejados por trás com bombas de gás lacrimogêneo no perímetro entre a igreja da Consolação e a sede da Secretaria de Educação, na Praça da República. A PM desceu esse espaço da avenida Ipiranga alvejando o *ato* com bombas de gás lacrimogêneo até chegar à Praça da República.

Chegando lá houve muito mais repressão, houve prisão, não foi informado para qual Distrito Policial estavam levando os *secundas* detidos. Prenderam o Dias, o Alberto e mais duas pessoas. Agora está complicando mais: a polícia está cercando e tem helicóptero. Bateram, pisaram no rosto do Dias. Descobriu-se que levaram os *secundas* detidos para o DP da avenida Nove de Julho. *Secundas* me disseram que policiais forjaram prova. Com semblante pesado, disse-me Julieta:

JULIETA — Mais uma vez fomos surpreendidos pela polícia. [*E depois de um par de segundos.*] Sexta-feira haverá assembleia na Casa do Povo.

Secundas começaram a conversar entre si e logo iniciaram um jogral. Mas o semblante pesado de Julieta dizia algo a mais. Antes do *ato* chegar ao local de encerramento, a caminhada foi interrompida pela repressão. Estávamos quase no encontro com a Praça da República. Restou-nos correr rumo à praça buscando ar respirável. Corremos ao som de cacetetes tamborilados, uniformemente, contra o escudo dos seus respectivos agentes do Estado. Os blocos de policiais corriam atrás de nós emitindo grunhidos ensaiados para promover intimidação. O *peessoal* correu em dispersão apavorada. Fugiam das bombas, balas de borracha, *spray* de pimenta, cacetetes, entre outros. Após tudo isso, fui junto com um *bonde* de *secundas* para o DP no qual estavam cinco *secundas* detidos desde o final do *ato*. Apesar do fato de eles estarem manifestando em conformidade com as prerrogativas legais e, mais grave, dos indícios do fato de que agentes do Estado forjaram prova para arrazoar as prisões, usaram de força bruta violando direitos fundamentais. Antes de prosseguirmos nesta narrativa, voltemos agora para o jogral no final do *ato*. Romeu *puxou*:

ROMEU — Nós, estudantes do ensino federal, estamos aqui, juntos, unificados com estudantes do ensino estadual, contra todo corte de todos os governos. Hoje é uma prova de – como foi filmado – a polícia forjando provas contra os estudantes. Todos estão convocados a participar amanhã de *assembleia* na Casa do Povo. *Estudantes* foram presos e a polícia mostrou que não tem educação, mas repressão de sobra. Nós orientamos que o *ato* seja dispersado, pacificamente, na direção do metrô Anhangabaú, formando pequenos blocos.

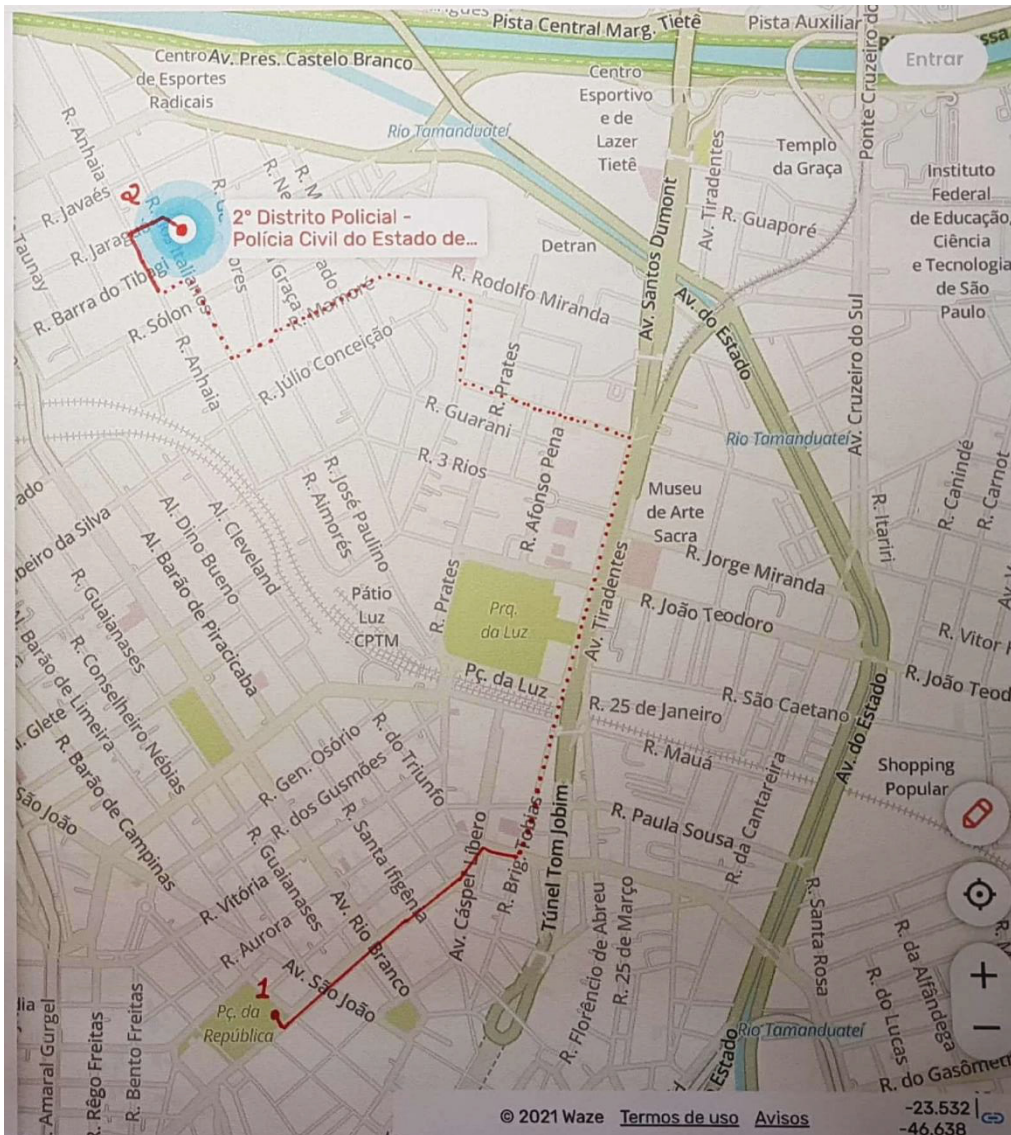
Após o jogral, fui com Senhorita F. e Julieta a pé para o DP no qual estavam detidos os cinco *secundas*. Nesse momento, já sabíamos que não era o DP da avenida Nove de Julho, mas o DP do Bom Retiro: 2º Distrito Policial, rua Jaraguá, 383, bairro do Bom Retiro, região do centro expandido da cidade de São Paulo. Saindo da Praça da República em direção ao DP do Bom Retiro, passamos por trios de policiais que povoavam as redondezas da Praça da República. Escutamos sair de um dos trios: “Vão, seus demônios”. Senhorita F. cantarolava em tom baixo (não em tom de provocação):

SENHORITA F. — Eu sou secundarista e só pode entrar com mandado.

Ao mesmo tempo, ela e Julieta disseram-me da vontade de revidar o insulto, que contorcia o estômago.

De início, iríamos para o DP do Bom Retiro junto com um *bonde* de *secundas* que encontramos no começo do caminho para o DP e no qual havia quem soubesse chegar ao local a pé. No entanto, foram tomadas direções diferentes por razões diferentes de modo

que, em algum momento do caminho, percebi que seguíamos nós três (eu, Julieta e Senhorita F.) sem o *bonde*. Acabou que fomos “pelo rumo”.



(Figura 49 Croqui, trajeto depois do ato de 18 de maio de 2016. Fonte: Arquivo pessoal/Waze.)

Legenda

A linha preenchida significa “trajeto” e a linha pontilhada significa “trajeto possível”. Ponto 1: Praça da república, dispersão do ato e ida com *secundaristas* para o distrito policial ao qual foram levados cinco *secundaristas*. Ponto 2: Distrito Policial do Bom Retiro, 2º DP da Polícia Civil.

Nós três não dispúnhamos de aparelho celular que conectasse à *Internet* para poder conferir o caminho até o local de destino. Depois de algum tempo, percebemos que

estávamos relativamente fora da rota, estávamos perdidas. Julieta e Senhorita F. pediram e conseguiram solidariedade de um motorista de ônibus, que nos levou por um trecho sem que pagássemos pela passagem e ele também nos ensinou a chegar ao endereço que queríamos.

Após chegar ao local em que estavam os *secundas* detidos no *ato*, enfim, sentamos um pouco nas cadeiras de dentro do DP. Senhorita F. logo levantou-se e circulava entre uma rodinha de pessoas e outra, falando, movendo os braços, estava ligada nos duzentos e vinte volts. Julieta e eu conversávamos bem de leve (em relação ao cansaço total dos miolos, das pernas etc) sobre o que era a pesquisa, como era, porque eu estava junto com o *peçoal* em intensidade significativa. Intensidade esta que levou ao ponto de Lou dizer-me, em momento posterior, no melhor espírito *parça*:

LOU — Você precisa passar mais tempo com pessoas adultas. A mãe da Carmosina é legal, é a Neyde, vou te apresentar.

Voltando a conversar com Julieta sobre a pesquisa, com a voz em ritmo diminuído, de repente, ela disse:

JULIETA — Você é corajosa.

A atribuição de “corajosa” referia-se ao fato de estar estudando o que acabava de lhe dizer, sobre modos de *organização* entre *secundas*. Então, fiquei no vácuo: sem entender nem as palavras, nem o olhar, muito menos o tom de voz ou o ritmo da pronúncia. Afinal, apenas dizia-lhe que o tema era sobre “concepção de *organização* entre Secundaristas em Luta de São Paulo”. Também dizia um pouco como era a prática etnográfica para que fizesse sentido o porquê do intenso estar junto com o *peçoal*. Fiquei com a dúvida por um tempo depois deste dia (por que Julieta me disse “você é corajosa” por fazer esta pesquisa?). Percebi que algo havia ali, muito embora, naquele momento, estava tomada de dúvida e ainda menos pude respondê-la com um rosto afinado ao seu olhar (de semblante doce e audaz) quando proferiu essa atribuição de coragem que encarava. Apesar do tamanho do vazio interrogativo, medido pela estimativa do seu preenchimento, fiquei naquele momento com essa pergunta para farejar. Entre um e outro momento, desde então, retornava a interrogativa: por que Julieta me disse “você é corajosa”? Pensando em como Julieta o pronunciou, perguntava-me: o que quer dizer essa doçura e dureza amalgamadas naquele olhar enfatizado pelo tom parcimonioso de uma sentença com o ritmo cauteloso de um involuntário teor meditativo na voz?

Enquanto conversávamos, estávamos flacidamente contendo o corpo que queria esparramar-se morto sobre a cadeira; exaustas de andar da Praça da República até chegar

ao DP do Bom Retiro. Aliás, some-se nesse cômputo a caminhada percorrida pelo *ato*, a marcha saindo do MASP, na avenida Paulista, descendo a rua da Consolação, desembocando na repressão quase no final do *ato*, e chegando à Praça da República. Então, compute-se também a adrenalina da correria na hora das bombas, cassetetes, helicópteros, prisões. Enfim, naquele momento gostávamos de estar sentadas.

Voltando ainda aos sentidos do instante em que Julieta me disse “você é corajosa”: fiquei com a dúvida sim, mas não sentia medo ao ponto de atrapalhar a vida; sentia muita tensão, inclusive, pela difícil concentração em meio às bombas e toda a correria de rostos embranquecidos pelo leite de magnésio (que se usava para passar sobre a região dos olhos como forma de diminuir a ardência do gás lacrimogêneo). De minha parte, estava (ainda) involuntariamente agarrada ao caderninho de campo como se isso fosse me encapsular provendo proteção contra algum mal. Depois, mais para adiante, quando as circunstâncias me puseram aterrorizada, então, lembrei subitamente e com força desse momento da conversa com Julieta. Como um raio, fez sentido a conclusão assertiva e meditativa de Julieta.

O fato é que esse estado aterrorizado variou por entre diferentes períodos da *caça aos secundas*, como se referiam àquele período *pós-ocupação* no âmbito do Comitê de Pais e Mães em Luta (CPML). A *caça aos secundas* passou por modulações diversas ao longo desta etnografia. Por isso, e não somente, um estudo sobre modos de *organização* junto a *secundas de luta*, em um sentido, não esgota o que de fato acompanhei durante a etnografia. Portanto, na concepção de *organização* entre Secundaristas em Luta de São Paulo está em jogo a tensão máxima, isto é, o umbral de *secundas* chegarem a afirmar que tiveram de perder o medo, passando por situações de correr risco elevado coletivamente.

Voltando ao momento em que, finalmente, chegamos a pé ao DP do Bom Retiro. Encontramos, na calçada, Silvio Xavier, Afonso, Antunes, Clotilde Peluso e mais sete pessoas. Afonso dizia que, depois dali, iria para a *ocupa* da USP. Afonso havia sido expulso de casa e estava dormindo de ocupação em ocupação.

Enquanto estávamos no DP aguardando, Clotilde Peluso fez gravação de vídeo com João Antunes. Tudo o que ele me disse minutos antes – da avó, da vida cotidiana para estudar, da *luta* – estava agora registrado em vídeo. Enquanto Clotilde passou a fazer o vídeo, pude anotar apenas uma frase final de Antunes:

ANTUNES — Somos uma pessoa só quando estamos aqui dentro, *ocupando*.

Nesse então, “aqui dentro” aludia à *ocupação do Centro Paula Souza*.

Continuei junto com o pessoal no DP até o momento compatível com a despedida colocada em circulação pelas pessoas com as quais conversava ali. Quando *secundas* estavam se despedindo difusamente, despedi-me também. Era madrugada. Seguir para casa.

Naquele dia 18 de maio pude chegar à concentração do *ato* às dezenove horas e dez minutos e saí do distrito policial não antes de três horas da manhã do dia 19.

2.5 Formas de perseguição – São Paulo, 19 de maio de 2016

Estou no salão do piso térreo da Casa do Povo para uma assembleia dos Secundaristas em Luta de São Paulo. A *assembleia* estava marcada para as quatorze horas e iniciou aproximadamente às quinze e vinte. Nesse meio-tempo, antes de começar a *assembleia*, juntei-me a uma pequena roda com *secundas* que conversavam sobre o *ato* de ontem. Mencionaram sobre duas jornalistas, uma italiana e uma francesa, terem sofrido violência policial, *apanharam da polícia*, e terem publicado no mesmo dia de ontem sobre a ação da PM. Conversavam com preocupação sobre Antonio Viana ter sido detido no *ato* por estar *marcado*. Reiteravam que ele não havia feito ou falado coisa alguma, mas os policiais arrancaram-no à força do cordão que os *secundas* fizeram porque ele era *marcado*. Referiam que vários *estudantes* estavam *marcados* e eram detidos por qualquer pretexto ou sem pretexto também.

A *assembleia* iniciou com uma rodada de apresentações. Nesta *assembleia*, anotei pouco em relação à do dia 13 de maio. Anotei, então, parte inicial das apresentações das pessoas presentes, conforme transplanto a seguir. Depois, pode-se ler partes do processo de construção dos *pontos de pauta*, bem como dos *encaminhamentos*.

[*Início da rodada de apresentação das pessoas presentes na assembleia.*]

HONÓRIO — Me formei no Ensino Médio em 2015, no Fernão [Escola Estadual Fernão Dias Paes].

DAS NEVES — Me formei na escola Hermano Marchetti.

MARISA MORAES — Estudo na [Escola Estadual] Hermano Marchetti.

SHINQUE LOR — Estudo no Fernão

APOIADOR N3 — Sou jornalista.

APOIADOR N4 — Sou professor do Movimento Autônomo pela Educação. É possível se organizar “no sapatinho”.

ROBERTO — Sou da ETESP [Escola Técnica Estadual de São Paulo] e d’ O Mal-Educado.

APOIADOR N6 — Faço Ciências Sociais na USP. Trouxe proposta em conjunto com USP, UNESP, UNICAMP.

VIRGÍNIA — Sou da ETESP e d’ O Mal-Educado.

DIAS — Sou da ETESP e d’ O Mal-Educado.

[Interrompi as anotações neste ponto das apresentações e as retomei com a assembleia na fala da primeira pessoa inscrita. Quem fazia as inscrições de quem queria falar naquele dia era o Honório. O primeiro inscrito era o Romeu.]

ROMEU — Quero falar sobre os *informes* e para o que servem.

MISS BROWNE [*Partilhando a fala com Romeu.*] — Por exemplo, informes sobre “repressão”. Aí, falamos sobre como está a repressão nas escolas. Informe sobre “articulação com universitários” ou sobre “articulação com professores”, por exemplo. Aí, falamos sobre cada assunto desse, sobre como está nas escolas das quais viemos.

HONÓRIO [*Dirigindo-se a toda a assembleia.*] — Agora, levante a mão quem quer fazer proposta de *pauta*. Temos que ouvir agora o *pessoal* da Casa do Povo, depois eles precisam ir embora.

APOIADOR N9 [*Fala de trabalhador da Casa do Povo*] — Super bonito vocês aqui, o pertencimento ao espaço coletivo, batalhar pelo espaço de forma livre.

[O apoiador da Casa do Povo despediu-se. A assembleia continuou.]

MISS BROWNE [*Dirigindo-se a toda a assembleia.*] — Precisamos estabelecer as *pautas* da assembleia de hoje.

SHINQUE LOR — Proposta de pauta: articulação com todos os estados *em luta*.

HONÓRIO [*Dirigindo-se a toda a assembleia.*] — Temos ainda *informes* mais gerais?

APOIADOR N5 [*Dirigindo-se a toda a assembleia.*]: Vim dar um *informe* e depois sair. Trata-se de uma sugestão para fazer uma liga de futebol e poesia com *escolas ocupadas*. Consultem suas *ocupações* para decidir e nos contatem para construir. Estamos com a ideia: “Educação física e esportes para a democracia”.

RAUL FONSECA [*Dirigindo-se a toda a assembleia.*] — E se alguém ficar na porta?

[*Fonseca fez menção a “alguém ficar na porta” pelo fato de que estava um fluxo significativo de gente desconhecida chegando após as apresentações das pessoas presentes na assembleia. Uma pessoa encaminhou-se para “ficar na porta”.]*

CARMOSINA [*Dirigindo-se a toda a assembleia.*] — A Ação Educativa está fechando uma campanha chamada “Fome de educação”. Eu e Miss Browne participaremos dessa campanha em uma roda de conversa, um *chat*, com *estudantes de luta* de outros países. É amanhã às quinze horas, na rua General Jardim, 660.

APOIADOR N4 — Haverá *assembleia* de professores da rede estadual dia 25 de maio às quatorze horas, no vão livre do MASP. Existem várias correntes dentro da APEOESP, algumas ligadas à CUT, mas a APEOESP é o nosso sindicato. Vocês estão dando uma lição para nós. Vocês têm aquela prática que muitos tinham: “desçam do caminhão, por favor, façam a *luta* na horizontal”. Isso é o que dizemos aos nossos dirigentes da APEOESP.

IRENE DE ASSIS SAES — Nossas *assembleias* não estão falando da atual conjuntura, mas de coisas que já passaram. Também não aguento mais ir para a rua e ver os companheiros voltando quebrados, isso está demais. Ontem e anteontem teve paralização dos motoristas e hoje eles estão em *assembleia* e nós aqui e não lá.

ROMEU — Proposta: fazer *ato* com juristas, um debate para dar mais gás e suporte à *luta* para nós.

IRENE DE ASSIS SAES — Fazer *ato* que chame o *trabalhador*.

VALDOMIRO SILVEIRA — Agora é outra conjuntura. Tem que unificar mesmo e pensar em novas *táticas*, pensar em algo muito novo para ter um resultado muito novo.

SECUNDA N10 — Lidar com a perseguição ideológica que está acontecendo na escola. O diretor de ensino disse que porque houve confronto com alunos é melhor a gente “sair da escola para nossa segurança”. O diretor de ensino falou para eu me retirar da escola na presença dos meus pais. Isso está acontecendo com vários estudantes só porque eles são do *movimento* e porque *ocuparam*.

APOIADOR N5 [*professor de educação física*] — Entre segunda-feira e quarta-feira ocorrerá na USP o evento “Rumos da esquerda após o golpe”. O Mal-Educado estará no evento.⁴⁹

SECUNDA N11 — Temos que unificar com motoristas de ônibus que estão fazendo paralização rumo à greve geral.⁵⁰

SECUNDA N12 — A Fábrica de Cultura do Capão foi *ocupada* e cultura também é educação, então, seria bom darmos um apoio.

SECUNDA N13 — *Ocuparam* e entrou um P2.⁵¹ Durante à noite, ele quebrou, pichou etc. O diretor da escola jogou a culpa contra a *ocupação* porque estudantes perderiam aula.

SECUNDA N14 — Na *ocupação da FUNARTE* tem *secundarista*. A *pauta* principal lá é *Fora Temer*, pela volta no MinC e de um MinC melhor. Eles, o *peçoal* dos artistas, estão precisando de apoio lá e estão super receptivos a nós.

SECUNDA N15 — Na Etec Basilides de Godoy a direção pegou o caderno com nomes que compunham as *comissões* da *ocupação* e pensou que isso era escala de liderança, agora, com isso, quer expulsar os *estudantes*, suspender, punir.

APOIADOR N7 — As *ocupações* continuam, mas de outra forma. *Ocupação* cultural. Vai ter banda, sarau, poesia.

SECUNDA N16 — A gente fez isso na [Escola Estadual] João XXIII. Paralisamos a escola três vezes para passar documentário sobre *ocupação* e poesia. Essa proposta é do *c*. Muito *f*.

[*Acabou a parte dos informes. Próximos pontos de pauta: propostas; próximos passos na luta. Propostas: sobre a repressão nas escolas e nos atos (combatividade e aguentar a repressão); BOs nas Etecs e EEs. Próximos passos na luta: articulação com funcionários, professores, estudantes universitários, com motoristas de ônibus em paralização; unificação da luta estudantil; trabalho de base. Fez-se, então, votação em assembleia para seguimento de discussão da reunião, votação para escolher o que se debaterá primeiro. Decidiu-se falar primeiro de unificação e articulação e, por segundo, sobre segurança.*]

⁴⁹ De fato, constava na programação divulgada. Porém, avaliaram por bem não ir, então, O Mal-Educado não participou do evento mencionado.

⁵⁰ Referência à greve geral do dia 11 de novembro de 2016 chamada por uma iniciativa da CUT-Brasil e outras centrais sindicais. O chamado para a greve geral na data indicada contou, em datas anteriores, com paralizações nacionais rumo à greve geral, chamadas também de “esquenta rumo à greve geral”.

⁵¹ Nesta frase, “P2” é uma gíria que significa “policial infiltrado”.

SECUNDA N17 — Tentar unificar espaço de reunião com professor e *estudante* universitário. Se a gente quer unificar com galera dos *trabalhadores* do transporte e mobilidade, temos que *chegar neles*. Mas também esperar que eles falem.

APOIADOR N6 [*estudante de ciências sociais na USP*] — Fazer um manifesto junto. Unir no tema do desmonte da educação.

SECUNDA N18 — Deixar claro o que está acontecendo, ganhar espaço para nossa *luta* também. Precisamos ir embora agora, estamos deixando nossos contatos para a *comissão* de escrita do manifesto.

SECUNDA N19 — *Trabalhadores* da USP também estão em greve. Esse manifesto teria que unificar com eles também.

APOIADOR N7 — Trabalho no metrô e existe indicativo de greve para próxima semana. Ontem houve reunião ampliada sobre fazer grande frente contra Alckmin na terça-feira. Nessa reunião havia muita gente que tem Alckmin como algoz. A ideia-chave do *ato* é contra cortes e ficou livre se cada um quiser construir expressão contra Temer.

APOIADOR N6 [*estudante de Ciências Sociais na USP*] — Seria bom se um grupo de *secundaristas* fosse à reunião na USP segunda-feira, no centro acadêmico. A gente queria trocar ideia para o que vai ser a *linha* da *assembleia* do curso.

SECUNDA N20 — Precisamos criar *comissão* de comunicação com cada ramo de unificação. *Comissão* de comunicação com *estudantes* da USP, *comissão* de comunicação com metroviários, *comissão* de comunicação com motoristas de ônibus etc.

SECUNDA N20 — Colocar em *pauta* cursinhos populares e cotas nos vestibulinhos das Etecs.

APOIADOR N8 [*estudante de Letras na USP*] — Temos que discutir bastante sobre essa unificação, tem se falado muito, mas não está acontecendo.

APOIADORA N10 [*mestranda em Educação na UNESP*] — Vocês abriram uma fenda sobre o que é educação no país. Eu vim para aprender com vocês. O que vocês abriram de possibilidades vai muito além de unificar, uma coisa que fizeram lá no começo das *ocupações*, uma grande agenda, que a discussão de grandes *pautas* não paralise.

EULÁLIA SILVA [*secunda de Campinas*] — Temer defende terceirização e isso atinge professores de redes estaduais do Brasil. Comando das Escolas Ocupadas para paralisar as escolas. Se não puder *ocupar*, na França eles fazem piquete. Na UNICAMP todos os cursos paralisaram. A medicina foi o último e parou ontem. Quem puder ir, tem *assembleia* domingo na UNICAMP, unificada com *secundaristas*, UNESP, USP.

SECUNDA N21 — *Puxar atos* contra cortes. Não é porque é uma *pauta* ampla que é menos legítima. Não tem recurso para uma coisa, mas tem para outra.

SECUNDA N22 — As *pautas* não podem deixar que a mídia comece a dizer que a gente “se perdeu”. Na greve de 2014 alguém apontou arma para mim.

SECUNDA N23 — *Movimento* tem vivido refluxo, mas temos que acertar o passo. Qual é? Ir para *ações de massa*, aprimorar a *tática*. Temos que ir para a sala de aula e falar, *ação direta* em grupos pequenos não dá mais.

APOIADOR N8 [*estudante de Letras na USP*] — Há uma ponte para unificar com a saúde pública. A *luta* dos *secundaristas* é um exemplo p’ra *geral*, p’ra *puxar geral*. Temos que questionar “universidade para que?” Vamos paralisar a USP na terça-feira, tem várias faculdades paradas. Vamos fazer piquete. Quem quiser, vem.

IRENE DE ASSIS SAES — Fazer intervenção na Virada Cultural, fazer a Globo mostrar: subir no palco com faixa grande e roubar o microfone, *meter o loko*.

SECUNDA N24 — Professores do estado estão recuados. Em uma próxima reunião: recolher os celulares, pois pode ter gente *grampeada*.

HONÓRIO — Deixar claro que a gente não vai *tirar* nada no manifesto, mas que chame para unificação através dessa união.

SECUNDA N25 — Tem que criar unificação com EE e Etec, pois escolas estaduais ficaram desmobilizadas esse ano.

HONÓRIO — Fazer contraproposta do manifesto.

SECUNDA N26 — Eles da USP vão atrás de conseguir assinaturas, será lançado *on-line*, eles querem atingir *trabalhadores* em geral e querem *secundas* junto.

IRENE DE ASSIS SAES — A gente tem que entrar sim [no Manifesto com estudantes da USP]. É mais uma chance de atingir mais gente, pois a *perifa* não está sabendo de nada do que está ocorrendo, só assistem à Globo. Que esse espaço de reunião seja um lugar de construção e não só de decisão.

HONÓRIO — Chegar à *assembleia* dos professores e chamar para a *luta*.

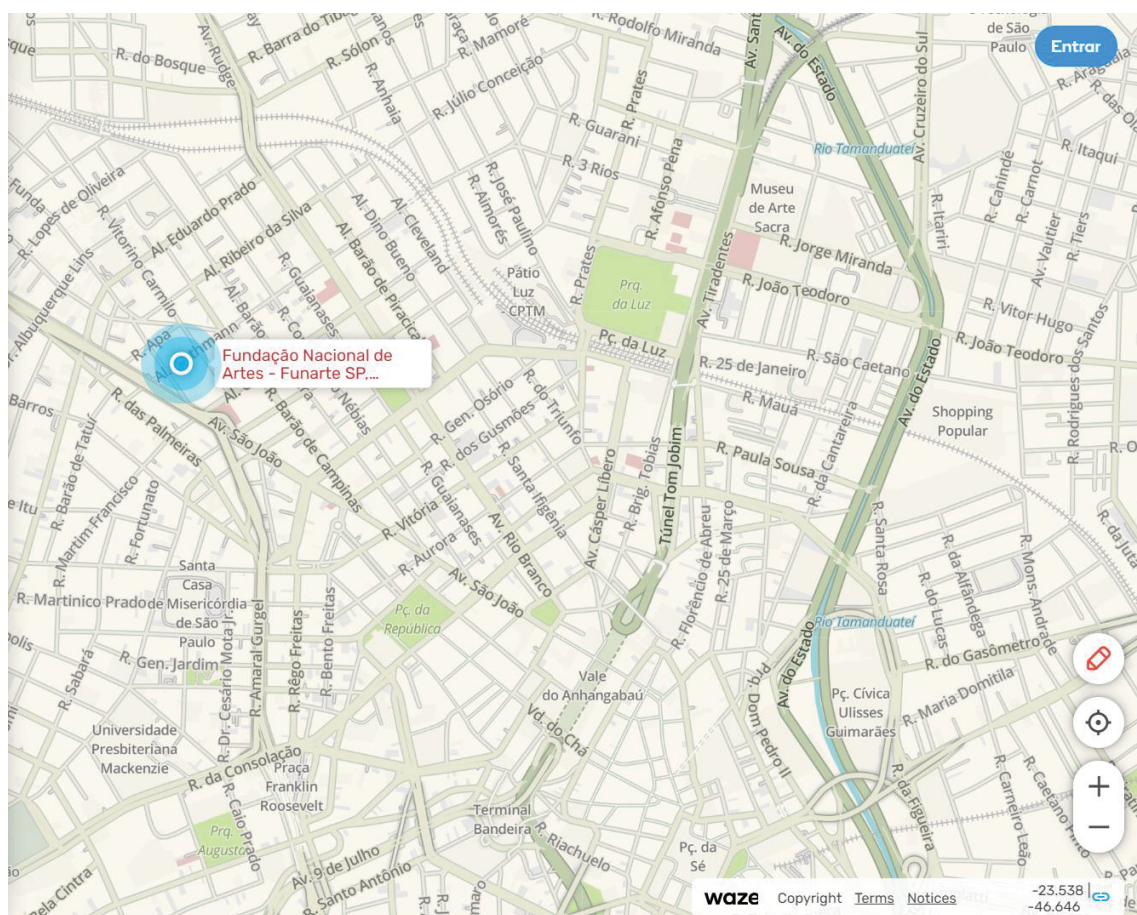
SECUNDA N27 — Não deu para falar tudo hoje. Marcar próxima *assembleia* para segunda-feira [23 de maio de 2016] às quatorze horas.

[*Fim da assembleia.*]

Durante a *assembleia* de hoje, estive sentada no chão perto de Honório. Ele viu que eu estava com uma impressão do texto *Os involuntários da pátria*, de Eduardo

Viveiros de Castro. O texto estava no meio do caderno de anotações. Este texto seria lançado dia 4 de junho de 2016 em formato cordel, não obstante, a editora N-1, havia disponibilizado já antes, por isso estava com o texto, pois imprimi logo que vi circular. Honório perguntou se poderia levar para ler. Passei o texto para ele.

Depois da *assembleia* de hoje fui junto com uma parte do *peçoal* para outra *assembleia*. *Secundas* contribuiriam com o debate na *assembleia* da *ocupação* da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE): rua Alameda Nothmann, 1058, região central da cidade de São Paulo.



(Figura 50 Mapa, *Ocupa FUNARTE*, estivemos aqui. Fonte: Waze.)

Fomos da Casa do Povo à *ocupa FUNARTE* de metrô, partindo da estação Tiradentes, que faz parte da linha azul do metrô na cidade de São Paulo. Dentro do metrô em movimento, o *peçoal* fez um jogral súbito e ligeiro: “eu só vou parar se a tarifa abaixar”, finalizando com os cantos de “não acabou! tem que acabar! eu quero o fim da polícia militar!” Afonso estava cantando enquanto fazíamos baldeação na estação da Luz para a linha amarela do metrô. De repente, veio um policial. Parou Afonso. Perguntou:

“o que você está falando da polícia militar?” Afonso: “eu quero o fim.” O policial o encarou e os demais *secundas* foram puxando Afonso para seguir andando. Disse-me Senhorita F. que era para

SENHORITA F. — Sair de perto e seguir andando, pois se ficasse o policial iria querer *causar* algo.

Seguimos andando dentro da estação de metrô Luz. Embarcamos no próximo metrô para fazermos baldeação da linha amarela para a linha vermelha. Estando na linha vermelha do metrô, descemos na estação Marechal Deodoro e caminhamos até à *ocupa FUNARTE*. Chegamos à *ocupa*. Seguimos Afonso para procurar onde estavam os *secundas* dentro desta *ocupa*. Achamos. Em seguida, Afonso foi falar com alguém da *comissão* de comunicação naquela *ocupa*. Era para confirmar a presença de uma *secunda* na *mesa da assembleia*. Foi confirmado.

Nesse pequeno punhado de minutos, notei que na *ocupação da FUNARTE a assembleia* tinha *mesa*, à sua maneira. E isso era diferente das *assembleias secundas* que pude presenciar. Nas *assembleias secundas*, via de regra, sentávamos no chão; alguns deitavam no chão, todavia, deixando as mãos a postos para anotações; outros deitavam metade do corpo no chão deixando a outra metade encostar no corpo de alguma amizade que estava sentada.

Voltando à *ocupa FUNARTE*, andando com Afonso pelo pátio da *ocupa*, encontramos Carmosina.

CARMOSINA [*Calmamente, apesar de esbaforida, dizia.*] — Não tem como dar posição [dos *secundas* em geral nesta assembleia da FUNARTE], pois são muitas posições!

Carmosina estava na *ocupação da FUNARTE* conforme decidido em *assembleia* dos Secundaristas em Luta de São Paulo. Ela e mais duas pessoas foram indicadas em *assembleia* para irem a esse debate na *ocupa FUNARTE*. As outras duas pessoas ainda não estavam no local.

LUZ [*Exclamando com voz enfática.*] — Mas eles têm que chegar logo!

Começou a *assembleia* com rodada de apresentação das pessoas na *mesa*. O que, nesta *ocupa*, incluía dizer sobre gênero e sexualidade. Quando chegou a vez de Carmosina apresentar-se, disse:

CARMOSINA — Sou transitória, estou decidindo a orientação sexual. Sou preta, mulher, *estudante secundarista, na luta*.

Passando para o decorrer da *assembleia*, após aberta a palavra para inscrição, alguém (do *pessoal dos artistas*) levantou a mão e foi interrompendo quem falava para dizer que “questão de ordem não é defesa de ponto, questão de ordem é *organização*.”

Pela primeira vez nesta etnografia estava em uma *assembleia* de uma *ocupa* que não era organizada pelos Secundaristas em Luta de São Paulo. Outras *assembleias* vim a assistir nessa mesma *ocupa*. Algumas delas o fiz com os olhos tomados por surpresa embasbacada quanto às diferenças no tom de conduta em relação ao vivido nas *assembleias tocadas* por *secundas*. Parecia-me adquirir maior nitidez algumas diferenças que demarcava um ponto de interrogação: qual é o ponto em questão designado como “questão de organização” por oposição ao que seja, naquela frase, “questão de ordem”? Soava como algo muito diferente do ambiente entre *secundas*. Essa sonoridade, contorno, adquiriria produção de presença crescente nas *assembleias* que presenciei na *ocupa FUNARTE*, sempre na companhia de *secundas*; isto é, junto com interlocutores, pela razão de que interlocutores e suas atividades me levaram até esse espaço. Essa sobressalência de diferença era algo que, então, fazia-me atinar para algumas propriedades específicas das *assembleias* entre *secundas* e, de modo mais geral, da ecologia de ideias com as quais interagira junto ao *pessoal* dos Secundaristas em Luta de São Paulo.

Voltando novamente para a *assembleia* na *ocupa FUNARTE* neste dia. Alguém (do *pessoal das artes*) se inscreveu para contribuir com o debate e, com a palavra por três minutos, dizia, “sou da EBC. Ricardo Melo foi nomeado presidente da EBC há quinze dias [pela presidente Dilma Rousseff] e agora foi destituído do cargo de forma extemporânea pelo presidente interino [o vice-presidente da República, Michel Temer]. Dias Toffoli está com o caso no Supremo Tribunal Federal. Com o atual presidente da EBC, a EBC não poderá fazer a cobertura jornalística da Virada Cultural.”

Enquanto escutava esta fala, um integrante da *comissão* de comunicação na *ocupa FUNARTE* (que conhecia de situação anterior, na qual se apresentara como parte do coletivo Fora do Eixo) veio para se sentar no chão ao meu lado. O espaço estava lotado. Quase todo mundo espremia-se sentado no chão de um salão de entrada da FUNARTE. Eu anotava livre e copiosamente, mantendo-me sempre por perto dos *secundas*. Tive a impressão de que o integrante do Fora do Eixo estava com um olho longo para cima das anotações. Pode ser mera impressão. Ou não. Mais tarde, naquele dia, solicitaram-me que apresentasse documento comprobatório de que eu era estudante de doutorado da UFPR, conforme havia respondido quando me perguntaram o porquê de estar na *ocupa*. Desde o

primeiro mês do doutorado, passei a levar sempre comigo a declaração de matrícula atualizada e assinada pelo secretário do programa de pós-graduação. Então, quando me interpelaram, foi abrir a bolsa e apresentar o papel. A *assembleia* seguia agora entrando nas *pautas*: 1) eixo político; 2) eixo comunicação. Luz, Carmosina e Mary Lima saíram da *assembleia* para o pátio. Saí com elas.

LUZ [*Com fogo nas palavras.*] — O movimento que eu faço não silencia *mina*; não manda *mina* “calar a boca”. Vejo que aqui se *mina* grita, então, chamam de “louca”; eu não faço *movimento* assim.

Voltando para a *assembleia*, a então presidente da União Estadual dos Estudantes (UEE), Flávia, estava com a palavra e dizia “precisamos focar no que nos unifica e não no que nos divide.” Depois de Flávia, Camila Lanes, então presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), com a palavra na sequência, dizia que “tem cento e quarenta e seis escolas *ocupadas* agora no Rio Grande do Sul. Todo mundo está no mesmo barco: é *Fora Temer*. Tem que se unir agora ou a gente só vai se ferrar cada vez mais. É *luta* de classe e não de *partido*.”

Mais adiante neste mesmo dia na *ocupa FUNARTE*, conheci e conversei com uma pessoa que se apresentou como estudante de História, Memória e Imagem na UFPR. Ela dizia que “foi *ocupado* o IPHAN em Curitiba por grupos artísticos, não sabemos a resposta, mas queremos construir junto com as pessoas. O IPHAN foi *ocupado* quinta-feira passada. Entende-se a *ocupação* como espaço de formação. Nesse momento, está entre trinta e quarenta o número de pessoas que dormem na *ocupa*.”

[*Voltando à assembleia.*]

MARY LIMA [*Dirigindo-se a toda a assembleia.*] — Debate *partidário* não leva a população, que se informa pela Rede Globo. Levar nossa *luta* para o espaço deles, falar de salário mínimo, falar de saúde, pois é isso que a *perifa* entende.

[*Após a assembleia, no pequeno círculo de secundas conversando.*]

Luz considerou um absurdo o resultado da *assembleia* na *ocupa FUNARTE*. Questionou o tom de voz das pessoas durante aquela *assembleia* do *pessoal das artes*. Para ela, não era uma tonalidade de conduta que se poderia chamar por democrática.

2.6 Caça aos secundas – São Paulo, 4 de junho de 2016

[*Estou na assembleia dos Secundaristas em Luta de São Paulo. Estamos na Casa do Povo. A assembleia estava marcada para as treze horas e começou, aproximadamente, às quinze horas. Começo anotar com as falas já acontecendo.*]

HONÓRIO — *Pauta* da assembleia passada, *ato* nacional. Propostas que ficaram para a reunião de hoje: pensar *organização* dentro das escolas (panfletos, atividades culturais). Pensar atividades regionais e periféricas. Pensar atividades sobre repressão formal e informal. Pensar atividades de formação, ação direta, dentro das escolas e qual escola a gente quer. *Pauta* da assembleia passada: ocupação FUNARTE e USP, precisamos discutir alguns problemas de presença de *secundaristas* nestas *ocupações* e articulações com universitários na FUNARTE; perseguição dentro das escolas contra *ocupantes*; nossa escola como *base* para fazermos algo; *ato* nacional unificado; como serão as falas na reunião de amanhã com universitários; CPI da merenda; Escola sem partido.

SECUNDA N28 — CPI aconteceu, mas a merenda está ruim na escola.

SECUNDA N29 — CPI não dá nada. Ministério Público é que investiga mesmo.

MISS BROWNE — Quando *ocupamos* o Paula Souza foi por merenda. E a CPI é só *tretinha* partidária entre eles.

HONÓRIO — CPI rolando em duas esferas: no judiciário e no legislativo, política. E política funciona igual feijão, só funciona sob pressão. Então, temos que fazer pressão. O presidente da ALESP falou que CPI não dá em nada e foi ele mesmo que assinou p'ra CPI ser criada.

SECUNDA N30 — Ir pelo caminho de pressão que Miss Browne falou. Queremos nossa merenda enquanto se pune os ladrões da merenda.

HONÓRIO — Já que temos estrutura de fazer *lambe-lambe*⁵², colar *lambe* nas escolas para fazer agitação nas escolas quando for chamar para audiência da CPI.

FRANCISCO — Não sei se as pessoas *aguentam a campanha* de ser preso, de repressão, de violência.

SECUNDA N31 — Carmosina falou com um *peçoal* do Chile que estava sendo muito reprimido e eles começaram a fazer *atos* musicais, culturais, esportivos e começaram a ter novamente *apoio* da população.

⁵² O *lambe*, ou *lambe-lambe* é um cartaz com teor crítico, artístico que é colado sobre superfícies em espaços públicos. Conferir: Bernardes, Franciani e Barbosa, Celia. “Movimentos sociais na era da internet: por todas as formas de ativismo” In: **Revista Mídia e Cotidiano**. Vol. 12, n° 1, abril de 2018.

SECUNDA N32 — Acho que sobre os pais não estarem sabendo do que está acontecendo, então, acham que só existe o *movimento desocupa*, porque eles não sabem o que está acontecendo.

FRANCISCO — Se for para *fazer campanha* mesmo, é difícil.

HONÓRIO — Acompanhar página *Ocupa ALESP* e fazer agitação na escola com *lambe-lambe e stencil*⁵³. Isso como proposta. Fechamos esse ponto de CPI da merenda. Passamos para o ponto Escola sem partido.

SECUNDA N33 — O máximo que a gente pode fazer é levar conhecimento sobre o que é esse Escola Sem Partido.

SECUNDA N34 — Ter noção que a escola sempre vai ser escola sem partido; o que poderia piorar é a censura de fiscalização sobre professores.

APOIADORA N11 [*professora integrante do CLACSO*] — Acender luz vermelhinha, pois isso é análogo à ditadura. É um pouco mais do que Miss Browne disse, pois é um golpe branco.

SECUNDA N35 — Sou da EE João XXIII, todo mundo foi contra a menina do Rio de dezesseis anos e eu quase tomei uma porrada ao falar o contrário.⁵⁴ Nós pedimos a semana para trabalhar o tema de gênero.

HONÓRIO — Agora, com mais gente que vem chegando à assembleia, acho que podemos passar para o ponto de *pauta* sobre atividades dentro das escolas, com ação direta e o que a gente quer e o que a gente tem. Pensar qual escola a gente quer. Ir direto para rua sem diálogo com poder público não é o caso, mas seguir etapas para mobilizar. É um projeto a longo prazo. Ir p'ras escolas, fazer debates, aproximar pessoas, mobilizar. E aí, já passamos para outro ponto de *pauta*, que é o de pensar como agir dentro das escolas, panfletagens, atividades culturais.

SECUNDA N36 — Com os que estão aqui, que frequentam as reuniões, tentar inserir nessas escolas.

MISS BROWNE — Às vezes a gente cria uma divisão que não é real. Quando falamos “base” e “dirigente” é meio irreal. Pois nós somos *base* também, somos *estudantes* de escolas que são espaços de *luta* e temos colegas com quem precisamos conversar. A gente

⁵³ O *stencil* (palavra de língua inglesa que se pode traduzir por ‘estampilha’) é um molde utilizado na confecção de estampas a partir de uma imagem impressa e colocada atrás de uma chapa de raio-x, então, recorta-se com um estilete a silhueta da imagem impressa e, por fim, aplica-se a tinta do *spray* sobre o molde vazado, imprimindo a imagem sobre a superfície. Conferir: BRUNO, Gabriel e ZANELLA, Andréa. “Jovens, arte e os sentidos da cidade” In: **Revista Barbarói**. Nº 43, janeiro de 2015.

⁵⁴ Referência à “menina do Rio” trata-se de menção a um estupro coletivo ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, no morro do Barão.

está um pouco *burocratizado*, separado de nossa escola. Não é só com *ocupação* que a gente faz *luta*. Podemos fazer trabalho sobre gênero agora. Instigar as pessoas a pensar qual escola queremos. Eu posso ir a tal escola panfletar, mas o mais legal é o pessoal da própria escola panfletar lá, trazer seu colega de lado p'ra *luta*, fazer abaixo assinado contra professor racista.

SECUNDA N37 — Fizemos abaixo assinado e deu resultado.

SECUNDA N38 — Fazer sarau. Promover atividade na escola que envolva o *pessoal*. Se não dá p'ra *puxar assembleia*, fazemos isso. Já estamos nas escolas, temos que falar com o *pessoal*.

SECUNDA N39 — Estamos lá, precisamos falar com as pessoas. O professor de sociologia ia dar prova no dia do protesto. No intervalo, o João Kopke começou a comer folha de caderno. Sozinho. Sentou, colocou um cartaz “cadê a merenda?”, colocou um prato, pôs folha de caderno e começou a comer. Depois mais gente começou a fazer isso. Trinta pessoas fazendo a mesma coisa.

HONÓRIO — Pegar e elencar o que as pessoas apontam como o que mais incomoda no seu dia a dia. Exemplo: assédio moral, ônibus lotado etc., elencar as críticas íntimas das pessoas. E fazer atividade de usar o ginásio, teatro, quadra da escola. Se a diretoria não deixar, nós fechamos as ruas porque a diretoria não deixou usar o espaço da escola.

SECUNDA N40 — No Virgílio conseguimos grêmio livre e a diretoria proibiu fazer assembleia. Nós fomos falando de sala em sala e fizemos a *assembleia*.

SECUNDA N41 — No João XXIII colocaram fogo nas lixeiras e eu não tive relação com isso. Quem fez isso foi? Se eu estou aqui, estou *ocupado*. Estou sentado na carteira, estou *ocupado*. Se a diretora está na sala dela, ela está *ocupada*. Eu disse à diretora isso quando fui pedir para poder usar algum espaço e a diretora respondeu “ah! porque vocês *ocuparam*, então, agora querem *ocupar* tudo?!” Eu respondi: “não, se você está em sala de aula, você está *ocupando*, se eu estou aqui falando com você, eu estou *ocupando*, poderia um aluno ir à sala de informática fazer trabalho e *ocupar* para fazer trabalho.”

SECUNDA N42 — Havia gente no colégio (duas pessoas) que pensava que *secundarista* era só quem *ocupou*, então, fui explicar que não e depois vieram mais dez pessoas p'ra saber sobre isso e fomos conversando. Pois antes pensavam que só quem *ocupou* e é *de luta* que era *secundarista*.

SECUNDA N43 — No decorrer do ano acho que precisará de comissão regional, pois acho que os colégios sofrerão repressão.

SECUNDA N44 — Mobilizando no sentido de chegar perguntando o que te incomoda e ver o que funciona em cada escola. Acho que na minha escola não seria sarau, mas roda de debate sim.

HONÓRIO — É, agora é pôr em prática. Ver quais escolas. De início, proponho duas escolas. A gente se divide para ajudar essas escolas.

DIAS — Na ETESP os pais estão ajudando e sabemos que esse ano o governo usou os pais para desmobilizar; e na ETESP os pais *puxaram* no sentido contrário. Segunda-feira pais chamaram pais, funcionários, alunos, professores, criaram um evento no *Facebook*. Acho que o diretor vai, mas não queríamos. Quem quiser ir, é bom ter gente. É um espaço de discussão a nosso favor. O promotor no Ministério Público da área de educação irá também.

MISS BROWNE — Temos que sentar com os alunos que estão aqui e ver o que mais na escola os alunos querem, se é sarau, se é roda de debate, se é sobre a merenda, o que for. Na ETESP foi feito sem falar com o diretor?

DIAS — Sim, mas ele ofereceu lugar, sala para fazer na ETESP, deu uma de bonzinho.

SECUNDA N45 — Tendo em vista a falta de legitimidade dessa reunião, por não ter mais gente da escola, mas mais gente formada e apoiadores, não poderíamos tirar *comissão* ou escolher duas escolas.

SECUNDA N41 — Cada escola ter um grupo. Primeiro politizar nossa escola e depois expandir.

SECUNDA N46 — Ver quantas escolas tem aqui, se são próximas.

ELOY — *Trabalho de base*, trabalho formiga, uma coisa não exclui a outra. *Tática* diferenciada. Mais enraizada ao invés de aula pública. Propor atividade em uma (1) escola e fazer. Vamos fazer.

HONÓRIO — Percebi de várias falas que não foi boa essa ideia de pensar o que a gente tem e o que a gente quer na escola. Acho que a atividade não precisa ser essa. Então esse formato se encerra. Mas talvez possa se aplicar ao Fernão. Mas que a atividade sirva para continuar na discussão e na mobilização.

APOIADOR N12 — Sou psicólogo e me coloco à disposição para alguma atividade.

APOIADORA N13 — Também sou psicóloga e podemos chamar pessoas para ajudar nas atividades, fazer debates.

MISS BROWNE — Como pensar segurança no nosso *movimento*? Pois tem gente tomando enquadro todo dia. Tem gente do MPL que ajudará, advogados etc.

APOIADORA N14 — Haverá evento com coletivo contra o genocídio negro, coletivo antimanicomial e outros coletivos que farão *ato* pelo fim da polícia militar por causa da morte de uma criança de dez anos.

SECUNDA N47 — Tive que ir à *biqueira* pedir para *ocupar* a escola, pois se tivesse um (1) PM no local da escola, então, quem invadiria seria o tráfico. Então o pessoal *ocupou* e ficou com o *c.* na mão.

APOIADORA N11 [*professora integrante do CLACSO*] — Têm um número de quem está perseguido?

GENÉSIO — Tem o Comitê de Pais e Mães em Luta que amanhã, antes da reunião, passará o levantamento dos nomes de perseguidos.

SECUNDA N48 — Sou da Etec Belém, que fica entre o Belém e o Tatuapé. Ia gente de fora [*da ocupação*].

HONÓRIO — Quarta-feira, na ETEC Belém, treze horas, uma da tarde. No final da *assembleia*, reunir aqui para trocarmos informação sobre ir ao local. Dá para entrar na hora do almoço.

ELOY — Ter também perspectiva de não virar dependente desse tipo de ação.

HONÓRIO — Mas a ideia é chegar a esse ponto. Nós estamos na etapa de soltar a faísca. Então, *vai rolar* Fernão quinta-feira, às dez horas; e Etec André Bogasian na quarta-feira. Repassando os *pontos de pauta* para ver se passamos por todos. Tem sobre *organização* regional.

MISS BROWNE — Discutir e deliberar esse ponto quando tiver mais gente.

HONÓRIO — *Pautas, propostas, encaminhamentos. Pautas: ocupação FUNARTE e ocupação USP*, descartamos de discutir hoje; *ato* nacional unificado, *pauta* adiada por pouco quórum. *Propostas*: atividades nas escolas; atividade nas escolas sobre repressão formal e informal. *Encaminhamentos*: precisamos entrar em contato com a Defensoria Pública, o Comitê de Pais e Mães; acompanhar a página *Ocupa ALESP*; fazer lambe-lambe e *stencil* p'ra levar gente às audiências; estudar sobre o Escola Sem Partido. Amanhã haverá plenária: *secundas, universitários e professores*. Rua Sepetiba, 660, Centro Desportivo Cultural da Lapa. Discussão sobre situação da educação. Tirar daqui o que as pessoas falarão e não de improviso. São *secundas* que estão chamando a plenária. Apresentar bem, definir que não vai deliberar nada, que a questão é a educação e não o Temer. Interesse partidário é da porta p'ra fora. Pediremos respeito às falas, aos minutos, aos coletivos, por ordem de inscrição. Não será um debate, será uma apresentação dos

coletivos. Fala única dos coletivos, o que estão fazendo *na luta*. É um espaço de composição, estamos buscando unificação, mas agora não há.

SECUNDA N49 — Amanhã não será nada decisivo. “Unificar” é algo bastante abstrato.

HONÓRIO — Apresentar que estamos retomando *organização* nas escolas e próxima *assembleia* será no primeiro sábado de julho.

CAPÍTULO III – “ESTUDANTES PELA BASE”: INTERMITÊNCIAS DO ESPONTÂNEO E DO DIRIGIDO

— MC FOICE E MARTELO de novo soltando o papo reto, contra as terceirizações e o corte’ aos nossos direitos.

— Vamo’ se unir nessa porra e chutar os burgueis p’ra fora. Trabalhadores no poder, caralho.

Tapa... tapa... no patrão

Quando dá 5 hora’ da manhã, já tamo de pé pra irmos tramar

Pra depois ralar o dia inteiro, com a fé que um dia isso aqui vai mudar

O patrão chega só no final, não trampa nem nada e fica com o money

Se essa grana viesse p’ra mim, dava pra comprar tênis Nike e Armani

O patrão não tá do nosso lado, é nosso inimigo, falo na moral

Ganha grana com nosso trabalho, porque essa é a lógica do capital

Fazer greve todos os anos, essa é a nossa condição

E se o patrão vier reclamar... Ratá Ratá Ratátátá

Tapa... tapa... no patrão

Tapa... tapa... no patrão

Se liga moleque, que o tapa é o começo, o que nós quer mesmo é revolução

Tapa... tapa... no patrão

Tapa... tapa... no patrão

Tomar de assalto as empresa’ tudo e acabar com toda essa exploração.

Tapa... tapa... no patrão.

Tapa... tapa... no patrão.

Caralho, moleque... Vai segurando.

Tapa... tapa... no patrão.

Quando viu que os trabalhador’ ‘tava se unindo e ficando mais forte

Chegou para os com mais moral e ofereceu Hornet, R1 e os malote

Todo mundo aqui quer ter grana, trabalha’ menos e ter mais condição

Mas não vou me vender pros burguês, eu tô com minha classe, não vou ser patrão.

Tapa... tapa... no patrão.”

MC FOICE E MARTELO – da Z.S, “Tapa no patrão” (maio de 2016)

Este capítulo está composto por acontecimentos e experiências com interlocutores de pesquisa no ano de 2016 também. O título deste capítulo foi inspirado por três fontes. A primeira delas é uma frase de Miss Browne, no dia 10 de junho de 2016, durante entrevista em profundidade. Cito uma passagem da entrevista:

Tem uma coisa que eu acho fundamental para entender o *movimento dos secundaristas* e acho que está bem relacionado com o que isso tem a ver com junho de 2013: é essa questão de um *movimento* autônomo, horizontal e apartidário. Então, quando você não tem o que a gente vê muito nessas *organizações* centralizadas, de qualquer tipo, mesmo que não seja um partido, muitas *organizações* que têm esse caráter de serem hierarquizadas. Mesmo se você for ver em um *partido político*, você vai ver que tem um comitê central ou uma direção, alguma coisa assim. Que é quem vai elaborar as *políticas*. Você participa de alguns *debates*, mas quem vai tirar a *linha* são essas pessoas e tem que concordar, você está lá por causa disso. Quando você está dentro de uma *ocupação* não era assim. É uma coisa que a gente fez muita questão no começo, tanto que a faixa que o G.A.S. levava para os atos era “Estudantes pelos estudantes”. A gente estava muito cansado de ouvir *sindicato, partido, entidade*, tudo isso que não representava a gente. A gente deixou isso bem claro: nenhuma *entidade* dessas (UMES, UBES, UPES, UNE, nem a APEOESP, nenhuma dessas *entidades*) realmente representava a gente. A gente teve que fazer um *movimento* contrário a isso, que era *organizar os estudantes pela base*. (Miss Browne, 10 de junho de 2016, entrevista em profundidade)

As segunda e terceira inspirações são as mesmas para o capítulo anterior, Antonio Candido, Roberto Schwarz e Paulo Arantes em relação à “dialética do espontâneo e do dirigido”, desta vez, conforme se lê no nome de uma das sessões do ensaio “De cortiço a cortiço” de Antônio Candido ([1991] 1993, pp. 123-152); bem como no ensaio que discute o anterior, “Originalidade da crítica de Antonio Candido” de Roberto Schwarz (1992, pp. 31-46) e as consequências tiradas deste diálogo entre Schwarz e Candido em passagens de *Um departamento francês de ultramar*, de Paulo Arantes ([1994] 2021).

3.1 Do modo de existência *secunda* – São Paulo, 20 de maio e 4 de junho de 2016

No dia 20 de maio de 2016, estava na *ocupa FUNARTE* junto com *secundas*. Atravessando pelo pátio, encontrei um professor de três anos atrás, Pedro Alexandrino. Pedro me falava de um evento que aconteceria em breve, com lançamento de livro, cordel, falas abertas com coletivos, *movimentos*, entre outras participações. Enquanto falávamos, Carmosina passou por perto. Imaginei que ela gostaria de ouvir sobre o evento. Apresentei Carmosina ao Pedro e vice-versa. No bate-papo, Pedro convidou Carmosina e *secundas* em geral para o evento, contou um pouco sobre o molde desse evento. No dia seguinte, conforme havíamos combinado, escrevi um lembrete por correspondência eletrônica (*e-mail*) para Pedro enviar uma versão prévia da programação do evento referido e, então,

encaminharia a Carmosina. Transplanto aqui a programação recebida e encaminhada à Carmosina.

Insurreição – Leituras e performances, exibição de vídeos e manifestações.

Dia 04 de junho de 2016

18h às 22h

Biblioteca Mário de Andrade

Lançamento do livro *Aos nossos amigos - Crise e Insurreição*, de autoria do Comitê Invisível. Fala pública de Vladimir Safatle a partir do livro.

Videoconferência de Laymert Garcia dos Santos sobre Linguagens Totalitárias no Brasil de hoje.

Tribuna Livre aberta à participação popular.

Com a presença de coletivos vários, movimentos sociais, secundaristas, LGBT, afrodescendentes, feministas, *rappers*, artistas, etc.

Textos em formato de cordel: *Os involuntários da Pátria*, de Eduardo Viveiros de Castro, e *Carta aberta aos secundaristas*, de Peter Pál Pelbart.

No dia 4 de junho de 2016 estava na *assembleia* dos Secundaristas em Luta de São Paulo. Aproximadamente às dezoito horas, terminou a *assembleia*. Vamos para o evento *Insurreição*. Alguns *secundas* estão decidindo entre si sobre quem vai mesmo e quem não, alguns *secundas* estavam já por lá. O evento *Insurreição* acontecerá no salão de entrada da Biblioteca Mário de Andrade: rua da Consolação, 94, bairro República, região central da cidade de São Paulo. Desta vez, nos deslocaremos de metrô ao invés de ir a pé. Fomos juntos Luiza, Honório, Robinson, Teresa e eu. O percurso de metrô partiu da estação Tiradentes rumo à estação Anhangabaú. Chegando às redondezas da Biblioteca Mário de Andrade, encontramos Senhorita F., que estava nos esperando.

Durante o percurso de metrô, falamos coletivamente com Senhorita F. por telefonema, ela estava em uma lanchonete localizada em frente à entrada da Biblioteca Mário de Andrade, na companhia de duas professoras. Carvalho, uma professora no Fernão e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Lysanias, professora no Fernão. Senhorita F. e Honório estudavam no Fernão. Sentamos ao redor da mesa. Percebi que Carvalho insistia no sentido de o *pessoal* não participar de forma alguma do evento, sequer entrar. Em um momento, dirigindo-me a todo mundo ao redor da mesa, perguntei como estava o clima lá dentro, no local em que acontecia o evento. Carvalho respondeu com tom zangado.

CARVALHAL — Como se fosse a Semana de 22.

Respondi-a com palavra nenhuma acompanhada por lento e breve olhar tomado por paciente perplexidade (em uma mistura de surpresa e dissabor). Em um sentido, o sumo desse momento na lanchonete é que Carvalho argumentava sobre aquele ser um ambiente de elite branca, intimidador, de gente que não esteve *na luta* com os *secundaristas* e para as quais os *secundaristas* se tornaram objeto de desejo para exibição em eventos como aquele. Nesse tom de feição zangada, Carvalho dirigiu-se a mim diretamente ao dizer que estava junto com os *secundaristas* desde o início, que não escreveu linha alguma sobre e quem deveria escrever são eles. Dizendo isso, abria um olhar de quem me soletrava algo a mais. Um pouco depois, Carvalho interrompeu o burburinho geral de todos ao redor da mesa. Enquanto estávamos conversando amistosamente, porém com algo tenso no ar, então, de supetão, bem diretamente agora, Carvalho confrontou-me com voz ostensiva.

CARVALHAL — Quem é você?

Respondi com atenção dedicada e, ao mesmo tempo, sem aceitar a parcela de sonoridade intimidatória no tom da pergunta. Apresentei-me nos mesmos moldes de quando o fiz ao conhecer cada *secunda* no primeiro dia de trabalho de campo face-a-face, na ocupação do Centro Paula Souza. De modo minimalista, falei sobre o tema da pesquisa, como vim caminhando e a perspectiva de quatro anos do doutorado como uma duração que permitiria estar junto com o *pessoal* por um significativo tempo adiante; aquele era apenas o terceiro mês dentre os quatro anos do curso. No mesmo embalo dessa conversa, escutei Lysanias dizendo-me em voz aveludada:

LYZANIAS — Meu salário é menor que a bolsa que você recebe.

Respondi com olhar bem disposto, de quem gostaria de dizer: sei como é, recebi salário assim quando lecionei na rede pública de ensino do Paraná; meus pais são professores como você, não em São Paulo, mas no Paraná; e não recebo bolsa de estudos, inclusive, um professor me informou que somente no terceiro ano do curso passaria a receber bolsa, então, até lá, continuo trabalhando quarenta horas semanais para poder continuar a estudar. De modo minimalista, nenhuma palavra proferi à Lysanias. Ela e eu estávamos nos conhecendo naquela circunstância e, depois, com o passar do tempo, ficamos mais amigas do que menos. Muitas águas turbulentas passaram por sob a ponte na *luta secunda* de um modo que Lysanias e eu fomos nos aproximando. Fomos nos entendendo, mutuamente, sem cobranças e sem explicações.

Depois de alguns minutos a mais na lanchonete, *secundas* decidiram que Honório e eu iríamos falar com um dos organizadores do evento, Pedro Alexandrino. Pedro

convidou *secundas* para participar do evento ao conversar com Carmosina no pátio da *ocupa FUNARTE*. Conforme descrito anteriormente, encontrei Pedro no pátio da *ocupa FUNARTE* por coincidência, ele contava sobre o evento *Insurreição* e Carmosina passou por perto de nós, imaginei que ela gostaria de ouvir sobre o evento. Então, apresentei Carmosina ao Pedro e vice-versa. Pedro fora meu professor no primeiro semestre de 2013, quando comecei a cursar doutorado em Ciências Sociais na PUC-SP.⁵⁵

Na companhia de Honório, caminhava rumo a falar com Pedro. Entramos no salão da biblioteca. O ambiente estava como uma espécie de erupção entre luzes móveis e falas enfáticas. Encontramos Pedro. Honório e Pedro conversaram. Honório disse que ali era um espaço que não era deles, não era do modo de ser deles, por isso não iriam, mas se quisesse, Pedro poderia ir ao espaço dos *secundas*, em uma *assembleia* ou algo chamado pelo *pessoal*. Pedro disse-lhe que uma vez ouviu bem isso de uma pessoa, quando se estava iniciando um *movimento* no Brasil, há alguns anos. Relatou-nos que havia convidado João Pedro Stédile, coordenador do MST, para conversarem em uma cafeteria no hotel em que ele, Pedro Alexandrino, estava hospedado. Stédile o respondeu dizendo que fosse a um assentamento ou à escola do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) para, então, conversarem. Pedro foi. Encontrou Stédile debaixo de uma árvore, esperando-o amigavelmente. Seguiram para, então, conversarem em espaço bem diferente do que seria a cafeteria no salão de entrada de um hotel. Assim, com tom afetoso na voz, Pedro e Honório conversaram. Posteriormente, Pedro Alexandrino foi à Casa do Povo e foi muito bem recebido pelos *secundas*.

3.2 Horizontes em movimento – São Paulo, 10 de junho de 2016

[*Entrevista realizada na residência de Miss Browne e seus pais, no dia 10 de junho de 2016. Conversamos no espaço da cozinha da casa. A conversa se passou ao longo de três horas e seis minutos com auxílio de gravador. Passemos à entrevista.*]

⁵⁵ Talvez seja desnecessário dizer, todavia, objetivando mais precisão: o mencionado doutoramento foi interrompido após o primeiro semestre, por ausência de condições pecuniárias para pagamento das mensalidades, por ausência de bolsa para ajuda de custo, em consequência, também por necessidade de trabalho, o que me levou a prestar concursos para professora substituta e, em resumo, tranquei a matrícula para lecionar como professora substituta na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

CARUSA — Como você iniciou na luta? Antes, poderia se apresentar como achar melhor.

MISS BROWNE — Meu nome é Miss Browne, tenho dezessete anos, moro aqui em São Paulo no bairro Santa Cecília. [*Pausa.*] Acho que tem alguns elementos para entender a minha trajetória que são bem importantes. Primeiro, acho que entender que meus pais participaram ativamente do *movimento* de criação do PT e da CUT. Atualmente, meu pai é assessor de comunicação de alguns sindicatos de modo meio *freelancer*, no sindicato dos bancários aqui de São Paulo, dos professores, e esse ano ele foi para Brasília fazer a campanha do sindicato de lá. Então, meu pai e minha mãe participaram da fundação da CUT, eles estavam desde 1983, eles trabalharam bastante nisso. Minha mãe participou bastante também do *movimento estudantil* quando ela era jovem. Ela era da Libelu [apelido para a Liberdade e Luta], uma *organização [estudantil]* trotskista. Então os dois participaram bem ativamente nesse período, desde a ditadura, mas mais no período de redemocratização. Fizeram várias campanhas nessa época. E minha mãe trabalhou também diretamente com o Lula durante bastante tempo, fez várias campanhas das candidaturas dele, chegou a trabalhar na assembleia legislativa por algum tempo e parou de trabalhar com o PT em 1994. E meu pai continuou também trabalhando com a CUT. Ficou bastante tempo nisso. Então, muito da minha noção de necessidade de *tocar a luta* para conseguir alguma coisa é algo que vem dos meus pais. [*Pausa.*] Desde pequena eu ia a comícios do PT. Fui a várias vitórias do PT. Inclusive a primeira vitória do Lula [na candidatura à presidência], quando eu tinha quatro anos. É bem engraçado que ele nasceu no mesmo dia que eu e as eleições sempre acontecem na época do meu aniversário. Então, dia 27 de outubro de 2002 [na vitória de Lula à presidência] eu fui lá p'ra Paulista com meus pais, comemorei. Também em 2012, na vitória do Haddad [na candidatura à prefeitura de São Paulo]. Em 2014, na segunda vitória da Dilma [na candidatura à presidência]. Em 2010, acho que também devo ter ido p'ra Paulista. Enfim. Todas essas grandes vitórias eu participava desde pequena com eles. Então, também por aí que dá para entender um pouco de como eu entrei nisso. [*Pausa.*] Minha mãe é professora universitária, leciona na PUC-SP e na Escola de Sociologia e Política. Meu pai é jornalista. Então, enfim, eu sempre estudei em escola particular. Só estudei em escola estadual em uma época que morei fora do país, mas foi pouco tempo. [*Pausa.*] Estudo no Colégio Equipe, que fica no bairro Santa Cecília. É um colégio já interessante por si só, é uma escola que nasceu na época do fim da ditadura, no período de redemocratização,

muito com uma demanda de filhos de exilados políticos ou de pessoas que eram perseguidas ou que estavam sendo acompanhadas o tempo inteiro, então, que precisavam de um lugar para estudar. É uma escola que já nasceu bastante como um lugar de resistência. Antes muito mais do que hoje. Era um lugar que – enquanto estavam sendo censurados álbuns do Chico [Buarque], do Caetano [Veloso] e outros artistas – fazia sempre espetáculos ou *shows*. É um lugar que tem um histórico ligado a esses *movimentos sociais* que é algo bem forte. Toda minha família estudou lá. Meu pai estudou lá. Meus dois irmãos mais velhos estudaram lá também. É uma escola que tem (se é que se pode dizer isso) *uma pegada mais de esquerda*. Eles sempre falam que é a “escola crítica” o que eles tentam passar p’ra gente. [Pausa.] Então, quando eu entrei no Equipe foi em 2013. Acho que a primeira *luta* que eu participei realmente porque eu estava interessada e não ligada aos meus pais foram as *manifestações* de junho de 2013. Eu não participei tão ativamente. Eu *colei* nos *atos*. Eu não era próxima. Eu tinha pouquíssima noção de política fora do que os meus pais sempre me falaram. Eu era realmente muito influenciada pelo que eles diziam porque a gente, na minha família, conversa muito sobre política. Então, como meus dois pais estão sempre muito envolvidos nisso, eles sempre conversaram muito abertamente sobre o que eles pensam, o que eles acham. Sempre deixando bem claro também que não precisava seguir aquilo, mas fez parte da minha formação discutir política desde pequena. E minha mãe, que é socióloga, também está sempre envolvida com isso. [Pausa.] E aí, em junho de 2013 mesmo, meus pais acharam superinteressante, mas minha mãe mais. Eu fui com ela a alguns *atos*, fui com meus amigos também. Foi meu primeiro contato direto com a mobilização que não foi somente meus pais que me levaram. Era uma coisa que a gente discutia na escola entre os amigos e era uma movimentação muito nova. Estava todo mundo tentando entender o que estava acontecendo. Então, quando estourou junho de 2013, eu fui para a rua também; assim como (bom!) praticamente todos os, a maioria dos, ... dos jovens do Brasil nessa época. Foi meu primeiro contato assim mais direto. [Pausa.] Aí, entrei para o [Colégio] Equipe e não tinha muita consciência política sobre o que significava junho de 2013. Ou do que significa mesmo o PT. Eu estava ainda em formação, tentando entender as coisas. E um amigo meu (acho que talvez você chegue até a entrevistar também), que foi para mim uma pessoa muito importante na minha formação, foi o Firmino. O Firmino é um amigo meu que entrou mais ou menos junto para o [Colégio] Equipe. Aí, no primeiro ano do ensino médio, em 2014, foi quando o Firmino entrou para o colégio. Mas em 2013 ele já era do MPL. Ele tinha acabado de entrar no MPL. Foi uma pessoa que desde o primeiro

ano eu conversava bastante sobre “o que significava Junho?”, “o que significava o PT?” e acho que ele foi a pessoa que conseguiu mais me fazer formular uma crítica a esse tipo de *organização*. [Pausa.] Foi aí que eu conseguia conversar um pouco mais. Mas, ainda no começo, a gente brigava muito porque ele lascava muito com o PT e eu defendia muito. E aí, eu comecei a entrar em crise porque ele me falava coisas que eu via que era muito verdade, mas meus pais falavam totalmente outra coisa em casa. E eu tendia muito a acreditar neles, por proximidades mil. Então, passei já o primeiro ano inteiro entendendo que alguma coisa tinha que ser feita. Eu cheguei a participar do grêmio da minha escola, mas como é uma escola particular, de classe média, intelectual, os problemas para resolver dentro da escola são muito pequenos. São praticamente nulos comparados à realidade das escolas estaduais, mas cheguei a participar do grêmio nesse primeiro ano inteiro. [Pausa.] Mas aí, já com várias decepções com o PT, já começava a criticar o PT também e ficava meio confusa com o que estava acontecendo. Foi nesse ano que teve eleição da Dilma também, em 2014. E aí, participei de vários eventos do PT. Lembro muito de um dia em que eu fui à quadra dos bancários, que fica na [Praça da Catedral da] Sé. Teve uma conversa que tinha muita, muita gente lá. Estava o Lula, o Haddad, a Dilma, enfim, todo mundo. Meu pai me levou e eu achei incrível. Estava achando o máximo, mas já discutia muito na escola “o que significava o PT?”. Discutia muito com o Firmino. Ele criticava demais algumas medidas que (eu reconheço) são absurdas. Então ele conseguia pegar muito o meu interesse nesse ponto. Mas ainda defendia bastante. Cheguei a ir à vitória da Dilma na Paulista. Também foi um dia antes do meu aniversário. Passei a virada comemorando a vitória. Mas até aí, nada demais. [Pausa.] E aí, bom... Ah, eu vou falar o que eu acho que tem que falar. No [Colégio] Equipe eles têm uns projetos que eu acho bem interessantes, é a coisa mais bacana da escola. São trabalhos de campo. A gente visita outras cidades. Às vezes a gente faz até em São Paulo mesmo. Sempre com uma abordagem que é multidisciplinar. Então, vários professores de matérias diferentes vão com a gente. A gente estuda o campo, estuda esse meio que a gente vai conhecer. E, no fim do primeiro ano, acho que foi um pouco antes das eleições (se não me engano), a gente foi para Ribeirão Preto (SP). A gente foi estudar as usinas sucroalcooleiras que ficam lá, então, na produção de álcool e açúcar. [Pausa.] A gente fez um trabalho bem interessante. Durante três dias a gente entrevistou muitos cortadores de cana. Então eu considero que também foi um momento-chave para a minha formação política. Para mim, uma pessoa de classe média, que já sabia que o mundo tinha muitos problemas, mas sempre numa realidade meio afastada disso, foi quando me aproximei dessas pessoas, da

realidade delas. Fui à casa delas, conversei sobre o trabalho delas, que é totalmente precarizado e desregulamentado e isso no estado de São Paulo, cerca de seis horas daqui, e vendo a condição de vida dos filhos dessas pessoas, isso me deu uma noção totalmente diferente do que era o mundo. [Pausa.] Aí, nesse momento, entrei em crise total. Cheguei a ficar (não digo “deprimida” porque acho que também as coisas não são assim) muito mal. Entrei em crise. Comecei a perceber que o mundo era, na verdade, um lugar horrível e que as pessoas não tinham oportunidade de vida alguma. Passei desse fim do primeiro ano até, mais ou menos, a metade do segundo ano totalmente desiludida com a vida, mal com tudo. Embora entendendo que precisava fazer alguma coisa para mudar isso, com muita, muita vontade. E aí, muito vendo também o que os meus pais faziam na época. [Pausa.] Meu pai militou na ditadura, ele foi da ala vermelha [do Partido Comunista Brasileiro] antes de entrar para o PT. Então, *meu*, foi perseguido e vários amigos dele foram torturados. Vários amigos dos meus pais foram mortos ou desapareceram. E ver que eles se *organizavam* em um período em que tudo era tão mais bruto e tão mais difícil. Tanto que, no [Colégio] Equipe, a gente falava “nossa! a ditadura deve ter sido uma merda, mas, pelo menos, eles tinham alguma coisa pela qual *lutar*, uma coisa muito clara.” [Pausa.] E aí, foi nesse momento que eu entendi: *meu*, a gente tem muitas coisas pelas quais *lutar*. O problema é que elas não ficam tão escancaradas quanto naquela época. Mas eu queria muito fazer alguma coisa. Ao mesmo tempo, uma sensação de impotência muito grande, de não saber; porque é realmente muito difícil você dar esse passo: ter consciência de que as coisas precisam ser mudadas, mas conseguir se *organizar* de tal forma para poder *lutar* contra isso. [Pausa.] E aí, no começo do segundo ano, em 2015, comecei a *colar* junto com o Firmino, mais alguns amigos do [Colégio] Equipe e com algumas outras escolas. A gente tentou montar uma poligremia. Não era uma *organização*. Mas era um espaço de articulação de grêmios de várias escolas. A maioria das escolas que estavam lá eram escolas particulares, mas algumas públicas também, a galera da ETESP. Conheci o Dias nessa época. Ele já estudava na ETESP naquela época. A gente ficou vários meses se encontrando, conversando. E aí, comecei a ficar muito mais próxima do Firmino. A gente ia junto p’ras reuniões, conversávamos bastante sobre “o que era aquilo?” E, na verdade, não deu em nada. Era um espaço bem estranho pensando hoje. Tinha uma galera do Levante Popular da Juventude que *colava* e que era *muito louca* (pelo menos na minha avaliação). [Pausa.] O espaço acabou não indo p’ra frente, mas foi muito interessante. Isso porque, da poligremia surgiu a primeira *organização* que eu realmente participei. Na verdade, durou apenas alguns meses. Chamava G.A.S., Grupo

Autônomo Secundarista. E aí (até hoje eu não sei como ou porque, mas) o Firmino viu que eu estava interessada e me chamou p'ra participar. Nesse espaço estava o Firmino, o Andronico, o Dias e mais alguns outros amigos. Era um grupo de nove pessoas. Secundaristas que perceberam aquele outro espaço da poligremia como algo que não era interessante, mas que queriam se *organizar* e tentar *tocar a luta* para – mais que nada – fazer um *trampo* nas escolas públicas mesmo. A gente não tinha noção alguma de como fazer isso, mas conversar com as pessoas nas escolas, mostrar para eles que existe uma ferramenta, o grêmio. Poderiam se *organizar* na escola para conseguir *lutar*. [Pausa.] O Firmino já era do MPL. Então ele tinha muito *a brisa* do *movimento* autônomo. O irmão mais velho do Dias também era do MPL, então, tinha também muita proximidade com tudo isso. E aí já era em uma época que o PT (bom! nada comparado com hoje, mas) estava em crise. Comparado com hoje, não estava. Mas o governo Dilma já estava enfrentando várias críticas e estava fazendo ajuste fiscal. Foi uma coisa *muito loka*. [Pausa.] E aí, conversando com o Firmino, comecei a entender que toda aquela formação que meus pais sempre conversavam comigo não era a única saída. Foi aí que entrei em contato com outros modos de pensar política. Até aí, os amigos dos meus pais, todo mundo que eu conhecia, era... *assim*, ser *de luta* era ser PTista. Ou pelo menos apoiar de alguma forma. Fazendo críticas sim, mas era o limite que eu conseguia entender. [Pausa.] E aí, conversando com Firmino e toda essa coisa de ele ser do MPL, supercrítico aos *partidos políticos*, foi aí que as coisas começaram a mudar. O G.A.S. foi criado em julho de 2015. A gente começou a se reunir. Fazendo uma avaliação do G.A.S. hoje, ele era mais um grupo de amigos que queria se reunir e queria muito *tocar* alguma coisa, então, era muito interessante, a gente queria muito *fazer luta*. Queríamos muito que o *movimento secundarista* (que até aquele momento praticamente não existia desde a ditadura) existisse. A gente queria muito fazer alguma coisa interessante e não sabia como. [Pausa.] Então a gente chegou a começar a ir p'ras escolas panfletar. Fizemos alguns panfletos ótimos sobre *organização estudantil*, a importância disso. Mas era uma coisa muito incipiente. Tanto p'ra nós quanto p'ras pessoas. Ninguém nunca... *assim*, não existia isso de “histórico de *luta secundarista*”, nada. As pessoas não entendiam que era possível se *organizar* p'ra conseguir alguma coisa da direção, algo do tipo. [Pausa.] Aí, a gente ficou durante agosto e começo de setembro *colando* em uma escola ou outra, tentando conversar com as pessoas, fazendo uma coisa ou outra. Mas era uma coisa muito dispersa. Eu mesma estava envolvida, mas não estava conseguindo me achar nisso. Estava um pouco perdida ainda com isso de “crítica ao PT ou não”. Estava tentando ainda entender

tudo isso quando foi anunciada a Reorganização escolar, no final setembro. Dia 23 de setembro [de 2015]. [Pausa.] E aí, tudo mudou um pouco. Acho que alguns pontos de mudança-chave na minha vida foram o Firmino (que já conhecia a *galera* do MPL) e a *galera* (que na época eu não tinha a menor ideia do que era, mas) que tinha criado já O Mal-Educado, em 2012 aproximadamente. Eu não sabia de nada disso, nunca tinha ouvido falar disso, ninguém tinha, p'ra falar a verdade, eram oito pessoas, mais ou menos. O Firmino me chamou p'ra *colar* em uma reunião e eu falei “vamo' aí”. [Pausa.] A gente estava pensando em alguma coisa desde que soubemos do anúncio da medida da Reorganização Escolar. Eu estava um pouco perdida, mas “vamo' lá.” Eu estava no G.A.S. e aí todo mundo do G.A.S. resolveu entrar n' O Mal-Educado, participar de uma reunião e ver como é que ia ser. Aí, a primeira reunião que eu fui eu acho que já era em outubro de 2015, por aí. E... Foi um choque. [Pausa.] Eu cheguei ao lugar (e ainda cheguei atrasada) e encontrei trinta pessoas diferentes, algumas que eu conhecia e outras que não. A *galera* do G.A.S. toda estava, mas outras também, gente do MPL que eu não conhecia, mas pensava “*nossa! galera que fez junho, que da hora*”. Então, *colei* em uma reunião assim: perdida, todo mundo falando “não sei o que lá *esses burocratas*” e “não sei o que lá *o PT*”. E eu tentando entender as coisas, muito afim de acompanhar, mas perdida. E aí, falei “não, *mano, rolê da hora, vamo' colar.*” [Pausa.] A gente *colava* nas manifestações de bairro dos *estudantes*, *colamos* nas *manifestações centrais*. Agora não sei se foi a primeira ou a segunda, acho que foi a primeira *manifestação central* que *rolou*, que foi a UMES que *puxou*. Eles chegaram com carro de som, fazendo discurso e tudo o mais. E a *galera* do G.A.S. começou a *puxar*: “sem liderança!” E aí, nessa hora, todo mundo começou a gritar junto. E nós falamos: “*meu, que doído.*”⁵⁶ Começamos a *organizar* as... Na verdade, começamos a *colar* em *manifestações*, começamos a tentar articular com uma *galera*, *colar* nas escolas, divulgar panfletos. E sempre fazendo as reuniões d' O Mal-Educado. E foi aí. Foi aí que... Foi aí que eu... Fui. *Na real*, é mais ou menos isso. [Pausa.] Aí, *colando* com O Mal-Educado, que é uma *galera*... É isso: no começo eu entendia bem pouco, mas fazendo esforço p'ra participar. Aí, era o momento que eu estava vendo: “*mano, dá p'ra fazer alguma coisa.*” Toda aquela impotência que eu estava sentindo antes e meio perdida, mas nesse momento eu falei “não, *mano*, isso vai dar numa coisa legal.” E admirando muito as pessoas que estavam naquele espaço porque falavam coisas que faziam todo sentido e eu nunca tinha escutado. As pessoas falando com tanta clareza sobre

⁵⁶ De acordo com a entrevista semiestruturada realizada com Andronico, este seria o segundo *ato central*, no dia 9 de outubro de 2015.

a realidade, usando de teorias, conseguindo fazer uma leitura, uma análise da conjuntura que fazia muito sentido e que, p'ra mim, era totalmente inovador. [Pausa.] Aí, a gente escrevia panfleto, fazia várias reuniões por semana e *colava* nas escolas, tentava *trocar ideia* com as pessoas. Eu ainda era muito, muito mais tímida na época. Eu não conseguia conversar com as pessoas. Não tinha certeza alguma sobre as coisas que estavam acontecendo. Aí, em uma reunião que eu *colei*, começaram a falar de uma coisa que era *ocupar escola*. Se não me engano, foi na segunda reunião com O Mal-Educado. Então, as pessoas já estavam falando: “*meu, ocupação das escolas* no Chile foi uma coisa muito interessante e *se pá* é o momento de fazermos isso também.” Era o momento que a gente estava fascinado com o modo com que os próprios alunos estavam se *organizando* p'ra *fazer ato de rua*. Era uma coisa que não existia antes. Não era a gente *colando* para *organizar* os atos, eram os *estudantes*, uma coisa que os alunos de uma escola *pegavam*, juntavam trinta pessoas, fechavam uma rua e falavam “*meu*, eu não quero sair daqui porque é a minha escola, vai fechar e eu não posso deixar.” [Pausa.] Aí, a gente *colando*, conhecia muita gente. Conheci o Honório, do Fernão. Ele *colava* n' O Mal-Educado na época também. E aí um dos nossos companheiros d' O Mal-Educado tinha ido para o Chile, em 2011, tinha participado das *ocupações*, trouxe o manual e foi a gente que traduziu e começou a distribuir nas escolas. A *linha* que a gente tirou em uma das primeiras reuniões foi: “vamos traduzir esse material, imprimir *a rodo*, distribuir em todos os lugares, distribuir em todas as escolas que a gente for, distribuir em todos os *atos* que a gente for, distribuir muitos, e vamos ver o que a *galera* acha.” Não adianta nada querer fazer se as pessoas não querem. Vamos ver se *pega* a ideia. E *pegou* perfeitamente. As pessoas ficaram malucas. As pessoas não sabiam que isso existia, eu não sabia que isso existia. [Pausa.] As pessoas ficaram malucas e falaram “*meu*, será que vai ou será que não vai?” E aí, foi quando a gente já estava divulgando o material e os *atos* começaram a cair tanto em números quanto em força. As pessoas estavam percebendo que não ia dar em nada. Uma *galera* tinha até feito uma reunião depois de um *ato*, com um assessor da Secretaria de Educação, alguma coisa do gênero. E aí, tinham deixado bem claro: “o projeto ia acontecer, as escolas seriam fechadas.” Então a gente falou: “não, *mano*, a gente precisa fazer alguma coisa.” [Pausa.] Muita gente que estava naquele espaço, O Mal-Educado, havia sido do MPL e alguns ainda eram. Com isso, tem muito a *tática* de agitação e propaganda. Que é um pouco a dinâmica dos *atos* do MPL até hoje: a gente vai lá, chama a *galera* que a gente conhece, faz a *tática*, tenta propagar a ideia ao máximo possível e se as pessoas reproduzirem, então, aí, a gente queria... perder o controle mesmo,

né. Queria fazer uma *ocupação* para ver se as pessoas iam ou não. Nesse momento estava até banalizando. A própria Bebel, a presidente do sindicato dos professores, a APEOESP, ela falava: “ah! se fechar a gente *ocupa*”. E nós falamos: “*mano*, vamos fazer isso.” [Pausa.] Foi aí que a gente falou com o Honório, que estudava no Fernão naquela época. A gente percebeu que, em um dos *atos*, *colaram* umas duzentas pessoas do Fernão. Era muita gente. E nós falamos: “*meu*, vai ser *da hora*.” E começamos a pensar estrategicamente: uma escola do centro ia ser importante, ia dar visibilidade, nós conhecemos o Honório que está lá dentro, tem *mó galera* que *cola* nos *atos* e é *mó galera firmeza*. Então, começamos a fazer reunião com essas pessoas mais próximas, que nós sabíamos que não iriam ‘caguetar para a direção. Começamos a fazer umas reuniões *muito lokas*. [Pausa.] Passamos algumas semanas preparando, ainda colando nos *atos*. Pegamos mesmo a planta da escola e vimos “onde que está, onde é que não está, onde que entra, como é que ia fazer?” Se a gente ia fazer *assembleias*, como é que ia ser? E tem a polícia, então, precisamos de advogados. Tudo bem na surdina porque a gente tinha muito medo da polícia conseguir chegar lá antes de conseguirmos fazer qualquer coisa. E aí, estava marcado. Foi no dia... 11 de novembro? Ou foi dia 10? Dia 10 de novembro. Então falamos: “vamos *ocupar* no dia 10 de novembro.” [Pausa.] E aí, um pouco antes, à noite, no dia 9, o pessoal do EE Diadema *ocupou*. Eles estavam falando que queriam *ocupar*. A gente tinha *trocado ideia* com eles. Era uma galera que a gente fez contato, fez reunião com eles, a gente sabia que eles queriam *ocupar*. Estávamos esperando que tudo desse certo lá. Enquanto isso, viramos a madrugada nos reunindo, acertando tudo, vendo detalhes de cadeado, de chave, de corrente e não sei quê lá. Então, recebemos a informação de que tinha sido *ocupado* em Diadema. Nós falamos: “*mano*, tem que ser agora, vamo’ lá.” Para o dia seguinte já estava marcado mesmo. Fomos. [Pausa.] Acho que eram vinte alunos. Uma parte dessa *galera* era do Fernão e uma parte era d’ O Mal-Educado, que a gente conhecia, que estava fazendo o *rolê* junto com a gente. E... Foi *muito loko*. [Pausa.] No dia que a gente chegou... Bom! Estávamos “cagando de medo”, achando que a gente ia ser preso, detido, fichado e *marcado* para sempre. Não tínhamos noção de que esse processo ia dar no que deu. Era uma coisa muito incipiente ainda. Era uma ideia meio solta. A gente sabia que as pessoas queriam fazer isso, mas a gente esperava algo como: “ah! então, tá. vamos conseguir *ocupar* umas vinte escolas.” Isso, não mais que isso. [Pausa.] E aí, no dia que a gente chegou... Bom! Sabíamos o horário que a diretora ia e tal, então, a gente chegou umas cinco horas da manhã. A gente entrou, fechou todos os portões da escola e... *Nossa!* Foi muito engraçado porque a gente não

sabia como fazer com uma inspectora, que estava lá dentro. Não podíamos deixar ela ligar para a polícia. A gente chegou e falou: “nós vamos fazer uma *assembleia* só dos alunos.” Ninguém sabia que *ocupar* era algo real, então, não tinha essa preocupação. A gente só falou: “ó, nenhum professor vai entrar no período da manhã, a gente vai fazer uma *assembleia* só de alunos e mais ninguém.” Aí, tivemos que bloquear ela, ela queria muito ligar para a polícia. Então, ficou uma situação tensa e, nisso, os alunos chegando. [Pausa.] Então, a gente falou: “vamo’ lá, vamo’ conversar com *o pessoal*, fazer uma *assembleia*, tem a Reorganização”. A gente sabia que o Fernão ia ser afetado, os alunos do Fundamental II iam sair, iriam para o Godofredo e os alunos do Ensino Médio do Godofredo iriam para o Fernão, algumas salas seriam fechadas e tudo. Então, a gente chegou, fez a *assembleia* e nisso já havia polícia do lado de fora, a direção já tinha chegado, todos os professores, *a maior loucura*. E aí, nessa hora, a gente conseguiu: aprovou na *assembleia*, curso por curso. [Pausa.] Nisso, entrou policial, mas eles não sabiam o que a gente estava fazendo. A gente aprovou em *assembleia* e eles ficaram meio surpresos. Todo mundo estava meio surpreso “como assim *ocupar escola*?” Acharam que a gente ia sair rápido provavelmente. Então eles entraram, *trocaram uma ideia*; a diretora foi lá, gritou; e a gente ficou. E, nisso que a gente ficou, começou a aparecer mais polícia, cada vez mais. Aí, a polícia bloqueou a saída. Então, em um primeiro momento, ninguém podia entrar nem sair. Aí eles perceberam que ia ficar muito feio para eles e disseram: “você podem sair, mas ninguém mais pode entrar.” Nesse momento eles fizeram já no primeiro dia um cordão policial. Tinha mais de setenta policiais na frente da escola, fecharam todo o quarteirão. [Pausa.] Essa escola ocupa um quarteirão, é uma escola muito grande. É antiga também. A gente descobriu depois que o Fernando Henrique Cardoso tinha estudado nessa escola, Laerte estudou nessa escola, um monte de gente assim, famosa, estudou lá. E era uma escola que estava totalmente sucateada também, mas em outros tempos tinha sido uma escola de elite. Fica em Pinheiros, perto da [avenida Brigadeiro] Faria Lima. [Pausa.] E aí, nesse primeiro dia eles fecharam tudo. E aí, a gente começou a ficar com muito medo e falamos: “e agora?” Aí, começou a chegar gente do lado de fora e a gente divulgando de todos os jeitos que conseguíamos, que tinha sido *ocupado*. E começou a chegar MST, MTST, vários *movimentos universitários*, vários *partidos*. Chegou um monte de gente do lado de fora, que não podia entrar, e ficou do lado de fora, *meu*, fazendo barulho, tocando tambor. Fazendo barulho o dia e a noite inteira. E essa foi a situação dos primeiros quatro dias. [Pausa.] Mandaram a polícia falar com a gente, um capitão, *meu*, nunca vou esquecer que o nome dele era Cunha. Muito

assustador. Ele era chefe de um esquadrão do GATE, de operações especiais, que lidava com sequestro. Então ele era extremamente hábil em dialogar com criminosos e, ao mesmo tempo, ele era muito hábil em dialogar com a gente; a gente sabia que ele era policial e não era amigo naquele momento, mas ele tinha uma lábia muito boa e a gente estava lá, extremamente cansados. [Pausa.] A gente tinha ficado sem dormir. Eu não tinha dormido já no dia antes da *ocupação* porque a gente estava *organizando* tudo. Então, começou a chegar doação de comida e tudo isso, mas a gente e tudo estava muito tenso. A gente descobriu depois que Pinheiros é um bairro que tem muito, muito, muito mosquito. Era bizarro. À noite estava muito quente, era novembro, então, tinha muita barata saindo do bueiro à noite, muita, muita barata andando, tinha os ratos também. Mas muito, muito mosquito. Era bizarro. E a gente muito tenso. Dormia muito pouco. Mas com muito apoio do lado de fora. [Pausa.] Lembro que nesses primeiros quatro dias cheguei a dormir três horas no total porque a gente tinha que fazer ronda na escola. Quando a gente *ocupou* mesmo, tinha bastante gente. Chegou gente que estudava no período da tarde. No final tinha bem menos alunos do que as pessoas que estavam no começo, mas as pessoas estavam com muito medo; e outras pessoas a gente sabia que não iam *ocupar* mesmo porque tinha dois mil alunos naquela escola. Então, tinha por volta de cinquenta pessoas nesse primeiro dia porque foi esvaziando. As pessoas começaram a ficar com medo, os pais começaram a pressionar, os pais também com medo, alguns até que iam lá apoiar, outros não. Mas as pessoas saíam e ficavam do lado de fora, dormiam ali fora mesmo. E a gente com medo da polícia entrar. A gente sabia que eles podiam entrar a qualquer momento e a gente falou: “*meu*, a gente precisa ficar aqui o máximo de tempo possível.” E a gente decidindo, *meu*, fazendo *assembleia* a cada duas horas, e a gente decidindo sempre que ia ficar *ocupado*. [Pausa.] Aí a gente ficou sabendo que tinham entrado com uma liminar de reintegração de posse. Não lembro agora o dia exato. Mas a gente tinha direito a uma audiência com juiz para conversar, negociar o tempo de... até quando que ia valer a *ocupação*, quando a gente ia ter que sair forçadamente ou espontaneamente. E, aí, também uma das coisas das *ocupações* que eu aprendi a valorizar foi como a gente aprendeu a lidar com vários setores diferentes da sociedade. A gente tinha que lidar com os próprios *estudantes*, com a gente mesma, com a *galera* que estava *ocupando*; tinha que saber dialogar com a mídia porque começou a *colar* todos os meios de comunicação possíveis, de Rede Globo até *mídia independente*; tinha que dialogar com os policiais; aí chegou o oficial de justiça e a gente tinha que manter uma posição firme, mas, ao mesmo tempo, saber dialogar com o judiciário, que não é uma coisa tão tranquila

assim. [Pausa.] E aí quando chegou o oficial de justiça, e a gente fazendo *assembleia* para ver se a gente ia ou não à audiência, a gente não tinha experiência alguma de *ocupação*, a gente não sabia ainda como que ia ser no Brasil. A gente sabia que no Chile eles não tinham a reintegração de posse. Então a polícia entrava na hora que queria, *desocupava* na hora que queria, eles iam lá e *ocupavam* de novo. A gente não sabia como lidar com essas coisas e aí a gente decidiu que ia mandar três pessoas para a audiência. E aí foi o Dias, o Luiz Castanha e a Maria José. Sempre muito tenso porque a polícia continuava lá e estávamos extremamente cansados. Acho que um dos momentos de maior tensão na *luta* foram esses primeiros quatro dias porque a gente não sabia quanto tempo a gente ia conseguir aguentar. A gente estava tendo bastante repercussão, mas ainda não o suficiente para chegar às escolas. [Pausa.] Então, muita gente, várias pessoas de escolas ali perto e também de longe, *colou* lá, gente que *colava* nos *atos* com a gente, então eles foram lá e *ocuparam* com a gente. Pularam, várias pessoas pularam o muro. Tinha polícia. Vários momentos de tensão. A polícia sendo muito agressiva. A minha mãe ficou lá bastante tempo, *apoiava* muito o *movimento*, ela chegou a apanhar de policiais, ela levou vários cacetetes no braço, ficou com o braço inteiro roxo. Era uma sensação de impotência *muito loka* porque ao mesmo tempo que a gente estava *ocupando*, a gente estava também preso lá. A gente não tinha liberdade de controlar nada na escola. E comendo muito mal. Comendo muito pouco. Passei muito mal nesses dias, de dormir quase nada. Um clima de tensão muito grande e, ao mesmo tempo, a gente sabia que estava fazendo uma coisa muito importante. [Pausa.] E aí, quando eles voltaram da audiência, a gente ainda não sabia no que ia dar porque primeiro tinha sido determinado que eles poderiam entrar e depois voltou, falou que não. Ao mesmo tempo, a gente tinha que ter noção que a APEOESP, que a gente era super crítico, sempre fazíamos jograis contrários à direção, contrários à CUT, o tempo inteiro nos *atos*, estava lá e dizia que estava *apoiando*; e tanto disseram isso que fizeram uma interpretação muito errada, muito equivocada, de que quem estava por trás do *movimento* era a CUT. Diziam que era a APEOESP que estava comandando as coisas porque a Bebel [presidenta da APEOESP então] falava no carro de som “ *vamos ocupar!*”; então, entraram com um processo responsabilizando a APEOESP. Era uma coisa assim que cada dia de *ocupação* eles teria que pagar vinte mil reais ou algo do gênero; então, colocaram a culpa totalmente nisso. E, muito por isso, na nossa avaliação, que a APEOESP bancou tanto os advogados p’ra ir p’ra cima e tentar barrar a reintegração, p’ra mostrar que era um *movimento* legítimo dos *estudantes* e que fazia sentido *ocupar escolas* p’ra que elas não fechassem. Então, nesse momento, a APEOESP

foi importante p'ra conseguir entrar em peso no sistema judiciário e tentar barrar essas medidas. [Pausa.] Naqueles dias muita gente foi falar com a gente. O Suplicy, a própria Bebel, era muito difícil saber como é que a gente ia lidar com isso sabendo que o que a gente estava fazendo era crítico a todo esse aparato da CUT, do PT, da APEOESP. Como é que a gente ia lidar com isso? Chegava o Suplicy com toda a equipe de filmagem dele para tirar foto dele com a gente e a gente achando um absurdo. No dia que a APEOESP chegou lá dizendo que tinha colchonete para nós – e tinha mesmo – e eles esperando o Suplicy chegar. E a gente pensando: “ah, é porque vai dar os colchonetes.” Causar toda aquela comoção de que o Suplicy sempre ajuda os *movimentos sociais*. Como que a gente lida com isso se o *movimento* é autônomo e a gente precisa de ajuda mesmo? Então, um clima de tensão *muito loka* e a gente não tinha prática de fazer *assembleia*. [Pausa.] Sabe, a gente fazia reunião, mas a maioria das pessoas nunca tinha militado. O Honório era do MPL, o Firmino também, mas a maioria das pessoas nunca tinha participado de uma organização. Então, tudo era muito longo, muito demorado, muito confuso, a gente não sabia se aquilo tudo ia dar repercussão. Mas a gente estava muito determinado a não sair de lá, então, a gente chegou a fazer umas *performances, tipo*, “ah, a polícia só vem aqui quando tem a gente *ocupando escola*, mas se fecha escola está tudo bem”. [Pausa.] Então, no terceiro dia, também tive que sair da *ocupação*. Meus pais estavam muito preocupados comigo, mas – mais que nada – foi um momento bem tenso para mim porque eu estava ainda me achando naquele lugar. Mas sempre sabendo que eu era uma pessoa de escola particular e que essa é uma questão bem complexa de lidar hoje nos *movimentos*, essa *questão do protagonismo*. Então, quando eu estava lá, eu falei p'ras pessoas: “olha, sou de escola particular, acho que eu *ocupe*i aqui com vocês, acho que estou tentando fortalecer o máximo e acho que eu deveria poder continuar, mas são vocês que decidem se eu fico ou não.” E todo mundo falou “não, tranquilo, você está *na luta* com a gente.” Mas tinha já esses rumores da mídia, que sempre vai falar contra o *movimento*, falando que eram pessoas de fora da escola que estavam *ocupando*. Por exemplo, que era “o PT *ocupando* a escola para usar como ferramenta política”. E aí a gente falou assim: “*meu*, se a polícia entrar aqui e a gente for preso, vão falar assim ‘como assim a *mina* de escola particular está aqui *ocupando* a escola dos outros’”. Aí, eu não queria sair, mas forçadamente tive que ir, meus pais insistiram muito. [Pausa.] Então fiquei do lado de fora e na sexta-feira, quando a gente... ..foi uma coisa que... acho até que foi uma coisa meio do destino, foi uma imagem *muito loka* na minha cabeça e é até hoje: um monte de gente batucando na nossa cabeça o dia inteiro, a noite inteira, lá na frente do Fernão.

Deveria ter umas, sei lá, cem pessoas lá na frente. A galera lá dentro super cansada, mega preocupada e fazendo *assembleia* o tempo inteiro. Decidindo se eles iam continuar *ocupando* ou não porque sabiam que às oito horas da noite iria acabar o prazo p’ra gente sair da escola, passadas as vinte e quatro horas desde que a gente recebeu a intimação p’ra sair; e aí era cinco p’ras oito e chegou a Bebel, que estava lá na frente, e anunciou que a APEOESP conseguiu barrar a reintegração de posse. Naquele momento foi uma loucura, todo mundo começou a gritar mega feliz, batucando, dançando, cantando, tudo. A galera lá dentro ainda teve o bom-senso de fazer um jogral e falar: “não, quem barrou a reintegração foi a *luta dos estudantes* e tudo o mais; a APEOESP ajudou, mas o *movimento* é autônomo” e tudo isso. Assim que eles acabaram o jogral, caiu a maior chuva. Fazia, *mano*, semanas que não chovia. Caiu uma chuva bizarra que durou, *meu*, horas. Essas tormentas de verão superpesadas. Todo mundo que estava lá na frente teve que correr p’ra algum lugar, ir embora ou se refugiar, mas estava bem. A polícia teve que sair e a gente conseguiu entrar na *ocupação*. Um monte de gente que estava do lado de fora, gente do Fernão e de outras escolas, entrou na *ocupação*, eu entrei também. E aí que começou mesmo. [Pausa.] Nessa sexta-feira [13 de novembro de 2015] já havia sido *ocupado* o que? O Allende já tinha sido *ocupado* também; mais umas oito escolas, não lembro, mas algumas escolas. A gente falou “*caraca*, as pessoas estão se *organizando* mesmo”. E foi aí que a *luta* foi mesmo. *Na real*, o que sempre falo é que o ano novo para mim em 2015 não foi dia 31, foi o dia 10 de novembro; que, *mano*, foi quando a gente *ocupou* e desde esse dia minha vida mudou drasticamente, virou outra coisa totalmente diferente. [Pausa.] P’ra falar a verdade, que eu me lembre, foi nesse dia (talvez no máximo no dia seguinte) que a polícia saiu mesmo. Não vou lembrar a data, talvez o Dias lembre. Mas foi assim: quando a polícia saiu, foi outro clima. Um monte de gente entrou, eu consegui entrar também novamente. A partir desse momento a gente falou “*tá, mano*, então o bagulho é sério”. Foi muito surpreendente que o juiz que estava responsável pelo nosso caso soltou uma nota extremamente favorável. Falou que era no nosso direito, que ele entendia que a *ocupação* era uma manifestação política (bom, eles nunca usam “político” porque eles ligam à política partidária), mas que era uma manifestação, uma reivindicação que era válida e como assim que o *Estado* queria fechar noventa e quatro escolas. [Pausa.] E aí, um monte de gente conseguiu entrar e a gente conseguiu manter praticamente o tempo inteiro. Acho que uma pessoa que entrou não era *secundarista*, mas, sim: acho que todas as pessoas que estavam lá dentro eram *secundaristas*, de várias escolas diferentes em um primeiro momento e muitas do Fernão. Mas depois que as

peessoas foram *ocupando* suas próprias escolas elas foram indo para outros lugares. Mas a *galera* que não conseguiu *ocupar* sua própria escola ficou lá também. E aí foi que a gente falou, “*meu*, agora a gente precisa fazer *bombar* mesmo”. [Pausa.] E aí, nessa semana, O Mal-Educado tinha crescido no número de curtidas, assim, absurdamente. Eu não vou saber quantas, mas vamos chutar que antes da *luta* tinha, assim, cinco mil, acho que menos. E agora tem setenta e oito mil curtidas. Então, *meu*, cresceu bizarramente muito. Porque também os nossos manuais estavam em todos os lugares. Em todas as escolas tinha o “Como ocupar um colégio?” e tinha o *link* d’ O Mal-Educado. [Pausa.] O Mal-Educado também serviu muito como um jornal articulador da *luta*. As pessoas *colavam* nas *ocupações*, a gente *colava*, a gente recebia muito material, muita, muita mensagem, a gente recebe até hoje as pessoas falando “na minha escola está acontecendo tal coisa, isso, x”. Então as *ocupações* também foram muito divulgadas por esse meio. A única outra página que é maior que a gente é o *Não Feche Minha Escola*, que é ligado ao Juntos, do PSOL. E que também cresceu bastante nessa época. [Pausa.] E foi aí que começou realmente, as escolas começaram a ser *ocupadas* massivamente. A gente entendia a necessidade de articular o *movimento*. Então, por um lado, a *ocupação* traz uma coisa que é muito nova e que... Eu li um artigo esses dias no jornal, de uma entrevista que tinham feito inclusive comigo e com outras pessoas, que achei bem interessante. A gente estava reclamando muito. Duas coisas que a gente falava: “ah! é absurdo que o governo diga que fechar noventa e quatro escolas é uma medida pedagógica que vai melhorar a educação.” Porque essa era a *linha* discursiva do *Estado*. E fizeram todas aquelas pesquisas super estranhas, que depois a gente descobriu que era tudo meio farsa de dizer “ah, os alunos de ciclo único têm um rendimento 10% maior” e a gente *sacava* que tudo aquilo era muito balela. Eles queriam cortar gastos e isso estava muito claro p’ra gente. [Pausa.] E outra coisa que pegaram muito e, por um lado, avalio que é bem verdade, é que eles iam fazer isso sem nenhum tipo de diálogo. Então eles iriam fechar as escolas que eles achavam que tinha que fechar. E as pessoas que estavam lá desde sempre teriam que se virar, muitas vezes teriam que ir para uma escola mais longe da própria casa. Tinha aquela *fita* de que os pais teriam que levar os filhos para duas escolas diferentes. Isso não dá, não dá, a grana não dá e tal e tal coisa. Então, o que eu vi, que eu li nessa matéria, foi isso: se os alunos estavam tão indignados com a falta de diálogo do *Estado*, então, o que é mais surpreendente é que eles conseguiram articular um *movimento* que proporcionou a maior quantidade de diálogo possível. Então não era nem a nossa intenção, mas isso era algo que estava no *movimento*, *assim*, eu nunca tinha parado p’ra

pensar nisso, toda a falta de diálogo que o *Estado* estava demonstrando, estava todo esse diálogo nas *ocupações*. [Pausa.] Então, é um espaço de convivência que é *muito loko*. Você convivendo com seus amigos, a maioria das pessoas eu não conhecia e virei amiga depois, você está morando com as pessoas, com adolescentes, na verdade, que têm toda essa ideia de “ah, não conseguem se *organizar*, não conseguem fazer nada”; e do nada a gente tinha que cuidar da nossa casa, que era uma escola. A gente também não poderia fazer qualquer coisa, mas era o espaço que a gente sempre quis ter acesso, sempre quis fazer as coisas do nosso jeito e então a gente podia. Ninguém poderia virar e falar “vocês não podem fazer isso”, só a gente. [Pausa.] Então, *meu*, a questão das *assembleias* para mim é muito, muito simbólica. Toda e qualquer decisão importante que aconteceu dentro de uma *ocupação* poderia passar por qualquer pessoa, *assim*. A gente fazia *assembleia* todos os dias. Em alguns momentos de necessidade maior a gente chegou a fazer até duas por dia e elas duravam horas. A gente fez *assembleia* de oito horas várias vezes. Varando madrugada, das dez da noite até de manhã *na reunião* e depois tinha que arrumar a *ocupação*, fazer jantar e comer. Então, a gente cresceu em um nível de maturidade *muito loko*. Saber conviver com pessoas que são tão diferentes de você, que são seus amigos, mas você não está lá só para morar com elas, se não era tranquilo também “ah! vou morar na *ocupação*, a gente faz umas regras e acabou”, mas não se perder nas questões *organizativas*. Acho que foi um dos primeiros aprendizados que a gente teve. Além de lidar com a polícia e a mídia, tudo isso: como é que a gente *toca* uma *ocupação* que demanda muito esforço? Por que as pessoas pensavam que a gente que ficava lá dentro eram “os vagabundos da *ocupação*”, “ficam lá dentro, não têm aula, não fazem *p. nenhuma* o dia inteiro”. E não era assim. Era um nível de *organização* muito grande para conseguir, *meu*, cozinhar para todo mundo que estava lá. Eram muitas pessoas, tinha gente que não podia dormir, então, passava o dia. Tinha dia que passava mais de duzentas pessoas na *ocupação*, tinha que limpar a *ocupação*, *organizar* as atividades que a gente fazia, as *assembleias* e – mais que isso – a gente tinha que pensar o *movimento mais amplo*, né. Uma das bandeiras muito grandes que a gente teve era “a gente não está *lutando* pela nossa escola, a gente está *lutando* contra a precarização do ensino público de modo geral”. Era uma coisa que p’ra gente era muito claro. Então, eu não vou *ocupar* a minha escola p’ra minha escola não fechar porque a minha escola pode até não fechar, mas eu vou *ocupar* porque o sistema inteiro educacional está totalmente equivocado e a gente precisa se manifestar contra isso, de maneira unificada. [Pausa.] Então, a articulação do *movimento das ocupações* foi muito importante e foi muito difícil p’ra

gente dar esse passo. De não ficar... Às vezes a gente ficava três horas na *assembleia* falando sobre *organização* da cozinha e a limpeza e tudo o mais, que era muito importante. Mas as pessoas idealizam demais. Não era perfeito. Era muito difícil. Era muito difícil fazer as pessoas participarem das *assembleias*. Ainda mais no começo. Elas eram bem cheias, mas... é isso, né, a nossa vida inteira a gente não é ensinado a se *organizar* sozinho, ainda mais no *movimento político*. A gente é ensinado a depender ou, sei lá, a *tocar* suas coisas sozinho ou não fazer as coisas. Então, ter a noção de que você precisava se *organizar* sozinho p'ra *tocar* qualquer coisa foi muito importante. Eu parei de ser tímida nas *ocupações*, pois você era obrigado a conversar e a articular com as pessoas, você era obrigado a lidar com as pessoas, qualquer tipo de pessoa. E aparecia, assim, gente *muito louca*, aparecia gente oportunista de vários *partidos* [políticos] diferentes, aparecia pai, aparecia advogado, jornalista e você tinha que saber lidar com todo mundo, era um imperativo. [Pausa.] A gente tinha que decidir as coisas no coletivo, fazer essas *assembleias* longuíssimas, porque não importava o que você achava melhor, você tinha que decidir as coisas junto. Você tinha que convencer as pessoas que a sua ideia era melhor ou perguntar p'ras pessoas o que elas achavam quando você estava perdido. [Pausa.]

3.2.1 Junho de 2013 e o *movimento dos secundaristas*

MISS BROWNE — Tem uma coisa que eu acho fundamental para entender o *movimento dos secundaristas* e acho que está bem relacionado com o que isso tem a ver com junho de 2013: é essa questão de um *movimento* autônomo, horizontal e apartidário. Então, quando você não tem o que a gente vê muito nessas *organizações centralizadas*, de qualquer tipo, mesmo que não seja um *partido*, muitas *organizações* que têm esse caráter de serem hierarquizadas. Mesmo se você for ver em um *partido político*, você vai ver que tem um comitê central ou uma direção, alguma coisa assim. Que é quem vai elaborar as *políticas*. Você participa de alguns debates, mas quem vai *tirar a linha* são essas pessoas e tem que concordar, você está lá por causa disso. Quando você está dentro de uma *ocupação* não era assim. É uma coisa que a gente fez muita questão no começo, tanto que a faixa que o G.A.S. levava para os *atos* era “Estudantes pelos estudantes”. A gente estava muito cansado de ouvir *sindicato*, *partido*, *entidade*, tudo isso que não representava a gente. A gente deixou isso bem claro: nenhuma *entidade* dessas (UMES, UBES, UPES, UNE, nem a APEOESP, nenhuma dessas *entidades*) realmente representava a gente. A

gente teve que fazer um *movimento* contrário a isso, que era *organizar os estudantes pela base*. Como a gente leva essas discussões para as pessoas e decide as coisas coletivamente? Quando você não tem um líder em uma *ocupação*, você tem que articular as coisas. É uma questão bem importante isso porque de um dia para o outro as pessoas se viram defrontadas com essa questão, que é: você tem que *pensar politicamente*, não sozinho, mas você tem que pensar. Ninguém vai virar e falar “ó, faz isso” e você “ah, tudo bem”. [Pausa.] E aí tem vários lados disso. Por um lado, isso é extremamente real. O *movimento* não tem nenhum tipo de liderança, não tem cargo algum, não tem presidente de *ocupação*, não tem cargo algum. As *assembleias* são o que a gente fala: “as *assembleias* são soberanas”. A *assembleia* é o espaço máximo de decisão das *ocupações*. Quando você está lá tem que colocar tudo no jogo. Tem que virar e falar “ó, estou preocupada com tal coisa, acho que tem que mudar tal coisa”. Lidar com seus erros e os erros das pessoas. Que são pessoas extremamente comuns, óbvio. Então, como você lida coletivamente com isso sabendo que aquele espaço é muito desgastante? Pois demanda muito tempo, muita energia, muita energia. Tem que estar *pensando politicamente* o tempo inteiro. E *organizativamente* também. Você não pode simplesmente largar a *ocupação* e *tocar* outra coisa em outro lugar e esquecer que você está lá. Você está lá. Você está em uma *comissão*. A gente se *organiza* em *comissão* de limpeza, alimentação, segurança... Lá no Fernão, a gente tinha *comissão* de informação, que era a que eu participava, era bem pequena, tinha até uma sala, era sensacional. A gente era responsável pela circulação das informações dentro da *ocupação*. Então, se havia uma decisão que tinha sido tomada em *assembleia*, então, todo mundo tinha que estar na *assembleia*. Mas às vezes as pessoas não podem naquele horário e tudo mais. Então, a gente tem que garantir que todo mundo que estiver lá dentro saiba de tudo o que está acontecendo lá dentro e nas outras *ocupações* em geral. [Pausa.] A gente tinha uma sala que tinha a lista dos nomes de todos que estavam em cada *comissão*. A gente pegava todo dia jornal que tinha notícia das *ocupações* e colocava lá. Tinha uma lousa gigantesca, que eu demorei horas para fazer, que era com todas as escolas *ocupadas* e, sei lá, parou no oitenta porque a lousa acabou. A gente tentava muito fazer isso chegar para dentro, inclusive, para romper a barreira de o que é uma *ocupação* e o que é um *movimento*. Pois é muito fácil se perder nas questões *organizativas* internas. E tínhamos que ter sempre a dimensão de que o *movimento* era muito mais do que o Fernão. [Pausa.] Nesse sentido, a gente não tinha nenhum tipo de lideranças. Mas também a gente tem que acabar com essa romantização de que então “todas as pessoas eram iguais completamente” porque as

peessoas carregam experiências políticas, elas têm mais ou menos experiência política com isso, elas têm às vezes uma rapidez um pouco melhor de análise de conjuntura. E essas coisas influenciam. Não quer dizer que tivesse alguém que virasse e falasse “vamos fazer isso e acabou, ninguém vai discutir”. Tudo passava por *assembleia*. Mas a gente sabe que algumas pessoas acabam sendo o que a gente sempre fala de *lideranças informais*. Ao mesmo tempo que é um problema, é uma coisa real e a gente tem que saber lidar com isso. [Pausa.] E como que eu vejo isso, como eu me encaixo nisso? Ao mesmo tempo que eu estava *ocupando* o Fernão, eu também sou d’O Mal-Educado e já era naquela época, como te falei. Então eu vejo que O Mal-Educado foi um espaço de articulação, de *pensar a política* para a *luta* que foi muito importante. Assim como tem outras *organizações*, por exemplo, Território Livre. Na cartilha de princípios deles tem sobre *ocupação de escolas* e universidades, os “territórios livres” que eles falam. Era um *movimento* que passou a ser minimamente influente na *luta*, mas ele não tinha muito dessa articulação com os *secundaristas*. Quem realmente levou a bandeira de *ocupar* a escola foi O Mal-Educado. Quem tentou levar essa ideia até que ela fosse concretizada foi O Mal-Educado. E não quer dizer que a gente é melhor, a gente isso ou aquilo. Não. Quer dizer que é uma *galera* que se reunia e que conseguiu *tirar a política* mais acertada naquele momento. Se a *galera* naquele momento não quisesse *ocupar escola*, a gente não teria *ocupado*. A gente estava sempre nessa tarefa de elaborar os passos do *movimento*. [Pausa.] Então, uma hora a gente focava em articular os *atos regionais* nas escolas para tentar trazer mais gente p’ra *luta*. Tudo bem. Mas então tem que ver o que o *movimento* precisa, o que o *movimento* quer. A gente sempre funcionou nessa *linha* de fazer as reuniões e tentar levar bastante *secundarista* (tinha bastante na época), mas também *universitários*. Naquela época acho que era quase metade, tinha mais *universitário*. Mas como a gente pensa uma análise de conjuntura, pensa uma *linha política*, tenta levar para outras pessoas ver se elas acham isso *da hora*. [Pausa.] Eu avalio que deu muito certo na questão das *ocupações*. Mesmo lá dentro você tinha que entender que havia muita gente interessada no *movimento*, mas não tinha muita noção de quão importante era aquilo ou de como você iria pensar aquilo. A gente sempre colocava muito abertamente: “ah, a gente acha que tal ideia é mais interessante”. Por exemplo, quando a gente *pautou* o boicote do SARESP. [Pausa.] Era uma coisa que já aconteceu em muitas escolas. Tinha uma *galera* que era da ETESP e era d’O Mal-Educado. Na ETESP tem um histórico de boicote ao SARESP. A gente viu que era o momento de tentar usar essa *luta* para tentar massificar as *ocupações*. A gente viu que teve um esgotamento da *tática dos atos de rua*, que não conseguiam atingir a *pauta*.

E as *ocupações*, parece que chegou um momento que elas tinham se estagnado. A gente avaliou que, mesmo se não fosse uma coisa tão grande, valia fazer um boicote ao SARESP. Então, virar e falar “boicote o SARESP e *ocupe* a sua escola no dia p’ra prova não acontecer”. Como todo mundo sabia o que era o caráter do SARESP, e para quem não sabia a gente fez o panfleto, então, a gente levou essa ideia para o Fernão, por exemplo, e falou: “*mano*, vamo’ tentar fazer isso?” E todo mundo *pirou*. Todo mundo falou: “vamo’!” E aí a gente foi falar com as pessoas e... *é louco*, né. No primeiro dia do boicote ao SARESP (são dois dias a prova) teve quarenta escolas *ocupadas*. Em um dia só. No estado inteiro. Então é sempre nesse sentido: a gente nunca vai virar e falar “ó, vocês têm que fazer isso”. A gente tenta colocar as ideias e ver se isso tem aderência no *movimento*. É tentar sempre olhar para o *movimento* e tentar propor coisas. Errando e continuando. [Pausa.] Então, também tinha bastante disso. Ainda mais no Fernão, que era uma escola que teve muita visibilidade na *luta*. Teve muito essa *pegada* de “as coisas que o Fernão fazia reverberavam p’ra outras *ocupações*”. Foi assim quando a gente se organizou em *comissões*. Foi assim quando a gente aparecia na mídia falando a forma que a gente tinha *ocupado*, como a gente se *organizava* lá dentro, o que a gente acha. As pessoas olhavam (porque tinha muita resposta na mídia, no *Facebook* sim, mas em outros lugares também) e viam como se espelhar nisso também. [Pausa.] Essa questão da *horizontalidade* é muito interessante porque *botou* a galera para pensar. Falou “ó, vocês aí dentro estão sozinhos, *mano*”. Tudo bem, o *movimento* é grande, mas ninguém vai *tocar a luta* por vocês. Não vai chegar um professor e brigar com você porque você está subindo na mesa e ela pode quebrar ou qualquer coisa. Você tem que parar, ir lá ver as coisas e criar as próprias regras. Isso foi... foi... foi maravilhoso, foi muito bom poder criar coletivamente as regras que vão ser seguidas em um espaço que é coletivo. [Pausa.] Aquilo que antes era a escola – um espaço totalmente fechado, totalmente alienado mesmo (no sentido de estar separado) do que eram as nossas vontades, os nossos desejos, as nossas compreensões da realidade – eram regras totalmente separadas do nosso jeito de enxergar o mundo, um espaço extremamente disciplinador, maçante e realmente opressor. Inclusive, falando fisicamente, é um espaço em que você passa seis horas por dia sentado em cadeira tendo que comer comida horrível, obedecendo professor e não podendo fazer isso, não podendo fazer aquilo, sendo obrigado a fazer tal e tal coisa. Naquele momento em que a gente se defrontava com várias necessidades de *organização*, a gente era obrigado a fazer tal e tal coisa. Tudo bem. Então, tá. A gente tem que lavar a cozinha tantas vezes por semana, a gente tem que lavar a louça todo dia. A gente tem que

cozinhar, limpar, tal, tal, tal. Tudo bem. Então, a gente tem que criar as nossas próprias regras, a gente vai precisar de regras, vamos ter que lidar com elas, mas a gente vai ter autonomia de o que criar. [Pausa.] Acho que uma experiência que nunca vou esquecer também é que nos primeiros dias de *ocupação* algo que era até enlouquecedor era que tocava o sinal da escola, a gente não tinha conseguido desligar. Todas as horas o sinal tocava, de uma em uma hora. Aquilo que antes era um sinal bizarro (um sinal de prisão dizendo “você tem de sair de tal lugar e ir para tal lugar, fazer tal coisa”), a gente aplaudia, *mano*. Toda vez que tocava o sinal significava uma hora a mais que a gente tinha ficado na *ocupação*. Toda vez que tocava o sinal (não importava onde você estivesse) as pessoas gritavam, não conseguiam conter a felicidade de perceber que elas estavam lá mais uma hora. Então, até o sinal, que era o símbolo máximo de disciplina dentro da escola, virou uma coisa p’ra ser festejada quando era um espaço realmente pensado coletivamente. [Pausa.] Foi realmente emocionante poder pegar aquele espaço mesmo com muitos erros de *organização* interna que a gente sabia que precisava lidar. E a responsabilidade que era isso. A gente tinha noção de que as pessoas estavam olhando para o Fernão muito. Era uma *ocupação* que estava muito marcada na mídia o tempo inteiro. Muitos, muitos, muitos *secundaristas* iam lá antes de *ocupar* as escolas fazer reunião com a gente. Era maravilhoso, chegava um *bonde* de vinte *secundaristas* e falava “*meu*, a gente quer *ocupar* também”. Tinha dia que iam vinte escolas diferentes conversar com a gente. A gente falava, “*meu*, a gente faz aqui assim e vocês não precisam fazer desse jeito, mas aqui está dando certo, tem tal e tal problema”. Conversávamos francamente sobre o que estava acontecendo. [Pausa.] As regras, que normalmente pareciam não ter muito sentido, estavam lá muito claras, porque tal coisa podia ser feita ou não podia ser feita. Se não dava certo, a gente ia lá na *assembleia* e tentava aprovar outra coisa e mudava e tudo mais. [Pausa.] Vou fazer um repaginado que eu acho que seria bem diferente do que outros *secundaristas* vão falar e também para falar um pouco de mim. Essa questão da *horizontalidade* é muito interessante. Eu acho que é um princípio do *movimento* que eu acho bem interessante de analisar. A gente vive em um mundo que é muito *hierarquizado* no sentido em que os *secundaristas* lidam muito com isso na sala de aula. [Pausa.] Até antes de junho de 2013, acho que dá para colocar melhor, mas para os *secundaristas* ainda mais até o ano passado [2015], e mesmo hoje [2016] tem muito uma fala de que a *juventude* é acomodada e não faz nada, não está nem aí, só consome, só fica na *Internet* o tempo inteiro e não está nem aí, não presta atenção na aula, não está nem aí p’ra escola. E no *movimento* do ano passado [2015] a gente mostrando o quanto havia de uma

autonomia incrível em relação aos nossos pais, nossos professores, das *organizações* “dos adultos”, se a gente poderia dizer, da *galera* mais velha; dos *universitários*, que é quem normalmente *pulla* esse tipo de mobilização. [Pausa.] Mesmo mostrando tanta autonomia, tinha gente que tentava tutelar a gente: “olha! os *secundaristas*, estão fazendo tal coisa, mas... ah! eu acho que vocês tinham que fazer isso, isso e isso, tal.” O que é um discurso bem contraditório. Ninguém botava fé que a gente ia conseguir se *organizar* sozinho. Uma das coisas que a gente viveu foi que vários professores (de uma teoria mais libertária sobre como deveria ser a educação, uma coisa mais livre) ficaram emocionados, ficaram orgulhosos. Vários iam às *ocupações* e falavam isso para a gente, pois tem muito essa relação que a gente questionou bastante na ocupação “ah, o professor é a autoridade máxima dentro da sala de aula; ele que é detentor do conhecimento; e os alunos são cabeça vazias que estão lá p’ra serem preenchidas e p’ra serem disciplinadas para o mundo do trabalho.” Então, eu entendo educação como um processo bem diferente disso. Obviamente que os professores podem ter muito mais experiências e conhecimento, no sentido mais tradicional da palavra. Foram para a faculdade, leram mais, estudaram mais, mas é o conhecimento de uma pessoa. Dentro das *ocupações* a gente levou muito o modo de viver da gente. A gente fazia atividade formativa, a gente fez muitas, muitas, com *n* formatos. A gente teve *show*, a gente teve oficina de dança, de teatro, a gente teve aula de história, aula de matemática. Teve *ocupação* que teve aula de vestibular, mas eram umas aulas em uma dinâmica muito diferente. A gente buscando, a gente tentando *pautar* o que a gente queria aprender dentro da escola e *organizando* a sala junto com quem estava dando aula p’ra gente. A gente fica muito incomodado com essa questão do sistema educacional que é extremamente tradicional e quadrado, que a gente só recebe as coisas. E a gente tem que obedecer, tem que fazer aquilo porque alguém decidiu que aquilo é melhor. Então, as matérias que a gente tem na escola são extremamente quadradas e pensadas em um formato totalmente tradicional do conhecimento, né. Então a gente entendia que... por exemplo, as *ocupações*, elas foram... eu não gosto de usar a palavra “cidadania”, eu acho que é meio... *tosco* porque não acho que é a noção de cidadão, mas de... a noção de que somos *atores políticos*. Acho que as *ocupações* foram um grande aprendizado p’ra gente aprender a pensar e mostrar que a gente tinha muito mais conhecimento do que, por exemplo, vários dos nossos professores em certo sentido, né, nesse sentido de *atuação política*, de muita gente que nunca participou de nenhuma mobilização desse tipo, então, é... isso é um aprendizado que a gente não teria na escola, a *atuação política*, reivindicação de *pautas* que a gente considera fundamentais,

necessárias. Então... [Pausa.] A gente não aprende na escola a decidir as coisas coletivamente numa *assembleia*, a gente não aprende a ouvir o outro e entender o que o outro está falando, a gente não aprende a argumentar, a gente não aprende a fazer uma análise de conjuntura. Na aula de história, nas escolas estaduais, a gente nunca vai virar e, *tipo*, ver como é que “ah! tal *movimento* junto com aquele outro...”, *tipo*, é uma coisa extremamente quadrada de... o professor fala que é desse jeito, você não pode questionar, você não pode dizer o que você acha, colocar sua opinião. Contra-argumentar com professor é... desacato praticamente, né, quando você vai discutir com um policial você está “desacatando a autoridade do policial”. Essa noção de autoridade que a gente questionava muito, né. É... [Pausa.] Então, chega alguém aqui na escola, fala que sabe mais que a gente, que sabe o que é melhor p’ra gente, que pode decidir no nosso lugar o que é melhor. Tá, tudo bem, a gente sabe que é óbvio que as pessoas têm mais experiência, passaram pela *juventude*, mas... [Pequena pausa.] É... [Nanossegundo de pausa.] A gente acha que a gente constrói conhecimento de forma coletiva, né. A gente... [Respiração.] A gente... [Respiração.] A gente tem muito a dizer e as pessoas nunca acharam isso, achavam que a gente não sabia nada da vida, que a gente ficava só no *Facebook* e a gente mostrou que, *meu*, mesmo no *Facebook* a gente não fica só compartilhando bobagem. A gente, *mano*... [Pausa.] Uma grande... [Pausa.] Uma ferramenta essencial p’ro nosso *movimento* foi o *Facebook*, *sabe*. *Tipo*, não ia ter *ocupação* se as páginas não estivessem compartilhando que tinha *ocupação* e que tinha que ser *ocupado* e explicando, por exemplo, o que era realmente que estava por trás da Reorganização, né, o que era o corte de gastos, o que é o sucateamento da educação. Então... [Pausa.] Quando... [Pausa.] Uma coisa que é muito forte, né, que eles falavam p’ra gente... [Pausa.] Quando a gente ia às Diretorias de Ensino criticar a Reorganização e mesmo na Secretaria de Educação, eles falavam “não, a gente vai fazer uma dia” (dia 14 de novembro, inclusive, estava marcado, que era um sábado) “um dia que os pais iriam à escola p’ros diretores explicarem o que ia ser o programa da Reorganização”. A gente falava, “ó, primeiro vocês estão falando com os nossos pais que, tudo bem, tem que falar com eles também, mas e a gente? *Sabe*, a gente que está aqui vivendo todo dia essa realidade, vocês ignoram totalmente como se a gente fosse... um bicho mesmo, né, que, *tipo*, não pudesse falar, não pudesse pensar, não pudesse refletir sobre isso. E outra: a gente não quer que vocês expliquem a “Reorganização”, a gente sabe o que é, a gente sabe isso, é uma precarização do ensino, a gente sabe que isso é corte de gastos, a gente sabe que a função da escola pública hoje é produzir mão de obra barata p’ra trabalhar na empresa, p’ra trabalhar, *mano*, na

construção civil, a gente sabe que o objetivo de vocês não é realmente dar conhecimento p'ra gente. Na verdade, como eu vejo, a escola é simplesmente um grande disciplinador de pessoas, né. O que eles buscam e de certa forma conseguem é essa questão da disciplina mesmo. Então *cê* tem que chegar em determinado horário, *cê* tem que respeitar uma autoridade, que hoje é seu professor, amanhã vai ser seu patrão, *cê* tem que seguir as regras, *cê* tem que produzir determinada quantidade de trabalhos, de lições, *cê* tem que passar periodicamente por avaliações, que vão dizer se você está dentro dos padrões ou não. Se você está fora dos padrões, *cê* está marginalizado, né... na escola, no seu trabalho. Se você não consegue cumprir uma meta, você vai repetir de ano, se você não consegue cumprir uma meta, *cê* vai pegar recuperação, você vai ser punido. Então, é exatamente a lógica do mundo do trabalho. A gente sabe que se tem uma coisa que a escola serve é p'ra disciplina. E... [Pausa.] E a gente falava, né, “*meu*, que absurdo vocês que falam que educação se faz dentro da sala de aula, porque o que menos se faz dentro da sala de aula é você construir conhecimento, você aprende a... a abaixar a cabeça e falar ‘tudo bem’ e cumprir a sua *quota*”. Então, essa questão da *horizontalidade* era meio isso, né. Inclusive, professores que... do próprio Fernão, por exemplo, que iam lá fazer aulas, dar aulas p'ra gente, não era *dar aula*, era *fazer formação* junto com a gente; sentavam em roda ou mesmo que não fosse em roda, tanto faz se é em roda ou não, mas construir a aula junto com a gente, *tipo*, realmente prestavam atenção no que a gente queria falar, falavam o que eles achavam e a gente falava o que a gente achava, né. Então... [Pausa.] É... [Nanossegundo de pausa.] É essa noção de que as pessoas têm experiências diferentes, em campos diferentes de... [Respiração.] De... [Nanossegundo de respiração.] *N* jeitos e... [Respiração.] E... [Nanossegundo de respiração.] E não tem ninguém que possui uma autoridade maior ou menor do que qualquer outra. *Assim*, se você quer ser respeitado, se você quer ter algum tipo de... eu não chamaria de “autoridade” porque eu acho que essa palavra é meio sem sentido, né, mas pode ser até... [Pausa.] Não é sendo autoritário e dando menos p'ras pessoas que você vai conseguir, né... [Pausa.] É... [Pausa.] Vamos lá, então, vai lá na *assembleia* e fala o que *cê* pensa, tenta convencer as pessoas, faz a sua parte, né, *tipo*, faz a sua tarefa, todo mundo. Ninguém na *ocupação* não tinha a sua função p'ra fazer as coisas, não tinha um líder que delegava ou, mesmo se a gente for pensar na lógica do sindicato, não tinha ninguém que era *liberado* das suas tarefas, do trabalho, que se afastava totalmente do que eles chamam de *base*, né, que também já é uma linguagem deles, né, *tipo*, se divide... [Pausa.] Nos *movimentos políticos* *cê* divide a *dirigência* da *base*, então são duas coisas, duas esferas separadas; mas, não, *mano*. Quando a gente

estava lá, os próprios alunos, a gente, se *organizando* p'ra *ocupar* as nossas escolas e... E todo mundo tem que cumprir uma tarefa. Se você quer ser respeitado, você tem que saber o que *cê* tem que fazer e depois *cê* propõe uma coisa a mais, mas não adianta você chegar lá achando que você é melhor que os outros, que você é superior, que você é mais inteligente etc. É isso, né. Diretores das escolas, que são as autoridades máximas, são totalmente separados da realidade dos alunos. Eles não têm a mínima noção do que é a vida das pessoas e eles não querem ter, então, a escola não é um espaço que você vai lidar com os sentimentos das pessoas, vai lidar com a realidade delas, mas vai simplesmente impor coisas de cima p'ra baixo, que é muito o que os *partidos* políticos fazem, né. Então, o que (pelo menos alguns *movimentos*) vão virar e falar é *burocratização*, é essa separação da *dirigência* da *base*. Não acho que é essa a questão porque se *cê* está militando num *movimento autônomo*, se *cê* estava militando no *movimento secundaristas*, por exemplo, *cê* nunca vai estar separado da *base*, *cê* 'tá estudando na escola, *cê* 'tá vivendo aquele cotidiano. Quando *cê* 'tá se *burocratizando*, *cê* 'tá, *tipo*, se afastando daquela realidade, *cê* 'tá... [Pausa.] *Tipo*... [Respiração.] A gente fala, "*cê* tá *chapando nas ideias*", né, *cê* tá achando... [Pausa.] fazendo uma análise que não condiz nem um pouco com o que aquelas pessoas estão pensando, então... [Pausa.] Não basta você ter um cargo, você ter um cargo numa escola, numa *secretaria*, num *partido*, numa *organização*, que vai dizer se você é mais competente ou menos competente que as outras pessoas p'ra fazer qualquer coisa. Todo mundo tem direito a falar o que pensa e direito a decidir coletivamente o que vai ser feito. [Pausa.] Então, por exemplo, quando a gente criou... [Respiração.] e pode ter muitos defeitos, que a gente pode falar mais p'ra frente, mas... quando a gente criou o Comando das Escolas Ocupadas, né, que hoje chama Secundaristas em Luta de São Paulo, era nesse sentido. A gente... [Pausa.] Duas coisas que a gente pensava... uma delas é que a gente não podia deixar nenhuma *entidade* falar em nome dos *secundaristas*. Se a gente não se sente representado pela UMES, a UMES não pode negociar se a gente vai sair ou não da *ocupação*, ela não representa a gente, ela não tem nenhuma autonomia para falar isso. A gente, nesse sentido, e aí engatando para o segundo ponto... a gente precisa pensar a *luta* de forma unificada e fazer com que os próprios alunos decidam como são os rumos do *movimento*. Então era isso. Tinha as *assembleias* dentro de cada escola, a gente criou uma *assembleia conjunta*. Com muitas limitações, realmente, muitas. E algumas por erros que a gente cometeu, mas também por questões físicas mesmo, *sabe*. O *movimento* que estava acontecendo de maneira mais concentrada em São Paulo e acabava *dando a linha* para o interior porque não tinha como a gente fazer uma reunião com a *galera* de... sei

lá... São José dos Campos junto com a gente, *assim, tipo*, era muito grande, era muito grande, muito amplo. Mas sempre nessa ideia de que a gente tem que decidir coletivamente o que vai fazer, então, vamo' lá, vamo' trocar ideia, todo mundo junto, do que a gente acha que tem que ser feito. E todo mundo pode ser ouvido. Não tem uma pessoa que vai virar e falar “não, eu sei porque tal coisa”. Não *mano, cê* tem que ver que se a sua ideia for boa, *beleza*, quer dizer que *cê* tá pensando bem, mas não quer dizer que *cê* tem um privilégio em relação a alguém. E a gente cansou de muito ser tratado desse jeito, então... é... acho que... *nossa!* tem muita coisa p'ra falar disso, esse é um tema muito interessante, né. [Pausa.] E aí fazendo uma ponte. É outro jeito de *pensar política* eu acho. E aí falando... comentando as coisas mesmo... pensando pel' O Mal-Educado e que relação isso tem com o MPL também, a relação que isso tem com um *movimento* que a gente chama de *movimento autonomista*, e o que tem a ver com isso? Historicamente, né. Tem muito a ver com fazer uma crítica do que era a *burocracia* na União Soviética e o que era ter um comitê central do Partido Comunista, que vai determinar como que todo mundo vai viver na União Soviética, é uma coisa bizarra. Tanto que a falta de democracia é uma das coisas que a gente avalia que é uma das coisas que desestruturou realmente a União Soviética e... [Pausa.] Como é que você repensa isso pensando que as pessoas que estão vivendo as coisas... e aí tem muito a ver com a gente... quem está vivendo aqui tem completa autonomia p'ra conseguir pensar sobre isso e propor coisas sobre isso. Tudo bem, não quer dizer que *cê* vai decidir sozinho o que *cê* vai fazer, o que o *movimento* vai fazer. Mas se você está lá naquela realidade *cê* não pode subestimar as pessoas que estão vivendo aquilo. *Cê* não pode virar e falar que os alunos não têm autonomia p'ra pensar o que eles acham porque eles tal, tal, tal, tal. Não, *meu*. A gente está vivendo aquela realidade, a gente sabe quais são os problemas da escola, a gente sabe o que é esse projeto [da “Reorganização Escolar”], a gente consegue se *organizar* entre a gente para decidir o que a gente vai fazer. Acho que é mais ou menos isso, né.

CARUSA — Miss Browne, você poderia falar um pouco sobre o que a inspira para estar *na luta*.

MISS BROWNE — Essa é uma pergunta interessante, né, é bom falar da gente também, né, ao mesmo tempo, é uma pergunta difícil também. Por um lado, como eu falei no começo, né. Sempre quando eu fui p'ra essa viagem de campo [em uma atividade da escola], por exemplo, de falar com os cortadores de cana e entrei em contato com uma realidade totalmente diferente da minha cotidiana. Mesmo que, por exemplo, o meu pai, ele é do interior, ele é filho também de agricultor e cortava cana e colhia algodão quando

era, *tipo*, criança, *tipo*, da minha idade ele fazia isso como trabalho, então, mas que acabou ascendendo socialmente, né, e conseguiu atingir, enfim, um conforto econômico muito maior, né. Mas por muito tempo eu sentia, durante esse tempo todo que eu fiquei em crise... [Pausa.] Sentia muita, muita... [Respiração.] E acho que isso é uma coisa difícil de lidar, é com a culpa. Então, como assim eu posso, eu tenho dinheiro p'ra pagar uma escola que custa mil e quinhentos reais por mês e posso morar nesse bairro, tenho acesso a tudo isso, à... não vou chamar de “cultura”, mas... é... é isso, né... Acesso a todos os livros que a minha mãe tem em casa, como assim eu posso ter essa vida quando tem tanta gente que está passando fome ou em situações bizarras. O que é a escola pública no Brasil e no mundo, né? Então... [Pausa.] E ao invés de ser um mobilizador, era uma sensação de impotência. Então, você por ser privilegiado nesse sentido, você tem que sofrer e tem que se punir porque *cê* não é melhor do que ninguém, *cê* não merecia estar aí. *Cê* só caiu aí por acaso, por causa dos seus pais. Então... [Pausa.] Mas como é que eu consegui transformar isso também numa vontade de *lutar*? E eu vejo isso de várias formas. São pensamentos bem contraditórios com qualquer um nosso, mas... [Pausa.] Ao mesmo tempo, eu vejo como eu tenho um tanto de responsabilidade p'ra com as pessoas do *movimento*. Por exemplo, eu que tive acesso a uma escola tão *da hora*, uma escola crítica, que me pôs p'ra pensar, eu que tive acesso a todos esses livros que eu posso ler e que consigo entender as coisas às vezes numa dimensão um pouco maior por ter tido acesso a tudo isso... Eu também tenho uma responsabilidade p'ra com essas pessoas que não têm esse acesso. Então... [Respiração.] Como é que eu consigo tentar me desvencilhar o máximo possível da culpa e como que eu não me sinto culpada de estudar em uma escola particular, mas consigo usar os conhecimentos que eu tive lá ou que eu tenho nos livros que posso comprar p'ra conseguir ajudar o *movimento*? Então... tem um tanto que é isso, de pegar esses privilégios todos que eu tenho, que na verdade todo mundo devia ter, devia poder ter a vida que eu tenho. Como é que eu pego isso e tento usar essas ferramentas que eu adquiri com o tempo p'ra ajudar no *movimento*? Então... sempre tentando explicar as coisas p'ras pessoas de um jeito claro e dar apoio p'ra essa *luta dos secundaristas*. E daí tem uma coisa que p'ra mim *pega* muito, que foi uma mudança muito difícil p'ra mim, que foi de sair dessa coisa de entender a *política* como uma *ferramenta institucionalizada* para um *movimento autônomo*, que eu também acho que tem muito a ver com o que que é a *luta dos secundaristas* hoje e da *juventude* brasileira hoje como um todo. Eu passei a entender que tem que ser reconhecido que o PT conseguiu fazer mudanças muito, muito grandes no Brasil, tanto de... realmente, o que sempre falam e que não deixa de ser

verdade, de tirar as pessoas da pobreza, conseguir dar acesso a várias coisas e de fazer algumas reformas e de SUS e... várias coisas que... que foram muito grandes. Eu fui percebendo que, na verdade, a *luta* de verdade, ela não vai acontecer nesses espaços principalmente. Eu acredito que as *lutas* que precisam ser feitas elas não vão ser travadas no meio *institucional*. Eu poderia, como tem umas pessoas que viram e falam “não, eu vou crescer, eu vou ter um trabalho que... por exemplo, vou ser professora ou vou ser vereadora ou alguma coisa do gênero, vou tentar mudar as coisas, fazer a vida das pessoas melhor” e... não é assim. Eu acho que o máximo que esse tipo de... (e pretendo, provavelmente, vou ser professora e pretendo dar uma aula *da hora* e dar aula na escola pública porque eu acho mega importante, mas...) eu acho que esse tipo de atuação é muito limitado. Eu acho que essas coisas vão conseguir apenas fazer reformas no mundo que a gente vive. E... Também tem uma questão que eu tive muito claro e tive ainda mais consciência nos últimos meses, desde as *ocupações*, eu acho que foi quando *bateu mesmo*, mas também muito por causa da escola e por causa da minha mãe ser socióloga e de poder ter lido Marx e Engels e várias outras coisas, mas de ter noção que a gente vive num sistema hoje, no capitalismo, que... se você for *tocar as lutas* dentro da *institucionalidade* você vai conseguir fazer essas reformas, *cê* consegue até melhorar a qualidade de vida da população, mas não consegue, por exemplo, acabar com a exploração, *cê* não consegue acabar com o que é uma pessoa que tem que passar oito horas trabalhando loucamente como... enfim... qualquer coisa, e que tem um patrão pegando a maior parte do trabalho dessa pessoa. Então... acho que tem p’ra mim que é muito forte entender que existe sim uma *luta* de classes e que não é uma coisa tão simples de simplesmente virar e falar “ah, vamos matar todo mundo”. Não. Não é assim. Não é matando tais e tais pessoas que a gente vai conseguir mudar o que está acontecendo. Os problemas que a gente vive são estruturais e eles *pautam* toda a nossa vida, né. Não é só o nosso trabalho, não é só a escola que está, que existe em função do capital e do trabalho. O nosso lazer, a cultura mesmo, *tipo*, tudo que a gente vive na nossa vida está de certa forma determinado por essas questões da exploração. Eu vejo muito isso também como... como... não sei hoje mais já, já é uma coisa que nesses últimos dias, p’ra falar a verdade, já... tem me deixado bem confusa, mas eu acho muito necessário a gente realmente se *organizar* p’ra conseguir acabar com isso. Eu acho que não é uma coisa tão fácil e ninguém tem as respostas, ainda mais depois de tudo que aconteceu na União Soviética e o *movimento* comunista do século XX que foi em grandes partes extremamente desastroso e inábil e explorador e reprodutor de várias ideologias, mas de várias práticas políticas e econômicas do capitalismo que eu

acho que são absurdas, mas, ao mesmo tempo, eu vejo muito essa necessidade de você tentar acabar com isso de alguma forma. Eu acho que não dá p'ra pensar em nenhum *tipo de liberdade* por mais que a gente vá falar “uma *ocupação* vai trazer tal coisa, tal coisa e tal coisa”, não é possível que nenhum *tipo de liberdade* realmente exista no sistema que a gente vive hoje. Eu acredito que, essa questão de... que todo mundo sempre fala nessa palavra, que também já está tão banalizada, de “alienação”, mas que é isso, né. O sistema que a gente vive ele não foi criado por Deus nem por nenhuma *entidade* suprema que determina como a gente vive. A gente continua mantendo o sistema por *n* questões, mas foram os homens que construíram isso, então, acho que a gente tem realmente capacidade de pensar uma forma diferente de se viver. Acho que... é... é a coisa que mais me mobiliza realmente p'ra *lutar*, né. Não tem nenhum segredo para o que a gente vive, é um sistema extremamente bem estruturado e perverso, mas que é construído pelas pessoas. Ele é reproduzido cotidianamente e o que eu tenho noção é de que é a consciência das pessoas, a *luta* das pessoas, é o que vai conseguir mudar isso de certa forma. Uma, por exemplo, que eu acho que é bem interessante p'ra gente analisar (tanto no *movimento de 2013* quanto no dos *secundaristas*) é que... um monte de gente fala às vezes também, né, apesar de reconhecer muito a nossa *luta*, principalmente a galera que é mais ligada ao PT... de que é uma questão de rebeldia adolescente, né. Ah, então “vocês fazem tal e tal coisa com a CUT, tal e tal crítica ao PT, ah! é porque vocês são também *jovens* e muito rebeldes e...”. E, por um lado, sim, mas, por outro lado, eu acho que é uma *nova forma de pensar a política* que é muito diferente da *geração* dos meus pais. É muito, muito, muito diferente. Não é só porque a gente é *porra loca* que a gente vai lá e *causa*. É de ser uma *geração* que não viveu a consolidação do PT, por exemplo. E que viu que na verdade... sabe que esse ano eu tô estudando o PT, eu tô fazendo uma monografia que a gente no [Colégio] Equipe (no terceiro ano [do Ensino Médio]) tem que fazer uma monografia e o meu tema é exatamente o PT, na verdade o surgimento do PT, *tipo*, os *movimentos* dos anos 70, dos anos 80, que desembocaram depois na criação do PT. E o que a gente tem disso é uma *geração* que não pegou essa fase, não é como meus pais que estavam lá, fundando a CUT, tudo isso, então, mas tem noção de que o PT surgiu de um jeito muito mais interessante só que acabou se deixando levar pela *questão da institucionalização*, então, de *disputar as estruturas políticas* hoje, por exemplo, de disputar as *entidades estudantis*, disputar o *sindicato*, disputar o *Estado*, que eu entendo como... que é isso, *assim*, p'ra mim, o que a gente vive hoje é isso. Você tem limites, né. A gente sabe que não é que a *galera* e os PTistas são maus e o Lula é mau e é tudo culpa da Dilma. É óbvio

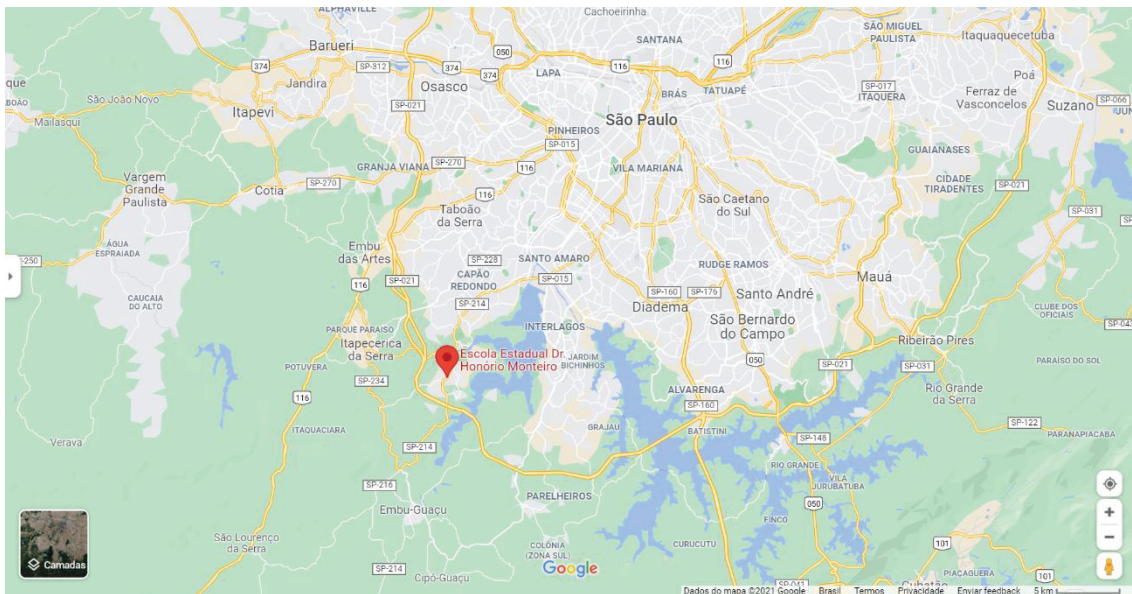
que não é assim, mas se você entra no jogo dos caras você tem que jogar com as regras deles então. É obvio que, por exemplo, todo mundo fala “ah, o PT não devia ter feito tal e tal aliança”, mas dentro do sistema de democracia que a gente vive hoje isso é necessário e exatamente por isso não é que a gente odeia o PT e quer matar eles e acabou. Não. É que a gente entende que o jogo está totalmente na mão da classe dominante. A gente entende que... [Pausa.] que... [Pausa.] por maior que sejam as intenções do PSOL e do PT e de todos esses *partidos de esquerda* (se a gente for chamar assim) eles têm limites de *atuação*. Se for agir dentro das *institucionalidades* você tem limites, você tem que jogar esse jogo. Então, tem muito a ver com essa *questão da horizontalidade* também, né. A gente tem uma vida que é totalmente determinada pelas *instituições* que não estão *jogando com os nossos movimentos*, né. Então, se você for entender que realmente tem uma *luta* de classes no mundo e que é isso que *pauta*, que é isso que determina o que é o trabalho, não adianta você simplesmente, por exemplo, *lutar* p’ra ter mais direitos trabalhistas. Isso é muito importante, isso é essencial, mas isso não vai acabar com a exploração capitalista do trabalho, *sabe*. Isso não vai acabar com a mais-valia. Isso não vai libertar as pessoas realmente. Isso vai no máximo deixar a vida delas mais cômoda e mais tranquila, mas isso nunca vai mudar, isso nunca vai acabar porque isso não vai à raiz do problema. Muito do *movimento secundarista* que eu vejo é essa noção de que a *tática*, a *estratégia*, do PT de agir dentro da *institucionalidade* é totalmente falha e que isso simplesmente leva ao que a gente está vendo hoje, que é... um esfacelamento da *esquerda*, né, uma fragmentação extrema do *campo da esquerda*. Eu acho que é muito isso. *Tipo*, *cê* pode tentar fazer a conciliação de classes no seu limite por um tempo, mas em algum momento uma das duas partes vai ter que se sobrepor. *Cê* tá conciliando o tempo inteiro e, aí, no momento em que bate uma crise, tudo aquilo que você *lutou* tanto p’ra conquistar e que você passou doze anos lá em cima tentando concertar, isso... desmancha totalmente, né. Então, *cê* não consegue conciliar totalmente os interesses dos empresários e dos trabalhadores. Isso é impossível. São interesses antagônicos. Do jeito que vejo, tem uma *galera* que quer mais lucro, quer trabalhar mais, quer produzir mais, quer ter mais dinheiro, quer crescer economicamente e tem outras pessoas que são as pessoas exploradas. Então, se você tenta fazer essa conciliação por aí, é uma coisa que a gente sempre fala, a gente sempre grita meio na brincadeira, mas tem um fundo de verdade muito grande, *tipo*, “Sem conciliação! Se vocês querem reforma a gente quer revolução”. A gente não tem a mínima ideia de como vai ser a revolução no século XXI, XXII, ou

quando for que aconteça, a gente tem muito claro que... que... não adianta ser do jeito que vem sendo feito.

3.2.2 Conflito de *gerações políticas*

MISS BROWNE — Então, quando, por exemplo, eu entrei n’ O Mal-Educado e eu fiquei extremamente confusa vendo as pessoas *metendo o loko* no PT em um nível que eu nunca tinha visto nem o Firmino fazer e eu chegava em casa e eu ouvia meus pais falando uma coisa completamente diferente, isso deu um *bug* na minha cabeça. *Tipo...* E aí que eu entendi que era mais que um conflito de *gerações* era um conflito de *gerações políticas*, né. Era um conflito de uma forma de fazer política. Então, ao mesmo tempo que o PT reinventou grande parte do *movimento* de esquerda nos anos 80, a gente também tem que fazer isso agora, a gente tem que entender que é *projeto de país*, é um *projeto político* que está ultrapassado e que está mostrando os limites exatamente agora, né. Então, muito disso, por exemplo, quando a gente vira no *movimento* e fala “ah! a gente não vai sentar p’ra negociar”. A gente não vai sentar numa mesa e virar e falar “ah, a Reorganização então vai ser de tal e tal jeito”. Não. A gente não vai porque a gente viu que o jeito de fazer política do PT, mas não só, desses *movimentos sociais*, não só no Brasil, mas, enfim, no mundo inteiro hoje, quer sentar e tentar conciliar o máximo possível. Isso dá no que deu. A gente não pode fortalecer a classe que está mais fortalecida desde sempre. A gente tem que... tem que ter consciência de que isso não vai levar a nenhuma ruptura. Então... o que de certa forma foi o que me fez engajar na política, por um lado, é o que continua me engajando, só que, por outro lado, completamente diferente. Se antes eu ia aos comícios quando era criança, nos comícios do PT, hoje eu sou extremamente contra isso. Eu acho que é uma forma de política que tem que ser superada. E muito por isso é *uma necessidade de reinventar o que é política hoje*, o que é a *atuação da juventude* hoje, é uma das coisas que me mobilizam, *assim*. E por que eu tenho, *assim...* essa... a palavra é estranha, mas eu tenho fé, né. Eu acho que, por exemplo, até outro dia não era possível pensar em *ocupação de escola*, não era possível pensar em uma *juventude combativa* de verdade, não era possível pensar em... quando a gente *ocupou* (e eu sou extremamente pessimista) ...quando a gente *ocupou* o Fernão, quando a gente começou a se mobilizar, eu tinha certeza absoluta que ia dar em nada, quer dizer, que a gente não ia conseguir barrar. Como assim, o Alckmin, *meu? Tipo...* E... e... hoje já não. Hoje eu percebo que a gente pode fazer coisas muito grandes, a gente tem muito mais capacidade de *tocar a luta*

do que a gente imagina, *assim*, a gente... a gente sabe que as amarras do sistema são muito fortes e que acabam levando colegas, amigos, junto nisso que... pode ser *o contrário das ocupações*, podem achar que a gente está fazendo bobagem, mas a gente tem a noção de que quando a gente está junto a gente é muito mais forte do que qualquer diretor, quando a gente está *ocupando* uma escola mesmo em cinquenta alunos a gente tem muito mais autoridade p'ra fazer o que a gente está fazendo do que uma diretora, um diretor chegar lá e falar "isso está errado". Então, do jeito que eu vejo, é isso. É... é uma *necessidade de tocar a luta*. É isso. As pessoas vivem em condições de vida extremamente precárias em todos os sentidos, se for pensar. Mesmo nas *ocupações* que aconteceram. *Tipo...* tem um amigo que *ocupou* a Honório Monteiro no ano passado e eu estava conversando com ele sobre o *movimento* e p'ra ele foi outra coisa totalmente diferente. Ele não gostou de *ocupar escola*. Ele sofreu muito. Foi muito difícil. O *movimento* do tráfico no bairro dele, no Jardim Ângela, e da polícia sendo extremamente violenta, que é uma coisa que a gente não viveu no Fernão, a gente viveu outros tipos de tensões, também por estar o bairro no centro, a gente viveu outro tipo de *movimento*. Então... É... é extremamente necessário você conseguir mostrar p'ra aquelas pessoas que moram no fundão do Jardim Ângela, no bananal, onde não tem nem asfalto, que se eles se *organizarem*, eles conseguem, *mano*, têm muito mais poder do que o diretor da escola deles, do que o Secretário de Educação, do que o Alckmin, eles conseguem. As pessoas estão nesses cargos por amarras muito fracas, né. Elas têm a força política que é extremamente pesada e toda essa reprodução ideológica que é bizarra, mas é a gente que trabalha *mano*, é a gente que faz as coisas, a gente que produz, a gente que *toca as coisas*, a gente que *toca as escolas*, a gente que, *sabe...* [*Respiração forte.*] se não tem... [*Respiração.*] E não é só a gente *secundarista*, mas pensando enquanto *classe*, a gente que faz as coisas acontecerem. Se não, não ia ter nada, se fosse só o Alckmin mandando de um lado. Então, a gente tem esse *poder do coletivo*, que é muito forte e é nisso que eu acredito. [*Pausa.*] E de inspiração? Putz... E de sonho? Não sei sonho... Sonho na revolução, claro, quem dos *secundaristas* que não sonha? Sonho de um dia que a gente não ter que *ocupar escola* p'ra poder fazer... [*Pausa.*] convidar os indígenas (como aconteceu no ano passado) p'ra sentar com a gente e conversar como é que é morar na aldeia deles, não vai precisar *ocupar escola* p'ra poder fazer uma atividade de matemática



(Figura 51 Mapa, Escola Estadual Honório Monteiro, *extremo* da zona sul de São Paulo (SP). Fonte: Google Maps.)

que seja extremamente bacana, a gente não precisar *ocupar escola* p'ra poder... [Pausa.] Não vai precisar se *mobilizar* nesse nível e se *desgastar* também nesse nível p'ra fazer as coisas que a gente acha interessante, p'ra poder simplesmente construir junto com as pessoas um lugar que seja melhor, me inspiro muito nos *secundaristas*. Eu acho que tem umas pessoas que... [Pausa.] que tiveram um desenvolvimento nas *ocupações* que foi muito grande. *Assim...* [Pausa.] *É...* [Pausa.] Gente que nunca tinha parado p'ra pensar sobre política, do jeito que a gente acha, *tipo*, ...que achava que nunca ia, e nada dar em nada, e que... *sabe*, gente que mora muito longe, que não tem acesso a quase nada, que vive uma vida muito difícil, se *organizando*, se *articulando*, conseguindo *tocar uma luta* incrível. *Assim*, então, acho que é uma... [Pausa.] uma força que é *muito loka*, quando a *galera* decide que eles vão fazer, eles vão lá e fazem mesmo, eles não têm medo, essa coisa de “ah, como é que a gente fala, como é que a gente tal”. *Mano*, não. “A gente não acha isso”, a gente é muito franco. A gente não fica fazendo um jogo político, escondendo as coisas, que é uma coisa que a gente vê muito. *Tipo*, “ah, um *partido* negociando com outro e cada um fala uma coisa”. A gente, *mano*, “a gente quer isso, a gente acha isso”. Se a gente acha que vocês são *pelegos* ou que vocês são *da hora*, a gente fala. “Tudo bem, você está junto? Não ‘tá? Tudo bem, mas vamos te falar de verdade”. A gente tem muito essa questão também e... [Pausa.] E... [Pausa.] Acho que é isso. [Pausa.] Ao mesmo tempo, é uma coisa *muito loka*, né. Porque é um debate que é muito difícil, ainda mais

p'ra gente; ter dezessete anos e estar discutindo isso é uma coisa *bem loka, na real*. Bom, como o Dias e o Andrônico te falaram (não sei se eles te falaram, mas acho que é o que eles pensam e que vários outros *secundaristas* também), a gente realmente acredita que tem uma *luta* de classes, a gente acredita que a gente vai conseguir superar isso um dia e que a gente vai conseguir viver em uma sociedade que seja realmente mais igualitária. Então, nesse sentido, posso ser comunista por acreditar que a gente vai conseguir superar todas essas amarras de exploração um dia. Mas, ao mesmo tempo, entender que, por exemplo, o que é a teoria marxista no século XX? [Pausa.] Tem que ser readaptada para o século XXI. A gente não pode simplesmente virar e “então, a gente vai fazer a revolução desse jeito e o socialismo, e o período de transição, e vai ser de tal jeito”, porque a gente já viu que o que os *caras* achavam se mostrou completamente errado, né. Então, pensar a revolução em 2016 é totalmente diferente de pensar em 1917. Tudo bem, posso ser comunista, mas é muito diferente de simplesmente virar e falar “ah, acho que...”. O Lenin era muito *da hora*, tá ótimo, tinha muitas coisas interessantes, mas tinha muita *cagada* e mesmo na teoria marxista. Se você for ver, várias coisas que... (podem chamar de revisionismo e o *caralho*, mas...) Marx não conseguiu abordar ou que estão totalmente ultrapassadas. Você não pode pensar mais capitalismo sem entender o que é o sistema financeiro hoje. Então, são coisas que não podem ser ignoradas, né, você não pode mais pensar socialismo sem rever o que era o *movimento* de tomada de decisões na União Soviética, você não pode mais virar e falar “então, não, a gente vai ter um *partido* único e tal”. Não. Não é assim. Por isso que eu entendo quando as pessoas vêm falar que isso de comunismo está ultrapassado porque é obvio que as pessoas têm que é o stalinismo e não é isso que a gente quer ser. Muito pelo contrário. A gente tem que reconhecer todas as *merdas* que a *esquerda* fez nos últimos cem anos, e foram muitas, não foram poucas. E... [Pausa.] E... [Pausa.] Sim, diria que eu sou comunista, mas também acho que é uma característica grande as pessoas acharem que no *movimento* a gente não tem nada muito claro p'ra seguir, né. Não é como se a gente estivesse em 1900, que tem um programa, tem várias etapas que a gente sabe que um dia a gente vai ter que cumprir e a gente vai chegar ao comunismo. *Sabe*, acho que as coisas hoje estão muito mais em aberto. Felizmente e infelizmente. A gente não tem muita certeza do que vai ser da gente. Por isso que eu digo que é difícil dizer isso com dezessete anos ainda, tentando, *tipo*, entender o que é o *movimento* da *esquerda* nos últimos cem, duzentos anos, entender, *tipo*, *sabe*, é muito complexo. Mas sim, eu acredito que, como eu disse, disputar as coisas, disputar o *Estado*, é disputar quem que vai oprimir mais, assim como disputar uma *entidade* p'ra

mim não significa nada. E mesmo quando a gente fala “ah, se uma *entidade* for *tocar a luta*”, sei lá, *tipo*, “se a UMES for *tocar uma luta*, a gente sabe que...”. Tudo bem, *da hora* que eles estão *tocando*, mas é extremamente limitado porque a gente sabe que *o jeito deles de entender política é nessa lógica de dirigente/base, de centralização, de...* [Respiração.] *Sabe*, então, acho que é uma tarefa nossa também e que é uma tarefa muito dura e muito difícil, que vai durar muitos anos, que eu pretendo continuar militando, pretendo continuar pensando política, mas vai ser “como é que a gente elabora um socialismo que faça sentido p’ro que a gente está vivendo hoje?”, né. Se a gente tem, por exemplo, essa questão de autonomia e de decisão tão democrática, como é que a gente vai virar e falar “não, vai ter um *partido* único que vai tomar as decisões, tal”. Não, *mano*. Não é assim. E... [Pausa.] E... [Pausa.] É... [Pausa.] É isso.

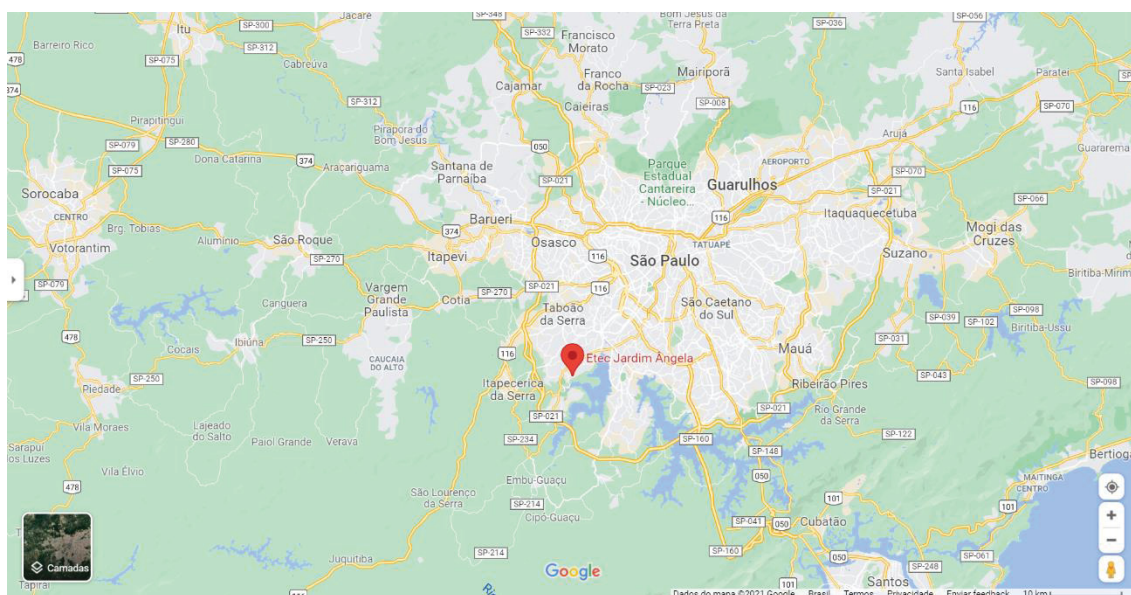
CARUSA — Miss Browne, você poderia falar um pouco do que imagina para os próximos anos da *luta*?

MISS BROWNE — Vou começar falando desse ano da *luta* para falar dos próximos anos, do futuro. E aí tem várias questões que precisam ser colocadas, né. Vários problemas da *luta* também. [Pausa.] Bom, isso... retomando do ano passado [2015]... A gente fez um *movimento* que foi *muito loko*... [Pausa.] *Assim*, como eu avalio, por exemplo, conversando com as pessoas que participaram do MPL em 2013. De 2013, quebrou os paradigmas para conseguir começar um *movimento de luta* no Brasil totalmente novo, com outro caráter, que não existia hoje e que também tem muitas referências a nível mundial... enfim, mas que foi um exemplo... [Pausa.] Eu vejo isso muito claro, *assim*, né... [Respiração.] Foi uma ruptura muito grande no *movimento de esquerda* no Brasil e no mundo, né... [Respiração.] que acabou espalhando várias outras coisas. Então, se 2013 foi isso, o *movimento dos secundaristas* tem um caráter muito diferente que é... [Pausa.] a *questão da formação*, por exemplo. Então, 2013 *cê* teve uma ruptura muito grande, mas o que você tinha eram *atos de rua*, né. Então, muita gente começou a participar politicamente por causa disso, mas... nas *ocupações*, *cê* teve formação de *militantes*, *assim*, na prática, diariamente, todo nosso cotidiano era isso, *assim*, era *pensar a política* o tempo inteiro e isso deu um caráter qualitativo p’ra *luta* muito maior que 2013, nesse sentido. Então, você estava formando gente que, *meu*, entende as coisas agora num nível muito, muito *extremo*. Se antes as pessoas não sabiam o que era o *Estado*, hoje elas entendem que isso, *mano*, necessariamente vai ferrar com a gente sempre, vai usar polícia, vai usar a mídia, vai usar tal coisa, tem uma noção política muito mais complexa, muito mais profunda. E aí, ano passado [2015], tá, a gente

conseguiu. O Fernão ficou cinquenta e seis dias *ocupado*. Avalio também que a questão dos *travamentos* foi essencial p'ra conseguir barrar a Reorganização, suspender pelo menos, né, porque é isso, quando a *galera* começou a ver *menor de idade, estudante*, apanhando porque está lutando por educação... foi uma coisa que caiu a popularidade do Alckmin, que acho que foi o que fez realmente ele voltar atrás. Foi um *movimento histórico*, o Alckmin nunca tinha voltado atrás em nenhum aspecto, foi uma vitória muito grande para o *movimento*. E mesmo depois da suspensão a gente não estava satisfeito. Isso é uma coisa dos *secundaristas* que eu acho essencial p'ra entender, por exemplo, também 2013. Eu acho que é entender esse novo *movimento da juventude* brasileira, né. Que é... a gente não ficar satisfeito. Ao mesmo tempo em que isso é bom, é complicado. Mas a gente não se satisfaz. Então, quando... [Pausa.] não só porque a gente não acredita, mas... [Pausa.] quando a passagem foi abaixada [em junho de 2013], a gente sabia que eles não iam abaixar a passagem. Quando o Alckmin suspendeu [a Reorganização], a gente não tinha certeza se ia suspender ou não. Mas, de certa forma, a gente sabia que isso ia acontecer, né. Quando a gente está *ocupando* escola, a gente não quer só que não feche sala, a gente está *lutando* por uma melhora no sistema educacional como um todo e a gente está *lutando* por um... [Pausa.] um mundo melhor, de um modo geral. Tem muitas coisas que estão lá que não são ditas, assim como não é só pelos vinte centavos [que aconteceu junho de 2013], não é só p'ra não fechar as escolas [que aconteceram as *ocupações*]. Então, nesse sentido, quando os *secundaristas ocupam* e percebem que a revolução não aconteceu com eles *ocupando* as escolas, eles não ficam satisfeitos. Eles não *desocupam* e falam “está tudo bem, acabou”. E isso a gente trouxe muito p'ra *luta* desse ano [2016]. O Fernão mesmo (putz, agora eu não vou saber em que dia revogaram a Reorganização, acho que foi 4 de dezembro ou por aí [foi 4 de dezembro]), ficou *ocupado* até dia 4 de janeiro. Muitas escolas demoraram muito para *desocupar* e a gente enfrentou vários problemas também. Mas... [Pausa.] É essa sensação de que tem muita *luta* que tem que ser *tocada* e que não foi suficiente o que a gente fez, o esforço nunca é suficiente, a gente não chegou lá, a gente não consegue resolver isso com negociar, achando que está tudo bem. Então, a gente acabou *desocupando* também, entramos na *luta* contra o aumento da passagem no começo do ano [de 2016], os *secundaristas* foram em peso, a gente fez vários *travamentos* em terminais de ônibus e em avenidas importantes, participou massivamente das manifestações, que não conseguiu barrar a tarifa, mas também a gente fala, né, que a gente não teve férias... [Respiração.] *Desocupou* dia 4 [de janeiro] e no dia 30 de dezembro já tinha anunciado o aumento e aí

no dia 9 de janeiro, cinco dias depois de *desocupar* o Fernão, já estava tendo manifestação. A gente ficou janeiro inteiro e uma parte de fevereiro na manifestação, em fevereiro as aulas tinham voltado e aí em maio a gente *ocupou* [o Centro Paula Souza, em 28 de abril de 2016]. Então, a gente não teve férias, a gente não parou p'ra descansar desde que a gente *ocupou*, a gente não parou um segundo p'ra ter férias e parar e falar “não, calma”. *Tipo*, é muito cansativo, muito desgastante, mas foi isso que aconteceu. E aí começou um *movimento* nas escolas técnicas esse ano. Então, como que eu avalio? Começou na ETESP esse *movimento*. O que aconteceu na ETESP foi que eles tinham (as escolas técnicas nunca tiveram merenda, né), por exemplo, bandeirão, que era o que acontecia na maioria das escolas técnicas e era bandeirão que custa, *tipo*, cinco reais e cinquenta centavos p'ra você almoçar p'ra conseguir fazer o curso técnico à tarde ou à noite. Mas aí... já era caro e as pessoas reclamavam muito, já tinha tido alguma mobilização contra isso, mas o bandeirão fechou e foi aberta uma licitação para outra empresa ir lá fazer o bandeirão e nisso a galera foi lá e falou “isso é um absurdo, se a gente precisa ter escola, a gente também precisa ter comida para conseguir se alimentar e estudar de verdade”. E aí a gente começou a fazer os *atos* na ETESP e entrar em contato com outras Etecs. Até teve um dia que foi maravilhoso, não lembro que dia exatamente, acho que em abril, né. Teve uma manifestação de escolas técnicas que tinha mais de três mil alunos e a gente foi desde a ETESP, que foi onde foi a concentração [do *ato*], até à Paulista, andamos demais, sempre andamos muito nos nossos *atos*, é cansativo, a gente parou várias escolas, a gente paralisou muitas escolas técnicas naquele dia, boicotou as aulas e as pessoas boicotavam, paralisavam a sua aula e iam p'ra ETESP p'ra ir pro *ato*. Então teve, *mano*, umas vinte e poucas Etecs, teve muita escola, vários *estudantes* das escolas estaduais também estavam. Então teve esse *ato*, que foi muito interessante. E a gente d' O Mal-Educado que passava nas Etecs, falava com as pessoas, via que nenhum lugar tinha merenda e as pessoas sofriam muito com isso, porque é isso, né... na escola técnica a maioria dos *estudantes* faz o Ensino Médio de manhã, aí, à tarde faz o Ensino Técnico e também tem a galera do noturno que (eu vou falar disso detalhadamente) também faz o curso técnico. E aí a gente começou as mobilizações, as pessoas perceberam que realmente era um absurdo que “como assim não tem comida na escola p'ra *menor de idade* que fica o dia inteiro”. Tem gente que fica o dia inteiro, passa dez horas na escola, muitas vezes estuda bem longe de casa e tinha que levar marmita ou gastar, *tipo*, doze reais p'ra almoçar, um dinheiro que as pessoas realmente não têm. E... [Pausa.] A gente fez alguns *atos*, e, aí, teve esse *ato* que a gente foi pro Paula Souza, né ...Que é como se

fosse a Secretaria de Educação das Etecs. As Etecs, também lembrando, só teve, se não me engano, só teve uma Etec *ocupada* no ano passado, foi a Etec do Jardim Ângela, mas elas, de forma geral, não entraram muito no *movimento das escolas*. Muita gente que era de Etec *colou* nas *ocupações*, *ocupou* as escolas estaduais, mas as Etecs em si não tinham uma *pauta* delas, elas ficaram bem de fora. Então era uma *galera* que desde o ano passado estava olhando e falando “*mano*,



(Figura 52 Mapa, Etec do Jardim Ângela, extremo da zona sul de São Paulo (SP). Fonte: Google Maps.)

essa *luta* é muito *da hora* e a nossa escola também é uma *bosta* e a gente precisa se mobilizar, se *organizar* e *tocar* alguma coisa porque a gente sabe que tem muita coisa p’ra mudar.” E foi através da merenda que a gente viu essa chance que também se ligou com as estaduais de certa forma, por causa do escândalo da corrupção da merenda, de toda aquela história maluca. Então, era uma coisa que estava muito em *pauta*. E aí teve esse *ato* que a gente foi, tinha bastante Etec, a gente foi pro Paula Souza (que é uma autarquia administrativa como eles chamam, esse prédio que fica lá perto da Luz) e as pessoas já estavam pensando nisso, né, *tipo*, “nossa, *mano*, a gente precisa *ocupar* o Paula Souza” como desde o ano passado a gente queria ter ocupado a Secretaria, que era um sonho, *tipo*, como assim, né, e alguns estados inclusive fizeram esse ano, e a gente fez uma *assembleia* lá na frente do Paula Souza e a *galera* estava muito *na pira*, né. *Tipo*, as pessoas estavam meio inseguras, né. *Tipo, meu*, a gente nunca *ocupou* espaço administrativo antes. Mas, *pô*, ia ser muito *da hora*. E na *assembleia* estava se encaminhando para não *ocupar* naquele dia, mas tinha muita gente que estava se

organizando p'ra ocupar na semana seguinte ou na outra, tinha muita gente pensando nisso. E aí uma *galera* começou a pular o muro, pular o muro, e aí todo mundo pulou o muro e todo mundo ficou lá dentro. A polícia reprimiu também no primeiro momento, mas a gente *ocupou*. Foi uma coisa muito insana. Não tinha nada planejado. Nada como no ano passado [2015] que, *mano*, a gente sentava, fazia *trabalho de base* na escola, conversava com as pessoas, panfletava, não tinha isso. *Ocupar* o Paula Souza era, *tipo*, *mano*, “a gente precisa fazer alguma coisa”. Muito nessa *pira* dos *secundaristas* de “*meu*, isso está muito errado, a gente está aqui na frente vendo essas pessoas, não tem nenhuma polícia aqui” e só pularam. Era, *tipo*, uma loucura mesmo. E teve um caráter muito diferente da *luta das ocupações* do ano passado. Por vários motivos. Então a gente ficou *ocupando*, eu *ocupe*i também o Paula Souza, a gente ficou uma semana só, foi numa quinta-feira. A gente *ocupou* numa quinta-feira e foi *desocupado* na outra sexta-feira de manhã. E... [Pausa.] Começando que não era uma escola, né, era um prédio administrativo extremamente importante, com todo tipo de documento que tinha sobre a administração das Etecs no estado de São Paulo inteiro. Também tem a questão de as Etecs serem a vitrine do governo Alckmin. Eles sempre passam e mostram as Etecs e “oh, as escolas estão capacitando as pessoas para o trabalho”, também sempre na lógica de produzir para o mercado de trabalho, só que muito mais... [Pausa.] qualitativamente, se a gente pode dizer isso, do que as escolas estaduais. Então, outra questão que é bem diferente é o nível de... de... elas são muito mais elitizadas, as escolas técnicas, do que as estaduais, né. Porque você precisa fazer um vestibulinho, você precisa fazer uma prova para entrar, tem muita gente das escolas particulares que vai para as técnicas, então, é uma *galera* que é bem mais elitizada. Não é uma *galera* que é rica, mas tem condições de vida muito menos precárias do que nas estaduais. Disso deu outro caráter também para o *movimento*. Mas aí, quando a gente *ocupou* o Paula Souza, foi um choque. Ninguém previa isso. A gente ficou lá e a gente achava que, *meu*, não ia durar uma hora. De novo, porque agora a gente estava no Centro Paula Souza, prédio administrativo importante, achando que a polícia ia entrar e não ia estar nem aí, só que a gente conseguiu de novo. A força dos *secundaristas*, *meu*, tinha muita, muita gente lá dentro. Nos primeiros dias chegou a ter duzentas pessoas *ocupando*. Era um espaço muito grande. E era interessante que era a *galera* mais experiente das *ocupações* no ano passado [2015] junto com a galera das Etecs que estava concentrada em um lugar só, então, um lugar de *pensar a política* muito rico. Porque era a galera que antes estava dispersa nas escolas e agora estava concentrada pensando política junto. Agora tinha muito mais experiência por causa do

ano passado. E... Foi isso. A gente passou uma semana. A gente sabia que, de qualquer jeito, não ia durar muito, mas... [Pausa.] Primeiro, foi um espaço de articulação muito importante para... [Pausa.] *colaram* várias Etecs. A mesma coisa que aconteceu no Fernão. *Colaram* lá, conversaram com a gente, *ocuparam*. Então, o *movimento* continuou depois do Paula Souza. Nessa semana da *ocupação* teve um dia que os policiais invadiram e eu acho que é importante falar disso.⁵⁷ O dia que a gente sabia que eles já tinham aprovada a liminar de reintegração de posse e não tinha chegado o mandado ainda. Então, a gente estava esperando chegar o mandado, esperando, esperando, esperando. E, aí, do nada, a polícia vai, quebra o cadeado, todo mundo desesperado, cheguei a passar mal, vomitei, porque era uma pressão, foi horrível, foi péssimo, foi, *tipo*, a polícia simplesmente quebrou o cadeado e a gente viu é... a gente só viu, na verdade, um batalhão inteiro do Choque na rua de trás da *ocupação*. E as pessoas começaram a gritar “o que que eles estavam fazendo aqui?” e a gente sempre fica na reação, né, *tipo*, “calma, porque eles não podem entrar, porque é a lei e não sei quê lá”. Tinha mídia p’ra caramba lá e tudo isso. Mas aí a gente falou “não, eles estão entrando mesmo” e a gente saiu correndo. Todo mundo entrou lá dentro. A gente abriu o portão para os jornalistas entrarem também e a gente ficou com muito medo, a gente achou que ia ser levado diretamente para a delegacia, a gente achou que ia apanhar muito, porque a gente tinha *tirado* que a gente ia resistir, né, que a gente não ia sair, como foi ano passado. Só que a gente não tinha feito uma *assembleia* sobre isso exatamente, era uma ideia meio vaga ainda, a gente ia se reunir para falar sobre isso. Eles entraram armados e com tudo isso e fizeram aquela barreira (não sei se você já estava nesse dia), mas fizeram uma barreira policial, isso foi às oito horas da manhã e ficaram até às oito horas da noite. Foi também *muito loko* ver que a gente considera que a polícia são inimigos, eles estão lá para reprimir o *movimento*, só que a gente sabe que eles também são trabalhadores. O órgão da Polícia Militar é nosso inimigo, mas, aquelas pessoas, elas são pessoas de verdade, eles estão trabalhando, então, também ver os policiais doze horas em pé, sem poder ir ao banheiro, comer, beber água nem nada, foi desesperador e, ao mesmo tempo, era uma pressão muito grande. A gente não ia *desocupar* e eles não estavam lá para *desocupar* a gente, a gente *sacou* que eles estavam lá para tirar os documentos que a gente já tinha achado, alguns documentos sobre

⁵⁷ Segunda-feira, 2 de maio de 2016. Conferir: JORNALISTAS LIVRES. “TENSÃO! PM invade ocupação de estudantes no Centro Paula Souza”. 2 de maio de 2015. Disponível em: < <https://jornalistaslivres.org/tensao-pm-invade-ocupacao-de-estudantes-no-centro-paula-souza/> >. Acesso em: 22 dez. 2021.

quantidade de verba enviada para cada Etec, para a merenda, tudo isso. Tanto que quando eles saíram a gente achou sacos de papel picotado porque vários funcionários entraram e tudo o mais e o próprio Secretário de Segurança Pública estava lá nesse dia, o Alexandre de Moraes. Ex-Secretário, atual Ministro de Justiça e cidadania, né. Então, a gente ficou com muito medo esse dia. Desde esse dia a gente sabia que o mandado precisava chegar, mas que a gente estava esperando. Então, quando a gente fez essas *assembleias* que você viu [na noite do dia 5 de maio e na madrugada do dia 6 de maio de 2016], estava um clima bem tenso, a gente estava com muito medo, a gente tinha certeza que a gente ia ser preso, ainda mais porque o próprio Secretário estava coordenando toda essa ação, estava querendo deixar bem claro que os *secundaristas* não iam levar ele *no chapéu* como no ano passado. E, aí, essa *assembleia*... [Pausa.] a fala que eu fiz acho que resume bastante. A gente estava bem preocupado com a segurança das pessoas e... algo que a gente sempre fala, né, “militante bom é militante vivo e solto.” Ser fichado não é uma coisa boa, você ficar perseguido, ficar *marcado* não é legal, não é bom nem para o *movimento* nem para você. A gente teve vários casos de pessoas que foram perseguidas pesadamente pela polícia desde o ano passado, muitos casos na verdade. Gente que teve que sair da própria casa, a polícia invadiu a casa da pessoa, que teve que sumir por uns dias, gente que os policiais estavam com foto da pessoa no celular atrás da pessoa nos lugares, vários casos assim, então a gente sabe que não é bom. Ao mesmo tempo, a gente tem que mostrar a força do *movimento*, né. Isso também é uma coisa dos *secundaristas* bem forte: resistir e mostrar que a gente não vai nem negociar e nem *arreg’ar*. “Não tem *arreg’o!*” Essa é a palavra de ordem máxima. A gente sabe que a gente está *lutando* por uma coisa justa e simples, a gente quer comida, a gente quer escola, então, a gente não tem vergonha de estar aqui e a gente vai levar isso até às últimas consequências. E a fala que eu fiz foi justamente isso, a gente tem que mostrar para as pessoas qual que é o caráter da polícia. A polícia é violenta, ela é fascista. Então, a gente ficar aqui e sair foto nossa no jornal no dia seguinte vai mostrar para as pessoas que, *meu, é estudante lutando* para ter comida na escola, olha que absurdo, e chega a polícia e é violenta nesse nível. E aí a gente passou essa madrugada, a gente fez essas *assembleias*, foram longuíssimas. Não era consenso que a gente tinha que resistir. Tinha uma *galera* que estava com bastante medo, na verdade. Com razão, né. Várias pessoas. E a gente falou, “*meu, quem não quiser ficar, quem não puder ficar porque já foi fichado, quem não puder porque vai dar muito BO, ser demitido, alguma coisa do tipo, tudo bem, a gente entende completamente*”, cada um tem questões individuais, políticas e pessoais que são importantes, que têm que ser

levadas em consideração, mas coletivamente a gente decidiu que ia resistir. E aí passamos a madrugada inteira limpando a *ocupação*, arrumando as coisas e conseguimos até dormir, bem pouco, mas... bem mal. A gente estava bem nervoso, com muito medo do que podia acontecer, tanto de apanhar, mas principalmente de ser detido, que é uma experiência horrível. E no dia seguinte eles chegaram, eles fecharam todas as ruas do Paula Souza, igual ao Fernão, *ocuparam* um quarteirão inteiro, então eles fecharam as ruas em volta totalmente. Chegaram lá por volta das quatro e meia da manhã fechando tudo e a gente estava esperando o mandado, o oficial de justiça, a gente achava... a gente sabe, a gente tem direito a advogados e concelho tutelar, é obrigatório quando tem *menor de idade* e eles simplesmente não deixaram os advogados ficarem. Os *apoiadores*, a *galera* que não podia dormir na *ocupação*, mas que estava lá cedo, chegou umas cinco e meia da manhã para *apoiar* do lado de fora, não pôde entrar no quarteirão, ficou barrada pela polícia do lado de fora. E todo aquele aparato policial muito, muito grande. A gente ficou com muito medo, a gente estava bem apreensivo, mas tinha noção do que a gente tinha que fazer, a gente sabia o que a gente tinha que fazer. A gente já tinha decidido. A gente optou, como sempre, por resistir pacificamente. A gente sabia que comprar uma briga com os policiais não ia adiantar nada. Então, lá dentro estavam jornalistas também, né, que fotografaram e inclusive filmaram o que estava acontecendo. A gente sentou em roda. Nesse momento tinha umas vinte pessoas mais ou menos na *ocupação*. A gente primeiro conversou com o oficial de justiça antes disso. Inclusive o meu amigo, o Virgílio, foi o que apareceu em várias fotos, o Virgílio, que estava dialogando com a polícia e tal, a gente recebeu o mandado. E... com muito medo, sabendo que podiam entrar a qualquer momento, sabendo que a gente ia direto p'ra DP, tinha chamado os advogados, os pais, tudo isso. E... A gente sentou em roda e foi... foi uma cena que... foi *muito loka* ...acho que isso do *movimento secundarista* é uma coisa *muito, muito loka*. Tem até umas gravações. Acho que do Antonio Manoel; não, dos Jornalistas Livres, acho que tem da gravação que eles fizeram nesse dia. A gente sentou em roda uma meia hora antes. Todo mundo muito tenso e tentando se tranquilizar, tranquilizar os amigos, os companheiros, sentados em roda. Pessoas que já tinham *ocupado* no ano anterior, gente que não tinha, gente nova, gente velha, amigos, mais ou menos amigos, companheiros de tudo, sentados em uma roda, de braços dados, conversando, fazendo piada e muito tenso e fazendo piada sobre polícia, sobre o *Estado*, falando que quando chegasse a revolução eles iam ver e... e, aí, teve uma hora até que a gente começou a cantar, foi lindo, a gente cantou *P'ra não dizer que não falei das flores*, do Vandré. Foi muito emocionante estar cantando naquela

posição com a polícia do lado de fora esperando dar seis horas da manhã p'ra poder entrar. Quando deu seis horas a gente falou “não, vamos esperar mais meia hora”, que foi quando a gente estava sentado, né. E eles falando “não, vocês não precisavam fazer isso” e tudo o mais. E aí muito tenso e sozinhos, as pessoas que estavam do lado de fora tiveram que sair, foram empurradas pelos policiais. Uma amiga minha quebrou o braço, foi empurrada e caiu no chão e o policial pisou no braço dela, ela quebrou o braço. Bem tenso. Tiveram que sair. Ficar fora da barreira do cordão de isolamento da polícia. Quando eles estavam indo entrar, eles levaram uma coisa que eu nunca tinha visto, mas a gente sabia que existia, que eles poderiam usar, que eles não iam só quebrar na marreta o cadeado, né, eles iam serrar ele. No meio. Então eles chegaram com uma *puta* serra elétrica. Imagina isso. Um batalhão do Choque, todo armado, *mano*, não dava nem p'ra ver a cara deles, né. Eles usam aquele capacete que prende tudo e eles inteiramente cobertos, com bomba na mão, com tudo isso. A gente tinha tentado entrar com recurso para que a polícia não pudesse entrar com arma de fogo dentro da *ocupação* e isso foi barrado. Então, a gente sabia que eles iam estar armados e a gente sabia que eles iam estar com muita raiva, né. Porque tem muito isso, né, quando os policiais vêem que tem um *movimento* que está conseguindo se safar e está conseguindo fazer tal coisa, eles vão lá e reprimem pesadamente, é uma coisa mesmo do orgulho mesmo ferido, de questionar a autoridade do policial, eles ficam muito, muito, muito bravos. Então, chegou todo esse batalhão de Choque com uma serra elétrica e a gente sentado na roda, todo mundo com o braço assim cruzado entre todo mundo e muito, muito, muito tenso. E aí quando foi chegando o policial e a gente tremia literalmente, eu estava entre o Virgílio e o Sílvio, que é um outro amigo nosso. E a gente segurando muito, muito forte com muito medo e eles serraram e foram entrando. E aí quando eles entraram, *mano*, eles eram, *tipo*, sei lá, quatro vezes mais que a gente, e armados, e entraram, e gravando nossa cara. Agora a polícia tem isso, eles têm umas câmeras, *tipo*, de cinema mesmo, que eles ficam filmando. Então, três câmeras filmando a nossa cara. A gente já sabia que... a gente já sabia que estava sendo seguido e tudo isso. E, aí, quando eles entraram, eles, o *cara*, o capitão da tropa, ele falou “vocês não precisam fazer isso, a gente quer fazer a coisa do jeito mais pacífico possível” e falando várias baboseiras mesmo “a gente entende a mobilização de vocês” e blá-blá-blá, blá-blá-blá, blá. E, aí, eles falaram “a gente vai esperar vocês saírem, vocês vão sair”. E, aí, nessa hora, a gente começou a gritar “não tem *arreg'o!*” e “sem violência!” e com muito medo, tremendo, com muito medo. Até que o policial olhou para o Virgílio, que era quem estava negociando com ele e que era o *cara* negro também. No *rolê* tem muito

isso, né. Os policiais são extremamente racistas. A gente sabe disso. Apontou para ele e falou “começa por ali”. A gente, *meu*, estava desesperado e eu estava com o braço dado no Virgílio então, *tipo*, eu prendi ele o mais forte possível. Eles já chegaram puxando pelo pescoço mesmo. E eu segurando. E, aí, como eu era a que estava segurando mais forte, vieram me pegar. Fui a segunda. E arrastando pela roupa, arrastando pelo pescoço, puxando cabelo, tudo horrível. Depois a gente descobriu que era uma mulher, porque são elas que são responsáveis pelas mulheres que estão na *ocupação* também. Extremamente violentos e eu fui de braço dado com o Virgílio até a gente sair, foram arrastando a gente. Até tem uma foto super pesada da gente de mão dada e, *tipo*, gritando, porque estava horrível e eles são super violentos, e a gente achou que eles iam bater na gente, levar a gente pro camburão, e, aí, foram arrastando a gente. Quando jogaram a gente p’ro lado de fora, o Virgílio estava, *tipo*, chorando horrores e estava sendo muito machucado. O policial, *tipo*, jogou ele no chão e ficou em cima dele, literalmente, com o joelho nas costas dele, puxando o braço dele p’ra trás, parecia que ele ia algemar o Virgílio. Fiquei desesperada, comecei a gritar e o policial, a coisa mais escrota que ele podia falar ele falou: “não, eu não quero machucar você, eu quero que seja *dê boa*, eu quero que seja tranquilo”. O policial falando isso e eu gritando falando “*cê tá machucando ele, olha o que cê tá fazendo, cê é um monstro.*” E aí nisso os policiais me soltaram e foram pegar as outras pessoas e eu entrei dentro de novo, fui me arrastando. E aí que eles pegaram pesado. Vieram dois me puxar e jogaram a gente lá na frente. Empurraram a gente. Quase quebram também, torceram o pulso de uma amiga minha que estava também sendo carregada por uma policial feminina. E nisso a gente estava do lado de fora e chorando horrores. Desesperados. Gritando. E as pessoas do lado de fora gritando “sem violência!”, o *peessoal* para fora do cordão policial. E, aí, eles só começaram a chutar a gente e a falar “vai, vai andando.” E a gente “como assim ‘andando’?”, a gente achou que ia ser preso, né. Então, eles foram empurrando a gente até p’ra fora da faixa. Nesse momento também teve um empurra-empurra da *galera* que estava do lado de fora tentando ajudar a gente. E foi tensíssimo. As pessoas esperando lá. Abraçaram a gente. A gente se abraçou e chorou e chorou. E eu vomitei mais. Eu estava muito, muito nervosa. E os policiais escoltando a gente. Quando a gente percebeu que a gente não ia ser detido, a gente foi em um mini-*ato*, tinha cinquenta, sessenta pessoas naquele momento, até a ETESP, que fica lá bem perto do Paula Souza. Chegando à ETESP, a gente trancou a avenida Cruzeiro do Sul. A gente foi indo pela Cruzeiro do Sul e, depois, na frente da ETESP também já estavam dois carros do Choque lá na frente p’ra não deixar a gente entrar, e fechando

todas as entradas. E a gente estava lá e percebeu que a gente não ia conseguir entrar e que a gente ia apanhar em algum momento e eles entendendo que eles tinham que dar o mínimo de ibope possível p'ra tudo aquilo, o mínimo de foto de policial batendo em criança que eles conseguissem. E aí a gente fez uma *assembleia* na frente da ETESP, decidiu que a gente ia p'ra Diretoria de Ensino Centro-Oeste, que também estava *ocupada*. Fomos. A gente foi de metrô e os guardinhas do metrô, tinha uns vinte, ficaram seguindo a gente o tempo inteiro até a gente chegar à Vila Madalena. E quando a gente chegou em frente à diretoria de ensino, estava travada a rua e os policiais não deixaram a gente entrar também. Então a gente ficou horas, horas, horas, muito tempo, umas quatro horas esperando para poder entrar lá também. E foi lá que a gente recebeu a notícia que a gente tinha conseguido a merenda. Depois de *desocupar* o Paula Souza, depois de conseguir desarticular a *luta*, eles vão lá e falam que vai ter *marmitex* em tais e tais escolas no segundo semestre. E foi... foi isso, foi uma... foi uma loucura, foi extremamente violento e, ao mesmo tempo, eles estavam se esforçando ao máximo para aparecer o menos possível de foto. O Alckmin já estava com a popularidade bem queimada, mas foi um momento de tensão... depois de ficar uma hora, depois de mais de uma semana *ocupado* e super cansados e desgastados, sem ir p'ra escola, sem conviver com o mundo real, a gente é *desocupado* desse jeito e repercutiu em vários lugares, mas foi um momento bem tenso. Quando *rolaram* as *desocupações*... quando, quando *rolou* o *impeachment* e o Temer anunciou que o Alexandre ia virar Ministro da Justiça, ele revogou aquela necessidade de liminar de reintegração de posse p'ra *desocupar* as escolas e p'ra *desocupar* qualquer tipo de *ocupação*. Então eles... é... simplesmente entraram de madrugada em várias escolas. Na ETESP mesmo, não sei se o Dias chegou a contar, mas eles foram muito violentos. Acordaram as pessoas batendo nelas de manhãzinha e aí sim levaram todas as pessoas p'ra DP, ficharam todo mundo e desocuparam tudo em um dia só. Só na Diretoria de Ensino Centro-Oeste tinha mais de quarenta pessoas, acho que quarenta e oito pessoas. Quarenta e oito pessoas foram fichadas. E a galera que tinha *ocupado* a Diretoria de Ensino de Guarulhos também. As meninas foram revistadas sem roupa por policial masculino e super assediadas e várias histórias mega tensas e todo mundo fichado e passando o dia inteiro na DP e foi horrível, foi péssimo, foi desesperador mesmo.

CARUSA — Miss Browne, o que você imagina para os próximos três, cinco anos na sua vida em termos de vínculo com a *luta* e como imagina a *luta* nos próximos três, cinco anos.

MISS BROWNE — A primeira coisa é que é praticamente impossível dar um... [Pausa.] A *luta dos secundaristas* é uma coisa *muito loka*. Cada coisa que a gente faz, tanto de *ocupação* e... a gente não imagina que vai durar uma hora e a gente não consegue prever o próximo minuto da *ocupação*, mas... é... acho que a gente está também em um momento de crise econômica e também nessa questão toda do novo governo e a relação que tem com educação, por exemplo, de que a gente sabe que vão ter muitos cortes muito, muito, muito graves, né. A gente sabe que vão cortar muita coisa da educação nesses próximos tempos. Nisso os *secundaristas* vão continuar sendo, do jeito que eu vejo, pelo menos nesse ano e no ano que vem, uma força de *luta* muito grande. Eu acho que isso é a única certeza que eu posso dar. Vai ter mobilização dos *secundaristas* quando tiver corte na educação nos próximos dois anos. E isso a gente vai garantir. Eu vou me formar no fim desse ano, pretendo fazer faculdade, estou mais inclinada para a Filosofia. E pretendo continuar militando principalmente no *movimento secundarista*, que eu vejo que é uma das forças de política muito nova e muito fresca, que tem muito *pano p'ra manga*. Então acho que vai ter sim muita mobilização, mas é impossível prever como que vai ser, mas vai ter. Isso é uma certeza. Esse ano e o ano que vem vai ter demanda p'ra ter *luta* e vai ter gente interessada em *tocar a luta*. Então é isso. Se a gente for ver mesmo, o *movimento das ocupações* no ano passado já conseguiu desencadear a *luta* em vários estados do Brasil. Ano passado *rolou* em Goiás. Aí, esse ano, no Rio de Janeiro, no Ceará, Rio Grande do Sul, agora Mato Grosso também tem escola *ocupada*, no Pará *ocupou* uma escola, *tipo*, as coisas estão crescendo muito, muito rápido e é isso. Em menos de um ano *cê* já teve mais de cinco estados com *escola ocupada*. Acho que isso é uma das coisas mais notáveis. Acho que a tendência é que isso se alastre ainda mais p'ra outros estados do Brasil. E aí, pensando nisso, já teve também *ocupação* no Paraguai, que conseguiram derrubar a Ministra da Educação, está tendo mobilização do Chile de novo. As coisas, *meu*, mesmo o *movimento dos estudantes* na França, *meu*, está botando fogo no país. Acho que todas essas coisas estão conectadas de alguma forma, que é tanto a questão da crise econômica a nível mundial quanto o... como é que é... que é uma frase muito bonita, que eu gosto... ‘se eles globalizam a repressão, nós internacionalizamos a luta’. E é exatamente isso, né. Um momento que se, por um lado, está tendo um ataque dos neoliberais muito pesado contra todas essas questões fundamentais (vai ter muito corte, vai ter muita perseguição), mas também está tendo uma volta de um *movimento*... uma volta não, eu digo, *tipo*, um surgimento de uma nova força de *luta estudantil* que é muito grande. Isso na América Latina está garantido. No Brasil está garantido. Então isso eu

consigo ver para os próximos três anos. Com certeza vai ter *mobilização secundarista*. E de que forma ela vai acontecer, isso é extremamente amplo, não consigo dizer. Mas vai acontecer. Vai ter um fortalecimento da *luta*. A tendência é que ela só se espalhe ainda mais. E aí o que fica na minha cabeça é “ah, então como é que os *secundaristas* vão se comportar agora, quando eles tiverem que *lutar* nos seus próprios empregos?” *Sabe*, como é que vai ser essa *galera* procurando emprego e sendo precarizado? Como é que eles vão se *organizar* nesses espaços que são muito diferentes também? E, p’ra mim, eu pretendo com certeza continuar militando. Acho que é isso... não posso dizer “para a vida inteira”, mas tenho certeza que vão durar muitos anos e que vão passar pelo *movimento secundarista* com certeza, que foi onde eu me formei *militante*. Eu acho que isso é uma coisa muito interessante, como é que a gente consegue, por exemplo, a *luta* do ano passado já [2015] e a desse ano [2016] que teve uma questão fundamental que é a *pauta* mesmo. Se ano passado a gente tinha uma coisa que é muito forte no *movimento autonomista*, *cê* pode pegar Junho, por exemplo, que é... que é... são pautas negativas, né. “A gente não quer o aumento da tarifa”, “a gente não quer que feche escola”, *tipo*, não é nem reivindicando passe-livre, não é reivindicando uma escola democrática, isso está junto, mas a *pauta* principal da *luta* era negativa, né. *Tipo*, “vamos barrar uma coisa que o *Estado* quer fazer p’ra precarizar ainda mais a nossa vida”. E aí esse ano *cê* já teve um pouco diferente, né. Não era “a gente não quer”. Era “a gente quer merenda, a gente está exigindo isso.” P’ra mim, é um patamar na *luta* que é muito grande. Desde 2013 a gente não tinha um *movimento reivindicativo* que fosse tão forte, que conseguisse o que estava pedindo, *sabe*, que foge da lógica de reajuste salarial, por exemplo, que eu entendo que seja reivindicativo, mas é uma coisa que você não tem e que você está criando uma demanda nova. Então, também é muito difícil p’ra você adaptar, né. Qual que vai ser o limite? Se o *Estado* disser que dá “isso”, mas que não dá o que realmente a gente quer, como é que a gente vai lidar com essas coisas? *Sabe*, é por aí que eu vejo também que o *movimento* vai crescendo. Como é que a gente vai conseguir partir dessa *luta* dos cortes e conseguir *pautar* outras coisas que também são importantes na nossa vida? E já posso dizer, por exemplo, não sei nem se você sabe, mas está tendo ocupação da Fábrica de Cultura do [bairro] Capão [Redondo] agora, já durou e está durando dezessete dias já.

3.2.3 Derrubar barreiras do *apassivamento*

MISS BROWNE — Se a gente for pensar uma analogia que eu acho bem interessante, a escola que era um espaço máximo de disciplinarização do trabalhador falhou nessa disciplina e acabou criando o contrário, né, acabou sendo da escola, que é um espaço tão opressor e tão controlador, o maior *movimento secundarista* dos últimos... das últimas décadas. E, aí, na escola técnica, que é a vitrine máxima do governo Alckmin, a maior formadora de mão de obra, é... mais... como eu digo? Sei lá, mais... não é nem mais pronta, é mais... mais formada, mais bem formada, mais capacitada, né, também falhou nessa questão da disciplinarização. Agora, as Fábricas de Cultura, que têm uma outra forma de apassivamento das *lutas* e dos *movimentos sociais*, em que você cria um projeto cultural que é muito interessante. As Fábricas de Cultura são muito interessantes porque elas realmente levam cursos de capacitação, levam arte p'ra *periferia*, em lugares que não têm e através mesmo desse lugar que, teoricamente, é um lugar tão interessante, que os aprendizes podem participar, podem construir e tudo mais, mesmo nesse lugar eles não conseguiram disciplinar ao ponto de a gente não conseguir *tocar a luta*. Então, a gente está conseguindo quebrar essas barreiras de disciplinarização. Só crescendo, né. Está só indo mais além. Mesmo quando não é uma disciplinarização só à base da coerção, quando tem um pouco de consenso, de envolvimento, um pouco mais de participação, a gente entende que aquele lugar é um lugar que também tem que ser *tocado luta*. Então acho que conseguir ultrapassar essas barreiras do *apassivamento* que tentam criar p'ra gente cotidianamente, acho que é uma coisa que também vai vir por aí, é como é que a gente vai conseguir acabar *ocupando* outros espaços que também são importantes nessas *conquistas* que a gente está *pautando*.

[Retiramos a bateria do celular. Passamos ao assunto das perseguições.]

MISS BROWNE — É. Essa questão das perseguições é desesperadora, na verdade. Eu acho que... ano passado a gente entrou muito em confronto com a polícia, a gente apanhou muito, levou muito gás e levou vários enquadros, mas... eu particularmente não tinha tanta... sei lá, eu acreditava muito na força do *movimento* e, aí, esse ano, agora eu tenho muito, muito, muito medo dos policiais. Então, *cê* falou do Fernando, ele é um caso típico. E aconteceu com várias outras pessoas, com um cara que mora em Taboão que está sendo perseguido pesado. Então é isso de... um cara mais pobre, negro, que foi detido e aí a polícia fica atrás dele dando enquadro, *tipo*, sabe que ele não é dos lugares, vai atrás dele, enquadra ele em outro bairro, falam “e aí, *ocupante*”. Isso acontece direto com ele e acontece com muitos também. Por exemplo, um amigo meu que foi detido, que mora nessa rua, na frente da minha casa, foi detido no Paula Souza. Antes dele ser detido, antes

de qualquer coisa que ele pudesse ter feito, a polícia estava com dois carros da [Força] Tática na frente da casa dele. Exatamente aqui. Nessa rua. Então, por exemplo, a gente sabe que os nossos celulares são grampeados. *Facebook* a gente sempre soube que não era seguro e *Whatsapp* também não. Criptografia do *Whatsapp* a gente não confia nem um pouco. E dá para descobrir fácil. Quando o telefone faz muito ruído, quando fica caindo a ligação, você não consegue mandar mensagem direito, pode ter certeza. Então qualquer informação que seja importante a polícia não ficar sabendo é bom não falar por telefone, nem por e-mail, nem por *Internet*. Isso de tirar a bateria é uma coisa imprescindível quando você está falando alguma questão importante. Agora, isso... para proteger as informações do *movimento*... [Pausa.] Porque falando *assim*, pessoalmente, eles sabem quem é a gente. Principalmente a *galera* que foi detida, eles têm RG, eles têm tudo, mas mesmo de mim. Eles sabem quem eu sou, eles têm foto minha, eles sabem. Quando a gente, *tipo*, a gente nem *ocupou*, mas quando acompanhando a *ocupação* [da Fábrica de Cultura] do Capão [Redondo] com O Mal-Educado e os *caras* foram... a gente ouviu, eles falando sobre o que era O Mal-Educado e de onde eram as pessoas. Eles falaram de uma pessoa d' O Mal-Educado que estuda no [Colégio] Equipe e eu sou a única, *sabe*. Então. Eles sabem que a gente existe, eles sabem onde a gente mora, eles sabem tudo isso. *Assim*, essas coisas, infelizmente não tem muito como proteger mais. O que mais me preocupa é se você vai fazer uma *ocupação* em algum lugar e aí você não falar as coisas pela *Internet*, *tipo*, preferencialmente. Então, isso é bem tenso. Agora... esse caso do Fernando, ele teve que ficar umas três semanas afastado de casa, ele teve que passar por vários lugares, ele não podia ser visto na rua porque, enfim, tudo isso que o Dias já contou. Eu tenho um amigo, por exemplo, o Di Cavalcanti, ele foi detido no ano passado de uma forma super violenta, foram mega, mega violentos com ele quando ele foi detido e uma menina que tinha sido detida junto com ele, também foram super machistas e racistas com ela, e aí ele estava sendo muito perseguido pela direção da escola dele – isso no Guaracy – e aí ele teve que assinar um termo no começo desse ano se comprometendo a não fazer nenhum tipo de mobilização política dentro da escola, a não fazer nenhum dano ao patrimônio, a não *ocupar*, a não nada, ele teve que assinar esse papel. E, aí, depois, nas *ocupações* desse ano, ele estava sendo tão perseguido que ele mudou de escola. Só que quando ele tentou mudar de escola, a diretora da escola nova dele que, coincidentemente, era a diretora do [ensino] técnico do Guaracy, não deixou ele entrar, disse que não tinha vaga. E tinha. E agora ele está sem escola. Então, esse tipo de coisa com certeza está acontecendo muito. Muita gente que mudou de escola porque não

aguentava mais perseguição de professores, não aguentava mais policiais indo à escola. E aí é bem à base de pressão psicológica mesmo. Agora, por exemplo, teve no Rio de Janeiro esse caso de uma menina que foi morta – não sei se *cê* viu que ela foi encontrada –, foi queimada viva e a gente sim tem quase certeza que foi a polícia ou foram milícias a mando da polícia. Esse tipo de coisa que é muito perigoso. Então isso está acontecendo bastante. Eu não posso te dizer numericamente, mas tenho certeza que muito, principalmente nas escolas da *periferia*, isso está acontecendo muito, esse tipo de perseguição informal, e que é bem assustadora, consegue deixar você maluco, e quando você vê a polícia em qualquer lugar *cê* sabe que os caras podem saber quem você é. Por exemplo, um advogado *da luta*, o Castro Alves, ele foi enquadrado pela polícia, *tipo*, no dia seguinte de ele ter ficado o dia inteiro no Paula Souza, e os caras já chegaram enquadrando e falando “e aí, advogado, passa o documento”, sabiam quem ele era. Então, isso acontece muito, está acontecendo bastante. E... é isso. A gente sabe que a gente está muito exposto. A gente sabe que eles têm os nossos nomes, os nossos endereços, que eles sabem o que a gente faz, a gente sabe que eles podem estar seguindo a gente às vezes, alguns mais, outros menos, mas... e nesse momento é muito complexo, *cê* tem um Ministro da Justiça que é quem é [Alexandre de Moraes]. A gente sabe que o *cara* está disposto a qualquer coisa. Mas aí também já entra em uma questão política, por um lado a gente sabe que sim é possível que os *caras* sejam mais violentos. Eu avalio que vão ser especialmente violentos com os *secundaristas* porque o Alexandre de Moraes tem uma birra muito grande com a gente. Ele poderia ter *desocupado* todas as *ocupações* do MST e do MTST e da FLM aqui em São Paulo e ele focou na gente no primeiro dia de exercício dele, exatamente na gente, porque o *cara*, ele se sentiu desafiado, ele foi intimado pelo juiz p’ra prestar uma declaração dizendo quem que tinha deixado a polícia entrar no Paula Souza.⁵⁸ Ele diz que não iria respeitar o judiciário, né. Essas coisas todas bizarras. Só que falando realmente, *assim*, eu acho que isso é uma das coisas que sempre existiram, perseguição ao *movimento* social não é de hoje, é uma característica de qualquer tipo de *Estado* tentar reprimir os *movimentos socais*. Então, a gente já era perseguido antes, a gente sabe que vai continuar. Agora, tem sempre que tomar muito cuidado. Mas é sempre essa noção de que *o Estado* ele nunca vai permitir. Por mais interessante que seja o governo que esteja *ocupando* espaço, infelizmente é isso. Tem desocupação do MST mesmo no governo Lula, mesmo no governo Dilma. Essas coisas acontecem, então, a

⁵⁸ No dia 2 de maio de 2016, conforme Miss Browne narrou anteriormente.

gente sabe que vai ter que aguentar muitas barras e que a gente vai ser perseguido, mas era uma coisa que a gente já sofria antes, né. Agora, com segurança em relação a você... acho que pelo *status* de pesquisadora você já está um pouco mais protegida assim como os jornalistas, eu acho que é uma *galera* que eles evitam deixar tão na cara o que eles estão fazendo porque sabem que é um pessoal que tem um pouco mais de produção com visibilidade. O que também explica eles estarem perseguindo pessoas que eles sabem que não são tão vistas pela mídia. O Fernando mesmo... eles não foram atrás do Honório do jeito que eles foram atrás do Fernando porque eles sabem que é uma pessoa que vai ter muito mais repercussão se aparecer na mídia que está sendo perseguido desse jeito. Mas acho que essa questão do celular é bem importante. E das nossas informações eu realmente não... [Pausa.] Assim, já está correndo tanta coisa nossa por aí formalmente e informalmente que eu realmente acho que não tem muito jeito, né. De qualquer jeito, seu doutorado vai demorar um tempo para ficar pronto. Mas eu acho que isso é o de menos. Acho que, por exemplo, isso, essa questão do Fernando, acho que é bem importante conversar com ele. Por muito tempo a gente nem falava o nome dele no telefone, a gente tinha codinomes para. Quase ninguém sabia onde ele estava, *tipo*, só as pessoas que estavam responsáveis por levar ele de uma casa até a outra. Mas nesse momento exatamente o que eu acho que ele precisa é desse tipo de proteção. Acho que é bem interessante entrevistar e ver o ponto de vista dele também, que é completamente diferente de quem está sendo perseguido e quem pode realmente estar falando quão tenso é psicologicamente inclusive. Mas, *assim*, é isso, né. Essa questão da polícia que *cê* já entendeu que eles podem prender e tudo mais, mas também acho que... que você está um pouco mais segura até do que a gente nesse sentido. Acho que tem que ter muitas precauções e não dar tanta bandeira na frente deles e tudo o mais, mas no geral acho que *cê* está um pouco mais tranquila, *assim*.

3.3 Pautas afrocentradas entre *secundas* – São Paulo, 2 de julho de 2016

Cerca de vinte cadeiras plásticas estavam dispostas formando um círculo. Conseguir a sala e chamar a reunião foi uma articulação por parte de *secundas* que estavam propondo debater a formação do Coletivo Negro Secundarista. Era uma sala ampla. Estávamos na primeira reunião chamada para conversarem sobre a criação do coletivo. O nome do coletivo estava em elaboração. Todavia, a ideia é a de que seja um

coletivo com *pautas* afrocentradas, compondo o conjunto de uma coletividade, atualmente, nomeada Secundaristas em Luta de São Paulo, assim como, o conjunto das *lutas secundaristas* em geral. A sala, as cadeiras, o espaço, era na *ocupação* da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE): rua Alameda Nothmann, 1058, bairro Campos Elíseos, região central da cidade de São Paulo.

Antes de começar a reunião, Carmosina dizia-me sobre o restaurante Dona Onça e mais uma tomada de decisão por parte do governo do estado de São Paulo considerada desabrida pelos *secundas*.

CARMOSINA — Dona Onça é um restaurante elitizado da cidade. Um prato que serve uma pessoa custa algo como oitenta reais. A Dona Onça é conhecida internacionalmente também. E o governo estadual está fazendo acordo com este restaurante, está dizendo que a Dona Onça passou a elaborar a merenda das escolas estaduais.

Para Carmosina, disso surge uma contrariedade aparente em relação a *lutar* por merenda de qualidade, uma vez que, enquanto isso, o governo alega que a Dona Onça está preparando merenda.

No começo da reunião, fez-se uma rodada de apresentação com todas as pessoas presentes. Durante a reunião, anotei livremente, conforme o *peessoal* falava. Anotei o quanto as mãos conseguiram correr, com intervalos para escutar sem escrever devido ao fervor de alguns momentos, conforme se lerá à frente. Carmosina iniciou a rodada de apresentação.

CARMOSINA — *Milito* desde a *pauta* da maioria penal, alguns anos atrás.

OSCAVO — *Milito* no MPL e no *movimento secundarista*.

MARIA DE LOURDES (LOU) — Comecei a *militar* em 2013, nas manifestações do Parque Augusta.

FERNANDO — Comecei a *militar* em 2015, com os *secundaristas*.

PIO — [*Falou e não consegui anotar.*]

JOSEPHA — Sou do coletivo Bloco das Pretas. Sou de Minas Gerais. Integro o GAP (Grupo de Articulação Preta).

DAGOBERTO — *Ocupei* a EE Fidelino, saí na rua em 2012.

MARIA PECCIOLI — Comecei *na luta* desde a ocupação da Etec Pirituba, em 2016. Tenho dezesseis anos.

ANTONIO COTRIM — Também iniciei na Etec Pirituba. Sou filho de pai preto e músico.

CAETANO DE CAMPOS — Sou do Fernão, faço *militância* ligada à arte. Fui aos atos de 2013 só por ir. Depois, em 2015, o teatro começou a ser algo mais político na minha vida e veio a *luta contra a Reorganização escolar*.

MARIA APARECIDA DAMO FERREIRA — Tenho dezoito anos de idade. Não sei desde quando *milito*. Tenho muito a aprender.

JOÃO CAVALHEIRO SALEM — Também tenho dezoito anos e me formei agora, na Etec de Artes. Fui à *ocupação da USP*, que está ocorrendo simultânea à da FUNARTE.

JOSÉ VIEIRA — Estudei na EE Albert Einstein. Comecei a *militância* na greve dos professores em 2015 aqui em São Paulo e depois fui p'ra Etec de Artes.

[*Fim das apresentações. Início das sugestões de ideias para se conversar, discutir, debater, construir nessa reunião de caráter embrionário para a organização do Coletivo Negro Secundarista.*]

DAGOBERTO — Esta reunião tem por intuito preparar uma outra reunião. Agora o *movimento universitário negro* está forte. Então, seria hora de os pretos também se *organizarem* entre *secundaristas*. Sugiro ao pessoal conhecer mais sobre o tema do genocídio negro, pensar menos em figurinhas do debate anarquista, comunista, ver mais sobre pan-africanismo, e pensar que já nascemos com isso no peito, somos pretos.

JOSEPHA — Sou do campo das artes e educação, esse é meu universo de interesse na vida e *na luta*, mas os *secundaristas* é que fazem suas coisas. Zero tutela na *luta secundarista*. O grupo que participo, o GAP (Grupo de Articulação Preta), está se retirando da *ocupação da FUNARTE* hoje. Queremos nos colocar para pensar como afro-brasileiro-indígena e queremos somar com *secundaristas*. Considero que as *pautas* são as mesmas do GAP. Quanto à nossa saída da *ocupa FUNARTE*: o negócio está ficando feio aqui dentro, tem escuta dentro da *ocupação*. Reuni-me com Honório e soube que existe pedido de reintegração do prédio chegando. Há ameaças. O Dagoberto está entrando para o GAP. Estou preocupada com os *secundaristas* ficarem aqui agora, com a saída do GAP. A Liga do Funk tem um pé preso com o Fora do Eixo, e o GAP não gosta disso.

DAGOBERTO — Minha ida para o GAP é mais experimental, para ver como é uma *organização* sem partido político. Diferente de outros *movimentos* como UNEAFRO e outros, que têm vínculo com partido.

CAETANO DE CAMPOS — Da mesma forma que os feminismos foram fortes no *movimento secundarista*, a negritude também deveria ter sido. Nas manifestações a gente vê cartaz com x, y, w bandeiras e existia uma (1) sobre racismo. Tem que existir mais politização sobre essa questão do racismo ao mesmo tempo em que sobre as questões do feminismo, da *luta* de classes etc.

[Na sequência, parei de anotar, fiquei absorvida pelos desabaços que estava presenciando. O pessoal estava indignado com o bloco d' O Mal-Educado. Segundo relatavam, o bloco d' O Mal-Educado estava passando a se preparar antes para chegar às reuniões com a reunião pronta. Desabafaram sobre o tema da Caravana Secundarista: o quanto a Caravana foi idealizada pel' O Mal-Educado; como eles haviam feito uma lista com os nomes que iriam para todas as viagens da Caravana; que houve reunião na casa do Antonio Manoel, que é um cinegrafista e acompanharia a Caravana para registrar.]

CARMOSINA — Ao escutar falar dessa história de Caravana Secundarista, então, fui conversando com um por um até chegar à Miss Browne e, finalmente, saber que haveria uma reunião na casa do Antonio Manoel. Quem iria era apenas a patotinha d' O Mal-Educado. Diante disso, avisei um *bonde* de vinte pessoas para comparecerem à reunião. Antonio Manoel ficou com a cara abismada, muito sem graça, por haver tanta gente na casa dele. A presença desse *bonde* obrigou a refazer algumas coisas, iniciando do zero a lista de quem iria para as viagens da Caravana. Portanto, quebrou-se a prévia articulação d' O Mal-Educado usando o nome dos Secundaristas em Luta de São Paulo.

[Encaminhando para o fim das notas nessa primeira reunião pró Coletivo Negro Secundarista, passo às deliberações de hoje. 1) O Coletivo Negro Secundarista deliberou por participar da reunião de segunda-feira, dia 4 de julho, sobre a Caravana. A ideia é participar levando a bandeira de que as pessoas que forem na Caravana sejam pessoas negras. 2) Eles ponderaram se haveria número de pessoas para isso entre o pessoal pró Coletivo Negro Secundarista. Pois muitas das pessoas não poderiam viajar por impedimentos de emprego, busca por emprego. 3) Por todo modo, nesta reunião, deliberaram que querem colocar a voz do Coletivo Negro Secundarista, dos pretos, pobres, periféricos, de modo a estar pautando mais os debates dos Secundaristas em Luta de São Paulo; no sentido de reverter o quadro em relação à situação atual na qual se

viram, nos seus termos, de “ventriloquos e marionetes”. Sentem que, ultimamente, parece estar se tornando algo assim a relação com O Mal-Educado acerca do nome Secundaristas em Luta de São Paulo.]

ANTONIO COTRIM — Desejo que a criação do Coletivo Negro Secundarista signifique uma rocha, que seja forte de tão unido. O que *a esquerda* sempre acaba fazendo é o que divide, separa, desune.

CARMOSINA — Concordo e reforço a necessidade de uma forma de comunicação pacífica e não promotora de provocações ou escrachos, gritos. Sem conflitos desnecessários.

3.4 O *bonde*, o *bloco* e a *pauta* afrocentrada⁵⁹ – São Paulo, 16 de julho de 2016

Recapitulando sobre a primeira reunião pró Coletivo Negro Secundarista, que ocorreu dia 2 de julho de 2016. O Coletivo Negro Secundarista seria um dos compartimentos na composição da coletividade denominada Secundaristas em Luta de São Paulo. A iniciativa de criar o Coletivo Negro Secundarista apresentou como *pautas* fundamentais 1) a *luta* por mais espaço dentro da *luta secundarista* para pensar as condições de vida dos *pretos, pobres, periféricos*, 2) o combate ao racismo mais representado na *luta dos secundaristas*, 3) a defesa da escola pública com um olhar afrocentrado (MAFEJE, [2000] 2019; BORGES *et alli*, 2015).

Na reunião, foi colocado em debate que esse ponto de ver a *luta* está em posição diferente daquela que o pessoal d’ O Mal-Educado passou a praticar, conforme referido em tons de ardido desabafo pelo *pessoal* na reunião do dia 2, fazendo preparo prévio de *reuniões* dos Secundaristas em Luta de São Paulo. Sobre esse ponto de ver, principalmente, posicioná-lo em consonância com a necessidade de transversalidade das questões, das questões que constituem a vida do povo preto entre as *pautas* referentes a questões de classe no acesso à escola, à *educação pública de qualidade*. Algumas das pessoas do, segundo expressão colocada na reunião do dia 2, *bloco* d’ O Mal-Educado, estudavam em escolas privadas, escolas consideradas elitizadas, com histórico de resistência. O Coletivo Negro Secundarista objetiva fazer contraponto ao monopólio que, segundo o indicado ponto de ver, o *pessoal* d’ O Mal-Educado estava passando a praticar.

⁵⁹ Este subtítulo é uma paráfrase de “A carroça, o bonde e o poeta modernista”, de Roberto Schwarz ([1983] 1987, pp. 11-28). Em outro lugar e em momento posterior, planejo desenvolver a relação entre as ideias do ensaio e o contexto desta paráfrase.

Nessa perspectiva, o *pessoal* d' O Mal-Educado estava passando a querer *dar a linha* nos Secundaristas em Luta de São Paulo, na medida em que combinam antes o que seria *pautado* na *assembleia*.

A partir desse dia fez-se nítido para mim que dois contornos vieram a se configurar entre Secundaristas em Luta de São Paulo: o *pessoal* mais ligado ao Coletivo Negro Secundarista e o *pessoal* mais ligado a' O Mal-Educado. O *bonde* e o *bloco*.

CAPÍTULO IV – “SÓ A LUTA MUDA A VIDA”: JOGO DO CORPO E DA LUTA

— *Um salve, aí p'ra todas as escolas de luta, molecada que tá colando nas ocupações.*

— *Pode, pá. Mano, é isso aí me'mo. MC FOICE E MARTELO mandando o papo reto aí. Seguinte, governador, quando nós promete, nós cumpre, tá ligado? Nós falou que ia ocupar duas escolas para cada uma que fosse fechar. Cê falou que ia fechar noventa e quatro escolas? Tá aí, ó. Duzentas escolas ocupadas, não é não, Foice?*

— *É, mas não para por aí não. Vamo' continuar ocupando, fortalecendo a luta.*
— *É isso me'mo. Duas semanas, duzentas escola' ocupada', mano, o secretário 'tá p'ra cair aí, mano. Temo' que fazer alguma coisa aí, o governo tá p'ra recuar, mano. O negócio é dar uma radicalizada agora, não é não?*

— *Vamo' dá uma radicalizada me'mo. A galera tá falando aí em ocupar avenida, fazer que nem no Chile, né, mano. No Chile, mano, a molecada descia de cada escola, juntava uns quinze, descia e parava a avenida mais próxima. A cidade parava inteira, tio. O baguio é fazer isso mesmo aqui.*

— *É a nova rotina dos estudante', travar avenida de manhã, fortalecer as ocupação de tarde.*

— *Pode, pá. É isso me'mo. Ó, seguinte, ó. Nós vai parar as avenidas, nós vai parar as ruas porque se os trabalhador' não chegar p'ra trabalhar... Ah... quero ver se o governo não recua. Ó, seguinte, mano, o papo é reto e nós tá fervendo, caralho.*

Bololó Haha

Bololó Vamo' ocupa'

As escolas já é nossa agora a rua nós vai tomar.

Bololó Haha

A cidade vai parar.

Bololó Haha

Bololó vamo' ocupa'

Geraldin não vai aguentar

MC FOICE E MARTELO da Z/S, “Salve p'ras escolas de luta” (dezembro de 2015)

Este capítulo está composto por acontecimentos e experiências com interlocutores de pesquisa nos anos de 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020, que vinculam corpo, *luta*, repressão e pretensão de legitimidade por parte da força bruta do Estado. A frase “Só a *luta* muda a vida” é uma *palavra-de-ordem* nesse contexto etnográfico, não obstante, a inspiração específica para a colocar no título do capítulo advém de um dos meus principais interlocutores, Andronico, durante entrevista em profundidade, realizada dia 14 de maio de 2016. Cito uma passagem da entrevista:

O G.A.S. [Grupo Autônomo Secundarista] começou em 2015. A primeira reunião foi no final do mês de agosto. Então nos definimos politicamente: fazer

trabalho de base dentro das escolas p'ra criar uma mentalidade revolucionária, pois só a *luta* muda a vida. Eu queria que os *secundaristas* voltassem a ser considerados um *setor de luta*, pois muita gente fica pensando que só na ditadura tinha *luta secundarista*. (Andronico, 14 maio 2016, entrevista em profundidade)

O capítulo enfeixa seus subcapítulos a partir da tematização da relação tensa entre as categorias nativas *luta* e *perseguição*. Desde este ponto de ver, sublinho alguns elementos preñhes na indicada tematização. *Tomas de colégios* é expressão chilena para as *ocupações de escolas* por *estudantes secundaristas*, que aconteceram em 2006 (AGUILERA-RUIZ, 2010) e em 2011 no Chile e que, com efeito, inspiraram o início da mobilização das *ocupações* no Brasil, em 2015 (GROPPO, 2018a). Conhecida amplamente por *La rebelión pinguina*, a experiência ‘pinguina’ contribuiu decisivamente para as *lutas secundaristas* desabotadas na cidade de São Paulo no trimestre final de 2015, e se fez contagiante, no seu desabrochar frenético, ao longo do país, em dezembro de 2015 e durante 2016 (GROPPO, SILVA, 2020). Chegou-se a um momento, em 2017, no qual o “sentimento da *luta*” transmutou-se em algo como um “estado de *luta*” na cidade de São Paulo e região metropolitana. Isto é, uma conjunção de disposições de ânimo tão contingentes quanto permanente para uma parcela de *secundas*. Ao mesmo tempo, a permanência referida pôs-se desaparecida para fins públicos e, no entanto, para seu inverso, continua com presença na vida cotidiana como o *pós-ocupação* de muitos *secundas marcados*, por agentes da força bruta do Estado, configurando a *caça aos secundas*. Repressão e pretensão de legitimidade por agentes do Estado é aqui pensada em duas tônicas: prática que assola e que é ativamente respondida, não raro, desafiada, pelas invenções de *táticas* produtoras das (r)existências próprias ao contexto dos Secundaristas em Luta de São Paulo (SP). Nesse contexto, foi realizada esta etnografia sobre modos de *organização* da ação coletiva. Por isso, talvez, caberia perguntar: diz-nos algo o sistema de relações entre corpo e *luta*, se considerado como fonte de inteligibilidade antropológica acerca do modo próprio de *organização secunda*? Em outras palavras, as dinâmicas dos modos de existência próprios ao contexto *secunda* significa referir um modo próprio, uma ontologia própria, entre *secundas*? Seria este um modo de *organização* difuso? Seria este aspecto sintetizado via um modo sensível de conhecimento, neste caso, sitiado por paradoxos, aparentemente, entrópicos? Interpreto que “sentimento da *luta*” e virtualidade ameaçadora da vida de si conformam partes que integram o gosto de viver *na luta* entre *secundas*. Em consequência, “estado de *luta*” emprestaria inteligibilidade antropológica a um dos *legados* do *processo das ocupações*?

Refiro-me a experiências denominadas por *perseguição* pelos *secundas*, na medida em que essa venha a ser, parece-me, uma das formas de *secundas* posicionarem-se como interlocutores no leito institucional da *luta* política, por sua vez, desde a condição juvenil e as desiguais situações de seu exercício ao longo do espaço social.

4.1 “Porque eu sou preto”: *militância e perseguição* – São Paulo, 2 de julho de 2016

[Entrevista realizada com Fernando no dia 2 de julho de 2016. A conversa se passou ao longo de quarenta e um minutos e seis segundos com auxílio de gravador. Passemos à entrevista.]

CARUSA — Fernando, como você iniciou na *luta*? Antes, poderia se apresentar como achar melhor.

FERNANDO — Meu nome é Salvador Allende, todo mundo me chama de Fernando. [Pausa.] Iniciei na *luta* no ano passado [2015], antes da *ocupação* das escolas [a partir de novembro]. Eu tinha alguns amigos que já eram envolvidos na *militância*. Aí eles me chamaram p’ra *encostar* em algumas manifestações contra a Reorganização e eu fui frequentando algumas reuniões também. Nisso, a gente foi *formando a reunião*, um grupo de gente, e... [Pausa.] E a gente decidiu *ocupar* o Fernão. Foi assim que eu iniciei mesmo. Mais por convite dos amigos mesmo, porque eu nunca tinha me envolvido em nada desse tipo, *sabe*. Nunca tinha... [Pausa.] *militado*. Nunca tinha ligado p’ra nada, p’ra falar a verdade. Eu nem ligava p’ra política. Minha mãe falava e eu ficava “ah! *suave*, eu ‘*tô tranquilo de ouvir essas fita*’”.⁶⁰ Então, *tipo*, foi *da hora* quando eu comecei a me importar mesmo, correr atrás dessas coisas.

CARUSA — Fernando, quais suas inspirações, o que te move para estar *na luta*?

⁶⁰ Ao se expressar vocalizando “essas *fita*”, Fernando condensa inúmeras outras expressões cuja maneira de falar “nada tinha de ignorância com relação à norma culta da língua portuguesa” (BIONDI, 2014, p. 25). Ademais, refere “uma diferença que não se expressa somente na maneira de falar, mas também de argumentar, de agir” (*idem*). Trata-se de pensar este ingrediente junto com a colocação da questão por Karina Biondi (*idem*). Isso porque, por homologia, o raciocínio parece provido de nexos em muitos contextos de fala nesta etnografia com *secundas*. Por exemplo: o “*nóis*”, que está na fala de interlocutores de pesquisa de modo difuso e massivo. No estudo de Biondi, “A opção pelo termo *nóis* é declarada, por exemplo, ao rejeitarem a expressão ‘a gente’: ‘a gente é muita gente. É *nóis!*’ Nesse sentido, *nóis* é uma palavra que compõe expressões muito recorrentes entre os *malandros*: ‘é *nóis* na *fita*’, ‘é *nóis* que tá!’. *Nóis* nada tem a ver com um conjunto de pessoas (‘muita gente’), mas é o próprio *movimento (...)*” (*ibid*, p. 25 – grifos da autora). Não obstante, Fernando expressa na indicada condensação – essas *fita* – uma intersecção alocada na fala em meio ao caleidoscópio de *movimentos* presentes na *quebrada*.

FERNANDO — Então, o que me inspira mesmo é eu saber que eu posso mudar alguma coisa. *Tipo*, não ficar parado no sofá vegetando, vendo um monte de coisa acontecendo no país e não poder fazer nada. Isso que me incomoda. Isso que me motiva mesmo. *Tipo*, não só em questão política como em questão racial. Tudo. [Pausa.] *Tipo*, *cê vê...* Recentemente eu fui com um amigo meu no metrô, aí a gente não tinha dinheiro p'ra pagar. Aí, a gente pulou [a catraca]. O segurança falou: “ele pulou porque ele é preto, branco não faz esse tipo de coisa, não sei quê lá.” Então, ouvir um *baguiu* desse já me motiva, *tá ligado?* *Tipo*, me deixa bravo, mas me motiva a ir mais p'ra frente e não esperar outros fazer' por mim, *entendeu?*

CARUSA — O que você diria de aprendizados nesse *processo das ocupações?*

FERNANDO — Então, depois que eu *comecei andar com* a maior parte dos meus amigos, que agora é *militante*, então, comecei a entrar num processo de *desconstrução*, né. Até, *tipo*, politicamente. É... [Pausa.] com as meninas, com... é... com questão dos homossexuais, eu comecei a entrar num processo de *desconstrução*, e, *tipo*, antes eu não tinha nenhum amigo *gay*, é... eu via as mulheres de forma diferente, e agora eu sei respeitar. E eu me sinto incomodado com o desrespeito. E... acho que isso foi o que eu mais aprendi mesmo... a como... viver *na sociedade*. *Tipo*, ver o próximo como um igual, não como simplesmente outra pessoa, *assim, sabe*, ela é gente como a gente, e... quando eu ‘tô *lutando*, eu não ‘tô *lutando* só por mim, eu ‘tô *lutando* por ela também. Isso foi o que eu mais aprendi mesmo.

CARUSA — Passando para a parte de situações de graves violações de direitos fundamentais. Vou te dizer o que me falaram em outras entrevistas, que é o que eu sei do que aconteceu com você. 1) Ameaça de morte por parte da polícia, 2) invasão de domicílio por policiais do Batalhão de Choque com alegação de que estavam procurando droga, sendo que o Choque não tem essa tarefa e, portanto, teriam invadido a sua casa para intimidar, bater, ameaçar, 3) policiais da PM foram para a porta da sua escola com fotografia sua, te procurando, 4) durante algum tempo (dias, meses, não sei quanto tempo) ninguém sabia onde você estava, mas apenas as pessoas responsáveis por te levar de uma casa para outra, pois policiais da PM estavam em uma “caça” atrás de você, 5) que você sofreu isso que se pode chamar de *tortura*. Então queria que você me dissesse se confirma isso que acabei de falar, se é verdade, e que me dissesse um pouco do seu ponto de vista sobre como foi.

FERNANDO — Então, tudo que você falou realmente aconteceu. Só que... eu acho que o meu ponto de vista é bem diferente do da maioria das pessoas, dos meus amigos, da minha mãe, dos advogados. *Tipo*, é uma *perseguição*, eu concordo com isso, mas eu não acho que seja uma *perseguição* só por causa da *militância*; o do Choque sim, porque foi uma coisa muito incomum, o Choque invadir minha casa alegando que estava buscando droga, eu achei isso muito estranho, ainda mais às dez horas da manhã, no meio de um sábado. Mas eu acho que a maioria dessas coisas acontece' não por causa da minha *militância*, mas porque isso já acontecia mesmo antes de eu *militar*. Mesmo antes de eu *militar* eu já tomava enquadro, já apanhava, já era ameaçado. Então, eu não acho que foi por causa da *militância* que mudou, talvez tenha piorado, mas mesmo antes disso já... acontecia porque eu sou preto, então, é... é a realidade, infelizmente. Eu não acho que seja uma coisa tão incomum. Eu também não acho que... [Pausa.] É que eu me sinto um pouco incomodado às vezes por receber toda essa atenção sendo que tem gente que sofre por coisa muito pior que eu e não tem uma mãe do lado dele. Nem uma mãe, *tá ligado*? Eu tenho minha mãe, eu tenho advogado, eu tenho meus amigos p'ra *trocar uma ideia* quando tiver mal. Mas tem gente na *periferia* aí que apanha todo dia da polícia, que não tem olho por causa da polícia, que é cego, que perdeu braço, perdeu perna e nunca recebeu uma ajuda. Então, eu me sinto até um pouco mal às vezes, por causa disso, de receber toda essa ajuda que... eu particularmente não acho... não acho tão preciso... p'ra mim. Se eu pudesse, *tipo*, desviar essa ajuda que eu recebi p'ra mim p'ra uma pessoa que realmente precise acho que eu ficaria muito feliz, porque... eu acho que eu 'tô sendo privilegiado. E eu não tenho muita escolha por causa disso, porque eu falo isso p'ros meus amigos, p'ras pessoas, e, *tipo*, todo mundo fala “não, *cê* 'tá *loko*, que não sei quê lá”, é... “*cê* precisa de ajuda, que não sei quê”. Isso me incomoda muito.

CARUSA — [...] Você mora/morava em bairro *na periferia*?

FERNANDO — Então, no momento, eu 'tô morando num bairro de classe média, é... que... não tem *periferia* perto, *tipo*, não tem *periferia* perto só que é um bairro que tem muito policiamento, que é muita casa de rico, tem muita gente rica perto, *assim*. Antigamente eu morava em *periferia* sim e era a mesma coisa. Agora a minha mãe tá morando nesse bairro, tal, e continua a mesma coisa também. P'ra falar a verdade, até pior. Não é um bairro periférico. É um bairro de... idoso, que tem muito japonês. E eu continuo sofrendo enquadro e... p'ra falar a verdade, pior do que antes. É isso.

CARUSA — [...] Para você, o que geraria isso ou não? Como você percebe?

FERNANDO — Então. Eu acho até que seria se toda vez que eu fosse enquadrado, fosse... *tipo*, os policiais soubessem que eu sou *secundarista* e que eu *milito*. Mas eu acho que p’ra todos os policiais saberem isso, principalmente na minha região, ia ter que ter uma comunicação muito grande entre a polícia e eu acho que não tem isso. É muito difícil um policial saber que eu sou *secundarista* quando eu tomo um quadro. P’ra falar a verdade, já aconteceu, mas, *tipo*, poucas vezes, de eu ser reconhecido e falar que eu sou do Fernão. Por exemplo, eu saí com uns amigos meus esses dias, a gente ‘tava pichando. Um policial enquadrou a gente, ele só olhou minha carteirinha, ele viu que eu era do Fernão e ele quase jogou a tinta e todo o material de trabalho do meu parceiro, todo o material de escola dele, porque eu era do Fernão, eu era a única pessoa do Fernão. Então, *tipo*, por eu ser do Fernão, eu quase prejudiquei todos os meus amigos naquele momento. Eu acho que eu sou enquadrado pelo fato de eu ser *secundarista*, eu acho que eu sou enquadrado pelo fato de eu ser preto, de eu me vestir diferente, de eu andar diferente, de eu falar diferente, eu acho que em maior parte é por causa disso.

CARUSA — Você falou sobre o vestir diferente. Vestir diferente como?

FERNANDO — Não, então, é que aqui eu ‘tô em casa. Eu me visto, coloco uma bermuda e ‘tô pronto. Mas quando eu saio, *assim*, eu gosto de usar roupa larga, porque roupa apertada me incomoda. Então, eu uso umas roupas, *tipo*, muito *larga*, muitos números maior’ do que eu e... eu ando diferente. Eu não percebo isso, mas todo mundo fala que eu ando diferente. Então, acho que isso também, quando fui enquadrado uma vez, pela ROTA, e eu perguntei “por que que vocês me enquadraram?, qual que é a alegação de vocês?” Eles falaram “só o jeito que você anda já é motivo p’ra te enquadrar, parece que você ‘tá armado só pelo jeito que você anda, que não sei quê lá, a sua roupa é larga, pode ser que você esteja escondendo arma na roupa.” E essa é a alegação deles. Eu já escutei várias vezes isso.

CARUSA — [...] Então é mais ou menos assim como o Mano Brown?

FERNANDO — É. É *tipo* Sabotage. É mais *tipo* Sabotage, tal, que é meu estilo.

CARUSA — Beleza. E você picha então?

FERNANDO — É, então... eu picho há um tempo sim, mas eu ‘tava parado, mas eu tô voltando agora porque eu comecei... eu comecei a entrar no *movimento* de novo. Eu tô

curtindo. Meus parceiros faz' uns grafite' também. Eu não sei desenhar muito. Eu sou *tagueiro*. Eu faço *tag* só, que é a minha marca.

CARUSA — *Tag* é a letra de quem picha? O que é?

FERNANDO — É, *tipo*, a marca pessoal da pessoa, não precisa ser necessariamente uma letra.

CARUSA — Por exemplo, o que é ali na parede?

FERNANDO — Então, aquilo ali é um *bomb*... mais ou menos, não é uma *tag*. É, *tipo*, um *bomb*, não é uma *tag*. Eu posso mostrar uma *tag* p'ra você depois. Tá cheio.

CARUSA — Eu não sei ler esse material. [...]

FERNANDO — Eu fui pro Rio de Janeiro esses dias e conheci bastante também o mundo da pichação deles lá. Lá, eles fazem, *tipo*, as pichações deles são completamente diferentes. Quem é de São Paulo e nunca foi pro Rio, vai p'ra lá e não entende muita coisa. Toda hora. Como que *cê* vê que cada local tem o seu jeito de fazer as coisas.

CARUSA — [...] Tem um documentário de etnografia nesse assunto que mostra o pessoal com pastas, daquelas que tem saquinho e você põe uma folha e tal. [...]

FERNANDO — Essas folhinhas aí a gente costuma fazer quando a gente vai p'ra algum... p'ra algum encontro, p'ra algum *rolê* que a gente vai. A gente pega uma folhinha e cada um faz o seu numa folhinha e a gente guarda a folha. Por que aí a gente olha e quando a gente vai na rua, a gente vê o picho na rua, a gente sabe de quem é. Por isso que a gente gosta de fazer isso. *Tipo*, a gente está passando de busão, a gente olha p'ra uma parede, vê o picho de um amigo nosso ou vê o nosso e, *tipo*, é muito *da hora* isso. Ainda mais quando 'tá pela cidade inteira, que *cê* vê o tempo todo.

CARUSA — No picho você se iniciou mais cedo, faz mais tempo?

FERNANDO — Não. Faz menos tempo. Eu gosto mesmo é de andar de *skate*, de música, *Hip Hop*. A pichação eu me envolvi mais recentemente. O que eu curto mesmo é andar de *skate*, dançar, fazer um som também, cantar.

CARUSA — O som que você faz é...?

FERNANDO — É *rap* consciente nacional, é *rap* que acontece com a gente. Esse tipo de música que eu gosto, porque eu não acho que a gente está numa situação que se eu cantar uma música ostentando, com tanta gente aí necessitando, eu acho muita hipocrisia.

CARUSA — Vocês têm uma banda?

FERNANDO — Não, não. A gente não tem muito apoio p'ra fazer esse tipo de coisa, né. Então a gente fica só no papel mesmo.

CARUSA — Vocês não têm uma banda, mas vocês têm um grupo?

FERNANDO — Não. Eu sou... eu canto, eu faço a minha própria letra e... sozinho. Eu tento fazer minhas batidas, mas não dá p'ra lançar por que eu não tenho apoio de ninguém e eu *tô suave* também, fazendo minhas letras no papelzinho p'ra mim. Eu *tô tranquilo*. Às vezes eu *encosto* em algumas batalhas de rima.

CARUSA — [...] Daquela parte de *perseguição* você quer falar mais alguma coisa?

FERNANDO — Então, o que *cê* quer saber?

CARUSA — Olha, fico imaginando assim, como você disse que acha um pouco desnecessário todo esse cuidado que te cercou, então, queria saber um pouco como foi isso. Você sentiu sofrendo violência?

FERNANDO — Então, eu senti. É... eu morava sozinho com alguns amigos meus quando essa situação do Choque aconteceu. Quando teve a situação da foto, que um amigo meu foi enquadrado e ele viu uma foto minha no celular do policial, eu me senti também afetado. Só que eu acho que vai ter uma certa hora que eu vou ter que passar a resolver meus problemas sozinho, que eu não vou ter que toda vez que eu sair na rua, eu ter que sair acompanhado porque eu vou ter medo de ser enquadrado. Não é que, *tipo*, eu não me preocupo, é que... eu não vou me prender a ficar num espaço fechado porque a polícia está lá fora, não vou deixar de ir num lugar porque a polícia tá lá fora. [Pausa.] Não é que eu não me preocupo, eu só não tenho medo. *Tipo*, na minha opinião... [Pausa.] É que eu tenho uma opinião, um pensamento, muito estranho, acho que eu e todo mundo fala isso... Na minha opinião, se acontecer, aconteceu. Eu não vejo o problema, eu vejo a solução. [Pausa.] Então, quando eu saio na rua, tudo bem, tem risco de eu ser enquadrado, então, eu vou fazer de tudo p'ra eu não ser enquadrado. Eu fico esperto se eu for... é... beber na rua com os meus amigos, eu não vou beber em um local que eu sei que eu vou ser enquadrado. Porque querendo ou não, *tipo*, a minha vida é na rua, *tá ligado*? Tudo

que eu faço, eu faço porque eu gosto da rua, *entendeu?* Então eu sei que, querendo ou não, eu sei os locais que são mais seguros, os locais que têm mais polícia. *Tipo*, os locais que se eu andar eu vou ser enquadrado, locais que eu sempre sou enquadrado quando eu ando, que eu nunca sou enquadrado, as ruas que eu sei que vai ter polícia e a que não vai. *Tipo*, na minha *quebrada* eu não tenho sido enquadrado porque eu tenho tomado esse cuidado e antigamente eu não tomava. Mas, mesmo tomando esse cuidado, ainda acontece, mas é rotineiro. Eu não vou me incomodar com uma coisa dessa que acontece comigo sendo que acontece pior com outras pessoas. É isso que eu penso. *Tipo*, eu não posso, é... chorar porque o policial levou meu maço de cigarro sendo que tem mãe chorando porque o policial levou o filho dela, *sabe*. É esse o meu pensamento. [Pausa.] Então, *tipo*, eu tento não me abalar por essas coisas. Eu tento não ficar abalado. Eu tento passar o máximo de calma possível. Principalmente p'ra minha mãe, que é a que mais se desespera nessas situações. E... isso me deixa muito triste também. Às vezes, ela deixa de cuidar dela p'ra, *tipo*, tentar cuidar de mim sendo que eu consigo fazer isso e eu quero o melhor p'ra ela. Ela quer o melhor p'ra mim e esquece dela, é isso que me incomoda também, ela ficar *lutando, lutando, lutando*, atrás das coisas p'ra mim e esquecer dela.

CARUSA — [...] Sua mãe continua preocupada? Existe essa situação?

FERNANDO — Sim. Minha mãe 'tá preocupada. Sim. Ela 'tá muito preocupada. E, na minha opinião, até demais. Por que... é... por exemplo, agora ela está em Paraty resolvendo alguma coisa da *militância* também, eu não conversei direito com ela. Mas... toda vez que saio de perto de casa, ela fala “cuidado, que não sei quê, que não sei quê lá.” Eu fui pro Rio. Eu pedi p'ra ela p'ra ir pro Rio. A primeira coisa que ela falou: “mas, filho, lá é cheio de polícia.” Todo lugar que vou ela fala: “mas, filho, a polícia”. É isso que me incomoda, ela ficar com essa *neurose* com a polícia. Então isso me deixa triste. Por isso que eu tento passar o máximo de calma possível p'ra ela não ficar mais desesperada ainda. Às vezes, eu até omito algumas coisas dela p'ra ela não ficar mais desesperada ainda porque ela chega a passar mal às vezes por causa disso.

CARUSA — [...] Em relação ao conjunto dos *secundaristas*, você é uma pessoa que passou por uma situação mais *pesada*, pelo que a gente sabe?

FERNANDO — Eu acho que sim, não sei. Eu não conheço todos os casos de repressão que teve entre os *secundaristas*, então eu não posso afirmar que o meu seja o pior, mas teve também com outras pessoas *secundaristas* também. Não só comigo. Por exemplo,

não era só eu que ‘tava quando o Choque invadiu. O meu amigo também ‘tava, o Pio, que ‘tá aqui embaixo ‘tava também, morava comigo. Morava eu e mais três amigos nossos. Eu, o Pio, o Levi e o Barão. O Levi ‘tava trabalhando quando isso aconteceu. ‘Tava o Pio, o Barão e eu. E... acho que, com certeza, tem outros *secundaristas* que passaram por coisas piores. Talvez não aqui em São Paulo, mas em outros lugares com certeza. Ou aqui em São Paulo mesmo, porque acontece muita coisa que a gente não sabe.

CARUSA — [...] Tem alguma coisa que você indicaria para tomar cuidado? Por exemplo, eu tomar cuidado?

FERNANDO — Esse tipo de matéria que você ‘tá fazendo, você ‘tá expondo a polícia. Se eles realmente acharem que você ‘tá prejudicando, eles, de alguma forma, afetando, eles, de alguma maneira, pode ser que tenha alguma maneira de perseguição com você. Talvez não tão forte quanto tem com os *secundaristas*, mas, *tipo*, ligações, convocações para depoimentos, algum tipo de coisa, por que eu já vi isso acontecer. Jornalistas que se envolve’ muito com isso ou até se você for em manifestações, é... os policiais focam, estão focando nos jornalistas agora... acho que você deve conhecer um amigo meu, o Frederico, dos Jornalistas Livres.

CARUSA — Não conheço. Mas não sou jornalista. [...]

FERNANDO — Ah, sim. Mas o seu trabalho... é... provoca eles, né, porque você ‘tá fazendo uma afronta. Isso pode envolver você de alguma maneira também... é... nas perseguições. Eu acho que tem essa chance. Se eles se sentirem realmente afrontados.

CARUSA — É. Aconteceram algumas coisas. [...]

FERNANDO — Sempre comunica alguém da sua confiança. Acho que... quando esse tipo de coisa acontece é bom manter a calma, mas *cê* tem sempre que deixar alguém avisado que isso aconteceu. Sempre fala p’ra alguém que *cê* recebeu esse tipo de coisa, sempre fala p’ra mais de uma pessoa também, gente da sua confiança que, se acontecer alguma coisa, a pessoa vai saber que foi por causa disso. Mas sempre gente da sua confiança, que *cê* sabe que pode confiar.

CARUSA — É. [...]

FERNANDO — Não, então... é... Sobre esse período eu não posso comentar aonde eu fiquei, tal, mas... eu fiquei indo de casa em casa por um tempo, foi durante a ocupação do CPS, da DECO... foi esse tempo. E... eu me senti muito mal, *cara*, porque... eu participei

do *movimento secundarista* praticamente desde o começo e... eu deixar meus amigos de lado, *assim*, uma parte tão importante da *luta*, eu me senti muito mal e não foi por vontade própria... Não, foi por vontade própria. Mas sempre tem aquela “putz, eu queria ‘tá lá, eu queria ‘tá lá ajudando”. Eu vi os meus amigos sendo tirados lá do CPS, todos os meus amigos, à força. E eu fiquei *puto* e não podia fazer nada, ‘tava vendo pela TV, não podia fazer nada. E... isso me deixou muito bravo. Eu queria ter conseguido participar disso com todos eles, ter podido ajudar de alguma maneira, mas... é... Eu ‘tava escondido, porque... por causa da polícia. Isso em pleno século XXI. Acho um absurdo.

CARUSA — [...] Obrigada pela conversa, Fernando. Essa é uma primeira conversa e o doutorado são quatro anos, então, é bem possível que a gente converse mais vezes. [...]

FERNANDO — O que precisar pode chamar que a gente conversa sim.

CARUSA — Certo.

FERNANDO [*Sorrindo.*] — Certo, *mano*.

CARUSA [*Sorrindo enquanto fala.*] — Certo, *mano*.

4.2 Política sobre a mesa de casa desde cedo – São Paulo, 2 de julho de 2016

[*Entrevista com Carmosina realizada na ocupação da FUNARTE, no dia 2 de julho de 2016. Conversamos no espaço de uma das salas no piso térreo. A conversa se passou ao longo de quarenta e seis minutos e trinta e um segundos com auxílio de gravador. Passemos à entrevista.*]

CARUSA — Carmosina, como você iniciou na luta? Antes, você poderia se apresentar como achar melhor.

CARMOSINA — Oi, meu nome é Carmosina, eu tenho quinze anos, estudo numa escola na região central de São Paulo. [*Pausa.*] *Ocupei* minha escola em 2015, mas eu já tinha uma noção, um senso crítico antes disso, *assim*, referente à política e a outras coisas. Meus pais são *militantes*, nasci já com um senso crítico na mesa, *assim*, de casa. Então, sempre me foram apresentadas essas coisas muito cedo, tanto que eu amadureci muito rápido p’ra idade que eu tenho. E quando era criança também era já mais madura que os meus amigos, eu já encontrava algumas dificuldades, *assim*, na convivência com as pessoas da minha idade. Comecei a introduzir mesmo na discussão, na *militância*, quando eu tinha treze

anos, em 2014, quando surgiu a PEC 33/12 e a PEC 171/93, da redução da maioria penal. Nesse mesmo ano, eu estava entrando em escola pública, a vida inteira eu tinha estudado em escola particular. E, aí, quando eu estava no meu primeiro ano na escola pública, surgiu essa PEC, e foi um choque, *assim*, de todos os jeitos, porque a escola pública é muito diferente p'ra quem fala o que é vindo de fora e, quando você entra lá, você vê o que realmente é, o que realmente acontece. Então, quando eu estava entrando de fato nesse lugar, percebi que não era nada daquilo que eu estava pensando, que falaram p'ra mim quando eu disse que ia entrar. Ao mesmo tempo, eu pensava nas diferenças que percebi quando entrei e do local que eu estava antes, que era sempre uma coisa maçante, *assim*, da escola particular, das matérias, dos professores, das pessoas. E na escola pública é aquela coisa muito vaga, muito vazia, não tem espaço para discussão, acho que as pessoas nunca pensam em discutir algo lá porque isso nunca foi apresentado a elas. E eu sabia que, com a PEC da redução da maioria penal, todos os meus colegas de classe estavam destinados para o mesmo local, *sabe*. Os que já estavam no Ensino Médio e não tinham ingressado no mercado de trabalho já estavam destinados p'ro encarceramento, porque é um mecanismo *muito loko* que existe, se você não ingressar no mercado de trabalho muito cedo, quando você está na *periferia*, você acaba caindo no crime. E aí é uma vida que você não tem escolha, ou é a sua vida ou é a vida do outro. E eu convivia diariamente com essas pessoas e ia aprendendo muito toda hora. Na minha sala, a gente não tinha espaço nenhum p'ra discussão; tanto que, quando alguns professores de Filosofia e Sociologia iam abordar o assunto da PEC da redução, a maioria estava sempre com aquele... com a opinião contrária, de que não ia resolver nada e não sei quê, não sei quê, aquela opinião de massa. E, aí, eu sempre ia contra isso e sempre abordava um monte de polêmica na sala. Desde então, sempre gostei de estar nesse espaço de discussão, de... de... [Pausa.] de ação mesmo, de ter esse cuidado, de ter esse afrontamento com o *Estado* e entender o que é o *Estado*, né. Eu já tinha contato direto com o *Estado*, né, tive contato direto, bem direto, com o *Estado* em 2013, quando o meu pai sofreu um acidente trabalhando numa das manifestações do MPL, ele levou um tiro de bala de borracha da Tropa de Choque no olho esquerdo. E era justo o olho que ele usava p'ra fotografar. Foi um tempo que eu fui começar a entender o que era *Estado*, mas não comigo. E aí quando eu entrei na escola pública, percebi que, poxa, eu também estou... é... essas pessoas que estão aqui comigo também são vítimas do *Estado* diariamente. E, aí, depois, no ano seguinte [2015] foi o ano da Reorganização Escolar. Quando surgiu a ideia do Projeto da Reorganização, a princípio a Reorganização Escolar era boato nas escolas, né, ninguém

sabia se ia acontecer mesmo ou não, ninguém tinha certeza, só foi ter a certeza mesmo de que esse projeto ia acontecer, todo mundo só teve certeza mesmo pela televisão, porque começou a passar comerciais péssimos na TV, que contradiziam o que realmente iria acontecer se a Reorganização passasse, ia fechar mais de noventa e quatro escolas, vários professores ficariam desempregados e a escola ia ficar cada vez mais sucateada do que ela já é. Eu sabia que a prisão que eu estava esperando que eu, que todos os meus amigos de classe iriam, poderia ser a própria escola, *sabe*. E aí, eu parei um pouco para refletir sobre. E a Reorganização foi o limite, *assim*, que deu p'ra não fazer algo. Eu senti que a gente tinha que fazer alguma coisa e eu não sabia como, porque era o meu primeiro ano na escola, não conhecia ninguém e estava sendo bem difícil, bem complicado, mas tinha que fazer alguma coisa. E aí surgiu o *processo de ocupação de escola*. A primeira escola, a segunda, a terceira e, aí, o estopim de todas as *escolas ocupadas*. E, aí, enfim, consegui mobilizar os alunos da minha escola p'ra *ocupar* no dia da prova do SARESP, que é uma prova aplicada pelo *Estado* p'ra escola receber um bônus escolar e uma quantia de dinheiro, e esse dinheiro nunca chega à escola, que é mais um jeito do *Estado* dizer que investe em educação, mas esse dinheiro nunca chega às escolas para ser investido. E, aí, consegui mobilizar um grupo de alunos, *assim*, um grupo bem pequeno de alunos da minha escola p'ra *ocupar*. E, aí, eu comecei a introduzir na *luta* de fato, *assim*, no processo de ação direta de verdade, porque *processo de ocupação* é muito corporal, né, ele mexe muito com você, né, em todos os sentidos. Não é como discussão o tempo todo, é uma coisa que é corpo toda hora, corpo toda hora, ação, ação. E isso mexe com qualquer pessoa, tanto que foi um *movimento* muito forte, ganhou muita força, porque, realmente, o *processo de ocupação de escola* ano passado [2015] foi inenarrável, *assim*. Todo dia mil experiências, um dia inteiro numa *ocupação* parecia uma semana, porque acontecia muita coisa. Desde então, *assim*, desde tudo isso, não parei até agora e não consigo parar.

CARUSA — Como foi a *ocupação do Centro Paula Souza*?

CARMOSINA — A *ocupação do Centro Paula Souza* foi um negócio muito, muito de impulso, *assim*. Foi exatamente como foram as *ocupações* das escolas ano passado, foi uma coisa “ah, vamo’, vamo’, vamo’, foi, ‘tá feito”. Ninguém nunca tinha pensado em *ocupar* o Centro Paula Souza, na verdade. *Tipo*, a gente tinha encerrado, pausado, as *ocupações das escolas*. Aí, no começo do ano veio o escândalo da merenda, aí, logo depois a Reorganização disfarçada, aí, a gente não sabia o que fazer, não dava p'ra *ocupar escola* de novo, porque estava todo mundo super desgastado, sendo *perseguido*. E, aí, a

gente, enfim, quebrou o tabu com as Etecs, juntou todo mundo, a gente começou a fazer manifestação atrás de manifestação, e teve uma que a gente planejou de fazer paralização das escolas no dia, todo mundo paralisava as escolas e ia pro *ato* e fazia uma manifestação. E, aí, esse dia foi super desgastante p'ra mim, porque eu não consegui paralisar a minha escola, porque a direção colocou o conselho de classe nesse dia. Então, fez todos os alunos faltarem na escola e, aí, eu não consegui conversar com ninguém, e foi proposital. Acordei nesse dia e sabia que teria uma viagem perdida se eu fosse, então, eu fui p'ra outras escolas tentar paralisar, acordei cinco e meia nesse dia e fui p'ra outras escolas tentar paralisar, conversar com a *galera*. Fui p'ra escola de uma amiga minha, que fica no bairro da Mooca, o Firmino de Proença, a gente tentou paralisar a escola e a gente conseguiu, a gente levou a *galera* toda p'ro *ato* depois e, quando a gente chegou, era um *ato* que começava no vão livre do MASP, quando a gente chegou lá, a polícia já estava ameaçando obstruir a via, com dez minutos de manifestação, se a gente não encerrasse tudo. Só que mesmo assim a gente fez, foi um trajeto super desgastante, a gente nunca tinha feito, foi uma manifestação super aleatória, eu jurava que ia dar errado, e não deu. De todas as manifestações anteriores que a gente tinha feito, a gente tinha passado pelo Centro Paula Souza e, aí, fazia um pequeno *escracho* lá na frente e seguia o *ato*. Nessa manifestação, a gente encerrou em frente ao Centro Paula Souza e, quando a gente estava encerrando a manifestação, a gente pediu que a diretora do Centro Paula Souza, a Laura Laganá, descesse p'ra conversar com os *secundaristas*, p'ra ouvir as reivindicações sobre a merenda escolar das Etecs e tudo mais. E, aí, ela não quis descer e aí foi muita confusão, a *galera* ameaçou *ocupar*, só que foi uma ameaça, *assim*, que ninguém estava fundamentando nada em *ocupar* o Centro Paula Souza, até porque ali são dois prédios, o prédio administrativo que estava funcionando, estavam todos os funcionários lá dentro, e o prédio de uma Etec, os alunos estavam todos lá estudando. E, aí, todo mundo “mas, não, não tem como *ocupar* isso aqui, tá cheio de gente, não sei quê”. E aí, a Laura Laganá disse que não ia descer e, aí, impulsivamente, todos os *secundaristas* (todos não, alguns) subiram o portão e começaram a pular p'ro lado de dentro do Centro Paula Souza. E, aí, foi um negócio *muito loko*, todo mundo viu e foi pulando atrás, foi totalmente impulsivo, foi nada pensado. Eu estava do outro lado da rua, olhando. O *ato* tinha dispersado, eu do outro lado da rua olhando, *assim*, pensando “meu, não acredito que essa *galera* tá fazendo isso, isso não vai durar cinco minutos”. [Pausa.] Quando a gente terminou o *ato* ali, a gente percebeu que a gente já estava cercado de polícia. E aí com certeza ia ter repressão policial ali mesmo. E aí eu olhei em volta, *assim*, e, aí, *tipo*, vinha um cordão de policial

com *spray* de pimenta, *assim*, dando *sprayzada* na cara de todo mundo que estava na rua, mesmo quem não estava no *ato*, quem estava, *tipo*, nos centros comerciais, na calçada, *sprayzando* na cara de todo mundo e eu, *tipo*, “meus Deus, o que está acontecendo?” E aí corri pro quarteirão de trás e mesmo *assim* ainda peguei um pouco do gás, fiquei passando mal. Eu e mais três amigos, a gente ficou do outro lado da rua sem entender o que estava acontecendo, pensando “*ocupação* do Centro Paula Souza?”, e a gente “que?”. Quando passou um pouco o gás, a gente voltou p’ra rua do Centro Paula Souza, a gente chegou lá e estava todo mundo lá dentro, tinha uns... uns... *nossa!* mais de cem *secundaristas* lá dentro, com a polícia lá dentro. E aí fizeram, *tipo*, um cordão policial em volta do Centro Paula Souza. Ninguém entrava, ninguém saía. E os *secundaristas* lá, que tinham entrado, preocupados porque não poderiam sair. Então, a polícia estava ajudando na *ocupação*. E os funcionários... uma coisa super bizarra... os funcionários trabalhando normalmente lá dentro e a *galera* lá *ocupando*, falando que estava *ocupado*. E eu, *tipo*, “o que tá acontecendo?”, falando “essa *ocupação* não vai durar até hoje à noite”. Mesmo *assim*, fiquei lá na frente com a *galera*, dando força, falando “não saiam, não saiam”. E, aí, virou o dia, *assim*, estava escurecendo. Eu falei “*mano*, a *galera* vai dormir aqui” e foi isso, *assim*. Deu o turno dos funcionários, todo mundo foi embora, todos os funcionários, acabou o turno da Etec, a *galera* foi embora p’ra casa, estava *ocupado* por *secundaristas* o Centro Paula Souza. Liguei p’ra minha mãe e falei “mãe, vou dormir aqui.” E ela “que?” E eu “ah! é porque tá *ocupado*, não sei quê, nã, nã, nã”. Mesmo *assim*, eu ainda estava naquela *neura*, pensando “*mano*, de madrugada a polícia vai entrar aqui, vai tirar todo mundo”. Mas não. Na hora, a gente já fez como nos *processos de ocupação de escola*, já criou *comissão*, não sei quê, toda aquela *organização* interna, e ficamos, e permanecemos por uma semana lá dentro. Mas desde o início até o final eu não estava acreditando que aquilo tudo estava acontecendo.

CARUSA — Como foi o dia da reintegração de posse? [...]

CARMOSINA — Ah, então. Esse dia... É... [*Pausa.*] No dia anterior ao que aconteceu a reintegração de posse a gente fez essa última *assembleia* super maçante [iniciada na noite do dia 5 de maio de 2016], que terminou de madrugada [dia 6 de maio de 2016]. A *galera* ainda na ativa, *assim*, tentando *organizar* as coisas o máximo possível. Só que eu fui tentar dormir duas horas da manhã, *assim*, eu fui, *tipo*, deitar no chão duro. Dormi uma hora e meia mais ou menos. Quando foi três e meia, quase quatro horas, eu acordei com a *galera* já gritando e com o barulho dos camburões do Choque chegando ao Centro Paula

Souza, eles faziam um barulho, *assim*, super assustador, buzonavam, *assim*, p'ra acordar a gente, p'ra deixar a gente assustado, acho que eram três [da madrugada], se eu não me engano. E a gente super apreensivo, né, reintegração de posse só pode ser feita a partir de seis horas da manhã, só que eles chegaram quatro horas da manhã, justamente p'ra deixar a gente super ansioso e com medo e assustado. Acho que a gente estava num número de trinta lá dentro, *assim*, de manhã. A maioria não pôde dormir lá e tinha combinado de chegar lá seis horas da manhã; seis horas, cinco e meia da manhã. Mas a polícia tinha já feito um cerco, tinha fechado todo o quarteirão p'ra ninguém passar. Tanto que, esse dia, eu combinei com a minha mãe de ela chegar lá cinco e meia, só que aí, quando deu cinco e meia, ela me ligou e falou que ela não ia conseguir chegar porque a polícia não deixava passar, e aí eu fiquei “*porra*, o que a gente faz?” A imprensa toda estava lá e não podia passar. A gente deu muita sorte, que dormiram acho que três repórteres, no dia anterior, na *ocupação* e tinha gente p'ra fazer registro, mas quem chegou no dia não conseguiu fazer. E, aí, eles fizeram um cerco novamente em volta do Centro Paula Souza e no quarteirão. E, aí, a gente tentou tirar uma *galera* do Centro Paula Souza, que era *maior de idade*, que não ia conseguir ficar, que tem boletim de ocorrência, que ia dar *bosta* se ficasse lá dentro. Só que o máximo que essa *galera* conseguiu sair foi ir pro outro lado da rua, porque não ia conseguir sair dali do quarteirão, porque a polícia não deixava. E, aí, quando deu seis horas da manhã, que era o horário exato da reintegração, a tropa se alinhou em frente ao Centro Paula Souza e quem estava no portão era o Virgílio, e, aí, conversou com o Virgílio e falou “vocês têm quarenta minutos p'ra sair do prédio se não a gente vai entrar e tirar à força” e aí ele falou que a gente ia resistir e aí a gente fez uma roda lá dentro do prédio, com a *galera* que quis resistir. E, aí, a gente pensou – todo mundo, *tipo*, olhando um p'ra cara do outro – “*nossa*, caramba”. Quando deu seis e quarenta, que era o tempo p'ra gente sair, e a gente pensando “sai ou não, a gente sai ou não”, todo mundo já estava ali, não ia sair, ia ter que tirar à força mesmo. E aí teve uma *galera* que ia ficar do lado de fora, teve um companheiro nosso, o João Antunes, que estava do lado de fora, porque ele não queria ficar na resistência, mas quando deu seis e meia ele falou “eu não vou ver vocês apanharem”, e aí sentou em roda junto para fazer a resistência lá e aí um monte de gente fez a mesma coisa. No final, todo mundo ali, estava todo mundo no mesmo destino, todo mundo igual e, aí, ninguém pensou quem era *maior de idade*, quem era *menor*, todo mundo só queria dar força um p'ro outro, se apoiar um no outro. Quando deu seis e quarenta, a tropa se alinhou novamente e entrou, né, entrou, e entrou daquele jeito, né. Eu vi um cara com uma serra elétrica p'ra quebrar o cadeado

do nosso portão. Uma cena *mó* bizarra. E aí eles entraram daquele jeito que eles entram, todos robôs. E aí o comandante dizia “p’ra direita, p’ra esquerda, p’ra direita, p’ra esquerda”. E a gente, *tipo*, olhando um p’ra cara do outro, com um cordão de braço, dando força um p’ro outro no olhar, *tipo*, sem falar nada. E aí o comandante começou a falar “vocês, têm que sair agora do prédio, se vocês saírem pacificamente a gente não vai ter que usar a força, se vocês não saírem vai todo mundo p’ra DP”. *Tipo*, tinha um camburão parado em frente, *assim*, no Centro Paula Souza. E aí a gente, *tipo*, “ah, já estamos aqui, não vamos sair”. E aí quando ele falou isso, ele nem terminou de falar, a gente já começou a olhar um p’ra cara do outro, *assim*, e começou a gritar “não tem arreg’o!” E aí, *tipo*, não teve jeito, ele olhou p’ro Virgílio e falou “esse aqui vai ser o primeiro a ser retirado, esse aqui”. E aí a única coisa que me veio à cabeça foi a *assembleia* que a gente fez um dia antes [5 de maio de 2016], p’ra falar do que a gente ia fazer com os negros e que ia ter racismo sim na reintegração de posse, e foi justamente isso que aconteceu. E, aí, o comandante falou “tira!”. O Virgílio foi o primeiro a ser retirado, ele ficou do lado de fora, os caras da tropa levaram ele p’ra fora, *assim*, e ficaram lá *torturando* ele um tempão, pisando na cabeça dele, machucando. Depois, o comandante falou que era p’ra tirar primeiro as meninas, depois os meninos; não, primeiro os meninos, depois as meninas. E aí foi. Um por um. Foram tirando os meninos e aí eu olhei p’ra roda, só tinha *mina*. E aí eles foram na maior crueldade que eu já vi. Tinha, *tipo*, três caras p’ra tirar uma *mina*. Um em cada braço, *assim*. P’ra me tirar foi um no meu braço esquerdo, um no meu braço direito, e eu estava de cachecol e o outro me enforcava com o cachecol. E aí eu segurava na Teresa e na Silvia, mas eu estava quase morrendo sufocada porque o cara estava sufocando e os dos braços estavam quase arrancando. E aí a gente teve que sair. Para tirar a Teresa foram uns cinco caras; p’ra segurar pelas pernas; ela foi, *tipo*, carregada. E aí eles pegavam a gente e jogava no meio da rua, jogava um em cima do outro. E aí a gente fez uma roda ali, aí quando eles me jogaram na rua... que eu olhei em volta... tinha muita gente na rua, *assim*, *apoiando*, vários *secundaristas*, pais, a mídia também, *tipo*, todo mundo chorando. Até ali eu nem tinha chorado quando eles estavam me machucando, estavam falando merda p’ra gente, eu não estava chorando, mas quando eu cheguei lá fora, que eu olhei todo mundo, *assim*, em volta, gritando, eu não aguentei, eu tive que chorar. Aí, a gente olhou, *assim*, um pro outro e foi levantando, um por um, e se apoiando um no outro e, aí, a gente fez um pequeno *ato* do Centro Paula Souza até a ETESP. E aí foi isso.

CARUSA — Quando vocês estavam lá dentro ainda, vocês cantaram aquela música “Para não dizer que não falei das flores”?

CARMOSINA — Cantei, cantou, cantamos. Engraçado. Quando faltava uns quinze minutos, *assim*, p’ra dar seis e quarenta, a gente estava na roda e aí todo mundo, *tipo*, super nervoso, super ansioso, aí, um menino falou assim “gente, vamos fazer um sarau?” E aí a gente “vamos, a gente está nervoso mesmo, dá p’ra distrair os nervos”. E aí a gente começou a cantar várias músicas aleatórias e esse monte de música *de luta*. A gente cantou essa “vem, vamos embora que esperar não é saber...”, a gente cantou os nossos gritos também, a gente cantou “O trono do estudar”, música do Chico Buarque, e... aí, depois a gente começou a cantar várias músicas aleatórias, *tipo*, várias músicas bestas... *tipo*, Calypso... p’ra não ficar tão nervoso.

CARUSA — Você poderia falar um pouco sobre quais suas inspirações para estar *na luta*, o que te move para a *luta*?

CARMOSINA — *Nossa!* Eu não sei, são muitas coisas que me inspiram. Às vezes, eu fico muito decepcionada com um monte de coisa que acontece dentro do *movimento secundarista*. Aí eu penso “*nossa*, não acredito”. E eu até penso às vezes em parar um pouco e me focar em algumas coisas, porque eu acredito muito no que eu faço, *assim*, se eu tô fazendo uma coisa, sou muito focada naquilo que eu tô fazendo. Então, eu penso que quero voltar, eu tô no penúltimo ano da escola, ultimamente eu tenho odiado ir p’ra escola porque parece que, depois que eu *ocupe*i, tudo ficou muito... *bosta*. Quando a gente volta p’ra escola e todo mundo dá um tapa na minha cara, *assim*, jogando tudo na minha cara, *tipo*, com autoritarismo de volta, e eu penso “*nossa*, mas eu *lutei* ano passado contra tudo isso, eu queria muito voltar p’ra sala de aula p’ra dar aula, e voltar com vontade p’ra sala de aula”, porque eu não tenho vontade de ir. Então, o que mais me motiva é pensar na escola que... na educação que eu quero construir ou destruir, reconstruir, p’ra eu conseguir fazer o real papel da escola, que é formar pessoas, né, e a escola nunca teve essa função, ela não faz isso pelas pessoas. E... eu também gosto muito de discussão, de me questionar, de tentar entender as coisas, e o *movimento secundarista* ainda é uma coisa que eu estou entendendo o que é, porque é uma coisa muito ampla, que envolve muitas pessoas e muitas coisas. Então, não vai ser de um dia p’ra noite, de alguns meses que eu vou tentar concretizar o que é o *movimento secundarista*. Então, eu tô nessa coisa de acreditar no *movimento secundarista* e tentar entender junto com você até o que é, eu não sei ainda algo concreto p’ra definir. É isso, né.

4.3 Uma parte do corpo ficou⁶¹ – São Paulo, 24 de outubro de 2016

São onze e quarenta da manhã. Estou na Mooca Baixa, região do centro expandido da cidade de São Paulo, são onze e quarenta da manhã.

Ontem foi domingo, dia da apresentação primeira de uma peça de teatro, *Só me convide para uma revolução em que eu possa dançar*, que alguns *secundas* estavam fazendo. Assisti naquele dia. Essa foi uma criação conjunta entre o Coletivo Rozà e dezessete *secundas* que ocuparam o Centro Paula Souza. A *ocupa CPS* durou entre a tarde de 28 de abril e a manhã de 6 de maio deste ano. A peça-*performance* teve lugar no Centro Cultural Casa do Povo.

Ontem Lou contou-me sobre uma experiência vivida por um *secunda* que moveu a elaboração da peça. Transplanto o que Lou partilhou naquele momento: Carlos Gomes desceu do metrô, foi seguido, levado por policiais, espancado até ficar inconsciente e deixado no meio da rodovia para ser atropelado e morto, pois uma parte do corpo ficou para a estrada. Todavia, Carlos recobrou a consciência e pediu socorro. Durante a *tortura*, mostraram vinte e quatro fotografias e perguntavam se eram do *movimento*. A cada fotografia, a pergunta. Reiteradamente. A cada pergunta, a resposta: “não sei”. A cada resposta, o espancamento recrudescia. Repetidamente.

Ontem Lou contou-me que foi espancada por policiais, nas costas, até a camiseta branca ficar vermelha. Em seguida, teve a tatuagem do símbolo “A”, de anarquia, raspada com um objeto aparentado a uma pequena faca, manejado pelos agentes do Estado, até sumir praticamente toda a tatuagem, restando apenas um risco em linha reta opaco. Lou mostrou-me, o risco restante estava localizado próximo ao pulso do braço esquerdo. Ela relatou que está com medo de morrer, que mostraram doze fotografias de *secundaristas* que estavam em uma lista de pessoas a *torturar*. Lou disse que falou com Carmosina sobre isso somente quinta-feira, que falou com pouquíssimas pessoas, que tem medo de falar do assunto, que ela ficaria louca se pegarem a Carmosina. Nós conversamos sobre

⁶¹ Versão anterior deste subcapítulo foi apresentada ao XI Seminário Nacional de Sociologia e Política – Intermittências da Democracia e Desigualdades Sociais. O trabalho foi acolhido pelo grupo de trabalho “Sociologia da juventude, do corpo e das emoções”, realizado em formato on-line nos dias 19 a 30 de outubro de 2020.

isso no meio-fio da calçada em frente à Casa do Povo. Enquanto conversávamos, passou em frente uma viatura da PM, bem lentamente; pode ser mera coincidência ou não.

Agora retorno ao registro diário desta pesquisa para anotar que hoje, às doze e trinta, saí de casa de taxi (fiquei com medo da discricionariedade do Estado, da *tortura*) para me dirigir à Casa do Povo novamente. Havia marcado com Carmosina, ela disse que estaria por lá desde às doze e ficaria até às dezoito horas. Isso porque, hoje será a segunda apresentação da peça-*performance*.

Chegando lá, surpreendi-me: havia um povo inesperado. Pessoas falando francês, inglês. Estavam todos ao redor de uma mesa improvisada. Estavam em pé. Com a palavra, naquele momento, uma pessoa do Grupo Contra-Filé, que explicava uma espécie de dinâmica, uma mística, alguma atividade grupal, não entendi bem, era para o grupo todo ao redor da mesa, era algo sobre palavras relacionadas com comer.

Às quatorze horas e alguns minutos chegou à Casa do Povo a diretora de teatro e atriz integrante do Coletivo Rozà. Ontem assisti à primeira apresentação de *Só me convide para uma revolução em que eu possa dançar*, hoje assistirei à segunda apresentação pela primeira vez, novamente.

4.4 Comissão de Direitos Humanos do Senado – São Paulo, 3 de novembro de 2016

Hoje é dia 3 de novembro de 2016. Conforme combinado, encontrarei Carmosina para conversarmos. Cheguei às dezoito e quarenta e seis. Estava marcado para as dezenove horas. O local foi a casa dela e sua família.

Apertei o botão do interfone, falei com ela. Desceu, abriu o portão de acesso à rua. Subimos de elevador. Na sala estava sua mãe, Neyde, trabalhando. Dirigimo-nos ao cômodo logo à frente da sala, de modo que dava acesso à inteira visualização e escuta por parte de sua mãe.

No cômodo em que estávamos havia um cavalete para pintura de telas com uma fileira de tintas em potes pequenos, havia uma cadeira e uma banquetta. Carmosina sentou na banquetta e eu na cadeira.

Consultei Carmosina sobre *secundas* falarem na Comissão de Direitos Humanos do Senado a respeito das *perseguições*. Carmosina apoiou a ideia. Disse que conversaria com o máximo de pessoas para decidirem. Eu disse que escreveria para a Miss Browne,

colocando a par sobre o assunto e para consultar também. Ela apoiou a ideia. Nesse dia, a conversa foi bem além do assunto principal, que era sobre a consulta referida. Carmosina referia, então, que:

CARMOSINA — Primeiro foi o Comando das Escolas Ocupadas, em 2015, depois Comando das Escolas em Luta, no começo de 2016, e atualmente Secundaristas em Luta, antes e depois da ocupação do Centro Paula Souza.

Conversei também com a mãe de Carmosina, Neyde. Estava conhecendo uma nova amiga. Neyde é jornalista da bancada de deputados estaduais do PT de São Paulo. Trabalhou com o Paulo Teixeira (PT-SP), atualmente deputado federal. Perguntei se ela era da Mensagem ao Partido (um grupo dentro da parcela majoritária na direção do PT-Nacional), considerando que o Paulo Teixeira compunha esse grupo. Ela disse:

NEYDE — Sim, porém com críticas.

Eu disse que minha mãe também é da Mensagem ao Partido. Sorrimos. Carmosina falou para Neyde acerca do que acabávamos de conversar. Neyde concordou, apoiou.

Na consulta à Carmosina, sublinhei o óbvio – seria uma decisão deles. Explicitei que estava fazendo tal consulta de estudante para estudante, como pessoa de vinte e nove anos que quando criança cresceu convivendo com campanhas eleitorais de pessoas que hoje são senador(a) etc., de modo que telefonei para Gleisi Hoffmann (PT-PR) e falei um resumo do teor das *perseguições* de acordo com o que foi transformado em linguagem artística e tornado público por vocês no espetáculo *Só me convide para uma revolução em que eu possa dançar*.

Antes disso, quando subíamos de elevador, Carmosina me disse:

CARMOSINA — O CPS foi ocupado quase agora, mas é um pessoal da UPES.

Depois da entrevista, enquanto estava ainda na casa dela, já na despedida, Luz telefonou para Carmosina. Perguntava:

LUZ — Vamos para lá?

Carmosina respondeu:

CARMOSINA — Não, foi o pessoal da UPES, está chuviscando, logo eles saem de lá.

Neyde acrescentou:

NEYDE — O Batalhão de Choque e ônibus da PM estão já a caminho do CPS, levarão todo mundo.

4.5 Dimensões da Caravana Secundarista – 12 de março de 2017

[Entrevista realizada com Maria de Lourdes (Lou) e Carmosina no dia 12 de março de 2017. Conversamos no espaço das mesas da padaria e restaurante Marajá: rua Martins Fontes, 137, Centro Histórico de São Paulo (SP). A conversa se passou ao longo de cinquenta minutos e trinta segundos com auxílio de gravador. Passemos à entrevista.]

CARUSA — Sobre a Caravana Secundarista e as circunstâncias atuais pelas quais o pessoal está se organizando. [...] Queria começar por aquela frase: “existimos porque resistimos”, que vocês estamparam em parte das camisetas vendidas para viabilizar a Caravana Secundarista. Queria ouvir de vocês sobre o que significa essa frase.

MARIA DE LOURDES (LOU) [Voltada para Carmosina.] — Quer começar?

CARMOSINA — Eu acho que... Tem um pouco disso que você falou, da existência, que ela não é só puramente nos *atos* ou numa *ocupação* de escola ou, sei lá, *tipo*, a gente dando as festas da Caravana em qualquer lugar, a gente estava fazendo política ali também, *sabe*, a gente estando numa peça de teatro, que fala sobre *lutas*, a gente está resistindo ali também. *Tipo*, porque é o corpo, né, o corpo é muita coisa. Tem muito disso que *cê* falou, né, *tipo*, das festas, das mesas de bar, dos desabafos, choros, algazaras, é o corpo né, *cara*. Não é só essa coisa viciosa de... o *ato*, a *assembleia*. Também tem isso, mas a gente tá ali, só que é um corpo, né, *tipo*, não sei, acho que a gente tem muito disso, *assim*. *Tipo*, até por ser adolescente, que é meio sem vergonha de fazer as coisas, mas também por ter essa noção do corpo, *tipo*, o corpo fala muito.

CARUSA — “Existimos porque resistimos”, então, tem a ver com, vejam se faz sentido... um corpo que existe e um corpo que resiste, para esse corpo existir e poder resistir precisa dessas... das festas, das gargalhadas, dos choros, dos abraços e tudo mais que também faz parte da *luta*.

CARMOSINA — É... *Tipo*, eu não sei... Até... essa galera que faz... que estuda a gente, acha que a gente é ratinho de laboratório, que a gente não faz essas coisas, que a gente não vai para mesa de bar, que a gente fica discutindo política e como destruir o capital vinte e quatro horas por dia, mas não é assim. Não é...

LOU — É sim. Hahaha.

CARMOSINA — Não, não é. É... Realmente um plural da existência. Tem um plural, *sabe*? Muitas coisas. É o corpo. Acho que é isso.

CARUSA — Lou, o significa para você a frase “Existimos porque resistimos”?

LOU — *Cara*, não sou a pessoa certa p’ra falar disso porque a minha resistência é completamente emocional. Se eu resisti até aqui foi porque eu amo muito tudo isso, *sabe*. Eu tenho uma filosofia, ela é muito complexa, mas eu vou tentar resumir. A minha filosofia é assim: o *movimento secundarista* ele é um corpo... Literalmente um corpo. E cada pessoa do *movimento* é uma célula desse corpo, por isso que o corpo funciona. Se as células começarem a morrer, o corpo vai ficando defeituoso, *sabe*. Então, *tipo*... No começo a gente era um corpo extremamente saudável, porque foi quando a *luta* começou. Então, todas as pessoas a compunham, estavam nesse corpo. E aos poucos elas foram deixando de estar presente, de estar resistindo. Então, o corpo, ele foi ficando mole, foi ficando mórbido, foi ficando menos resistente, *entende?* Só que com o passar do tempo, que a *luta* vai evoluindo e vai se adaptando a outras conjunturas, pegando outras pessoas, o corpo volta a ter a sua resistência. *Sabe*, ele existe por causa dessa resistência, porque se as pessoas não resistirem dentro dele, ele não vai existir. Essa é a base da minha teoria. [Pausa.] E também tem o fato de que eu não me sentia muito viva. Literalmente eu não me sentia viva nesse universo. É como se eu não me encaixasse. Eu não me encaixava de jeito nenhum. E aí dentro da *ocupação* eu comecei a ter contato social com algumas pessoas porque antes disso eu não tinha nada, *sabe*. Então era como se eu realmente não existisse. Eu era um ser invisível dentro da sociedade. E hoje, por causa da resistência que eu fiz dentro desse *movimento* e que eu componho até hoje eu passo a me sentir existente. Como se a minha função nesse universo finalmente tivesse um significado e um objetivo concreto. Então, é isso. Às vezes na nossa *militância* a gente cria os nossos laços de afeto porque você pode ver, como ontem... que você passou a ver o nosso lado mais da diversão, mais quem nós realmente somos quando a gente não tem que mostrar uma postura por causa da pressão social que fazem na gente. Porque é como a Carmosina falou. Realmente, tem gente que pensa o que? Que nós somos os maiores academicistas que ficam, né... lendo Karl Marx o dia todo, *assim*, e fez uma teoria melhor que o Karl Marx, *sabe*. Quando eles não nos tratam como animais em zoológico *tipo* “NOSSA!, VOCÊ É SECUNDARISTA” [fez gesto como se estivesse fazendo fotografia *selfie*]. Então, aí que você pegou a nossa parte mais social... Eu até cheguei a te dizer isso ontem... porque, *tipo, mano*, a minha vida mudou completamente. *Tipo*, eu namoro uma pessoa que é do *movimento*, meu melhor amigo é do *movimento*, minha melhor amiga é do *movimento*, tudo à minha volta é do *movimento*. Então, basicamente, eu vivo ele vinte e

quatro horas por dia e eu nem percebo, porque faz parte da minha existência, de quem eu sou. Então tem isso. Existo porque resisto.

CARMOSINA — Faz sentido pensar num corpo... até porque tem o tempo da existência do *movimento secundarista*... Quando ele tinha mais força e mais impulsividade era porque ele era um corpo recém-nascido, cheio de energia. Só que chega uma hora que... é... dá essa ressaca, né. É muito normal. Até isso que a Lou falou. Dá muito p'ra ver... é muito perceptível nas pessoas que acreditam mais e que estão mais dentro desse pensamento, desse corpo. Seja em relacionamentos, amizades... *tipo*, elas estão sempre ali. Sempre ali. E aí, *tipo*, acaba não sendo 100% positivo porque tem uma dificuldade para lidar com outro mundo, porque não é o mundo real viver o *movimento secundarista* vinte e quatro horas por dia. E aí, *tipo*, sei lá... Tem gente que se prende a esse mundo. Tem dois polos. É um universo utópico, né. E, *tipo*, existem outros adolescentes e eles não estão nesse mundo utópico. E aí a gente fica meio... dois polos, né. Um universo aqui e uma bolha aqui.

CARUSA — Você fala desses dois polos, se eu entendi bem, seria o pessoal engajado e o pessoal que vocês querem engajar...

CARMOSINA — Sim.

CARUSA — ...ou, enfim, pessoas que estão vivendo de outra forma, sem essa ligação.

CARMOSINA — Isso. *Tipo*, tem uma galera que, por exemplo, estava na Caravana com a gente e aí esse ano falou “ah, esse ano eu quero ser um adolescente normal, eu não sou mais *secundarista*”. Sei lá, as pessoas... quem não está totalmente envolvido nesse corpo, sai... não consegue continuar... Tem gente que agora está, *tipo*, o Munhoz. Ele permaneceu, *sabe*... com a gente. A gente conheceu ele faz o que? Dois meses?

LOU — *Se pá* menos.

CARMOSINA — Menos de dois meses que a gente conheceu ele. E ele permaneceu com a gente, *sabe*. Ele tá sempre lá, vai às assembleias... sei lá.

CARUSA — Como ele começou?

CARMOSINA — Ele *ocupou* a escola dele em 2015 só que...

LOU — Só que ele dispersou.

CARMOSINA — Só que ele não participava do Comando [das Escolas Ocupadas]. Dispersou em 2016. [Pausa.] Ele não mantinha um contato, *assim*, direto porque ele não sabia como era p’ra se engajar. Só que aí quando a gente chamou, ele veio para a reunião do Comando [das Escolas Ocupadas], que foi a primeira desse ano, a gente chamou, ele foi e ele começou a ficar mais atento no grupo de discussão que a gente tem da *galera* que é só do centro. Então, agora ele sempre *cola*. Em tudo que a gente chamar, ele vai estar presente.

CARUSA — Colocando o outro ponto. Qualquer coisa, a gente volta a esse. Sobre a Caravana. O que vocês desejavam se aproximou de realizar, o que vocês acham?

CARMOSINA — Eu não sei se a gente atingiu um objetivo. A gente não tinha um foco *assim* na Caravana, sempre dispersava. Mas... é... O contato com esses *secundaristas*... (que eu estava bem presente na Caravana, eu estava bem presente... Falando por mim, *assim*, que estava bem presente...), o contato com os *secundaristas*, *tipo*, a troca, ela foi feita com bastante sucesso. Só que o objetivo da Caravana em si, que era uma troca de experiência entre o *movimento*, *tipo*, uma coisa maior, a gente não conseguiu. Cada um ficou na sua individualidade porque é muito... é muito... o *movimento* em si ele não tem... não é homogêneo. Então, é muito difícil conseguir esse foco para um objetivo só. Porque, aí, quem estivesse mais afim; a gente não ia forçar ninguém, porque a gente ‘tava andando com cinquenta pessoas no Rio de Janeiro. Cinquenta pessoas só de São Paulo. Não ia ter como a gente manter total controle da *galera*. *Tipo*, “ah, esse é o objetivo da Caravana, então, vamos todos bater essa meta, todas as cinquenta pessoas, vamos bater essa meta”. Não tem como. Cada um ficou na sua individualidade, no seu interesse, no seu limite, até porque nem todo mundo ‘tá no mesmo tempo ali. Tinha gente que ia p’ra praia e tinha uma *galera* que ficava [na *escola ocupada*]. Por exemplo, a gente ficou numa escola no morro de Santa Teresa. Foi a que a gente ficou mais tempo, a que a gente aprendeu mais coisas. Era uma escola, *assim*, incrível porque ela ficava dentro de uma rua de Santa Teresa, ficava entre as rochas, ficava entre várias montanhas e ali era como se fosse o esconderijo da *galera*. *Tipo*, *secundaristas ocupando* as escolas lá embaixo. O Monteiro, que é a escola que a gente ficou, ficava no topo e era escondido. Então não tinha como a polícia chegar lá. E ali é um lugar bem isolado. E aí p’ra gente ir p’ra cidade... p’ra zona sul e tal, tinha que descer todo o morro de Santa Teresa. E aí tinha uma *galera* que “ah, hoje a gente vai fazer tal coisa aqui no Monteiro” e tinha gente que ao invés de ficar na *ocupação* ficava o dia inteiro na rua. Mas... não tinha como a gente ter controle de todo

mundo “ah, você vai ficar aqui”. Não. Autonomia é isso, você sabe o que é bom para você, eu não vou te forçar a fazer nada, se você sabe, se você diz que sabe o que quer, é isso.

LOU — Eu apareci na Caravana só p’ra boicotar porque começou com um cara X, né?

CARUSA — Eu posso falar o nome para ver se está certo? É o Antonio Manoel?

LOU — É, ele. Não gosto de citar nomes, mas sim. O Antonio Manoel. Ele começou a Caravana Secundarista com mais um *peçoal* que seria a galerinha d’ O Mal-Educado. E aí começou uma confusão. Porque então eram eles que iam viajar e eles iam *organizar*, eles iam articular o nosso *movimento* – lembrando que é um corpo, que só funciona com todo mundo – eles iam a todos os estados representar a gente, todos os estados que se inspiraram na gente p’ra fazer *ocupações*. Aí, a gente falou “não, *péira*”. E aí teve outra *treta*, porque a maioria ali era pequeno burguês. Então eram pequenos burgueses arrecadando dinheiro junto com o Antonio Manoel p’ra viajar em nome do nosso *movimento*. Então, a gente descobriu que ia ter uma reunião na casa do Antonio Manoel. E ele mora ao lado da casa da Branca. Então a gente ia p’ra casa da Branca e invadiu a casa do Antonio Manoel. A gente falou “oi, a gente veio p’ra reunião.” E ele ficou com uma cara sem graça. Então a gente boicotou a reunião, a gente conseguiu expandir a Caravana p’ra que esses cinquenta viajassem, porque se não iam quatro pessoas de avião viajar p’ra lá, *entende?* Então a gente boicotou o sistema deles, voltamos p’ro sistema autonomista, aí eu sumi. Eu sumi. Aí eu só aparecia nas festas mesmo porque eu sou alcóolatra. Não, não, brincadeira. Mas eu só aparecia nas festas mesmo, o que talvez tenha sido um erro. Mas... é... deu super certo. Só que eu não quis viajar porque eu estava com frescura e aí eles foram só p’ro Rio de Janeiro e... se eu não me engano, foram p’ro Rio Grande do Sul.

CARMOSINA — Foram p’ro Ceará também.

LOU — É, p’ro Ceará e p’ro Rio Grande do Sul foram de avião. E foram quatro pessoas.

CARMOSINA — É.

LOU — *Entende?* Então, é... *assim*, aparentemente esse não é o nosso tipo de articulação. A gente não consegue manter esse tipo de articulação, de viajar para outro estado e ter um diálogo, conseguir cumprir uma tabela de atividades e concluir um objetivo... porque a gente é... Nós somos jovens, nós somos curiosos. A gente está sempre com aquela

sensação de “nossa, isso é novo, eu preciso descobrir”. Então quando você leva cinquenta adolescentes p’ra outro estado, como a Carmosina disse, é impossível controlar. Então, *tipo*, não bateu o objetivo e depois que todo mundo viajou, todo mundo dispersou. A Caravana não era p’ra ter terminado. A Caravana era p’ra continuar para sempre.

CARMOSINA — A Caravana era p’ra viajar para todos os estados que tivessem mobilização *secundarista*, esse era o objetivo, era ter a troca de experiência entre o *movimento secundarista* de São Paulo e o do Brasil inteiro. Onde tivesse *ocupação de escola*, era p’ra gente estar. E era p’ra ser uma coisa contínua, *tipo*, infinita.

LOU — Tinha gente que falava de ir p’ro Chile.

CARUSA — Vocês chegaram a ir para Goiás?

CARMOSINA — Não. Na verdade, *assim*, eu vou explicar direitinho. A Caravana Secundarista surgiu do *movimento secundarista* de Goiás. Tinha o Antonio Manoel. O Antonio Manoel mora ali perto do Fernão. Quando o Fernão foi *ocupado*, ele conhecia o Valdomiro e o Honório. E aí o Honório chamou, ele, p’ra filmar a *ocupação* do Fernão, *tipo*, no momento em que estivesse *ocupando*. Tanto que as filmagens que tem do Fernão do primeiro dia são do Antonio Manoel. E aí... é... nisso... eles mantiveram contato com o Antonio Manoel. Aí, quando surgiram as *ocupações* de Goiás, o Antonio Manoel entrou em contato com o Valdomiro, porque ele é cinegrafista e o Valdomiro ainda era *secundarista*. E aí ele viajou com o Valdomiro, a Wilma e o Manuel p’ra Goiás p’ra visitar as *ocupações* de Goiás. Só que, *tipo*, eles ainda não utilizavam o nome “Caravana Secundarista”. E aí eles foram. Só que, *tipo*, eles não comunicaram ninguém, *na real*. Eles só foram.

CARUSA — Não foi essa que o Dias foi?

CARMOSINA — Ah, o Dias também foi.

LOU — Foi essa mesma. O vídeo é muito bonito, só que...

CARMOSINA — Isso, o Dias também foi. Só que aí... *tipo*... *rolou*. *Da hora* essa viagem p’ra Goiás porque foram três pessoas e aí foi mais fácil manter um foco, eles conseguiram visitar as *ocupações*. E mantiveram. *Tipo*, eu tenho contato até hoje com a galera de Goiás. Mas aí acabou, voltaram p’ra São Paulo. Aí depois *rolaram* as *ocupações* do Rio de Janeiro. E aí o Antônio Manoel voltou a entrar em contato com o *peçoal* do Fernão, que no caso aí já era d’ O Mal-Educado. E aí como ele tinha contato com essa *galera*, ele

falou “ah, vamos criar um *bagulho*” ...*tipo*, “vamos dar o nome de ‘Caravana Secundarista’” e vamos viajar p’ra todos os estados em que tiver *ocupação de escola*”. *Tipo*, “você são secundaristas, eu tenho minha câmera, eu faço registro, eu ganho uma grana com isso e *já era*”.

CARUSA — Como ele ganha grana?

CARMOSINA — Não. *Tipo*, ele... Disso, ele tem coisas históricas, né. Ele tem... registros.

CARUSA — Mas ele vende p’ra quem?

CARMOSINA — Ainda não começou a vender. São coisas históricas, né... *tipo*... ele vai vender daqui um tempo.

CARUSA — Ah, agora entendi.

LOU — Espertão ele, né.

CARMOSINA — *Tipo*, são coisas... são registros *foda*. E aí, *tipo*... é... quando surgiu a ideia de criar o *bagulho* da Caravana, eu já tinha contato... *tipo*, era muito próxima da *galera* d’ O Mal-Educado, *tipo*, muito próxima mesmo. Só que eu nunca quis participar do... coletivo. E aí... é... a Miss Browne me mandou mensagem falando “ah, a gente vai fazer uma reunião na casa do Antonio Manoel e aí se você quiser aparecer, *cê vem*”. Aí ela mandou um videozinho que o Antonio Manoel tinha editado com os registros de Goiás. E aí eu falei “*mano*, que *porra* é essa aqui de ‘Caravana Secundarista’? que diabo é isso?” Eu falei “ah, vou na reunião.” E aí eu comecei a chamar, chamei a Lou, chamei a Branca, chamei a Francisca e... chamei uma *galera* do Fernão. Tanto que, *tipo*, o Antonio Manoel ficou realmente chocado com a quantidade de pessoas que tinha na casa dele quando... ia começar a reunião.

LOU — E ele tinha um gatinho muito bonitinho, que era filhotinho e ele comeu o cadarço da Carmosina. Mas, enfim... não é essa a *pauta*, né.

CARMOSINA — E aí quando surgiu essa reunião na casa do Antonio Manoel, a gente começou a boicotar a Caravana. *Tipo*, não boicotar, mas *hackear*, *sabe*? E aí eu comecei a avisar geral, comecei a avisar todo mundo, falava “gente, tá *rolando* isso e a gente precisa entrar”. *Tipo*, de imediato, quando gravou o vídeo da Caravana na casa do Antonio

Manoel, nesse dia, um monte de *secundarista* ficou contra, acharam que era, *tipo*, uma coisa...

LOU — Sectária. *Tipo*, só os famosinhos. Que tem esse lance de apontar o dedo na cara do amiguinho que é perseguido pela polícia e falar “ah! estrelinhas!”, *sabe?* E aí isso era uma coisa dos “estrelinhas” *pagando de protagonista*, indo p’ros outros estados, falando “oi, sou representante do *movimento secundarista* de São Paulo”. Só que a gente conseguiu *hackear* isso muito bem. Pelo menos eu acho isso.

CARMOSINA — É isso.

CARUSA — [...] Carmosina, qual a experiência mais marcante dessa ida para o Rio com a Caravana?

CARMOSINA — O *ato*. O *ato* contra as Olimpíadas. Foi *foda*. Que é outra coisa, né.

CARUSA — Vocês foram lá bem na época, né?

CARMOSINA — Foi. A gente foi p’ra isso.

CARUSA — Ah, vocês foram para isso.

LOU — Foi marcante até p’ra mim porque eu disse p’ra ela não ir p’ro *ato* porque eu não estava lá p’ra proteger ela. E aí ela foi, porque ela ficou brava comigo. E aí ela foi com mais vontade ainda, né. E eu fiquei no celular, *assim*, “*meu*, ai meu Deus, ela vai morrer no *ato*, ela vai morrer no *ato*.” E eu não conseguia ligar p’ra ela porque eu estava segurando o celular *assim, sabe, tipo*.

CARMOSINA — Sim, a gente foi p’ra isso. A Caravana do Rio. A gente foi p’ra estar lá na *guerra*, porque, *meu*, foi *guerra* aquilo. Foi *pesado*. Acho que foi a experiência mais marcante, *assim*.

CARUSA — E daquelas experiências que você viu mais das *ocupações* de lá e que não imaginava?

CARMOSINA — Lá... é... O que eu senti dos *secundaristas* das *ocupações* é que o contraste é muito maior do que aqui. Lá a *galera* que estuda em escola pública não tem essa de, *tipo*, “eu moro no centro, eu moro...”, *sabe?* É, *tipo*... a galera é *favelada*. Mora em *favela* e estuda em escola pública. Então, eles já têm uma noção do que é a repressão, do que é a Polícia Militar do Rio de Janeiro, do que é a UPP, *sabe?* *Tipo*... Tem

secundarista lá que a *ocupação* é, *tipo...* tudo bem que aqui em São Paulo tinha gente p'ra quem a *ocupação* era realmente a casa, porque era expulso de casa, só que lá é porque, *meu*, você estar em casa lá é, *tipo...* tem três dias da semana que a polícia bate lá, quebra minha porta, *sabe? Tipo...* E... *secundaristas* do Rio, eles realmente têm esse contato direto com a repressão policial. A gente foi ao Complexo da Maré também, foi *foda*. Foi um choque, né. *Tipo...* “Pá! Realidade. Pá! Realidade!” *Tipo...* é outra coisa. Subi o morro, os caras, *tipo...* uma *galera*. Imagina um ônibus de viagem com cinquenta adolescentes que não são do Rio de Janeiro, que nunca entraram num morro, cinquenta desconhecidos que a população da Maré não conhece, nunca viu na vida... subindo o morro...

CARUSA — Cinquenta sem ninguém de lá?

CARMOSINA — Não, *tipo...* A gente conhecia um moço, lógico. Mas, *tipo...* a *galera* que mora lá, nem todo mundo conhecia a gente, quase ninguém conhecia a gente.

CARUSA — Sim.

CARMOSINA — Aí... subindo o morro... arrastando p'ra *caralho...* os caras com umas armas mais... mais... mais... *assim...* de lá de Israel, *tá ligado?*, aquelas de peso mesmo, importadas... os caras olhando p'ra gente *assim...*

LOU — Qual que é *a fita*, né?

CARMOSINA — *Tipo...* apontando arma mesmo, mas mais p'ra intimidar, *sabe?* E a gente dando voltas, *assim*, pelo morro e os caras incomodados *p'ra caralho, sabe?* ...porque não conheciam a gente.

CARUSA — Como se vocês fossem uns alienígenas...

CARMOSINA — Sim! Sim, sim. E aí tinha uma *galera* que ficava com medo e falava “*mano, vamo' embora, vamo' embora, vamo' embora*, eles vão atirar na gente, eles vão atirar na gente” ...porque é explícito, é realmente o mundo real ali. E aí tinha uma *galera* que não estava acostumada. *Tipo...* a *galera* do Fernão... do bairro de Pinheiros... *Tipo...* essa *galera* ficou em choque, em choque mesmo. Nem quis *encostar* mais lá. Mas... acho que foram as duas experiências mais marcantes, *assim*. Foi o dia do *ato* contra as Olimpíadas e o dia que a gente subiu o Complexo da Maré.

CARUSA — Lou, você não viajou, mas você tem essa ligação com a Caravana. Nesse envolvimento com a Caravana e a história toda, o que você diria que foi a experiência que mais te marcou?

LOU — Eu acho que são duas coisas. Primeiro os *corres* que a gente fez p’ra arrecadação de dinheiro; a gente fez uma festa no Al Jannah. E nessa festa eu posso dizer que a gente... subiu o nível. A gente, *tipo*... No dia seguinte, a gente acordou com outra linha de raciocínio, com outra linha de pensamento. *Sabe? De, tipo*... refletir o que a gente tem que amadurecer em certos aspectos. Por exemplo, a gente sempre busca evoluir muito na bagagem teórica, sempre está estudando alguma coisa. E eu acho que depois da segunda festa da Caravana a gente parou e refletiu a nossa bagagem emocional. Porque... naquela festa foi uma explosão de sentimento p’ra todos os lados. Ao mesmo tempo, todo mundo estava muito feliz, a música estava boa, estavam todos os nossos amigos, estava o corpo do *movimento* lá... ao mesmo tempo, foram muitas notícias ruins. Foram metralhadoras, *assim*. Aquelas de Israel mesmo, do Complexo da Maré. *Tipo*... de informação, de tristeza e, ao mesmo tempo, de certeza que eu amo essa pessoa, porque depois de ela ter me dado essa notícia bêbada eu vou enlouquecer, *sabe?* Então, é... foi aí que muitas pessoas começaram a se unificar e começaram a se formar grupos de amizade, *assim*, de afinidades, *assim*. Começaram a crescer esses núcleos. Então, essa foi uma parte impactante p’ra mim. E a segunda coisa foi que... quando eles voltaram do Rio de Janeiro, eles trouxeram o Damy e o Ciridião. E o Domingos também? E... Eles chegaram aqui e... eles me abraçaram, *assim*, do nada. Na primeira vez que a gente se encontrou, *tipo*... [Pausa.] Eu sou uma pessoa, *assim*, bem antissocial... [Pausa.] Então, não me toque... de primeiro, se você não me conhece... não me toque. E aí o três chegaram e me abraçaram, os três ao mesmo tempo. Eu fiquei, *tipo* “Ah!!!” *Tipo*, “*mano*, quem são vocês?” E eles “*nossa*, você que é a Lou! *nossa*, eu ouvi falar muito de você quando eles estavam lá no Rio!” E “Blá, blá, blá, blá, blá...” E eu estava *tipo*... “*mano*, sai”. E eles falando sobre mim e aí eu... “*mano*, como é que vocês sabem da minha vida?” *Tá ligada?* Então, mesmo eu não tendo viajado pro Rio porque eu estava com frescura, eu estava lá de algum modo, porque eu faço parte do corpezinho, né. E aí, *de boa*. E aí, até hoje o Domingos me liga... [Pausa.] *Tipo*, o Domingos foi com quem eu passei menos tempo. E aí ele me manda mensagem, *assim*, p’ra falar “*nossa*, saudades” e aí a gente para de se falar. E o Damy virou um dos meus melhores amigos e ele resolveu ficar em São Paulo. Ele veio com a Caravana, se apaixonou por aqui, disse que São Paulo é muito melhor p’ra fazer os *corres*

e sobreviver e ficou. Ficou aqui. Agora ele está com a gente. Ele está engajado no Terra Livre, que é um *movimento* de *ocupação* por moradia. Eu e ele, a gente entrou junto p'ra esse *movimento* praticamente. Agora ele está morando em uma *ocupação* do Terra Livre aqui em São Paulo e ele nunca mais vai embora. Agora ele é nosso, *tá ligado?* Ele faz parte do corpo de São Paulo. E o Ciridião se apaixonou por uma menina daqui... citando nomes... a Branca. Ele se apaixonou pela Branca. A Branca se apaixonou por ele. E agora sempre que ele pode, ele vem p'ra cá. Ele está desesperado p'ra vir p'ra cá, ele quer muito vir p'ra cá. Então, *tipo*, as pessoas se apegaram a mim sem nem eu ter conhecido elas. Só que quando eu conheci, eu me apeguei a elas. Virou isso. Virou esse massacre.

CARMOSINA — Tem também o Salim...

LOU — *Nossa!* O Salim.

CARMOSINA — Só que, *tipo*... a Lou não foi na Caravana, aí... quando ele veio p'ra cá... alguns meses atrás... eles ficaram muito próximos. Até mais do que eu, *tá ligado?* que convivi com ele lá. Mas, enfim... Não tem problema.

LOU — Hahaha. “Não tem problema.” Hahaha. “Nem estou com ciúmes”, olha. Eu fico muito *pala* depois que você diz que não tem problema. Mas, *na real*, é que... a gente fez uma audiência pública, né, que eu comentei com você ontem, sobre as *perseguições*...

CARUSA — Na Câmara Municipal, aquela, né?

LOU — Na Câmara Municipal, isso. E aí a gente fez uma “pequena Caravana” basicamente, né. Só que veio gente do Ceará, *tipo*... Duas pessoas do Ceará, duas pessoas do Rio de Janeiro, duas pessoas do Rio Grande do Sul, duas pessoas de Brasília e... eles vieram p'ra cá só por causa da audiência pública. E eles acabaram ficando um pouco. Alguns ficaram uma semana, alguns ficaram duas, o Salim ficou três. E nisso a gente ficava vinte e quatro horas juntos, porque a gente queria apresentar tudo p'ra eles. Então, a gente foi p'ra *ocupação* do MTST em Embu das Artes, a gente foi o Museu, a gente apresentou bares que *secundaristas* bebem. Então, a gente ficava vinte e quatro horas juntos. *Assim*, sem desgrudar, de verdade. E aí a gente ficou no Bixiga dormindo lá. Então, *mano*, aquilo ali virou parte do meu corpo pessoal a partir daí.

CARUSA — Legal. Não sabia que para essa audiência vieram pessoas de vários lugares. [...] O pessoal que continua é mais aquele pessoal que estava na última *assembleia*? O pessoal d' O Mal-Educado sumiu?

CARMOSINA — É porque O Mal-Educado acabou.

CARUSA — Acabou?

CARMOSINA — Acabou. Por causa de... discussão... sei lá.

LOU — *Tretas* internas.

CARMOSINA — Nem foi *treta*. Eles realmente se frustraram com o grupo e... sei lá... falaram “ah, a gente não é mais... suficiente, então, vamos parar, vamos *dar um tempo*”. E aí eles fizeram uma reunião de reestruturação agora, no dia da nossa primeira reunião do ano, que foi há uns dois meses e meio atrás. Eles chamaram algumas pessoas novas p’ra compor O Mal-Educado. Até me chamaram, só que eu não fui, porque eu estava na reunião dos *secundaristas*. Né? Pelo amor de Deus. Não sei o que *rolou* n’ O Mal-Educado. Eles mudaram a página no *Facebook*, que é um veículo importante ali. *Tipo...* eles alcançam muitas pessoas. Até mais do que a página dos *secundaristas*. Mas... o grupo acabou. *Na real*, O Mal-Educado... é o resquício do MPL. Só que, *tipo...* O Mal-Educado tentava encabeçar o *movimento secundarista* até ano passado. Por isso que eles *colavam* em peso nas *assembleias*, porque eles *tiravam assembleias* deles. Por exemplo, “ah, vamos fazer uma reunião d’ O Mal-Educado aqui, vamos *tirar* isso e vamos *colar* em peso na *assembleia dos secundaristas* p’ra manipular que eles tomem uma decisão que seja conivente à nossa e vamos encabeçar o *movimento* do nosso jeito”. Eles sempre foram assim e isso nunca foi segredo p’ra ninguém. Só que eles se frustraram com a própria *organização* e acabaram. Por isso que eles não *colam* mais. Está meio dividido, *assim*. Não que eles não gostem mais, não que eles *racharam* com a gente. É que eles realmente estão com outras prioridades e daí que a *organização* não existe mais.

4.5.1 A passagem da ação direta em *atos de rua* aos *debates* em *assembleias*

CARUSA — Então, se eles não estão *colando* mais e tal, quem está *colando*? São vocês, o *pessoal* que estava na *assembleia* ontem e, basicamente, está se rearticulando por aí?

CARMOSINA — É.

LOU — Sim. É que tem um *pessoal* que só *cola* em ação direta, só *cola* em *ato*, só *cola* em...

CARMOSINA — A maioria da *galera*, na real.

LOU — É. Então, a gente chama essa *galera* de... “massa de manobra”! Não, brincadeira, brincadeira, brincadeira. Opa. Ó eu me confessando... “eu sou d’ O Mal-Educado, gente”. Não, mas, então, tem uma *galera* que realmente, *tipo*, prefere, não se sente à vontade p’ra sentar numa roda com pessoas e debater. Então, elas preferem – por enquanto – só ficar na ação direta.

CARMOSINA — Colar nos atos, trançaços.

LOU — É. Eu fui assim em uma hora, porque... a minha mãe não é jornalista, então, eu não sou acostumada com isso. *Brinks*, amor!

[*Lou sorriu para Carmosina pela brincadeira. Elas namoravam nesse então. A mãe de Carmosina é jornalista da imprensa livre e independente e militante de lutas populares e político-partidárias de modo que a brincadeira de Lou jogava luz sobre uma diferença entre ambas acerca de como foram “acostumadas com isso”. Enquanto Lou iniciou no movimento secundarista não sendo “acostumada com isso”, por seu lado, Carmosina, em entrevista anterior (2 de julho de 2016) referiu que “eu nasci já com um senso crítico na mesa, assim, de casa. Então, sempre me foram apresentadas essas coisas muito cedo”. A indicada dobradiça da experiência (BILIATTO, 2014) no modo como cada uma passou a se vincular com o movimento, por conseguinte, configura uma ordem de diferença que o constitui de forma mais geral. Os inícios variáveis vinculam-se entre si. No mesmo passo, conectam uma dinâmica própria de retroalimentação. O resultado da diferença entre os inícios, delicadamente interligados, produz o fato da circuiticidade indecomponível nesse movimento. Por esse caminho, um ponto de ver começa a se abrir rumo à produção de inteligibilidade antropológica que este estudo objetiva (tentar) devolver aos interlocutores de pesquisa em alguma medida. A organização da ação coletiva, aparentemente, ausente de “estrutura” no processo das ocupações, torna-se vista, uma vez que difusa. Mais à frente voltaremos a este ponto em relação a um modo de organização difusa. Por ora, o que mais importa é retornarmos a pensar com as reflexões de Lou e Carmosina.]*

LOU — Mas, então. No começo eu mal participava das *assembleias* da minha escola, *sabe?* Nem da minha *ocupação*. Porque além de eu ser muito influenciada, era uma coisa, *assim*, que, *tipo*, eu tinha receios de falar e... sei lá... cometer gafes, pagar *micão*.

CARMOSINA — É. A maioria da *galera* pensa assim.

LOU — É. ...Só que, *assim*, eu parei e pensei “não, *mano*, eu sou muito *foda*, olha só essa minha teoria aqui... eu vou ter que espalhar de algum modo, né”. E aí foi aí que eu comecei a me reconhecer como ser intelectual, que eu passei a frequentar as *assembleias*. Ó, você não me arrasa Carmosina, porque eu sou intelectual só na teoria, na prática eu vou te *socar*.

CARMOSINA — Tá bom...

LOU — Mas, então. É... E aí eu passei a ir às *assembleias* depois de, *tipo*, uns quatro meses que eu já estava *militando* freneticamente, *sabe*. E hoje tem várias pessoas assim, que eu tento *puxar* p’ra *reunião*. Mas às vezes não tem tempo, às vezes não tem dinheiro p’ra condução, então, elas preferem ir só p’ra *ação*, *sabe*. Mas tem uma *galerona* ainda... e tem uma *galera* da teoria... O que? Mais de cinquenta pessoas?, da galera que senta e conversa?

CARMOSINA — Mais.

LOU — Mais. É que as pessoas, né...

CARUSA — E aquele pessoal da zona sul, que tinha um cursinho popular, eles iam fazer uma feijoada, como é mesmo o nome do menino que foi mais às últimas *assembleias*?

LOU — O Arlindo. Sim, *rolou* a feijoada. Mas *rolou* só uma vez.

CARUSA — Eles continuam também?

CARMOSINA — Sim, ainda tem. O “Zona Show”. É que o Arlindo se formou, né. Aí ele está fazendo cursinho agora. Ele está namorando também.

LOU — Ô, isso não é desculpa.

CARMOSINA — É. P’ra ele, é.

CARUSA — Gente, já está perto do horário de vocês. Então, vamos encerrando. O ensaio de hoje é a mesma *performance* ou outra coisa?

LOU — Não. A gente vai reconstruir. A gente vai fazer uma nova *performance*.

CARMOSINA — Baseado naquela, lógico. Só que... com muito mais de corpo.

CARUSA — Antes de desligar aqui, vocês falaram dos bares que os secundaristas frequentam. E uma parte do meu trabalho é também conhecer essa parte.

LOU — Você conheceu a melhor parte ontem. Você conheceu o “histórico”.

CARUSA — Quando houver mais dessa parte...

LOU — Olha, *se pá* vai ter hoje. *Né, amor?*

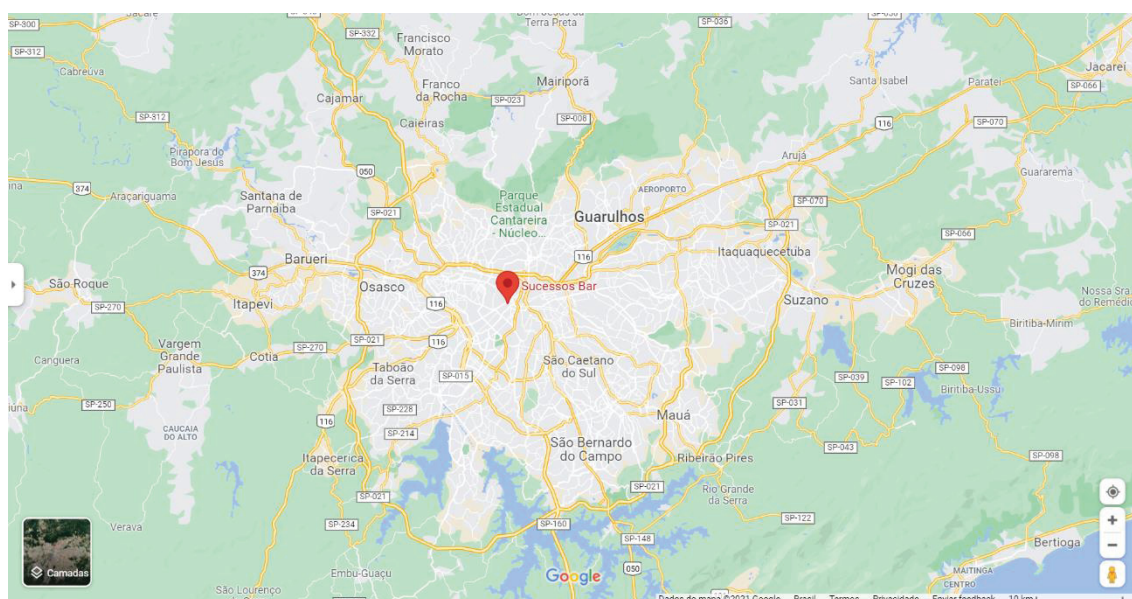
CARMOSINA — É verdade.

CARUSA — Para mim é importante conhecer essa parte também.

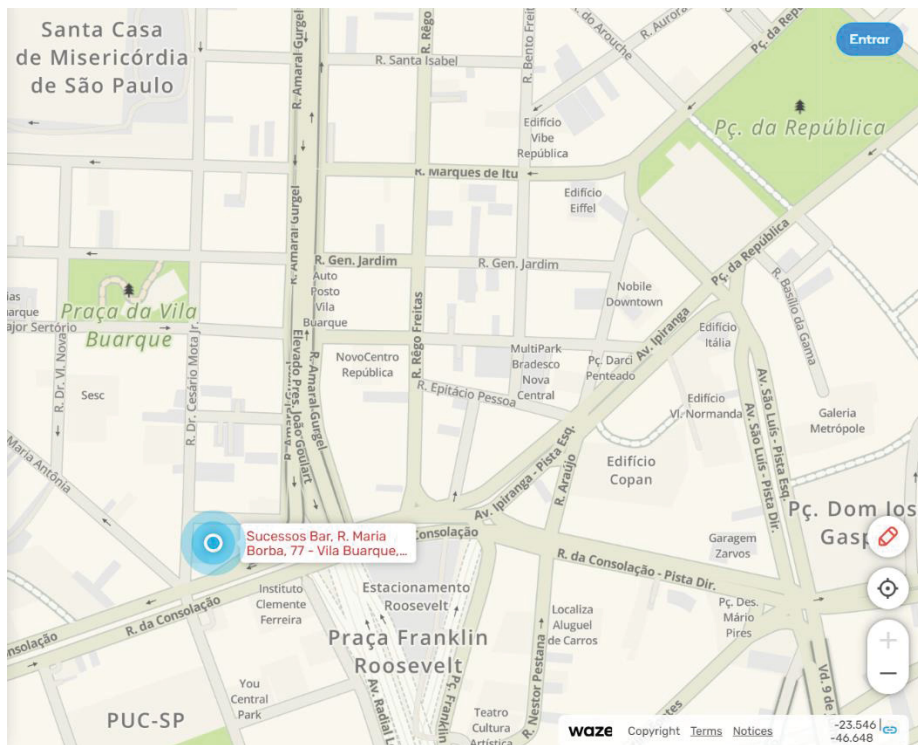
CARMOSINA — *Se pá* vai ter hoje. Depois do ensaio. Porque a gente está do lado da Borba.

LOU — É verdade.

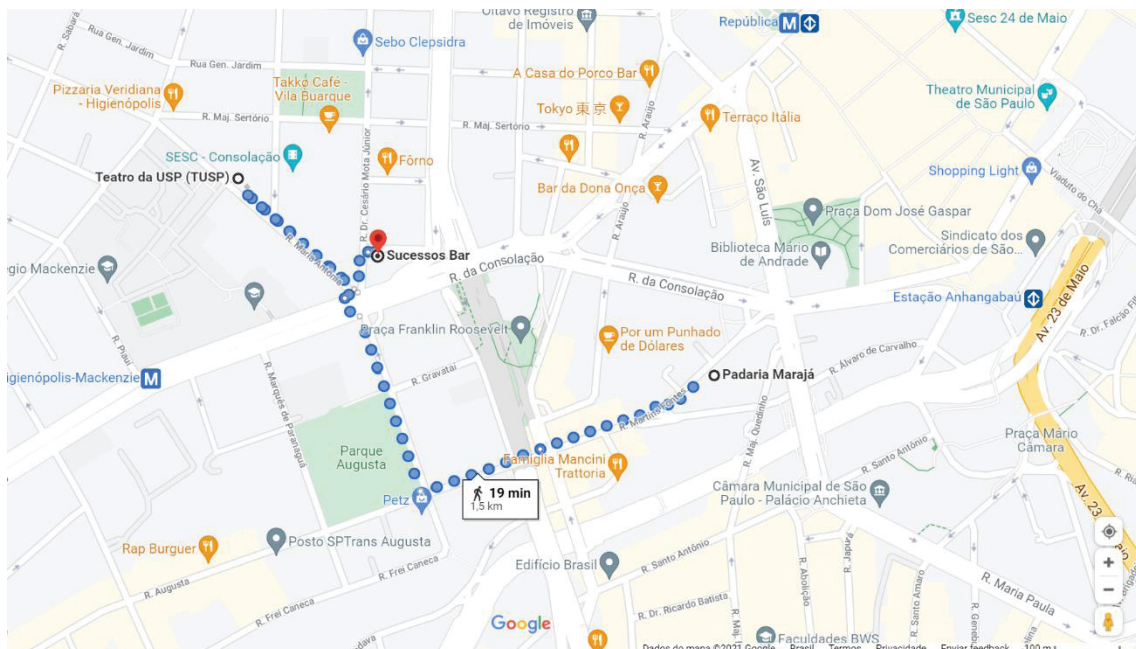
[Depois da entrevista, Lou e Carmosina me convidaram para assistir ao ensaio da nova peça-espetáculo, performance, dança-luta, que mencionaram acima. Dirigimos do local da entrevista ao do ensaio, que seria realizado no Teatro da USP (TUSP), rua Maria Antônia, 294, bairro Vila Buarque, região central da cidade de São Paulo. Depois do ensaio, conforme mencionado por elas no final da entrevista, fomos à lanchonete Sucesso's.]



(Figura 53 Mapa, lanchonete Sucesso's no centro de São Paulo (SP), estivemos aqui. Fonte: Google Maps.)



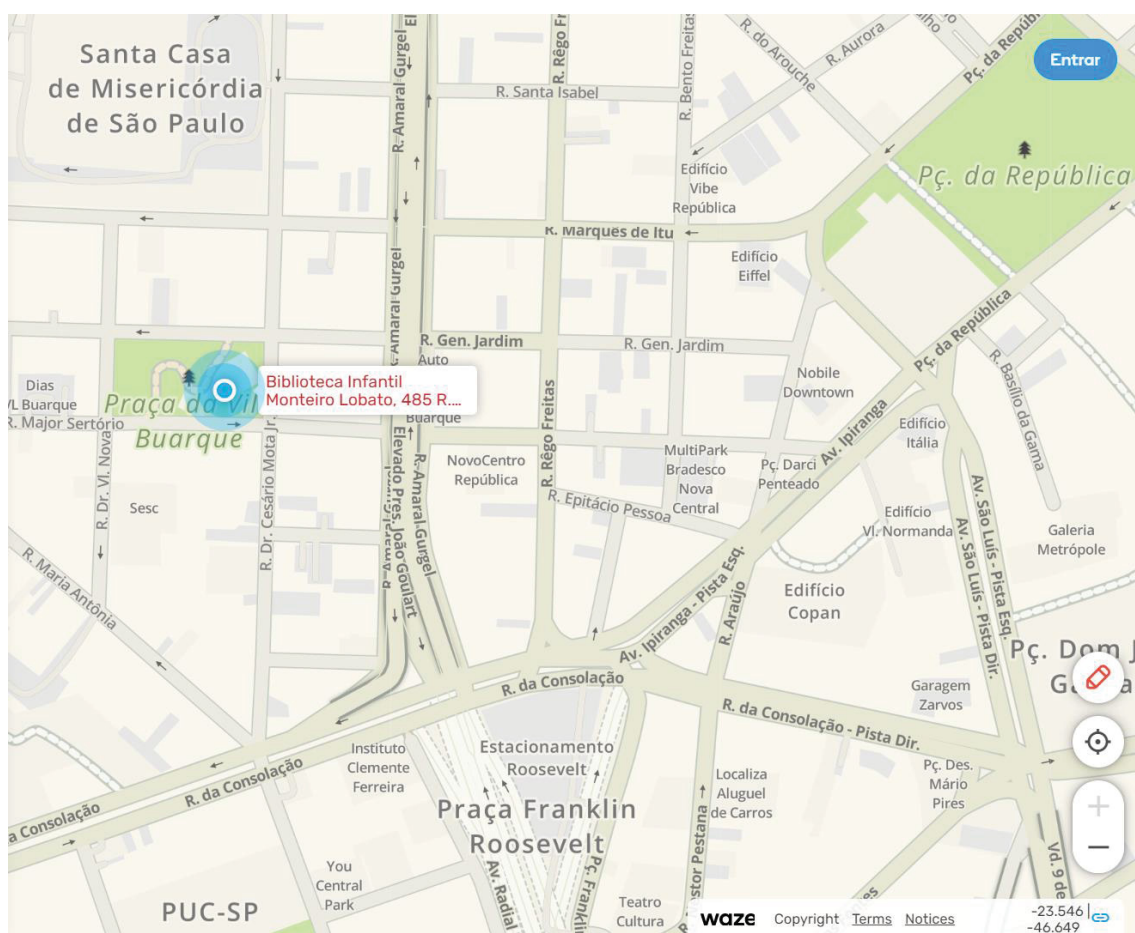
(Figura 54 Mapa, lanchonete Sucesso's e arredores. Fonte: Waze.)



(Figura 55 Mapa, trajeto da Padaria Marajá ao Teatro da USP e, depois, à Lanchonete Sucesso's. Fonte: Google Maps.)

4.6 Modelações da razão *emocionada* nas/das ocupações – São Paulo, 16 de julho de 2018

[Entrevista realizada com Ana Rosa e Carmosina no dia 16 de julho de 2018, a partir das dezessete horas. Conversamos na parte externa da Biblioteca Monteiro Lobato: rua General Jardim, 458, bairro Vila Buarque, região central da cidade de São Paulo. A conversa se passou ao longo de uma hora e dezesseis minutos com auxílio de gravador. Passemos à entrevista.]



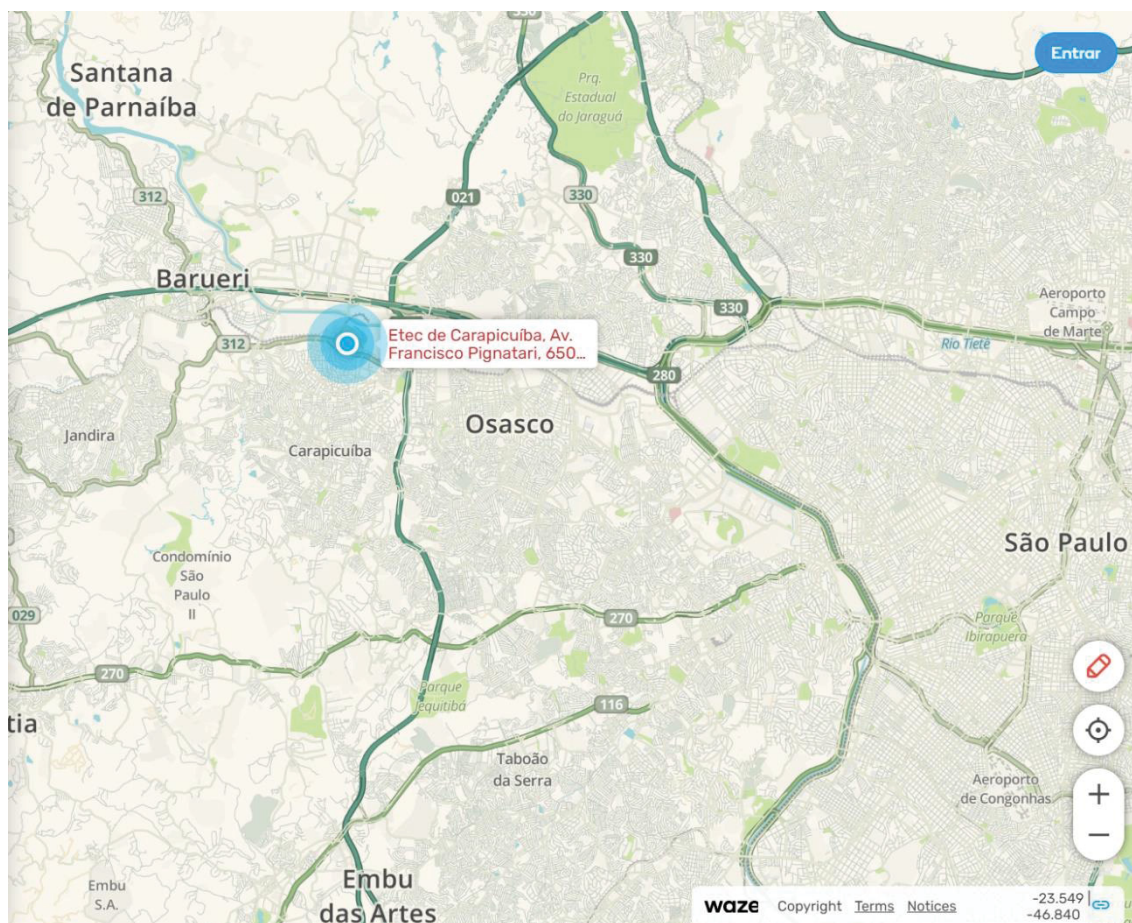
(Figura 56 Mapa, Biblioteca Monteiro Lobato, realizamos entrevista aqui. Fonte: Waze.)

CARUSA — Ana Rosa, queria que você se apresentasse como achar melhor. Depois, em relação à *ocupação do Paula Souza*, como foi o seu vínculo com aquele momento?

ANA ROSA — Sim. Beleza. Meu nome é Ana Rosa, eu tenho dezenove anos e eu *ocupe*i contra a Reorganização e *ocupe*i depois a minha Etec. Eu estudava na Etec de Osasco e...

Lá a gente não tinha merenda. Desde que eu entrei lá a gente não tinha nem merenda seca, *assim*. *Tipo...* a merenda seca chegou no segundo ano do Ensino Médio. E... *tipo...* na época que *ocupou* o Centro Paula Souza, que começou as *ocupações* das Etecs, é... na minha Etec... é... as funcionárias da limpeza também não estavam recebendo salário, estava atrasado. E aí a gente, entre nós alunos, a gente começou a fazer mutirão p'ra arrecadar alimentos e fazer cesta básica p'ras *tias* da limpeza. E aí foi o primeiro *ato* que a gente reuniu a galera da escola p'ra ir p'rum *ato* no MASP, que foi o *ato* que *ocupou* o Centro Paula Souza. *Tipo...* até aí tinha *tipo...* os moleques da Etec e todo mundo nunca tinha tido contato com a *luta*, *assim...* e... a gente chegou, no MASP, e tinha muitas pessoas que a gente nunca tinha visto, *assim*, porque... *meio que* quando a gente mora num *extremo* a gente vive na bolha do *extremo*. E aí quando a gente vem p'ro centro a nossa bolha abre e... E aí a gente inclui, *tipo...* tudo. E aí no dia que *ocupou* o Centro Paula Souza, *tipo*, a maioria da *galera* da minha Etec ficou morrendo de medo. Todo mundo foi embora antes de *ocupar*. Só ficou eu e mais, *tipo*, três meninos, que eram os meninos da escola mais *porra loka radical*. E aí a gente *ocupou* o Centro Paula Souza junto, *assim*. Só que, *tipo...* a gente estava bem... *tipo...* a nossa revolta era bem mais que a merenda. A nossa revolta era porque a gente olhava p'ras Etecs do centro, que era, *tipo...* ETESP e Etec de Artes e eles tinham uma estrutura ótima, *assim*. Eles estavam reclamando por causa de merenda seca e a gente tinha acabado de começar a receber a merenda seca. E... eles tinham quadra, *sabe?* Na minha escola não tinha quadra. Quem construiu a quadra da escola foram os próprios alunos e pais através da APM. E a Etec 2 de Osasco não tem quadra até hoje, *sabe?* E... é uma coisa bem precarizada, *assim*. A gente olha as escolas que tem no centro e a estrutura que elas têm e vê a estrutura que a gente tem e a gente entra num Centro Paula Souza, que tem máquina de café, tem tudo e... na Etecs as *tias* da limpeza faziam café p'ra secretaria tomar café, *sabe?* *Tipo...* E aí foi uma loucura, *assim*, essa coisa, porque a gente não tinha noção do quanto de diferença que tinha, *sabe?* de uma Etec *de periferia* p'ra uma Etec *de centro*, *sabe?* *Tipo*, foi um dos maiores choques que a gente teve. *Tipo...* deu uma sede *assim*, *sabe?* Sede de fazer alguma coisa, *sabe?* Porque quando as primeiras escolas foram *ocupando* e depois a *galera* só dava ênfase nas escolas, *tipo*, o Fernão e tal, sendo que a primeira escola foi a EE Diadema. Tiveram muitas escolas, *tipo...* a escola que eu *ocupei*, que era o Josepha, que era em Jandira... *tipo...* as pessoas não percebiam às vezes, não tinha essa migração... as pessoas do centro migravam p'ras *escolas ocupadas* do centro e esqueciam dos *extremos*, *sabe?* Só que a gente nem precisava deles. A gente mesmo tinha uma potência

que a gente acabou descobrindo. E aí foi ótimo, *assim*. A gente se juntou, todas as escolas, *tipo...* de Jandira, Carapicuíba, Osasco, ... todo mundo se juntou p'ra *ocupar* as suas escolas *assim, sabe?* E descobriu que a gente também tinha força p'ra *tocar a luta* na nossa *quebrada*.



(Figura 57 Etec de Carapicuíba, limites entre Osasco, Jandira e parte oeste de São Paulo (SP), região citada por Ana Rosa. Fonte Waze.)

CARUSA — Puxando alguns fios... Naquele momento você acabou integrando a *ocupação* do Paula Souza nesse contexto?

ANA ROSA — Sim.

CARUSA — No susto, né?

ANA ROSA — Sim. E a gente nem estava pensando em *ocupar* a minha escola quando a gente foi p'ro *ato*. *Tipo*, a gente nem estava pensando nisso. Aí quando *ocupou* o Paula

Souza a gente pensou “*meu*, a gente precisa *ocupar* a nossa escola, a gente precisa *ocupar*”. E *ocupou*. *Tipo...* na semana [da ocupação] do Paula Souza, poucos dias depois, a gente *ocupou* a minha escola. *Tipo...* foi loucura, *assim*. *Tipo...* os professores “meu Deus, *ocuparam* o Centro Paula Souza, vão querer *ocupar* a Etec”. Os professores de humanas, que falavam da importância de *colar* nos *atos* do centro, fazer *atos* na nossa cidade, estavam falando p’ra gente não *ocupar* a Etec, *assim*. Foi uma coisa *loka*, a gente dando *mó miguezão*, enganando os professores, todo mundo, e a gente conseguiu *ocupar*, *assim*.

CARUSA — Carmosina, como você se vinculou mais diretamente com a *ocupação do Centro Paula Souza*?

CARMOSINA — *Meu*, eu lembro que nessa fase da... na semana da *ocupação* do Paula Souza... Na verdade foi uma coisa que ninguém estava esperando realmente, *assim*. E... vou voltar um pouquinho, alguns dias antes da *ocupação*. Estava *rolando* uma mobilização de Etecs. A ETESP, que era o centro dessa mobilização, porque começou uma discussão sobre a merenda dentro das Etecs e tal e tal. E a ETESP era o centro onde... não todas, mas... as que tinham mais acesso a essas informações, a esses debates, conseguiam *colar* lá na ETESP p’ra participar dessas rodas de conversa. E aí o negócio foi se potencializando. Foi esquentando, esquentando, esquentando. Até que chegou no nível que nem o pessoal da ETESP, que foi o pessoal que, digamos assim, “começou” com isso, tinha noção do que estava nascendo ali. E aí, é... a gente teve a ideia de chamar um *ato* que unificasse, que era um primeiro *ato* onde a gente ia fazer um *ato* com escolas estaduais e escolas técnicas p’ra falar sobre essa *pauta* da merenda, onde nenhuma das duas instituições estavam satisfeitas. E... e aí esse *ato rolou*. Só que *rolou* numa proporção que a gente não teve noção, *assim*. E... eu lembro que naquela semana a gente combinou de panfletar nas escolas e paralisar o máximo de escolas que a gente conseguisse, tanto técnica como estadual. E... e aí eu lembro que no dia, nesse dia, eu tinha combinado com a Teresa, que também era uma *migs* que era de escola estadual, era de uma escola aqui no centro.

ANA ROSA — E também estudava na Etec de Carapicuíba.

CARMOSINA — E também estudava na Etec de Carapicuíba... combinado de a gente paralisar o máximo de escolas possíveis aqui no centro. Só que, *meu*, imagina que o pessoal entra... a entrada de uma escola é sete horas da manhã e o portão fecha sete e dez.

Então a gente tinha que passar em três escolas p'ra paralisar e fazer a *galera* não entrar e o portão fechar. E aí, *tipo...* a gente acordou, sei lá... quatro da manhã... quatro e meia, três e meia, sei lá... e a gente passou em três escolas. E foi um negócio *muito loko, assim*. Na loucura, *tipo...* “não, não entra na escola e blá, blá, blá, blá, blá, vamo' p'ro *ato*, vamo' p'ro *ato*”. A última escola que a gente passou foi a escola da Teresa, que é o Firmino de Proença, que fica no [bairro do] Glicério. E... a gente pegou todos os alunos e... A gente estava em uns trinta alunos, *assim*, dessas três escolas, porque a gente não ia conseguir paralisar a escola totalmente, não ia conseguir fazer com que todos os alunos não entrassem na escola. Era, *tipo...* sei lá... cinco alunos que aderiam à *pauta*. Aí fomos p'ro *ato*. A gente *catracou*. Chegamos, no MASP. Tinha muita gente. Muita gente. Aí, o *ato*, beleza. Vamo' sair com o *ato*. O *ato rolou*, só que *rolou* de um jeito muito cabuloso. A gente perdeu o controle do número de pessoas no *ato*, a gente não estava esperando a quantidade de pessoas que foram no *ato*, tinha muita gente, de muitos lugares distantes. *Tipo...* a *galera* de Taboão, Embu... escolas que foram *ocupadas* em 2015 e que a gente nunca mais tinha visto. E... a gente falou “caramba, *meu*, é primeira vez depois de 2015 que a gente está fazendo um *ato* desse tamanho, vamo' fazer alguma coisa, não tem como a gente andar pela cidade toda e não fazer nada.” E a gente andou pela cidade toda.

ANA ROSA — *Nossa*, andou.

CARMOSINA — A gente tinha feito um trajeto que não era longo, a gente tinha combinado um trajeto antes que não era tão longo. Mas a gente propositalmente fez um outro trajeto p'ra andar pela cidade com todo aquele povo. E andar, *assim, tipo*, no meio do bairro da Bela Vista, *assim*, no meio dos cortiços da Bela Vista e descer e voltar e aí a [Praça da] República e tá, tá, tá, tá, tá, até chegar [ao bairro da] à Luz.

ANA ROSA — Sim, foi, *tipo*, muito longo.

CARMOSINA — Até parar no Centro Paula Souza. E o *ato* ia terminar ali. E... só que tinha muita gente, a *galera* já estava irritada, a polícia estava irritada também...

ANA ROSA — Estava sol.

CARMOSINA — Estava muito sol, a polícia estava muito irritada, porque a gente tinha parado a cidade toda. Só que o *ato* foi durante todo o tempo super tranquilo. Só que a gente tinha parado a cidade toda. Aí, quando chegou na frente do Paula Souza... é... 80% das pessoas queria ir embora. Esses 80% era o *peçoal* que foi p'ro *ato* e que não estava,

assim, tão... tão... é... tão afim e tão no incêndio de *ocupar* um lugar, *sabe?* Você saiu da sua casa, sei lá, cinco horas da manhã afim de ir p'rum *ato*... e aí, do nada, *cê tá aqui na Luz*... num bairro que tem um monte de polícia... apontando a arma p'ra você... e 20% queria *ocupar* o Paula Souza... e eu não... eu não queria *ocupar* o Paula Souza, falei “gente, não vamo’ *ocupar* o Paula Souza, não vai dar certo”. E acho que...sei lá, a gente fez uns quatro jograis, *assim*, na frente do Paula Souza, porque uma hora decidia uma coisa, outra hora decidia outra. E aí a gente tinha decidido que não ia *ocupar* o Paula Souza. Só que... o negócio começou a ficar muito quente. O calor ‘tava quente. O sol ‘tava quente. E ‘tava todo mundo irritado. A polícia ‘tava muito brava. A gente ‘tava muito tenso.

ANA ROSA — Eles ‘tavam falando que se a gente não saísse da rua por tantos minutos eles é... ia’ reprimir a gente.

CARMOSINA — Implodir, ia implodir.

ANA ROSA — *Meu*, foi muito engraçado. Eu nunca tinha ido num *ato* no centro. Eu nunca tinha nem chegado no MASP. Foi meu primeiro dia no MASP, *assim*. E aí... *meio que*... eu ‘tava, *tipo*, só pensando “*meu*, que loucura, tô num *ato*, olha o tanto de gente” e, *tipo*, tinha muitas variedades de pessoas e os moleque’ ‘tava “*caralho*, olha onde a gente ‘tá”. E quando a gente chegou na frente do Centro Paula Souza ‘tava todo mundo passando um no ouvido do outro “vamo’ *ocupar?* vamo’ *ocupar!*”. *Tipo*, era muito engraçado. E eu fiquei “*mano*, eles vão *ocupar* mesmo, essa galera é *loka*, eles vão *ocupar* mesmo”. E aí meus amigos ficaram morrendo de medo por causa disso e aí eles foram embora e aí ficou eu e os meus amigos moleque’, *assim*. *Tipo*, foi muito engraçado. Eu pensei “*meu*, eles não vão *ocupar*”. Quando eu vi a primeira pessoa pulando o portão, eu pensei “*mano*, eu não acredito que isso tá acontecendo” e aí todo mundo. Tinha gente que não falava que ia *ocupar*, falava “*ah tá* que eu vou *ocupar*, eu vou é embora!” e mesmo *assim* pulou o muro por causa do calor, *assim*, do momento de ver as outras pessoas pulando o portão e foram pulando, pulando, pulando. E aí quando a gente foi ver tinha mais de cem pessoas dentro Centro Paula Souza. E aí virou uma fogueira, *assim*.

CARMOSINA — Impulsivamente, como todas as *ocupações* acontecem, dos *secundaristas*... não é uma coisa pensada... a gente tenta pensar, *tipo* “vamos racionalizar tal coisa”. Não, não dá certo, porque aí quando chega no momento, não tem como racionalizar, porque tá todo mundo muito tenso, muito é... quente... e aí as coisas

simplesmente acontecem. Tanto que quando pularam o muro do Paula Souza, acho que foi... sei lá... sete pessoas que pularam do nada. E aí... só que que tinha tanta gente na rua que foi um mar, *assim*. Parecia o apocalipse. Blo, lo, lo, lo lo, lo, lo, lo lo, lo, lo. E aí, os seguranças, acho que cinco seguranças estavam na porta, “não! não! não! volta! volta! volta!”. Só que era muita gente, não tinha como conter aquele mar de pessoas. E a galera não ‘tava racionalizando. Não tinha mais como. Então ‘tava todo assim “gr, gr, gr, gr, gr, gr, gr, gr, gr”.

ANA ROSA — E aí teve uma hora que os seguranças desistiram e abriram o portão e a galera foi entrando pelo portão mesmo.

CARMOSINA — Isso mesmo, abriram o portão p’ra todo mundo entrar.

ANA ROSA — Se não, o portão ia cair, não tinha como eles controlarem. Então, eles falaram “*mano, vamo’ abrir e é isso*”.

CARMOSINA — Eu não entrei.

CARUSA — Você entrou em que momento?

CARMOSINA — Eu entrei só à noite. A *ocupação* foi... acho que, meio-dia. Eu fiquei do lado de fora todo o momento, porque... eles reprimiram dentro, né. Quando o pessoal entrou, acho que tinha cem pessoas lá dentro.

ANA ROSA — Jogaram *spray* de pimenta.

CARMOSINA — Eles fecharam a porta, a polícia entrou junto, aí tacaram *spray* de pimento no rosto da *galera* e aí foi aquele negócio, nã, nã, nã, nã nã nã. E aí, depois acalmou. Eles falaram “ninguém sai e ninguém entra”. Só que mesmo assim não tinha como controlar, porque tinha gente entrando pelas laterais e tal. E aí não parava de entrar gente. Só que em nenhum momento eu entrei. Eu só entrei, acho que era... sei lá, nove horas da noite. Quando eu tinha voltado p’ra casa, quando a gente tinha... eu fiquei do lado de fora com a Branca, com o Dagoberto e com a... Etelvina, acho. E aí a gente ficou... a gente não saiu de lá, mas a gente ficou traçando um monte de coisa, os lugares do prédio, tal... as comissões, nã, nã, nã. Enquanto isso o pessoal ‘tava lá dentro. E aí depois eu voltei p’ra casa, peguei um monte de cobertor e falei “vou entrar”. E aí eu entrei, p’ra dormir, mas eu não entrei, *tipo*, de dia... porque eu tenho esses problemas de racionalizar as coisas. Aí eu falava “gente, não, a gente precisa cuidar, a gente precisa se responsabilizar por

esse monte de gente que tá aqui, que não sabe... nunca veio aqui... não sabe o que tá acontecendo.”

ANA ROSA — Não sabe nem onde tá, onde fica o metrô.

CARMOSINA — “A gente precisa falar com as pessoas, a gente precisa se responsabilizar, tem gente de quatorze anos aqui, não tem como a gente continuar com isso.” E... lógico, né, como todas as *ocupações*, né... a gente sempre acha que não vai dar certo, mas deu. Durou uma semana.

CARUSA — Havia uma moça até o fim que era amiga da Neyde e que trabalhava na [no jornal] Folha de São Paulo.

CARMOSINA — A Eulália.

CARUSA — Naquele último dia, durante a faxina, a Senhorita F. me fez levar um cachecol de lembrança.

ANA ROSA — Ela pensou “vai p’ra você de brinde”. Vai dividir comigo. Esse negócio de você guardar coisas que você ganha na *ocupação* é muito peculiar do *secundarista* também. *Tipo*, quando *desocupou* a minha Etec, *tipo*, a gente ficou quatro dias... quatro, cinco dias, *assim*. A gente *desocupou* o Centro Paula Souza e ainda durou mais um dia e meio, *assim*. E aí, *meio que*... quando *desocupou*, fiquei muito triste, muito triste, *assim*. Porque a minha Etec fica num lugar onde tem uma biqueira e eles pagam propina p’ra polícia. Então, ela não age ali. Então, a gente tinha o problema da polícia porque ela ficava olhando a gente passando, *tipo*, da estação [de trem] p’ra escola, mas eles não chegavam perto da escola. Podiam entrar e matar a gente e eles não iam chegar perto. E aí, o que aconteceu? *Tipo*... em Osasco tem uma rede de nazistas. E aí foram os nazistas que *desocuparam* a escola. *Tipo*, eles chegaram com canivete, soco inglês, arma branca p’ra *desocupar* a escola. E quando eles *desocuparam*, eles machucaram a gente, ameaçaram bater na gente, estuprar as meninas, não queriam deixar a gente pegar as nossas doações p’ra passar adiante, p’ras outras Etecs *assim*. E eu fiquei muito triste, *tipo*, chorando uma hora seguida. E aí os meninos e as meninas que estavam na Etec tiraram a placa de *ocupado* e me deram. Falaram “Tó, p’ra você não ficar tão triste” e até hoje tá pendurada no meu quarto *assim* a placa de “Ocupado” da Etec. *Tipo*... foi triste, mas eles estavam comigo e eu tenho uma lembrança disso. Eu acordo já olhando p’ra ‘quilo. A Carmosina

tem mania de guardar panfleto, né, *migs*. Ela guarda, *tipo*, todos os *lambes* e coisas de *ato*, *assim*. *Tipo*, cada um guarda um fragmento que remete à *luta* dentro de casa.

CARMOSINA — *Nossa*, tenho um museu em casa.

ANA ROSA — Afeto e intelecto, igual você tinha falado.

CARUSA — Acho que o mais novo desse baú é um *button* que a Selma, mãe do Francisco, me deu.

ANA ROSA — Ah, dos 18.

CARUSA — Isso. Dos 18 do CCSP. Ela meu deu o *button* no...

ANA ROSA — No *Escolas em luta*?⁶²

CARUSA — Não. No dia...

ANA ROSA — Da peça *Quando Quebra Queima*?⁶³

CARUSA — Da peça.

ANA ROSA — Na Casa do Povo ou no Teatro Oficina?

CARUSA — No Teatro Oficina. Mas também fui aos primeiros dias, na Casa do Povo. No Teatro Oficina foi quando conversei com ela. E agora passaram dois anos desde 2016 e vocês continuam no teatro, o Martin Egídio saindo candidato etc. Como cada pessoa tem se colocado em diferentes posturas...

ANA ROSA — Da onde a gente veio, né?

CARUSA — É. Queria ouvir vocês em relação a “essa realidade”, quero dizer, não estou chamando mais “*ocupações*”, estou chamando “essa realidade” (por falta de termo melhor) que vocês viveram vista desde hoje.

⁶² Menção ao nome de um filme, *Escolas em luta*, no qual estive no dia do lançamento e nós nos encontramos, conversamos na entrada do filme, depois, após o filme, cuidei das coisas (objetos pessoais, bolsas, mochilas) de alguns entre o pessoal quando foram à frente da sala de cinema fazer uma troca de ideias com o público; sentados no chão do palco, bem na beirada, com as pernas escorridas para baixo, balançando. Ver. **Escolas em luta**. Direção de Eduardo Consonni, Rodrigo Teixeira Marques, Tiago Tambelli. Brasil: Lente Viva Filmes, 2007. 77', son., color.

⁶³ Menção ao nome de uma *peça-espetáculo*, *dança-luta* que participaram integrando a coletivA ocupação. “A coletiva ocupação é um grupo criado em 2017 por performers e artistas que se conheceram durante o levante do movimento secundarista e as ocupações de escolas públicas em São Paul.” Disponível em: < <https://www.coletivaocupação.com> >. Acesso em: 11 dez. 2021.

CARMOSINA — Esse *processo*...

CARUSA — Sim, esse *processo*. Vocês criaram laços de afeto, de amizade, de várias naturezas. O que foi o impacto disso na vida de vocês, naquela parte mais sensível como quando vocês dizem “ninguém pergunta como a gente está, como a gente ficou”.

ANA ROSA — As coisas internas.

CARUSA — Sim. Se vocês pudessem falar um pouco dessa parte, se estiverem afim. Se não, também tudo bem.

ANA ROSA — Sim. *Meu*, é que é uma coisa bem interna, *assim*. *Tipo*... Quando a gente entra p’ro mundo, que é, *tipo*, o mundo *secundarista tornou a gente*, então, a nossa mente abre p’ra muitas coisas da nossa vida fora *ocupações*, fora *militância*. *Tipo*, a gente começa a ver as coisas de uma forma muito diferente do que as pessoas enxergam, *assim*, *sabe*? Dentro da nossa própria casa, dentro da nossa família, dentro de uma roda de amigos, *sabe*? *Tipo*, e é... apesar de todos os traumas, de nazistas terem batido na gente, da PM ter espancado nossos amigos, ter espancado a gente, ter recebido estilhaço de bomba, corrido em pânico, tem muitas coisas que acrescentam muito p’ra mim. *Tipo*, eu tenho muito orgulho de ver os meus amigos hoje... que antes eles não tinham noção nenhuma de coisas mínimas, *assim*, *tipo*... E hoje eu vejo, eles, e eu penso “*caralho*, como esses meninos evoluíram, *sabe*? *Tipo*... meninos que tinha’ mentalidade totalmente machista, nunca tinha’ tido contato com a *pauta* feminista. Ou, *tipo*, pessoas negras que nunca tinha’ tido contato, *sabe*, sobre buscar suas raízes. E as pessoas, *tipo*, elas precisam de ajuda, *sabe*. *Tipo*, elas precisam de ajuda. E a *ocupação* ela trouxe traumas e trouxe ajuda também p’ros medos que a gente carrega. Eu fui vítima de abuso na infância e só dentro das *ocupações*, dentro desse *processo de militância*, que eu tive tempo de processar o que aconteceu comigo, que eu tive tempo de ter vontade de denunciar, *sabe*? *Tipo*, e era uma coisa que eu só ignorava na minha vida, que eu só pensava que eu não deveria pensar nisso e conversar com ninguém, *sabe*? Então, *tipo*, apesar de todas as coisas... é... eu acho que existe algo maior, *sabe*? Existe uma causa maior. E é algo muito perceptível até na sua aparência, *sabe*. *Tipo*, você olha para a Carmosina... ela tinha o cabelo alisado, *tipo*, com uma franjinha, ela tinha vergonha do próprio sorriso, *sabe*. Hoje em dia você vê a Carmosina, ela tá com um *black power*, ela tá uma pessoa que sorri. *Tipo*, eu mesma... você me conhecia, eu era uma menina mega calada, não conseguia interagir direito. Hoje em dia eu sou uma menina que, *sabe*, eu tenho... eu tenho os meus problemas ainda, eu

tenho as minhas crises, mas eu tenho a minha essência pelo menos, *sabe, tipo...* *Cê* olha p'ra qualquer pessoa, pessoas do *movimento* que se descobriu trans, pessoas do *movimento* que se descobriram lésbicas ou homossexuais ou bissexuais. E são coisas aparentes que *cê* vê a evolução de cada um. Uma coisa muito legal que tem na peça são as imagens da época da DECO e aí as pessoas vão assistir, vêem elas naquela época e falam “*mano, eu não era assim*”, *tá ligado? Tipo...* nem dá p'ra ver que é a mesma pessoa. É uma coisa que mexe muito, *assim*.

CARMOSINA — É que... eu acho que... é... esse *processo* que a gente passou, que foi um *processo*, né, ele foi muito mais intenso porque a gente é jovem também. E a *juventude* é um momento em que você vai passar por tudo mais intensamente e tudo é muito presente, é tudo muito físico. E lógico que qualquer pessoa que está passando por esse *processo*, ela muda de algum jeito. Digo, criança passando por esse *processo*, muda. Adulto passando por esse *processo*, muda. Idoso passando por um *processo*, *assim*, muda. Mas o jovem, que é... é o momento onde você vai descobrir a si mesmo, você vai construir... se construir... é muito físico. Foi totalmente físico. Tanto que o *movimento* e a vontade e a pulsão de você pular um muro... sem pensar em nada... é muito físico. Então... acho que é isso que a Ana Rosa está querendo dizer, *assim*. A gente olhando p'ro nosso corpo como era há três anos atrás e como ele ‘tá hoje... é... foi uma mudança totalmente física. E... lógico que... o que fica mesmo desses *momentos*, que você chamou de *momentos*, é... p'ra limpar as lágrimas com um lenço e tal... são *memórias*. São *memórias*. E o que mais... é... a... E o grupo de teatro, a *coletivA ocupação*, é tão necessária, tão necessária, porque é... a gente consegue oscilar entre esses *momentos de memórias* e mudanças físicas. É o corpo falando por si só, *sabe. Tipo...* enquanto eles estão dançando... estão cantando... estão observando, se observando nas projeções... não precisa falar. Fala muito mais do que uma história contada, uma história de trinta minutos, eu contando, eu narrando... O nosso corpo fala muito mais, a nossa postura hoje fala muito mais do que essas histórias. E... E na verdade toda essa *memória*, todo esse *sentimento*, esse *processo* se transformou em *memória*, se transformou em *sentimento*, em *lembrança*, em *coisas que a gente sente*. Só de a gente falar e lembrar já muda alguma coisa no corpo. A nossa linguagem corporal já muda, nosso olhar já muda, já fica mais longe. *Sabe?* E... E aí por mais que a gente não esteja mais condensado em se reunir, em fazer *assembleias*, naquela coisa toda, naquele corpo grande que existiu... mesmo estando cada um no seu canto fazendo as suas coisas, alguma coisa mudou, *sabe*. Alguma coisa ainda

move essa pessoa por algum motivo e... por mais que essa pessoa tenha um milhão de crises e um milhão de problemas e tal... sempre vai ser possível voltar e falar... *lembrar de onde eu vim, sabe*. Onde que eu comecei, porque eu sou assim agora, o que fez com que eu pensasse dessa maneira que eu penso hoje... o que fez com que eu me vista desse jeito hoje... com que eu observe as pessoas hoje... É... é muito físico. Muito presente. Então... são *memórias muito presentes, muito...* é... não estou achando a palavra... É... Mas que são coisas muito estimulantes. É, *tipo*, um negócio, *assim...*

CARUSA — É como se fosse um aprender a aprender?

CARMOSINA — Isso.

ANA ROSA — Cuidar de uma escola inteira e limpar.

CARUSA — É um aprender a aprender a cuidar de si, da vida em coletividade de um modo geral, faz sentido?

ANA ROSA — Sim. E essa coisa que, *tipo*, os *secundas* trazem, de às vezes as pessoas só quererem saber sobre o *movimento* e esquecer do nosso psicológico, de como foi traumatizante, *tipo*, é uma coisa real. Só que ao mesmo tempo a gente tem que entender que tudo que a gente for fazer que for contra o sistema, não vai ser um arco-íris, *sabe*. Vai ter os seus prós e os seus contras, porque não é o que querem. Não é o que eles querem que as pessoas pensem. Eles querem que as pessoas pensem o contrário disso. Então, todo processo revolucionário que a gente traga, todo levante que possa acontecer... Pode ser um levante de “ah, eu quero um parquinho no lugar do prédio do Silvio Santos”, *sabe...* É um processo que as pessoas vão reprimir, vão... não as pessoas, o sistema, o total. E isso vai deixar marcas, *sabe*. *Tipo...* acho que todo mundo tem uma marca forte das *épocas de levante* ou de atualmente, *sabe*. De um quadro policial que você levou há pouco tempo, pode ter sido nessa semana, *sabe*. *Tipo...* e é uma situação *foda, assim*. Porque... às vezes as pessoas só estão se sentindo sozinhas. *Tipo...* a gente só tá... só precisa de ajuda, *sabe*. É plausível isso, mas a gente também tem que ter essa maneira de percepção, *sabe*, de entender que os traumas vêm junto, infelizmente.

CARMOSINA — Mas é muito mais difícil... é... filtrar, né, quando você é jovem porque você está totalmente presente. Então, quando *cê* é adolescente, há a intensidade, tem os hormônios, tem aquela emoção, então, você vai querer viver intensamente o presente e tudo que vier você vai absorver. E p’ra filtrar, na *juventude*, é tudo mais complicado. E aí

depois que tudo acontece, que todos os traumas já aconteceram, que aí você começa a refletir sobre. Quando você amadurece. Amadurecer é uma benção.

ANA ROSA — Ou, às vezes, nem reflete, *assim*. Tem pessoas que elas só não conseguem mais estar em lugares cheios, estar em *atos*, não conseguem mais escutar rojão porque remete a bomba... *sabe*. E aí... só que, *tipo*, é corpo, *sabe*. Corpo é uma coisa que a gente ainda não sabe lidar, *sabe*. Mesmo as pessoas que estudam, as pessoas que são, *tipo*, psiquiatras, a mente é uma coisa *muito loka, assim*. Então, varia de pessoa. *Tipo*, conheço gente que *cola* em todas as *assembleias*, mas elas não conseguem estar em um *ato*. *Tipo*... e isso não é porque elas são fracas, é porque... *sabe*... a mente é um *bagulho muito loko, assim*.

CARMOSINA — É... Falando de mim, *assim*... Falando de mim um pouco e falando de todo mundo... É muito mais difícil... Porque o *movimento secundarista*, esse *processo* que a gente chama de *movimento secundarista*, ele veio de um *sentimento*... Não tem como você racionalizar *sentimentos*. Então, *tipo*... é... é muito, muito mais difícil, é super compreensível, as pessoas têm que entender e não podem culpar ou responsabilizar esses jovens por todas essas coisas que aconteceram, que a gente fez, que a gente passou, que a gente criou, que a gente construiu... A gente criou, construiu muitas coisas legais, mas lógico que a gente teve que pagar por várias coisas com repressão, com lá, lá, lá, lá, lá. E falando de mim, é... Como eu tinha falado antes, eu sou muito racional. Então, no primeiro dia de *ocupação do Paula Souza*, eu não entrei. Por que? É... Todo tempo eu tô tentando racionalizar as coisas e tal e tal e eu não consigo ser impulsiva, não consigo ter esse *sentimento*... Eu eu sou muito mais de pensar, muito mais cerebral. Então, nos *atos*... *cê* pode reparar... quando tinha, eu não ‘tava lá gritando. Eu ‘tava panfletando, eu ‘tava conversando com as pessoas, eu ‘tava fazendo outras coisas, mas eu estava lá presente. E nas *assembleias* todas eu ‘tava lá. Mas eu não era o tipo de pessoa que ‘tava em *linha de frente* [em *ato de rua*], em repressão e tal e tal. E cada um, né, filtra da maneira que consegue e absorve da maneira que consegue. Mas isso é super normal e tem que ser super compreendido que... é... não tem como... é... esse *sentimento*... que, na verdade, esse *processo* foi um *sentimento*, não tem como esse *sentimento* ser totalmente racionalizado. Esses traumas vão acontecer. Essas jovens precisam de assistência. Precisa conversar, isso que a gente está fazendo, conversando sobre essas coisas, é super importante, porque quando você conversa sobre esses problemas e sobre o que está acontecendo, você começa a pensar sobre. E não são todos, a gente tá falando de, sei lá, cinco mil jovens.

Não tem como a gente controlar esses *sentimentos* todos, todos esses corações, *sabe*? Não tem como a gente conversar com cinco mil pessoas sobre o que elas estão sentindo.

ANA ROSA — E existem muitos polos. Existem pessoas que elas querem estar em *atos*, elas querem a atenção do *ato*, tem pessoas que estão fugindo disso. *Tipo...* é uma loucura quando você chega nos *secundaristas* e pergunta, *assim*. *Tipo...* tem pessoas que elas ficam totalmente traumatizadas, tem pessoas que elas ficam totalmente revoltadas. Então são vários *polos*, vários *sentimentos*, *assim*, e são muitos *corpos*.

CARMOSINA — Tem gente que tá lá na ação direta, quando tem repressão vai lá, começa a fazer ação direta...

ANA ROSA — Chutar bomba...

CARMOSINA — ...Tem gente que sai, vai panfletar, tem gente que ‘tá em casa já. Tem gente que não pega repressão, tem gente que ‘tá afim de pegar. Quando tem gente detida, vai p’ra delegacia. Tem gente que não consegue e vai p’ra casa. São corpos, muitos corpos diferentes.

CARUSA — Os aprendizados que vão deixando marcas como se vai talhando uma pessoa em uma escultura...

CARMOSINA — Eu falava muito isso em 2015.

CARUSA — É? Talhar?

CARMOSINA — Modelar. Mas nesse mesmo contexto. *Tipo...* na *ocupação* do Mazé. Eu falava muito dessa coisa de... um corpo sendo... um esqueleto sendo construído e a gente modelando de uma forma... da forma mais profunda possível, porque não é só fazer o esboço, é você fincar ali e fazer as veias e todo aquele *movimento*, aquela expressão do corpo e tudo que a pessoa está sentido e ela está com a cara mais horrível e mais expressiva possível e profundamente ali naquele corpo, não é só o esboço, não é só o rascunho, é... inteiramente o corpo sendo fincado com aquele negócio que bate assim, tec tec, tec tec, tec tec. Eu falava muito isso.

CARUSA — Entre vocês, nos oito dias do *Paula Souza* e no *pós-ocupação*, tudo o que aconteceu no *pós-ocupação*, como essa “liga” foi sendo modificada. Faz sentido?

CARMOSINA — Espoja. Eu falo bastante, os *secundaristas* são esponjas, porque a água vai, não só a água, mas o lixo, a sujeira da louça vai passando assim. Vruuuuum. E aí, se

você não fizer isso, se você não apertar a esponja e sair toda aquela água, fica tudo. Tudo fica. E você precisa em algum momento *tocar* naquilo, falar sobre aquilo e apertar aquela esponja p'ra aquelas coisas saírem, porque senão... vai ficar cheio, vai ficar pesado, não tem como se mexer. Não tem como você usar aquela esponja se ela 'tá cheia de água. Fica improdutivo.

CARUSA — É. Tem de fazer trocas de água, trocas de...

CARMOSINA — Trocas de esponjas. A esponja não dura p'ra sempre. Uma hora você vai ter que trocar.

CARUSA — Indo para o final... se eu mudar de cidade, a gente pode manter o contato via *Internet*?

ANA ROSA — Sim.

CARMOSINA — Sim.

CARUSA — Se vocês quiserem dizer algo de final, fiquem à vontade.

CARMOSINA — Ah, não sei. É que é difícil falar sobre isso, mas eu acho que quando mais a gente fala sobre, mais a gente caminha, mais a gente caminha, *entende*? E... por ser mais difícil, a gente caminha mais. Não sei se está me entendendo. É como os problemas que a gente não quer *tocar* e não quer refutar. Quanto mais a gente fala sobre... é... mais a gente... não resolve, mas a gente lida. Fica um pouquinho menos difícil de seguir.

ANA ROSA — Contemplada.

[*Carmosina e Ana Rosa fazem palmas em LIBRAS.*]

Depois da entrevista, Ana Rosa, Carmosina e eu fomos para a lanchonete Sucesso's, onde elas encontrariam amigas e permaneceriam por um tempo. Fomos juntas até lá, cumprimentei o *peçoal* e desta vez não fiquei por mais tempo.

4.7 Próximos passos – São Paulo 15 de novembro de 2016

Telefonei para Carmosina, perguntei sobre a *assembleia geral* dos Secundaristas em Luta de São Paulo. Perguntei se ela havia conversado com mais alguém sobre o

assunto da audiência na Comissão de Direitos Humanos do Senado e ela disse que a maioria concordou. Perguntei se nessa *assembleia* haveria o pessoal d' O Mal-Educado e todo mundo em geral. Ela disse que sim.

Carmosina disse que se eu quisesse ir e falar, pois eu poderia falar melhor que ela. Respondi que pensei em ir à *assembleia* como fui às outras: ficar quieta, sem falar, em silêncio. E disse que poderia ser ela falar e, se necessário, eu complementaria algo. Perguntei se ela havia pensado em *pautar* o assunto independente de eu ter telefonado. Ela disse que sim.

A *assembleia* subsequente aconteceu dia 19 de novembro de 2016, um sábado. A chamada para a *assembleia geral* pelos Secundaristas em Luta de São Paulo dizia: “compareça à assembleia geral para debatermos PEC 55, MP 746, o PL Escola Sem Partido e, principalmente, sobre os próximos passos da *luta. Estudante organizado, perigo pro Estado!* Na Casa do Povo das quatorze às dezenove horas.” Nesta *assembleia* não fiz anotações.

No dia 23 de novembro de 2016 aconteceu uma audiência na Comissão de Educação da Câmara Municipal de São Paulo. Nesta audiência, *secundas* apresentaram denúncias de graves violações de direitos fundamentais durante o *pós-ocupação*. Não fiz anotações durante a audiência.

A primeira *assembleia* dos Secundaristas em Luta de São Paulo no ano de 2017 aconteceu dia 11 de março, um sábado. Nesta *assembleia* não fiz anotações.

4.8 *Parças* na Câmara Municipal – São Paulo e Rio de Janeiro, 20 de setembro de 2019

[*Entrevista realizada com Eloy no dia 20 de setembro de 2019. Conversamos online por chamada de vídeo através do aplicativo denominado WhatsApp. A conversa se passou ao longo de uma hora e vinte e quatro minutos com auxílio de gravador de áudio. Ele continuava a residir na cidade de São Paulo e eu residia, então, na cidade do Rio de Janeiro. Passemos à entrevista.*]

CARUSA — Eloy, como você está? Você poderia se apresentar como achar melhor.

[*Problemas com a transmissão via Internet.*]

ELOY — Eu era do SESI, aí, chegou 2016. Aí, foi em 2016 que eu lembro, *mano*, de *colar* numa *reunião* lá na... [Pausa.] Sei lá, era uma casa de teatro, lá na [no bairro da] Barra Funda [Rua Sepetiba, 660, Centro Desportivo Cultural da Lapa]. Aí, *mano*, nesse foi o primeiro dia [5 de junho de 2016] que eu falei, *tipo*, numa *assembleia* sobre o que a gente poderia fazer. Aí, eu falei, “*mano*, vamo’ abrir um mapa aí”. Eu tenho, está lá no computador.

[*Problemas com a transmissão via Internet.*]

CARUSA — Eloy, vou tentar melhorar o som. Não sei o que aconteceu. Só um minuto.

ELOY — Tá bom. [Pausa.] Então, aí... Nessa reunião, foi quando eu conheci o *peessoal*. *Tipo*, quando eu conheci a Luz, a Carmosina, o Arlindo. O Arlindo está fazendo um trabalho legal. Está fazendo um documentário e acho que ele vai lançar. *Cê* conhece o Arlindo?

CARUSA — Sim, ele é aquele que organizou um cursinho pré-vestibular, não é? Ele é da zona sul, não é?

ELOY — Ele mora no Paraisópolis. É. É ele mesmo. Então, é uma coisa interessante, porque esse pessoal aí, *tipo... meio que...* Ah, *sabe?* Pessoas, *assim*, diferentes da Carmosina, do *peessoal* que entrou p’ro teatro. Esse *peessoal meio que* se afastou. Eu não sei, *sabe?* *Meio que... rolou* esse tipo de segregação, não sei se “segregação” seria o nome, mas... Não sei, o *peessoal meio que* se sentiu abandonado. Enfim. [Pausa.] Aí, a reunião lá no lugar de teatro [no Centro Desportivo Cultural da Lapa] foi quando eu falei abertamente, falei na frente de todo mundo mesmo. Gente que eu só conhecia nos protestos, mas já tinha visto eles já. Aí... falei “*mano*, *velho*, tô cansado de apanhar de polícia, vamo’ criar um sistema de segurança p’ra ajudar a gente”. Aí eu lembro que a gente marcou nesse mesmo dia um grupo, que a gente marcou no CCSP de fazer uma reunião p’ra marcar onde seria o próximo *ato*. Aí a gente foi lá na reunião, *colou* uns gatos pingados. Eu nem sabia o que falar. Eu falei “vamo’ comprar um mapa de São Paulo p’ra ver onde seria o trajeto”. Aí, o que a gente fez? Foi eu, a Carmosina, acho que o Luiz, procurar um mapa de São Paulo, ali da capital. Aí a gente fez uma rota que era, basicamente, MASP, Consolação, República. Só que a gente falou “não, vamo’ fazer diferente”, “vamo’ fazer um caminho diferente, porque a gente está cansado de apanhar na Consolação”. Aí a gente pegou e fez o primeiro protesto de 2016, que foi quando a gente *ocupou* o CPS, que a gente desceu pela Brigadeiro, aí da Brigadeiro a gente foi p’ra

República, aí da República um *peçoal* foi embora e outro *peçoal* falou “vamo’ continuar o protesto e vamo’ até o Centro Paula Souza”, que aí também já tinha o negócio da Etec já, né, que não era mais só escola pública, também tinha o negócio da Etec. E aí foi quando, *mano...* [Pausa.] Sei lá, *velho*. [Pausa.] O *peçoal* na loucura falou “*foda-se, vamo’ se jogar*”, e aí *cê* só viu o *peçoal* jogando a mochila p’ra cima e pulando [o muro e o portão do Centro Paula Souza]. E aí foi quando *rolou* a primeira *ocupação* de Etec. Aí, você aparentemente chegou. Então, *assim*, essa é minha cronologia que eu posso dar. [Pausa.] Então, nesse dia [5 de junho de 2016, no Centro Desportivo Cultural da Lapa] eu lembro que estava um *peçoal* da Folha [do jornal Folha de São Paulo] lá. E aí a gente falou “*meu, como assim? a Folha ‘tá querendo fazer reunião aqui*”. Esse dia foi quando, *mano*, sei lá... De repente, a gente começou a *ocupar* escola em 2016 de novo... Aí veio o CPS, aí depois a gente começou a *ocupar* as diretorias [regionais de ensino] lá, várias diretorias [regionais de ensino]. É, 2016 foi o pior ano p’ra todo mundo. Foi quando invadiram a casa da Carmosina, me seguiram até em casa. Aí depois a gente fez aquela *assembleia* no final do ano com promotor de segurança de São Paulo lá na... lá na... aí, não lembro.

CARUSA — Na Ação Educativa?

ELOY — Não era na ALESP.

CARUSA — Na Câmara Municipal?

ELOY — É, na Câmara. Eu lembro que a gente fez uma *assembleia* lá na Câmara, p’ra denunciar, mesmo se isso não desse em nada. [...] Eu tenho um álbum desse dia no *Facebook*. Vou te marcar nesse álbum. [Pausa.] Ah, ‘tá aqui, ó... “audiência na Câmara, 23-11-2016”.

CARUSA — [...] Mas, Eloy, eu queria propor de conversarmos adiante sobre temas menos... como dizer? Você falou que 2016 foi o pior ano para todo mundo, então, seria conversarmos sobre algumas coisas que não tragam essas memórias agora. Por exemplo, lembra que eu te falei que queria entender melhor, entender um pouco melhor algumas maneiras de vocês se relacionarem em termos de expressões? Não é gíria exatamente. São palavras cheias de significados e que consigo acessar uma parte, mas a profundidade nunca vou esgotar e quanto mais puder escutar de vocês, melhor para uma aproximação aos significados. Por exemplo, uma expressão que eu queria entender mais é “*parça*”. *Parça*, à primeira vista é o parceiro, o companheiro, camarada, amigo. Certo?

ELOY — Sim.

CARUSA — Mas parece que “parça” também tem uma versatilidade que pode ser usado com um tom mais irônico. Por exemplo, quando alguém chega atrasado ao trabalho e falam “bonito, né?” Não por estar chamando de “bonito”.

ELOY — Mas porque está chegando atrasado.

CARUSA — É. Então, às vezes, se pode usar “parça” querendo dizer “vacilão”. Tem isso ou não?

ELOY — Tem.

CARUSA — Tem uma versatilidade, não tem?

ELOY — Tem. É igual falar “*mano*” em São Paulo. “*Mano*” tem muitas entonações. Então, depende como você fala o “*mano*”. Então, se você fala “*Maaano*” [Mâââno] é que, *tipo*, “*noooooosa*, tenho uma coisa p’ra te contar”. Ou se você pega e fala “*Mano do céu!*” é, *tipo*, “Meu Deus!” É, *tipo*, isso. *Parça* é assim. “E aí, *parça*, *suave?*”, *cê* tá cumprimentando. Aí se você falar “*Qual foi, parça?*”, dependendo da situação é que *cê* fez alguma coisa de “*Qual foi, mano*, por que *cê* tá fazendo isso?”

CARUSA — O “qual foi, parça?” seria “qual foi, maluco, tá zoando?” Algo assim?

ELOY — É, *tipo* isso.

CARUSA — Isso é uma riqueza de sentidos em relação ao modo como vocês vão se interligando entre si. Como você falou, sem nenhuma coisa planejada você foi se aproximando e sentiu que havia nexos você estar ali e continuou.

ELOY — É que, então. O que eu lembro? *Mano*, eu era muito jovem. Eu não tinha uma realidade, *tipo*, fechada na minha cabeça. Eu era novo e *loko*, *tá ligado?* Igual todo mundo ali era. Todo mundo tinha... [Pausa.] Igual, a gente, de repente, pegar e ir pichar um muro. *Sabe?* Todo mundo era novo. Não tinha essa preocupação. Eu, depois que passou 2016, que eu me formei, fiz dezoito [anos de idade]... [Pausa.] *Tipo*, minha relação totalmente mudou, *sabe?* Eu acabei saindo do Ensino Médio, então eu não era mais *secundarista*. Eu ainda tinha medo de fazer qualquer outro tipo de coisa, então... sei lá... eu entrava numa *paranoia*. Eu... até hoje... tenho medo de fogos de artifícios. Eu escuto um, ó... tá escutando isso aqui? A moto? É moto. Beleza. Eu reconheço som de moto. Mas quando é som de fogos e eu não sei de onde tá vindo, é automático de ter uma reação de susto.

Então, o que eu quero dizer é que, *tipo, mano*, era só um... sei lá... era tão... imaturo. Imaturo, *assim*, porque eu só pegava e fazia. [Pausa.] Eu lembro de em um protesto a gente descer e aí pegarem no braço de uma menina... um policial... e começarem a bater nas costas delas, *assim*, segurando e batendo nas costas dela, *mano*. Aí eu lembro de eu pegar uma pedra e tacar nas costas dele e o cara cair no chão. Eu fiquei em choque por causa disso. Só que, ao mesmo tempo, eu peguei a menina pelo braço e saí correndo junto com ela. Então, *tipo*, tudo que eu fazia era uma... sei lá, *mano*... Eu lembro de... sei lá, *mano*... De repente, a gente chegou lá [ao Centro Paula Souza] e vamo' pular o muro. Não tinha essa questão de "ah, mas vamo' pedir p'ra alguém p'ra pular o muro". Não, *mano*. A gente só queria. E... Por que a gente fazia isso? Acho que, primeiro, porque era *menor de idade*. E... acho que talvez... talvez, não sei... pode ser que isso tenha motivado a gente a fazer mais coisas. Hoje em dia a gente tem medo, *mano*. É horrível. Tem dia que eu vou fazer qualquer coisa e aí eu falo "não, *mano*, isso aí é *treta*, eu vou ser é preso", "eu vou ser preso, eu vou ser preso". E fica nisso. Então, pelo fato de eu, de a gente ser novo e tal, tem essa questão, *né*... de que é muito mais fácil acontecer. É muito mais fácil. [Pausa.] E aí... Por isso que eu acho que tem essa questão histórica sim, *mano*. Porque a gente unificou as Etecs com as escolas públicas. P'ra mim todo mundo era igual naquela situação lá. Independente se você era de escola técnica ou não. Estava todo mundo lá no Centro Paula Souza. Andando de *skate*, dançando, do jeito que dava eu estudava para o vestibular. Ao invés de eu ir p'ra escola, pro SESI, eu ia p'ro Paula Souza e estudava os livros de vestibular. Eu lembro até hoje de sentar naquele chão do Paula Souza, abrir o livro, *assim* ...sei lá, da... do... da FUVEST lá, que tem que ler aquela *porra*... de ficar sentado lá, lendo. E ao mesmo tempo eu voltava p'ra casa e ficava ouvindo "É, seu vagabundo, vai p'ra rua, não vai p'ra escola, que não sei quê, quase vai repetir". E eu quase repeti de ano de fato, quando eu saía do SESI, de tanta falta que eu tinha. Mas você está entendendo? É, *tipo*, isso, *sabe*? A gente só... não sei, *mano*... Não sei, não sei. Era muito traumatizador chegarem e falarem que a gente era PTista ou chegarem e chamarem a gente de qualquer outra *bosta* e a gente falar "*mano*, como *assim*?", *tá ligado*? Ou quando chegava alguém lá de *entidade*, que aí todo mundo ficava *puto*. Era, *tipo*, uma raiva desnecessária. A gente só ficava *puto* porque... não sei, *mano*, acho que é porque a gente queria mesmo, "a gente acorda todo dia cedo e vocês vêm aqui e botam a bandeira de vocês e rouba a foto do *movimento*!" *Mano*, a gente ficava *puto*. E talvez a gente poderia conversar com a pessoa e falar "*mano*, [vamos] conversar aí, ô". Mas, não. Era "sai daqui", a gente ficava *puto*. Então *cê* entende que a gente era... sei lá... meio irracional

às vezes. A gente não pensava, a gente só fazia. [Pausa.] Eu lembro que fico bravo até hoje com isso, no dia seguinte que *rolou a ocupação* [do Centro Paula Souza] eu acordei cedo e aí eu peguei várias coisas de casa, leite de casa, e minha mãe perguntando “o que *cê ‘tá pegando leite?’*”, e eu peguei leite, um cobertor que era maravilhoso e levei p’ra lá, p’ra *ocupação*. Aí, até hoje eu perdi esse cobertor que era muito bom. Triste.

CARUSA — Isso que você está falando a gente poderia imaginar como sendo um coração dessa história. Uma história que tem mais de um coração. Quando você se pergunta como emanava, qual era a fonte para “a gente fazer o que a gente fazia”, “a gente ia lá e fazia”. Era um modo de tomar decisão que desafia quem pensa em termos muito racionais ou quem pensa pelo oposto (um emocional “sem noção”). Não era “sem noção”.

ELOY — Sim, sim. Mas, então, eu falo isso hoje porque eu parei p’ra pensar e falar “*mano, porque isso acontecia?*” Então... eu passei... *Mano*, eu fui uma das poucas pessoas que passou na USP. O Kopke passou. O Júlio passou, encontro direto lá. E isso apesar de que a gente não se fala. Isso era outra coisa que eu queria falar também. O *peçoal* hoje não conversa muito, *sabe*. Eu me sinto muito distante deles hoje em dia. É ruim p’ra mim, porque como eu tô falando disso agora, eu lembro disso tudo, eu falo “*mano, por que está dando tudo errado no Brasil agora?*”, “*A gente fez tanta coisa acontecer e ‘tá tudo uma bosta? E a gente só sabe que tá uma bosta e a gente não faz como antigamente?*” Aí já tem outra questão que acende, *sabe?* Então, ter mudado o governo [federal] todo e... [Pausa.] Aconteceu muita coisa... [Pausa.] A [operação] Lava Jato ao mesmo tempo... Tudo aconteceu tudo muito junto. Tudo aconteceu muito rápido. Então, enquanto aconteceu o negócio [operação] da Lava Jato, o Cunha [ex-presidente da Câmara Federal] saindo [preso], tinha o negócio da *ocupação*, estava mudando o Secretário da Segurança do Brasil [o Ministro da Justiça], estava mudando a perspectiva de eleição no Brasil nessa época, estava, *tipo*, polarizando absurdo, estava tendo muita repressão. Então, *mano*, depois desse choque psicológico na nossa mente, *assim*, em 2016, *fodeu, sabe? Fodeu, fodeu*. Todo mundo foi ficando traumatizado igual eu, que ouve um barulho de rojão e fica “*ai, meu Deus, o que está acontecendo?*” [Pausa.] Então, nessa época... o que eu penso? Voltando ao que eu queria dizer... [Pausa.] *Tipo*, eu entrei na USP. Muita gente que *ocupou* comigo entrou também. Muita gente está fazendo FFLCH... Tem o Barreto, tem o Kopke, o Júlio. Então, eu imaginava que quando terminasse de fazer o meu Ensino Médio seria bom entrar na faculdade. Só que faculdade é uma *bosta*. Não *rola*. Sei lá, antes eu era mais novo. Por isso que eu te falei que isso acontecia, talvez porque a gente

era mais novo e a gente não tinha essa preocupação. E hoje em dia, na USP, não. Não, não. “Vamo’ conversar, vamo’ fazer uma *assembleia*, vamos não sei quê, vamos ouvir o professor” e aí o professor fala que “não” e a gente fala “É”. E na USP tudo é assim. Eu tenho raiva da USP. Eu quero largar a USP. Então, eu ter vivido isso em 2015 e 2016 e depois eu ter entrado lá, *mano...* E eu ainda morava, *mano... Meu*, ser pobre, *assim...* Ter uma mãe que... Na época que eu tinha tentado a USP, eu tinha sido expulso de casa, *sabe?* Parece que era p’ra ter dado tudo bom, *sabe?* Eu não estar pagando faculdade, eu estar em uma universidade pública, no curso que eu queria, e ainda assim minha mãe ter me expulsado de casa, *tá ligado?* E eu dormir uma semana no metrô, *sabe?* *Mano*, não faz sentido isso. Aí... [*Pausa.*] Eu não sei. Só sei que tudo foi acontecendo. E aí chegou no que é hoje. [*Pausa.*] Então, aconteceu tudo isso em 2016. Aí, minha mãe, é... sei lá, *mano*. E também houve esse afastamento do *pessoal*. Eu ir p’ra faculdade e ver que não era a coisa que... as coisas que eu tinha vontade que acontecessem não aconteciam da forma como eu gostaria, igual antigamente. E aí eu tento hoje em dia, *tipo*, me encaixar, entender o que está acontecendo. Só que não dá. E aí *cê* faz o que? Tratamento psicológico. Ou *cê* não aguenta, fica louco.

CARUSA — É muita coisa mesmo. [...]

[*A ligação caiu. Chamando novamente.*]

ELOY — Oi?

CARUSA — Voltou [a ligação]?

ELOY — Voltou. Tá meio ruim, né?

CARUSA — O vídeo voltou?

ELOY — Voltou. [*Pausa.*] Sabe uma coisa que eu fico pensando? É... [*Pausa.*] *Tipo*, eu não sei, *sabe*. Parece que... Eu não sei explicar o que eu quero falar agora. Mas é esse tipo de coisa assim que... Porque quando eu falo assim lá na faculdade “gente, eu já fui *perseguido*”, ninguém entende. Só quem entende é quem passou, quem passou entende. É muito abstrato quando você vai conversar com qualquer outra pessoa sobre isso. Ainda mais nos dias de hoje. Se você pega e fala “*mano...*”, a pessoa duvida de você. E aí você se cria essa pergunta “será mesmo que eu não estou exagerando?”, “será que não é *paranoia* minha?” Então, é esse tipo de coisa que eu fico me perguntando também, “será que eu tirei esse negócio da minha cabeça?”, “será que a gente foi tão forte assim p’ra

criar toda essa *paranoia*?” Toda *reunião* a gente desligava o celular e botava numa caixinha. P’ra gente era tão... [Pausa.] *Mano*, eu me perguntava “por que a *porra* de um *cara* de quarenta anos, que é um policial, vai tirar o tempo da vida dele p’ra ficar grampeando celular de jovem de quinze anos?” Na minha cabeça não fazia sentido. Só que isso que aconteceu e que eu tenho medo, esses traumas, *assim*... eu falo “será que não é *paranoia*?”, “será que eu não estou exagerando?” [...] Eu nunca parei para conversar isso com ninguém do *peçoal* que *ocupou*, nunca parei. Eu não sei, eu não sei. Até hoje eu não sei essa resposta. E eu não sei se tem. A única comparação de *perseguição* que eu aprendi na escola foi ditadura militar. Só que, pelo que eu sei, na ditadura militar o pessoal pegava, amarrava, matava e... [Pausa.] Beleza, isso não aconteceu com a gente e aí eu falo “mas tem gente que foi presa, tinha gente que não podia sair do estado nessa época”. Só que... Eu não sei, *mano*. Eu não sei se é *paranoia* minha. [Pausa.] Às vezes quando eu lembro do Balta Nunes, *mano*... Quando surgiu o negócio do Balta Nunes [capitão do exército infiltrado entre *estudantes*] eu falei “*meu*, é isso”, *sabe*? Depois que pensei “*mano*, esse cara mandou mensagem p’ra mim no *Facebook* perguntando se ia p’ra tal *ato*”. Eu vi que ele tinha em comum várias pessoas que eu conhecia, mas eu falei “*meu*, quem é esse cara?” e não respondi. Eu tinha medo disso. E aí eu fico pensando, né. “Será que isso é *paranoia* minha ou é...” Sei lá... Eu não sei se é real ou não é. Depois de tudo que a gente viveu... Sei lá. [...] Por que tanta coincidência assim, né? Às vezes, a gente não quer acreditar que isso seja real. Às vezes, eu não quero acreditar, *mano*. Às vezes, eu não quero acreditar que é real. Eu não queria ter passado por isso. Eu não quero, *mano*.

CARUSA — Então... Pelo que pude conhecer, várias pessoas afirmavam sim estar com o celular monitorado. E isso para mim jamais foi visto como “*paranoia*”. [Pausa.]

ELOY — [...] Todo mundo que eu conheço não saiu disso sem um problema mental, *sabe*? Eu já tinha entrado pelo próprio momento, logo após que meu pai morreu. Então, *tipo*, meu psicológico já estava, *tipo*, abalado nessa época. Então, o que eu acho que me dava motivação era a raiva que eu sentia, *sabe*? Meu pai tinha morrido, *mano*. Minha mãe desempregada. Aí, estava tudo acontecendo... a coisa do PT, e aí sem emprego, e aí começou o negócio do Temer lá e não sei quê e... tudo começou a acabar, *sabe*? E aí... perdi o raciocínio do que eu ia falar. Perdi o raciocínio. [Pausa.] A gente nunca sabe se a gente está entrando numa *paranoia*. Sempre vai *rolar* essa dúvida. [Pausa.] Por que será que a gente quer acreditar que não é real? Por exemplo, quando a gente pega o que a gente está vendo agora com a invasão de Terra Indígena, que está, *tipo*, absurdo. A gente sabe

que estão matando indígena *p'ra caralho*. Eu me sinto incomodado por saber isso e ao mesmo tempo... parece que abstrai isso que acontece. E parece que é a mesma situação que acontecia antes, com as *ocupações*. Eu quero acreditar que não era real. Eu prefiro acreditar que isso não é real. Eu penso “por que uma pessoa quer grampear o meu celular?” Eu não queria acreditar que isso estava acontecendo. Eu queria achar um motivo p'ra alguém querer me grampear. E aí quando vejo esse negócio de Terra Indígena, eu falo “é tão absurdo, que *cê* não quer acreditar”. Eu, pelo menos, sinto isso. Então, quando eu vejo... sei lá... tudo isso que está acontecendo, tudo que já era para ser esperado que ia acontecer, eu prefiro fingir que não está acontecendo e eu me sinto mal por saber que eu tô fazendo isso. Só que eu não tenho condições de pegar e fazer alguma coisa. Eu não vou pegar e me juntar com os indígenas e morar com eles, não tem condições. *Sabe?* Não sei, não sei explicar. Aí eu fico me perguntando “por que que a pessoa faz isso?” Então, sempre chega a esse impasse. De querer entender porque que a pessoa quer fazer isso. *É, tipo*, querer entender porque que o louco é louco. *É* querer entender porque que o policial... Eu queria achar as respostas, mas isso nunca vai acontecer. *É foda. É foda.* [...] Então, eu posso dar uma sugestão?

CARUSA — Oi, pode falar.

ELOY — Então, você falou com esse *peçoal* na época, né? Agora, em 2019, você falou com alguém?

CARUSA — Eu tenho mantido contato, mas não é nada de entrevistar. Por exemplo, o Martin Egídio, várias vezes a gente conversa. Mas não é assim com gravador.

ELOY — Então, eu também faço isso. Não uma conversa, mas mais para saber como está a vida da pessoa. “*Cê tá bem?*” Aí você vê se a pessoa está fazendo teatro, se está com outros projetos, o que ela está fazendo. *É* isso que eu tenho de contato com as pessoas. Mas você poderia (re)conversar com essas pessoas dessa época, que era uma época totalmente diferente, porque se você fosse falar comigo nessa época, em 2016, 2017, eu ia te dar uma visão outra. Agora, em 2019, depois de quatro anos, estar finalmente fazendo tratamento psicológico, coisa que eu deveria ter feito faz tempo... Eu só me ferrei por não ter feito isso antes. Eu só me ferrei. Sei lá. Não sei se eu que me afastei ou se o *peçoal* que se afastou de mim, mas exatamente por causa disso, porque eu não estava fazendo tratamento psicológico. E aí... eu acho que seria bom você conversar com esse *peçoal* agora. Ver como eles estão agora e saber, *tipo, mano*, qual

seria a visão deles em relação a isso, porque eu queria saber do fundo do meu coração se eles também se sentem com ...sei lá, “paranoias”, *assim*. Eu não ligo mais de mandar minha localização p’ra ninguém, eu não ligo. Por mim, dane-se. Mas essas dúvidas, essas coisas que não saem da minha cabeça, *assim*, “por que uma pessoa ia querer fazer isso comigo nessa época?” ou, *assim*, essas coisas difíceis de responder. Eu acho que seria bom saber a visão que as pessoas têm agora. *Tipo*, o Martin Egídio que tem mais contato com *movimento* social, ele ia falar “isso tá acontecendo, só que de outra forma”. Ou, talvez, a gente estivesse no começo disso. Eu não sei, *sabe*. Só sei que tudo caminhou e tudo acontecia muito junto, *sabe*, no contexto BR [Brasil]. Todo mundo sequelado psicologicamente.

CARUSA — Sim. Acho legal e estou de acordo com a sua ideia. É muito importante sim conversar novamente com o *pessoal*.

ELOY — [...] Mantém contato. Vai falando como é que ‘tá. E aí você me fala quando for apresentar.

CARUSA — Sim. Com certeza. [...] Você está fazendo qual curso na USP?

ELOY — Eu tô fazendo Geologia.

CARUSA — Legal!

ELOY — Eu gosto muito. Depois que eu fiquei surtado, eu falei “quero estudar alguma coisa que eu entenda a Terra e que eu possa viajar”, *sabe? Tipo*, entender porque que tal coisa acontece de tal forma. *Tipo*, por que tal montanha está em tal lugar, *sabe? Aí eu falo* “isso pelo menos eu vou poder saber”, “isso eu vou poder entender porque é assim”, por isso que eu gosto. E aí eu posso viajar também, que é maravilhoso.

CARUSA — Legal! [...] Então a gente continua conversando. Boa recuperação da sinusite.

ELOY — *Nossa!* Pelo amor de Deus. Minha cabeça está... absurdo. Obrigada, Carusa.

CARUSA — Obrigada, Eloy.

4.9 *Conquista e vitórias da luta em si* – São Paulo e Rio de Janeiro, 19 de março de 2020

[Entrevista realizada com Andronico no dia 19 de março de 2020. Conversamos on-line por chamada de vídeo via aplicativo denominado WhatsApp. A conversa se passou ao longo de vinte e cinco minutos com auxílio de gravador de áudio. Passemos já à entrevista.]

CARUSA — Como você está? [...] Você toca em uma banda?

[Áudio de Andronico com interferência, difícil entender o que ele fala.]

ANDRONICO — É. Na banda eu continuo. E tenho trabalhado tocando em orquestras também e, às vezes, em alguns outros projetos.

[Áudio de Andronico com interferência, difícil entender o que ele fala.]

CARUSA — Você falou que a banda tem inspiração no que você viveu no *processo das ocupações*?

ANDRONICO — Não, a banda se formou nesse período, *assim*, se formou um pouco depois, mas com pessoas que eu conheci no *processo de ocupação*.

[O áudio de Andronico foi ficando baixo até sumir. A ligação foi feita novamente. A gravação retorna falando de outro assunto, conforme se lê abaixo.]

CARUSA — Miss Browne fala na entrevista que fizemos em 2016 sobre “nós queríamos perder o controle mesmo”, em relação à expansão da *tática das ocupações*. Acerca dos sentidos de “perder o controle”, Andronico pensou junto e ponderou o seguinte.

ANDRONICO — Não é porque pessoas envolvidas no *processo de ocupação* estavam à frente d’ O Mal-Educado que O Mal-Educado estaria controlando o que as pessoas fazem.

CARUSA — Veja se faz sentido. O que significa “perder o controle” passa pelas vísceras da questão da autonomia como ideia de que cada pessoa sabe a respeito do que vive; a pessoa se sente tolhida, ela sabe; ela pode desconhecer a palavra “autonomia”, mas ela se posiciona de alguma maneira; vibra essa ideia de “autonomia” que vocês cultivam? Talvez essa vibratibilidade⁶⁴ seja algo que faça sentido com o “perder o controle”?

⁶⁴ A noção de vibratibilidade que inspira essa formulação de pergunta ao conversar com Andronico tem por referência Suely Rolnik, *Micropolíticas em atrito*. Campinas: CPFL Cultura, 2009. Disponível em: <<http://www.cpfcultura.com.br/site/2009/10/16/integra-micropoliticas-em-atrito-suely-rolnik/>>. Acesso em: 10 jan. 2010. Na palestra citada, a autora aborda algumas das relações entre vida e poder mediante uma reflexão sobre a proposta poética e a obra da artista brasileira Lygia Clark. Para Rolnik, Lygia Clark anuncia, em 1969, o que estaria acontecendo com o artista nos dias de hoje, sobretudo, nas artes plásticas, transformado em engenheiro do lazer. Entretanto, Rolnik ressalta que Lygia enunciava na época um modo

ANDRONICO — Acho que tem a ver com querer que as pessoas estejam envolvidas fazendo as coisas por conta própria, *assim*.

CARUSA — Isso seria uma das vitórias dessa *luta*?

ANDRONICO — Sim.

CARUSA — Se for para usar um termo de algumas linguagens que estão escrevendo sobre as *ocupações* estão usando, essa vibratibilidade ativada seria um *legado*?

ANDRONICO — Sim.

CARUSA — Essa vibratibilidade ativa, ativada, essa ativação, seria um *legado* de conseguirem “perder o controle”? Para entender um pouco mais os sentidos de “perder o controle”, nos termos de Miss Browne...

[*Meu telefone desligou sozinho, embora estivesse conectado ao carregador, quando tentei religar, o aparelho estava sem bateria alguma. Zero. Após várias tentativas, o telefone ligou novamente e refiz a chamada.*]

CARUSA — Oi, Andronico. Caiu a ligação novamente. Voltando, então. Estávamos falando de quais outros *legados* você vê além daquele que estamos chamando por “vibratibilidade”.

ANDRONICO — Olha, se for pensar, *assim*, de uma forma coletiva que abarque todos os *estudantes* que participaram... Eu acho que é só esse o principal legado, *assim*. E aí eu acho que tem... é isso... para cada pessoa mudou a trajetória dessa pessoa, mudou parte da consciência dessa pessoa, *assim*. E eu vejo, vou acompanhando *posts* de pessoas que eu não sou tão próximo e muitas, muitas mantêm posições a favor das *lutas populares*, a favor dos diretos, da memória das pessoas que *lutam*, *assim*. Mas, é, acho que esse é o

de artista que não se reduz à engenharia do lazer, assumindo formas de alterar as estruturas sociais. Isso porque, destaca a autora, Lygia Clark ocupa uma posição singular no momento em que se inaugura a chamada arte contemporânea, nos anos de 1960 e 1970. Foi nessa época quando se desenvolveu o que se designou por *movimento de crítica institucional*, em grande parte motivado pela percepção dos artistas de que o sistema institucional da arte (as categorias da história da arte, os espaços do museu, os usos dos museus, os gêneros reconhecidos, o espaço físico de alocação/suporte da obra) incidia de forma decisiva nos limites da criação artística e na percepção própria da obra, uma vez que essa percepção está totalmente marcada pelas regras de produção da arte. Nesse ínterim, a elaboração de outras estratégias de proposta poética passou a ser parte própria do impulso que animava as obras, através das quais se enfrentava os limites de produção da arte, sendo este um dos principais desafios orientadores do processo de criação artística. Em um sentido, Rolnik discutiu nesta palestra sobre o terror e o pavor próprio à força poética, qual seja: o movimento de dar corpo à sensibilidade que, potencialmente, altera o equilíbrio de estruturas sociais; sendo que o terror e o pavor se apresentam na medida em que o referido *movimento de dar corpo* é passível de existência como de punição no e pelo cotidiano normativo.

principal *legado* mesmo, *assim*. E aí, individualmente as pessoas podem ter muitos outros *legados* diferentes, *assim*.

[*Andronico não conseguiu ouvir, pois o meu áudio chegou a ele com interrupções. Repeti o que havia dito, conforme se lê abaixo.*]

CARUSA — E aí a gente poderia pensar esses *legados* em diferentes escalas, por exemplo, a escola... cada uma das escolas que foram *ocupadas*...

ANDRONICO — Carusa, o microfone está baixo, não estou conseguindo te ouvir direito.

CARUSA — Vamos tentar aqui ver o que é.

ANDRONICO — Agora estou te ouvindo. Agora está funcionando.

CARUSA — Como estamos chamando aqui hoje esse legado da “ativação de uma vibratibilidade”, a gente poderia pensar – veja se faz sentido – cada pessoa dentro de um contorno mais amplo? Além de ser uma questão de *educação*, no sentido em que está na Constituição etc, seria uma questão que ultrapassa?

ANDRONICO — É. É um *legado* que fica. P’ra todas as pessoas que participaram desse processo. Mas penso também que poderia ser um... é... não, acho que é isso. Um legado que fica desse *processo de luta* é principalmente esse, além da própria vitória da *luta em si*.

CARUSA — E essa “própria vitória da luta em si”? Seriam as conquistas da merenda, em 2016... É isso ou não?

ANDRONICO — Isso. É isso que eu digo a vitória da *luta em si*. A merenda [em 2016] e o fato de as escolas não terem fechado em 2015.

CARUSA — Como você pensa o fechamento das salas de aula a partir do início de 2016?

ANDRONICO — É, então. Como no próprio fim das *ocupações* [em 2015] a gente falava “a gente não quer suspensão, a gente quer revogação”, porque o fechamento de salas vai continuar. O projeto deles ainda é o mesmo no fundo, então, eles continuam fechando sala, eles querem fechar escola... É isso. A gente precisa estar sempre *organizado*. Isso é extremamente necessário.

CARUSA — Nesse debate na esfera pública tem esse aparente paradoxo: não fechou escola, mas fechou sala de aula, de modo que a *vitória* dos *secundaristas* ficaria relativizada.

ANDRONICO — Sim.

CARUSA — Aí estou dizendo, não é bem assim, existe essa relativização, dependendo do que se está considerando como *vitória*.

ANDRONICO — Ah, sim. É.

CARUSA — A *vitória* considerada fora desse enquadramento permanece plena no aspecto de que a *vitória* seria ter parado aquela medida [em 2015]. Faz sentido?

ANDRONICO — É, a vitória ali foi... [Pausa.] A gente foi *vitorioso* na época [2015 e 2016]. Agora [Pausa.], realmente, o que vem depois é o que vem depois. Se não, qualquer *luta* nunca foi vitoriosa.

CARUSA — Sim. Essa ideia de que “a gente foi vitorioso na época; se não qualquer luta nunca seria vitoriosa”, você considera que isso pode ser pensado como uma... Por exemplo, naquela primeira entrevista que fizemos em 2016 você falou que o pessoal se reunia – primeiro foi a experiência de poligremia, depois era o G.A.S., depois juntou com O Mal-Educado – e o que eram as conversas periódicas, sistemáticas, que vocês tinham não eram análises de conjuntura no sentido mais abstrato, mas vocês faziam naquela época a pergunta “o que a gente pode fazer?”, “é possível fazer o que?”, “o que vamos fazer?”

ANDRONICO — Sim.

CARUSA — Veja se faz sentido... Em relação a isso, a gente poderia pensar que “as *vitórias da luta em si*” seriam uma forma de resposta àquelas perguntas de 2015?

ANDRONICO — É, aquela *luta* era necessária fazer naquele momento ali. Mas, no fundo, eu também acho que faz sentido essa... essa... que você fala... desse *legado*. Não para relativizar a *vitória* do *momento*, mas também para frisar que uma *luta* só... [Pausa.] *Tipo*, a gente precisa estar sempre *organizado*. Precisa estar sempre *lutando*, porque vai ter sempre alguém para jogar a *luta* fora. Mas isso não quer dizer que aquela *luta* não foi bem-sucedida.

CARUSA — Isso é importante a gente junto ir lapidando, esse entendimento. Nesse debate na esfera pública colocam-se muitas formas de escoar a ideia da *vitória*, de murchar a ideia da *vitória* – o que não me parece fazer sentido.

ANDRONICO — Sim.

CARUSA — Não me parece fazer sentido essa forma de análise que esvazia o sentido da *vitória*, como você está dizendo. O que quero, então, é entender junto com vocês como é elaborada a vivacidade da vitória vista de hoje. Apesar do fechamento de sala, ou justamente por isso. Afinal, o governo necessitou recuar, deixar de fazer vários procedimentos que queria, deixar de fazer da forma que queria.

ANDRONICO — Sim.

CARUSA — Isso seria uma *vitória*?

ANDRONICO — Sim, sim.

CARUSA — Hoje, apesar de todas as interrupções do telefone, tocamos em questões densas.

ANDRONICO — Sim.

CARUSA — Então, já encaminhando para o fim da nossa conversa. Andronico, eu quero agradecer muito por seu tempo e por nossa conversa.

ANDRONICO — Beleza, Carusa. Então, boa escrita, bom trabalho p’ra você aí.

CARUSA — Valeu. Até mais.

4.10 Modo próprio de *lutar* – São Paulo e Rio de Janeiro, 6 de junho de 2020

[Entrevista realizada com Miss Browne no dia 6 de junho de 2020. Conversamos on-line por chamada de vídeo via a plataforma digital denominada Zoom. A conversa se passou ao longo de uma hora e trinta e nove minutos com auxílio de gravador de áudio. Miss Browne estava em São Paulo (SP) e eu no Rio de Janeiro (RJ).]

CARUSA — Então, você poderia falar um pouco sobre como você está, se apresentar.

MISS BROWNE — Tá. Ótimo.

CARUSA — Antes de tudo, obrigada por seu tempo.

MISS BROWNE — Imagina, que isso. [*Pausa.*] Bom, então, eu sou Miss Browne, estou com vinte e um anos agora, participei aí das *ocupações* em 2015 e em 2016, quando a gente se conheceu. Quatro anos atrás já. Cinco, né? Em 2015. Vai fazer agora em outubro cinco anos. Muita coisa aconteceu. Parece muito mais que quatro anos na verdade, né. E... [*Pausa.*] Bom, em 2015 eu estava no segundo ano do Ensino Médio no Colégio Equipe, quando eu participei da primeira onda de *ocupações* em São Paulo. Depois, em 2016, eu me formei [no Ensino Médio], completei dezoito anos e entrei na faculdade já no ano seguinte. Estou cursando Filosofia na USP. Na época eu também fazia Ciências Sociais na PUC. Eu estava fazendo um pouco dos dois p'ra descobrir o que eu queria fazer. Fiquei até... Fiquei um ano e meio na [graduação em Ciências] Sociais, mas acabei me interessando mais pela Filosofia, pelo menos por enquanto, que é onde estou até agora. Ainda não me formei. Na verdade, estou no quarto ano agora (ou no terceiro ano?), é... no sétimo semestre. É, no quarto ano já. E ainda falta um pouco, porque tem licenciatura, que precisa um pouco mais de tempo. Estou fazendo bacharelado por enquanto. E... Estou lá desde 2017, então. E... não sei, é isso.

CARUSA — Então, Miss Browne, gostaria de fazer uma pergunta-aperitivo para despertar memórias. Naquele dia que a gente conversou na sua casa, naquele momento, você falou assim sobre futuro “ah, quero continuar pensando política, meu TCC é sobre o PT, como que uma espécie de *estratégia* atingiu um ponto de esterilidade”. Seu TCC do Ensino Médio girava com essa chave de problemas/de perguntas, certo? Então quero perguntar se você continua pensando política como você imaginou naquele momento ou se você está bem longe dessa ideia atualmente.

MISS BROWNE — Bom, então, tá. Foi em 2016... Você lembra em que mês foi a conversa?

CARUSA — Foi dia 10 de junho.

MISS BROWNE — É... Então tá. Então, eu estava fazendo essa monografia, né. Que... [*Pausa.*] Eu sabia que era sobre o PT, mas não sabia muito o que... [*Pausa.*] Fiquei o ano inteiro estudando sobre, lendo coisas, *assim*. No final, eu acabei falando mais da Teologia da Libertação como um dos eixos de... [*Pausa.*] É... [*Pausa.*] Um dos grupos que tinham

sido muito importantes na construção não só do PT, mas de toda essa reorganização da esquerda nos anos 70. E depois 80, enfim. Então eu fui pegando por esse eixo, fui estudando questões ligadas à religião, mas também como que isso era também um espaço para *organização política* naquele momento, *debates* que você fazia vinculando a Bíblia, a leitura da Bíblia com a leitura das questões sociais e esse tipo de coisa assim. E aí, enfim... Já era 2016, as coisas já estavam... [Pausa.] No final de 2016, né... [Pausa.] As coisas já estavam bem complicadas. E acabei também terminando o TCC fazendo dentro dele um adendo, *assim* ...um posfácio, *assim* ...entendendo um pouco o que significava a Teologia da Prosperidade. Então, [Pausa.] como é que você tem depois dessa onda de *organização social* nas *periferias*, vinculadas à Teologia da Libertação, você teve uma reviravolta lá nos anos 90 e 2000, com o crescimento das igrejas evangélicas e que tipo de teologia elas carregavam e que tipo de pressupostos políticos e sociais elas carregavam dentro dessa teologia nova. Foi meio como eu terminei o ano, pesquisando isso. E... enfim... 2016 foi esse ano que teve ainda a onda de *ocupações* por causa da merenda, no começo do ano e que durou até mais ou menos a metade do ano, *tipo*, *lutas* em torno disso, várias *ocupações* de Etecs, do Centro Paula Souza, da Diretoria de Ensino da Vila Madalena, enfim, coisas assim. E a gente continuou até o final do ano pensando junto com a *galera* que ainda era *secundarista*... em outras coisas. Teve um momento que era... [Pausa.] Desde o ano inteiro também a gente ficou tentando retomar, *tipo*, continuar trabalhando as questões que a gente estava trabalhando na *luta*, tentando formar grêmios nas escolas. Então tinha uma ideia de que, depois das *ocupações*, veio uma diretriz da Secretaria de Educação para criar grêmios. Só que esses grêmios, a gente *sacou* que eles eram muito controlados pela direção, uma forma mesmo de *tesourar* os alunos. E aí a nossa ideia era de fazer grêmios autônomos, livres... que talvez nem precisasse de uma eleição, uma chapa, mas que fosse de fato um espaço onde as pessoas pudessem continuar *debatendo* depois que as *ocupações* tinham terminado. A gente teve uma *vitória* que era uma *vitória* muito parcial... ela foi, na verdade, um adiamento de coisas que chegaram a acontecer depois e hoje a gente sabe que a Reorganização não aconteceu, mas fechamento de salas *a rodo* aconteceu. Mesmo em 2016, já estava acontecendo. Depois, a coisa foi piorando. A merenda nunca foi uma questão completamente resolvida, apesar de ter melhorado em alguns lugares. Então... todas as *vitórias* que a gente teve foram *vitórias parciais*... elas nem tinham como ser totais, porque a gente sabia que a gente não podia simplesmente confiar na palavra do governador quando ele dissesse “ah, ‘tá, não vou fechar salas”. Ou “vai ter merenda p’ra sempre”. A gente sabe que, *tipo*, a gente

conquistou naquele momento porque tinha mobilização e que a gente perderia no momento em que a gente não conseguisse mais se mobilizar p'ra garantir aquilo que a gente tinha *conquistado*. E foi mais ou menos o que aconteceu. *Tipo*, em 2016 já aconteceu, mas em 2017 houve uma desarticulação bem forte do *movimento*, porque... várias questões. Muita, muita repressão dentro das escolas. Muita gente acabou sendo expulso ou foi meio obrigado a mudar de escola por causa de *perseguição* interna. Muita gente começou a arranjar muito problema com a família por começar a ter uma *atuação*. Muita gente estava se formando em 2016. Em 2015, tinha já muita gente das *ocupações* que estava no terceiro ano, que era uma *galera* que ou acabou entrando direto na faculdade ou começou a pensar mesmo em entrar na faculdade em 2016, foi fazer cursinho ou foi estudar. Muita gente teve que começar a trabalhar mesmo. Ou gente que tinha largado o trabalho na época das *ocupações* e teve que voltar a trabalhar porque não tinha jeito. É... E uma falta de perspectivas, *assim*. *Tipo*, novas questões estavam sendo colocadas p'ra gente, não só como *estudante*, mas já enquanto *trabalhador*, enquanto... [Pausa.] Enfim, várias coisas. E uma mudança muito grande no cenário político brasileiro e geral, *assim*. Então... isso é uma coisa que a gente foi sentindo de jeitos diferentes... *Tipo*... cada um de um jeito mais específico, dependendo do que a pessoa estava fazendo, o que ela estava pensando. Mas é claro que *cê* tem uma mudança muito grande do que aconteceu. E aquele momento, na verdade, era um momento de virada, né. *Tipo*, de mudança muito grande. E em várias questões. Então... [Pausa.] Teve gente que (imagino que você deve ter falado com outras pessoas) foi para uma *militância* mais concentrada na área da educação, teve uma galera que foi para a área de cultura... ou enquanto *militância* ou enquanto produzindo. Teve uma galera que só começou a trabalhar. Enfim, teve muita coisa. Eu entrei na faculdade e continuei pensando as questões da *militância*, só que de outro jeito e... [Pausa.] Na época, eu era d' O Mal-Educado, então, era esse coletivo de pessoas que já vinham do MPL, que já estava fazendo a crítica da *atuação* do MPL (o MPL tinha *rachado*, né) e isso foi muito importante p'ra nossa formação. Eu continuei com esse grupo depois das *ocupações*. A gente continuou tentando fazer coisas nas escolas. E, depois de um tempo, a gente percebeu que todo aquele gás que tinha na época das *ocupações*, ou ele tinha sido meio dispersado ou agora já não era mais assim, porque assim como Junho, *tipo*... [Pausa.] Aconteceu Junho de 2013 e nunca mais a *luta* contra a tarifa foi a mesma. E, na verdade, ela nunca conseguiu se repetir com a importância que ela teve naquele momento. *Tipo*, como se as pessoas compreendessem que naquele momento era importante a questão do transporte e continuassem entendendo,

mas uma confluência de fatores muito pontuais que não voltou a acontecer. E nas escolas é uma coisa muito parecida, por mais que seja em pequena escala. Então, por mais que 2016 tenha tido *lutas* em universidades também e *ocupações* em outros estados, já no final de 2015 estava tendo, mas no começo de 2016 foi mais forte, *tipo*, em Goiás, depois teve no Ceará, depois teve na Bahia, no Espírito Santo, no Paraná muito forte. *Tipo*, em vários estados aconteceram, mas elas já tinham um caráter um pouco diferente. Algumas eram parecidas, então... no Ceará, no Paraná... elas eram muito relacionadas com cortes dentro das escolas públicas e com reivindicação junto com professores, no caso do Paraná. No Ceará tinham várias medidas também que eles estavam batendo de frente com o governo. Mas com a onda de *ocupações* de universidades que aconteceu naquele mesmo ano, já era uma coisa um pouco diferente. Tinha um caráter um pouco diferente também, do que eram as *ocupações* de 2015 e de 2016 em São Paulo. Então, tinham *pautas* nacionais, *pautas* mais diretamente “políticas” (entre aspas) contra cortes mais específicos do governo federal, contra o *impeachment*, contra várias medidas, e também com a participação muito mais forte do *movimento estudantil organizado*. Então, UNE, UBES, várias dessas *organizações* e *partidos*. E aí tinha uma coisa parecida que era uma continuação da nossa *luta*, mas também tinha um caráter um pouco diferente, *assim*. Foi mudando conforme o tempo. Então, é isso. Depois, em 2017, n’ O Mal-Educado, a gente começou a continuar a *tocar as coisas* por um tempo, e depois a gente não via mais muito sentido, não conseguia mais articular coisas, enfim. Não sabia mais o que fazer. De uma forma parecida com que as pessoas, quando tinham saído do MPL, também saíram muito porque viram, encontraram uma barreira, *assim, tipo*. Viveram Junho e o que foi tudo aquilo e como era potente e como, depois daquilo, não sabia mais como continuar *lutando* por transporte e tentar fazer coisas em bairros e coisas em escolas. Mas já não era mais a mesma coisa, não tinha mais aquele apelo, as pessoas não se interessavam tanto. Enfim. Várias coisas. [Pausa] Então, a gente começou a formar um grupo, depois, em 2017, com pessoas que eram d’ O Mal-Educado e de grupos próximos, de vários lugares diferentes, pessoas que tinham saído do... [Pausa.] Enfim, era um grupo que já existia em 2016, mas que foi renascendo em 2017. E nisso a gente começa a pensar em *atuação*... Até acho que foi em 2016 ainda que teve a *luta* na Fábrica de Cultura. Você lembra?

CARUSA — Foi, teve.

MISS BROWNE — Foi 2016, né?

CARUSA — Foi em 2016.

MISS BROWNE — A gente ainda *colou* em peso, *tipo, fortaleceu* muito, *tipo*, ajudou a construir bastante, foi muito interessante, foi muito importante também. Inclusive como caldo *meio que* do que tinha sobrado das *ocupações*. Era’ *meio que* os mesmos adolescentes que estavam construindo as *ocupações* das Fábricas... só que junto com uma greve dos educadores, que era uma coisa que não tinha tido simultânea na *luta das Etecs e das escolas estaduais*, então, que era muito interessante. E uma galera que estava claramente falando “não é suficiente, a gente quer mais, a gente não quer que precarize, a gente quer mais educação, mais educadores, um sistema melhor”, enfim. Foi uma coisa que a gente *tocou* em 2016 e que foi bem bacana. Mas em 2017 a gente começa a pensar... eu junto com essas pessoas... começamos a pensar em *atuação* mais no local de trabalho, só que sem tentar focar numa *atuação* sindical mais tradicional. Então, como que a gente conseguia pensar... é... as formas e as estruturas que a gente estava descobrindo do *movimento* social, primeiro do transporte, depois, da educação, para pensar uma *atuação* também no mercado de trabalho, que tentasse conter com a *burocracia* que existe há já muito tempo no mundo e no Brasil. Como que a gente conseguia voltar a fazer com que as pessoas se mobilizassem, se aglutinassem no local de trabalho, quando parecia que na *cena política* de um modo geral o que dominava era *movimento* social ou *movimento* por moradia. Então, a gente estava tentando meio pesquisar formas novas de tentar aglutinar pessoas no local de trabalho. E aí a gente conheceu um círculo de pessoas que *militava* muito no *telemarketing*. E a gente fundou um grupo (que eu não sei se você conhece), que chama *Disk Revolta*. Se *cê* quiser colocar no *Facebook* depois...

CARUSA — Não conheço.

MISS BROWNE — Era uma *atuação* voltada p’ra *telemarketing*. Depois eu posso te mandar o *link*, tem alguns materiais bacanas. Então, a gente ficou 2017 inteiro *tocando* várias coisas nessa *linha* e tentando... [Pausa.] Com uma galera muito ferrada, que é a galera do *telemarketing*. Então, fomos *colar* junto, ouvir as experiências dos *trabalhadores* que trabalhavam lá e que tinham articulado *luta* também nesse *setor*, porque a gente entendia que a gente precisava pensar para além do *movimento* social, né. Então, como eu falei, a gente achava que... [Pausa.] A gente tinha já uma experiência que também tinha meio ficado, tinha sido muito útil, então, aconteceram duas experiências que a gente estava *tocando* muito... é... na *linha de frente*, *assim*, que tinha sido muito importante, inclusive, para história recente do Brasil. Só que a gente achava que não era suficiente, *assim*. A gente precisava entender também outras formas de as pessoas...

enfim, quando acontece Junho é muito claro que todo mundo *se fode p'ra caralho* e é uma questão que toca todo mundo, que causa muita revolta ao ponto de articulação das pessoas em nível nacional, *assim*. E aí isso foi aglutinando outras *pautas* depois, mas, enfim, o estopim foi a questão do transporte e, depois, educação, que também era uma coisa que juntava as pessoas. E aí a gente foi pensando como que trabalho é uma questão central nisso, na sociedade que a gente vive. E a gente precisava tentar pensar novas formas de se articular pensando essa questão específica de trabalho. É coisa muito diferente de *movimento* social, completamente diferente de *atuar* com uma *galera* jovem e adolescentes; mas também muito diferente de *atuar* com *movimento*, simplesmente fazendo *ato de rua*, que é uma coisa muito específica, que serve para algumas coisas, não para tudo, e que a dinâmica de trabalho impõe outras questões e várias limitações e dificuldades que a gente queria lidar e começar a entender e trabalhar em cima disso, né. Foi muito importante. A gente ficou um ano fazendo isso, *tocando* isso, e encontrou muitos problemas e muitas coisas interessantes, e dificuldades muito grandes também. Simultaneamente a isso, a gente tinha um espaço de *fazer grupão*. Era um grupo de estudos de pessoas que *tocavam* essa *luta* no *telemarketing* e que tinha participado de várias coisas antes. Então... [Pausa.] Até não sei se cheguei a comentar isso na época, mas tinha algumas pessoas que tinham sido do MST nas origens e que tinham se afastado por divergências, pessoas que eram do MPL, pessoas que eram do CMI (que era o Centro de Mídia Independente, que foi um dos primeiros *blogs* de jornalismo alternativo bem no comecinho da *Internet* em São Paulo), enfim, uma galera de vários lugares que estava estudando... É isso... estudando o que significava você ter... o que significava Junho de 2013, o que significava a experiência de *luta* por moradia no MST e no MTST, tentando pegar todas as experiências que a gente tinha vivido nos últimos anos. Então, pessoas de, *tipo*, sessenta anos e jovens de dezoito anos como eu tinha na época, tentando entender o que significava toda essa *linha*, essa trajetória de vivências. A gente estudou muitas coisas sobre isso também. A gente fez isso de 2017 até 2018. E, enfim. Puxa, várias questões. É até complicado porque realmente são quatro anos, é muita coisa.

CARUSA — É muita coisa.

MISS BROWNE — Mas, por várias questões, em 2018 acabei me afastando dessas pessoas. Enfim. *Rachando*, como as pessoas dizem. Junto com algumas pessoas de lá eu estava encontrando muitas limitações de espaço, de como se *organizar* em alguns *debates* também e... querendo rever coisas e... enfim, influenciar também os *debates* internos

desse grupo. Não era nem uma *organização*, não era uma coisa consolidada, era um grupo de pessoas que almejava ser um coletivo, uma *organização* mais consolidada, o que no fim acabou não acontecendo. Então, por várias divergências, por essas e outras questões, por não estar mais conseguindo participar dos debates lá dentro, a gente estava se sentindo insatisfeito e a gente acabou saindo. Isso foi em 2018. E foi muito difícil. Foi, *assim* [Pausa.], difícil. E ter que rever muita coisa também. Foi um processo bem difícil e doloroso e até hoje é um pouco. É marcante. Mas acabou acontecendo. E aí, desde então, eu não tenho mais... [Pausa.] Até tenho feito coisas pontualmente, de mobilização p'ra 'lgumas *lutas* que aconteceram. Então, *colando* em greve geral, ajudando articular professores da rede estadual e particular, alunos da rede pública e particular. Por um tempo, eu estava fazendo bastante isso em um grupo que apareceu, mais com escola particular do que com escola pública, mas a gente *tocou* bastante coisa, fizemos algumas mobilizações com *galera* que vende... [Pausa.] Com bilheteiros do metrô, que vende bilhete, carrega bilhete do metrô em São Paulo, que é uma *galera* que é toda terceirizada. A gente deu um gás e tentou mobilizar junto. De novo algumas coisas no *telemarketing*, mas nada muito de longo prazo. Mais *atuações* pontuais mesmo, mas continuei... Estudando e pensando e... [Pausa.] Acho que eu, assim como várias pessoas do *movimento* e muitas que participaram da *luta* também e que são de fora, a gente está encontrando um mundo diferente das coisas que a gente pensou que iam acontecer e que acabaram não se consolidando. Tem muita gente que, *tipo*, só parou de *militar* ou só parou de fazer as coisas, mas tem muita gente que, como eu, parou de *militar* porque não sabe mais muito o que fazer, mas que continua pensando e estudando e acompanhando e esperando algum momento em que encontre alguma coisa que volte a fazer sentido como fez na época das *ocupações*, né. Então, estou um pouco nisso. Um período muito... [Pausa.] Acho que... [Pausa.] Na verdade, eu estudo mais sobre essas coisas que me preocupam do que os temas da faculdade propriamente, porque é o que não existe ainda – uma faculdade para pensar sobre *luta social 2000*. Então, estou estudando Filosofia e escolhi Filosofia também porque ela me deu ferramentas para pensar essas coisas melhor do que outros lugares que eu poderia estar, então, tenho que considerar também essas coisas. [Pausa.] Então, continuo o tempo inteiro pensando e estudando e fazendo grupo de estudo, debatendo, *organizando* coisas assim p'ra entender o que está *rolando*. Porque não tem como não ficar pensando nisso o tempo inteiro, na verdade. Não só a gente que já fazia alguma coisa, mas hoje em dia todo mundo está falando de tudo isso o tempo inteiro. Então, não tem muito como escapar.

CARUSA — Como você avalia atualmente a situação de *perseguição* vinculada ao *processo de luta*?

MISS BROWNE — Então, olha, eu acho que, primeiro, um pouco desse receio e desse medo, eu acho que é uma coisa que todo mundo viveu. Não só, *tipo*, todo mundo no Brasil, mas a gente na questão da *luta*. Muitas coisas – enfim... – inexplicáveis e que ninguém vê. Na época ainda, né. Em 2016 ainda. Pessoas que eram detidas meio do nada. Pessoas que estavam fumando um cigarro e chegava um PM, falava que era maconha e, *tipo* – enfim... [Pausa.] Várias situações de pessoas que eram *visadas* e foram – enfim... –, a polícia sempre aparecia onde elas estavam, coisas do tipo, né, ficavam indo à casa delas, coisas do tipo. Isso foi muito forte. Para algumas pessoas chegou a ser muito pesado. Em 2016 teve – na mesma semana em que a gente estava *ocupando* o Centro Paula Souza – um menino que estava com a gente, que era do Fernão também, que era um cara muito firmeza, o Fernando, que invadiram a casa dele atrás dele e ele não estava lá por sorte, estava na *ocupação*, mas, *tipo*, atrás dele, *assim*, *caçando* ele. E ele ficou escondido na minha casa por, *tipo*, três semanas, sem aparecer na *ocupação*, sem aparecer na casa dele, sem aparecer em lugar nenhum, *assim*, escondido, né. Então, várias situações e coisas, por exemplo (não sei se você lembra, foi na *ocupação do Centro Paula Souza* também), de uns meninos que roubaram computadores de dentro da *ocupação*. Você lembra disso?

CARUSA — O que eu soube não era de computador, era... ah! “aparelhos”.

MISS BROWNE — Sim, sim.

CARUSA — Então, esses “aparelhos” eram computadores.

MISS BROWNE — Sim, sim.

CARUSA — O que eu soube foi que enquanto o pessoal estava na faxina, conforme noticiaram depois que houve a *desocupação* forçada, nessa faixa de horário, saíram de lá com objetos, com aparelhos. É dessa mesma situação que você está me falando agora?

MISS BROWNE — É. O que aconteceu foi que... [Pausa.] Uma das coisas mais estranhas da *ocupação*, de tudo, *assim*, foi, *tipo*... [Respiração.] Pessoas que eu conhecia, que eu tinha *ocupado* o Fernão junto, pessoa que eu conhecia, que eram ‘amigos’, um dia antes de ter a reintegração de posse, de madrugada, eu fui acordada por uma pessoa que estava de guarda e essa pessoa me fala que as pessoas estão enchendo um carro com

coisas que eram várias coisas, equipamentos, aparelhos, do Centro Paula Souza, e estavam indo embora, roubando as coisas. E aí a gente chega lá, a gente vê isso e tenta evitar e começa a ter uma *treta* e aí, de algum jeito, essas pessoas conseguem de fato pegar essas coisas sem ninguém ver, sem a gente (que já estava atrás deles) ver, e foram embora. Minutos depois eles são parados pela polícia, na rua da Consolação, que *meio que* estava esperando por eles, e eles são presos, detidos. E eles, de fato, sofreram um processo. Isso foi no mesmo dia, na madrugada da *desocupação*. A gente nunca entendeu até hoje, *tipo*, por que a mídia não divulgou isso no momento. Eles só divulgaram isso, *tipo*, meses depois. E não vincularam diretamente à imagem da *ocupação*. *Tipo*, eles tinham tudo para acabar com a gente e eles não fizeram isso. A gente não sabe o porquê. E aí a gente sabe que tinha um prédio, que era um prédio na frente da *ocupação* [do Centro Paula Souza], que foi alugado por jornalistas ou polícia, não sabemos bem o que, que dava para o mesmo andar em que viram essas pessoas, esses *caras*, pegando essas coisas. E aí não sei se eles avisaram a polícia, enfim. Isso de fato aconteceu. Essas pessoas, de fato, tinham roubado. Elas não foram incriminadas, elas realmente... [*Respiração.*] Eu discuti com elas. A questão é que, horas antes, (eu morava na rua de uma dessas pessoas, na frente, a minha casa era na frente da casa de uma dessas pessoas, literalmente, eu já conhecia uma delas) no mesmo dia, antes deles fazerem esse roubo de materiais do Centro Paula Souza, eu estava em casa, eu estava saindo de casa para ir à *ocupação do Centro Paula Souza*, e eu vi três carros da ROTA na frente da casa dessa pessoa antes desse roubo acontecer. É exatamente a pessoa que algumas horas depois fez o roubo e foi detida. Uma coisa que nunca tinha acontecido na casa dessa pessoa. Ou seja, como é que essas coisas acontecem, *entende? Tipo...* A gente nunca entendeu. A gente acha super estranho, muita coincidência, mas isso aconteceu. As pessoas não foram incriminadas, elas roubaram. E eu vi. Elas fizeram isso. Se eu não tivesse visto, eu duvidaria. Mas isso aconteceu. Só que de alguma forma alguém sabia que isso ia acontecer antes disso acontecer, *entende?* Então, essas coisas acontecem. Não é ilusão, não é delírio. Mas... [*Pausa.*] A gente não tem controle e a gente não é culpado pelas coisas que acontecem nesse sentido. [...] Nunca dá p'ra saber muito mesmo, porque p'ra a gente nunca é o bastante; por precaução de estarmos certos, né. [*Pausa.*] Mas, então. O que eu queria dizer mesmo é que eu acho que tem uma distância muito grande entre o que aconteceu, tudo o que aconteceu, tudo que a gente fez naquele momento e o que está colocado hoje. Eu realmente acho que (e digo isso por experiência própria, por coisas que eu observei e que aconteceram e que não acontecem mais) a gente não é mais uma ameaça, *sabe. Tipo...* a gente, nós *secundaristas*

e o que a gente fez é uma ameaça ainda em termos simbólicos, ainda é vista como uma coisa que não deve ser feita, é óbvio. Ninguém nunca vai dizer “vão lá, *ocupem escolas*”, né? Óbvio. Mas a gente já é uma força suficientemente desarticulada p’ra não ser mais temida como era há quatro anos atrás e, logo, *perseguida* e reprimida como. *Entende?* Então... [*Pausa.*] O MPL também, *tipo*, viveu muito isso. *Tipo*, o MPL eu consigo pensar como exemplo de um grupo que ficou muito exposto, *sabe*. Também viveram muitas retalhações e *perseguições* veladas por mais um tempo. E, depois de um tempo, isso parou de acontecer. Porque por mais que eles simbolicamente ainda significassem revolta e coisa desse tipo, em termos concretos eles já não eram mais um aglutinado. E as pessoas que eram responsáveis por todas essas coisas ruins, essas pessoas sabiam disso. Elas estão suficientemente ligadas para saber o que está acontecendo. E, apesar de a gente estar em um momento conturbado, como eu tô te falando, *assim*, eu acho que ainda existe e eu acho que ainda vai existir por algum tempo, por mais que sempre pareça que não, uma certa imunidade diplomática que a academia confere às pessoas que abordam esse tipo de tema. Por mais que não seja 100% e não seja completamente forte, *tipo*, eu acho que ela é, por enquanto, por algum tempo no futuro, suficiente, *assim*, forte o suficiente para impedir coisas muito ruins de acontecerem, *entende?* Eu acho que a gente ainda está nesse momento. Digo isso não só porque você é uma pessoa que viveu algumas coisas, mas várias outras pessoas que pesquisam coisas que não são a mesma, mas que são equivalentes de certa forma. Risco, exposição, mas eu acho que é isso. Entendendo a importância, a relevância e os cuidados que têm que se tomar quando a gente faz tudo isso, mas eu acho que dá para levar numa boa, *assim*. *Sabe*, é minha opinião, inclusive, estando dentro da academia e sabendo como que as pessoas lidam com isso e o que tem de... *Assim*, você teve uma bolsa, já não tem mais. *Sabe*, talvez se fosse hoje para conseguir uma bolsa fosse algo que levariam em conta para não dar, *sabe*. *Tipo*... o que não vai acontecer com você. Inclusive, na verdade, acho que seria um trabalho muito bem-vindo. Pelo menos por parte de uma parte da academia. *Entende?* Então, acho que não tem uma questão de repressão muito forte como tinha e que talvez outros grupos, outras pessoas tenham hoje. O que não é mais o nosso caso. [...]

CARUSA — [...] O *tocar a luta*, como você diz também na entrevista de 10 de junho 2016, exige, na hora da escrita, uma linguagem, métodos de apresentação que, “só” isso, constitui já o que eu quero fazer no doutorado. Pensar como esse modo de organização de luta, nos termos de uma expressão de vocês, constitui, propriamente, linguagem em

um sentido x da palavra. No processo de luta que pude acompanhar com vocês, existe produção de autonomia na elaboração (por oposição à “tutela”), na formulação dos termos desse mesmo *debate*. Enfim, parei. Estou tomando muito seu tempo.

MISS BROWNE — Não, que isso, pô.

CARUSA — Então, é isso. Já tomei muito do seu tempo.

MISS BROWNE — Não, que isso, pô. Faz parte. [*Pausa.*] Mas eu acho que é isso. Eu acho que, *assim*, tem um lado de pesquisa que você tem que ser pragmático. Assim como você tem que ser pragmático em fazer recorte, delimitar temas, delimitar bibliografia, que é uma coisa muito difícil e uma hora você tem que parar de ler e só escrever e não parar de escrever e parar de ficar adicionando coisas, assim também você tem que ter um pragmatismo para escolher o que você vai fazer. Então, se você acha que [*Pausa.*] (Claro, tem várias coisas que pesam mais do que só estar fazendo um doutorado sobre um tema que pode ser difícil de tratar e que tem muitas questões, mas é isso.) Para além de ser uma questão em si já difícil, para além de seu doutorado ser de um tema já difícil, tem essas outras questões. Tem a pandemia [de COVID-19], que não está nada fácil, tem corte de bolsa, tem muita coisa. Então, se você achar você pode continuar tratando de um tema que você acha que é importante e que eu também acho que você tem muito material, tem muita reflexão e que você vai conseguir trabalhar ele e até fazer isso com mais tranquilidade depois... escrevendo um livro, escrevendo artigos, enfim, fazendo uma série de coisas que você pode fazer depois e se você acha que isso te ajudará, inclusive, a refletir sobre isso, *sabe. Tipo*, se te deixa mais tranquila, com mais espaço, com mais tempo, com mais autonomia, com mais poder de barganhar porque você já vai ser doutora, eu acho que você tem que... isso tem que... você tem que tomar uma decisão sem crise. Se você acha que, *tipo*, abandonar isso nesse momento vai te deixar muito mal e que você quer tratar disso e que você *banca a pressão* e que você acha que faz mais sentido agora, *tipo*, vai sem crise e encarando o que surgir. Porque, *assim*, por mais que parece muito que é “nossa, agora eu preciso decidir e se eu decidir uma coisa errada, *fodeu*”. Só que não *fodeu. Tipo*, apesar de estar esse caos, a gente vai continuar pesquisando e escrevendo e publicando e *sabe*, então, acho que... Por mais que seja uma decisão difícil, tem que ser tomada com um pouco mais de tranquilidade, porque a gente às vezes dá muito peso para essas decisões sendo que elas não interferem tanto. Na verdade, a decisão é só uma coisinha que acontece dentro de várias outras coisas que pesam muito mais, que são as escolhas de longo prazo, *sabe. Tipo*, isso é uma decisão que você vai tomar dentro de toda

uma história que já foi decidida e que vai continuar sendo decidida, *sabe*. Então, não é nem abandonar o tema e nem falar dele com medo ou com receio, *sabe*. Acho que é o que você sente que faz mais sentido agora. Porque a gente está em um momento especialmente difícil de fato e a gente não sabe o que vai acontecer. Então, é um pouco isso, *assim*. Se você acha que faz sentido agora ou que vai fazer mais sentido depois. Enfim. Não tem muito problema, porque você já tem muito material, muita reflexão sobre isso e o que eu imagino que falta mais é sistematizar e dar uma aparada, *assim*, claro, tem muita reflexão porque você já trilhou um longo caminho até aqui. Você não está começando a fazer uma pesquisa agora, *sabe*. Então, *tipo*, eu acho que não tem que dar muita importância para essa escolha de agora, porque vão ter outras escolhas, *sabe*, que assim como essa podem gerar outras coisas *assim, sabe*. [...] Manda para mim sim seus textos, quero muito ler.

CARUSA — Envio sim, fico muito feliz por você ler. [...] Então, Miss B., muito bom te ver, falar com você, mesmo que seja *on-line*, quero agradecer muito por toda disponibilidade e toda atenção.

MISS BROWNE — Que isso. Me avisa o que você decidir. Quando você decidir e estiver mais tranquila, e manda os textos sim. E é isso, vamos seguindo. Está difícil, ainda mais agora, ainda mais no meio da pandemia, está muito complicado por várias questões também, né. Mas a gente vai continuar aqui, então, não tem escapatória. Vamos continuar por aí.

CARUSA — Então, um abraço.

MISS BROWNE — P'ra você também.

CARUSA — Tudo de bom por aí, boa continuidade nos estudos.

MISS BROWNE — Muito obrigada.

CARUSA — Vamos nos falando.

MISS BROWNE — Sim. Boa sorte aí para você nessas decisões todas, nas escritas.

CARUSA — Obrigada. Um abraço.

MISS BROWNE — Beijo.

CARUSA — Beijo. Tchau.

MISS BROWNE — Tchau.

4.11 Antropologia em tempo de emergência⁶⁵ – Brasília, 9 de dezembro de 2020

[Início este micro-relato de encerramento com uma lembrança em forma de epígrafe. Trata-se de uma passagem de Franz Boas: “ainda pior é a sujeição da ciência ao preconceito ignorante existente em países dirigidos por ditadores. Tal controle estendeu-se particularmente a livros que tratam do tema da raça e da cultura. [...] A supressão da liberdade intelectual proclama a morte da ciência.” (BOAS, 2011, p. 7-8). Passo a seguir ao micro-relato.]

Em prefácio à edição de 1938 de *A mente do ser humano primitivo*, originalmente publicado em 1911, Franz Boas colocou em tintas fortes o que à época referiu como *controle* às atividades acadêmicas, particularmente, sobre o “tema da raça e da cultura”. Vivendo nos Estados Unidos da América, Franz Boas escreveu a passagem em epígrafe no mês de janeiro de 1938, nas dependências da Universidade de Colúmbia. O prefácio é encerrado com uma afirmativa: “a supressão da liberdade intelectual proclama a morte da ciência.”

A passagem parece compatível com a reflexão no presente estudo, particularmente, pela demarcação clara de consequências factíveis vinculadas às pesquisas cuja etnografia demanda, antes de qualquer outra coisa, uma contínua recusa à “sujeição da ciência ao preconceito ignorante existente em países dirigidos por ditadores.” Isso porque, estar em trabalho de campo, demandou deixar de recusar o fato de que o *controle* está sim em vigor neste país, particularmente, sobre o tema dos direitos fundamentais e da democracia.

Registro apenas que o referido *controle* perscruta esta pesquisa desde seu início e foi agravado a partir da *ocupa CPS*, ocorrida entre 28 de abril e 6 de maio de 2016. Dói nos olhos “a supressão da liberdade intelectual” lida na passagem de Boas tanto quanto é “com os olhos esgazeados (...) como um amante sem esperança” (HOFFMANN, [1814] 1993, p. 25) que se segue adiante nesta frase. Uma frase cuja afirmação convoca a deixar

⁶⁵ Este subcapítulo é uma versão modificada da parte inicial de uma comunicação apresentada à 31ª Reunião Brasileira de Antropologia – Direitos humanos e antropologia em ação – realizada na cidade de Brasília entre os dias 9 e 12 de dezembro de 2018. A comunicação foi acolhida pelo grupo de trabalho “Antropologia das práticas juvenis”.

de recusar que está em jogo nessa ‘supressão’ o ato tentativo de “proclamar a morte da ciência” – e não somente.

Agradeço ao leitor que acompanhou este texto até aqui, por dispensar seu tempo com cada linha. Reitero algo mencionado na Introdução: é preciso paciência para com a escrita conceitual no estudo com ‘novíssimos’ *movimentos* a partir de materiais etnográficos e condições de possibilidade para a pesquisa tais como aqueles referentes a este trabalho. Estimo que este texto e sua forma de apresentação sejam suficientes para, provisoriamente, dispor de valor etnográfico para a antropologia, suscitando questões junto com *secundas* para contribuir com as frentes e fronteiras do debate acerca das *ocupações secundaristas* em 2015 e em 2016.

NOTAS FINAIS – CULTURAS JUVENIS EM MODOS DE ORGANIZAÇÃO DIFUSOS

Os homens percorrem caminhos diferentes; quem se der a segui-los e a compará-los, verá surgir estranhas figuras; figuras, dir-se-á, que fazem parte daquela escrita difícil e caprichosa que em todo o lado se encontra: nas asas, na casca dos ovos, nas nuvens, na neve, nos cristais, na forma das rochas, na água gelada, dentro e fora das montanhas, das plantas, dos animais, dos homens, nos resplendores do céu, nas placas de vidro e de resina quando são esfregadas e as apalpamos; nas limalhas que aderem ao íman e nas estranhas conjecturas da sorte... pressente-se a chave e a gramática dessa escrita singular; mas este pressentimento não quer concretizar-se num aspecto nem sujeitar-se a uma forma definida; e nem parece que aceite converter-se na chave suprema. (NOVALIS [1797] 1989, p. 31)

Se a cultura *secunda*, uma dentre as diferentes culturas juvenis (REGUILLO, 2013a; 2013b; [1999] 2003a; 2003b; MONOD, [1968] 2002), está, por sua vez, localizada no interior de uma cultura mais ampla (FEIXA, 1998), ela é, por conseguinte, pensada aqui segundo o modo como *secundas* se entendem *secundas* (WINKIN, [1984/1996] 1998) desde sua localização no interior do espaço social, o qual é integrado, inclusive, pela cultura *secunda*. Ou seja, por esse caminho, a cultura *secunda*, sugiro, apreende as variações derivadas da localização em x ou y bairro na cidade de São Paulo, as variações devidas da localização em x ou y região, posto que, é uma cultura no interior de uma cultura mais ampla que a atravessa e interligada à qual é desenvolvida a sua dinâmica (PAIS, 2001c, 2006a; 2006b). Por esse caminho, inclusive, cultura *secunda*, aproximadamente, apreende as variações derivadas das maneiras de fazer de cada *secunda*, posto que, sugiro, é o amálgama entre “tudo aquilo que é preciso saber” e as maneiras de fazer de cada sujeito o que cria condições de possibilidade para que “saber ser membro” porte a individualidade de cada *secunda* (PAIS e BLASS, 2004; PAIS, 2001b). É, pois, provavelmente, essa relação de amálgama o que, talvez, cria condições de possibilidade tanto à coerência quanto à duração de uma formação social como a configurada pela cultura *secunda* (PERALVA, 1997; OLIVA-AUGUSTO, 2005), a qual, basicamente, diz respeito, a um encontro de correspondências entre a sensibilidade pessoal do sujeito e as escolhas culturais que a ela venham a se adequar mais, criando possibilidades para que se formem “redes relacionais de proximidade que recriam novas cenas urbanas e de filiação social” (PAIS, 2004, p. 17-18). Nesse quadro, é, portanto, essa relação de amálgama o que, sugiro, cria condições de possibilidade para que as práticas

referentes à cultura *secunda* sejam constitutivas do contexto da vida do sujeito enquanto uma dimensão mais libertadora do que menos (PAIS, 2001). Muitas vezes, essa dimensão é *organizada* na forma de *linhas* em ziguezague.

Liminaridades difusas

Uma descrição em ziguezague de temporalidades, concebido aqui como propriedade sensível do *processo das ocupações*, pude entrever, por exemplo, na companhia de Carmosina. Apeldei o ziguezague contido no micro-relato de Carmosina por “Canal do Paraná”. Note-se, em um plano formal da estrutura deste texto, que o ziguezague adquire algo mais do que as propriedades sensíveis da metáfora, quando transaciona com temas da matéria brasileira. Na formulação de Roberto Schwarz, “esses temas, que até agora apareceram em forma de conversa solta, falsamente desprovida de intenção, passam por adensamento vertiginoso, cujo ziguezague prefigura o ritmo e o alcance do que vem adiante.” (SCHWARZ, [1994] 1997, p. 37) Explico-me.

Estava voltando de uma entrevista em profundidade realizada com Ana Rosa e Carmosina na Biblioteca Monteiro Lobato: rua General Jardim, 485, bairro da Vila Buarque, região central da cidade de São Paulo. Caminhávamos a passos rápidos como se estivéssemos fugindo da garoa, embora fosse início da primeira hora da noite, tratava-se apenas do hábito de nosso andar a pé no dia a dia da cidade. Carmosina caminhava silente enquanto eu e Ana Rosa continuávamos a conversar assuntos vinculados à entrevista. Era como se o fim da gravação da entrevista estivesse continuando nesses pares de passos apalavrados assim como se escuta a música no final de um filme.

Seguíamos pela calçada na rua Doutor Cesário Mota Júnior, bairro da Consolação, região central da cidade de São Paulo, fazendo o percurso entre a indicada biblioteca e a lanchonete que Carmosina, Ana Rosa, Lou, Luz, Martin Egídio, Senhorita F., José Lins do Rego, Afonso, e mais uma parte dos interlocutores costumavam frequentar, a Sucesso's: rua Maria Borba, 77, bairro da Vila Buarque, região central da cidade de São Paulo. Ainda caminhando pela calçada, driblando as árvores daquela rua, antes de chegar à Sucesso's, de supetão, Carmosina rompeu sua respiração ligeira e, virando-se para mim, disse:

Anote aí, o que aconteceu no Paraná [em 29 de abril de 2015, conhecido como Massacre do Centro Cívico] impulsionou a revolta p'ra *luta* aqui. A galera via aquela violência pela TV, aquela violência extrema, e ficava *de cara*. Isso impulsionou os *estudantes* p'ra fazer *luta* aqui, p'ra ir contra essa violência. (Diário de Campo I, 16 de julho de 2018)

Parecia-me haver algo a mais no “Canal do Paraná”, como se esse micro-relato fosse símbolo de algo no *processo das ocupações secundaristas* no Brasil em 2015 e 2016. Perguntei-me do que um zigzague de temporalidades, volúvel, escutado como uma música ao longe, poderia ser um símbolo.⁶⁶ Talvez, um símbolo do mover entre temporalidades a partir de linhas dobradiças, avessas. Quem sabe, o nome da indicada unidade da federação contido nesse zigzague, “Paraná”, seja lembrado por Carmosina como significante de acontecimentos e experiências anteriores ao eclodir das *ocupações* na unidade da federação vizinha, São Paulo. Em suma, como lidar com a afirmativa de conectividade entre “o que aconteceu no Paraná” – o Massacre do Centro Cívico – dia 29 de abril de 2015, na praça do Centro Cívico da cidade de Curitiba, reunindo *estudantes e trabalhadores* da educação de várias regiões do estado⁶⁷ e, por outra parte, o eclodir das mobilizações secundaristas em setembro de 2015 no interior de São Paulo, nos bairros da capital, de modo difuso e esparso na forma de *atos de rua*? Mobilizações estas que foram interconectadas e juntas inovaram na *tática*, passando do *ato de rua* às *ocupações* de escolas públicas, em 9 novembro de 2015, cerca de dezenove horas, na cidade de Diadema, região metropolitana, e na capital no dia 10 de novembro, cerca de cinco horas da manhã, ampliando-se rapidamente, sobretudo, a partir do boicote ao SARESP, em 24 e 25 de novembro, então, produzindo presença com intensidade massiva na capital e no conjunto do estado de São Paulo. Mobilizações estas, que inovaram na *tática* uma vez mais, em dezembro de 2015, passando das *ocupações* para a sua coexistência com os *trancaços*, travamentos de ruas e avenidas entre 30 de novembro e 4 de dezembro. Mobilizações estas, que continuaram em 2016, novamente, com *atos de rua* e com *ocupação* de escolas técnicas, centros administrativos, Fábricas de Cultura e com *trancaços*. Mobilizações estas, que seguiram 2017 adentro, novamente, com *atos de rua*,

⁶⁶ Nesta frase estou parafraseando James Joyce: “Havia graça e mistério em sua postura, como se fosse símbolo de algo. Ele perguntou-se do que uma mulher parada nas escadas, na penumbra, ouvindo uma música ao longe, poderia ser um símbolo.” (JOICE, 2014, p. 62)

⁶⁷ Ver. PEREIRA, Luis Fernando Lopes e ALLAN, Nasser Ahmad (orgs.) **29 de abril: repressão e resistência**. Bauru: Canal 6, 2016 (Projeto Editorial Praxis); FERRAZ, Marcos e KÜNZLE, Rosa Chaves (orgs.) **70 anos de luta e resistência em defesa da Educação Pública**. Bauru: Canal 6, 2017.

contudo, desde então, seguindo sem a mesma força de seu eclodir (BORGES, 2017; 2018).

Na afirmativa de conectividade entre “o que aconteceu no Paraná” e o eclodir do *processo das ocupações* em São Paulo, inicialmente, faz-se notar o fato de que ambos os *processos de luta* tiveram por *pautas* barrar cortes e reivindicar investimento na *educação*. Por essa trilha, na penumbra, reitero a pergunta de como lidar com a afirmativa de conectividade indicada por Carmosina no micro-relato acima. Sugiro, provisoriamente, buscar os sentidos dessa conectividade concebendo-a como um “episódio-ideia que, ao lado de alegorias e teorias de bolso, compõem o ambiente reflexivo” (SCHWARZ, [1994] 1997, p. 37) no *processo das ocupações* em relação ao *movimento* do seu eclodir.

Por este caminho, vamos a contrapelo da perspectiva de isolar os antecedentes da eletricidade do *movimento* de eclosão das *ocupações* na virulência da notícia imediatamente anterior, que atingiu *estudantes* paulistas em geral – note-se que também o foi pela tela da TV, entre outras telas – acerca da assim chamada “Reorganização escolar”. Isso porque, a medida estadual foi divulgada oficialmente dia 23 de setembro de 2015, através da televisão, em um programa matutino da Rede Globo, “Bom dia São Paulo”, pelo então Secretário da Educação, Herman Voorwald, que perderia o cargo durante as *ocupações*, dir-se-á, em função do *processo das ocupações*. Por sua vez, a “Reorganização” deu-se a ver na manhã de 23 de setembro sob a forma do anúncio de um decreto estadual, todavia, publicado no Diário Oficial posteriormente, o Decreto nº 61.672, de 30 novembro de 2015. Explico-me.

Considerando que o decreto da “Reorganização” suprimiu em série os direitos atinentes à consulta e à participação conferidos na forma da lei aos *estudantes*, pais e demais atingidos pela medida dentre a *comunidade escolar*; considerando que a referida medida veio a público na forma de Decreto, alijando qualquer comunicação prévia aos *estudantes* e *comunidade escolar*, pelo ímpeto da forma-Decreto; então, a “Reorganização”, por seu lado, nesse primeiro momento da notícia televisionada, funcionou como fator-gerador de insatisfação profunda e propulsora de *luta* entre *estudantes* paulistas do Ensino Médio e do Ensino Fundamental, conforme sabemos amplamente; sobretudo, se lembrarmos que seu anúncio foi acompanhado por amplo conjunto de artigos na imprensa e sítios eletrônicos de diferentes tipos.

Por esta trilha, trata-se de propor interpretar os pequenos indícios micro-relatados por Carmosina como uma espécie de lançar luz sobre o ziguezague de temporalidades e de temas específico ao “Canal do Paraná”, precisamente, na medida em que concebido como uma metáfora mais geral referente à profusão de canais comunicantes entre as *lutas* no processo de passagem das *ocupações secundaristas* pelo Brasil entre 2015 e 2016. Isso porque, os pequenos indícios que o micro-relato de Carmosina guarda em si são interpretados aqui como fonte de uma forma de liga, fonte de um modo de conectividade, que verte uma ordem de solidariedade intranquila por parte de *estudantes* paulistas em relação ao *processo de luta de estudantes e trabalhadores da educação* vivido em abril de 2015 no Paraná. Aparentemente, esse gesto de consciência verte em solidariedade intranquila o estado embasbacado da *galera* que “ficava *de cara*”, vendo pelas telas (de TV, entre outras) “aquela violência extrema”. Talvez, esse gesto de consciência articule em si a recorrência e o acontecimento de “impulsionar a *luta*”; o que no Paraná como em São Paulo, elementarmente, estiveram diante da supressão em série de direitos em relação aos quais *estudantes e trabalhadores da educação* se colocaram *em luta*. Talvez, uma homologia entre ambas as situações de supressão de direitos em série atinentes a *estudantes* tenha articulado entre si a recorrência e o acontecimento de “impulsionar *luta*,” mais precisamente, na medida em que ambas as situações lidaram com a produção de presença (GUMBRECHT, 2010) de ostensiva repressão pela força bruta do Estado como lugar dessa homologia. Talvez, os pequenos indícios do micro-relato de Carmosina façam referência a uma mesma lógica de canais comunicantes, de solidariedade intranquila, de vibratibilidade ativada, de gestos de consciência que, em diferentes localidades do Brasil, expressaram variadas modalidades de precarização da produção de conhecimento (na escola e não apenas) vivida internacionalmente. Quem sabe, o ziguezague de temporalidades à maneira do “Canal do Paraná” seja algo que aconteceu como recorrência ao longo do Brasil onde quer que tenha passado o *processo das ocupações secundaristas* em 2015 e em 2016.

Seria bom tempo pensarmos na companhia de Andronico quando refere sobre o que o moveu para a *luta*: “eu queria que os *secundaristas* voltassem a ser considerados um *setor de luta*, pois muita gente fica pensando que só na ditadura tinha *luta secundarista*.” (Andronico, 14 maio 2016, entrevista em profundidade). Andronico nos fala do desejo de *secundas* paulistas de que *secundaristas* sejam considerados um *setor* que *toca a luta*; tanto em defesa de *pautas específicas*, a exemplo da revogação do

Decreto nº 61.672, de 30 novembro 2015, quanto de *pautas gerais*, como a defesa de uma outra sociedade possível. Seria bom tempo levarmos a sério o significado da necessidade de *tocar a luta* descrita por Miss Browne. Em suma, seria bom tempo inclinarmos a atenção à reflexão de Lou quando aponta um dos percursos de práticas políticas recorrentes *na luta autônoma organizada*: a pessoa começava com a participação em *atos de rua* e, a partir do interagir nesse ambiente, muitas vezes, passava a frequentar *assembleias* de modo que, então, desabrochava uma desenvoltura para estar em *reunião* fazendo o *debate*.

A terceira margem da rua⁶⁸

Por fim, cumpro referir três pontos. O primeiro deles diz respeito ao fato de que os sentidos da experiência do *processo das ocupações secundaristas* na história recente da *política* no Brasil muitas vezes são obliterados no debate acerca da arena política contemporânea. Na direção oposta, almejei emprestar alguma medida de inteligibilidade antropológica acerca da colocação em circulação da figura (AUERBACH, 1997) *secundarista* por entre as disputas na arena política mais geral, sobretudo, em 2015 e em 2016, mas não somente. Por essa trilha, concentraríamos o olhar para o transbordar do perímetro das *pautas específicas*, sem perdê-las de vista ou tampouco deslocar seu lugar. Então, repousaríamos a atenção sobre a pele de paisagens abertas no horizonte da *luta política* mais propriamente. Saltaria nestas paisagens o segundo dos pontos indicados acima, qual seja: a dimensão histórica das *pautas secundas*, para as quais os *secundas* paulistas conferiram um fôlego novo. A propósito deste aspecto, faz-se necessário afastar tais paisagens do lugar em que a figura *secundarista* é alocada no debate hegemônico, por falta de termo melhor, acerca da história recente da arena *política* no Brasil. Via de regra, essa alocação está situada distante do horizonte da *luta política*, na medida em que o *movimento* da figura *secundarista*, via de regra, é reduzido à condição de “ator secundário” em relação aos quadros cotidianos do processo de resistência e (r)existência face à recompressão política vivida à época da *ocupa CPS*, entre abril e maio de 2016 – e não somente. Nessa medida, em consequência, demarco o terceiro dos pontos, qual seja:

⁶⁸ Este subtítulo é uma paráfrase do nome do conto “A terceira margem do rio”, de João Guimarães Rosa ([1962] 2001).

objetivo deste texto de deixar de afastar a atenção da observação de um ponto de inflexão nos padrões de repressão e pretensão de legitimidade por parte de agentes do Estado, vividos desde esta *ocupa*. Inflexão esta, que rapidamente atingiu as *ocupações secundaristas* em geral no Brasil. Inflexão esta, que continua vigente em nossos dias de modo intensificado, desdobrando-se. Talvez, poderíamos nos perguntar mais detidamente se a sequência de quadros cotidianos referente ao *processo das ocupações secundaristas*, apresentada neste trabalho, diz-nos algo a respeito de tensões profundas da matéria brasileira que estamos conhecendo na companhia de *secundas de luta*. Portanto, se afastadas da condição de “atuação secundária”, diz-nos algo a sequência de quadros cotidianos aqui apresentada acerca do *processo de luta secunda* em relação à recompressão política de 2016 para cá?

Por este caminho, considero a possibilidade de interpretar o *processo das ocupações* como sequências de quadros cotidianos nas quais “o tempo comparece para melhor se anular.” (SCHWARZ, [1959] 1965, p. 39) Assim, a formação de ziguezagues de temporalidades “tem por função manter distintas as diversas situações, para melhor ressaltar a constância da vivência fundamental; visa assegurar a independência de acontecimentos que, a rigor, não passam de recorrência.” (*idem*). Uma forma de fazer experiência retroalimentada pela viravolta crítica respectiva ao teor multiplicativo de cada contato entre canais comunicantes, que se foram tecendo no curso da passagem do *processo das ocupações* por diferentes localidades, mediante ziguezagues constituídos por linhas dobradiças, linhas avessas, linhas volúveis, por exemplo, em relação ao cálculo da previsibilidade do *movimento*. Linhas estas, cuja potencialidade vertical é inclinável ao rés da horizontalidade.

Nesse fluxo de dinâmicas dobradiças, as sequências de quadros cotidianos no *processo das ocupações* sucederiam em forma de ziguezague de temporalidades, uma vez que concebido como uma metáfora de propriedades sensíveis no *processo das ocupações*. Ao mesmo tempo, proponho interpretar essa espécie de ziguezague posicionado, precisamente, em interpelação ao cômputo do controle que, por sua vez, situo, provisoriamente, como propriedade sensível nos processos de *lutas populares* mais institucionalizados no Brasil contemporâneo – e não somente. Neste ponto, anoto a intenção de que este estudo continue em momentos posteriores, sendo este trabalho um começo para o seu desempacotar. Por enquanto, ainda que tão somente para sinalizar, sugiro que as interrogações aqui colocadas parecem fecundas para pensar as fronteiras de

densidade nas quais atritam a crítica das *lutas populares* (seja no terreno à *direita* ou à *esquerda*). Trata-se de lidar com a tarefa de interpretação como se maneja artefatos delicados de “um presente que cede ante a ponta aguda da análise” (CANDIDO, [1945] 1979, p. XII)⁶⁹. Evoco assim, na companhia de Antonio Candido, uma parcela de “atitude belmiriana” que norteou este texto. Em “Estratégia”, ensaio reproduzido como prefácio ao romance de Cyro dos Anjos, *O amanuense Belmiro* ([1937] 1979), Antonio Candido traspasa numa casa do colete o seguinte fio de sua análise:

É este, com efeito, o problema central da obra. A atitude belmiriana resulta de uma aplicação do conhecimento aos atos da vida – entendendo-se neste caso por conhecimento a atitude mental que subordina a aceitação direta da vida a um processo prévio de reflexão. E assim, Cyro dos Anjos nos leva a pensar no destino do intelectual na sociedade, que até aqui tem movido uma conspiração geral para belmirizá-lo, para confiná-lo nas esferas em que o seu pensamento, absorto nas donzelas Arabelas, nas Vilas Caraíbas do passado, na autocontemplação, não apresenta virulência alguma que possa pôr diretamente em xeque a ela, sociedade organizada. (CANDIDO, [1945] 1979, p. XII)

Roberto Schwarz aprofunda, em um sentido, essa colocação acerca de uma “atitude belmiriana”. Na reflexão “Sobre *O amanuense Belmiro*”, de 1964, sugere na passagem de encerramento que:

A sua presença [de Belmiro] no livro, obsessiva, deve a força ao que não produziu. Porque nasce da experiência do que não vem a ser, é como um borrão negativo que se espalha até anular a folha: ‘Esqueceu-me dizer-lhe que a vida parou e nada há mais para escrever.’ A imobilidade, forma negativa da conciliação, é sua figura final. (SCHWARZ, [1978] 2008, p. 21)

Finalmente, considero que grande parte da etnografia apresentada neste trabalho permanece aberta a um futuro exercício de interpretação que seja criador de arcos de tempo que venham a adquirir largura maior do que aquelas dos micro-relatos compostos neste trabalho sob a forma da crônica de acontecimentos e experiências com Secundaristas em Luta de São entre setembro de 2015 e junho 2020. Não obstante, pretendo continuar esta pesquisa, então, com o tempo dedicado exclusivamente a revisar

⁶⁹ Candido, Antonio. Prefácio In: Anjos, Cyro Versiani dos. *O amanuense Belmiro*: romance. Cyro dos Anjos. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, [1937] 1979 (p. XII). Conforme nota da edição, o prefácio foi reproduzido de CANDIDO, Antonio. *Estratégia* In: **Brigadas Ligeiras**. Livraria Martins Editora: São Paulo, 1945.

conjuntos bibliográficos específicos para elaborar problematizações mais aprofundadas em pontos mais circunscritos desta matéria etnográfica. Um destes pontos diz respeito à matéria musical brasileira componente destes percursos etnográficos com Secundaristas em Luta de São Paulo (SP). Estimo, porém, que a etnografia assim apresentada sugere entrever possibilidades para pensarmos juntamente com uma forma de saber própria a contextos *secundas*, inclusive, acerca de um *mecanismo representativo*, nos termos de Dias, como denominou o Comando das Escolas Ocupadas (novembro 2015 – janeiro 2016). Um *mecanismo representativo* que, entre outros nesse contexto, constrói novas engenharias por e para práticas políticas, interpelando-as e propondo novo fôlego para a dimensão histórica das *pautas secundas*.

Conforme Dias também observa, a música “Escola de luta” se tornou uma espécie de “hino” das ocupações em São Paulo e foram feitas versões em outros estados do país, a exemplo de Goiás, relatada neste estudo. Anoto finalmente que, em São Paulo, a música adquiriu duas versões, uma de 2015 e outra de 2020. A primeira é cantada por MC Foice e Martelo, a segunda apenas por MC Foice. Trouxe para este texto algumas das músicas de MC Foice e Martelo no registro de epígrafe de cada capítulo, a primeira delas sendo “Escola de luta”. Encerro, então, com MC Foice e a segunda versão da música “Escola de luta” em São Paulo. Trata-se da versão contida no encerramento do documentário *A escola é nossa* (BALADES, 2020), um curta-metragem feito por *secundas*, lançado em novembro de 2020.

[MC Foice]

Cê é loko, hein, cachorreira. Cinco anos já, hein, mano. O baguio foi loko. Cinquenta e cinco dias dentro da ocupação do Fernão, mais de duzentas escolas ocupadas. Bem que a gente avisou o Geraldinho que p’ra cada escola que ele queria fechar nós ia ocupar 2, né, mano. Os cara’ não levou a sério, é isso, deu no que deu, suspenderam a reorganização escolar. Os cara’ até demitiu o Herman, né, mano, o secretário de educação. Aí em 2016 a luta foi por merenda nas Etec, né, mano. Nós começou logo ocupando o Centro Paula Souza, cachorro. Nós conseguiu merenda em todas as Etec, pai. Mas, aí, chave foi que impulsionou todas as ocupações no Brasil inteiro, né, mano. Goiânia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Paraná, Minas Gerais, é isso, contra os corte’ no Brasil inteiro. Mas, aí, o baguio é loko, me’mo com todas essas vitórias aí os cara’ seguiram aplicando corte’, fechando sala’, sucateando a educação. Não adianta a gente se mobilizar uma vez p’ra caramba, fazer uma luta grande, que os cara’ vão seguir atacando nós, tem que tá sempre unido, sempre junto. É isso, a gente aprendeu que só a luta muda a vida. Os ataque’ não para’, por isso a luta também não pode parar, carrraleo.

“O Estado veio quente
Nóis já tá fervendo (2x)

Quer desafiar
Não tô entendendo
Mexeu com estudante
Vocês vão sair perdendo

(Vai lá)
O Fernão é Escola de Luta
E o Allende é Escola de Luta
EE Diadema é Escola de Luta
Fica preparado
Que se fecha
Nóis ocupa

(Vai, vai)
E o Saboia é Escola de Luta
E o Mazé é Escola de Luta
E o Carmosina é Escola de Luta
Fica preparado
Que se fecha
Nóis ocupa

(Tem mais)
Estado veio quente
Nóis já tá fervendo (2x)

Quer desafiar
Não tô entendendo
Mexeu com estudante
Vocês vão sair perdendo.”

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena W. Tematizações sobre a juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. N. 5-6. São Paulo, 1997. (pp. 25-36).
- _____. **Cenas Juvenis** – *punks e darks* no cenário urbano. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994.
- _____. Jovens da periferia no centro da cena política. **Revista Teoria e Debate**. Edição 197. São Paulo, 12 jun. 2020.
- AGAMBEN, Giorgio. **Lo abierto**. El hombre y el animal; Traducción de Flavia Costa y Edgardo Castro. 2. ed. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, [2002] 2007. (Colección Filosofía e historia)
- AGUILERA RUIZ, Oscar. Cultura política y política de las culturas juveniles. **Utopía y Praxis Latinoamericana** – Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social. Año 15, n. 50. Universidad del Zulia, Maracalbo-Venezuela, 2010.
- ALEGRIA, Paula; BULGARELLI, Lucas; PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Movimentos sociais contemporâneos: um balanço da produção de teses e dissertações em antropologia (2008-2018). **BIB**, São Paulo, n. 93, 2020 (publicada em maio de 2020), pp. 1-27.
- ALONSO, Angela. A política das ruas: protestos em São Paulo de Dilma a Temer. In: **Revista Novos Estudos**. CEBRAP. São Paulo, 2017.
- ARANTES, Paulo Eduardo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira**: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. **Um departamento francês de ultramar**: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência dos anos 1960) São Paulo: [s.n.], [1994] 2021. (e-PUB. – Coleção sentimento da dialética / coordenação Pedro Fiori Arantes)
- _____. **Ressentimento da dialética**: dialética e experiência intelectual em Hegel: antigos estudos sobre o ABC da miséria alemã. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. Bem-vindos ao deserto brasileiro do real. In: **Extinção**. São Paulo: Boitempo, 2007.

- _____. Depois de junho a paz será total. In: **O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ARCHER, Margaret. **Structure, Agency and the Internal Conversation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: Da Idade Média aos nossos dias**. São Paulo: Ediouro, 2003.
- _____. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, 1981.
- AUERBACH, Erich. **Figura**. Tradução de Duda Machado. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- BATESON, Gregory. **Naven: A Survey of the Problems Suggested by a Composite Picture of the Culture of a New Guinea Tribe Drawn from Three Points of View**. Stanford: Stanford University Press, [1936] 1958.
- _____. **Naven: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008 (pp. 230-231)
- _____. Cybernetic Explanation. In: **Steps to an Ecology of Mind**. Chicago e Londres: University of Chicago Press, [1967] 2000a.
- _____. Style, Grace and Information in Primitive Art. In: **Steps to an Ecology of Mind**. London and Chicago: The University of Chicago Press, [1967] 2000b.
- _____. **Mind and Nature: A Necessary Unity**. United States of America: Hampton Press Inc.: The Institute for Intercultural Studies, [1979] 2002.
- _____. **Una Unidad Sagrada: Pasos Ulteriores hacia una Ecología de la Mente**. Barcelona: Gedisa, [1991] 2006.
- _____ e BATESON, Mary Catherine. **Angels fear: Towards an Epistemology of the Sacred**. New York: Macmillan, [1987] 2005.
- BERNARDES, Franciani e Barbosa, Celia. Movimentos sociais na era da internet: por todas as formas de ativismo. **Revista Mídia e Cotidiano**. Vol. 12, nº 1, abril de 2018.

BEVILAQUA, Ciméa. Etnografia do Estado: algumas questões metodológicas e éticas. **Campos – Revista de Antropologia** (UFPR), Curitiba, v. 3, p. 51-64, 2003.

_____. Entre o previsível e o contingente: etnografia do processo de decisão sobre uma política de ação afirmativa. **Revista de Antropologia** (USP), São Paulo, v. 48, n.1, p. 167-225, 2005.

BILIATTO, Carusa. Razões plásticas: das contribuições de Gregory Bateson para uma teoria da ação. **Política e Trabalho**. Revista de Ciências Sociais, n. 40, Abril de 2014. (pp. 151-170).

_____. Culturas juvenis em fazeres políticos: notas etnográficas a partir da ocupação e do pós-ocupação do Centro Paula Souza (São Paulo/SP). In: BEGA, Maria Tarcisa Silva. **Desenvolvimento e justiça social: perspectivas da sociologia no século XXI**. Jundiaí [SP]: Paco Editorial, 2019.

_____. *Secundas de luta*: movimento, linguagem e etnografia das juventudes. In: **XI Seminário Nacional de Sociologia e Política**. Universidade Federal do Paraná, out. 2020.

_____. Juventudes e institucionalidades: notas etnográficas sobre a concepção de organização entre os Secundaristas em Luta de São Paulo na ocupação e no pós-ocupação do Centro Paula Souza (São Paulo – SP). **31ª Reunião Brasileira de Antropologia**. Universidade de Brasília, dez. 2018.

BIONDI, Karina. **Etnografando no movimento**: território, hierarquia e lei no PCC. (Tese de doutorado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: UFSCar, 2014.

BOAS, Franz. Prefácio. In: **A mente do ser humano primitivo**. Tradução de José Carlos Pereira. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BORGES, Antonádia; COSTA, Ana Carolina; COUTO, Michelle Cirne; ABREU E LIMA, Natacha; VIANA, Talita; PATERNIANI, Stella. Pós-Antropologia: as críticas de Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa. In: **Revista Sociedade e Estado**. V.30, n.2, maio/ago. 2015. (pp.347-326)

BORGES, Cauê; VAZ, Rodrigo de Oliveira Feitosa; BARROS, Andrea Saraiva de; GIL, Ana Carolina Martins. Quando os afetos batem com os bicos nas janelas: uma

entrevista corajosa. **Revista Em Debate** (UFSC), Florianópolis, volume 16, publicado em 10 out. 2018. (pp. 95-115)

_____. Da crítica ao autonomismo à gestação do novo: o que aprendemos nas ocupações secundaristas? In: **Passa Palavra**: noticiar lutas, apoiá-las, pensar sobre elas. [Texto publicado originalmente em 10 jan. 2017] Disponível em: < <https://passapalavra.info/2017/01/110360> >. Acesso em: 26 jan. 2017.

BRUNO, Gabriel e ZANELLA, Andréa. Jovens, arte e os sentidos da cidade. **Revista Barbarói**. Nº 43, janeiro de 2015.

CAMPOS, Antonia J. M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio M. **Escolas de luta**. Prefácio de Pablo Ortellado. São Paulo: Veneta, 2016.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA (Ed.) **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. São Paulo: Editora da UNICAMP, [1984] 1992.

_____. No raiar de Clarice Lispector. In: **Outros escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, [1943] 1977.

_____. Uma tentativa de renovação. In: **Brigadas Ligeiras, e outros escritos**. São Paulo: Editora da Unesp, [1945] 1992.

_____. Prefácio. In: ANJOS, Ciro Versiani dos. **O amanuense Belmiro**: romance. Cyro dos Anjos. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, [1937] 1979.

_____. Estratégia. In: **Brigadas Ligeiras, e outros escritos**. São Paulo: Editora da Unesp, [1945] 1992.

_____. A verdade da repressão. **Discurso** – Revista do Departamento de Filosofia da FFLCH da USP, nº 10, maio de 1979.

_____. Dialética da malandragem. In: **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, [1970] 1993.

_____. De cortiço a cortiço. In: **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, [1991] 1993.

CARDOSO, Irene. A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança. In: **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, 2005. v.17, n. 2.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Vol. 1 Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, [1990] 1994.

_____. **A invenção do cotidiano**. Vol. 2 Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, [1994] 2008.

COELHO, Maria Cláudia e REZENDE, Cláudia Barcellos (orgs.). **Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Contracapa / FAPERJ, 2011.

COMERFORD, John Cunha. **Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

COSTA, Adriana Alves Fernandes e GROppo, Luís Antonio (orgs.). **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018c.

COSTA, Márcia Regina da. Culturas juvenis, globalização e localidades. In: _____ e SILVA, Murilho da. (orgs.) **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**. São Paulo: Educ, 2006a. (p. 11- 28).

COSTA, Márcia Regina da. SILVA, Murilho da. **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**. São Paulo: Educ, 2006b.

DAWSEY, J. Piscadelas das caveiras: a escatologia do Jardim das Flores In: **Tempo Social**, revista de Sociologia da USP, v. 19, n. 2, 2006a.

_____. Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: o lugar olhado (e ouvido) das coisas. In **Campos**, revista de Antropologia do Programa de Pós-Graduação da UFPR, v. 7, n. 2, 2006b.

_____. Teatro em carrocerias de caminhões. In: **Revista de História e Estudos Culturais**, v. 3, Ano III, n. 4, 2006c.

FEIXA, Carles. **El Reloj de Arena: Culturas Juveniles en México**. México: Causa Jovem/Centro de Investigación y Estudios sobre Juventud, 1998.

FERRAZ, Marcos e KÜNZLE, Rosa Chaves (orgs.) **70 anos de luta e resistência em defesa da Educação Pública**. Bauru: Canal 6, 2017.

GEERTZ, Clifford. Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Tradução Vera Ribeiro. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018.

_____. Estar aqui: de quem é a vida, afinal? **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Tradução Vera Ribeiro. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018.

GLADWELL, Malcolm. A revolução não será tuitada. **Observatório da imprensa**, 12 dez. 2010. (O texto desta edição foi publicado originalmente em abr. 2010 na revista *The New Yorker*.) Disponível em: < <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/a-revolucao-nao-sera-tuitada/> >. Acesso em: 23 ago. 2020.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

_____. **Autogestão, universidade e movimento estudantil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção Educação contemporânea)

_____. **1968: retratos da revolta estudantil no Brasil e no mundo**. Piracicaba, SP: Biscalchin Editor, 2008.

_____. O novo ciclo de ações coletivas juvenis no Brasil. In: GROPPPO, Luís Antonio e COSTA, Adriana Alves Fernandes. **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018a.

_____. Ocupação de uma universidade no sul de Minas Gerais. In: GROPPPO, Luís Antonio e COSTA, Adriana Alves Fernandes. **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018b.

_____ e SILVA, Rodrigo Manoel Dias da. Experiência e subjetivação política nas ocupações estudantis no Rio Grande do Sul. **Estudos Avançados** 34 (99), 2020.

_____; BORGES, Livia Furtado; TOMIZAKI, Kimi Aparecida; CORROCHANO, Maria Carla; BILIATTO, Carusa. “Um ato de liberdade”: movimento de estudantes secundaristas em São Paulo em 2015. (no prelo)

GUMBRECHT, Hans. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Contraponto; PUC-Rio, 2010.

- HAYASHI, Marcelo; FERREIRA, Amarílio; HAYASHI, Maria Cristina. Atuação e resistência dos estudantes secundaristas nas ocupações das escolas públicas paulistas. **Argumentos Pró-Educação**. Pouso Alegre, v.2, n.4, p. 68-88, jan./abr., 2017.
- HOFFMANN, Ernst Theodor Amadeus. O vaso de ouro. In: **Contos fantásticos**. Tradução de Claudia Cavalcanti, revisão integral e preparação de texto de André Telles. Rio de Janeiro: Imago Ed., [1814] 1993.
- JAMESON, Fredric. **A virada cultural**: reflexões sobre o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1998] 2006.
- JEOLÀS, Leila; KORDES, Hagen. **Risquer sa Vie pour une Course**. Parcours de Vie d'une Jeunesse Brésilienne accro Courses Illégales de Voiture et de Moto. Paris: L'Harmattan, 2013.
- JEOLÁS, Leila. **Risco e prazer**: os jovens e o imaginário da AIDS. Londrina: EDUEL, 2007.
- JOICE, James. **Os mortos**. Tradução Eduardo Marks de Marques. 1. ed. São Paulo: Grua, 2014.
- JUDENSNAIDER, Elena; POMAR, Marcelo; LIMA, Luciana; ORTELLADO, Plabo. **Vinte centavos**: a luta contra o aumento. São Paulo: Veneta, 2013.
- KLEIST, Heinrich von. **Sobre a fabricação de pensamentos durante a fala**; traduzido por Maria Cristina Franco Ferraz. São Paulo, n-1 edições., [1805-1806/1878] 2021.
- LA MENDOLA, Salvatore. O sentido do risco. In **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, v.17, n. 2. São Paulo, 2005.
- LIPSET, David. **Gregory Bateson**: The Legacy of a Scientist. Boston: Beacon Press, [1980], 1982.
- MACAGNO, Lorenzo. Uma antropologia do político? **Análise Social**. 210, XLIX (1º). Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2014.
- MAFEJE, Archie. Africanidade: uma ontologia combativa. Tradução de Paulo Ricardo Müller. **AbeÁfrica**: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos, v.3, n.3, out. 2019. (pp.315-326)

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, B. M. (orgs.). **Jovens na metrópole:** etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

_____. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole” In: _____; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.) **Na metrópole:** textos de antropologia urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 2008.

_____. Tribos urbanas: metáfora ou categoria. **Cadernos de Campo** - Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia. Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, ano 2, nº 2, 1992.

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: BRITTO, Sulamita (org.). **Sociologia da juventude I** – Da Europa de Marx à América de hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARCOCCIA, Patrícia Correia de Paula; SOUZA, Rodrigo Diego de; PEREIRA, Maria de Fátima Rodrigues. Processos de reintegração de posse das escolas ocupadas pelos estudantes no Paraná: a ideologia burguesa do aparelho judiciário e policial. **Revista Katalysis**, v. 22, p. 374-382, 2019.

MARTINS, Marcos Francisco *et al.* Entrevista. As ocupações das escolas estaduais da região de Sorocaba/SP: falam os estudantes secundaristas. **Crítica educativa**. Sorocaba/SP, v.2. n.1, p. 227-260, jan./jun., 2016.

MAUSS, Marcel. Ofício do etnógrafo, método sociológico In: OLIVEIRA, R. C. (org.) **Marcel Mauss:** Antropologia. São Paulo: Ática, [1902] 1979. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

_____. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do “eu”. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, [1938] 2003a.

_____. Ensaio sobre a dádiva. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, [1923-1924/1925] 2003b.

MEDEIROS, Jonas *et al.* (orgs.) **Ocupar e resistir:** movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil (2015-2016). São Paulo: Editora 34; FAPESP, 2019.

MONOD, Jean. **Los Barjots:** etnología de bandas juveniles. Barcelona: Ariel, 2002.

NOBRE, Marcos. Apresentação. In: MEDEIROS, Jonas, et al. (orgs.) **Ocupar e resistir: movimentos de ocupação de escola pelo Brasil (2015-2016)**. 1 ed. São Paulo: Editora 34; FAPESP, 2019.

NOVAES, Regina; ALVIM, Rosilene. Movimentos, redes e novos coletivos juvenis: um estudo sobre pertencimento, demandas e políticas públicas de juventude. In: LEITE LOPES, José Sérgio; HEREDIA, Beatriz Maria A. de. (orgs.) **Movimentos sociais e esfera pública**. O mundo da participação: burocracias, confrontos, aprendizados inesperados. Rio de Janeiro: Colégio Brasileiro de Altos Estudos (CBAE), 2014. (pp. 270-303)

NOVALIS. **A flor azul**. Tradução de Anneliese Mosch. [Sintra]: Colares Editora, [1802] 1997. (Coleção Livro Carta)

NOVALIS. **Os Discípulos em Saïs**. Tradução de Luís Bruhein. Lisboa: Hiena Editora, [1797] 1989.

OLIVA-AUGUSTO, Maria Helena. Retomada de um legado intelectual. Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. In: **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, v.17, n. 2, pp.11-33, 2005.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates** – jovens trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2001a.

_____. Labirintos de vida e trajetórias yô-yô In: **Ganchos, tachos e biscates** – jovens trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2001b.

_____. Dos relatos aos conteúdos de vida In: **Ganchos, tachos e biscates** – jovens trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2001c.

_____. Prefácio – Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In. ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006a.

_____. Banda de garagem e identidades juvenis. In: COSTA, Márcia Regina da e SILVA, E Elisabeth Murilho da. M. (Orgs.) **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**. São Paulo: Educ, 2006b.

PAIS, José Machado; BLASS, Leila. **Tribos Urbanas** – Produção artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. In: **Revista Brasileira de Educação**. n. 6. 1997.

PEREIRA, Luis Fernando Lopes e ALLAN, Nasser Ahmad (orgs.) **29 de abril: repressão e resistência**. Bauru: Canal 6, 2016. (Projeto Editorial Praxis)

REGUILLO, Rossana. **Culturas juveniles: formas políticas del desencanto**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013a.

_____. **Paisajes insurrectos**. Jóvenes, redes y revueltas en el otoño civilizatorio. Barcelona, Espanha: NED, 2017.

_____. **La construcción simbólica de la ciudad: sociedade, desastre y comunicación**. Guadalajara, Jalisco, México: ITESO (Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente); Universidad Iberoamericana, 1996.

_____. **Ciudadano N**. Crónicas de la diversidad. Tlaquepaque, Jalisco, México: ITESO, [1999] 2003a.

_____. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. In **Revista Brasileira de Educação**. n. 23, p. 103-118, 2003b.

_____. Conferencia Magistral. **Encuentro Nacional Jóvenes que Investigan Jóvenes**. México: Universidade Nacional Autônoma de México, 5 mar. 2013b. Duração: 117' 7", son., color. Esp. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Qt0mrlMqmCU> > Acesso em: 12 fev. 2021.

ROLNIK, Suely. **Micropolíticas em atrito**. Campinas: CPFL Cultura, 2009. Disponível em: < <https://www.cpfcultura.com.br/site/2009/10/16/integra-micropoliticas-em-atrito-suely-rolnik/> > Acesso em: 10 jan. 2010.

ROMANCINI, Richard; CASTILHO, Fernanda. “Como ocupar uma escola? Pesquisa na Internet!”: política participativa nas ocupações de escolas públicas no Brasil. **Intercom – RBCC**. São Paulo, v.40, n.2, p. 93-110, 2017.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1962] 2001.

SALLAS, Ana Luisa Fayet. E a luta continua! #OCUPATUDO: potência e dilemas da ação política. **Intersecções**. v. 19, n. 2. Rio de Janeiro, 2017.

SALLAS, Ana Luisa Fayet e PACHECO, Carolina Simões. E quando a experiência vira campo? Reflexões a partir da observação participante nas ocupações secundaristas.

Práxis Educativa. v. 14, n. 3. Ponta Grossa, 2019.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **A democracia impedida: o Brasil no século XXI**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017a.

_____. O epílogo da conciliação. In: **Revista Insight Inteligência**. Dossiê 20 anos sem trégua para o convencional. Ano XX, n.79, out./nov./dez., 2017. São Paulo: Grupo Insight, 2017b. (pp. 30-46)

SCHWARZ, Roberto. Perto do coração selvagem. In: **A sereia e o desconfiado: ensaios críticos**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

_____. Sobre *O amanuense Belmiro*. In: **O pai de família: e outros estudos**. São Paulo: Companhia das Letras [1978], 2008.

_____. As ideias fora do lugar. In: **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, [1977] 2000.

_____. Conversa sobre *Dois meninas*. In: **Sequência Brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, [1998] 1999.

_____. A poesia envenenada de *Dom Casmurro*. In: **Dois meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. Saudação *honoris causa*. In: **Sequências brasileiras: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. Pressupostos, salvo engano, de “Dialética da malandragem” In: **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, [1979] 1987.

_____. A carroça, o bonde e o poeta modernista. In: **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, [1983] 1987.

_____. Originalidade da crítica de Antonio Candido. In: **Novos Estudos**, CEBRAP, n° 32, março 1992. (pp. 31-46)

_____. Prefácio à 2ª edição. In: *A lata de lixo da história: chanchada política*. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2006.

_____. A Ruína In: SOUZA, Jessé. e ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB. 1998. (pp. 137-144)

_____. Para uma psicología filosófica. In: **Sobre la aventura**. Barcelona: Ediciones Península, 1988. (pp. 17-41)

SOUZA, Regina Magalhães de. **O discurso do protagonismo juvenil**. Tese de doutorado em Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2006.

SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Paulo Martoni. (orgs.) **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

TAVOLARI, Bianca *et al.* As ocupações de escolas públicas em São Paulo (2015-2016): entre a posse e o direito de manifestação. **Novos Estudos Cebrap**, v. 37 n. 2, 2018.

TAVOLARI, Bianca e BARBOSA, Samuel. Judiciário e reintegrações de posse de escolas ocupadas: jurisprudência comparativa. In: MEDEIROS, Jonas *et al.* (orgs.) **Ocupar e resistir**: movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil (2015-2016). São Paulo: Editora 34; FAPESP, 2019.

VANDENBERGHE, Frédéric. **Teoria social realista**: um diálogo franco-britânico. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2010.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Tradução Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, [2001] 2002.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo; organização e apresentação de Etienne Samain; [tradução Roberto Leal Ferreira]. Campinas, SP: Papyrus, [1984/1996] 1998.

SITES

CENTRO PAULA SOUZA. “Sobre o Centro Paula Souza”. Disponível em: < <http://www.cps.sp.gov.br> > Acesso em: 06 fev. 2021.

GRUPO TORTURA NUNCA MAIS DO RIO DE JANEIRO. “Homenageados com a Medalha Chico Mendes de Resistência no ano de 2016”. Disponível em: < <https://www.torturanuncamais-rj.org.br/homenageados-chico-mendes/homenageados-2016/> > Acesso em: 16 fev. 2021.

JORNAL O VALOR ECONÔMICO. “Gestão Alckmin defende uso de armas para retirar alunos do Centro Paula Souza”. 5 de maio de 2016. Disponível em: < <http://www.valor.com.br/politica/4550827/gestao-alckmin-defende-uso-de-armas-para-retirar-alunos-do-paula-souza> > Acesso em: 22 out. 2018.

JORNALISTAS LIVRES. “TENSÃO! PM invade ocupação de estudantes no Centro Paula Souza”. 2 de maio de 2015. Disponível em: < <https://jornalistaslivres.org/tensao-pm-invade-ocupacao-de-estudantes-no-centro-paula-souza/> >. Acesso em: 22 dez. 2021.

MC JOÃO, “Baile de Favela”. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=kzOkza_u3Z8&ab_channel=CanalKondZilla > Acesso em: 11 mar. 2021.

MC FOICE E MARTELO, “Escola de Luta” Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=QvdrLD1RbTI&ab_channel=MCFOICEEMARTELOZ.S > Acesso em: 11 mar. 2021.

MC FOICE E MARTELO, “Eu sou da ETEC”. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=H00puSWsFyA&ab_channel=MCFOICEEMARTELOZ.S > Acesso em: 02 jun. 2021.

MC FOICE E MARTELO, “Tapa no Patão” Disponível em: <
https://www.youtube.com/watch?v=iGzI2ojNdyc&ab_channel=MCFOICEEMARTELOZ.SMCFOICEEMARTELOZ.S > Acesso em: 02 jun. 2021.

MC FOICE E MARTELO, “Salve para as escolas de luta”. Disponível em: <
https://www.youtube.com/watch?v=Ivg7JQlf87A&ab_channel=MCFOICEEMARTELOZ.S > Acesso em: 02 jun. 2021.

MC FOICE E MARTELO “Medley das ocupações”. Disponível em: <
https://www.youtube.com/watch?v=HRTEuq8Ffg&t=13s&ab_channel=MCFOICEEMARTELOZ.SMCFOICEEMARTELOZ.S > Acesso em: 02 jun. 2021.

FILMOGRAFIA

A escola é nossa! Direção, imagens, roteiro e montagem de Othilia Balades, produção de Ingrid Fernandes, Isabella Feliz, Othilia Balades, Tati Cristina, Yasmin Barranqueiro, música de Mc Foice, Caue Gas, João Pedro Constantino, Othilia Balades, Yasmin Barranqueiro, trilha sonora, desenho de som, mixagem e master de Caue Gas, arte de Fred Ravioli, Gabriel Moraes, Isadora Totaro, Lali Izuno, Lia Morena. Brasil, 2020. 25', son., color. Legendado. Port.

Acabou a paz! Isso aqui vai virar o Chile! Ocupações de escolas em São Paulo. Direção, roteiro e produção de Carlos Pronzato, edição e produção executiva de Lucas Duarte Souza, imagens complementares e cenas de repressão de Caio Castor, música tema (Ocupar e resistir) de Lucas Koka e Fabrício Ramos. Brasil: La Mestiza Audiovisual, 2016. 126', son., color., Legendado. Port.

Eleições. Direção de Alice Riff. Brasil, 2018. 101', son., color., Port.

Escolas em luta. Direção de Eduardo Consonni, Rodrigo Teixeira Marques, Tiago Tambelli. Brasil: Lente Viva Filmes, 2007. 77', son., color., Legendado. Port.

Espero tua (re)volta. Direção de Elisa Capai. Brasil, 2019. 93', son., color., Port.

La Rebelión Pinguina – Los estudiantes secundarios chilenos contra el sistema. Direção, roteiro e produção de Carlos Pronzato, co-direção e edição Omar Neri, produção La Mestiza Audiovisual. Chile: La Mestiza Audiovisual, 2007. 40', son., color. Legendado. Port.